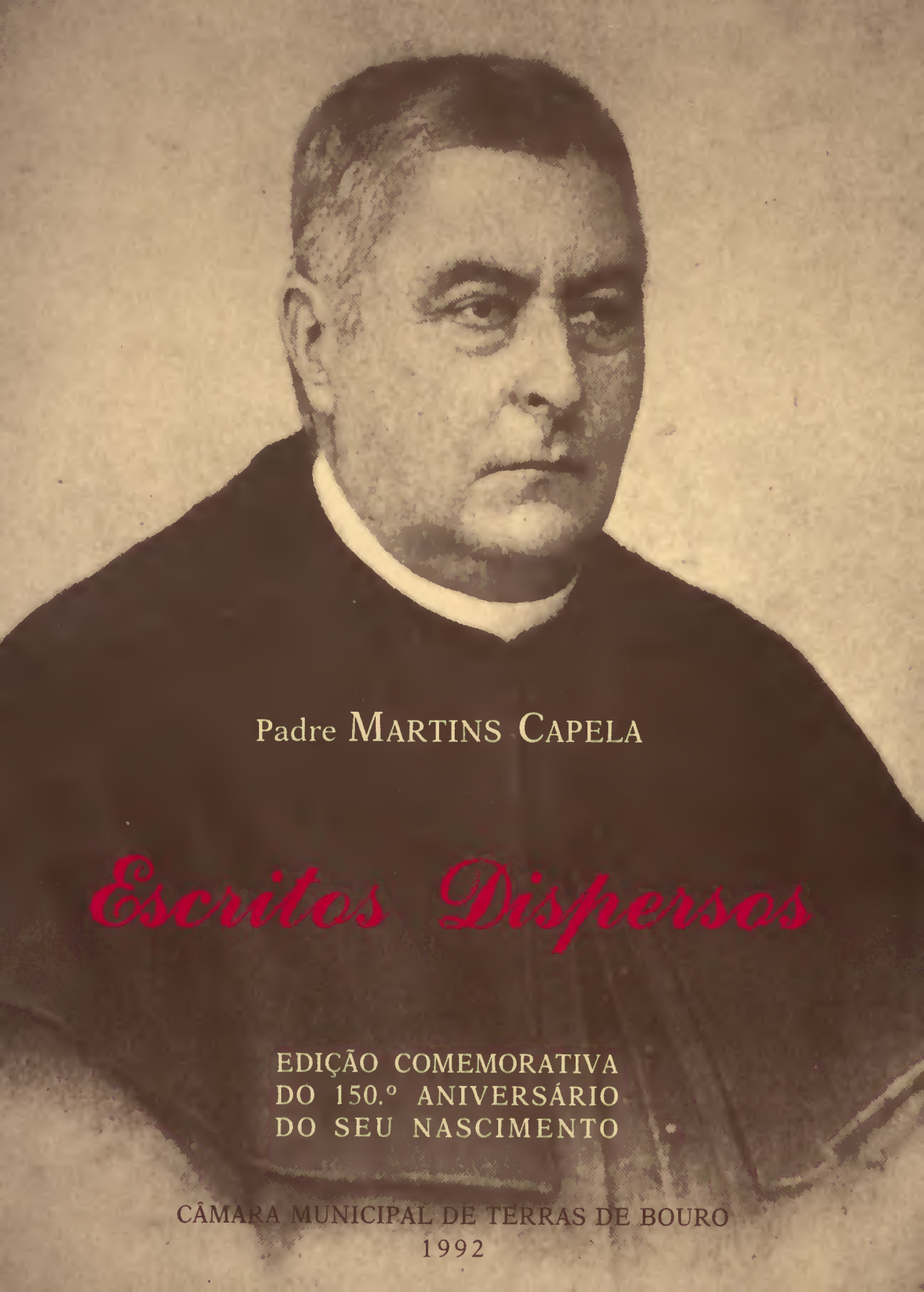


Padre MARTINS CAPELA

Escritos Dispersos

EDIÇÃO COMEMORATIVA
DO 150.º ANIVERSÁRIO
DO SEU NASCIMENTO

CÂMARA MUNICIPAL DE TERRAS DE BOURO
1992

ESCRITOS DISPERSOS

Título **ESCRITOS DISPERSOS**

Autor Padre MARTINS CAPELA

Editor CÂMARA MUNICIPAL DE TERRAS DE BOURO

Depósito legal 57249/92

Data de saída 1992.10.16

Tiragem 1500 exemplares

Execução gráfica BARBOSA & XAVIER, LDA., ARTES GRÁFICAS
Rua Gabriel Pereira de Castro, 31-C
☎ (053) 23063 - 618916 . FAX (053) 615350
4700 BRAGA

Padre MARTINS CAPELA

Escritos Dispersos

EDIÇÃO COMEMORATIVA
DO 150.º ANIVERSÁRIO
DO SEU NASCIMENTO

CÂMARA MUNICIPAL DE TERRAS DE BOURO
1992

Nota prévia

Martins Capela foi, seguramente, um dos mais ilustres terrasbourenses de todos os tempos.

Infelizmente, a sua vastíssima obra é quase desconhecida das gerações actuais. Tal facto deve-se, por um lado, à circunstância de as suas obras editadas se encontrarem esgotadas, e muitos dos seus outros escritos se encontrarem dispersos e pouco acessíveis.

A Câmara Municipal de Terras de Bouro, em 1987, na sequência da evocação então levada a efeito pela Escola Secundária — que agora toma Martins Capela por seu patrono —, iniciou a reedição das suas obras, começando pelos Milliarios do Conventus Bracaraugustanus *(edição facsimilada).*

Agora, graças ao esforço generoso do Doutor José V. Capela e também do Prof. Doutor J. M. da Cruz Pontes e do Padre Adelino Afonso Salgado, procede à edição dos seus Escritos Dispersos.

Em outra oportunidade continuará esta tarefa, em particular com a edição do seu Diário, *que tem estado até ao presente pouco acessível ao grande público.*

Assim, a Câmara Municipal de Terras de Bouro evoca os cento e cinquenta anos do nascimento de Martins Capela e associa-se às comemorações que a Freguesia de Carvalheira, sua terra natal, tão condignamente leva a efeito.

Dr. JOSÉ ANTÓNIO DE ARAÚJO
(Presidente da Câmara Municipal)

Apresentação

A passagem dos 150 anos sobre o nascimento do Padre Martins Capela é, sem dúvida, uma boa oportunidade para divulgar a vasta e significativa obra deste expoente do pensamento e cultura eclesiástica bracarense, dos finais do século passado e inícios do presente que agora se aproxima do fim.

Martins Capela, quase sempre a expensas próprias, publicou então um conjunto de obras que o tornaram uma figura bem conhecida do meio cultural e científico e o projectaram no futuro: os Milliarios do Conventus Bracaraugustanus em Portugal, *Porto, 1895, com excelente aceitação e profundo eco nos meios arqueológicos, edição reduzida e desde muito cedo esgotada*[1]*; duas outras obras* — A Roma (Esboço e narrativas de viagem), *Guimarães, 1880;* A Roma ! Vinte e três anos depois, *Braga, 1909* —, *que contêm a descrição das viagens a Roma, com múltiplos informes sobre o modo de viajar, as rotas europeias, os locais visitados, a cultura dos povos e cidades, e em particular a organização dos estudos nos Seminários europeus sobre que particularmente buscava informações*[2]*. E também outros opúsculos, de menor dimensão, mas não de menor valia:* De sapientia oratiuncula, *Porto, 1898,* Oportunidade da filosofia tomista, *Braga, 1892 (que agora se imprimem de novo), a Memória* Em lembrança da extincta Igreja dos Remédios de Braga, *Braga, 1911, a propósito da sua demolição então ocorrida*[3] *e o opúsculo* Noção summarissima dos principios

---

1 Reeditada pela Câmara Municipal de Terras de Bouro, 1987.

2 Com outras informações, designadamente com elementos para a história do Seminário de Braga.

3 Ainda uma pequena introdução ao manual do Padre Manuel d'Aguiar Barreiros, *Elementos d'Archeologia e Bellas-Artes*, Braga, Empresa Henriquina, 1917).

d'Éthica, aditamento aos «Elementos de Philosophia» do Dr. Sinibaldi *(Viana, 1893).*

Uma outra parte, não menos valiosa dos seus escritos, foi porém lançada e dispersa nos jornais e revistas do seu tempo, porventura com grande eco no momento da sua publicação, mas que seguiram depois o próprio destino dos jornais, o abandono ou as recônditas prateleiras dos arquivos e bibliotecas.

Justificava-se, por isso, a reunião destes trabalhos dispersos, de modo a mais facilmente os tornar acessíveis ao público em geral, aos estudiosos e investigadores.

Reuniu-se, pois, no presente volume, a generalidade da sua produção dispersa, já impressa[4]*, cuja publicação se distribuiu entre 1878 e 1917, período particularmente activo da sua vida, e em que se dedica ao ensino, que só abandonará em 1912.*

A sua colaboração concentra-se especialmente nos jornais e revistas bracarenses: na Voz da Verdade *(anos de 1897, 1898, 1899, 1904, 1907, 1908, 1913, 1914 e 1915);* Illustração Católica *(1916 e 1917);* O Amigo da Religião, *1890, 1894);* Propaganda *(1910);* Alma Pátria *(1897);* Combate *(1910);* O Rosário *(1910);* O Bem Público *(1911); em colectâneas, na* Chronica do Segundo Congresso Catholico da Província Eclesiástica de Braga *(1892), em* In Memoriam. Memoriae et honori Ioannis Baptistae Meli *(1905); e na revista* Escholio *(1888) de que é fundador e principal animador. Em jornais vimaranenses:* O Progresso Católico *(1878, 1879, 1882 e 1916);* A Restauração *(1903 e 1904). E no jornal portuense* A Palavra *(1898 e 1909).*

É vastíssima ainda a sua obra manuscrita digna de ser dada à estampa. O seu «Diário» hoje depositado nos fundos da biblioteca da Revista Brotéria, *já em parte utilizado e objecto de estudo pelo Prof. Doutor J. M. da Cruz Pontes no seu* Martins Capela — O escritor e professor de filosofia tomista através das notas do seu «Diário»[5]. *E há ainda, no meio dos seus papéis, outros textos autobiográficos,*

---

4 Outros periódicos onde será possível encontrar mais alguns escritos de Martins Capela: *O Noticiarista* (1867), *Revista dos Liceus* (1891), *Jornal Popular* (1910), *Actualidades* (1917). Colaborou ainda no *In Memoriam de D. Sebastião Leite de Vasconcelos, Arcebispo de Damieta,* Porto, 1925, com o artigo *Per Vias Rectas;* e no número especial do Colégio dos Padres de São Dâmaso, com o artigo *Doctor Maximus* (1893).

5 Braga, 1977 (Separata da revista *Bracara Augusta*).

memórias e apontamentos pessoais do maior interesse[6]. *Como há ainda algumas cartas suas, dirigidas a parentes e familiares, que por caminhos diversos, voltaram ao ponto de partida, isto é, ao espólio da família, algumas com interesse público e cultural.*

Encontram-se aí também diversas traduções de clássicos e Padres da Igreja, cujo interesse actual, adentro dos estudos clássicos e patrísticos, há que fixar, para decidir noutra oportunidade pela sua eventual edição: de São Nilo, bispo e mártir: Sententiae Tropologicae *(sentenças morais); de Santo Isidoro de Sevilha:* De contemptu mundi *(do menosprezo do mundo). A estas há que juntar as traduções do* Apologeticus *de Tertuliano, que então intentou dar à estampa*[7] *e das* Confissões *de Santo Agostinho e* Cartas de Clenardo[8].

E há também múltipla correspondência recebida — em regra a pedir ajuda à decifração de epígrafes[9] *ou a agradecer a oferta de seus livros —, assim como provisões eclesiásticas, diplomas e documentos afins que ajudam a definir a teia das suas relações sociais e culturais, a estima pessoal e a apreciação do valor em que é tida a sua obra no conjunto, ou esta ou aquela publicação em particular*[10].

Na reedição que agora se efectua dos seus escritos dispersos, procedeu-se à actualização da grafia, sem mexer contudo na pontuação ou fazendo-o só quando necessário a ajudar a leitura do texto. Há, com efeito, que atentar no facto de que os jornais nem sempre respeitam os manuscritos do autor como são ainda responsáveis por muitas gralhas, que sempre que nos pareceram evidentes, corrigimos. Mesmo assim ainda se conservaram certos arcaísmos, que se bem tenham já

---

6 Designadamente um pequeno livro, a modo de agenda, que relata e completa as suas relações da viagem a Roma.

7 No arquivo da Academia das Ciências de Lisboa.

8 A. Pinharanda Gomes, *A Filosofia Tomista em Portugal (História e Bibliografia)*, Porto, Lelo e Irmão, Editores, pp. 108 e segs.

9 Alguma correspondência já foi publicada pela *Revista de Guimarães*, vols. 33 e 39 a 48, de 1929 a 1938 (que reúne cartas de Martins Sarmento ao Padre Martins Capela) e algumas cartas de Albano Bellino a Martins Capela na *Introdução* à 2.ª edição dos *Milliarios* (Câmara Municipal de Terras de Bouro, 1987).

10 Há que referir aqui, em particular, a biografia que de Martins Capela nos deu, na altura do 1.º centenário do seu nascimento, o cónego A. Luís Vaz em *Mestre e Percursor*, Lisboa, 1942, que utiliza muito das cartas e textos do próprio Martins Capela. Outras cartas de e para M. Capela, foram também publicadas por A. Luís Vaz, em *Tesouro escondido*, Braga, Empresa do Diário do Minho, Lda., 1950.

caído em desuso, ainda há bem pouco tempo eram correntes e não são de todo estranhos ao nosso léxico actual, designadamente aos ambientes a que os textos se referem. Foi uma opção claramente assumida para tornar os textos mais acessíveis ao leitor comum, que se é certo terá alguma dificuldade em assimilar os estudos filosóficos, doutrinários ou culturais, em contrapartida poderá deleitar-se nas suas páginas literárias e nos seus contos. O leitor erudito poderá sempre seguir os originais pelas referências, em nota, aos locais de onde os textos foram retirados.

A arrumação dos textos seguiu a seguinte ordem e integram-se nos conjuntos que tomam sobretudo em consideração os seus conteúdos, abrindo ainda um conjunto para as páginas literárias, assim classificadas, aliás, em regra, na rúbrica em que se inseriram nos jornais onde se publicaram:

1. *Autobiografia e reminiscências juvenis;*
2. *Páginas literárias;*
3. *Filosofia;*
4. *Pensamento social;*
5. *Educação e ensino;*
6. *Retratos morais e reflexões espirituais;*
7. Varia.

Os textos vão por nós numerados, em série contínua. Alguns deles estão por vezes subdivididos internamente por números, romanos ou não, quer da autoria de Martins Capela quer do próprio jornal, que servem também para acompanhar a sua sequência nos diferentes números do periódico em que o artigo se ia desdobrando. Quando essa numeração vai entre [ ] trata-se de intervenção nossa, para melhor ajudar a sequência, ou completar referências incompletas.

Poder-se-iam ter seguido outros critérios, designadamente o cronológico. Mas a ordem da publicação dos textos vai, em regra, mantida adentro de cada um dos conjuntos, ganhando assim mais o enquadramento temático. Outra opção poderia ter sido a sua arrumação pelos periódicos ou revistas onde foram inseridos. Não nos parece, porém, que tal opção conferisse grande unidade e arrumação aos seus escritos, isto porque as diferenças de orientação dos jornais em que escreve não são particularmente marcantes — todos se movendo entre a imprensa

do jornalismo católico, monárquico e conservador — e muitas vezes Martins Capela escreve a pedido dos directores de jornais, sem qualquer opção prévia concertada.

Há, de facto, uma grande excepção: a da revista Escholio, *fundada pelo próprio Martins Capela, publicada quinzenalmente ao longo do ano de 1888: saíram seis números, distribuídos entre 30 de Março e 15 de Junho. Aí publicou Martins capela importantes artigos que todos agora se reeditam. A ele se devem muito seguramente três outras colaborações que completam a revista, que não vão porém assinadas:* Synchronismo d'agora, Retoques e remoques *e* Bibliografia. *No dizer de um dos estudiosos da filosofia tomista portuguesa, aí «efectuou o ponto da situação da cultura filosófica e científica, a par da divulgação de ensinamentos úteis e populares»* [11].

Com a reedição e reunião destes escritos pensamos contribuir para melhor conhecer Martins Capela. E através dele o ideário e a acção de um vasto leque de pensadores católicos que por ele ou em consonância de movimentos, contribuíram para fixar o universo do pensamento e da acção de uma vasta camada da população portuguesa, na especificidade bracarense das suas instituições, cultura e agentes. Pensamento e acção, em tudo muito próximo ao que Almeida Policarpo definiu para o grupo católico portuense do jornal A Palavra *onde Martins Capela também colaborou* [12]. *Pensamento e acção que se estrutura essencial e quase exclusivamente no pensamento católico e doutrina social da Igreja que se reforça e se acrisola também ao ritmo e à medida que se acentuam e desenvolvem os ideários e correntes seculares, marcadamente anticlericais e republicanas, que tornam impossível qualquer diálogo.*

São estas também as orientações de Martins Capela, porém com um ideário mais sustentado e aprofundado a partir de teses filosóficas assentes na filosofia tomista, que pretendeu restaurar e levar às diversas instituições de ensino portuguesas, designadamente às religiosas, tendo assim contribuído para dar ao pensamento social mais estruturadas

---

11 Pinharanda Gomes,*ob. cit.*, pp. 106 e segs.

12 João Francisco de Almeida Policarpo, *O Pensamento Social do Grupo Católico de «A Palavra» (1872-1913)*, INIC / Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1992.

bases filosóficas que pretendia fossem também as orientações da doutrina social oficial da Igreja [13].

Nas suas páginas literárias emerge todo o seu estilo literário, com trechos de uma cativante beleza. E ressalta toda a beleza da paisagem minhota, de Braga a Terras de Bouro, por onde se demora nas descrições dos seus homens, dos seus tipos sociais, dos ambientes familiares e rurais, na apreciação da sua cultura e «academias». Que é também a opção por este mundo rural, mais próximo dos ideais que defende, face ao mundo e sociedade urbana, às suas novas classes e organizações socio-profissionais mais abertas, por vezes mesmo militantes, mas sempre campo privilegiado de intervenção dos revolucionários e ideários republicanos e socialistas. Cativantes são as recordações e memórias da casa de acolhimento em Covide, para onde veio estudar, da escola de latim e do seu mestre Padre Jerónimo, suporte desta cultura tradicional, que ainda que escritas na madureza dos anos pela pena de um dos «últimos clássicos», estão eivadas de uma extrema ternura e optimismo, que percorre todos os seus textos, que são, sem dúvida, a face humana do seu pensamento filosófico, da sua cultura e do seu humanismo cristão.

Esta edição vai enriquecida com um Percurso humano-científico do Padre Martins Capela *feito pelo Padre Adelino Afonso Salgado, meritíssimo arcipreste de Terras de Bouro que desde a primeira hora ajudou e disponibilizou os elementos necessários a esta obra.*

E um estudo do Senhor Prof. Doutor José M. da Cruz Pontes, da Universidade de Coimbra, sem a contribuição do qual, qualquer estudo da obra de Martins Capela fica necessariamente incompleto.

De resto as lacunas e imperfeições desta edição dos escritos dispersos de Martins Capela a mim tão só se devem, na esperança, porém, que não prejudiquem o escopo inicial com que foram produzidos.

JOSÉ V. CAPELA

---

13 As cartas pontifícias que traduzem a satisfação do Sumo Pontífice Leão XIII perante a difusão da filosofia tomista por intermédio de Martins Capela foram traduzidas pelo Dr. José Cardoso e vêm publicadas em «Uma Mensagem do Papa Leão XIII ao Prof. Manuel José Martins Capela», por Feliciano Ramos, em *Documento Histórico sobre o Liceu de Sá de Miranda*, vol. I, Braga, 1964.

Percurso humano-científico do Padre Martins Capela

Propomo-nos, nesta resumida biografia, apresentar, bem em síntese, as principais linhas da vida do Padre Manuel José Martins Capela.

Nasceu em Carvalheira, Terras de Bouro, em 28 de Outubro de 1842. Era filho de António Joaquim Martins Capela e de Maria Custódia Rodrigues Salgado e Carneiro. Foram 12 irmãos nascidos do casal.

Fora criado em ambiente de família rural que se costuma classificar de bom lavrador. Nestes meios, normalmente, despertam os grandes valores da sociedade. E quando assim acontece, a personalidade, carácter e honradez, são a nota marcante na vida de todo o filho, saído desse lar bem português.

Martins Capela não viria a fugir à regra, como aliás, é timbre das boas famílias.

Por essa altura, as lutas político-religiosas entre absolutistas e liberais, eram uma constante da vida nacional.

Em Terras de Bouro, povo habituado e pronto a defender a Fronteira, facilmente se constituía uma força de dois mil ou mais homens para tudo o que fosse necessário.

O Padre Capela fora influenciado por esse clima de luta, desde a infância até ao apogeu da sua carreira.

Daí que a sua mente, perspicaz e arguta, facilmente o transportaria para outro campo de combate ideológico, onde se movia muito à vontade e se notabilizou.

Desde a Escola, iniciada na terra natal, fora instruído nos altos valores da Família, Deus e Pátria.

Seu tio Padre o iniciou nas primeiras letras do latim e, de certeza, no português, em que veio a ser mestre.

Aos 10 anos (1852), vai para a Escola do Padre Jerónimo Gonçalves, em Covide, onde se viria a revelar um dos melhores alunos, conseguindo fazer em quatro anos, aquilo que a outros exigia oito anos. Ali aprendiam o latim e português, de tal forma que papagueavam de cor lições dos clássicos latinos, bem como do Padre Manuel Bernardes e do Padre António Veira.

O Padre Jerónimo era mesmo exigente e os seus alunos quando iam fazer exame a Braga, faziam boa figura; aliás marcavam passo, em Covide, outro ano.

Em 1856 apresenta-se o Padre Capela em Braga a fazer o exame de Instrução primária sem problemas. Viria frequentar o Curso de Liceu que era de três anos, aprofundando mais o latim e português.

Foi instalar-se junto de outros alunos que por lá se encontravam nos Quartéis, da Rua de São Geraldo, bastante próximo da Escola.

Quartel era a casa que albergava muitos alunos e estava bem próximo da Escola do Campo de Santa Ana. Era como que uma réplica das Repúblicas dos Estudantes, em Coimbra. Neles residiam muitos estudantes de Terras de Bouro, os quais eram vigiados pelos pais, amigos ou alunos mais velhos a quem ficavam recomendados.

Em 1859, concluído o Curso de Liceu, começa o Curso Teológico, também de três anos, com oito cadeiras, no Seminário. Este já foi feito pela Nova Reforma de Estudos, introduzida pelo Arcebispo D. José de Azevedo e Moura. Os alunos assistiam às aulas, no Seminário, de capa, batina e cabeção.

Em 1862 terminou o seu curso com apenas 20 anos, sendo um dos alunos mais brilhantes. Como não tinha idade para a Ordenação passou quatro anos a ajudar o coadjutor, Padre Paulo Manuel Dias, de Carvalheira e aproveitou para aperfeiçoar a sua carreira de professor, cuja vocação lhe andava no sangue.

Assim, em 1863 frequentava o Curso de Geografia, História, Física e Química, em Braga. Em 1864 matricula-se em Geografia no Seminário Conciliar. Em 1865 frequenta o Curso do 3.º ano de Grego e Filosofia, para a qual se sentia vocacionado.

Em 26 de Maio de 1866, Vésperas da Santíssima Trindade, é ordenado presbítero por D. José de Moura e tem a Missa Nova, em 24 de Junho de 1866, na capela de Nossa Senhora de Guadalupe, bem defronte do Seminário Conciliar. Aqui voltaria a celebrar as bodas de prata sacerdotais. À missa nova assistiram seu pai e alguns dos familiares mais

íntimos, não tendo assistido sua mãe, Maria Custódia Salgado Carneiro, que viria a falecer a 28 de Janeiro de 1886.

Durante a sua formação, em Braga, frequentava capelas e igrejas das Ordens Religiosas, só pelo prazer de ouvir entoar o Ofício em latim e acompanhar as leituras.

Falava facilmente o espanhol, francês, italiano, latim, bem como o português clássico, como raros o faziam. Dominava bastante bem o grego e para lhe facilitar a leitura dos Padres Orientais, quer aperfeiçoar-se neste idioma. Em 1867 matricula-se no 3.º e 4.º ano de grego.

Em 12 de Dezembro de 1867 faz requerimento para exercer o ofício de escrivão do juízo de paz em Cibões, Terras de Bouro, que veio a exercer nos dois anos seguintes.

Em 3 de Setembro, falecido o abade colado de Carvalheira, Padre Alexandre Vieira Rebelo, Martins Capela fica como pároco encomendado, na referida freguesia até 1874.

Em 23 de Abril de 1874 é-lhe passada Provisão, em Lisboa, para pároco da freguesia de Painzela, Cabeceiras de Basto. Bem preparado, cultural e teologicamente, lá vai o jovem sacerdote como pároco colado, continuar o seu múnus de Pastor de Almas. Recebido festivamente, não teve tempo de aquecer o lugar, dado que nem lá esteve um ano. Fala-se em nove meses.

Em 8 de Julho de 1875 é-lhe passada Provisão, em Lisboa, para ir paroquiar a freguesia de Carvalheira, Terras de Bouro, onde entrará a 27 de Julho do mesmo ano. Era a sua terra natal e também não viria a demorar-se aí demasiado tempo. Cinco anos chegaram. O último assento a ser feito pelo Padre Capela, em Carvalheira, data de 9 de Agosto de 1880. A partir daí, deixou de paroquiar temporariamente.

A 7 de Agosto, com autorização de D. João Crisóstomo, despediu-se e foi para o Colégio do Barro, em Torres Vedras, com intenção de ingressar na Companhia de Jesus. A saúde não lho permitiu; porém, nunca mais na vida deixou de manter relações íntimas com diversos dos seus membros. E foi sempre o grande defensor da mesma, desmascarando a farsa das acusações contra os Jesuítas.

Dedicou-se então totalmente ao ensino, assim como já o tinha feito antes de ser pároco.

Em 1880 está como professor, no Colégio da Formiga, Ermesinde, onde foi professor de Filosofia, História, Ciências, Física e Química.

Aí estava bem ao seu jeito e gosto, para consultar a Biblioteca Pública do Porto e poder valorizar sempre mais os seus conhecimentos.

A Arqueologia e a Epigrafia seriam dos ramos predilectos, em que se aperfeiçoou muito e veio a ser proeminente.

Em 1885 já o vemos a leccionar no Colégio do Espírito Santo, em Braga, ainda se apaixonando mais pela Filosofia Tomista, devido aos sucessivos contactos com os Jesuítas. Esteve aqui dois anos, donde saiu em 1887 por ter concorrido à paróquia de Balança, Terras de Bouro.

Em 26 de Janeiro de 1887 é-lhe efectivamente passada Provisão, em Lisboa, como pároco de Balança, onde esteve só outro ano.

Em Outubro de 1888, vêmo-lo a leccionar no Liceu de Viana do Castelo, por ter feito troca com um amigo que, segundo diz, nem conhecia, e fê-lo sem dificuldade. Até daria resultado. De certeza que viria a desenvolver outra experiência sua, de que era apaixonado: o estudo da via romana por esses lados. A Geira romana que passa por Ponte de Lima, seria campo de investigação e recolha de dados preciosos, dessas paragens.

No motivo da troca que se refere, estava a conveniência bilateral. O Padre Capela teria de ficar no Liceu do Porto e o amigo ficaria em Viana, longe da terra. «Logo, vamos dar o jeito um ao outro...». E deram mesmo.

Em Viana do Castelo, foi leccionar Geografia e Filosofia, dedicando-se ainda a outras tarefas de ordem eclesial ou social. É conferencista; trabalha com um grupo de jovens que até lhe pedem muito para não sair de Viana: cerca de uma centena deles não se conforma com a sua transferência para Braga. Dedicou-se imenso à Conferência de São Vicente de Paulo. Era confessor nas igrejas, etc.

Em 6 de Outrubro de 1896 foi transferido para o Liceu de Braga, onde leccionou Latim e História até finais de 1903. Não leccionou mais, apesar de muito instado por Lisboa, porque a saúde não lho permitia. Uma faringite impertinente obrigou-o a poupar-se para leccionar Filosofia, no Seminário de Braga.

Em 4 de Novembro de 1896 deu a primeira lição de Filosofia no Seminário, a 97 alunos, a pedido de D. António José de Freitas Honorato. A presença do Padre Capela era indispensável no Paço arquiepiscopal, para fazer as honras da casa, sempre que chegava algum visitante ilustre.

Aqui ensinou Filosofia e Latim, tendo-se despedido do ensino no Seminário em fins de 1912. Na Filosofia procurou actualizar-se; seguiu o Compêndio de Sanseverino, passou pelo de Farges, mudou para o de Sinibaldi e assistiu a uma célebre lição de Remer, na Gregoriana, que o marcou profundamente e nunca mais o perdeu de vista. De Martins Capela diz o jesuíta François Charmont: «La tête bien faite», isto é, a cabeça bem feita, e demais perfeições físicas, morais e intelectuais. Na verdade com os seus 1,78 m de altura, fala atraente, e discurso fluente nas aulas perante os alunos, atingiu suma perfeição física, moral e intelectual, como acentua o jesuíta francês. Diremos, era completo dos pés à cabeça.

Participou em congressos, conferências, oração de sapiência na abertura de Seminários, tendo colaborado no Portugal Antigo e Moderno, *de Pinho Leal, mormente nos pontos que dizem respeito a Terras de Bouro.*

Foi depois substituído no ensino da Filosofia pelo futuro Arcebispo de Braga, D. António Bento Martins Júnior.

Em 1902 começara a construção do Monumento do Bom Jesus das Mós, em Carvalheira, concluído em 1912 e inaugurado em 1913, com a presença do Padre Martins Capela. Em 13 de Julho de 1913, com a assistência de mais de cinco mil peregrinos, os fiéis recebem no Monumento a Bênção Papal, que o próprio Padre Capela pedira.

Entre 1868 e 1870 há um espaço vazio a respeito da vida do Padre Capela. Porém, facilmente se conclui ser esse tempo aproveitado para encher melhor o computador cerebral de ideias, recolhidas para seus futuros trabalhos. E começou a desbobinar esse mesmo repositório, bastante para o imortalizar. Foram as pesquisas arqueológicas. Toda a gama do seu saber aparece nos Miliários *(1895);* Roma *(1880);* Roma ! Vinte e três anos depois *(1909) e muitos outros escritos e colaborações. Aqui despejou todo esse manancial de saber, como escritor, arqueólogo notável e filósofo competente e polemista.*

A leitura de seus escritos é como favo de mel a diluir-se na boca e adocicar a garganta para conforto de quem os saboreia. Quando retrata qualquer coisa parece que vamos a caminhar com ele por essas paisagens maravilhosas. Fazem de água cristalina a deslizar de pura nascente ou de puro néctar da uva a dessedentar o caminhante ressequido.

Como escritor de gema pura, foi águia altaneira acompanhada por quantos a admiram e olham debaixo para cima. Ninguém o ultrapassou na arte de escrever com graça.

O Padre Martins Capela, apesar do seu espírito sereno, lúcido, subtil e profundo, não podia alhear-se do ambiente respirado na sociedade do seu tempo.

Era a liberdade da Igreja que andava ameaçada; eram as pessoas que se sentiam amordaçadas pela arruaça, sem segurança das vidas; era a «Revolução da Maria da Fonte» (1846), de que ouvia falar; era a conspiração dos Miguelistas (1862), que ele sentia nos seus 20 anos.

Porém uma das suas grandes inquietações que para sempre se entranhou no seu espírito, foi a violação e anexação dos Estados Pontifícios de Pio IX (1870). Houve grande manifestação, na cidade de Braga, de apoio ao Papa e aí estava presente o Padre Martins Capela com as suas 28 primaveras e vontade de mostrar o que valia.

Tudo isto agitava o filósofo e escritor e o impelia para o combate de ideias que teria de sustentar. Neste campo de luta, foi leão que rugiu, tão forte, que fez tremer e apavorou os adversários nas batalhas jornalísticas. Foi considerado o «tomba Golias» do seu tempo. Era escolhido para enfrentar o inimigo que nunca deixou de respeitar e tão somente lhe demolia os erros na Imprensa.

Sendo filósofo, ficou conhecido como o inovador da Filosofia Neo-Tomista, nos Seminários, correspondendo ao apelo de Leão XIII, nesse sentido. Era olhado com respeito como astro de ciência filosófica, no país e no estrangeiro. Basta recordar o louvor de Leão XIII ao seu estudo filosófico.

Foi polémico tão perfeito e subtil, dotado de uma argúcia capaz de retirar a roupagem postiça ao seu oponente. Deixa tal impressão, que nos recorda aquela triste história do rei, na qual alguém aponta o ridículo e diz: «Reparai amigos que o rei vai nu». Se sabia respeitar o adversário, também sabia pôr a nu os erros.

Como escritor de alta craveira, dá gosto ler os seus escritos sem cansar, e parece estar-se a beber, nas fontes puríssimas a jorros cheios, para ganhar alento e ir mais além. Qual abelha que anda de flor em flor na descoberta de néctar apetecido, também só descobrimos o que há de belo e lindo, lendo os seus escritos, em busca de beleza... Folhear a sua literatura, bordada de tanta arte, é um nunca mais parar, qual

Carta de Admissão do Padre Martins Capela como Irmão
da Real Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, Santa Cuz e Santa Ana
da Cidade de Braga

Dom Carlos, por Graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, &. como Grão Mestre, Governador e Perpetuo Administrador de todas as Ordens Militares do Reino. Faço saber aos que esta Minha Carta virem que, Attendendo ás circumstancias e distinctos merecimentos scientificos do presbytero Manoel Martins Capella, professor do Seminario de Braga, e Querendo Lhe dar um testemunho authentico de consideração e benevolencia: Hei por bem Fazer lhe a Mercê do Grau de Official da Antiga, Nobilissima e Esclarecida Ordem de São Thiago do Merito scientifico, litterario e artistico.

Pelo que Mando ao Meu passar ao agraciado a presente Carta, a fim de poder usar das insignias correspondentes á referida condecoração com as honras que lhe são inherentes. Ordeno ás Auctoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento da mesma Carta pertencer, que, sendo assignada por Mim, e referendada pelo Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, a cumpram e guardem como nella se contem, depois de authenticada com o sello das Minhas Reaes Armas. Fica obrigado ao pagamento da quantia de sessenta mil réis de direitos de mercê, devendo, logo que esteja realisado o mesmo pagamento, apresentar este diploma no Ministerio da Fazenda, para se lavrar nelle a necessaria quitação.

Dada no Paço das Necessidades, em vinte e cinco de Julho de mil novecentos e quatro.

Carta pela qual Vossa Magestade Ha por bem Fazer Mercê ao presbytero Manoel Martins Capella, do Grau de Official da Antiga, Nobilissima e Esclarecida Ordem de São Thiago do merito scientifico, litterario e artistico.

Para Vossa Magestade Ver

Carta de Concessão de Grau de Oficial da Ordem de São Tiago do Mérito Científico, Literário e Artístico

peixe que desliza, suave ou velozmente pelas águas, sem fatigar. É seguir com ele e deleitar-se.

Como conferencista foi muito solicitado e a sua palavra era licor delicioso que aguça o paladar, a ponto de se desejar mais, ir repetindo a dose, por quem a tiver experimentado.

Foi o clássico, na máxima expressão da palavra, que passou pelo horizonte cultural do seu tempo, como relâmpago de luz intensa e fugaz, que talvez tenha causado perturbações em certos espíritos menos lúcidos ou limitados, que não lhe souberam dar o devido valor. Certamente isso contribuiu para o esquecimento e bem pior seria o gravíssimo desaparecimento, se não se tivesse procedido à recolha dos seus escritos, qual tesouro disperso e ignorado. A sua bela prosa retrata-nos a dimensão humana, do bondoso e sábio sacerdote.

Diríamos que dentro dele brilharam duas chamas: a fé e a ciência. A fé esteve ao serviço dos homens, e a ciência ao serviço da fé.

Foi muito considerado por que o Padre Capela foi coerente em toda a sua vida.

Quantas vezes se diz que o homem aparenta o que não é, louva o que não faz e realiza o que não quer. Ele procurou realizar e ser aquilo que sempre pensou: viver a fé, servida pela ciência.

Foi um apaixonado pela terra que lhe foi berço.

Muito ligado à natureza, onde soube ler e dialogar melhor do que ninguém, foi através dela que se viu inspirado para muitos dos seus trabalhos literários. Basta percorrer os seus escritos referentes às paisagens geresinas ou zonas envolventes e veremos a profunda beleza que aí descobriu e retratou para a posteridade.

Abriu o diálogo homem-natureza.

Historiou lugares e famílias por quem passava no caminho dessas aldeias e cantou prosaicamente as suas virtudes e potencialidades; afirmando que os ares geresianos seriam invejáveis: «A Suíça portuguesa». Não se enganou na antevisão feita.

O perfil moral e intelectual do Padre Martins Capela aparece-nos bem marcado por testemunhos fortes, desde jovem sacerdote até final.

O Arcipreste do tempo, como resposta ao Arcebispo D. João Crisóstomo, afirma: «É uma individualidade que todos acatam, de uma supremacia moral incontestada, aquilo a que se chama um homem bom e os sociólogos chamam uma autoridade local». Eram os primeiros loiros do jovem sacerdote.

CAROLO I

PORTUGALIAE ET ALGARBIORUM REGE

ACADEMIAE SCIENTIARUM OLISIPONENSIS

MAECENATE ET PRAESIDE

Olisiponensis Scientiarum Academiae Decreto, communique consensione ac plausu sancitum est: Clarissimum Virum **Martins Capella** *in Sociorum coetu et ordinem cooptari, nomen ipsius in tabulas referri, ex ejus ingenii doctrinaeque praestantia Academiae dignitatem et decus amplificata censeri, eum privilegiis et honoribus, quibus caeteri gaudent, uti et frui posse, ejusque rei publicum libello hoc dari testimonium. Olisipone ex Aedibus Academicis die* XVII *Decembris A. D.* MDCCC.LXXXVI.

Diploma de Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Em 1902, D. António, Bispo de Luanda, chama-lhe o filósofo-mor destes reinos e conquistas; Pater Magister *e nem todos os diabos juntos sabem tanto como ele. Se vier a Portugal, irá benzer a capela da casa. Esta foi benzida em 1905.*

O Padre Francisco Garofalo (da Catânia, Itália), chama-lhe egrégio professor. Tiago Sinibaldi (Roma), pede ao Padre Capela a sua opinião, que muito respeita, de como harmonizar as suas convicções com a Escola Cartesiana, que dominava em França. Será de estranhar tão grande admiração por um dos grandes restauradores da Filosofia do Doutor Angélico em Portugal ? Pelo contrário, só vem avolumar as razões.

O Padre Martins Capela foi considerado o grande inovador da cultura do seu tempo. Foi ele o introdutor e impulsionador do estudo do Neo-Tomismo, no Seminário de Braga. Percorrera, um por um os Seminários, desde Portugal até Roma, para inquirir da organização dos estudos e a sua aplicação no Seminário de Braga.

Fora o escolhido, pelo Ministério da Educação, para integrar a Comissão encarregada de rever o texto do livro de História, em uso nos Liceus. Era considerado o professor mais competente da especialidade. E não ficava só por aqui. Já no seu tempo defendia a necessidade de adaptar os estudos do Seminário ao curso oficial.

Lançou ideias aos ventos da história. O trabalho apresentado sobre a Oportunidade da Filosofia Tomista, *foi considerado de tal competência e elevação literária e filosófica, que o Papa Leão XIII lhe pediu um exemplar, que muito louva e agradece. Através do Núncio Apostólico em Lisboa, Dominicus Jacobini, nomeia-o, em 26 de Julho de 1893, Comissário e director da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmelo, com bênção apostólica.*

Recebeu as mais altas condecorações. D. Luís, em 20 de Janeiro de 1887, dá-lhe a Comenda da Ordem de São Tiago da Espada, por Mérito Científico, Literário e Artístico; D. Carlos, em 25 de Julho de 1904, dá-lhe igualmente a Comenda da Ordem de São Tiago da Espada; D. Carlos, em 17 de Julho de 1887, nomeia Martins Capela Sócio de Honra da Real Academia das Ciências de Lisboa; em 28 de Outubro de 1898 é nomeado Sócio Correspondente da Real Academia de Madrid; em Julho de 1896 é nomeado Sócio Correspondente do Instituto de Coimbra; em 13 de Novembro de 1892 é nomeado Sócio Correspondente da Associação de Arquitectos e Arqueólogos de Lisboa; em Setembro

de 1898 é nomeado Sócio Correspondente do Museu Nordische de Estocolmo; o Papa Pio IX (30 de Maio de 1877) e o Papa Pio X (28 de Junho de 1913), concederam ao padre Capela a Bênção Apostólica.

Os pergaminhos honrosos que premiaram e atestaram o zelo apostólico do Padre Capela, vieram de todos os lados, onde exerceu a sua actividade sacerdotal e de professor. Aqui faço um enunciado das Confrarias, Irmandades ou Associações em que prestou serviços. Contudo, devo acrescentar que o Padre Capela não era mais um membro que chegava. Bem ao contrário, era o confrade nobre recebido com honra e que vinha dignificar a Irmandade, servindo. Não se limitava a aprovar de vénia o que os outros propunham. Aliás, procurou ser membro activo, influente que motivou com a sua palavra as mais acertadas decisões de ordem espiritual, social ou caritativa. Foi Assistente e Director Espiritual de algumas dessas Associações. Para todas trabalhou.

Onde e quais ? Assim enunciamos de seguida: Irmandade de Nossa Senhora da Assunção, São Pedro ad vincula, *São Francisco Néri, Porto, 21 de Agosto de 1883; Arch. Irmandade do Santíssimo Coração de Jesus, Colégio de São Paulo, Braga, 2 de Maio de 1885; Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, Viana do Castelo, 31 de Março de 1891; Diploma da Cruz Vermelha Espanhola, em reconhecimento de cooperação prestada, Madrid, 16 de Março de 1898; Irmandade dos Clérigos Pobres, com título de Caridade e Protecção da Santíssima Trindade, Braga, 27 de Novembro de 1897; Confraria da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, Braga, 10 de Março de 1897; Real Irmandade do Bom Jesus dos Passos, Santa Cruz e Santa Ana, Bom Jesus, Braga, 17 de Junho de 1907; Associação Católica de Braga (eleito Sócio Honorário), 22 de Dezembro de 1899; eleito, pelo Núncio Apostólico em nome de Leão XIII, em Lisboa, Comissário, Director e Confessor Geral da Venerável Ordem Terceira da Beatíssimae Virginis Mariae do Carmelo, Lisboa, 27 de Julho de 1893; na Peregrinação de Maio de 1877, pede ao Papa Pio IX a Bênção Papal para os peregrinos portugueses, Roma, 30 de Maio de 1877; na Inauguração da Estátua do Coração de Jesus do Monumento das Mós, Terras de Bouro, 13 de Julho de 1913, suplica ao Papa Pio X a Bênção Apostólica para os 5000 peregrinos; a Juventude Católica de Braga elegeu Sócio Honorário o Padre Capela, pelo serviço prestado, Braga, 28 de Maio de 1914; Confraria de São Vicente Mártir, Braga (não tem diploma por não haver impressos); Confraria*

de Nossa Senhora dos Congregados, Braga (não tem diploma por não haver impressos); Irmandade da Misericórdia, de Braga (não tendo diploma por não haver impressos); foi grande animador da Conferência de São Vicente de Paulo, Viana do Castelo; grande animador de grupos de jovens, etc.

Continuar as referências honrosas seria um não mais terminar e saturante. Porém, a Bênção Apostólica do Papa Pio X, dada para o dia 13 de Julho de 1913, para a Grande Peregrinação do Bom Jesus das Mós, marca um ponto importante na vida de fé, neste Monumento que domina a região e para sempre marcou a memória do Padre Capela. É Padrão perpétuo.

O Monumento ao Coração de Jesus ostenta a inscrição, em latim clássico, que descrevemos a seguir.

Lado Norte (Brufe):

ANNO REPARATAE SALVTIS
MCMXII

Lado Sul (Covide):

CHRISTI FIDELIVM PECVNIA
DEI GRATIA OPITVLANTE
ADSVRREXIT OPVS

Lado Poente (Carvalheira):

COR IESV FLAGRANS AMORE
NOSTRI INFLAMA COR NOSTRVM
AMORE TVI

O Padre Capela, como sacerdote dedicado ao Papa e à Igreja, fora na Peregrinação de 1877, a Roma. No dia 3 de Junho de 1877, quando foram recebidos por Pio IX, disse-lhe, entre outras coisas, estas palavras que não mais lhe saíram da mente e coração: «Nos tempos difíceis que se atravessam, há dificuldades a vencer; tendes um terrível inimigo que é a maçonaria, a qual quer destruir o catolicismo. Tendes em Lisboa a grande igreja do Coração de Jesus, da Estrela, e ao lado uma Casa de Caridade, construída por D. Maria I que atestam a fé cató-

lica dos Portugueses. Pelo amor ao Coração de Jesus e ao próximo vencereis.» Seriam o lema do Padre Capela na vida.

O Papa Leão XIII ainda mais entusiasmou a devoção ao Coração de Jesus e o Padre Martins Capela ergue-lhe um dos primeiros Monumentos, em Portugal, para glória de todos (Deus e homens).

Também soube ter gestos eminentemente importantes. Vêmo-lo pagar por inteiro as despesas de três alunos pobres que frequentavam o Seminário. Um era de Covide, falecido como estudante. Os outros eram de Chamoim, não tendo concluído o curso; orientando-se, obviamente, por outras vias, seguiram a carreira militar.

Os dois grandes amores da vida do Padre Capela eram o Coração de Jesus e os pobres. Pela fé e caridade teve de batalhar muito na vida. Para defender a fé foi sábio e para exercer a caridade sacrificou-se imenso.

Percorrendo depressa, como quem caminha pelo fio do dorso, deixámos aos curiosos os factos mais relevantes do Padre Capela.

Não sendo político, pois foi essencialmente académico e sacerdote, nunca deixou de fazer luz, em todos os momentos, para os homens públicos, apontando-lhes caminhos ou defeitos a evitar. Já Platão dizia: «O príncipe é para o povo e não o povo para o príncipe». Parafraseando essa teoria de Platão, acrescentava: «Mas ó céus, como a razão se perverte, hoje em vez de alguns se sacrificarem por todos, todos se sacrificam por alguns».

Passando de relance esta microbiografia, com certeza cada qual, e a seu modo, irá fazer leitura útil dos seus escritos.

A modo de conclusão diremos que foi místico, foi sábio e pleno de sensibilidade humana. Viveu a fé e defendeu a Igreja na pessoa do Papa que pessoalmente o felicitou pelo seu labor filosófico e não só. Foi sábio, cujo reconhecimento ressalta do valor intrínseco de suas obras e outro tanto de inúmeros testemunhos insuspeitos e altamente avaliados.

Era de tal forma aberto ao social que, em dado momento da sua vida, tendo recebido 1200$ de reforma atrasada, deu 1000$ para distribuir por 60 pobres, ficando para si apenas com 200$. E se acrescentarmos que muitas vezes tirava a camisa para vestir pobres, em nada exageramos. Assim foi o bom sacerdote e proeminente mestre. É esta a impressão que perdura no povo, em relação ao Padre Martins Capela.

Foi respeitado na vida e na morte, que ocorreu em 3 de Novembro de 1925. Seguiram-se-lhe as manifestações de pesar pelo desaparecimento nos meios intelectuais bracarenses, além-distrito e mesmo fora de fronteiras, dado que o seu nome e fama chegaram longe e mais do que se pensa. Basta consultar e ler os jornais da época, cujos encómios ainda se não esgotaram.

O Boletim da Acção Católica da diocese, disse a seu respeito: «Foi sacerdote de fé viva, própria dos grandes lutadores pela causa de Cristo, de uma piedade edificante que o Monumento do Bom Jesus das Mós que mandou erigir atestam e perpetuam. No meio eclesiástico um vulto de destaque que se impunha à veneração dos intelectuais do País». O Padre Capela cumpriu nobremente a sua missão, acrescentamos nós, e a Igreja lhe agradeceu e Deus também.

O jornal Diário do Minho *da época chama-lhe «o último clássico dos nossos dias». Assim foi considerado pelos melhores escritores do tempo.*

Como lhe era tão peculiar a expressão «In omnibus veritas», manda a verdade da justiça que lhe expressemos a nossa admiração e deixemos estas palavras à memória do grande e bondoso filho terrasbourense e digno de memória. «Requiem et pacem dona ei Domine».

Padre ADELINO AFONSO SALGADO
Arcipreste de Terras de Bouro

Bibliografia consultada:

a) LUÍS VAZ, *Mestre e Percursor*, Lisboa, Edições Gama, 1942.
b) J. M. DA CRUZ PONTES, *Martins Capela. O escritor e professor de filosofia tomista através das notas do seu «Diário»*, Braga, 1977 (Separata de *Bracara Augusta*).
c) Outros manuscritos de Martins Capela.

Estátua do Padre MARTINS CAPELA
Carvalheira, Terras de Bouro

Monumento ao Senhor Jesus do Monte das Mós
Carvalheira, Terras de Bouro

MARTINS CAPELA
O escritor, arqueólogo e professor de filosofia

Em uma tarde de 1902, «por via do senhor Vice-reitor, recebe convite da parte de S. Ex.ª Rev.ma certo padre residente no Seminário para um passeio pelo campo. Foram, pela estrada de Ponte de Lima, a Prado, onde apearam do coche e meteram a pé por Soutelo, Bico e Palmeira. Penhorado ficou o pobre clérigo por tal gentileza do seu Prelado que, de mais a mais, o foi depor à portaria do Seminário, torcendo daí para o Paço; não viu mais nada, porém.

«Tempos depois aparece no Seminário o senhor Dom Manuel e convida o padre a novo passeio. À portaria entram no coche com um dos familiares, como sempre, meteram Pelames abaixo e lá se foram até ao fundo da Veiga de Penso. Apeados, regressam os três, conversando pouco por virem a passo estugado, que a tarde caía já. O pobre do padre, pesado e trôpego, caminhava e suava, esperando a cada pequena rampa que voltariam ao carro, mas em vão: só à entrada de barreiras, e era já noite! Para quê tão violenta caminhada de 5 ou 6 quilómetros se impôs o nobre Primaz? Só depois constou: para benefício da saúde do seu padre, para quem a vida sedentária e humor fradesco estavam reclamando aquele tratamento heróico» [1]. Assim D. Manuel Baptista da Cunha apreciava o Padre Martins Capela, que andava então nos seus sessenta anos.

---

1 *Voz da Verdade — Número único In Memoriam. Homenagem à memória do Saudosíssimo Senhor Dom Manuel Baptista da Cunha.* Braga, Imprensa Henriquina a Vapor, 19 de Junho de 1913. Este número único da *Voz da Verdade* constitui o n.º 25 do seu 20.º Ano, com as páginas 289-326.

Decorrido um mês sobre o falecimento de Martins Capela, em 1925, fizeram-se-lhe exéquias solenes, e uma sessão evocativa de homenagem no liceu. Coube ao professor Dr. José de Azevedo e Moura proferir o elogio, que o *Diário do Minho* inteiramente transcreve[2]. Aí disse que a Academia de Berlim o nomeara seu sócio. Não encontrámos qualquer outro testemunho escrito ou referência mais concreta quanto a esta distinção académica. Não parece temerária, porém, a hipótese de que a isso aludisse uma carta, cujo destino A. Luís Vaz descreve. Contou-lho o Cónego Aguiar Barreiros: «Pedira este um livro emprestado ao autor de *A Roma*. No meio vinha uma carta. Reparando que era de Hübner, leu-a. Dias volvidos, restituía-a ao interessado com felicitações pelas palavras de justiça que o sábio tinha escrito a seu respeito. Ferido na sua humildade, o bondoso sacerdote protestou com veemência:

— O padre leu isso ?

— Decerto e com muito prazer...

— Pelo amor de Deus não diga nada a ninguém...

Dias depois acudia sorridente:

— A carta já não existe. Pagou o seu tributo ao fogo...»[3].

I

Nasceu Manuel José Martins Capela na freguesia da Carvalheira, em Terras de Bouro, no dia 28 de Outubro de 1842. Fez os primeiros estudos junto do Padre Jerónimo José Gonçalves, na vizinha paróquia de Covide, e prosseguiu-os, a partir dos catorze anos, no Liceu de Braga. Tendo aqui frequentado o Seminário Conciliar, foi ordenado sacerdote em 1866, e celebrou a primeira missa na capela de Guadalupe.

---

2 *Diário do Minho*, Ano VII, n.º 1823, de 4 de Dezembro de 1925.

3 A. Luís Vaz.·*Tesouro Escondido*, Braga, Empresa do Diário do Minho, Lda., 1950, p. 91. Este volume de 240 pp. publica parte da correspondência activa e passiva de Martins Capela, como um postal assinado por E. Hübner e cartas de Pinho Leal, Sena Freitas, Campos Monteiro, etc. A correspondência enviada por Capela a Martins Sarmento entre 1872-1898 foi parcialmente publicada na *Revista de Guimarães*, nos volumes 33 e 39 a 48, desde 1929 a 1938.

Este período da sua vida encontra-se descrito em alguns artigos autobiográficos, publicados nos semanários *A Restauração*, de Guimarães, e *Voz da Verdade*, de Braga.

A partir de 1866 dedicou-se ao trabalho paroquial, na freguesia de Painzela, Celorico de Basto, e, depois, na aldeia natal.

Sócio correspondente da Real Academia das Ciências, de Lisboa, da Real Academia da História, de Madrid, e da Academia de Berlim, assim como Oficial da Ordem de Santiago — são títulos que não quis nunca utilizar, simplesmente dizendo-se Presbítero Bracarense e Professor Aposentado do Liceu no rosto do volume de recordações de viagem, *A Roma ! Vinte e três annos depois*, publicado em 1909. Já então lhe havia sido prestada a homenagem daquelas distinções, como autor dos *Milliarios do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*, que em 1895 editara. Esta obra lhe conquistara tais consagrações. Por este livro, e ignorando que outros tinha, lhe deu Martinho da Fonseca entrada nos *Aditamentos ao Dicionário Bibliográfico Português* [4].

Mas não foi só pela sua autoridade como arqueólogo e epigrafista que A. Luís Vaz assinalou o centenário do seu nascimento, estudando-lhe a vida e a obra, que considerou de *Mestre e Precursor* [5]. Esta monografia descreve, com rigorosos e elegantes traços, o ambiente sócio-cultural em que se

---

4 *Aditamentos ao Dicionário Bibliográfico Português de Inocêncio Francisco da Silva*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927, p. 303. Conforme no prólogo diz Martinho da Fonseca como «explicação necessária», estes Aditamentos haviam começado a imprimir-se em 1915 no *Boletim da Sociedade de Bibliófilos Barbosa Machado*. Por causa das dificuldades que obrigaram a suspender a publicação deste *Boletim*, não chegaram a entrar no prelo senão nove folhas dos *Aditamentos*, ficando então na página 144. Depreende-se, pois, que as informações aqui recolhidas são datadas de 1915, mas, assim mesmo, a nota sobre Martins Capela, que o dá como professor no Liceu de Viana, além de incompleta, estava desde há muito desactualizada.

5 A. LUÍS VAZ, *Mestre e Precursor (Crítica da vida e obra do P.e Martins Capela, no 1.º centenário do seu nascimento)*, Lisboa, Edições Gama, 1942. São desta obra as citações que faremos, quando outra coisa não seja dito.

Durante os quatro anos decorridos entre a conclusão do curso teológico, em 1862, e o início do sacerdócio paroquial, Martins Capela em Braga alarga ou aprofunda a sua cultura. Segundo apontamento autógrafo utilizado por A. Luís Vaz, «encontramo-lo a frequentar o "Curso de Introdução" ou "Física", em 1862-1863. No mesmo ano estuda "Geografia" e "História". Em 1865-1866 frequenta o 3.º ano de grego, com mais 13 condiscípulos e estuda "Filosofia". Em 1864, matricula-se em "Geometria" na aula do Seminário Conciliar. Em 1867-1868, já padre, continua em Braga e frequenta o 3.º e 4.º ano de grego», *Ibidem*, p. 74, nota 1.

enquadra a sua personalidade, a sua obra literária e a sua actividade múltipla. Podemos, todavia, acrescentar-lhe agora um pouco mais de luz, com elementos que A. Luís Vaz não teve possibilidade de utilizar. Melhor definido fica, assim, o contexto em que o nome de Martins Capela encontrará mais perdurante lugar.

Realizou Martins Capela em 1877 uma viagem a Roma e, por isso, hesitou aceder às insistências que lhe faziam para a repetir, acompanhando uma peregrinação nacional no ano jubilar de 1900. Em páginas impressas relatou esta jornada, como fizera acerca da primeira, e, aludindo à resistência posta aos sucessivos convites dos que lhes desejavam a companhia, remete para uma nota que diz: «No *diário*, 4.ª fr.ª 7 de Fevereiro, leio: "Volta hoje o rev.º Padre Manuel Aguiar a instar pela ida a Roma. Alega que irá também o Senhor Arcebispo; bem m'está mas não me é possível, além do mais, por falta de robustez para tais baldeações. Acompanhal-os-ei em espírito, se vivo for para então"»[6]. Refere-se, pois, a um seu *Diário*, do qual teve notícia A. Luís Vaz, que informava serem quatro os volumes, doados por um dos herdeiros a Monsenhor José Augusto Ferreira[7]. Este, na *História Abreviada do Seminário Conciliar de Braga*, duas vezes apresenta informações que diz colhidas nos manuscritos do Padre Capela[8].

Na folha de rosto do primeiro tomo, por sob a parte do título em que o Padre Capela se dizia «residente em Viana do Castelo», encontra-se a tinta azul, por mão que pode ter sido, provavelmente, a de Mons. Ferreira, o apontamento: «Falecido na Carvalheira, Terras de Bouro, donde era natural, aos 3 de Novembro de 1925». E, ao fundo da página: «Legado pelo autor ao seu parente Dr. Salgado, e por este oferecido com os outros três volumes a Monsenhor J. Augusto Ferreira em 18 de Março de 1938 e oito». Soubemos que, após a morte deste, em 1944, os quatro volumes foram ter à livraria de um antiquário. Aí os encontrou o Doutor Domingos Maurício Gomes dos Santos, que os adquiriu para o Arquivo da revista *Brotéria*, onde os consultámos.

Martins Capela parece ter tido desde muito cedo o hábito de fixar em pequenos cadernos algumas notas de recordações, como, por exemplo, o

---

6 *A Roma! Vinte e tres annos depois*, Braga, 1909, p. 11, nota 1.

7 A. LUÍS VAZ, *op. cit.*, p. 162, nota.

8 Mons. Cónego JOSÉ AUGUSTO FERREIRA, *História Abreviada do Seminário Conciliar de Braga e das Escolas Eclesiásticas Precedentes — Séc. VI-Séc. XX*, Edição da Mitra Bracarense, 1937. Cf. p. 412, nota 1 e p. 422, nota 1.

registo dos nomes de quantos com ele se matricularam no 2.º ano do Curso Teológico, em 1860-1861, acrescentando-lhes, volvidos anos, elementos sobre as funções que vieram a desempenhar[9]. No primeiro capítulo dos *Milliarios*, para descrever como fazia as suas jornadas através da Geira, socorre-se de apontamentos datados de Agosto de 1883, que diz serem «notas de carteira, tomadas na ocasião e fielmente trasladadas agora por amor do tom local»[10].

A 28 de Outubro de 1891 resolveu praticar a anotação assídua dos acontecimentos mais pessoais ou mais importantes, escrevendo naquela data: «É hoje o meu dia e aniversário, pois vim ao mundo em 28 d'outubro de 1842. *Quarenta e nove anos d'idade!* Por isso determinei principiar n'este dia as notas diárias deixadas n'este livro como pegadas mal seguras de quem vai fatigado já da jornada, e para ver se, com alguns momentos de reflexão a que obrigam, lograrei indireitar carreira afinal. Permita-o Deus para Sua maior glória e proveito meu». A anotação preenche toda a página, com considerações sobre a vida. Logo o apontamento do dia imediato regista os acontecimentos ocorridos.

Para explanação mais demorada que constituísse preâmbulo e, ao mesmo tempo, como que sumário autobiográfico — espécie de confissão geral, pois ali se propunha, a partir de então, como que exame de consciência escrito dia a dia — deixou em branco as primeiras trinta e quatro páginas.

Não as iniciou, porém, senão passados três anos — que parece já lhe pesarem como demasiada delonga, conforme diz no lugar correspondente do *Diário*: «Como faz hoje três anos que principiei estas notas diárias, verei se posso dar começo a uma tirada acerca da Vida em geral e da minha em particular, no princípio d'este livro. Para isso tinham ficado em branco bastantes páginas» (1894, Outubro, 28). Só nove, todavia, foram utilizadas. Pôs-lhes como título: «Da vida em geral — SOLILÓQUIOS» — e iniciou-as, efectivamente, naquele dia.

Decorreram, no entanto, muitos mais anos, para as preencher penosamente, retomando por treze ocasiões o fio interrompido. À margem ficou

---

9 Vide A. LUÍS VAZ, *Mestre...*, p. 85, nota 2.

10 *Milliarios do Conventus Bracaraugustanus em Portugal. Reliquias d'epigraphia romana, trasladadas dos proprios monumentos por M. Capella, Presbytero bracarense, professor no Lyceu de Vianna, socio corresp. da R. A. dos Archit. e Archiol. portugueses*, Porto, Typ. de Arthur José de Sous & Irmão, 1895, 8.º de 272 pp.; cf. p. 17. A Câmara Municipal de Terras de Bouro fez uma reedição facsimilada em 1987.

a data de essas sucessivas tentativas para levar adiante a sua dissertação, e vemos, assim, que meia dúzia de elas são já posteriores à época em que suspendera o lançamento de notas no *Diário*.

Talvez se tenha decidido à redacção do primeiro excurso tirando incentivo da leitura da revista *Annales de philosophie chrétienne*. O número de Outubro de 1894 publicou um artigo de Léon Jouvin, de onde Martins Capela transcreveu em nota, ao fundo da página, este parágrafo: «L'être flotte entre la vie et la mort, entre le bonheur et la souffrance au niveau de l'indifférence, et se sent journellement entraîné dans le gouffre...». O capítulo introdutório, iniciado em 28 de Outubro de 1894, glosa esta citação: «Quando há três anos, dia por dia, comecei a neste livro lançar notas diárias, foi tenção feita havia de mais tarde aproveitar as páginas em branco, reservadas no princípio, para umas fugitivas considerações acerca da vida em geral e porventura alguns traços de auto-biografia, se para tanto desse o espaço mais a pachorra. Hoje que por mercê de Deus me sinto com algumas forças, pareceu-me bem dar princípio a isso.

«A vida, que será a vida?».

Espraia-se, depois, em reflexões gerais sobre o tema, não chegando a preencher inteiramente a primeira página. Prosseguiu meses mais tarde, a 21 de Fevereiro de 1895. Ao redor do dia do seu aniversário, por três ocasiões voltou a elas, deixando-as de novo suspensas, até 30 de Outubro de 1915. Em Outubro e Novembro de 1920, com os seus setenta e oito anos, e abandonado já o registo mais ou menos sincopado das notas do *Diário*, por seis vezes retomou o projecto, a última em 28 de Novembro, para transcrever a tradução de uma carta de São Jerónimo: «Na leitura das Epístolas de São Jerónimo que agora trago encontrei há dias uma que diz ao caso da vida, tomada no declinar da mesma, ou seja a velhice. É dirigida a Pamáquio e reza assim: "Lembro-me de ter lido numa certa controvérsia que a falta de forças no corpo arrasta consigo as da alma..."». Com o prosseguimento do texto de São Jerónimo se terminam as páginas introdutórias do primeiro volume do *Diário*.

Apesar de na etiqueta que colou na face das capas haver inscrito a legenda «Nunc vero nulla dies sine linea», Martins Capela deixou largos espaços de tempo sem qualquer apontamento. Entre 4 de Novembro de 1896 e 19 de Outubro de 1897 por exemplo, nada escreveu, resumindo então os quase doze meses de silêncio: «Nova interrupção de um ano ! Com o divino auxílio, a ver se isto emenda de vez». Refere, a seguir a morte e o funeral do pai, os exames de concurso no liceu do Porto, em que fizera parte do júri,

e depois: «Durante o ano foi-me comunicada obsequiosamente pelo meu antigo amigo Doutor António Cândido, a notícia de haver sido eleito por unanimidade sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa». O penúltimo apontamento, de 1914 (Janeiro, 1-15), precede as linhas lançadas no dia do aniversário, em 1919 (Outubro, 28), nas quais anota que, entre o registo anterior e aquela data, o mais importante havia sido a «crise repentina que sofri na noite de 11 a 12 de Junho, pois me julgaram em perigo de vida e fui ungido pelo nosso Rev.mo Abade; do que aliás nenhuma consciência tive. [...] Ataque cerebral, sem nenhuma dor ou aflição [...]». E termina: «P.S. - Reconheço que não poderei continuar com estas notas mesmo de dia. A vontade do Senhor seja feita !!».

O estilo simples mas pessoal de Martins Capela torna saborosa e agradável a leitura dos relatos das viagens a Roma. A propósito da obra sobre os *Milliarios*, E. Hübner distinguiu a forma pitoresca como descreve as jornadas pelos caminhos agrestes à procura das relíquias históricas que assinalam a passagem dos Romanos [11]. Não era sem grande esforço, porém, que pegava na pena. Em uma das primeiras anotações do *Diário* diz: «Quer o amigo senhor Frutuoso alguns rabiscos meus para o "Progresso Catholico". Razão, por ter há meses esperado um não; eu, por falta de tempo e de disposição para a escrita. Ai de mim se tivesse de viver da pena ! Bem morreria à míngua por pouco e mal alinhavado, sem cotação no mercado» (1891, Novembro, 28).

Daremos conta do embaraço em que se vê para redigir as conferências que pronuncia e, depois, edita. Guardemos, por agora, o desabafo lançado quando se encontrava a preparar para a tipografia o texto sobre *Opportunidade da Philosophia Thomista em Portugal*: «Seja Deus louvado que já não sinto tamanha dificuldade em escrever a sério. Ainda que muito mal, já estará em meio o tal sarapatel de triste memória, reduzido agora a empada ou pastelão indigesto. Enfim faça a gente o que pode, que não é mais obrigado: sempre se tira lição de humildade tocando com o dedo na cainheza própria»

11 A recensão que Emilio Hübner publicara na *Revista de Historia y Literatura Españolas, Portuguesas y Hispano-americanas*, assinada de Berlim, Fevereiro de 1896, apareceu traduzida na *Revista de Educação e Ensino*, XI (1896), pp. 183-188. Aí diz que M. Capela «dá uma narração circunstanciada e às vezes muito graciosa de suas peregrinações repetidas pelo caminho da Geira, assim chamada pelos giros quase infinitos com que sobe a montanha do Gerez» (p. 185).

(1892, Junho, 6). Chegará mesmo a imaginar que tamanho peso das palavras a saírem-lhe da pena poderia ser sintoma de doença: «Muita preguiça de pena, segundo o costume. Cada vez me custa mais escrever cousa que se leia. Temo não haja n'isto prevenção de paralisia cerebral. Seja sempre feita a vontade de Deus» (1893, Janeiro, 12). Um dos factores influentes é a variabilidade atmosférica: «Com a mudança, antes leve alteração atmosférica, logo a frouxidão nervosa e preguiça d'espírito para o trabalho que trago entre mãos. Deus permita que à noite possa adiantar alguma coisa» (1892, Junho, 8). Esta sensibilidade às condições meteorológicas explica um pormenor que surpreende ao percorrerem-se os volumes do *Diário*. As notas abrem habitualmente com registos como estes: «Caiu o vento e por isso subiu a temperatura, que tem estado estival» (1892, Junho, 11); ou: «O tempo continua fresco, porém enxuto. Vento brando de NW.» (1892, Junho, 15). Também melhor se compreende, assim, que encerre cada número da revista *Escholio* com «Observações meteorológicas feitas no colégio do Espírito Santo em Braga».

O *Diário* é, às vezes, simples anotação de ocorrências do dia a dia, quase mero apontamento de que chegou ou expediu uma carta, recebeu ou satisfez pedido de colaboração jornalística. Muito ajudariam estas páginas a descobrir escritos seus, dispersos, se porventura se quisesse realizar um inventário exaustivo.

O mesmo se diga quanto a referências que na imprensa lhe são feitas. «Traz hoje a "Ordem" o suelto que enviei acerca da venalidade jornalística» (1892, Dezembro, 17). E também: «Cá traz a *Palavra* as linhas que lhe enviei ante-ontem» (1893, Maio, 23). Mais adiante: «No correio da manhã duas cartas de convite para colaborar em dois *n.os únicos*: do Colégio de São Dâmaso uma; outra da gente escolástica de Braga para o 1.º de dezembro. Veremos o que se poderá, mas não ando de hora» (1893, Novembro, 12). E ainda: «Lá foi para os rev.os padres de São Dâmaso o escrito pedido para o "n.º único". "Doctor maximus" se intitula» (1893, Novembro, 24). Além de colaborações pessoais em jornais diversos, também por vezes lhe pareceu oportuno fazer divulgar na imprensa trechos patrísticos: «Traduzi uma página das *Confissões* de Santo Agostinho para o novo periódico *União Nacional* acerca do conhecimento de Deus pelas criaturas por vir a propósito de umas tolices blasfémicas de um jornaleco cá de Braga. Parece porém não agradar o assunto a alguns a quem nisso falei; por isso oferecêl-o-ei à *Voz da Verdade*» (1904, Janeiro, 24).

Entre os que com ele conviviam, Martins Capela foi muito considerado como bom conhecedor da Língua latina. Poderá verificar-se a elegância da frase na oração que proferiu no Seminário Conciliar de Braga e que, a seu tempo, referiremos. O Doutor Manuel Gonçalves Cerejeira, que fora seu aluno e por isso lhe apreciava a mestria, chama-lhe distinto humanista e ilustre latinista, e ao seu retiro o foi desencantar, pedindo-lhe que traduzisse duas cartas de Clenardo e uma de Vaseu «para desenfastiar da minha prosa quem a ler, com o seu português castiço, como já hoje infelizmente se não escreve, o qual ele aprendeu nos velhos frades» [12].

A sua familiaridade com o latim não se dispunha a uma substituição de compêndios escolares, proposta em conselho de professores do Seminário: «Às 11 h congregação no Paço. [. . .] Foi adoptado para História eclesiástica um livro novo escrito em francês. Votei contra livros que não sejam em latim, para o curso eclesiástico; mas prevaleceu o voto contrário» (1909, Julho, 19).

As perturbações da vida nacional e alguns seus reflexos no clima religioso do país lembraram-lhe que podia ser útil verter para português o *Apologeticum* de Tertuliano, «com ânimo de publicar alguns extractos dele na defesa da nossa Fé contra as investidas da imprensa jacobina e para alento do espírito cristão do nosso povo» [13]. Fez depois tentativas para editar esta tradução, di-lo o *Diário* em apontamento das últimas páginas, que sintetiza os passos dados no ano de 1913: «Também por esse tempo foi a imprimir na oficina do Sr. Pereira Vilela uma folha volante ou circular às casas editoras de Portugal e do Brasil, anunciando concluída a interpretação do *Apologeticus* do Tertuliano, para quem quiser editá-lo. Apenas apareceram duas casas, e essas mesmo pegavam-lhe pela ponta do bico: denuncia que não teremos feito nada». E um pouco adiante: «A 15 de Junho tinha eu marchado para Braga, aonde cheguei a 16 hospedando-me no hotel Matos, com o fim principal de assistir a 18 e 19 às exéquias por alma do nosso chorado Arce-

12 Dr. M. Gonçalves Cerejeira, *O Renascimento em Portugal. Clenardo - II*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1918, p. (4). Escrevendo-nos em 24 de Maio de 1976, a propósito do trabalho que publicámos na *Revista Portuguesa de Filosofia* sobre *Martins Capela e o renascimento tomista em Portugal no século XIX* (tomo XXXII, n.º 1, 1976, pp. 63-90), o Cardeal Cerejeira dizia «que deve ao P.e Capela o carinho com que recebeu a sua primeira lição, apondo-lhe a generosa apreciação com que a saudou: "hominem habemus", à sua maneira pitoresca».

13 Assim diz no quarto volume do *Diário*, em registo de 1912 que abrange globalmente o período de Janeiro a Maio. Em outro parágrafo referente ao intervalo de Julho a Setembro, aponta que por várias razões assentou «passar em Braga as férias grandes, entretido com o Tertuliano».

bispo e meu dedicado amigo, Ex.mo Senhor Dom Manuel Baptista da Cunha. Levava também o manuscrito do *Apologeticus* do Tertuliano mais o livro donde o extraíra, para entregar à Empresa da *Propaganda Católica* que prometera editá-lo: entreguei-o pessoalmente ao Rev.mo Sr. P.e Constantino Alvarez e ao Sr. Ribeiro Coelho, sem novas condições, além das do prospecto, no dia 18 de manhã». Frustrar-se-iam, porém, as tentativas da edição, e viria a oferecer o manuscrito à Academia das Ciência de Lisboa, que o guarda.

Em carta dirigida ao *Diário do Minho* e transcrita no suplemento de «Letras e Artes» do jornal *Novidades* de 19 de Janeiro de 1941, o antigo colega de Martins Capela e então bispo de Lamego, D. Agostinho de Jesus e Sousa, informava que se pensara inserir a tradução do *Apologeticum* na revista bracarense *Acção Católica*, mas «não foi por diante a ideia porque o tradutor fez questão de se publicar o texto original a par da tradução, o que alguém não julgou conveniente por ocupar muito espaço».

Conforme escrevemos atrás, foi o volume sobre os *Milliarios do Conventus Bracaraugustanus em Portugal* que tornou prestigiado o nome de Martins Capela entre os especialistas nacionais e europeus de arqueologia e de epigrafia. Depois de lhe ter merecido ser eleito sócio correspondente da Real Academia das Ciências de Lisboa, deu-lhe igual título a Real Academia da História de Madrid, como regista: «Recebi de Madrid, com uma cartinha do Dr. Sanchez Nogel comunicação do Secretário da Academia Real de História, de me haverem eleito sócio correspondente, e devia encarregar alguém naquela corte para receber o diploma e estatutos. Para isso se oferece o Dr. Nogel. E assim me guindam, sem mais aquelas, aos cornos lunares da ciência oficial. Pobre ciência e pobres sábios!» (1898, Novembro, 7). Anos mais tarde, recebe a Comenda de Santiago, apreciada assim: «A novidade do dia é a minha condecoração, ou que é, com a cruz de oficial da ordem de Sant'Iago! E agora é agoental-a! Há-de ter servido para alegres comentários aos que me conhecem e a cousa não é para menos. E ainda em cima hei-de pagar e ficar obrigado. Vamos lá, que destas fortunas nem todos teem! [...] P.S. À noite (7 h ½) fui chamado pelo Sr. D. Thomás, Governador Civil para me dizer da tal venéra... Naturalmente estranhou não ter eu corrido lá a agradecer. Eu tinha mais que fazer e reservava isso para amanhã. Ficou entendido que a mercê não significa política» (1903, Outubro, 23). Os *Milliarios* levam-lhe o nome até ao longe: «Da Sicília recebi um postal, de um senhor prof. Garofalo, pedindo-me um exemplar dos "Milliarios". Logo que tenha ensejo, irá. E promete do seu. Bem» (1899, Outubro, 29). A 20 de

Dezembro do mesmo ano, aponta: «No Liceu mostra-nos o Caldas um convite oficial que recebera para coligir publicações que seus autores queiram enviar à exposição de Paris, e diz que lhe dê 1 exemplar dos "Milliarios". Pois sim». Cumpre dois dias após: «No Liceu entreguei a mestre Caldas 1 exemplar dos "Milliarios", outro do "De Sapientia" para remeter à Exposição de Paris, como ele informa».

II

As linhas do *Diário* ajudam a explicar a exiguidade da obra literária, que os apreciadores da sua prosa lamentam. A frase correntia que os leitores bebem gostosamente, saía-lhe da pena com grande esforço, conforme testemunham as notas que já transcrevemos, e a que juntaremos outras, no lugar oportuno. Mas não encontrou Martins Capela circunstâncias propiciadoras de fáceis edições, que ajudassem a vencer a resistência das folhas de papel, ao escrever. A. Luís Vaz, comentando e procurando compreender porque é pouco numerosa a obra impressa do seu biografado, salienta, por exemplo, que o volume *A Roma! Vinte e três annos depois* foi começado em 1901 mas só em 1909 dado por findo. O *Diário*, porém, aqui está, para explicar as perplexidades e delongas da edição.

Martins Capela tomara parte em uma primeira peregrinação a Roma, em Maio de 1877, no pontificado de Pio IX, com cerca de 220 portugueses presididos pelo Cardeal Patriarca, D. Inácio de Moraes Sarmento, e «fora encarregado de representar o seu arciprestado na recepção pontifícia, e subvencionado com réis 168$000 para ajuda de custo da viagem». Dois anos depois, na revista quinzenal *O Progresso Catholico* apareciam algumas páginas, que eram capítulos do livro *A Roma!*, que em 1880 estaria impresso [14]. «Era tenção feita — diz "Ao Leitor" — que não viria à grande publicidade este singelo trabalho, mas se havia de contentar com aparecer em família distribuído pelo ilustrado clero do arciprestado d'Amares, como

14 *A Roma! (Esboços e narrativas de viagem) por M. Capella, Presbytero*, Guimarães, Livraria Editora de Teixeira de Freitas, 1880. O primeiro capítulo, intitulado «O passo da porta», encontra-se integralmente em *O Progresso Catholico*, 2.º Ano, n.º 3 (30 de Novembro de 1879), pp. 30-32. Em números imediatamente seguintes prosseguem outros capítulos.

prova de gratidão do autor e conta do recado». Houve uma segunda peregrinação nacional em 1888, já no pontificado de Leão XIII, composta por cerca de 300 romeiros, e esta terceira, por ocasião do jubileu de 1900. Nos fins do ano seguinte já Martins Capela preparava a edição do novo livro de recordações de viagem e no *Diário* regista que mandara imprimir listas de inscrição para compradores da obra, a fim de saber a quantas pessoas interessaria. Em 23 de Dezembro de 1901 dá conta de uma resposta pouco encorajadora: «Recebi do cónego Valente, de Bragança, uma meia dúzia de assinaturas para o opúsculo "a Roma". Muito provável é que não apareçam tantas, que valha a pena acrescentar à tiragem de 300 exemplares dos quais se não venderão metade». A redacção estava já iniciada e ia sendo entregue na tipografia, embora procurasse dar entretanto alguns capítulos às colunas de jornal, de modo semelhante ao que fizera com as anteriores crónicas romanas. As contrariedades levam-no, porém, a interromper a impressão tipográfica da parte já escrita: «Fui ontem à tipografia Cruz declarar que visto o desfavor que esperava o livro resolvera suspender a publicação, bastando que tirasse 25 exemplares da chapa que tem composta, e nisto ficamos, mais em mandar a conta que pagarei de pronto». O *Diário* traz ainda nesta época duas notas: «Na volta do Liceu vim pelo tipógrafo e concertamos a tiragem de 300 exemplares das folhas que lá tem na previsão de que um dia me resolvesse à tiragem inteira. São mais uns tostões que se vão» (1902, Janeiro, 17). E, depois: «Mandou o tipógrafo o resto da composição, já tirada e a conta de 6$860 r. que mandei satisfazer pelo António da porta» (1902, Janeiro, 24).

Tudo ficou parado, até que no *Diário* assenta em 14 de Novembro de 1908: «Principiei a escrever na narração da viagem a Roma 2.ª vez e permita [Deus] que vá por diante, se há-de ser para sua maior glória; se não, não». Por isso, na edição do volume, pôs a abrir, como «advertência»: «As primeiras 52 páginas deste opúsculo foram impressas no ano de 1901; neste de 1909 as restantes. Sai para ser distribuído como brinde pelos mais dedicados amigos do monumento ao Sagrado Coração de Jesus no monte das Mós» [15]. O *Diário* completa, como uma espécie de desabafo, em 18 de Setembro desse ano de 1909: «Vem agora o resto das brochuras, do Luís Vilaça, e já não tenho muito onde arrumar tanta fazenda. [. . .] Por eles paguei aos rapa-

15 *A Roma! Vinte e tres annos depois (Anno Jubilar de 1900) por M. Capella, Presbyt. Bracaren. e Prof. Aposentado do Lyceu*, Braga, Typ. a vapor de J. M de Sousa Cruz, 1909, p. 4.

zinhos 4$820 r. E assim se me vai o dinheiro com a letra redonda. A outros dá-lhes lucro; a mim é o que se vê. Desta agora "*A Roma ! vinte e três annos depois*" monta a despesa do meu bolsinho a 146$800 réis ! Depois acusam-me os amigos de não escrever para a imprensa, por preguiça e desleixo. Sim; outros escrevem muito e bem; e outros de outras formas se arranjam com a pena. Há de tudo. A minha sorte é esta; como a dos médicos que tratam de graça os doentes e ainda lhe levam a galinha, de esmola. Ao menos não terei no divino tribunal culpa por ter vendido demasiado caro esta mercadoria das letras... sem desconto. Escrevi pouco e mal, mas não mercadejei com a minha prosa».

Apesar das características de quase arquivo pessoal de recordações, o *Diário* oferece, aqui e além, elementos de interesse variado. Mostram, umas vezes, quanto o marcaram alguns acontecimentos, como a vinda para Braga, aos catorze anos, a fim de começar os estudos preparatórios, cuja data se lhe fixou: «Há 39 anos que pela 1.ª vez saí da casa de meus pais para estudar em Braga. Que de peripécias e tombos neste período não tem levado a minha vida. Sempre este dia me ficou de memória» (1895, Maio, 3). Há comentários a polémicas do jornalismo local, a acontecimentos da vida social, religiosa e política, quer nacional, quer estrangeira. Aparecem em algumas linhas nomes prestigiados das suas relações, como o de Martins Sarmento, com quem trocou abundante correspondência, utilizada por A. Luís Vaz.

Perante os extractos das confissões-a-ninguém do Padre Martins Capela, tenha-se presente que E. Hübner, a propósito dos *Milliarios*, achou que «o seu autor reune em si, como claramente se vê, prendas de inteligência, com uma modéstia exemplar» [16]. A. Luís Vaz observa que «era um tímido... não tinha a real consciência do seu valor...» [17]. Assim se compreenderá que perante si mesmo se apouque, de maneira que impressiona, ao lerem-se alguns apontamentos do *Diário*. De resto a sua natural simplicidade tanto o leva a referir-se a si mesmo dizendo «a gente», como a menosprezar gloríolas, até as eclesiásticas: «No regresso [do Liceu] entrei no Paço e fui apresentar a S. Ex.ª as minhas escusas de não poder ir hoje ao bota-fora de S. Ex.ª, por ter a mesma hora conselho no Liceu, a que mal posso faltar. S. Ex.ª recebeu-me com a costumada benevolência, e concedeu-me tudo de boa vontade. Teve a amabilidade de me perguntar se não

16 *Loc. cit.*, p. 183.
17 *Op. cit.*, p. 171.

concorria aos canonicatos em concurso. Agradeci penhorado a lembrança e respondi que não pensava n'isso; que o meu canonicato era no Liceu; que não seria despachado à míngua de valor social; que o ciclo dos meus empregos estava fechado, etc.» (1900, Janeiro, 3).

No ano de 1880 tentou o ingresso na Companhia de Jesus, fazendo um breve noviciado no Colégio do Barro, em Torres Vedras. É possível que na raiz desta decisão estivesse o propósito de entregar-se à docência, pois testemunha Júlio de Lemos, seu aluno no curso teológico, que «pela catequese e pela parénese se revelou a sua indomável inclinação para o ensino» [18]. Teve de desistir, por debilidade de saúde.

Do noviciado suspenso transitou para o Colégio da Formiga, em Ermesinde, a fim de, na experiência das aulas de Filosofia, História e Ciências naturais e físico-químicas, mais facilmente se preparar para o exame de acesso ao magistério liceal. Utiliza então como texto o neo-escolástico Gaetano Sanseverino. Talvez neste seu primeiro encaminhamento para o Tomismo possa estar influência do culto director do colégio, o Padre Dr. José Rodrigues Cosgaya e Noriega, espanhol que se refugiara em Portugal por motivo das lutas carlistas e aqui desenvolveu apreciável actuação em âmbitos diversos, até na imprensa de orientação católica.

Trocando Ermesinde, ao fim de quatro anos, pelo Colégio do Espírito Santo, em Braga, veio a encontrar dois jesuítas que, naturalmente, o consolidaram no apreço pela filosofia tomista. No volume *A Roma! Vinte e três annos depois*, descreve o reencontro com o Padre Meli, que uma década antes havia deixado Portugal. Procurou-o na Villa Malecrinis, ao passar por Nápoles, e com ele visitou o Seminário Maior: «Para o termos e nos ter por mais algumas horas, quis descer connosco à cidade a prestar serviços de *cicerone*, embarcando os três no tramvía eléctrico, que num ai nos depôs à porta-travessa do seminário grande. Pretendia a gente informar-se da *ordo studiorum* lá estabelecida como já fizera noutras bandas e teria ainda a fazer». Depois de recebido no Seminário de Nápoles pelo Vice-reitor, Padre Enrico Neri, foi a despedida: «Ao último abraço, dizia apontando

---

18 Júlio de Lemos, em artigo intitulado «P.e Martins Capela», na revista *Ilustração Moderna*, Ano I, n.º 3 (Porto, Julho de 1926), p. 71. A. Luís Vaz cita, por lapso, alguns passos deste artigo, como extraídos de *Ilustração Portuguesa*.

para o céu: E agora, meus amigos, até lá ! E assim foi, por sua parte: Permita Deus não faltemos nós ao convite. Ainda lhe acompanhamos com a vista os já cansados passos, até dobrar a esquina na direcção da *via Serra*... e foi esta a vez derradeira. Quatro anos depois chegou cá a notícia do seu falecimento. Tomou luto por ele o coração de muitos, e teve solenes exéquias na igreja do Seminário de Braga, dos antigos padres da Companhia; mais um número-único *In Memoriam*, colaborado por trinta e nove dos maiores amigos, que deixou em Portugal. Modesto testemunho da nossa gratidão e saudade» [19].

No opúsculo de cinquenta páginas *In Memoriam*, Martins Capela refere a vinda para Braga desse jesuíta siciliano, chegado a Portugal em 1863 [20]. Mais expressivas de quem fora para Martins Capela o Padre Meli, são as linhas de confidência a si próprio lançadas no *Diário* em 13 de Janeiro de 1905: «A notícia do dia, e triste que farte, é de ter falecido no dia 9 em Nápoles o nosso amigo Rev.mo P.e João Baptista Meli, Societate Jesu. É um luto quase como morte do Pai, que de todos nós, os desse tempo, o foi ele verdadeiramente. Em paz descanse o missionário, o apóstolo dos nossos dias em Portugal ! Fui levar o meu cartão a São Barnabé, e na aula aos teólogos do 1.º ano levantei antes da hora e disse duas palavras do saudoso P.e Meli a rapazes que o já não conheceram pessoalmente na maior parte». E, no dia seguinte: «Às 8 h m. fomos os padres do Seminário e outros, à missa solene de *requiem e libera-me* por alma do falecido R.º P. Meli, na capela de sua fundação, a São Barnabé. Estive num estado de comoção durante a sagrada cerimónia, com saudade do finado. Tinha consciência de lhe ter sido fiel à amizade de tantos anos; tanto porém não o cuidava. Que doce me é a sua memória, Deus seja bendito !».

---

19 *Op. cit.*, pp. 142 e 145.

20 *In Memoriam*, Braga, Papelaria Universal e Typ. a Vapor, 1905. No interior, o título completo do opúsculo diz: MEMORIAE ET HONORI IOANNIS BAPTISTAE MELI SICULI SACERDOTIS E SOCIETATE IESU DOCTISSIMI. PIENTISSIMI. CARISSIMI. DE RELIGIONE IN PORTUGALIA OPTIME MERITI IN CLERO AD PIETATEM EXCOLENDO NUMQUAM DEFESSI AMICI ALIQUOT E PLURIMUS SUPERSTITES MOERENTES HAS PAGINAS INSCRIBUNT DEDICANT. O Organizador deste *In Memoriam* foi Martins Capela. Na indicação dos nomes que constituem a Comissão que disso se encarregou, o seu nome aparece, por isso, em último lugar; em várias notas do *Diário* do mês de Fevereiro de 1905 fala em colaborações pedidas e recebidas para um número único em memória do P. Meli e, em 16 de Março, diz que foi levar exemplares à Biblioteca do Liceu e á Biblioteca Pública. Na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga o consultámos (Cota: H. G. 3029^{3}v.).

Martins Capela não estabelece relacionação entre o Padre Meli e o ensino da filosofia. Um outro colaborador do *In Memoriam*, o Padre Fernandes de Miranda, regista, porém, um pormenor esclarecedor: «Cabe-lhe também a honra e glória de haver iniciado o estudo da filosofia tomista entre nós, pois foi a seu convite que em 1888 veio estabelecer-se em Braga o saudoso Padre Aloy, a fim de ensinar aquela disciplina no Seminário de Santo António. Depois, poucos anos decorreram até que aquele estudo se tornasse obrigatório no Seminário Conciliar e no de Guimarães. É que o rev.º Padre Meli virtuoso e sábio como era, empenhava-se para que no clero a par da virtude também brilhasse a ciência» [21].

Não demorou muito em Braga o jesuíta maiorquino Pedro Aloy, pois viu em Dezembro de 1889 satisfeito o seu desejo de partir para as missões, seguindo para a Zambézia. Mas, nesse período, em Braga se encontrava também Martins Capela, e aí se aventurou, em 1888, ao lançamento da revista *Escholio*. Serão os dois jesuítas estranhos ao seu empenhamento em favor da filosofia tomista ?

De quanto, em obra impressa, Martins Capela realizou com o objectivo de fazer despertar o interesse pelo Tomismo, parece-nos ser de salientar a experiência da revista *Escholio*. A sua apresentação era modesta, em fascículos de 32 páginas quinzenais, impressas em Braga. Não foi além de seis números, desde 30 de Março a 15 de Junho de 1888, constituindo um pequeno volume de 192 páginas, que redigiu quase sozinho. Conhecedores de como a palavra escrita fatigantemente se lhe prendia à ponta do aparo, imaginamos o que a revista significa. Eram seus os comentários de abertura de cada número, sob o título «Synchronismos d'agora», assim como os das páginas finais, «Retoques e remoques». São parágrafos de ameno e irónico estilo sobre acontecimentos locais, como as críticas ouvidas a propósito das camélias plantadas no jardim do largo do Paço; ou nacionais, como a respeito das comemorações do centenário pombalino; ou internacionais, quer de carácter religioso, quer político ou social.

O parágrafo da secção «Synchronismos d'agora» em que, no primeiro número, justifica o título escolhido para a revista, dá a entender que, previa-

---

21 *In Memoriam*, p. 41. Sobre o Padre Pedro Aloy vejam-se as duas colunas da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXXVIII (Apêndice), p. 172, redigidas pelo Padre Acácio Casimiro, SJ, como se depreende do confronto com as linhas em que o resumiu em *VERBO, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 1, col. 1431.

mente, fizera distribuir uma espécie de circular, apresentando os objectivos da publicação e convidando à assinatura:

> Repetir aqui o programa seria maçador; digamos uma palavra do título.
> — Como é que você foi escolher nome tão exquisito. *Escolio* ?
> É verdade que saiu um bocado arrevezado, e já alguém agourou mal por se parecer com escôlho.
> Também hei-de confessar que me senti fortemente tentado pelos nomes altos e belos, *Estrela, Aurora, Sentinela, Campião*, etc., etc.; mas, com a fortuna ! não falando nos outros, só de gazetas «auroras» está a província cheia, a ponto de cada rio ter a sua. Ainda se os rios da província corressem na direcção do meridiano, passe com tanto luxo d'auroras; cortando porém n'um sentido divergente, parecia-me que uma aurora só devia bastar para todos.
> Agora «Escholio» é outra fazenda; primeiramente é do género masculino, mais nobre segundo os gramáticos; depois é raro e significativo.
> Quer dizer *apostila, nota, glossa, comento*, etc., etc. E além d'isso mergulhando as raízes através do latim no solo feraz da etimologia grega (e quem sabe se por vias ocultas no copta, no zend, no sânscrito ?) ondeia depois a ramaria por todos os livros de ciência austera e brunida. Ainda me lembro da quesila que tinha aos escólios da lógica do Genuense; já os corolários me pareciam mais humanos.
> Isso porém passou, e agora vamos viver vida nova:
>
> «Se a tanto ajudar o engenho e arte,»
> mais d'assinaturas cópia que farte....

Nestas notas de feição jornalística envolvia Martins Capela o conteúdo doutrinal, de mais austera feição, como convinha aos objectivos que trazia em vista. Praticamente, essa parte da revista é constituída pelos dois trabalhos de maior fôlego, também da sua autoria, que se iniciam no primeiro número e vão transitando em continuação pelos fascículos seguintes.

Trata-se, em um caso, do estudo acerca *Da substância e dos acidentes*, no qual «não há desejo de apresentar novidades; que todo o empenho está em condensar fielmente quanto nos deixaram os mestres, que é muito e bom». Mais importante, pela originalidade da investigação pessoal que apresenta, é o ensaio, *Filosofia em Portugal — Traços histórico-críticos*, que excede, ao longo de cinco números, as trinta páginas. Aí descreve o panorama nacional quanto à cultura filosófica. «Acaso seremos nós, por índole, rebeldes aos afagos da ciência, incapazes d'especulações filosóficas ?», — pergunta.

Não hão-de procurar-se aqui análises doutrinais nem perspectivas críticas sobre a nossa história da filosofia, já que isso não pretende, mas só mostrar que «os *progressos* do ensino filosófico entre nós desde a reforma de Pombal até hoje podem apreciar-se pelo último programa dos liceus, que deixou na espinha a mísera filosofia, já caquética de longos anos por conta do regimen doentio do Genuense». Quanto ao presente, salienta que «entre os professores de filosofia que espancaram das escolas o sediço Genuense com a substituição de manuais da própria lavra, é justo referir os dois contemporâneos em Braga, M. Pinheiro d'Almeida e Azevedo, do liceu, e Fr. Manuel da Conceição Barros, egresso beneditino, do seminário». O destino desta jornada pelos caminhos da história era para Martins Capela concluir com notícia do acolhimento dado em Portugal à encíclica *Aeterni Patris*, de 1879, apresentando um quadro dos seminários que adoptavam já o ensino da filosofia tomista, com a lamentação de que «entre os cinco seminários retardatários, é o de Braga quem mais triste figura representa n'este ponto; pois semelhante estado de cousas não responde ao título de Roma portuguesa, nem aos brios e tradições d'este notabilíssimo centro d'instrução eclesiástica...».

Ser-se-ia levado a pensar que o *Escholio* não se finou em tão pouco tempo por lhe não ter ocorrido assistência bastante de assinantes e leitores, mas antes porque se esgotaram os materiais elaborados muito de trás pelo audacioso redactor único. Procura ele, sozinho, ser voz bracarense idêntica à que, antes, se levantara em Coimbra. Ali, por sugestão do Doutor Luís Maria da Silva Ramos, o bispo fizera criar no Seminário a cadeira de Filosofia escolástica de São Tomás, logo no Outubro seguinte à publicação da encíclica leonina. Em 1883 começara a publicação das *Instituições Christãs*. Eram as suas páginas alimentadas com os trabalhos apresentados em sessões públicas. Martins Capela não poderia ter ido mais longe do que foi, sem companhias em ajuda. Ao deixar Braga, consigo levará o desconsolo do *Escholio*, a que no *Diário* encontramos alusão: «Também de Braga m'escrevem da redacção da extinta "Barca do Salvador" remetendo 150 réis de sobras do meu pagamento ! É caso único. Verdade seja que também eu restituí quantias maiores isso sim, quando suspendi o pobre *Escholio* no fim de três meses de publicação» (1894, Fevereiro, 12). Não se conclua, no entanto, que inútil fora todo o esforço desta iniciativa, pois o veria compensado, anos mais tarde, quando regressasse à cidade arquiepiscopal para ensinar a filosofia de São Tomás aos alunos do curso teológico.

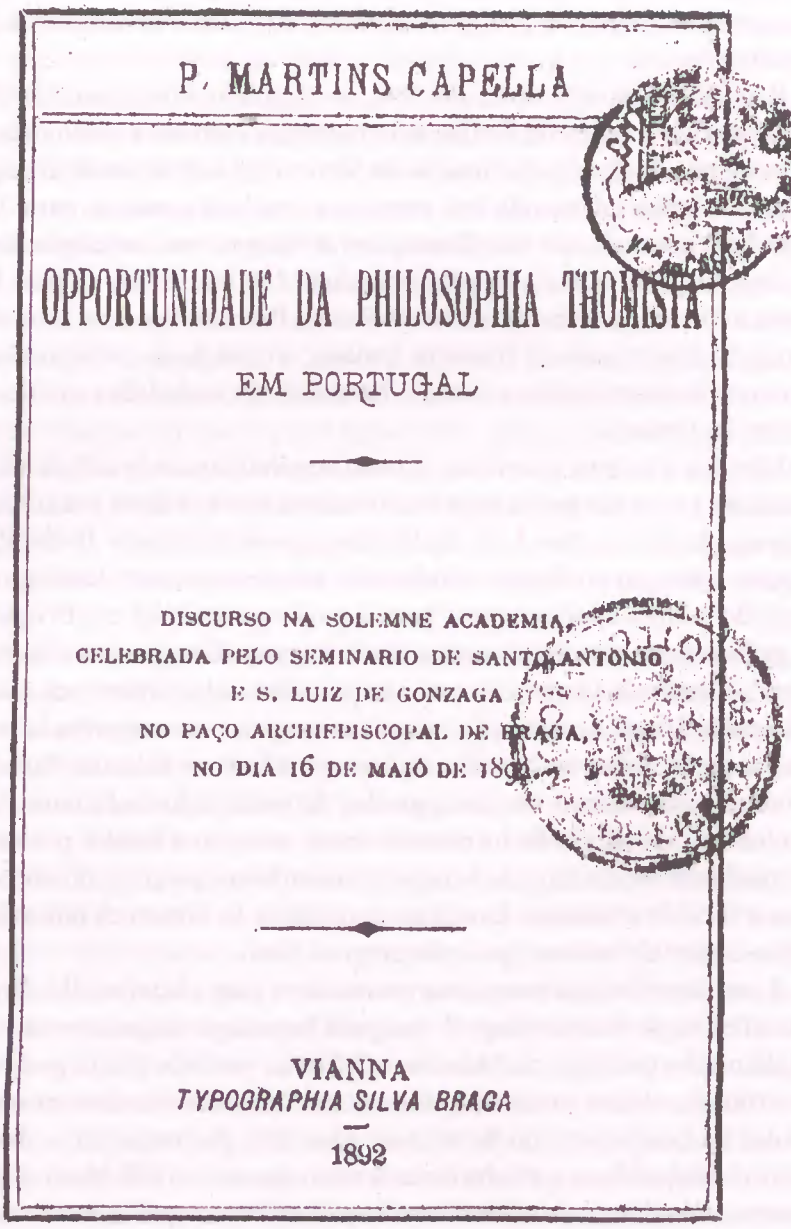
Em 8 de Novembro daquele ano de 1888, após exame de concurso, toma posse do lugar de professor do liceu em Viana do Castelo, e para lá se transfere.

Realizando-se, em Abril de 1891, o Segundo Congresso Católico da Província Eclesiástica de Braga, nele participa com uma «memória» sobre as *Vantagens do ensino da filosofia de Santo Tomás e meios de divulgar este estudo* [22]. Como parecendo-lhe serem os melhores meios para facilitar e divulgar o estudo de São Tomás em Portugal, em correspondência ao movimento geral suscitado pela encíclica *Aeterni Patris*, sugere Martins Capela a formação de professores em Roma, Paris ou Lovaina, a versão para português de manuais de filosofia tomista, a criação de revistas científico-tomistas de doutrinação, e ainda a fundação de sociedades de filosofia de inspiração tomista.

Idêntico é o tema que trata, no ano seguinte, quando o Padre Joaquim Fernandes Lopes lhe pediu para falar em uma sessão solene que o Seminário de Santo António e São Luís de Gonzaga promoveria em 16 de Maio. Na véspera, escreveu no *Diário*: «Todo o dia em casa, por ser domingo e andar coligindo pobres apontamentos para a parlenga amanhã em Braga. Nunca tive grande geito para isto, e agora muito menos». E registou no dia da conferência: «Continua tempo calmoso. Depois das aulas, abreviadas a 2.ª-3.ª, parto para Braga. Acantonado numa carroagem muito acanhada onde não posso ir de pé, sofro muito calor. Solene e brilhante o salão do Paço: Muitas senhoras e cavalheiros dos mais grados da terra: calor asfixiante. Lá disse com imenso sacrifício de forças sem amor próprio a minha parlenga, que saiu medonha estopada para a paciente assembleia, e para mim maior ainda, como é fácil de conceber. Excelente música de D. Piñero. À noite, tam fatigado e contraído estava, que não preguei olho».

A sua simplicidade parece surpreender-se com o bom acolhimento recebido: «De Braga diz-me o bom P. Joaquim Lopes que as gazetas não falaram mal da minha parlenga na "Academia". Foi na verdade muita generosidade das ditas. [...] Que pretende publicar um extracto dos discursames para brindar os benfeitores do Seminário. Que sim, lhe respondi, e nesse caso desistiria de publicar a minha léria. A ver o que diz» (1892, Maio, 24). Efectivamente, três dias após a sessão no Paço Arquiepiscopal, anotara no *Diário*

22 *Chronica do Segundo Congresso Catholico da Provincia Ecclesiastica de Braga inaugurado na sua Metropole no dia 6 de Abril de 1891*, Braga, Typographia Lusitana, 1892, pp. 377-389.



P. MARTINS CAPELLA

OPPORTUNIDADE DA PHILOSOPHIA THOMISTA

EM PORTUGAL

DISCURSO NA SOLEMNE ACADEMIA
CELEBRADA PELO SEMINARIO DE SANTO ANTONIO
E S. LUIZ DE GONZAGA
NO PAÇO ARCHIEPISCOPAL DE BRAGA,
NO DIA 16 DE MAIÓ DE 1892

VIANNA
TYPOGRAPHIA SILVA BRAGA
1892

Fontispício do opúsculo *Opportunidade da Philosophia Tomista*

a intenção de imprimir o trabalho. Assim acabará por fazer, utilizando os maus serviços de uma tipografia de Viana do Castelo que lhe causa muitas arrelias, como as linhas do *Diário* registam. Por elas se é induzido também a supor que para Braga não levara, talvez, senão algumas notas, que pensaria ler com simplicidade, e porventura comentar com espontaneidade. É preciso, agora, completá-las. E, quanto lhe pesa, uma vez mais, a pena ! «Tratei com o impressor Braga a impressão da tal cousa. O pior é que o homem quis 10 "lingoados" por dia... Se tiver metade, já eu me contento e ele terá paciência» (1892, Junho, 2). No dia seguinte: «Já foram para a imprensa alguns "lingoados" para a tal publicação. Desafeito de redigir, sinto-me mais peco ainda que d'antes. Como porém tenho o tipógrafo à perna, que remédio». Apesar das demoras do tipógrafo, as provas de imprensa começarão a vir, antes que tenha completado a redacção, finda somente a 16 de Julho. A 22 assinalará: «Recebi hoje da imprensa o opúsculo. 100 exemplares. Já despachei uns 30 e tantos. Ficou-me a brincadeira por uns 12$ e tantos reis com gorgetas aos rapazes».

Assim temos o opúsculo intitulado *Opportunidade da Philosophia Thomista em Portugal*, no qual desenvolve o tema da «memória» levada ao Congresso, um ano antes, seguindo de perto o plano do ensaio histórico que inserira nas páginas do *Escholio*: «Vejamos: 1.° que filosofia temos actualmente em Portugal ? 2.° qual a que tivemos outr'ora, e melhor nos convirá por agora ?» [23]. Não passará despercebido o aparato erudito das notas apostas ao texto, apreciavelmente significativas de informação actualizada e de conhecimento dos autores portugueses que cita e cujas edições diz ter à vista.

Em 23 de Julho anotou: «Despachei hoje mais duas porções de folhetos, incluindo as remessas aos Ex.^{mos} R.^{os} Sñ.^{res} Núncio, Bispo de Coimbra e Bispo d'Angra». Durante o mês de Agosto esteve em férias. Ao resumir o que durante esse período fizera, lançou no *Diário* a 4 de Setembro: «Recebo um telegrama do Sñr Núncio, já retardado, pedindo o discurso, e carta para S. Santidade. Adio para outra ocasião a jornada ao Porto e venho para Viana a fim d'expedir esse negócio». No dia imediato: «Não está concluída a enca-

23 P. MARTINS CAPELLA, *Oportunidade da Philosophia Thomista em Portugal. Discurso na Solemne Academia celebrada pelo Seminario de Santo Antonio e S. Luiz de Gonzaga no Paço Achiepiscopal de Braga, no dia 16 de Maio de 1892*, Vianna, Typographia Silva Braga, 1892, 32 páginas.

dernação do discurso. Escrevo ao Senhor Núncio avisando que irá tudo no dia seguinte e explicando a demora». E, efectivamente, a 6; «Foi o discurso encadernado em setim branco e a carta».

O Cardeal Rampolla, em missiva datada de 18 de Outubro, que Martins Capela transcreve no *Diário*, agradece em nome do Sumo Pontífice, o qual apreciou o seu empenho e labor na explanação de tema tão a propósito: «Probat enimvero Sanctitas Sua industriam operamque a Te collatam in eo argumento explicando quod apprime accomodatum censet temporum locorumque rationi». É pela resposta do Núncio, Mons. Jacobini, ao pedido para divulgar aquele documento, que tem notícia de um outro: «Envia-me pelo correio hoje o Sñr Núncio a dizer-me que posso publicar a carta de Roma, e para isso devo entender-me com o meu ven. prelado pois também Ele recebeu de S.ª Santidade carta a recomendar o ensino da boa filosofia!... Bendito seja Deus que assim dispõe as cousas. Quem diria aqui há 6 anos que por tais caminhos iriam as cousas ?! Por tudo seja louvado e glorificado, e confundido o nosso orgulho sempre disposto ao mal. Irei amanhã a Braga conferenciar com S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo, pois quer o Senhor Núncio que também a carta ao Senhor Arcebispo seja publicada, para incentivo novo ao estudo da filosofia tomista. Entendi que melhor seria ir pessoalmente que comunicar por carta» (1892, Novembro, 4). E assim faz no dia seguinte: «Tempo cerrado e chuvoso. Depois da aula de filosofia segui no comboio para Braga. cheguei ao anoitecer e pelas 6 h. era já recebido pelo Senhor Arcebispo. Ouviu-me com benevolência e leu-me uma soberba carta de S. Santidade para Ele sobre o ensino tomista ! Bendito seja Deus ! como leva as cousas a fins muito superiores a que era lícito esperar ! Concertou-se que seriam publicadas no 1.º n.º do "A. da Religião"».

As palavras dirigidas ao Arcebispo D. António José de Freitas Honorato manifestam o agrado pontifício, de forma que o erudito e modesto eclesiástico, professor do liceu, não pensaria merecer [24].

---

24 Conforme as notas do *Diário* de Martins Capela informam, os dois documentos foram publicados no *Amigo da Religião, A Ordem, União*. As letras pontifícias endereçadas ao Prelado bracarense também se encontram na revista *Instituições Christãs*, Ano X, Segunda Série, n.º 10 (20 de Novembro de 1892), pp. 289-291. Ferreira Deusdado incluiu a transcrição das duas missivas de Roma no artigo intitulado «A Philosophia Thomista em Braga», na *Revista de Educação e Ensino*, XIII (1898), pp. 106-112. Martins Capela escreveu no *Diário*, em 15 de Novembro de 1892: «Enviei para França ao Director dos "Annales de phi. chr." o n.º do "Amigo da Religião" e um exemplar do discurso, a ver o que diz».

Quase um ano depois, a centena de exemplares em que imprimira a conferência estava exaurida e não poderia, talvez, satisfazer o pedido que lhe fazia um colega do Porto: «Também quer um exemplar do meu discurso na Academia do Paço de Braga o Dr. Flórido. Não tenho nem um. Veremos se pelo R.º P.e Joaquim Lopes lhe arranjo isso» (1893, Outubro, 5).

Nas aulas em Viana do Castelo Martins Capela adoptou o compêndio do Dr. Tiago Sinibaldi, que viera de Itália, em 1886, para ensinar no Seminário de Coimbra. No primeiro volume dos seus *Elementos de Philosophia*, publicado em 1891, tratava a Lógica, Ontologia e Cosmologia Geral, enquanto no segundo se ocupava da Cosmologia Especial, Psicologia e Teodiceia. Somente na reedição, em 1894, conforme explica nas palavras «ao leitor», completaria a matéria com «os elementos de Moral e direito natural ou filosofia do direito». Martins Capela, entretanto, sente-se compelido a preencher a lacuna: «Parece que outro remédio não terei, senão dar uns apontamentos de filosofia moral ou Ética aos alunos do liceu, [por] ser n'essa parte omisso o compêndio adoptado» (1893, Abril, 11). No fim do mês, a 29, diz: «Saí de tarde para levar a 1.ª parte do manuscrito da Ética ao tipógrafo. Tremo dos tipógrafos de Viana, mas outro remédio não há». A 9 de Maio: «Recebi hoje os primeiros folhetos da tal apostila e mandei já pelo correio uns 3 além de 16 que seguirão amanhã para Braga ao P. Joaquim que hoje me escreveu para isso». Frequentes registos do *Diário* mostram o esforço e cuidado que lhe deram as dezasseis páginas impressas de *Noção summarissima dos principios d'Ethica, aditamento aos «Elementos de Philosophia» do Dr. Sinibaldi*.

Em 1895 o *Diário* começa a registar as insistências que Martins Capela recebe a fim de voltar para Braga: «De tarde e de manhã cartas, do P. Aguiar e do Dr. João Guimarães convidando-me à transferência para lá. O segundo diz-me que depende de mim ser professor também no Seminário, o que prova assentimento do Prelado. Por tudo seja Deus N. Senhor louvado. Escrevo aos dois» (1895, Maio, 18). No dia seguinte: «De Braga escreve-me o velho mestre e amigo Visconde do Castelo a convidar-me para lá e oferecendo-me os seus serviços. Assegura-me que irei a contento de todos, o que é talvez um pouco forte... Do que eu não duvido é da boa vontade dele e de muitos outros. Pois direi como ontem: faça-se, se essa é a vontade de Deus. Prometi-lhe que requereria transferência». Apesar de não transparecer pessoal empenho na mudança, não deixa que a burocracia possa nele descansar desculpas: «No correio da manhã chega carta do dedicado amigo Dr. João Guimarães muito descontente do aspecto das cousas na campanha que se impôs a meu favor. Respondo logo a preveni-lo de que estou aparelhado para tudo e nada

me penaliza nem desconcerta, querendo Deus. Que trate ele de conservar-se no prumo diplomático do seu cargo. No correio da tarde, postal a dar por bem encaminhadas as cousas etc. que apareça eu quando possa. "Posso já". No comboio das 5 ½ para Braga, aonde cheguei pelas 9 h a tempo de nada fazer» (1895, Maio, 22).

Passaremos adiante os apontamentos que elucidam sobre o processo que então seguia a transferência de um professor liceal.

No fim de Maio estava concluída a redacção dos *Milliarios*, obra de «vinte e tantos anos de gestação», a que se refere a nota de 10 de Junho: «Fui no combóio correio a Braga, depois de expedir o manuscrito e provas para o Porto. Logo falei ao Senhor Arcebispo que me recebeu com especial amabilidade e formulou explicitamente o desejo da minha ida para Braga». Era para com ele introduzir o ensino da filosofia tomista aos alunos do curso teológico que o Prelado desejava a transferência de Martins Capela.

III

Tem Martins Capela cinquenta e quatro anos, quando vai lançar-se na mais significativa parte da sua vida docente.

Só a 6 de Outubro do ano seguinte, 1896, a Viana do Castelo lhe «chegou telegrama do amigo Dr. Guimarães anunciando "despacho" para Braga». E, no dia 8, parte: «De manhã sobrescritei grande número de bilhetes de despedida prontos a serem lançados no correio no primeiro momento. Quando pelas 4 h da tarde regressava do Carmo, depois da visita aos pobres da Conferência, mostraram-me o Diário do Governo com o despacho. Resolvi logo marchar no comboio das 5 ½. Feita a mala com o de mór necessidade, parti sem me despedir, senão do sacristão e das serventes. Em Braga hospedei-me, aquela noite, no Transmontano; e de manhã achando aberto o portão do quintal do Seminário por ele m'introduzi e com tanta sorte que logo dei com o bondoso Dr. Vice Reitor. Instalado, portanto, e *Te Deum laudamus*». Toma posse no Liceu de Braga no dia seguinte, a 9. Na data do seu aniversário anota: «É deste mesmo dia a portaria do Ministro da Justiça criando a cadeira de filosofia de Santo Tomás, anexa ao 1.º ano do curso do Seminário; e o ofício do Director Geral nomeando-me, por

proposta de S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo, professor dela ! Immutatio quanta rerum ! . . . ».

Veio a caber-lhe realizar o seu próprio voto, que era igualmente o de D. António José de Freitas Honorato, abrindo o curso a 4 de Novembro de 1896: «Primeiro dia de aula de filosofia de Santo Tomás. Curso numerosíssimo de 97 alunos; porém disciplinados, atentos e respeitosos. É de todos o que menos me custa, bendito seja Deus». O ensino elementar que o professor Manuel Messias Mendes Fragoso no Seminário de Santo António e S. Luís Gonzaga dava aos alunos de preparatórios fica assim complementado com a cadeira instituída no curso teológico.

Da competência que trazia para este magistério havia dado prova com o *Escholio*. Além da colaboração própria, aí inseriu transcrições da revista *Annales de Philosophie Chrétienne*, que já então assinava, com outras, como informa o *Diário*: «Escrevi para Paris e para Milão enviando três cheques de pagamento: um do "Dictionnaire des Dictionnaires", outro dos "Annales de philosophie" e outro da "Scuola Cattolica"» (1892, Maio, 19). Procurava estar actualizado: «De Louvain escreve um postal o Mr. Debarax a dizer que tem os livros pedidos e se eu quero m'os enviará pelo correio por não esperar por uma remessa doutros do P.e Pereira o que mal pode fazer por mar sendo pequena como é. Diz também que recebeu o dinheiro 23 ½ francos, pagamento de outra encomenda que não chegou ainda» (1894, Julho, 4). Tanto livros como revistas eram objecto de interessada e cuidadosa leitura: «É domingo da Paixão. [. . .] Saí de manhã 'té o pinhal da Meadela. Bem agradável passeiata, apesar do pó da estrada, com um fascículo dos "Annales de ph. chrét.". Li parte d'um artigo admirável de vigor de pensamento do P. Ackerman, acerca da constituição da matéria segundo Aristóteles e segundo Descartes. Para se estudar» (1894, Março, 11). Ainda em Viana do Castelo, procurava conhecer os rumos do ensino tomista nos centros de nomeada: «Escrevi para Louvaina a Mgr. Désiré Mercier. Veremos o que de lá surde. Não passará de sonho acordado tudo isto» (1894, Junho, 9). O objectivo da missiva para a Bélgica é dado pela nota de 16 de Novembro: «De Louvain manda-me Mgr. Désiré Mercier o programa dos cursos [de] estudos universitários». No dia seguinte «foi um bilhete de agradecimento a Mgr. Désiré Mercier, professor de Louvain». Parece que desejaria conhecer os planos que seguia o fundador do Instituto Superior de Filosofia da Universidade Católica de Lovaina, não decerto para orientar o seu magistério liceal, mas talvez por pensar neles vir a inspirar-se o ensino que auspiciava para o seminário bracarense.

Aí se encontra ele agora, seguindo o compêndio de Farges. Ao contar, em *A Roma ! Vinte e três annos depois*, a passagem por Toulouse, após referir que lhe «proporcionaram dizer a missa junto das relíquias de Santo Tomás de Aquino ! Seja Deus bendito por tam insigne favor e doce consolação» — descreve a visita ao seminário: «Sou logo remetido ao rev. padre Trémouilles, sulpiciano, professor de dogmática e director do seminário, que aguenta com exemplar paciência a minha impertinente curiosidade sobre a organização dos estudos. Convidou-me depois à capela, que forma em corpo separado e ao lado do terreiro, sombreado de árvores para recreio dos alunos, e é rica em pinturas de painel e a fresco. Fôra dos rev.os padres Carmelitas. Apresenta-me depois ao rev.o padre Superior, que pela mão me conduz ao refeitório a participar no almoço com os demais padres do seminário. Frugalidade e *riso* põe a gente à vontade.

— Então, professor no seminário de Braga ?

— Sim, meu padre, há falta de homens como lá dizemos.

— E professor de ?...

— Filosofia.

— Ah ! ali tem o seu colega ! e apontou-me para um moço sacerdote em frente de mim que de modesto sorriu, sem nada acrescentar ao cumprimento.

— Filosofia, a de Santo Tomás, não ?

— É; e pelo compêndio de um vosso confrade, o rev.o P. Farges» [25].

Aluno de Martins Capela no Seminário de Braga, Júlio de Lemos completa que na «sua prelecção, à margem do compêndio de Farges», «corria a dicção tam suave, translúcida e harmoniosa como a veia cristalina de uma fonte». E informava ainda que ele se dizia «anti-retórico intransigente», como talvez deva concordar-se que convém a um professor de filosofia. O depoimento de Júlio de Lemos acrescenta que «nessa aula do Seminário, que positivamente nos deleitava [...] é que Martins Capela malbaratou o melhor do seu espírito subtil, do seu vasto saber filosófico e humanista, da sua crítica irreplicável às insanidades doutrinárias, da puríssima bondade de coração que lhe transluzia na face serena e no gracioso falar» [26]. Não surpreenderá, assim, que o correspondente em Braga do diário portuense *A Palavra* dê notícia da conferência promovida pela Associação Católica, em 3 de Abril de 1898, pormenorizando que «o conferente, snr. Padre Capela, falou larga-

25 *A Roma ! Vinte e tres annos depois*, pp. 36 e 38.

26 Júlio de Lemos, *loc. cit.*, pp. 71-72.

mente de Deus, sua existência e conhecimento, sendo por vezes aplaudido» [27].

Após a anotação de 4 de Novembro de 1896, acima transcrita, em que fala da primeira aula de filosofia no Seminário, Martins Capela não voltou a abrir o *Diário* senão quase doze meses depois, a 19 de Outubro de 1897: «Nova interrupção de um ano ! Com o divino auxílio, a ver se isto emenda de vez». Resumindo, então, os acontecimentos de todo o longo intervalo, assinala: «Em congregação de professores do curso de teologia, no fim do ano lectivo, foi decidido que faria eu a chamada "oração de sapientia" na abertura solene, a 4 de outubro. Assim se fez e parece que menos mal, graças a Deus, apesar da minha notória incompetência. S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo dignou-se rever, antes do dia, o meu peco trabalho e encomiar muito, evidentemente por delicadeza e extrema bondade Sua».

Em fins de Setembro tinha escrito o discurso, mas regista a 24 de Janeiro de 1898: «Passei as férias do S. Natal no Seminário, entretido nuns retoques à tal *Oratio de Sapientia* que levei ao tipógrafo Artur de Sousa, no Porto, aí pelos primeiros dias de Janeiro. Ainda não mandou nenhuma prova. Também nas férias apresentei a S. Ex.ª o Senhor Arcebispo a minha petição de exoneração da cadeira de Física no Seminário, e o pedido da minha substituição no lugar pelo Dr. Santos Mota».

Em um opúsculo de vinte páginas, dedicado ao Prelado bracarense publicou Martins Capela a oração inaugural do ano lectivo, desenvolvendo o tema académico: «Inspiciendum ante omnia, quid sibi vult nomen istud *Sapientiae*; deinde *a)* ab ultimo rerum culmine, unde Dei Sapientia omnibus immensum eminet ac moderamine suo omnia servat regitque, exordientes, agnoscamus; *b)* qualis in homine ethnico fuerit Sapientia; *c)* qualis in homine christiano; tum *d)* qualis in sacerdote exopetetur, postremum *e)* in juvene sacerdotium ambiente». *De Sapientia*, logo começando pela distinção entre ciência e sabedoria, tratou em cuidada frase latina, conforme as melhores tradições académicas então respeitadas nos mais autorizados centros culturais europeus [28].

---

27 *A Palavra*, 5 de Abril de 1898.

28 *De Sapientia. Oratiuncula quaedam quam Anno Domini MDCCCXCVII, IV Nonas Octobres, dum Bracarensi in Seminario Beatorum Apostolorum Petri et Pauli studia solemniter instaurantur, habendam curavit Emmanuel Joseph Martins Capella, Presbyter, eodemque Seminario Schol. philos. professor*, Porto, Typ a vapor de Arthur J. de Sousa & Irmão, 1898, 20 páginas.

DE SAPIENTIA.

ORATIUNCULA QUAEDAM

QUAM

ANNO DOMINI MDCCCXCVII,
IV NONAS OCTOBRES, DUM BRACARENSI
IN SEMINARIO BEATORUM APOSTOLORUM PETRI
ET PAULI STUDIA SOLEMNITER INSTAURANTUR,
HABENDAM CURAVIT

EMMANUEL JOSEPH MARTINS CAPELLA

Presbyter, eodemque Seminario Schol.
philos. professor.

PORTO
Typ. a vapor de Arthur J. de Sousa & Irmão
71, Largo de S. Domingos, 79
1898

Frontispício do opúsculo *De Sapientia*

D. António José de Freitas Honorato, que lhe satisfizera aquele desejo, e dispensara da leccionação da Física, vem a falecer no fim de Dezembro de 1898, sucedendo-lhe D. Manuel Baptista da Cunha, em Maio seguinte. Falaremos adiante, com mais pormenor, deste período da vida de Capela.

Nos esboços e narrativas da viagem a Roma, em 1877, por trás do cronista aparece o arqueólogo, pároco colado na freguesia natal da Carvalheira, que jornadeava pelos caminhos ásperos, atento ao que pudesse descobrir ser um marco miliário. Vinte e três anos depois, professor no Liceu e no Seminário de Braga, havia-se modificado a sua área de interesses e preocupações culturais. Mas, até nas páginas impressas do novo livro de recordações, com sua ingénua graça, confessa: «Cá por dentro, verdade seja, boa gana sentia já de anos e não poucos, de voltar de pausado à jornada de Itália; já que tão deficiente fora a primeira por escassez de tempo e de outros ingredientes, fáceis de entender não de remediar. No aperto porém das actuais circunstâncias, como lograr aquele propósito ? Não se pensava nisso, não o pensava a gente, e a quem em tal coisa falasse respondia-se não ser possível» [29].

No *Diário*, após o apontamento de 10 de Maio de 1900, coloca um título: «Nova grande interrupção». Sob ele resume os acontecimentos ocorridos no intervalo dos trinta e oito dias de viagem a Roma, que também sumariamente regista. Diz, em certo passo: «Dois objectivos principais tive nesta minha segunda viagem ao estrangeiro: tomar parte na peregrinação portuguesa a Roma, ganhando o grande jubileu do Ano Santo e prestando minhas pessoais homenagens ao grande Papa Leão XIII que em 2 dias vi na igreja de S. Pedro (Canonização dos Santos La Salle, fundador dos Irmãos das Escolas Cristãs, e Rita de Cássia) (e recepção das peregrinações portuguesa, francesa e alemã) e visitar os Seminários das principais cidades de Itália, França e Espanha que me não ficassem muito fora de mão. Isto fiz, com a graça de Deus, e voltei com os meus apontamentos, que reduzirei a melhor ordem se Deus N. S. me der vida e vagar».

Não vê ao seu alcance Martins Capela oportunidades de enriquecimento e valorização que não aproveite. Em vez de regressar com a comitiva, demorou-se por outros caminhos, a fim de passar pelos seminários de Nápoles, Florença, Bolonha, Pádua, Verona, Milão, Turim, Lyon, Tours,

29 *A Roma ! Vinte e tres anos depois...*, p. 11.

Poitiers, Bordéus, Burgos e Salamanca[30]. A mais circunstanciada e proveitosa visita foi à Universidade Gregoriana, em dois dias de estada em Roma: «Palestrando subimos até à galeria, onde me apresentaram ao rev. Padre Miguel de Maria, SJ, Prefeito dos estudos, que de bastantes anos conhecia eu de nomeada, por uma obra de pulso que publicara dos *Opúsculos* de Santo Tomás, com introduções e explanações críticas de grande valor.

«Apareceu entrementes o boníssimo doutor Agostinho, que anos há vira em Braga antes da sua partida para Roma, ainda bisonho e envolto naquela sua incurável modéstia de sempre. Sem custo nos reconhecemos, e fomo-nos logo pela galeria dizendo muitas cousas de cá e de lá, como sucede em casos tais. E como lhe comunicasse o meu empenho em algo entender da *ordo studiorum* nesta sua famosa Universidade, proporcionou-me segunda entrevista com o rev. Padre de Maria, que nos recebeu no seu gabinete e indicou chã e sucintamente a organização dos estudos, acompanhando a notícia com um exemplar do anuário que diz o principal».

Não poderia, no entanto, contentar-se com uma espécie de vista do exterior, como prossegue: «Para tomar o pulso porém à vida íntima da ilustre escola, não bastava a fria e pautada informação oficiosa; havia mister assistir, uma só vez que fosse, aos exercícios escolares. Falhou-me a primeira tentativa numa das aulas de Filosofia, por a ninguém ser permitido, como na Alemanha, lá penetrar depois da entrada do curso e do professor; à segunda porém, havida vénia do rev. Padre Prefeito, entrei com os alunos na sala e com eles saí». Como sempre, é aprazível a descrição que Martins Capela faz da lição a que assistiu: «Por íngreme e estreita escadinha de madeira subiu a cátedra, alta e em forma de púlpito, o professor, que tresouvi se chamava Padre Remer, SJ, lente de metafísica especial para os alunos do segundo ano. Todos se abancam, reina silêncio e principia a prelecção sem o mais leve indício de maneiras estudadas ou frases banais, deslisando até ao fim modesta, clara, singela, luminosa, concludente, sem esforço nem vãos aparatos de erudição, nem cavilhas de dialéctica, nem ornatos retóricos. É em latim, mas a dicção corre tam suave, translúcida e harmoniosa como a veia cristalina de uma fonte. Um modelo no género.

«Andava na tela o tratado da origem e formação dos conhecimentos humanos, e tiveram sua vez naquele dia as hipóteses de Leibniz e de Rosmini.

---

30 O capítulo IX de *A Roma! Vinte e tres annos depois* (pp. 291-343) é constituído por «Notas em appendice» e trata «Dos estudos nalguns seminarios estrangeiros», com elementos sobre o seu ensino e programas.

Foram, quanto pude perceber, expostas com inteira lisura, e criticadas com ânimo sereno e justeza de doutrina, seriedade e modéstia habitual. Era fácil compreender que se respeitavam ali mutuamente mestre e discípulos. Nem dele tiravam os olhos, senão um que outro, para tomar em silêncio alguma nota fugitiva. E apesar das vistas imaginosas e conclusões excêntricas a que chegaram nalguns pontos os dois grandes pensadores, só uma vez surpreendi no semblante dos alunos um ligeiro sorriso, como de aragem insensível sobre o espelho de um lago. Ao fim de 50 minutos de prelecção, perguntou se alguém tinha observação a fazer sobre o exposto, e como ninguém tomasse a palavra, cerrou o livro do texto e desceu. Por minha parte, concentrou-se-me o pensar neste como suplício de Tântalo, de que vim monologando: Quanto não daria para seguir este curso ! É tarde porém, muito tarde» [31].

Voltou no dia seguinte, para assistir a algo de semelhante às sabatinas que havia instituído no seminário bracarense: «Enquanto o bom P.e Barreiros acompanhava ao *bota-fora* a nossa gente, por volta das nove da manhã, cá a pessoa, aliás com sua pontinha de saudade da companhia e da pátria, virava de bordo para a Gregoriana, com o propósito de assistir a uns exercícios académicos; que não se pode servir dois senhores ao mesmo tempo. Eram umas teses a que lá chamam *círculo* ou cousa assim. Num vasto salão da universidade estava já, quando a gente entrou, um mundo de académicos de todos os cursos e nacionalidades, o corpo docente assentado em cadeiras sobre um estrado atapetado, e vários convidados ou curiosos por aqui e por ali, acomodados pelas extensas bancadas. Como encontrasse um lugar de vago logo á entrada, aí me quedei meio encolhido; que sobre ser forasteiro, o vestuário de viagem não dizia com a gravidade e correcção que o acto pedia.

«Não valeu porém essa circunstância, porque o rev.mo P.e de Maria, Prefeito dos estudos, que dias antes me dera a honra de uma entrevista, teve a amabilidade de vir tirar-me pela mão, do meu canto para uma cadeira do estrado !! De nada valeram escusas e rogos; e como era casa alheia, melhor estava obedecer e sem relutância de maior. Além de que essa honra era para o seminário de Braga, que a gente não ia autorizado a enjeitar. Uma folha com as teses, de Direito Canónico e de Dogmática, completara a gentileza.

«Bem está. O pior é que, vendo-se a gente sentado no plano dos Remer, dos de Maria, dos Bucceroni, dos Billot, não lhe saía da mente a fábula galhofeira do "Gralho entre os Pavões"... Tem sempre este precalço a glória postiça.

---

31 *Ibid.*, p. 68.

«Em frente do estrado alevanta-se a cátedra à maneira de púlpito, onde o aluno previamente avisado tem de ler a sua dissertação, de pé, e sustentar a tese contra dois arguentes, seus condiscípulos, se houver lugar para argumentação». Passemos sobre o parágrafo em que Martins Capela relata os temas discutidos naquela sessão, para concluirmos a transcrição com o comentário que fecha esta página descritiva: «Optimamente, e de boa gana aplaudiria se o consentisse a seriedade do acto» [32].

No início do seu ensino no Seminário de Braga, introduzira a prática escolástica da sabatina, de que dá notícia nas colunas do diário portuense *A Palavra*, em curiosa descrição: «Já no ano passado se ensaiou menos mal, graças a Deus, a discussão por quatro alunos de filosofia, dois a dois, de duas teses perante os três cursos de teologia e os superiores do Seminário: Presidência do prof. Cunha Guimarães, doutor em filosofia; música da casa; viva curiosidade, expansão, discussão animada, ditos agudos, finas observações; uma boa noite, em suma.

«Voltamos este ano à carga a 18 do corrente: a mesma presidência; música cheia, casa melhor.

«O primeiro ponto: *Rerum physicarum finalitatem, tam naturalem quam transcendentalem, adversus determinismi fautores adstruimus*, foi defendido pelo aluno António Corrêa, de Rio-Mau, S. Cristóvão, e impugnado por Américo Nilo, de Varzim. Bem os dois. A firmeza imperturbável e pausa do Corrêa desconcertaria qualquer outro que não fosse o Nilo, que com toda a chanternidade fleugmática lhe foi garrochando a tese o melhor que pôde: garrocha sacudida, garrocha renovada.

«Aos alunos António Botelho, de Vila Real, S. Pedro; e João Leite, de Sande, S. Clemente, tocou respectivamente defender e arguir o segundo ponto: *Evolutionis legem ultra specierum limites, seu hodiernum transformismum, uti hypothesim experimenti fundamento carentem rejicimus.* Botelho, que é moço inteligente e estudioso, versou a preceito a matéria, socorrendo-se além dos livros, dos artigos dos últimos números de revistas como *Le Cosmos* et *La Revue des Questions scientifiques* que, entre outras, o Seminário tem de assinatura. Assim produziu um trabalho sério e bem deduzido, notável mesmo para um simples estudante do 1.º ano teológico.

---

32 *Ibid.*, p. 119.

A arguição não foi tão viva como se esperava; a empresa porém não era fácil, como se depreende do exposto» [33].

No dia seguinte, *A Palavra* anunciava «novas justas, apalavradas para o primeiro dia a jeito no próximo Abril. Sairá a terreiro em defesa da primeira proposição: *Humani intellectus unitatem, duplicem quoque ejus virtutem, agentem scilicet ac possibilem, contra quosdam propugnamus*, o aluno António Maciel, de Celorico (Basto) Infesta; a 2.ª *Adversus fatalistas tam veteres quam recentes, pro arbitrii libertate contendimus*, terá como defendente Joaquim de Sousa, de Lanhoso-Sant'Iago. A cargo de Henrique Pereira, de Riomau-S. Martinho, ficou a impugnação da primeira; a segunda, por conta de Francisco Silva, Braga-S. Jerónimo».

Estas práticas escolares, actualmente postas de lado em toda a parte, ao que supomos, eram então e continuariam sendo uso corrente em instituições que enraizavam em tradições medievais de valor pedagógico não despiciendo. Poderá talvez estranhar-se o teor das questões postas para a controvérsia académica, mas é indispensável ter em conta o ambiente cultural da época e os temas característicos da escolástica.

Para uso próprio e para colocar à disposição dos alunos, vai enriquecendo a sua biblioteca: «Recebi hoje os livros de Farges, pedidos de Paris, pelo P. Matos procurador. Com os que temos no Seminário completam a colecção dos publicados pelo autor sobre filosofia. Não falta a ferramenta, já que o carpinteiro é boçal» (1899, Outubro, 29). Solicita permissão para adquirir volumes das livrarias dos extintos conventos: «Recebi afinal a licença da Nunciatura para mercar alguns livros do espólio dos frades. Ainda ontem foi carta a pedir informação» (1892, Junho, 9). Deixará ao Seminário oito centenas de volumes sobre História, Arqueologia e Filosofia [34]. Mas, entretanto, ficam ao serviço dos estudantes mais interessados: «Organizo uma relação dos meus livros de filosofia para a Biblioteca onde os rapazes possam escolher e pedir, por intermédio do R.º P. Moura» (1897, Novembro, 21).

Não se limita a seguir o compêndio, mas todos os instrumentos de trabalho são utilizados na preparação das suas aulas: «Nem saí de casa, *more*

---

33 *A Palavra*, Ano XXVI, n.º 237, Porto, 29 de Março de 1898.

34 Mons. JOSÉ A. FERREIRA, *História Abreviada...*, p. 481, nota 2. No *Diário*, Martins Capela diz no excurso acerca do período de Outubro a Dezembro de 1912: «... em casa queimei uns 20 e tantos volumes das obras do Index».

solito dos domingos e pouco mais fiz que ler expositores sobre a lição de filosofia: "Origem e destino do homem"» (1899, Março, 5). Nem se restringe ao magistério da sala de aula: «Vou lançando as minhas linhas para uma conferência aqui no Seminário, segundo o plano delineado no ano passado. Será sobre o "Naturalismo" se puder ser» (1898, Novembro, 1). A sessão viria a realizar-se em fins de Janeiro do ano seguinte: «Graças a Deus que não correu mal a tal palestra: assistiram os dois vice-reitores, de Braga e Guimarães, que por acaso apareceu, cónego Simões, prof. Visconde do Castelo, Alves de Moura, Fragoso, Santos Mota, P. Miranda, P. Forte e padres do Seminário. De seminaristas, o salão cheio e atentos» (1899, Janeiro, 25).

Também na imprensa de vez em quando aparece. Por exemplo, em *A Palavra*, de 6 de Abril de 1898, em artigo intitulado *Clero no ensino secundário*, defende a necessidade de o clero ser bem instruído, e propugna que o curso secundário dos Seminários seja adaptado à nova reforma do ensino, para que aqueles que concluíram o curso teológico não fiquem impedidos de ingressar na docência do ensino liceal oficial.

IV

Voltemos a acompanhar Martins Capela, seguindo-lhe as notas do *Diário*.

Em 1903 chega da Universidade Gregoriana, laureado e aureolado de prestígio, o Doutor Agostinho de Jesus e Sousa. Pensa o Padre Capela que encontrará bom acolhimento junto do Prelado uma primeira tentativa para ver-se substituído: «Assentei com o Rev.^{mo} Sr. Vice Reitor ir eu apresentar a S. Ex.ª o Senhor Arcebispo a proposta da minha exoneração para a entrada do Dr. Agostinho de Jesus. Amanhã à noite irei, querendo Deus e permita Ele seja do seu divino serviço» (1903, Setembro, 25). Tinha falecido em Dezembro de 1898 o arcebispo D. António José de Freitas Honorato, que havia satisfeito o pedido de dispensa para a cadeira de Física. Em Maio de 1899 era Arcebispo de Braga D. Manuel Baptista da Cunha, a quem se refere a anotação do *Diário* a 14 de Agosto: «Lá fomos à Congregação final, no Paço. S. Ex.ª sempre correctíssimo, no porte, no alvitre, nas referências: quer saber tudo. Quis saber dos livros adoptados, um por um, manifestando tenção de substituir alguns entre os quais o de Filosofia. [...] Em filosofia, incli-

na-se para o Sinibaldi. Temos homem: assim exprimo sinteticamente o meu juízo, e praza a Deus me não engane» [35].

Não seria naquela manhã de 1903 que Martins Capela encerraria o seu magistério de filosofia tomista no Seminário Conciliar de Braga: «À noite fui ao Paço pedir a S. Ex.ª me aceitasse a minha exoneração de professor do Seminário para dar lugar ao Dr. Agostinho; mas não consegui nada, infelizmente. Faça-se a vontade de Deus e vamos andando enquanto Deus quiser. Agora do Liceu estou esperançado que a cousa se faça, para dar lugar a outrem. Como quiserem» (1903, Setembro, 26).

Do Liceu, efectivamente, fará a primeira despedida. Começa o novo ano lectivo e agrava-se a faringite: «Sinto cada vez mais preso da voz e já prevejo que não poderei aguentar-me além das férias do Natal. Faça-se a vontade de Deus» (1903, Novembro, 28).

Não irá além daquele ano a sua actividade liceal: «Veio o médico e depois de me examinar os achaques, declarou que devia suspender o trabalho e descansar o órgão da voz. Pois seja e faça-se a vontade de Deus» (1904, Abril, 30). No dia seguinte, domingo: «À noitinha fui ao Paço pedir licença de me ausentar por um mês para descansar. Concedida, vista a necessidade; quer porém que volte ao menos para os exames. Se me Deus N. S. der forças virei de boa-vontade. Não quer convencer-se de que não possa eu para o ano continuar o ensino do Seminário. Queira Deus N. S. que assim seja; mas temo que se engane». Na segunda-feira: «Hoje em conselho escolar do Liceu apresentei ao Sr. Reitor um ofício dando parte da minha impossibilidade para continuar ao serviço. Foi aceite e parece será escolhido para o meu lugar o R. º Dr. Esmeriz, interinamente. Disse duas palavras de despedida, e dando satisfação a alguns colegas, de alguns ditos meus azedos. Fique-se em paz o ensino liceal que levei, Deus sabe como, durante 16 anos consecutivos; Ele me não tire contas das minhas faltas !...».

Iria fazer 62 anos de idade. Em Outubro está de novo no Seminário: «Tive hoje aula cá no Seminário e nem por isso estava mentalmente bem disposto.

---

35 A obra de Sinibaldi viria substituir o compêndio de *Philosophia scholastica* de A. Farges - D. Barbedette, utilizado durante bastantes anos em Braga. Supomos a este se referir a nota de 24 de Outubro de 1898 do *Diário*: «Chegaram hoje, quase de improviso, os livros para as aulas vindos do Havre ao Porto. Já tardavam com prejuízo do ensino». Veja-se sobre Sinibaldi a Enciclopédia *LOGOS*, vol. IV, s.v., cols. 1156-1158.

Lá fui andando como Deus é servido e por descargo de consciência. E mais algo tinha preparado de antemão. É que os anos entibiam as faculdades. A vontade de Deus seja feita» (1904, Novembro, 5). Muito lhe pedirão ainda, e não regateará os seus serviços. Anota a 20 de Janeiro de 1908: «No Liceu prometi ao Rev. P. Peixoto que faria um diálogo para a festa de Santo Tomás. Ora queira Deus que possa desempenhar-me a contento de todos». O Padre Manuel Joaquim Peixoto havia fundado em Braga, em 1896, um Colégio de São Tomás de Aquino, que subsistiria até 1921. Martins Capela a 13 de Fevereiro tem pronto o trabalho literário: «Depois de jantar fui ao Colégio de Santo Tomás levar o diálogo para a festa do Santo Padroeiro, o qual entreguei ao rev. P. Peixoto...».

Mais lhe vão solicitar, em 20 de Julho de 1908, e não saberá dizer que não: «Pelas 11 ½ horas tivemos a chamada congregação final, para classificação, abertura de aulas no futuro ano lectivo e oração *de sapientia*, que infelizmente tive de aceitar apesar da minha enfermidade de garganta». Logo começa o trabalho, dois dias depois: «Nem saí de casa, pouco fiz, além do ordinário. Apenas algumas linhas para o discurso dito *de sapientia*...». Nisso se afadiga durante o mês de Julho, conforme várias vezes regista. Em fins de Setembro está «pelo Seminário, ocupado, extraordinariamente, a passar a limpo e completar o tal discurso para a abertura das aulas. O mesmo nos dias 22 e 23».

A sessão foi a 8 de Outubro: «Lá passou o cuidado de ler a papeleta no acto de abertura dos cursos, e parece que menos mal, segundo dizem. O Rev.mo Cónego Xavier pediu-a para publicar na *Voz da Verdade* e lá lh'a dei. Estavam muitos professores faltando apenas por doença os cónegos Cunha Guimarães e Cunha Brandão, de teologia, e o dr. Moura, de preparatórios. Assistiram também na galeria Mons. Lopes, Rev.º P. Campo Santo, e Mons. Tiago Sinibaldi que apareceu de improviso». Estavam presentes cerca de 140 alunos teólogos, a quem leu o discurso intitulado *Padre do seu tempo*, que as indicações do *Diário* nos levaram a encontrar no semanário bracarense *Voz da Verdade*, repartido por dois números [36].

Em 28 de Outubro de 1910, dia dos seus 68 anos, faz intencional pausa no *Diário*: «porque estamos com o pé no estribo, ignorando o que de nós

36 *Voz da Verdade*, Revista Religiosa, Ano 15, n.os 42 e 43 (Braga, 15 e 22 de Outubro de 1908), pp. 498-500 e 510-512.

disporão os Senhores do Governo, ponho aqui ponto nestas notas, mandando com outros este livro para casa paterna». Aí apontará, a 27 de Maio de 1911, que «depois de sete meses de interrupção, durante os quais muita coisa digna de nota passou entre nós, saiu do caixão aqui em Carvalheira com outros livros o presente de notas diárias». Pensa terminados os seus trabalhos, dadas as circunstâncias: «Eu recebi um jornal à tardinha já. Li que o Seminário de Santo António seria convertido num internato para alunos seminaristas a quem falte algum preparatório e pelos que quiserem frequentar o Liceu. Não percebi se no dito Seminário haverá exercícios escolares. Em todo o caso daí infiro que para lá não irá o curso teológico e portanto teremos fechado este ano o Seminário Conciliar, apesar da tal lei [?] o *permitir* em Braga. Por mim não o sinto grande cousa vendo de há muito que em qualquer hipótese ficarei de vez por aqui, se me deixarem; que ninguém sabe onde tem de acabar os seus dias» (1911, Setembro, 24). Não será ainda o fim: «Pelo correio tive carta do Rev.mo Sr. Vice Reitor Dr. Pimenta anunciando-me abertura das aulas do Seminário para o dia 3 de Janeiro e convidando-me a comparecer no meu posto. Farei o que puder» (1911, Dezembro, 21).

Depois de uma anotação de 1 de Janeiro de 1912, as páginas do *Diário* só serão retomadas dois anos mais tarde. Largos períodos de tempo são, porém, de quando em quando lembrados, em alguns parágrafos. Diz que voltou ao ensino dos seminários desde Janeiro a fins de Junho e que os alunos do primeiro ano de teologia foram dispensados de fazer exame, passando todos. E, adiante, sob o rótulo cronológico *Julho a Setembro*: «Por este tempo entrei de pensar outra vez em recolher a casa, não tanto pelo aspecto feio das cousas como por sentir as forças decair visivelmente e para tomar conselho e despedir-me pedi ao meu parente Dr. Freitas, abade de Adaúfe, uma entrevista nas Sete Fontes: Aconselhou que fazia bem retirar-me e assim cheguei a procurar o nosso Vice-Reitor para lhe entregar um pedido de exoneração de professor do Seminário para ser enviado a S. Ex.a o Senhor Arcebispo. Não o encontrei porém durante muitos dias, e entretanto pensando melhor nas circunstâncias críticas do Seminário pareceu-me mal dar parte de fraco e resolvi seguir ainda um ano...». Em resumo do intervalo de Outubro a Dezembro de 1912, começa: «As aulas do Seminário principiaram por 20 de Outubro sem solenidade de abertura: o juramento dos professores tivemo-lo na residência arquiepiscopal poucos dias depois. Por minha parte principiei o serviço optimamente disposto de ânimo e regular de saúde, com um curso de 20 rapazes que me pareciam inteligentes e bem apostos ao trabalho. Apenas fui 4 vezes à aula e nas vésperas da festa dos Santos resolvi,

de um dia para o outro, vir a Carvalheira por dois ou três dias. . . ». Entretanto, um forte reumatismo reteve-o na aldeia natal e, nos primeiros dias de Novembro, dá por terminados os seus labores docentes: «Não tendo afinal possibilidade de jornadear, nem a pé nem a cavalo, quis Deus N. Senhor por sua misericórdia esclarecer-me o espírito com a manifestação da sua divina vontade, de que devia considerar findos os meus serviços do ensino, enviando ao nosso Ex.mo Vice Reitor o pedido da minha exoneração para transmitir ao Senhor Arcebispo. Esta resolução deixou-me em tanta paz o espírito que não duvidei mais da sua origem superior.

«Bendito seja Ele ! E como em Braga tinha deixado muitas cousas do uso quotidiano que me faziam falta, pedi a meu irmão José fosse lá no dia seguinte, sendo portador do ofício de exoneração e arrecadando e reconduzindo livros, roupas e mais miudezas.

«Ainda me lembrei de pedir 2 meses de licença para tratamento; considerando porém a minha idade avançada e os achaques conhecidos, e por outro lado sabendo que alguns colegas, novos e formados em Roma esperavam vaga, pareceu-me indecente tal pedido. Cuido que assim mesmo S. Ex.ª o Senhor Arcebispo não aprovou o meu passo, pois demorou meses a resposta ao ofício, se bem que logo encheu a vaga com a nomeação do Dr. António Bento Martins Júnior. Paciência ! Também alguns amigos de lá que sobre o assunto m'escreveram, deixaram transparecer a hipótese de ter havido manha ou precipitação da minha parte ! Escrevi-lhes a dizer as cousas como foram em verdade e acabou-se».

Acabou-se, sim, aos setenta anos, o magistério oral de Martins Capela. Não a sua actividade de escritor.

No 4.º volume do *Diário*, em registo de 25 de Novembro de 1907, encontramos: «Quer o P. Luís que lhe escreva eu uma memória ou panfleto em defesa da igreja dos Remédios ameaçada pelo camartelo municipal para abertura de uma rua ou *avenida* como dizem. Só esta me faltava, para abrir falência de escritor ! Já trago atrasadas e gizadas, nem eu sei quantas *obras* de fancaria ! Só falta esta ! . . . E haver de lhe dizer que sim !». Exactamente um mês depois, no dia de Natal, apontou: «Comecei ontem a lançar as linhas para o panfleto acerca da igreja dos Remédios, e continuei hoje com apontamentos quanto à trama da obra. Agora me convenço de que é preciso algo fazer e dizer contra a onda de má vontade às cousas da Igreja Católica, mesmo em Braga. Que será por fora !».

Em 1913, «de Braga foram vindo as provas para o panfleto *Em lembrança da extinta igreja dos Remédios, de Braga*, publicado a expensas do Rev.mo P. Luís Gomes». Saiu impresso nesse ano o opúsculo que o capelão dos Remédios pedira a Martins Capela em 1907. Era, naquela altura, tempo ainda de evitar a sua destruição. Encerrada, porém, a 3 de Abril de 1911, a igreja começou a ser demolida e, portanto, aquelas páginas constituiríam tão-só descrição das diligências efectuadas à volta da polémica iniciativa. Enquanto, por um lado, reclama contra a demolição, por outro faz a história da igreja. Pertencia ao convento dos Remédios, ou Instituto de Nossa Senhora dos Remédios, Piedade e Madre de Deus, fundado no século XVI. Era a terceira igreja construída para uso das religiosas, de todas a mais ampla e melhor adornada, erigida no século XVIII.

O Padre Luís Gomes da Silva, dissera-lhe: «Veja agora o meu amigo se pode mandar uma notícia da igreja para a *Voz da Verdade*». A sua resposta aí está: «Que sim, e já nisso pensara. Assentamos depois se publicasse em folheto qualquer simples monografia, que desse lembrança da devota igreja a quem depois vier, e valesse também como sentido protesto da nossa parte. E aqui está a explicação senão a razão do presente escrito, que vai assim a modo de fotografia póstuma de finado, triste produção aceitável apenas para ficar de lembrança, em família. E porventura ainda como protesto magoado de quem se viu esbulhado da sua igreja: *Feri, mas escutai!*» [37].

Em defesa de um valor religioso e artístico de Braga, e com o nome de Braga no seu título — assim é a última obra de Martins Capela.

V

Não foi Martins Capela um filósofo nem propriamente um doutrinador, mas antes um professor e um escritor. Era um professor, um estudante que nunca mais deixa de o ser... A descoberta, no Liceu de Viana do Castelo, de obras de São Tomás entusiasma-o: «Encontrei na biblioteca 2 vol. da Suma

37 *Em lembrança da extincta Igreja dos Remedios, de Braga*, Braga, Typ. a vapor dos «Echos do Minho», 1913, 74 páginas; cf. p. 7. Além do trabalho publicado na *Revista Portuguesa de Filosofia*, citado supra, nota 12, utilizámos também as páginas que escrevemos na revista *Bracara Augusta*, tomo XXXI (Braga, Janeiro-Dezembro de 1977) de que se fez separata.

Teológica anotada do Cardeal Caetano. Um achado !» (1892, Dezembro, 15). Anos depois, já em Braga: «Diz-me de Viana o amigo Presa que o R. P. Borlido, atendendo ao empenho que na Suma tenho, m'a cedia pelo preço que a tem e não mais (3$000 r.). Fiquei muito satisfeito e escrevi-lhe um bilhete...» (1910, Janeiro, 23).

Deixaria como legado ao Seminário Conciliar de Braga toda a sua biblioteca.

É a obra de Martins Capela, escassa embora, razão bastante para se lhe guardar o nome ao falar do tomismo em Portugal no século XIX ? Tem de ser ela conjugada com a sua actividade docente, com a sua colaboração vária na imprensa, com o prestígio da sua personalidade. E tudo há-de inserir-se no global movimento de renovado interesse pela doutrina do Aquinatense.

Em 1869 e 1870, um decénio antes da *Aeterni Patris*, o jesuíta Francisco Xavier Rondina publicava em Macau os dois volumes do *Compendio de Philosophia Theorica e Practica para uso da mocidade portuguesa na China*, que em muitos capítulos traduz Liberatore, como averiguámos. Poucos meses depois de impresso no Oriente era utilizado em Lisboa e no Porto, por exemplo.

Para responder à encíclica de 4 de Agosto de 1879 — que logo apareceu, divulgada em vernáculo, e comentada pelo conde de Samodães, na revista *O Progresso Catholico* —, o professor da Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra, Doutor Luís Maria da Silva Ramos, sugeriu ao Prelado diocesano a introdução de uma cadeira de filosofia tomista no seminário [38]. O bispo D. Manuel Correia de Bastos Pina deu seguimento à proposta e, em Outubro, foi criada a cadeira de Filosofia escolástica de São Tomás, para os alunos do primeiro ano do curso teológico de Coimbra, que assim completariam o ensino anteriormente dado na cadeira de filosofia do curso secundário de preparatórios. Entregou a regência ao próprio Doutor Silva Ramos, que adoptou como compêndio o livro de Sanseverino. Sucederam-lhe os Doutores Augusto Eduardo Nunes e Manuel de Azevedo Araújo e Gama. Em 1886 viria de Itália o Doutor Tiago Sinibaldi para encarregar-se deste ensino. A fim de dar maior divulgação à doutrina de São Tomás, fundou-se uma Academia, destinada a promover solenes sessões públicas. Em 1883 começou a publicação das *Instituições Christãs*, como «Revista quinzenal,

38 Ver a revista *A Sciencia Catholica*, vol. I (Coimbra, 1884), p. 191, nota 2; cf. no vol. III (1888), a nota assinada pela redacção, p. 7.

religiosa, scientifica e literaria, Órgão da Academia de Santo Thomaz d'Aquino no Seminário de Coimbra» (11 volumes, 1883-1893). Aí se relatam as sessões e se imprimiram muitos dos trabalhos nelas apresentados [39]. A revista constituiu um factor muito importante da cultura filosófica e teológica, e as suas páginas necessitam de ser percorridas para se elaborar a história do renascimento tomista em Portugal.

Nesta história tem lugar de relevo e não pode ser olvidada a Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra, que não ficou alheia ao apelo de Leão XIII, ao menos através da actuação de alguns dos seus mestres mais distintos. Muitos deles são colaboradores das *Instituições Christãs*. Compare-se com esta publicação a *Revista de Theologia*, «Jornal religioso, scientifico, moral e litterario publicado em Coimbra por alguns Lentes da Faculdade de Theologia». Não foram os redactores capazes de mantê-la por mais que um ano (1877-1878), perfazendo um volume de 572 páginas. Lemos o artigo do Doutor Motta Veiga, intitulado «A Theologia catholica e o século actual», e o do Doutor António João de Franca Bettencourt sobre «O atheismo dos nossos dias», mas não encontramos referência ao Aquinate. Vêmo-la em uma nota aposta vagamente, e quase sem significado, no artigo de Motta Veiga, «Os *livres-pensadores* e a ordem social». São Tomás aparece na colaboração do Doutor António Bernardino de Menezes, «O clero catholico», neste contexto: «Que myriades de sabios, poderosos em obras e palavras, se não educaram n'estes adytos da sciencia e da religião ? E que serviços não prestaram na exposição, desenvolvimento e defensão da doutrina evangelica nas escholas e universidades da edade media ? Basta nomear S. Thomaz e S. Boaventura»...

Também em Coimbra surgiu *A Sciencia Catholica*, «Revista mensal de propaganda Escholastica», dirigida, com o concurso do Doutor José Maria Rodrigues, pelo Doutor Silva Ramos (3 volumes, 1844-1889). Traduziu este as Conferências de Monsabré, *Exposição do Dogma Catholico* (Coimbra, 1887 e segs.), para «restaurar em Portugal a áurea doutrina do Angelico doutor», já que «o Padre Monsabré soube amenizar com as bellezas e os perfumes da sua palavra eloquente, a severa austeridade das formulas didacticas e as difficeis concepções philosophicas da escholastica-thomista para cuja

39 Ver BRITO CARDOSO, *A filosofia neo-escolástica no Seminário de Coimbra*, Coimbra, 1968, Separata da revista *Estudos*, XLV, 5 (1967), pp. 410-420.

comprehensão é necessario aturado estudo e profunda meditação», conforme diz no prólogo.

A Empresa Editora da *Revista Católica* publica em tradução de Pedro Maria Dantas Faria revista pelo Dr. Miguel Ferreira de Almeida os seis volumes do *Curso de Philosophia* (Viseu, 1904) de D. Mercier, que para a versão portuguesa escreveu um prefácio [40].

O renascimento tomista, iniciado em Portugal no século XIX e que se projectará no presente, não é só o ressurgir de uma corrente doutrinal [41].

Influi também, de certo modo, na renovação mesma da filosofia entre nós. Será preciso tê-lo em conta a propósito das intervenções polémicas com o Positivismo. Aos nomes acima citados haverá outros a juntar, tais como por exemplo Ferreira Deusdado, Manuel Fernandes Santana, Silva Ramos, José Maria Rodrigues...

Ao lado de eles, um lugar encontrará Martins Capela, merecedor de ser recordado na história da cultura portuguesa dos séculos XIX-XX. De isso é prova a carta que se publica a seguir, do eminente Doutor Joaquim de Carvalho. Permita-se-nos relevar que este, ao referir-se à obra publicada de Martins Capela, considera que dela colheu «preciosas notas para o desenvolvimento da filosofia nas escolas de Braga e reacção contra o velho Genuense».

Coimbra, Outubro de 1992

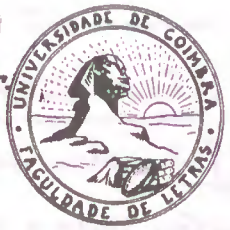
J. M. DA CRUZ PONTES
Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras

---

40 Veja-se na *LOGOS — Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. V, o verbete *Tomismo em Portugal*, assim como Deusdado, Sena Freitas, Silva Ramos, José Maria Rodrigues, entre outros. Sobre a tradução de Mercier, v. J. PINHARANDA GOMES, *Formas de Pensamento Filosófico em Portugal (1850-1950)*, Lisboa, Democracia e Liberdade, Instituto Amaro da Costa, 1986, pp. 203-235.

41 Acerca do movimento geral de renovação tomista, *Gli Studi di Filosofia Medievale fra Otto e Novecento*, A cura di R. Imbach e A. Maierù, Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1991.

Coimbra.
R. de S. Salvador, 16
18/4/920



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

Exmo Sr.

Perdão V. Ex.ª que tão tarde lhe devolva os livros que tão amavelmente me emprestou. A necessidade de os ler e demoradamente extractar o que mais diretamente respeitava ao meu estudo; a greve postal e a ausencia de Coimbra durante as ultimas ferias, foram causa desta demora. Estou certo, porém, que V. Ex.ª perdoará, não vendo neste facto menos consideração. Os interessantes trabalhos de V. Ex.ª sobre A oportunidade da filosofia Tomista, a Substancia e os acidentes e a noção sumarissima dos Principios de Etica, habilitaram-me a integrar inconfundivelmente:

o espirito de V. Ha no movimento neo-tomista portuguez; e nos Traços historico-criticos da Fil. em Portugal, alem de idéas geraes, colhi preciosas notas para o desenvolvimento da filosofia nas escolas de Braga e nacção contra o velho Genuense.

Sou, pois, devedor a V. Sa duma captivante gentileza e de reflexões e factos para o estudo que preparo sobre o desenvolvimento historico da filosofia portuguesa.

Agradecendo muito reconhecido a oferta da Vernácula e saborosa Oração De Sapientia envio, conjunctamente com os livros de V. Ha. dois trabalhos meus, em avenção ao espirito e gentileza de V. Ha.

Aguardando as ordens de V. Ha. sou de V. Ha mto. avto. vor. e admirador

Joaquim de Carvalho.

Carta inédita do Prof. Doutor JOAQUIM DE CARVALHO

1

AUTOBIOGRAFIA

E

REMINISCÊNCIAS JUVENIS*

* Parecerá, à primeira vista, deslocado neste conjunto, o texto n.º 8 : *O nosso Arcebispo*. Mas o clérigo do Seminário a quem o Arcebispo D. Manuel Baptista da Cunha procura para passear e é objecto das apreciações feitas, é o próprio Martins Capela.

1

De quando a gente era pequeno*

A casa da igreja

I

Isso já lá vai há muito tempo, muito, quando a gente era pequeno.

Em manhã de Novembro, pingada e fria, depois do clássico almoço de caldo de unto com um ovo esparramado nele, cobriu os meus dez anos com uma corocinha de capelo a minha boa tia Ana, que era a mais capaz de tais lances (Deus lhe fale na alma) e mandou-me seguir para a próxima freguesia de Covide, à lição de latim do venerando Padre Jerónimo, que Deus haja. (Já lá vai tudo, quase tudo, afindado no esquecimento da morte) ! Paciência; arranquemos-lhe porém alguma reminiscência que melhor valha).

Como ia dizendo, até ali nada de novo. Já três ou quatro vezes, sem novidade e sem me lá deter, passara e repassara a ponte sem guardas do *Porto-Santo* sobre as águas atormentadas do riacho nos fraguedos do leito, por aquela estação do ano, de chuvas batidas e grossas.

Desta vez porém entrava uma variante nas instruções: que no fim da aula da manhã (porque havia duas, pela medida velha) seguisse para a casa da *igreja* por tais e tais atalhos; que lá me esperavam já, e veria que boa gente.

Entendido: com uma lagriminha no canto do olho, que a tia Ana não quis ver para não deitar duas. Falava forte e cortante, assim como quem nada lhe dói; mas as últimas palavras a modos que lhe saíram um tudo-nada tremidas.

---

* Publicado em *A Restauração*, de 1, 2 e 17 de Dezembro de 1903.

Algo tem de solene este primeiro passo da criança que destaca para lar estranho, como ave implume que aventura o primeiro voo.

Novo mundo todo mistérios e porventura dolorosas surpresas se lhe abre diante, à perspectiva vaga daquela idade.

A gente foi triste e só, mas foi: um bordão na mão, na outra a *Arte* do Padre António Pereira de Figueiredo, com os soquinhos chapinhando por lamaçais e águas correntes, até lá.

Há-de confessar-se a bem da verdade, que um secreto pressentimento, gosto vago ou não sei que de latim[1], o alentava neste penoso êxodo, mais à convivência com os novos condiscípulos, gente alegre e feita para grandes brincadeiras!...

Ditosa idade!

*

Ao findar a lição, está visto, para casa da *igreja*, assim chamada da sua vizinhança com a dita.

Abre-se um portal, que de velho range nos gonzos uma nota melancólica, e depara-se o *quinteiro* colmado de mato e carqueja, por onde avança, de acomodar uns vitelos ou suínos, a *ti'*Ana Maria, vergada ao trabalho e aos setenta e tantos janeiros, sempre lidando e sempre alegre para a gente.

Cobriu-me de afagos a santa criatura, introduzindo-me, acto contínuo, por uma portinha do rés-do-chão, à cozinha, que era a sua e minha sala de visitas. De um passo, na eira toda sol e ar livre.

Agradava-me tudo aquilo: o espigueiro de duas quartelas em frente; ao cimo o cabanal de colmo, onde faziam ninho os carriços; a horta, onde se armavam boízes de cacifo aos *melros*, mas que não caçavam senão uns *piscos* muito ingénuos e tolinhos; boas pereiras de *morim* lá para o tempo; um campo largo e nele uma fonte funda e fria no verão, quente no inverno, aonde a gente descia de manhã a lavar o rosto.

Como tudo isto ainda vive, e já lá vão cinquenta anos bem medidos!

Da cozinha ou da eira, subindo uns três degraus, entrava a gente nos aposentos, divididos em três compartimentos, desta modesta porém honestíssima e cristã família: quase só para a noite; que durante o dia labutava em contínua canseira ao ar livre no campo.

---

1 Levava já um ano de gramática, em casa, com um tio padre.

Numa das voltas do arranjo da cozinha vem a *ti'*Ana Maria amoravelmente, e dando ao rosto seco e duro do muito trabalho e sofrimento a doçura de um favo de mel numa penha, interpelou-me em tom maternal:

— E o meu compadre, tem saúde !

Interdito, por não me ocorrer de pronto quem fosse o compadre da *ti'*Anna Maria. Afinal era meu avô, que fora da tropa de milícias da Barca, e de lá ficara com amizade ao marido dela. Parece que era isso.

— Tem saúde, tem sim, senhora.

— Estamos velhos. Já o não vejo há muito. De antes, ia lá todos os anos no tempo da segada, quando o meu era vivo... o meu Vitorino, que foi da Alfândega de Lisboa.

E aqui levou aos olhos o grosseiro avental para enxugar uma lágrima, de tantas que aqueles olhos tinham chorado.

Santa mulher ! Eu era muito amigo dela; e fui-lhe cantar a missa no funeral, bastantes anos depois; fui, e aos filhos, que já tudo lá vai, mais a neta que foi minha comadre !

*

A neta teria por esse tempo dezassete anos, única herdeira do casal, rapariga magrinha como um espinafre, mas afeita desde criança aos invernos e ao monte na guarda dos gados, apesar de ser a querida de toda a família.

Chamavam-lhe em casa a *Péta* (Perpétua) por mimo, que não desprezo, bem entendido.

Ora aconteceu no meu tempo à *Peta* um caso no seu ofício de pastora de ovelhas:

Era um dia de névoa cerrada no monte aí para a *Cova do Ladrão*, quando de repente salta ao meio da fazenda lanígera um lobo, fila o melhor dos carneiros e põe-se em marcha. A pobre rapariga, que parece nem cão trazia naquela maré, grita à fera avançando para ela, agita no ar a roca de fiar e o avental de agasalho; mas em vão, que o bruto não larga a presa e vai conduzindo, meio de rastos, meio por seu pé. Então a rapariga apanha as pernas do carneiro, sacode-o dos dentes ao lobo, que de *envergonhado* se foi a outra parte, mostrando por despedida a formidável dentuça.

Parece que só nesse momento se afigurou à *Péta* ter sido um tudo-nada arriscado o enxotamento do hóspede, por aquele processo tão primitivo.

Ainda estou a ver o pobre carneiro a ser curado em casa, com o pescoço atravessado pelos colmilhos do lobo. E escapou.

Esta pastorinha, como o outro da *Vida do Arcebispo*, deu lição aos pastores de almas... de que a *prudência* muitas vezes não é senão torpe egoísmo e cobardia. O lobo, como o diabo, só assusta a quem o vê de longe, porque foge do lutar contra ele.

Valente *Péta*!

*

Esta moça veio ao mundo por erro cometido na mocidade de sua mãe, a senhora Maria Teresa; erro não só emendado em todo o futuro, mas expiado em longos anos de duros trabalhos do campo, levados com paciência e resignação de mártir.

Era então praxe que a mulher moça, caída em tal falta, se havia de regenerar de pronto, segregando-se do convívio das donzelas do seu tempo: cortava os cabelos e trocava os trajes garridos pelos modestos e escuros desta espécie de viuvez, mais triste que a outra. Na igreja ajoelhava ao fundo entre as velhas, no sítio mais escuso dela, e não entrava no rancho das moças solteiras a cantar as ladainhas, ou a enfeitar arcos na passagem de um noivado.

Costumes de formação cristã, severos por certo; porém salutar correctivo de desmandos, operando mais eficazmente que todas as medidas de repressão policial, se existissem...

II

Vai caindo fria a tristonha a noite, com grossas nuvens negras das bandas do Noroeste.

Para a cozinha, que é lugar abrigado.

Arde no lar um lume farto de achas de medronheiro, acariciador e sem fumo. Tudo asseado, arrumado, no seu lugar, nesta morada de lavrador menos que mediano em teres, não porém na limpeza e arranjo doméstico.

Sentada na extremidade do escabelo recurvado para o lar, a *ti'*Ana Maria mexe e remexe o pote já em fervura para a ceia, e tem à mão na escudela própria as versas, segadas e esvurmadas, à espera do momento oportuno.

Ao lado dela senta-se agora a *Péta*, atarefada a morder as castanhas para o assador.

Detrás do lar e sobre a pedra que recobre a cinza do borralho, o *paxillus*, pau esgalhado, de ponta acima, que sustenta púcaros e panelas de barro em posição inclinada para o tronco, à mercê da primeira necessidade. E outrossim recostada uma longa espingarda de fuzil e coronha lisa, porém maneira e de cano luzidio... a tentar a gente. À esquerda, o escano para os homens, e às vezes para mim, que era aspirante a homem. Iminente ao escano a mesinha de descer, articulada por dois gonzos chumbados na pedra, apoiando a testeira numa espera de ponta, suspensa da mesma.

Por detrás do escano, se bem me lembro, era a boca do forno; do outro lado a *masseira*, arca do pão cozido, a retalho; e outrossim, para amassar a fornada em dia de cozedura.

No seu canto move-se com inquietação a *ti'*Ana Maria:

— Valha-me Deus ! É noite e tua mãe sem vir. Quem sabe se...

— Ainda não teve tempo; já era tarde quando foi. E depois o moinho...

Nisto tange às Ave-Marias, em ritmo coxeante, o sininho da igreja, tirado cá de baixo por ponderoso cadeado de ferro. Erguemo-nos a rezar, de mãos postas e naquele recolhimento de alma, que Deus ouve por certo.

Quando nos sentámos, pareceu-me estar menos anuviado o rosto da pobre velha. Lá tinha encomendado o negócio a Nossa Senhora.

A moça arrumou as castanhas e tomou a roca. Ia ajudando com os dentes e saliva a mão esquerda no arrancar do fio à estriga, enquanto o fuso na direita, girando e zunindo, o torcia e envolvia depois. E assim mesmo falando alegremente, como é daquela idade, e também por distrair os pensamentos tristes da avó.

De repente suspendeu a rapariga o tagarelar, ao ruído da porta de fora, que se abriu, e de uns passos de homem, pesados e vagarosos.

Era o homem da casa, o tio António, que entrava. Saudou secamente com um breve «Boas noites!» e de caminho para o escano põe-me na cabeça a mão pesada, porém acariciadora:

— Ora viva o nosso homem !

Eu cuido que lhe beijei a mão, segundo as instruções trazidas de casa. Era da ordenança.

Sentou-se mais pesada que agilmente, pois coxeava de uma perna doente; retirou para debaixo do escano os socos ferrados, e esfregando e estendendo as mãos à chama, aceitou com um *ah !* de satisfação a doce quentura da fogueira.

Era então homem dos seus 45 anos, elevado de estatura, membrudo e bem proporcionado; rosto comprido, feições másculas, ar sério; nas palavras e nos gestos um não sei quê de cortesia, direi mesmo do pudor varonil que, sem o pretender aliás, despertava logo respeitosa simpatia.

Entre lavradores não conhecia outro, que nisto se lhe pudesse comparar.

Falava pouco e baixo; nunca se apressava nem perdida tempo em conversas inúteis. Não ria às gargalhadas, e a futilidades não respondia.

Em casa ninguém dizia palavra antes que ele abrisse conversa, nem mesmo sua mãe, que aliás se revia naquele filho.

Vestia de saragoça em dias de missa, quando aparecia de barba escanhoada, camisa lavada de colarinho e peitilho de linho de casa, e cabelo cuidadosamente achegado à fronte, que já começava a desguarnecer-se, muito liso e aparado. Hábitos de soldado brioso que fora, como veremos depois.

Nos dias de trabalho a farpela era de burel escuro de fabrico doméstico, segundo o uso da terra; e assim mesmo as polainas apertadas até ao joelho com que saía para o trabalho.

Enquanto agora picava o tabaco para a palma da mão esquerda, e lhe dava uma leve esfregadura antes de o lançar na *mortalha* de folhelho de milho, para a sobrinha:

— Que é de tua mãe ? não chegou do moinho ?

— Não chegou, não ! respondeu pela neta a *ti'*Ana Maria, outra vez desconsolada. A noite está tão serena... ó *Péta*, acende a lanterna e vamos por aí fora até ao *Vale da Cruz* ou *Pombeiro*, a ver se ela vem.

Já se a moça dispunha a cumprir quando se abriu a porta, sem o cão ter dado sinal de gente estranha.

Era a pobre Maria Teresa com um fole de dois alqueires à cabeça, e por cima a coroça pingando.

Assim mesmo encharcada a saia de estamenha a bater nas pernas, defendidas por grosseiras peúgas de lã.

Deu-lhe a mão a *Péta* ajudando a pousar o pesado fardo.

Pobre criatura ! Como vinha ofegante com a carga, e os passos mal seguros na escuridão por aqueles caminhos desiguais e de pedras soltas !

— Oh mulher ! Valha-me Deus contigo ! Que te aconteceu por lá ?

— Nada, minha mãe: as tardes não duram nada, e o moinho deu-me que fazer.

E estendia para o lume os braços nus, mirrados e denegridos de expostos ao tempo, e as mãos pêcas de frio.

— Vai, vai já mudar de roupa.

E já a *Péta* vinha a passar pela chama uma camisa lavada, para a mãe.

De ali a nada, ao lume toda satisfeita entre a mãe e a filha, como se lhe custara coisa nenhuma aquela vida, toda alegria naquele rosto engelhado por duro trabalho de todos os dias, e no riso de alma bondosa, que deixava a descoberto dentes perdidos.

— Não encontraste ninguém que te acompanhasse ?

— Ninguém, senão o *Pastor* a correr atrás ou adiante de mim. Não tinha medo nenhum.

O *Pastor* era o rafeiro da casa, que, como se ouvisse nomear, julgou oportuno comparecer entre nós, alongando para o lume o focinho e larga cabeça, que eu acariciei com uma palmadazinha de amigo.

E amigos ficámos, desde aquele dia. É verdade que me olhou de soslaio; porém nem rangeu. Ao contrário, agitou a cauda festivamente, abriu a boca de fortes mandíbulas dobrando a língua em arco, que é a linguagem do cão para dizer: «Está bem; isto agrada-me !»

Pior foi que, acto contínuo, sacudiu o capote de felpuda pelagem, salpicando-nos de gotas de água o rosto; pelo que recebeu na cabeça uma forte palmada da mão do senhor António, e a intimação de se deitar debaixo do escano.

Obedeceu como lhe cumpria, alongando-se por debaixo do banco para tomar a posição característica destes animais, em casos tais.

Contam-se casos de extraordinário instinto destes prestadios auxiliares dos habitantes das montanhas, que não referirei *brevitatis causa*. Tenho notado apenas que, fortes e mansos, mesmo com gente desconhecida em circunstâncias normais, sempre prontos a sair com quem sai, não acompanham para longe com mulheres ou rapazes, salvo para o moinho, onde é da praxe dar-lhes a lamber um punhado de farinha, ou com a patroa que leva o cesto da merenda aos trabalhadores no campo.

Agora com homem de casa, armado de vara-pau, sachola ou espingarda, são para o dia e para a noite.

E assim era o *Pastor*.

III

Já no pote ia sendo esvaziada às mãos cheias a escudela das versas, e já num gigo bem atabafadas repousavam a recozer as castanhas, depois de sacudidas a preceito na assadeira de barro toda vazada de furos, por onde penetravam as línguas de fogo, quando o *Pastor*, arrancando de salto, rompeu à porta, a receber em atitude agressiva de ladridos assanhados um importuno estranho.

Ouvia-se mesmo assim o soerguer da aldrava de ferro e a voz de um rapaz, enquanto de cá ralhavam ao cão para se acomodar.

— Ó senhor António !

— Quem é ?

— Manda dizer o meu patrão, se lhe podia ir amanhã a uma caçada de corças à *Varziela*

— Para quem é a caçada ?

— Para o senhor Abade de Prozelo.

— Está bem; pois sim, irei, querendo Deus.

Não era caçador de profissão o senhor António, mas sabia pegar numa espingarda; e para esta caça não faz míngua mais que desempenar com firmeza um tiro de bala. Isso sabia ele, por seus pecados...

Restabeleceu-se o silêncio e ceou-se em paz e à boa-mente, louvado Deus. No fim, arrumada a louça, e levantada a mesa, erguemo-nos todos a dar graças.

Complemento invariável da ceia do corpo era esta da alma, bem condimentada de sentimento em sua nativa singeleza cristã. Mal irá a quem o não compreender.

De pé, as mãos postas à altura do rosto e olhos postos no brazido do lar, ia grave e pausadamente dirigindo a reza em voz inteligível o homem da casa, e nós respondendo em coro, enquanto lá fora o vento gemia na árvores e o granizo rufava na telha vã da cozinha.

«Demos graças a Deus pelos benefícios que nos tem feito, etc. *Padre nosso !* — Por todos os cativos, tentados e aflitos, para que Deus Nosso Senhor os alivie... — Pela paz e concórdia entre os príncipes cristãos, extirpação das heresias e aumento da nossa Santa Fé Católica... — Por todos que andam sobre águas do mar, para que Nosso Senhor os leve a porto de salvamento... — Por alma de nosso pai... — Por alma das nossas obrigações e pela nossa quando deste mundo for... — Pelas almas do purgatório, especialmente por aquelas que não têm quem por elas peça... — Pela conversão dos pecadores, herejes e infiéis... — Pela alma de F. (se algum conhecido tinha falecido naquele dia)... — Em louvor do Anjo da Guarda e Santo do nosso nome... Salve Rainha a Nossa Senhora...»

E terminava sempre:

«Bendito e louvado seja o Santíssimo Sacramento do altar (repetido três vezes), fruto do ventre puríssimo da Virgem Senhora Nossa, concebida sem mácula de pecado original. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amen».

Em seguida trocavam-se algumas palavras, deliberando sobre o trabalho do dia seguinte: os homens recolhiam mais cedo, as mulheres ficavam, coitadas, no amanho das estopas, até ao cantar do galo, lá pela volta da meia-noite; trabalhando sempre, cabeceando com sono, cantarolando *mezza voce* ou contando *contos*, para espalhar a impertinente sonolência.

De vidas alheias, em presença do tio António, nem palavra.

Este, em véspera de caçada, tomava a espingarda, desarmava e azeitava a fecharia, polia o cano, esfregando-o, etc.; e só depois de minucioso exame a repunha no seu lugar. Pela madrugada, ainda de noite, saía com os vizi-

nhos já almoçado, no bornal as munições de boca para o dia, meia dúzia de balas na algibeira e o polvorinho de chifre de boi com pólvora de *lasca*, que ficara dos *negros* em 1828, e era excelente.

Voltavam já noite entrada, e, trazendo caça, era do estilo anunciá-la à entrada da povoação com uma descarga de fuzilaria de pólvora seca. Então mulheres e rapazes saíam a ver à luz da mortiça candeia o bicho pendente de uma tranca a ombros de dois rapazolas, e a lamentar-lhe com sentimento de mediana compaixão a sorte mofina. Se porém o dia fora infeliz, escoavam-se caladamente e à formiga os caçadores cada um para sua casa, como se tivessem perdido uma batalha.

Quanto não daria a gente por tomar parte numa dessas expedições à serra ! Na posse de uma espingardinha com liberdade de usar dela cifravam-se então as supremas aspirações da gente miúda.

E uma caçada no Gerês ! Oh uma caçada ! . . .

*

Voltemos ao senhor António.

Aí por 1835, ou 36 estava ele em Lisboa com outro irmão na companhia do pai, o senhor Vitorino (que não cheguei a conhecer) a ganhar a vida na capital, como era usual então aos moços da nossa terra. Na companhia braçal da Alfândega trabalhava o pai; os filhos, na mesma casa ou algures.

Ora o António devia contar por esse tempo os seus 18 a 20 anos; um belo mocetão, alentado e destemido. Certo é que um dia foi convidado, com outros como ele, por uns engajadores espanhóis, a alistar-se voluntário nas fileiras *cristinas* contra os *carlistas* da Catalunha.

É quase certo que da questão política, debatida então na Espanha com horrível ferocidade, nada mais saberia que o informado pelos emissários oficiosos; e a ajuizar pelo nobre carácter dele, quero crer que mais que as *pecetas* do soldo o seduziu o espírito de aventura.

Assim foi que, sem licença e às escondidas do pai, para lá embarcou, indo arribar a Barcelona, e dele não houve notícias por muito tempo. Isto ouvi referir à mãe, que ele não tocava nesse assunto.

Contava-me a pobre mãe que o marido lhe dizia:

— Ah ! o nosso António, não o tornamos a ver. A estas horas já o corpo lhe estruma as terras de Espanha !

Porém quis Deus que assim não fosse. Licenciado em 1859, depois da convenção de *Vergara*, que pôs condigno remate aos manejos pouco asseados

dos *Aviranetas*, *Marêtos* e quejandos, teve de marchar a pé caminho da pátria, chegando a Lisboa entre mil perigos e privações, quase nu e a pedir esmola para não morrer de fome.

Era o filho pródigo voltando aos braços de seu pai.

Dessa trágica odisseia, nem dos combates em que entrou, jogando a vida duas vezes, no campo da batalha ou prisioneiro de guerra (que o mesmo era então que ser passado pelas armas), dificilmente se lhe arrancava uma confidência, por leve que fosse.

Apenas uma vez me confessou (aí por 1880 e tantos, durante a segunda guerra carlista) que o transe mais doloroso o sofrera uma vez que se viu obrigado, com a escolta de que fazia parte, a fuzilar 12 carlistas, todos moços na flor dos anos, no areal das margens do Ebro.

E mais nada.

Coisa curiosa: na segunda guerra carlista tomava vivo interesse pelo triunfo desta causa!

A razão não a dizia a ninguém.

Parece que alguns anos depois voltou à terra natal tão pobre como fora dela. Tinha-se falecido em Lisboa o pai, e vinha ajudar a mãe a granjear as terras do modesto casal.

Este homem, que tantas vezes vira a morte longe da pátria, foi vítima de um odioso atentado, que por um triz lha não tira junto à porta de sua casa!

Dois malvados, cuja irmã ele conversava (quero crer que para casamento, pois disso devia cuidar por então) saem-lhe de improviso, quando regressava do trabalho à tarde e embaraçado com os aprestos da lavoura, e atiram-lhe às pauladas com tanta sanha ou medo, que o pobre foi levado em braços e esteve entre a vida e a morte. Resistiu-lhe a tão bárbaro trato a sua compleição hercúlea; não morreu dessa, e viveu mais de 20 anos ainda. Ficou-lhe porém o achaque da perna direita para os dias da sua vida.

Não me consta que recorresse à justiça nem procurasse desforço.

Sofreu e calou com a serenidade e aprumo dum homem, senão de um cristão e do melhor quilate.

Então aquela mãe, aquela *ti'*Ana Maria, não devia de ser uma santa? E deste belo exemplar de família cristã não havia de ficar lembrança?

Por mim, sempre deles me lembrarei, sempre.

2

De quando a gente era pequeno*

Academia rústica

I

Isto vem lá desse tempo, vem; mas a falar a verdade, ainda durava quando já a gente era grandinho: uma academia na minha aldeia. Afinal de tantos anos de serviço, apagou-se com o derradeiro *académico*, e não deixou *memórias*, nem isso pensou nunca.

Se nem mesmo sonhou que lhe um dia chamariam *academia* !...

Que em pontos de modéstia nenhuma das suas congéneres a desbancou; conquanto uma se intitulasse dos *Humildes*, outra dos *Silenciosos* e até do *Farelo* quisesse uma o chamadoiro (a célebre *Crusca* florentina), que bem podia ser quando menos da *farinha*, pelo muito que lidou no apuramento da língua italiana.

Cá não, senhor; não curou de tal, conquanto lhe não minguassem títulos de honraria, como se verá.

De quem tenha sido o ilustre fundador, também não reza a história: inclino-me a que fora ela produto de geração espontânea, ou, se antes quiserem, do concurso fortuito de circunstâncias que pouco mais adianta.

Como quer que seja, certo é que revestia a nossa *Academia* muito pronunciado carácter de veneranda antiguidade helénica no assentar doutrina exclusivamente *isotérica* e celebrar as suas sessões ao ar livre.

---

* Publicado em *A Restauração* de 31 de Dezembro de 1093, 7 de Janeiro e 7 de Junho de 1904.

O *isoterismo* quero crer que lhe não viria de egoísmo sovina; porém de não encontrar fora quem compreendesse e apreciasse as suas descobertas e explanações académicas, a seu modo.

Vamos ao caso:

Numa pequena elevação, topo dum outeiro cujas fraldas molha pela outra banda, lá ao fundo de apertado vale a corrente ruidosa do *Homem*, em frente da pequena aldeia de *Quintã*, vê-se uma casa apoucada mas sólida, de cantaria granítica já negra dos temporais. No logradouro adjacente, um robusto e solitário carvalho, cuja soberba ramaria estendia nesse tempo deliciosa sombra, em meses de verão, sobre alguns metros quadrados de fresca relva.

Qualquer coisa assim a modo do histórico roble de *Guernica* em Biscaia, onde tinham junta as deputações das províncias Vascas, ou o outro de *Vincennes*, que servira de dossel ao rei São Luís de França, nas audiências ao seu povo.

Cá o nosso não abrigou da calma senão os *cinco imortais*... (eram só cinco), que já morreram todos; e os frondosos braços, que por séculos lutaram contra todas as tempestades nestas paragens de inclementes nortadas, foram depois decepados, não pude saber a benefício de quem!

O tronco lá está, e vai pacientemente criando novos ramos, à espera de novos académicos. Terá que esperar, como os outros *colegas de Guernica* e de *Vincennes*.

Remoçam as árvores, os homens não!

*

Era só em dias santificados e pelos princípios do verão, lá pela tarde, que a gente do lugar, passando pelo caminhos fronteiro, notava o grupo, junto da carvalha, horas esquecidas em concentrada palestra. Em redor as leiras de messe de centeio, que a viração da tarde curvava em graciosas ondulações, as terras de fundo lavradas de fresco, por onde o milho vinha apontando, e os carvalhais e outeiros vestidos de verde mimoso; em frente, toda de giesta e urze em flor, a empinada *Costa de Brufe*, estribação da serra *Amarela*, e pela retaguarda a ravina profunda do *Homem* descendo as gargantas do Gerês, formavam tal panorama, como só da mão de Deus é lícito esperar em sonhos de poèta. Singelo, grande e gracioso.

Cinco eram ao todo, e nem sempre funcionava em *claustro pleno* a junta dos nossos sábios; às vezes só dois ou três.

Quem eram e de que tratavam os misteriosos personagens ?

Sociedade maçonica, assim à luz do dia e em permanente exposição ? Impossível, que de mais a mais todos eram tementes a Deus e cristãos velhos.

Homens de letras em disponibilidade, ociosos e mandriões, impostores, malucos ? Nada disso.

Eram só lavradores, de pais a filhos, e no sentido natural da palavra: lavradores que *lavravam* terras próprias com as próprias mãos; o que aliás não bstava à *lavra* da inteligência pelo campo das artes liberais, como de antes se dizia.

— Então nunca se viu outra ?

— Viu certamente; contudo não é isso muito vulgar.

— Pois, por não o ser, é que aqui vem esta notícia.

Pobres lavradores e naquela região montanhosa entreterem os seus minguados ócios no cogitar de meteorologia, calendário, história pátria e geografia durante anos, durante a vida toda, aliciados somente pela doçura do saber e pasto de imaginação, sem vistas de interesse nem vaidade ? Vamos, que não é trivial nem de todos os dias.

— Mas que poderiam eles, sem formação científica, sem livros, sem... sem talvez saberem ler correctamente ?

Sim, dum pelo menos tenho minhas dúvidas... se saberia ler; e assim mesmo talvez não era o menos benemérto da douta corporação, como veremos, se Deus quiser. E será bom não esquecer que a nossa *Academia* nunca se empenhou no adianto da ciência a benefício dos outros. Cultivava para regalo próprio, exclusivo; aos outros deixava que fizessem outro tanto. E nisto se cifravam todas as suas ambições.

Presidente e *secretário perpétuo* não teve, que eu saiba. Se me a mim dessem voto, para presidente, que é figura decorativa, votaria num de dois respeitáveis anciãos, que lá tinham; agora para secretário, maior dificuldade por não ser líquido se na douta corporação haveria quem pudesse fazer mais que *lavrar* o próprio nome.

Prescindamos pois de semelhante luxo, e façamos de conta que todos se mantinham no mesmo pé de igualdade.

*

Duas famílias, só duas, deram contingente para a nossa *Academia*: a primeira, que chamaremos dos *Fortunatos*, do nome do seu chefe, dava três sócios; a segunda, que pela mesma razão direi dos *Custódios*, dava dois.

Qual das duas parcialidades se avantajava na curiosidade e ânsia do saber, seria difícil decidir: mais letrada, a dos *Fortunatos*; mais investigadora e fantasiosa, a dos *Custódios*. E assim se completavam menos mal, e se conchavaram a ponto de nunca entre eles nascer o fermento da discórdia ou espírito de seita, por quanto aos profanos era dado saber.

Em santa paz viveram estes obscuros investigadores duma ciência esquiva e avara, e contentes do pouco que entreviram, se foram a melhor vida e de mais limpo saber.

Bem mais felizes que os sábios de ofício!

II

Entrar a fundo na ordem dos trabalhos e organização da modesta sociedade não o consegui, nem tentei com grande empenho, valha a verdade. Com o andar do tempo porém algo foi transpirando, por onde se visse que devia de ser singelíssimo este organismo monocelular; o bastante assim mesmo para a vida que viveu durante anos, se aquilo era vida. Mais que democrata, antes *acrata* lhe chamaria. *Acracia* mansa, inofensiva, sem hierarquia social no seu grémio.

Quanto ao *ordo studiorum*, em pouco se cifrava também.

Para cada sessão concorriam os *Fortunatos* com alguns alfarrábios da história antiga, da história pátria e com um atlas de geografia, pobre e primitivo demais.

Também tinham seus dias os velhos romances de cavalaria, nomeadamente a *História de Carlos Magno e seus doze pares*, para amenizar as agruras da investigação científica; e o *Lunário perpétuo* era ouvido em casos intrincados de cálculo astronómico e influições planetárias.

Postos no local das sessões o melhor que podia cada qual, lia um deles, enquanto escutavam religiosamente os outros, até ao ponto em que um dos ouvintes interrompia para reflexões ou comentários, que naturalmente enredavam numa *meada sem costal* de reminiscências mais ou menos fiéis e a propósito; generalizando-se às vezes, não a discussão, a palestra em que todos pretendiam dar voto.

Serenada a refrega com assentimento geral ao voto daquele que lograra emitir ideia nova sobre a questão, continuava a leitura, cortada a cada passo por novas interrupções. Às vezes um dos velhos, *Fortunato* ou *Custódio*, contava casos romanescos ou tirados da história contemporânea, que a assembleia escutava embevecida.

Eram, no género, dois reportórios inesgotáveis e contistas quentes e imaginosos, mormente o segundo.

E já «quando ao mar tombava o dia» ia-se cada um à sua vida talvez ruminando pelo caminho nos casos de maior *aquela*, e por ventura durante a semana os traria a esmoer no pensamento para novas hipóteses ou conjecturas, para antes da *ordem do dia* da sessão seguinte.

Esta função cabia principalmente aos *Custódios*, gente de parca ração de leitura própria, porém forte no digerir a dos outros. Aquilo era uma mó, que só não dava farinha quando lhe o grão falhava: capaz de *remoer*, só por não estar parada !

Quantas vezes em vão quedei a considerar no que poderiam dar, nas letras e nas ciências, estes rústicos sabedores de tantas coisas alheias do seu rude e cansado mister de lavrador, se outra formação houveram mais que as magras lições da escola primária; com aquela nativa perspicácia intelectual, tenaz memória, curiosidade insaciável despida de orgulho ou teimosia !

Quantos talentos perdidos, como diamantes brutos, por não ter havido quem os lapidasse !

E quantos outros, favoritos da fortuna, porém *rombos*, anos e anos nas escolas superiores remando contra a maré, sem proveito próprio nem da espécie !

Quem pudera *enderezar* estes *tuertos* ganharia bem ganhas as esporas de oiro da cavalaria andante do nosso tempo. De uma cavalaria andante que não existe, mas era bom que existisse... até para os pobres mestres de meninos, que tantas vezes têm que dizer mal da sua vida.

*

Voltemos porém aos nosso homens; e seja primeiro aquele de cujo analfabetismo tive sempre minhas desconfianças. Era um dos proprietários da casa *negra*, junto do vetusto carvalho das sessões, o mais novo dos *Custódios* e filho de outro.

Desempenhava perante a douta *Academia* as funções de sócio correspondente, antes informador verbal, com verdadeiro talento e paixão, diga-se a verdade.

Todos os anos, em chegando o tempo das romarias (acompanhado da sua cara metade, a senhora Maria Teresa, que lhe conduzia à cabeça o farnel), não tanto por motivos de piedade como por amor de novidades, saía o nosso homem à cata delas; e voltava ordinariamente assaz provido, para servir os consócios, mais quem o escutava com jeitos de apreciador.

Era costume seu abalar em segredo, muito de madrugada, de modo que nunca os vizinhos da porta davam pelo caso, senão quando passados dias lhe «ouviam» as referências de maior sensação que por lá colhera. Isto era para ele o melhor bocadinho, uma delícia de alma, em que todo se comprazia.

Tinha o talento de perguntar a propósito e só a gente ilustrada, ou reputada tal; e apesar de rústico insinuava-se com jeito especial de nativa delicadeza, mesmo no ânimo de gente desconhecida. Discreto e atencioso com todos, admirador apaixonado de quanto lhe ferisse a imaginação por grande ou raro; inteligente e um tudo-nada satisfeito de si e menos ainda desdenhoso da ignorância beócia dos seus conterrâneos, ninguém lhe resistia à penetrante curiosidade de saber e à graça no contar o que sabia.

Por ele vim no conhecimento de que havia em Viana uma ponte de ferro, de dois tabuleiros sobrepostos; ao que aliás a mesma crítica impertinente quis opôr reparos ! . . .

Ah ! mais diligente e zeloso *andador* não tem nunca nenhuma *Academia rústica*.

III

Dos *Fortunatos* o mais moço cuido que seria de todos o menos assíduo às sessões, e porventura as não levaria inteiras ao cabo.

Não por fastio de saber e ouvir, que neste particular eram por igual aguçosos todos eles; mas pouco tempo lhe deixava feriado o granjeio pertinaz da sua abastada lavoira.

Homem bastante apessoado de estatura, tez morena, seco de carnes, musculatura de aço para os trabalhos mais rudes do campo, não perdia tempo, que tudo lhe fazia míngua. De carácter, era sorumbático e um tudo-nada desconfiado; ria pouco, e falava baixo e com circunspecção. Vivera em Lisboa ocupado nos serviços da Companhia Braçal da Alfândega, anos bastantes para recolher à sua terra com uns tostões de tença diária pela reforma do lugar, mais as economias do *pé de meia*.

E assim foi que por Lisboa, e pelos livros de casa[1] e convivência com os seus, adquiriu o pecúlio de conhecimentos, que lhe haviam de mais tarde abrir as portas da *Academia rústica*.

«Portas» aqui é um modo de falar, que as não tinha a sala das sessões, aberta a todos os ventos, como é público e notório.

---

1 De um irmão padre, grande bibliófilo.

*

Do segundo dos *Fortunatos*, tio deste e pouco mais velho una anos, outro era o feitio mais os títulos para o ingresso na *Academia*. Representava o papel da crítica zombeteira e reinadia; não que lhe os cabedais de saber dessem ousio para sobrepor-se aos demais, sim por condição natural. É verdade que, segundo rezam crónicas, na primeira adolescência entrou a estudar uns rudimentos de gramática para padre; não vingou porém, como tantos outros, e teve de ficar na plana comum.

Desfechar chufas e outras coisas ainda, à queima-roupa, sobre as ridiculezas do próximo, pregar partidas aos pacóvios e rir do caso, de um riso escarninho, mefistofélico. Deus lhe tenha perdoado ! — isso é que era o seu comer.

De modo que, no seio da *Academia* pouco mais iria fazer, que desfrutar os colegas para remoques e pilhérias. O que aliás bem podia ter seu valor em meio de tão graves e sisudos doutores.

Era outrossim um exímio pescador de trutas, à cana; pelo que devemos presumir que alguma vez faltaria às sessões de *classe*, por se dar ao seu *desporto* favorito. Mau dia, em que não trouxesse três dúzias de trutas *palmeiras*, e maiores, quando Deus queria.

Conhecia todos os passos difíceis e algares perigosos, e os melhores *lanços* do rio; e por lá se escoava descalço e arregaçadas as calças, ágil, destro, metendo a vau em águas de pouco fundo, pinchando como cabrito montês de fraga em fraga quase todo o dia, num percurso de 4 ou 5 quilómetros rio acima. Ao outro dia tinham os ceifeiros na segada, ou as maçadeiras do linho, bom conduto para a merenda. Nesta arte ninguém o igualou até hoje.

Porventura, melhor pescador que *académico*.

*

Em seguida o terceiro e último dos *Fortunatos*, o próprio Fortunato.

Era um dos velhos mais respeitados que ainda conheci por essas aldeias.

Sobre um corpo robusto e bem proporcionado uma cabeça branca, fronte e feições correctas e harmónicas, andar plácido, maneiras corteses e respeitosas, tornavam-no deveras simpático e bem aceite.

Sempre amigo de saber do que ia por esse mundo, ao topar com a gente perguntava:

— Então que dizem os papéis ?

Os papéis eram os jornais. E logo contava ele do que sabia, quedando-se aí um pouco em conversa, sempre superior em critério ao comum dos da sua condição.

Era uma crónica viva das coisas da nossa terra, e bastante sabedor da história pátria com ramificação pela história moderna de Espanha e França.

Tambem passara alguns anos da mocidade em Lisboa e por lá dera pasto à curiosidade; de modo que em notícia das invasões francesas, proezas lendárias do marquês de Pombal, cenas do grande terramoto, com testemunhas do qual ainda praticara na capital, era um poço sem fundo e saber. Quanto uma vez aprendeu, jamais lhe escapou.

Referindo-se ele um dia à partida, não sei já de qual navio, do porto de Lisboa para o de Amesterdão (que ele dizia *Amistardam*) caí na patetice de acrescentar:

— Bem sei; é cidade da Alemanha...

— Da Alemanha, não; é da Holanda, corrigiu logo simplesmente, e sem titubear.

Foi a tempo a lição, que nunca mais cometi o atentado geográfico de deslocar por minha conta e risco a opulenta Veneza do Norte.

Poucos anos antes de falecer (e faleceu aos noventa e tantos, de um lamentável desastre) à pergunta de como ia de saúde respondeu:

— Durmo pouco e mal, quando não trabalho. Para passar bem a noite hei-de ter roçado um carro de mato naquele dia.

Destes já não cria a nossa terra.

E o homem que assim roçava mato aos noventa anos, sabia melhor que eu onde era Amesterdão !

*

Para remate, Custódio, o outro patriarca daquele douto cenáculo.

A este roubavam menos tempo os cuidados da sua aliás modesta lavoura, que os do pensamento. Até mesmo os vizinhos, com pontinha de má língua, irreverentemente o apodavam de preguiçoso.

Porque ao pobre homem, de seu natural fleumático e sempre às voltas com arrevezadas cogitações, ninguém via azafamado na labutação caseira, deram em suspeitá-lo menos amigo do trabalho, como se trabalhar fora somente revolver a terra.

Para mim tenho que dos cinco era ele quem metalmente mais dispendia, dentro da esfera dos seus limitados conhecimentos na ordem especulativa.

Tipo de sonhador meditativo javia contraído o hábito de ver sempre para dentro. Passava a passo lento e mal seguro, absorto, alheado, despreocupado de quanto encontrasse, coisas ou pessoas, incluindo a sua.

Falava baixo e mesurado, um estilo nebuloso e por vezes sibilino, por excessivo emprego de tropos e alusões de relação remota.

Depois aquela figura de velho, trémulo, aconchegando as peças mal cosidas e já desconjuntadas de uma farpela de burel, rosto eriçado de barba áspera, grisalha, aparada às *trochas-mochas*, onde brilhavam às vezes lá do fundo das arcadas superciliares dois olhinhos negros, e os lábios a abrirem-se numa expressão dúbia de sofrimento moral ou desdém das coisas deste mundo, tornavam-no objecto de respeitosa simpatia de todos, até do rapazio travesso.

Se encontrava o pároco (e só a ele), levava a mão trémula à carapuça desbotada, enfronhada até às orelhas, e correspondia à saudação amiga com palavras quase imperceptíveis de agradecimento.

— Tio Custódio ! não corre bem para o lavoira o ano.

— É porque andam os tempos trocados; há confusão nas esferas.

— Sim, sim. No inverno calor, e o verão húmido e frio. De antes talvez não era assim...

— Havia de tudo. Eu já sou do tempo da fome. Porém...

— Porém as estações agora...

— Agora, tudo confusão. O planeta está enfermo!...

Com esta frase, que tenho nitidamente de memória, resumia ele o seu pensar no assunto, e punha remate à conversa, continuando seu caminho no mesmo tenor.

Noutro meio e noutros tempos teria sido um sábio segundo os moldes antigos, um poeta todo possuído da inspiração, um oráculo como o outro que dizia: *Deus, ecce Deus ! agitante callescimus illo.*

Cá foi apenas o *tio Custódio*, da Quintã, de quem a maior parte da gente da terra já hoje se não lembra.

Sic transiit !...

3

De quando a gente era pequeno*

Aventuras infantis

[I]

Passemos do monte ao rio, que perto é.

Corre lá pelo fundo do vale, dobrando-se em curvas concordantes com as saliências ou reentrâncias das empinadas ladeiras, num lamento monótono, já sumido, já reforçado a capricho da viração; sempre correndo, e sempre gemendo umas saudades de mortas eras, que ninguém entende... Sempre passando e sempre ali!

Que de mistérios e terrores fantásticos, para a gente miúda, naqueles pegos mal assombrados, de ondas trémulas, azuladas, através das quais a vista mal alcança o fundo cambiante, indeciso!

Que medo, e assim mesmo que fascinação, que parece coisa de enguiço.

E aquelas lapas enormes, sobrepostas, arrimadas a esmo em momentos de convulsão geológica, sob as quais referve ruidosa cachoeira, como voz longínqua do trovão, e vem surgindo enovelada de não sondadas profundezas; e as fúrias sombrias, e as *marmitas dos gigantes*, cavadas na rocha viva e sobranceiras à corrente normal; e as muralhas de penedia bruta, a pique, elevando-se paralelas dez metros ou mais sobre as duas margens, deixando lá do fundo um canal marulhoso, revolto... — Ih! Jesus, que medo!

Vamos; não se assuste o menino; que não é, em todo o percurso, assim de tão feia catadura o meu pátrio *Homem*: leão quando lhe embargam o passo, volve-se cordeiro quando lho deixam livre. É de condição nobre e generoso, este filho da serra.

---

* Publicado em *A Restauração*, de 18 e 25 de Fevereiro, e 11 de Março de 1904.

Ora venha aqui um nadinha a jusante deste passo frio, e verá como lhe não ganham em graça e amenidade aqueles verdes outeiros, acolá, onde as cotovias em alegres gorgeios se lançam aos ares, subindo, subindo sempre e cantando, a perder de vista, até baixarem rápidas e silenciosas a junto do ninho; imagem da alma cristã em arroubos de amor divino, caindo alfim na vida rotineira da matéria.

Graciosa cena aquela; esta aqui não o é menos, Deus bendito!

Olhe-me agora como reflecte em mil facetas de cristal os raios solares a límpida corrente por este mosaico policromático de seixos rolados e areia fina, amplo e suavemente inclinado.

E que harmoniosa cantilena a destas águas vivas, claras, doidejantes.

Aqui nesta água menos batida, uma colónia de escalinhos de lombadas escuras e flancos luzidios, em mil evoluções graciosas, atraídos por algumas migalhas e familiares a ponto de quase virem comer à mão. Além, na veia da corrente, solitária, firme, rígida como a vara da justiça, o bico sempre contra a corrente, a truta, arisca, espantadiça e, na fuga, rápida como a flecha. Agora aquele cardume de vogas, ágeis, enfileiradas como romeiros em peregrinação, retouçando de caminho pelo limo invisível dos seixos e amostrando à luz do sol o abdómen prateado.

E aquelas libélulas de corpete alongado e asas azúis; e estoutros modestos apteros, a que nós os rapazes chamamos *cabras-cegas*, passeando sobre a tona da água?

E aquele gracioso passarinho de asas curtas, costado azul-ferrete, pescoço estendido, voando rente da água? É o mergulhão que vai ferrar debaixo de água o peixinho incauto. Nós cá chamamos-lhe «o passarinho *coucou* que passou por baixo da água e não se molhou».

Ai, o rio, o rio e o monte eram os meus pecados!...

*

Vai de uma vez e andava a gente de guarda às vacas no pastio aí além: seria por Setembro. Ora aconteceu que nesse dia alguns rapazitos do lugar, um pouco mais velhos que nós (eu e o meu irmão António) passaram a distância em direcção à *Costa de Brufe*, a buscar lenha miúda. De vergas ao ombro, rindo e cantando à desgarrada, que era mesmo coisa de se ver.

E digo eu ao António:

— Olha! é o João, o Francisco, o Plácido que vão à lenha, à Costa! E passam no rio, na ponte!... Vamos nós também?

— Pois vamos, tornou o pequenito.

E deixando barco e redes, isto é vacas e o milho do vizinho a desafiar a gulodice das vistas... corremos a encontrar numa volta o rancho, aos pinchos como corcinhas por entre o feno.

Atracámos a tempo e lá fomos numa reinação pegada.

O rio, oh o rio, o grande e ruidoso rio; mai-la ponte, que só tínhamos avistado de longe e raras vezes, cá de cima, dos outeiros !

Com que alvoroço, santo Deus !

Ei-la, enfim !

Sobre duas fragas marginais e sobranceiras à corrente eleva-se a 18 ou 20 metros o arco único, de curvatura correcta e sólida cantaria, defendido por ameias.

— Ih ! que fundo ! Olha, olha !

Por baixo o *poço da Ponte*, fundo, fundo, e a *dorna* onde redemoinha em roscas espirais a corrente.

Algumas pedras lançadas de cima, dão na água um baque estranho, soturno. E que de penedia brava a montante e a jusante por onde o rio desaparece escoando-se.

— É o rio da *Terra Má*.

— Por ali ninguém passa, não, João ?

— Passa, mas é preciso saber as passagens, e só os homens grandes...

E a gente a olhar esterrecido, com a barbela nas ameias, para aquilo tudo !

II

— Quem caísse lá abaixo, já se sabe que morria.

— Pois olha que o Manuel da *Sarilha* e o António do *João Grande*, passam aqui pelas *varandas* fora, e não têm medo.

— E já uma vez, há muito, uns homens muito maus atiraram lá abaixo um soldado francês, e mais não se afogou que sabia nadar...

— E depois ?

— Depois mataram-no, aqueles judeus !!

— Vamos: leva arriba.

E lá fomos pela ladeira acima.

E os rapazes, armados de foices mal afiadas, vão golpeando e derribando para os feixes a lenha *ucha* (*ligna usta* ?). Assim chamam à urze e giesta a quem o fogo lambeu a *chamiça* deixando de pé as hastes semi-carbonizadas.

Também eu tive o meu feixito, mal pensando que me seria corpo de delito ao entrar em casa com aquele serviço de sobrogação. Quis Deus que lá ficasse. Empurrou-me pela frente e retaguarda num maciço do matagal, e como não andasse nem desandasse, abaixei-me e ficou suspenso, como trofeu desta minha aventura parvoinha de rapaz.

Ao passarmos em Quintã diz-nos uma boa mulher, em tom de lástima, para mim e para o Antonito, meu irmão:

— Ai, meus filhos, que a vossa gente hoje mata-vos ! Andaram por aqui em procura de vós...

Não mataram; mas caiu sobre a gente um chuveiro de interrogações desabridas, de sobrolho carregado e azedas, azedas; mais uns *sinapismos* nas carnes moles, que por vida minha não eram mais doces...

Aquele rio, aquela ponte... Enfim, estava escrito !

*

— E os *ninhos* ?

Ah sim, os ninhos ! ambição de rapazes é saber de ninhos, de muitos ninhos; e jactância de fazer perrice aos outros.

E quanta reserva para que deles não saibam outros, e precauções nas repetidas visitas, a fim de que não *escarmentem os pais*; e esconjuros e vãs observâncias contra a praga das formigas que tudo infestam !

Não zela melhor o avarento ao seu tesouro.

Verdade seja que nem todos os ninhos têm a mesma cotação, na estima do rapazio. Sobem numa escala imensa, desde os de carriça, aí em qualquer colmedo, abandonados com desdém aos *petizes*, até os de pombo torcaz nos esgalhos mais erguidos de alterosos castanheiros.

Nos de águia, cobertos pelas anfractuosidades de inacessíveis penhascos, nem é bom falar. Não é para gente miúda aquilo.

Ora por causa de um ninho, que seria de gaio quando muito, é que *ardeu Tróia* uma vez.

*

— Vá, seus rapazinhos, guardar as vacas em *Perral* e cuidado não cheguem ao trigo.

Por minha parte, já o declaro, detestava muito cordialmente semelhante serviço; o António, não.

Pois horas e horas esquecidas, aqueles pesados animais sempre a comer sem encher o vazio; naquele comer alambazado, persistente, brutal. Brreh ! que fastiento cuidado aquele nosso.

É verdade que meia dúzia de lavandiscas e boieiras (*alvéloas*) saltitando lestas e donairosas ao focinho de cada vaca, à caça de insectos, tinha sua graça, tinha; para dez minutos, o mais; e depois ?

Enfim lá metemos o gado por um carvalhal que dava para o prado, e logo ali quis a sorte mofina que descobríssemos nos ramos dum carvalho um ninho.

— Olha ! é de gaio, talvez.

— Talvez será velho, do ano passado.

— É ?

— Não é, então não vês ?

— Eu ponho-te costas», diz o António arrimando a cabecita ao tronco para eu subir.

Mas qual subir, se a gente não atingia os primeiros braços da árvore.

Nisto ouve-se uma voz de alarme:

— As vacas no trigo !

E aí largámos nós numa corrida desatinada, a acudir ao dano; mas qual ?

Seis ou sete vacas graúdas, dois merinos, umas vitelas, tudo atascado no trigo ainda em erva, capaz de tentar o burro da fábula de Lafontaine !

Às vergastadas respondiam apenas agitando a cauda, como se lhes picassem moscas; e nada mais.

Então vendo correr nosso pai com o cabo da sachola ao alto, a consciência do delito, o instinto da conservação da própria pele, mais o saber que alguns rapazes tinham assim escapado, sugere-me a ideia de fugir, e deito por ali fora, pincho dum socalco abaixo, e quando me julgava livre da vindicta paterna, estava ele à minha beira e tomando-me por um braço arremessou-me acima, onde fiquei a nadar no trigal, sem maior dano que uns leves safanões !

Sim, o dano no meu físico foi nulo; porém a vergonha...

— Então deixaste ir as vacas ao trigo, e teu pai *coçou-te* ? diziam-me na cara os rapazes da vizinhança; e as velhas lastimavam-me sinceramente, e mais me doíam as suas lástimas que os risos zombeteiros do rapazio. Aquilo era de me fazer vermelho até às raízes dos cabelos. Eram minhas amigas, porque lhes lia em tom de flautim os passos da via-sacra na quaresma; e por isso me brindavam com ovos tingidos na Páscoa, e agora com os seus pêsames. Se soubessem quanto isso doía a meu orgulho nascente !

E basta já de criancices.

Claudite jam rivulos, pueris...

III

Paulo minora...

— Mas que temos nós com as suas criancices ? (observará e muito bem o paciente leitor desta interminável *lenga-lenga* de bagatelas em letra redonda).

A demais disso, os casos da infância de toda a gente, são tão dissemelhantes uns dos outros, como os ovos da mesma galinha.

— Pois, leitor implacável, leitor amigo, mesmo assim teimo em dizer de mim; que outro prazer maior... se até a galinha festeja cada um dos seus, como não quer então que a gente...

Vamos ! não se amofine; passe adiante e volte só quando careça dum forte soporífero em noite de insónia. Que para algo há-de prestar, o que *não presta para nada.*

E agora, pena minha ferrugenta e romba: rápido e de mansinho ajuda-me a fixar doces reminiscências daqueles primeiros anos, que tão longe vão e tão prestes a mergulhar de vez no mar sem fundo do esquecimento. Que faça o mesmo quem quiser, e vamos indo.

*

Ora por aquele tempo, quando a gente era *bébé*, tinha para os dias de festa um vestidinho de fazenda amarela com ramagens de ... não me lembro já da cor das ramagens. Também não era lá muito forte no distinguir cores, mesmo nos anos da adolescência, quando se tratava do *verde* e do *azul*. Embaraço que dava que rir a minha santa mãe; e para me livrar do qual descobri um processo infalível, depois: era reparar na cor do céu ou na das plantas, assim como quem não queria a coisa. E nunca pedi privilégio de invenção.

Para completar a *toilette* do vestido concorreu o Eugénio, familiar do senhor Abade, com o presente dum *bonnet* flamante, comprido como saca de rabeca, a tombar para o ombro com borla e tudo. O Eugénio depois foi casado, proprietário, *brasileiro* e meu paroquiano; a tempo lhe quis um pouco mais, por gratidão.

E dizem que fazia boa figura quando aos domingos ia à igreja, ao colo de minha mãe, que então não teria mais de 23 anos. Do que aliás, em boa verdade, me não ficou reminiscência; lembro-me porém de por muito tempo

ter cuidado que o «Todo-poderoso» era um pedaço de cornija ou cimallha do retábulo da capela-mor.

Como nesta cabecinha entrou semelhante disparate, não saberei dizer: talvez por ter notado que à voz do pregador toda a gente se voltava para ali.

Sabia eu lá o significado de palavrão tão abstruso a ouvidos de criança !

Era desse tempo a quesília de as pessoas de fora, por afago e meiguice, passarem a mão delas pelo rosto da gente. Sentia ruborizarem-se-me as faces, e cá dentro repugnância tal que, se bem o soubessem, todos me poupariam aquele desgosto. Donde me viria tal esquisitice ? Ainda hoje não atino com a resposta.

Pior que isso, muito pior, era levantando-me nos braços, beijar-me e *apegar a barba !*

«Apegar a barba», estúpida brincadeira de um brutamontes de barba curta e rude como tojo, a esfregar com a sua a minha cara. Então perneava e gritava, até que me largassem em meio da galhofa geral. Felizmente que, com tanto apegar de barba, não se apegou coisa que espante; nem há perigo, por isso e o mais dos autos venha a gente a perpetrar tal delito em rosto de inocentes.

Fiquei-lhe com zanga e ainda me hoje dura. Peste !

Lá dizia o outro e mais era pagão: *Magna puero debetur reverentia.*

*

Que isto, a bem dizer, nem aventuras são; só aos 6 ou 7 principia a série das ditas.

Vai num dia tentam-me os meus pecados (quem sabe se já então não deveria dizer um Santo Agostinho: *Tantillus homo et tantus peccator !*) a abalar para o monte com uns rapazes vizinhos, encarregados de guardar ovelhas; e por lá me quedo todo o santo dia sem licença dos meus !

Só este pensamento podia aguar o prazer daquela aventura tanto do meu gosto; mas durava pouco, não sei se feliz se infelizmente.

Que afinal já nem me lembro, se logrei ou não escapar às penalidades da lei doméstica.

Não está mais na minha mão, que os montes da nossa terra, desde Maio a Outubro, são um vivo encanto de frescura e amenidade, sob um céu do mais puro azul: outeiros de tojo molarinho e relva, soutos sombrios, fontes de água viva, ribeirinhos murmurantes; flores montesinhas de mil formas e cores; grilos, borboletas e outros insectos alados; aves canoras, grasnantes

ou gemebundas, como o melro, o gaio, a rola, e os mil e um encantos de que nem a gente tem a consciência distinta.

Se até no baldio das ovelhas, derramadas à formiga por ali fora, sempre correndo a melhor bocado; e nas cabriolas estúrdias dos cabritos, empinando-se nas patas traseiras pra desfechar umas ridículas marradas, achava a gente tanta graça!

Depois os pegureiritos, o João, o António, o Plácido, rapazes de feição, e na inventiva da arte das brincadeiras, mestres jubilados.

Construir uma poça para irrigar uns pradozinhos liliputianos; montar com quatro bogalhos uma turbina para engenho de serra; armar em flauta um pedaço de cana; com um toro de sabugueiro arranjar certo pistolete de ar comprimido, com balas de estopa; trepar às árvores, aos ninhos; com um alfinete dobrado a servir de anzol pescar no rio uns escalinhos, ainda mais folgazões e *muchachos* que os pescadores; isso dava-se-lhes nas mãos, e era o meu encanto, confesso.

Por isso me perdi naquele dia.

*

Quanto a *rio* e *ninhos*, isso temos que falar; mas fica para outra vez, se quiserem.

4

De quando a gente era pequeno*

A escola de latim

IV

Como fica dito noutra parte[1], mandaram-me aos 10 anos à escola de latim na vizinha freguesia de Covide.

É de bastantes vizinhos esta aldeia, rusticamente arruada, assente numa depressão orográfica do maciço de Santa Isabel do Monte, que ali deixa ampla passagem entre a ribeira do *Cávado* e do *Homem*, se bem não seja ameno o acesso da banda da primeira.

A várzea de Covide é copiosamente regada, muito produtiva e risonha, ali encravada entre montanhas, com as de Santa Isabel por Sul-Oeste e a do Gerês, por Este-Sueste. Esta alevanta-lhe a pouco mais de um quilómetro dois soberbos cabeços de fraga viva à mesma altura, que parece darem-se as mãos para embargar o passo à serra, ou para se terem de pé como dois *titãs* fulminados.

É um dos mais belos trechos orográficos que ainda vi, de feição geresiana.

Lá se topam os restos de uma *citânia*, a que a gente de Covide chama *a cidade*.

Para o culto divino tem este povo, além da igreja paroquial, uma ampla capela de Santa Eufémia, virgem mártir, seguida de um *calvário* eregido

---

* Publicado em *Voz da Verdade*, 21.º ano, n.os 46, 47, 48, 49 e 50, respectivamente de 12, 19 e 26 de Novembro, e 3 e 10 de Dezembro de 1914.

1 *Restauração*, Semanário de Guimarães, 1 de Dezembro de 1903.

recentemente por diligências do falecido Padre Sebastião, e duas capelas particulares, de boa cantaria apilarada, coladas às casas de seus antigos fundadores.

Por aqui passava a *Geira*, via romana de Braga a Astorga, hoje abandonada de trânsito ordinário[2].

— Mas a que virá todo este impertinente cenário (pergunta de certo o paciente leitor), tamanho quadro para tão minúsculo painel de uma escola de latim ?

É justa a observação de quem está de fora; releve-se porém, ao que pretende recolher caras reminiscências de há 62 anos, que o tempo tem quase delidas da memória, este luxo de expôr num jarrão da Índia poucas e emurchecidas flores do noivado de sua avó. Que lhe querem ? Se duas vezes somos meninos...

*

Prossigamos agora em *tom menor*, que não sei lá muito bem o que seja, mas sempre será menos grande que o *maior*.

Para melhor dizer com o assunto, de si modesto e à conta de rapazes.

Certo, ao certo e por miúdo não me lembro de quanto me ocorreu na minha primeira chegada à escola de latim de Covide em 1852, por fins de Outubro e debaixo de chuva como agora. Assim mesmo poderei recompor a cena com o observado pelo tempo adiante.

Chegando à povoação meti, segundo as indicações recebidas ao sair de casa, pela rua da *Carreira*, de todas a mais comprida e torta, espécie de *rua Direita* lá do burgo, alastrada de mato fofo, aqui e além encharcada e mal cheirosa: coroça de capuz para me defender da água da chuva, socos para resguardo da dos pés, numa das mãos a gramática, na outra um cajado e aí vai o figurão. A certa altura e quando já me encomendava ao anjo da guarda, deparou-se-me à direita debaixo da larga varanda de passadiço um grupo de mocinhos sobraçando livros, abrigados da chuva, alegres e animados, como é da idade.

Deve ser aqui, disse com satisfação e certo alvoroço mesmo, que nunca me soube explicar suficientemente. Agradava-me aquilo, sem saber porquê e acabou-se.

---

2 Assim mesmo a utilizaram para se internarem na Galiza as tropas constitucionais (que aqui chamaram *negros*) em 1828. E ainda para a condução de um sino grande, de Braga a Covide, e para a festa da estátua de mármore do *Senhor das Mós*, o ano passado.

Assim foi que me associei à tropa, sem outros preliminares nem reparo de ninguém, apesar de desconhecido de quase todos. E ficámos amigos para sempre, está visto.

Para esta *Arcada* abria a porta de uma loja, que não era precisamente a do *Café Viana*, mas a forja de uns ferreiros, onde bufavam os foles e retiniam os malhos na safra, antes de carregarem sobre o ferro em brasa. Era um velho rijo e dois homens altos e magros, tio e irmãos do nosso Padre Mestre, os ferreiros. Lavradores proprietários, acumulavam com as do campo as fadigas da oficina para os utensílios da lavoura: foices, enxadas, relhas de arado, machados, picaretas, alviões, foicinhas, sacholas, seitoiras jaziam por ali à porta e à espera dos donos.

A gente escolar não passava da porta, com receio das chispas que ferravam como vespas, pelas mãos, pela cara.

Entretanto tange de cima uma campainha e presto sobem todos (eu com eles) batendo o soco ferrado por uma estreita e alta escaleira de pedra até ao patamar que dá para sala aberta em varanda por um dos lados.

Ao centro uma banca onde todos deixavam a esmo chapéus de vária forma; em frente uma porta, passada a qual se dá com outra à direita, e por ela na salinha da aula.

Dá-se de rosto à entrada com um leito de madeira, ornado de filetes de outra cor embutidos, e almofada na cabeceira, à moda daquele tempo, armada de roda-pé, limpa, composta, sem luxo nem desalinho. À direita uma janela rasgada, voltada ao meio dia, coava luz que farte pelos vidros; ao fundo da sala um armário vasado na parede continha livros numa estante e alguns jornais: ao lado desta um quadro com estampa de Nossa Senhora das Graças. Era a *santa*, como lhe chamavam os rapazes.

Duas bancadas paralelas para os rapazes, sentados de rosto uns para os outros; ao fundo uma poltrona de sola, braços emoldurados e grossos pregos amarelos.

No desvão da janela e dando a direita às bancadas, sentado num mocho e encostado a uma das portas da janela aberta que lhe servia de espaldar, o nosso Padre Mestre.

Na janela fronteira e pendurada de um preguinho a terrível férula; diante dele uma pequena secretária com artigos de escritório e a tabaqueira de buxo, por ele mesmo lavrada a primor nas horas de ócio.

Prontamente e em silêncio toma cada um o seu lugar na bancada; a mim é-me indicada a cadeira de respeito. Nela encarrapitei os meus dez anos, não sei qual mais, se admirado se lisonjeado na minha vaidade, porque não sabia que a distinção era negativa: era a cadeira dos *hóspedes*. Nela paravam uns dias os *novatos*, até que o Padre Mestre julgasse da preparação que traziam, e lhes assinasse lugar no banco comum.

Porque os lugares mereciam-se e disputavam-se às vezes tenazmente, desde o fundo até próximo do Padre Mestre, onde tinham assento os *imperadores* rivais.

Portanto a *respeitável* cadeira parecia-se, salvo seja, a uma catacumba da Santa Casa da Misericórdia de Braga...

Sic transit gloria mundi!

IV

O Padre Mestre. Há 37 anos que faleceu e tenho tão nítida cá dentro a sua imagem: que, se fora pintor, ainda agora a daria na tela com inteira fidelidade. Estou a vê-lo! (Perdoe o leitor estas minudências, que só para mim e poucos mais terão aqui aceitação).

Dias antes da minha ida, tinham-me dito em casa: «O senhor Padre Jerónimo é novo ainda, mas tem cabelo brancos; ri-se pouco e raras vezes».

Era assim mesmo, dois traços porém não dão retrato: a ver se lhe ajunte aqui os que faltam.

Era um homem distinto, física, moral e intelectualmente distinto, naturalmente cortês, de maneiras delicadas digamos mesmo fidalgas; que nem a gente sabe como pôde nascer e criar-se assim entre lavradores montanhezes.

Alguns traços fisionómicos conservava de dois parentes mais velhos que ele; depois dele porém perdeu-se o tipo.

De estatura elevada, era assim mesmo estreito dos encontros, delgado, brando e flexível nos movimentos, como quem toda a vida foi de compleição valetudinária, sem queixar-se aliás de seus males nem molestar os outros.

Metido numa longa sobrecasaca de brixe escuro no inverno, ou de ganga azul no verão, mais o clássico chapéu alto de seda já tosado do uso, passava subtil e rápido pela rua, todos os dias na ida ou vinda da capela onde celebrava, sem parar de conversa com ninguém.

Do mesmo modo saía, em tempo de verão, a curtos passeios pelos arredores da povoação. No inverno, quando o frio apertava, sobre o brixe da sobrecasaca lançava um capote do mesmo estofo. Por falta de bastante robustez, não tomava parte com o clero nos actos do culto público, nem ouvia confissões. A vida passava-a na sua cela com Deus e com os livros.

Tinha brancas as mãos e delicadas, os dedos longos e flexíveis; o rosto escultural (sem exagero) e de perfeita oval; a fronte larga e alta por onde se abeiravam cabelos levemente grisalhos e em liberdade; nariz alto, longo

e afilado de narinas perfeitamente simétricas; olhos inteligentes, serenos, benquerentes.

Falava pouco, quanto bastasse para entreter a conversa, sem maledicência nem sombras de jactância.

Não disputava com ninguém. Ouvia, e se a opinião dos outros lhe não agradava, desenhava-se-lhe nos lábios um levísssimo sorriso; e não passava daí ou mudava habilmente de conversa.

Vá um caso:

Passeando um dia topou com um mineiro, seu conhecido a furar uma mina, que por sinal ia de espeto.

Parou um momento para dar uma pitada ao mestre e observa-lhe:

— Mestre Rodrigues ! a modos que a mina... como a água não anda para cima...

— Sê Padre-Mestre ! *Fundo refundo es !* Lá diz a arte de vedoria: *Quando o mineiro...*

O Padre porém não esperou pelo resto, e desandando serenamente murmurou com o sorriso nos lábios:

— Sempre és muito asno !

Isto referiu depois um discípulo que tinha assistido casualmente à cena, e foi por muito tempo assunto de risa entre os rapazes[3].

Muitos professores tive depois e quase todos, se não todos, mais distintos que ele neste ou naquele ramo do saber, alguns mesmo consumados numa longa vida de ciência e virtude; nenhum porém, ao qual tanta simpatia e veneração ganhasse, como a este.

Sempre dele me lembrei e lembro ainda com saudade; e em nossas conversas a seu respeito, entre os antigos discípulos, não havia nota discordante.

Para rapazes principiantes era modelo de professores na clareza, singeleza, modéstia, seriedade, compostura, sobriedade doutrinal, pontualidade no serviço e paciência com as nossas naturais ignorâncias; não com as da mandrice, que não passavam sem correctivo, plácido e a tempo.

Com ele só não aprendia quem não queria, ou de todo em todo não nascera para os mais comezinhos latins deste mundo. Quer a verdade porém se abra aqui una excepção:

Todas estas excelentes qualidades naufragavam quando um seu sobrinho na aula era chamado a dar contas da lição e das rapaziadas. Pobre Manuel ! era a antítese do tio, um estouvado incorrigível.

---

3 Para inteligência deste caso, convirá advertir que as minas em nossa terra são horizontais, praticadas contra o flanco dos montes, para uso da água sem auxílio de bomba.

Bem queria o honrado mestre apresentá-lo ao demais como modelo; não o lograva porém apesar de severas reprimendas e duros castigos. Todos nós vexados, de pena e mágoa nem respirávamos. Passada porém a tormenta, entrava tudo na normalidade tão de pronto, que até nos lembrava a ira de *Neptuno* em Virgílio:

Quos ego... sed juvat componere fluctus.

*

Quererá o leitor lhe digam onde se formou espírito tão atilado e sabedor do seu ofício que, em 18 anos de professor, não mandou a exame de latim no liceu de Braga aluno que lá caísse; e algum houve que transitou, contra o seu voto.

Pois saiba-se que o Padre Jerónimo José Gonçalves não cursou aulas públicas de estudos eclesiásticos, que as não havia regulares no seu tempo.

O latim estudou-o com o Padre Bento Lopes, em Rio Caldo, a lógica e a teologia, em Bouro com o Padre João Teixeira, conhecido missionário.

Livros de seu poucos tinha; havia porém uma antiga e opulenta livraria em casa do seu tio materno, o Padre Manuel José de Freitas, que de boa mente lhos prestaria. Assim lhe permitisse manuseá-los com afinco a sua débil compleição.

E mais nada.

*

Quanto a costumes, o Padre Mestre foi sem nota em toda a vida: não teve mocidade.

Em nenhum outro assentaria melhor, se fosse exacta, a definição do *homem*: «Uma inteligência servida por órgãos», e contudo tinha coração. Por exemplo:

Constou ter sentido muito a morte de uma sobrinha, na flor dos anos.

Um dos antigos discípulos lembrou-se de mandar para um jornal de Braga algumas linhas de necrológico, nas quais entalhou menos mal o sabido verso de Malherbe, tornado melhor por uma diabrura do compositor. Fácil empresa, que a donzelinha, cá era *Rosália*, quase a *Roselle* do poeta francês.

Ficou penhoradíssimo o bom Padre Jerónimo, e até, contra os seus hábitos, mandou um presentinho ao feliz necrologista.

Outro exemplo: Quando a gente vinha de Braga a férias, um dos primeiros dias era destinado a visitar o Padre Mestre.

Depois de uma hora de conversa dos estudos de Braga e adiantos dos seus discípulos por lá, que ouvia com vivo interesse, despedia a visita, à porta, sempre com a expressão final: «Muito obrigado !»

Em Junho de 1877, no meu regresso da primeira peregrinação a Roma e quando pensava dar-lhe notícias da viagem, e de Roma principalmente, tive notícia de estar gravemente enfermo e quase ao mesmo tempo a do seu falecimento. Fui chamado a lhe cantar a missa do funeral, e foi a derradeira visita nesta vida !

Permita Deus nos vejamos na outra.

IV

Laboração. Permita o termo, já que na *escola* algo há de uma *oficina* funcionando. Por muito que lhe queira, a esta minha antiga escola, não me regerá o afecto a pontos de atribuir-lhe perfeição grande, nem mesmo superioridade sobre outras. Não é para isso que aqui ponho estas coisinhas, que nem sei como lhes chame, tão pouco só por avivar saudades da meninice; é principalmente por mostrar como se pode com pouco fazer alguma coisa, havendo tino e boa vontade. Porque nestes casos acode Deus com o *incremento*, segundo a palavra conhecida.

Quero crer que, depois da *Pedagogia* e da *Economia política* adquirirem foros de ciência, andemos todos melhor *ensinados* e andem mais acertadamente *aplicadas* as rendas do Estado; um pobre porém com pouco se contenta, e esse é o nosso caso.

Vamo-nos à nossa aulinha de latim a ver o que por lá vai, e deixemos os outros com a sua ciência.

Porque afinal e apesar dos programas oficiais, das instruções, circulares, portarias, penas cominatórias e reformas das reformas, sem fim, a escola será sempre o que o mestre for, ou não será coisa nenhuma. É ele quem agrega os elementos escolares, os informa e vitaliza, os afeiçoa, disciplina e desenvolve mentalmente, na medida das aptidões de cada um e segundo o plano por ele concebido.

Cuido que sempre assim foi desde o princípio do mundo. Senão foi, queiram perdoar e não falemos mais nisso.

*

Cá nos latinzinhos de Covide a coisa passava muito singelamente, sem aparatos nem tafularias oficiais, e da seguinte maneira por quanto me lembro:

Eram dias lectivos todos os do ano, com excepção dos dias santificados, dos feriados do Natal e Páscoa e um mês de férias grandes. Feriados esporádicos não se praticavam, nem podíamos contar com os incómodos do mestre que, apesar de valetudinário, era indefectível no seu posto. Duas lições diárias: uma de cerca de duas horas e meia, de manhã; outra de tarde, de outro tanto ou pouco menos. O curso estava naturalmente dividido em três classes pelas *Selectas.*

À primeira pertenciam os que *davam* selecta *Primeira*, como nós dizíamos (*Justino* e *Eutrópio*); os que *davam Segunda* tinham no seu livro *Cornelius Nepos*, *César* (*De Bello Gallico*) e *Cícero* (*Epist. famil.*). Para a 3.ª classe a sua selecta era composta de vários capítulos de *Tito Lívio*, e tinha nome de selecta *Terceira.*

Além das selectas, os da segunda classe *davam Phaedro* na lição da tarde; e os da 3.ª *davam Virgílio* (*Aeneida*) à mesma hora.

E a mais se não alargavam os da terceira classe por esse tempo, porque não saíam de *Tito Lívio* e *Virgílio* os pontos do exame no Liceu de Braga.

E cuidado com o júri, que não era para graças. Estou a vê-lo ainda: o Padre Magalhães, professor de latim, seco e austero transmontano, a quem os rapazes crismaram de *Pacóvio* não sei porquê; o José Cândido de Sá Pereira, professor de latinidade, e o Dr. Araújo Correia, professor de grego (o *Grego*) que era o terror da pequenada.

Anos depois entrou o *Horácio*, o *Salústio*, o *Ovídio*, e falou-se mesmo no *Tácito*; mas não sei se algum destes se lera na escola de Covide.

No meu tempo explicava-se na aula de retórica o *Horácio* (*E. ad Pisones*), e na de filosofia, algum trecho das obras filosóficas de *Cícero*, no fim do ano lectivo. E com isso nos ficávamos.

Felizmente a nossa pouquidade *extensiva* no conhecimento dos clássicos, era suprida pela quantidade *intensiva* dos ditos.

Chegando ao fim, tínhamos *da capo* sei lá quantas vezes ? Assim é que depois de três anos corríamos facilmente pelas matérias dadas, e repetíamos de cor fábulas de *Phaedro* e longas tiradas da *Aeneida* (a prosa era menos boa para isso) e éramos uns barras na inteligência das bulhas em que

andavam envolvidos os deuses olímpicos, *Jupiter* e companhia, tão ruinzinhos de acomodar e piores ainda que o resto dos mortais:

Tantaene animis coelestibus irae ?

Na *versão* ou composição latina é que ficámos muito hóspedes, valha a verdade.

*

Em dias lectivos ordinários corria da seguinte forma o exercício escolar:

Sentados os rapazes em seus lugares, tendo cada um em frente de si o competidor, chamava o Padre Mestre um da 1.ª classe e levantavam-se os dois com o livro aberto e os olhos na lição. O chamado lia e traduzia o primeiro período, esperando que o Padre Mestre corrigisse e interrogasse sobre o valor de cada palavra.

Ao colega pertencia o segundo período, que era tratado pelo mesmo processo; e assim alternando até ao fim da lição. Se o rapaz cincava ou não atinava com a resposta, era o parceiro convidado a emendar. O mesmo se praticava com os da segunda e terceira classes; com a diferença porém do grau da análise, que na *primeira* era elementar; na *segunda* algo mais puxado; mais alto e menos usado na *terceira*.

Na primeira e segunda classes, se a lição vinha encravada, tornava a mesma para a seguinte aula; cuidado porém com a férula, se o mal fora da preguiça.

Durante as lições da primeira classe um ou dois *decuriões* tomavam lição aos pequenos de gramática, se os havia, e perante o Padre Mestre proferiam a sentença de ter *passado* ou não, e da lição marcada de novo no primeiro caso.

Com as lições da terceira terminavam os trabalhos e saía a gente obedecendo prontamente ao *podem ir* do Padre Mestre, e debandava tudo para casa.

*

Nos dias pequenos nem tempo havia de dar uma volta à *gandaia*. Quando muito armar na horta um cacifo aos melros, que tolhidos do frio, coitados ! nem viam onde punham os pés.

Com o crescer dos dias porém renascia o espírito da brincadeira, e por volta do São João o rio de *Portassanto* era a nossa tentação, no intervalo das duas aulas.

Para a lição da tarde, *tiravam-se* à pressa os significados, e o resto ficava à mercê da sorte de um mais adiantado que nos pusesse aquilo em língua de gente, poucos minutos antes da aula: era o momento das cólicas.

De uma vez o pobre Manuel embicou logo com a epígrafe da fábula: *Vaca et Leo et Ovis patiens injuriae*, que não tivera tempo de caldear à entrada. O tio deixou-o debater uns minutos no seu tormento, e traduziu ele solenemente:

«*Ovis* eu fui nadar, *patiens* ao *Portassanto*, *injuriae* porque sabia a lição ! M. de Teotónio, 4 dúzias de bolos.»

Havia destes percalços, havia, mas em troca, quanta reinação de todos a nadar como marrecos no poço *Macho*, ou numa expedição piscatória com o tosão às trutas pelo riacho acima, ora na água ora saltando de penedo em penedo como cabritos, até à ponte do Campo.

Magra colheita de peixes, mas farta de gaudio.

Se não fossem as cólicas depois...

IV

Laboração disputada. Para fomentar a emulação escolar e melhor fixar a gramática, havia na semana um dia destinado à argumentação da dita: era o sábado, de onde o nome de *Sabatina* usado de longa data nas escolas, segundo o velho rito.

Para isso tinha a escola algo de militar. Estava dividida em duas facções contrárias, cada uma capitaneada por seu *imperador*, com limitadas atribuições, está de ver, que os deixavam a infinita distância do *Czar* ou do *Kaiser*.

Um esboço apenas, de império no sentido clássico da sua origem, *comando militar*. Até a nossa *Arte da gram. latina* pelo P. António Pereira de Figueiredo trazia por exemplo, nem já me lembro de quê: *Dux prudens imperat*.

Certo é que os nossos «prudentes capitães» pouco «imperavam», mas esse pouco autorizava o título, que todos acatavam.

Gozavam-no os dois mais adiantados, formando à testa da coluna na batalha do sábado, e sentando-se mais perto do Padre Mestre. Batalha incruenta, mas batalha renhida às vezes, porque a vitória dava direito a ter a *santa* colocada da sua banda, quase como usam os cónegos de Braga com a tabuleta do HIC EST CHORUS, com que o meu latinzinho barato de rapaz embicava, seja dito de pssagem.

Cá no nosso recontro *sabatino* eram numericamente iguais as forças beligerantes; pois cada combatente não tinha que se haver, senão com o seu competidor, de sorte que a luta se resolvia numa série de duelos... à arma branca.

Os golpes certeiros chamavam-se *quinaus* que o Padre Mestre, presidindo silenciosamente ao acto, ia contando por folhas dobradas de um livro.

Com o que se habilitava no fim do argumento a declarar: «Venceu *por tantos* o senhor F.».

Terminada a *sabatina* com o *duelo* dos dois *imperadores*, tomava o Padre Mestre a soma dos *quinaus* das duas colunas e, achada a diferença, pronunciava a vitória de quem a ganhou.

Era o momento mais solene.

Se o partido possuidor da *santa* tinha perdido, levantavam-se os dois *imperadores*, e ao fundo da sala o vencido desprendia o quadro da *santa*, dobrava o joelho, beijava-o e entregava-o ao colega vencedor, que por seu turno fazia o mesmo e o colocava da sua banda. E em silêncio terminava tudo.

Ouvi porém que noutra escola de latim, vizinha daqui, que depois nomearei, era ruidoso este desfecho, por terem nome de *Tróia* ou de *Grécia* cada uma das facções; de maneira que a vencedora intimando a contrária a que inclinasse a cabeça: *Humilitate capita vestra !* lhe saltava em cima, em voz alta e cadenciada, um chuveiro de *vivório* e *morrório* (como dizem), «Viva a *Tróia* ! morra a *Grécia*» ou *vice-versa*. Cá não se usou.

Espalhafatoso e pouco evangélico cheirava ao *Vae victis !* de *Brennus*, pagão e bárbaro de nação.

Não se dava com o feitio do nosso professor tão dura insolência do vencedor.

*

Podia porém acontecer que a vitória se obtivesse por pequeno número de *quinaus*. Nesse caso qualquer campeão da parte dos vencidos que se atrevesse com o seu competidor a o suplantar com maior por maior número, podia num dos dias subsequentes e no fim da aula, pedir licença para um *desafio à santa*, no qual ninguém mais tinha direito de intervir.

Também não era impossível um só combatente derrotar a facção contrária ou perder a sua, no dia da luta. Vá um exemplo:

Um pequeno que eu conheci muito de perto estava empenhado com o adversário num argumento de *linguagens* (verbos) quando este, que estava de *arguente*, lhe vibrou a seguinte estocada: *Laudabimini ?* — Vós *sois*

louvados !» — «Vós *sereis* louvados !» Era um *quinau* bem apanhado, lá isso era; mas o *defendente* não estava pelos autos e arrumou-lhe com — *Dois de contra !* Porque se a emenda não fosse procedente, era o arguente quem apanhava os dois *quinaus*.

Este porém, seguro do seu direito, replicou: *Quatro !* O primeiro, picado nos seus brios, treplicou: *Oito !* e seguidamente: 16, 32, 64, 128 !

Foi um desastre. Por mais que os seguintes se esforçassem por tapar o rombo, a barcaça da *sabatina* doi ao fundo por culpa do rapazinho.

Nestas alturas podia o seu *imperador* (era a principal das suas atribuições majestáticas) reclamar do Padre Mestre vénia para aplicar meia dúzia de palmatoadas no desastrado galucho, que deitou a perder a batalha. Não o fez porém.

Vivos são ainda os dois contendores e é provável do caso se tenha esquecido o *vencedor*, o *vencido* porém é que nunca mais confundiu o *futuro* com o *presente*, nem lhe saiu da imaginação o *laudabimini*, como a ponta de um florete que o atravessasse de lés-a-lés.

*

Havia também faculdade de desafiar a *lugares* o vizinho imediatamente superior, mediante vénia do Padre Mestre.

Confessarei que, conquanto pouco feito para lances belicosos, duas vezes por meus pecados me vi neles envolvido.

Um dia, ao sair da aula, tomou-me de parte o Padre Mestre para me dizer: «Desafie o S. a lugares».

Ouvi e não repliquei, porém a verdade é que me não agradou nada o recado, porque o S. era mais antigo, mais sabedor e amigo particular. Passaram dias e dias, e nada de novo. E quando já cuidava tivesse esquecido ao Padre Mestre a ideia, diz ele no fim da aula: «M. ! desafie a lugares o S.».

Caiu-me a alma aos pés, mas não houve remédio. Lá nos degladiámos como pudémos: ele com fervor, eu froixamente.

Afinal foi declarado ter eu vencido (não sei muito com que bulas) e trocámos os lugares. Interpretei depois que teria sido para estimular os brios do amigo S. a maior aplicação.

O outro caso veio-nos com certo condiscípulo, chegado de novo de outra escola que, depois de ter ocupado por oito dias a cadeira dos hóspedes, foi mandado sentar logo abaixo de um dos *imperadores*. Situação arriscada, porque o Silva (assim se chamava) sendo aliás bem apessoado, capaz de levar a murro seco meia dúzia de nós outros, nos latins ia muito pouco.

Anos depois, arrumou com os livros e foi acabar ao Brasil.

Aconteceu pois que o vizinho inferior, poucos dias depois, o desafiou a *lugares*. O Silva conhecendo-se fraco naquele campo, confessou a acção *desistindo*, desceu o primeiro furo.

O mesmo fez com mais dois ou três em dias sucessivos até ficar meu vizinho.

Então tentou-me o inimigo a o desafiar também, contando com a sua não desmentida bizarria; ele porém, já enfastiado de tanto *desisto* e dando pouco pela minha complacência, pronunciou de pé e muito aprumado: *Aceito !*

Pouco faltou para não pronunciar eu um vergonhoso *desisto !* tamanha foi a minha decepção e a sovinice do amigo Silva, que bem podia, por mais um passo, dar-me aquele infantil prazer.

Mas quem me mandou a mim meter em camisa de onze varas ?

Rapazes, rapazes !

V

A *Férula*. Era um apêndice obrigado nas escolas de latim, segundo o antigo rito. Sem meter-me aqui a condenar, ou absolver, em absoluto o seu uso, cuido assim mesmo que, aplicada com discernimento e moderação em pequenos de certa índole, era proveitosa ao ensino.

Por mim o digo, que lhe experimentei os benefícios, não tanto da correcção *in actu* como da ameaça, ou seja *in potentia*.

A nossa, lá a tínhamos pendurada no preguinho, e bem à vista de todos a lembrar-nos cuidado com as lições, que ela não fora feita para os cães...

Até por gracejo lhe chamavam *Santa Luzia milagrosa* que, se não dava vista aos cegos de nascença, abria os olhos aos mandriões descuidados.

A mim quantas vezes a fitava (e era muitas em cada dia), sempre cá por dentro me dava rebates de temor e remorso da minha preguiça, até então mais feliz que justificada.

Tirante um ou dois, mais contemplados com os *bolos* da férula, à maioria dos rapazes raras vezes visitava, e alguns mesmos como os *imperadores* passavam indemnes todo o ano. Eu também andei muito tempo no número destes; um dia porém caiu a casa. Enfim, estava escrito ! como dizem os mouros.

*

Foi o caso que, tendo chegado à hora da aula uma visita ao nosso Padre Mestre com ela se recolheu na salinha interior, deixando-nos à solta na da entrada, onde estávamos por ser no Verão.

A gente escolar sentindo-se em liberdade desatou a falar alto, a rir, a pinchar num *charivari* fácil de imaginar. No melhor da festa abriu-se de repente a porta, e assomou nela a figura erecta e plácida do Padre Mestre, tudo caindo em silêncio, como pardais à vista do gavião.

— Senhor Correia ! meia dúzia de *bolos* a cada um.

E desandou cerrando a porta.

Era inevitável ! Tomei de um salto a palmatória dando-a ao Correia, que era o melhor *executor dalta justizia* para casos tais, e com alvoroço estendi-lhe a mão que tomou pelos dedos. Até ao terceiro, se bem me não soubessem precisamente aos *bolinhos cobertos* das doceiras, a coisa ia passando menos mal; ao quarto achei-o já acentuadamente azedo; ao quinto nem falemos nisso; quando com o sexto retirei a mão para acalentá-la no sobaco esquerdo, já uma lagriminha me bailava nas pálpebras, e fui-me ali para um canto a lamentar os meus males.

Quis levar a coisa de brincadeira, a rir, mas acabei a chorar, rapazes !

Entretanto o Correia lá ia tosando os outros, um a um, como *Pedro o Grande* da Rússia a decapitar soldados.

Se o Correia também era *imperador*. . .

Deus lhe fale na alma ! Foi o melhor estudante do nosso tempo, e morreu de ordens sacras, aprovado já para presbítero.

*

Passados tempos, como quer que o Padre Mestre nos topasse falhos em análise gramatical, decretou para o outro dia repetição *de atrasados*, a bolos, para os de 1.ª e de 2.ª. Estava apanhado na rede !

Já sabia pelo ter visto que, a cada erro ou falta de resposta, correspondia um *bolo*, e do valor destes estava suficientemente informado. Portanto o único expediente para atenuar os estragos da iminente saraivada era deitar-me à gramática, naquela tarde. Quis lá saber do rio naquele dia, se nem as peras do quintal me aguçaram o apetite.

Aquilo é que foi estudar durante toda a tarde e ainda na manhã seguinte, ao cantar do pisco !

Não escapou nada, desde as *declinações* até ao fim da *Sintaxe*. Cuido que até a *Sílaba* (tratadinho da minha embirra) levou uma decruadela, daquela feita.

Abençoada *férula* ! não por me haver poupado a maior dose, mas por me fazer estudar como nunca. Assim entendi então e ainda entendo hoje.

Pena que a medicina não viesse mais cedo.

*

Noutra aventura me vi e muito mais séria.

Tínhamos nós um condiscípulo de nome Sabino, mestre em alicantinas e facécias *et totus in illis*.

Não nos acompanhou para Braga e perdi-o de vista desde esse tempo: suponho que foi acabar ao Brasil.

Ora o Sabino que andava sempre atrasado em matérias de lição, sucedeu-lhe chegar uma tarde atrasadíssimo nas ditas. Faltavam poucos minutos para a entrada e veio ter comigo todo açodado para lhe traduzir a fábula.

Eu já não traduzia fábulas, mas tinha algo daquilo de memória. Abriu e leu: *Duo muli in latrones*[4].

Traduzi logo: *Duo muli*, dois mulos, *ibant gravati*, iam carregados, *sarcinis* de ***sardinhas***, *unus*, um deles, *ferebat*, conduzia, *fiscos*, ***figos***, *alter*, o outro, *sacco tumentes*, sacos de ***tomentos***, *multo cum hordeo*, com muita cevada, etc. Semelhante *verundanga* era uma brincadeira que o pobre rapaz tomou a sério, e engoliu sem pestanejar.

Pior foi que lhe tocou o ponto na lição alternada com o colega, e arguiu impávido e confiante com tamanho destempero, quando já nem a gente se lembrava da diabrura. Porque, devo declarar que nem sempre o embuste me repugnou, e se reparasse em que ele a tomaria a sério, lho não impingiria.

O Sabino porém, naquele dia nem os significados tirara; e o Padre Mestre ouvindo serenamente o desconchavo observou-lhe:

— Sabino ! quem lhe traduziu a fábula lá fora ?

---

4 Por descargo de consciência devo advertir o leitor que tenho citado de memória estas e outras passagens dos clássicos; e que a minha memória mais de uma vez me tem atraiçoado . . .

— Foi ali o senhor M., respondeu muito lépido o desgraçado, sem ver que nos afundávamos.

Pois nem um nem outro ! O Padre Mestre, disfarçando um sorriso que lhe provocou semelhante disparate, mandou traduzir o outro e passou adiante.

*

Concluindo. Por modesta que tenha sido a nossa escola de latim, apoucada no alimento mental aos alunos e atrasada nos processos pedagógicos, certo é que, por deficiência desta disciplina, nenhum dos seus tropeçou na carreira das letras: símplices sacerdotes, párocos colados, pregadores, bacharéis formados, professores e até um juiz de Direito contamos, e um bispo mais um médico.

E, coisa notável, neste pequeno, pobre e montanhês concelho houve por esses tempos nada menos de quatro escolas de latim do mesmo modelo, regidas todas por *padres*. Estes padres ! . . .

A de *Rio Caldo*, mais antiga e de muito nome, do Padre *Bento Lopes*; a de *Chãos* (Balança), do Padre *Manuel Dias*; a de *Sequirós* (Chamoim), do Padre *Francisco Martins d'Afonseca*, todas deram seu contingente para a nossa de *Covide*, que ficou só afinal e durou mais que nenhuma das outras.

Afinal também ela acabou, como tudo neste mundo.

Um dia o Padre Jerónimo apresentou-se em Braga a concurso à cadeira de instrução primária de Covide, e foi nela provido, dando de mão aos nossos latins. Assim ficámos e estaremos por mal dos nossos pecados, enquanto o clero juvenil não tornar do brio reatar a tradição.

Permita Deus o faça e quanto antes, se não por esta pobre terra, por outras mais felizes.

Ad majorem Dei gloriam fiat, fiat.

5

De quando a gente era pequeno*

Caçar

V

Como dito foi noutra parte, já uma dúzia de anos passou (1903) desde os primeiros artiguinhos com esta epígrafe de andar por casa.

Era intenção por esse tempo fixar reminiscências da infância, para uso próprio e da sobrinhada.

Entretanto o dito tempo, que por ninguém espera, foi andando sempre, as crianças fizeram-se rapazes, e até o estilo menineiro com a demora se endureceu e azedou.

Que faremos agora do pastel ? Dar-lhe à pressa a última demão e deixá-lo à sua sorte de fruta serôdia.

Para cerrar o plano prefigurado *in illo tempore*, irão por fim alguns costumes da pequenada da minha terra, a benefício de leitores eventuais.

É quase nada, bem vejo; mas se o «pilriteiro não dá coisa boa»... fique ao menos a consolação de que não voltaremos aos pilritos. Valha-nos isso e deixem passar agora.

*

---

* Publicado em *Voz da Verdade*, Revista Religiosa, 22.º ano, n.º 7, de 11 de Fevereiro de 1915.

Caçar é, segundo parece, um dos factos primitivos da humanidade, e tão sabido que nem carece documentado.

Primeiro foi para viver; depois por lucro, por moda, por prazer, por exercício higiénico, por exibir provas de destreza, de coragem, de resistência às fadigas, segundo o género de caça.

A própria guerra, facto igualmente primitivo, é ainda *caça*, do homem pelo seu semelhante. Melhor diríamos *montaria*, mais conformemente a fórmula do filósofo inglês: *homo homini lupus*, que não se matam na guerra os homens para se devorarem como nalgumas tribos selvagens.

Cá pelas nossas aldeias da serra, *montaria* é a batida aos animais daninhos, mais ou menos ferozes, o lobo, o texugo, a raposa. O lince ou *lobo urval* e o urso pequeno (*ursus gulo*) são espécies extintas. Exterminar é o fim da montaria; utilizar para mesa própria ou dos amigos, o da caça. Assim caça-se o coelho, a perdiz, a galinha, a corça, o javali, a cabra-montês e até a truta se diz caçar, usando o género por espécie.

Ora seja instinto animal, seja vontadinha de fazer o que fazem os outros, os homens grandes, certo é que a gente em pequeno pelava-se por uma espingardinha jeitosa; e, à falta de melhor, chegou a utilizar às furtadelas uns anacrónicos espingardões de pederneira e caçoleta, que em casa havia do tempo dos avós.

E tinha parceiros na vizinhança, com os quais em anos infantis preludiava já guerra à passarada, empregando aliás armas menos terríficas: a *pedrinha* mandada contra alguma alviola lavandisca, chilreante, casquilha, a dar a dar com a cauda e a rir-se da agressão; a *espreita* dos ninhos, o *cacifo* aos melros, o laço da *aboiz* aos gaios, o *isbó* às perdizes... *Visco* nem *esparrela* não usávamos por desconhecidos cá na serra.

Mas para imitar armas de arremesso tínhamos o *tirote*, pistoleta de ar comprimido num tubozinho de sabugueiro com buxas de estopa ensalivada, apertadas por um atacador à feição.

E era do estilo assoprar ao orifício da máquina, antes de aplicar a buxa, para obter melhor tiro! Conhecíamos também a *funda* feita de casca de trovisco, a *flecha* com arco, e a *garrocha*.

Um arsenal, como se vê, pouco inferior ao do estado-maior do exército alemão.

Sempre as armas tentaram os rapazes. Já o sabia o manhoso Ulisses quando no serão do paço de Licomodes descobriu Aquiles disfarçado em donzela, só com amostrar o presintir de uma bela espada.

*

Porém do mesmo modo que os armamentos de longa data dos estados europeus haviam de dar na actual conflagração, assim os nossos exercícios venatórios de rapazes estavam reclamando mais vistoso teatro em uma caçada com os homens grandes, como nós dizíamos. Esse era o grande *desideratum*.

Uma dificuldade surgia para nosso mal: como aos escudeiros o uso das esporas, assim à pequenada era vedado o da espingarda nas caçadas do *Gerês*. Restava porém a montaria ao lobo na serra de *Santa Isabel*, onde eram admitidos desarmados de escopeta, não porém de instrumentos de estrondo para espantar o bicho. Papel inglório do burro à caça com o leão... Assim mesmo se aceitava e era esperado com ansiedade.

Ansiedade de correr aventuras na batida por montes estranhos, e poder avistar o *lobo*, animal quase lendário na imaginação dos pequenos, depois de tantos contos à lareira nas noites de inverno, de lutas de homens com o terrível animal, de *lobisomens*, de mulheres *lobeiras*, etc.

À nossa montaria, obrigatória nesse tempo, sob pena de coima, para uma pessoa de cada casa, em todos os sábados da quaresma, concorriam os povos dos dois concelhos convizinhos da Serra, de *Terras* e o de *Santa Marta* de *Bouro* [1].

Estes batiam para o fojo os montes de *Ventozêlo*, de Nossa Senhora da *Abadia*, do *Formigueiro*. Aos de Terras pertencia montear as outras partes, encaminhando ao mesmo fim a batida; até se juntarem pela tarde as duas facções, em frente à muralha do fojo, à maneira de pescadores que apanham as redes.

*

O flanco da serra com vertente para o *Homem*, que partindo de *São Pedro Fins* sobre Caldelas termina na depressão de Covide, vem alteando-se gradualmente até atingir a maior altitude no *Crasto*, cabeço eriçado de mato bravio e grossa penedia estática, que lhe forma uma coroa de majestosa grandeza, vista da nossa terra.

Acolá no Castro, diziam-nos, é a casa dos lobos. Faz míngua escorraçá-los dali para os levar ao fojo.

Era apontar à nossa valentia a cidadela do inimigo: empresa árdua que tinha seus encantos, e nos punha a caminho do tal fojo que muito queríamos ver.

1 Este concelho foi extinto em 1855.

Fojos havia vários por esses montes ao largo. O nosso estava já na vertente para a bacia do Cávado sobre Rio Caldo. Era formado por um muro, espécie de muralha da China, de uns 400 metros de comprido, inclinado obliquamente até atingir na extremidade inferior um ribeirinho, que desce rapidamente pelo flanco da serra. Em frente devia uma fila de monteadores atacar o lobo fugitivo para o obrigar a seguir o muro e cair afinal num poço, como os dos quintais de Braga, cuja boca estava dissimulada por meio de ramos. O fundo do poço tinha alguns palmos de água para impedir o animal de ressaltar, e uma portinha lateral cerrada a pedra solta por onde seria extraído vivo ou morto. Era um processo demasiado patriarcal e poucas vezes feliz; tinha porém seu aparato e pitoresco desportivo que entusiasmava a rapaziada. Lembro-me de ouvir, em pequeno terem ido ao fojo num só dia três lobos, e todos se escaparam pela portinha mal segura. O mais ordinário porém era não ir lá nenhum.

Nos últimos tempos andava muito desacreditado o velho fojo.

*

Vamos à montaria, que é sábado de quaresma. Por volta das 10 horas já pelo sopé do *Crasto* bicavam à roda de pequenas fogueiras grupos de rapazes das freguesias vicinais, dispostos para o ataque pela parte do Norte. Chegado o momento da acção, rompe a estrídula sinfonia capaz de espantar os lobos e até as próprias fragas, de gritos *Oh! lobo! Oh! lobo!* acompanhados da detonação da pólvora seca, de alguma ferrugenta furtada aos direitos.

É o *barritus* das legiões romanas ao romper a peleja. Segue-se a parte orquestral produzindo um horror de sons disparates, arrancados com alma das *buzinas* grossas e das pequenas *carrapitas*, dos *chifres* de boi que se ouvem à légua, e sobretudo os da *ronca* ou *sarronca* que apavoram os próprios animais domésticos, como as éguas do monte que fogem para fora de vila e termo, de medrosas.

E é um instrumento bem simples a *ronca*. Ao gargalo de uma panela de barro, já sem bojo, adapta-se uma pele retezada como tambor que, furada a meio, recebe um baraço encerado, preso por um pauzinho atravessado de fora. O tocador da *ronca* sobraça com a esquerda o gargalo, e com a direita corre fortemente a mão pelo braço. Isso basta para a vibração da pele dar um ronco medonho, estranho, que se ouve até muito longe e assusta quem o desconhece.

Penetrando em som de guerra, e não sem fadiga e dificuldade, naquele dédalo e bruta penedia, onde a cada passo cuidávamos ver saltar o lobo, aconteceu que de uma vez a meia dúzia de rapazes nos apareceu coisa melhor.

Saímos a uma clareira onde estava a *casa do Frade* [2], muito falada pela nossa terra. Um cubículo arrimado a uma fraga muito caiado e pintado, sem gente e com a porta aberta. Nele entrámos de chofre, encantados com o contraste. Logo um dos garotos nos mostrou debaixo de uma capa as palhas da cama e à parte arrumada alguma loiça, e outro apareceu com uma garrafa de licor, donde bebemos um trago à cortesia, se não à saúde do venerando solitário, ausente nesse dia. De lobo, nem um pelo, apesar do nosso clamoroso contributo, bom é que não esqueça.

*

Muitos anos passaram, depois *immutatio quanta rerum!*

Os *fojos* devem ter caído em ruínas, pois há mais de 30 anos que não se houve falar de lobos por estas serras.

Parece que a *estricnina*, lançada nas reses abatidas por eles, operou mais radicalmente que os fojos.

Da *casa do Frade*, nem resquícios.

Deste mesmo, que era um venerando ancião, filho de uma família nobre, dos *Mexias Pimentel Bulhões*, da Beira Baixa, quem se lembra hoje ?

Tomei parte nos ofícios fúnebres do seu funeral em Chamoim, muitos anos depois, e creio ter assim pago o golo de licor de canela, indevidamente galdripado.

Tudo passa, os homens e as suas obras; a natureza porém, que é obra de Deus, fica sempre.

O *Crasto* lá continua, imóvel e carregado, na sua fera e bruta grandeza, sem lobos nem *casa do Frade*, nem rapazes monteiros.

E ponto final.

---

2 *Frei João Mexia*, dos monges de Bouro (irmão do abade de Chamoim), que por aquele monte passava muitos dias.

6

Caça no Gerês *

Aditamento

[I]

Uma cena terrificante e algo fantasiosa também, como são de si as narrativas deste género, que ontem li da caça ao javardo no Gerês, aguçou-me o apetite de aditar-lhe os meus contos, singelinhos mas autênticos. Reminiscências dos verdes anos, incidindo sobre assunto que muito me apraz ver conhecido e procurado — a serra do Gerês, é que são estas notas afinal.

Foi de uma vez (já lá vão 50 anos bem medidos !) sempre a gente conseguiu licença para ir numa caçada à serra naquele dia.

Bateu-se a *Varziela*; a mim com mais uns 10 ou 12, tocou-nos tomar as esperas desde o *Caramelo* até lá acima não sei onde.

A mim deram-me logo a primeira a subir.

Aí o sub-chefe que nos conduzia, o tio Pincães do Campo, depois das instruções que é de uso deixar aos novatos sobre a quietação e imobilidade no posto, raio de tiro, não fumar, etc., indicando-me um cômoro de penedos e troncos de árvores disse:

— Suba para ali, porque você é rapaz e aqui é passagem de *pórco*.

A tanto o moveu decerto a sua prudência de velho e receio de alguma leviandade dos meus 17 anos.

Fiquei encantado com a ideia de ter de atirar a semelhante bicho. Não porque eu fosse um valentão por aí fora, mas o medo ao *pórco* (como lá dizem) e ao lobo não se usa na nossa terra, Isto vem da criação da gente por lá.

---

* Publicado em *Propaganda*, ano I, n.os 19 e 21, de 30 de Maio e 13 de Junho de 1910.

Sentei-me numa pedra musgosa recostado ao tronco de um carvalho, apalpei com amor a espingarda que era de um só tiro, de carregar pela boca e de espoleta de fulminante.

O *cão* funcionava bem, e tinha sido carregada a preceito com carga reforçada de boa pólvora e as três balas da ordenança, que a 30 passos cravavam-se em triângulo de um palmo de lado; a 50 passos abrem talvez um metro.

Esperava com impaciência o *pórco* mas o *pórco* não veio: já então rareavam por lá. A todo o instante via ver o meu cerdo, bruto rompendo como tufão pela clareira para receber na garupa as três balas fatídicas. Não o fazia por menos. Inocências de novato, como se verá.

Não tardou porém que algo viesse em lugar do javardo: eram duas corças ! Na frente, a mais corpolenta galopando moderadamente, à moda delas, e parando com a cabeça alta à escuta de uns longínquos ruídos, da batida. De uma vez a nova apoiou-lhe sobre a anca a sua cabecinha delicada: era maẽ e filha, evidentemente. Deveria mover à compaixão esta cena, que a corça é um animal formoso e meigo; mas o caçador é por seu turno um animal fero e sanguinário.

Felizmente para elas, antes de entrarem no campo de tiro, treparam à direita escapando-se por entre uns cabeços, em dois minutos.

Assim se pouparam a um grande susto, pelo menos : o caçador permaneceu imóvel.

Mas já ao longe se ouviam alguns tiros de *levante*[1], a voz estentórica dos monteiros e o latido fino dos cães.

É o paroxismo, o momento dos arrepios do caçador da espera : carabina apertada nas mãos e olhos atentos.

Dez minutos nesta posição, quando muito, e entra no fim da esplanada rompendo a direito pelo perímetro de fogo outra corça, adulta, fatigada, alongando-se em saltos um pouco dançados a modos de péla. Era o momento decisivo.

Num quarto de minuto estava a trinta passos !

Apontar e desfechar foi feito com tanta segurança, que o muchacho do caçador se levantara para lhe lançar a mão quando, com enorme desapontamento seu, viu que ela se levava com toda a frescatura !

Mostrou-lhe o *escrito*[2] por despedida e foi-se !

Pouco depois passavam alguns cães correndo esbaforidos em sua perseguição. Tinha terminado a batida.

---

1 Tiros de pólvora seca, dos batedores para *levantar* a caça.

2 É certa mancha branca sobre a cor fouveira, na região anal...

No sopé do monte, às pontes da Albergaria, estava já um grupo de 30 ou 40 caçadores com o chefe director da caçada, o velho mas robusto e respeitado António Cutêla, do Campo, como pescadores ao colher das redes aguardando a descida das esperas e informando-se do que teria havido por lá. Logo um dos do grupo perguntou em voz alta:

— Quem foi que atirou no *Caramelo* ?

E a gente, envergonhado e desapontado:

— Fui eu.

— Demónio ! O tiro roncou por aí fora que parecia um morteiro !

E outro da banda:

— Isso não é tiro de caçador !

Então diante do Cutêla a quem devia explicações pretendi esclarecer o caso, dizendo como observara as instruções e tão seguro estava, que até me levantei para pegar na caça.

Riram-se alguns da ingenuidade, e o velho Cutêla apesar daquela sua fisionomia leonina que impunha respeito, disse-me sorrindo:

— Está bem ! Obrigação é atirar; matar não é obrigação. Alguns vão dormir para a espera ! Esses não cumprem.

— Mas eu que já contava...

— Pois para outra vez, quando não contar é que há-de matar.

E assim foi ! Mas não é para aqui.

O resto depois.

[II]

Agora dois casos de javali, contados à hora do descanço numa roda de caçadores por um dos agentes, sujeito de toda a probidade mesmo venatória. Não conheci melhor caçador nem mais sério nos processos da *arte*, a não ser por um pecadilho... Digo já para que não fique suspeita de maior:

Como director daquele dia, de uma caçada às corças, colocou na espera da *casota* de Calvos um famoso caçador que de Lisboa viera ao Gerês caçar, o conselheiro Montufar Barreiros. Nessa espera não há memória de ter sido abatida uma só peça, por passarem aí sempre na ponta da unha em esplanada descoberta entre dois vales, e às vezes a distância larga de mais.

Para lhe experimentar a precisão de tiro e porventura se não gabar em Lisboa o conselheiro de ter *bigodeado* os da serra.

Vamos ao caso:

Este que fora o príncipe dos caçadores do seu tempo lá pela nossa terra, o Gaio de Brufe (padre António) saiu às perdizes um dia pelas encostas

da *Amarela*[3], com dois vizinhos dele, que eram como seus imediatos ou lugar-tenentes, o António Varela e o João Mateus, dois belos tipos de homens da serra [...].

Acertou [...] aquele perto do fojo[4] do *Marco de Anta*, onde os perdigueiros, contra o seu costume deram de ladrar *a bicho bravo*, como lá dizem.

Subiram os três para o muro do fojo e notaram que o matagal de giesta e piorno era agitado aqui e além por animais que eles não descobriam ainda.

Pois era uma família de javalis, afinal.

Um dos três, parece que o Mateus, passando-lhe à mão um dos *filhos-famílias*, ainda mamote, desancou-o com um tiro de chumbo miúdo, que não levavam balas nesse dia.

Com a detonação aquietou-se a agitação do mato, ficando naturalmente os cerdos em espectativa. O ferido porém ia-se arrastando e embrenhando pouco a pouco na espessura. Então o Mateus saltou abaixo e filou-o pelas pernas, mas o pobre ferido levantou um grunhido lamentoso que pôs em fúria os demais; correndo desatinados em todas as direcções, obrigaram assim o caçador a retomar com a presa o muro, mas depressinha. Nisto, outro dos três caçadores abateu, com um tiro no espinhaço e quase a queima-pêlo, um animal adulto.

Debandaram e não mais foram avistados os restantes.

À segunda vítima, uma javalina, chamava o Gaio *tia* do bacorote, por andar desmamada.

E assim terminou em poucos minutos e sem sombras de medo desordenado o incidente. Digo *desordenado*, porque o Mateus lá no subir depressinha o muro, obedeceu às símplices indicações do senso comum. Mas isso não é medo; apenas mero instinto de conservação...

*

O outro caso diz-se em duas palavras. Nele foi único agente o padre António Gaio.

Tocou-lhe uma espera no alto do rio de Cabril, confluente do Lima. Era numa clareira da floresta e bastante afastada das outras esperas, para dever considerar-se inteiramente só, como lá acontece ordinariamente.

---

3 Projecção excêntrica do Gerês entre Homem e Lima.

4 Poço disfarçado com ramagens, e onde os lobos perseguidos vêm cair.

Veio um javardo de cara, e recebeu apenas uma bala que o prostrou de focinhos. E quando o caçador, supondo-o fulminado se chegava para o *apernar*, levantou-se este de novo e presto rompeu. Viu-se depois que a bala apenas lhe levara de raspão um bocado de crânio, bastante para o atordoar, não para o matar.

Assim partiu rápido, porém com a cabeça inclinada a um lado; e em vez de cortar a direito como costumam, deu em andar à roda na clareira.

Era o momento de se pôr a salvo o caçador tímido, tanto mais que usando de espingarda de um só tiro nem tempo tivera de a carregar de novo, pela boca entende-se.

O Gaio porém era um valente: larga logo a arma e apanhando um madeiro foi-lhe aplicando a cada volta sua pancada na nuca, até o prostar sem vida.

Dispensa comentários.

7

O Santo Rosário em família*

Reminiscências

Não há, me parece, devoção de mais fácil prática e mais harmónica com as cenas da vida doméstica.

E que perfume de paz e bênção para o lar, da récita do Santo Rosário!

Aquele murmúrio plácido, indeciso e a modos de alternado, como o sussurrar da fonte, às primeiras horas do descanço da noite, nos casais da serra ou do vale, quando fora ruge o temporal na escuridão, que doce e cismadora calma não derrama em nossas almas! Mal pode apreciar, quem não o experimentou.

Ora percorridos a *Ave-marias* os *mistérios*, que se vão articulando uns aos outros por *Padres-nossos*, *Gloria patri*, etc. (já de si mesmos um encanto pela singeleza da prece e repetição da mesma) entram as *encomendações* finais, espécie de escada mística, por onde enviamos ao Pai do céu as nossas rogativas e recebemos despacho.

Como se conforta e rende enternecida neste comércio de caridade entre Deus e os homens a nossa alma naturalmente cristã!

Diante da mente de cada um passam em revista os trabalhos, perigos e necessidades em que porventura deverão estar àquela hora os nossos irmãos esparsos por esse mundo, enquanto o lume crepita no lar e cada um sente o benefício da divina misericórdia naquele meio de paz e aconchego doméstico.

Então com voz grave e pausada: «Pela paz e concórdia entre os príncipes cristãos, extirpação das heresias e aumento da nossa Santa Fé Católica, *Padre*

---

* Publicado em *O Rosário*, ano II, n.º 16, Janeiro de 1909.

Nosso, Ave-Maria», prossegue o pai, chefe de família, sacerdote daquele templo, recostado no escano; e de pé, à roda do lar a gente moça, mais os velhos dobrados nos seus bancos pelo peso dos anos, alternam com ele a doce reza. Aconchegados nos seus braços, ou no regaço da mãe, dormem as criança. «Por Sua Santidade o Padre Santo de Roma, e por todos os Bispos da cristandade, *P.N., A.M.* Por todos os cativos, tentados e aflitos, para que Nosso Senhor os alivive, *P.N., A.M.* Por todos que passam fome e sede e abandono, para que Nosso Senhor lhes acuda, *P.N., A.M.* Pelos órfãos e viúvas desamparados, para que Nosso Senhor lhes assista, *P.N., A.M.* Pelos enfermos e encarcerados, para que Nosso Senhor os alivie, *P.N., A.M.* Pelos que andam sobre águas de mar, para que Nosso Senhor os leve a porto de salvamento, *P.N., A.M.* Por alma de nossos pais, tios, parentes e benfeitores, *P.N., A.M.* Por todos os necessitados, das nossas obrigações e relações, *P.N., A.M.* Pela conversão dos pecadores e perseverança dos justos. *P.N., A.M.*».

Ai ! quanto tempo há que não oiço a dolcíssima toada, do rosário em família, por fora da casa paterna como ando há trinta, quarenta e mais anos ! . . .

Duas gerações que se já extinguiram, e a terceira que vai a caminho disso !

*

Nesse tempo era assim a *minha gente*, como se lá diz : meu avô paterno, velho magro, alto de estatura, forte, desenganado; servira 20 anos no regimento de milícias da Barca e vira as barbas aos franceses mais de uma vez; meu tio Padre Manuel, irmão dele, bastante mais novo, clérigo do *requiem*; minha avô paterna Maria José (a quem nós os rapazes chamávamos a *Mãe Zé*) que não sabia contos nem cantigas e trabalhava mais do que falava, de dia no campo, à noite na roca; meu pai, simples lavrador como todos os nossos avós, alegre, forte e franco, no vigor da mocidade ainda; minha mãe, muito nova e muito santa, cuja imagem guardo no peito; minhas duas tias paternas, ambas solteiras, nossas segundas mães.

Ia-me escapando a minha tia Maria, irmã do meu avô, que era a governante da casa e acudia a todos.

Eu de mim, de 10 ou 12 anos então, era o mais velho de doze irmãos que vinham vindo ao mundo por esse tempo.

Ora aí está a nossa casa, lá numa aldeola pendurada das vertentes ocidentais do Gerês, onde à noite se rezava o rosário, como nas da vizinhança.

Ditosos tempos da minha infância !

*

Duas cenas somente:

Uma vez a minha tia Maria que estava quentando o forno doméstico para cozer o pão, como todos fazem por lá, ia associando ao rude trabalho de lançar pela boca do forno a lenha grossa, remexê-la com o tição comprido que chamam *sarrafo* ou *sarrabulhadoiro*, retirar as brasas com a *ferrelha*, etc., ia associando, dizia eu, a prática do rosário.

Porque contraíra o hábito de trabalhar e rezar ao mesmo tempo, e depois tinha em grandíssima estima um rosário da *Santa Casa*, como dizia, que na mocidade lhe dera um missionário, religioso não sei de que ordem.

Ora naquele dia, e em vários outros, notei que a tia Maria, trabalhando sempre e rezando, também chorava... Pois apesar de muito respeito e veneração que me inspirava, sempre lhe perguntei duma vez:

— Mas... porque chora a Tia ?

— Porque choro ? porque estou a rezar o rosário por alma de meu pai e de minha mãe, e do senhor tio e de minhas irmãs que já lá estão ! E quem sabe se ainda estarão no Purgatório ? Oh que tormentos, que tormentos !

E não tirava os olhos do bojo do forno esbraseado, nem cessava a sua tríplice faina aquela santa criatura da minha tia Maria.

Este rosário porém não dispensava do da comunidade familiar: a tia Maria à sua banda rezava, não sei quantos, na roda do dia.

*

Em comum era depois da ceia.

O avô tomava as contas, persignava-se, encomendava o acto e rompia com o 1.º *Padre Nosso*. Todos os outros respondíamos em coro, incluindo o tio Padre Manuel.

Meu avô não cedia o lugar da cabeceira à mesa, nem certas precedências derivadas deste facto mais deste direito. Por isso apesar da presença do meu tio padre, era ele sempre quem dava as graças depois das refeições e *contava* o rosário.

E quando algum velho camarada lhe dava a *senhoria* e do senhor alferes, parecia aos nossos olhos de rapazes ele não desgostava.

Quanto a letras porém, não tivera senão as primeiras, ler, escrever e contar.

Ora no fim da reza vinha sempre a ladainha de Nossa Senhora, que ele recitava de cor e com bastante aprumo e correcção.

Somente quando chegava ao *Regina Angelorum*, ele pronunciava com acento a 1.ª sílaba: *Régina, Régina*, etc.

Aconteceu de uma vez que a minha competência latinista (aos 10 anos já andava com a selecta 1.ª às voltas) se revoltou contra o barbarismo de pronúncia, apesar de respeito e veneração pela sua pessoa, e curvando-me para o tio disse-lhe em voz submissa:

— O avô diz *Régina, Régina*; mas aquilo é *Regina*, não é, tio ?

— É, é; cala-te para aí.

E assim encravou rudemente na sacudida resposta do padre (meu mestre nos rudimentos do latim) a minha primeira crítica literária de algum peso.

E foi lição, porque nunca mais me dei bem com este género.

Para aprender !

Que tinha lá que o avô dissesse trocado ?

Não seria por isso aceite a sua e nossa oração ?

Ora a petulância dos rapazes !

Felizmente que o velho não ouviu, e assim seguiu até ao fim da vida.

Abençoada seja a sua memória: foi ele quem me ensinou a dizer o *Credo*.

8

O nosso Arcebispo*

Alguns traços fisionómicos do ilustre prelado, aqui lançados sem arte nem plano, já não há risco de parecerem louvaminhas; que não pode agora a lisonja mover a pena, nem ser severamente recebido pelo louvado o louvor. Estes e outros impecilhos desata a morte, se tudo não desata, como quer o prolóquio de que *mors omnia solvit*. Ficam sempre as boas obras para edificação dos vivos, e *seguem* para galardão dos mortos: *opera illorum sequuntur illos*.

De parte porém o tom elegíaco da oração fúnebre: para dentro e em silêncio o pranto de o havermos perdido; ao qual, algumas linhas apenas do seu retrato para quem o não tratou nem conheceu.

*

No meu humilde entender, Dom Manuel Baptista da Cunha pertencia à classe, pouco numerosa, dos homens que valem muito mais do que parecem.

Não esquecerei a expressão de desapontamento das massas populares, perfiladas ao longo das ruas e pelas naves da Sé de Braga à passagem do novo Arcebispo no dia da sua entrada solene (9 de Agosto de 1899). É que, não tendo conhecido D. Rodrigo de Moura Teles, e conservando ainda na

---

* Publicado em *Voz da Verdade*, Revista Religiosa, número único, Junho de 1913, *In Memoriam* - Homenagem à memória do Saudosíssimo Senhor Dom Manuel Baptista da Cunha, Arcebispo Primaz, por ocasião das solenes exéquias na Sacrossanta Basílica Primacial, no dia 19 de Junho de 1913.

retina a cansada corpolência e doce fisionomia de D. António Honorato, acaso lhes parecia grande de mais para tão estreitos ombros e diminuta pessoa a mitra bracarense. E porque fora apresentado em pleno *rotativismo*, logo a facção adversa julgou do seu dever partidário recebê-lo de pé atrás; enquanto os da outra se afastavam pouco a pouco, descontentes por não verem o Paço de Braga feito chancelaria do seu partido. Uns e outros só tarde reconheceram o erro; e com tal procedimento, melhor apuraram para a História o carácter íntegro e alevantadas vistas do novo Primaz.

Era de uma só peça, na medula são e liso à velha portuguesa, com a prudência e circunspecção da tremenda responsabilidade do seu alto cargo.

Modesto por índole e reflexão, firme, medido, cortês, paciente, sério e ponderado em tudo e com todos; sem uma queixa pessoal do que quer que fosse, nem referência donde resultasse a mais leve sombra de jactância própria ou detracção dos outros.

Não trazia o semblante feito a meiguices afeminadas, nem a sobrancerias impertinentes; sempre plácido e igual, nos lances de feição e nos contrários. Apenas um leve gesto de desgosto e quase imperceptível, se alguém se permitia palavra que parecesse lisonja, ou acusação de ausentes.

Repugnava-lhe soberanamente qualquer espécie de baixa intriga, e não regateava louvores aos dignos, fossem ou não amigos. Servido por extraordinária retentiva, conhecia quase todo o seu clero, especialmente o ordenado por ele, e deleitava-se nas referências de apreço dos padres dignos: dos outros não se lhe ouvia uma palavra, e só Deus sabe quantas amarguras lhe vertiam na alma.

Amarguras ninguém as devorou com maior constância e serenidade do que ele, nos últimos anos do seu pontificado, recebendo em recompensa de tantos trabalhos e fadigas apostólicas na visitação pastoral, durante anos seguidos, a célebre portaria de censura do último gabinete da monarquia (Julho de 1910), e assistindo à derrocada das casas religiosas; à opressão do seu clero paroquial, posto entre o dever, à custa de privações, e a apostasia; à expulsão do pessoal dos seus seminários, e à sua própria do Paço, e da cidade que se chamou dos *Arcebispos*.

E sempre firme, sem um lamento nem um passo em falso ! A História dirá um dia quais foram nesta conjuntura os homens grandes. Há-de dizer, tem obrigação de o dizer.

*

Por amor à brevidade fique de banda referir actos conhecidos de alguns, da sua piedade sacerdotal, zelo apostólico, modéstia e humildade cristã, para der lugar a um que tenho bem vivo na memória, e define a bondade do seu coração.

Um dia (17 de Abril de 1902) por via do sr. Vice-Reitor recebe convite da parte de S. Ex.ª Rev.ma certo padre residente no Seminário para um passeio pelo campo. Foram, pela estrada de Ponte do Lima, a Prado onde apearam do coche e meteram a pé por Soutelo, Bico e Palmeira. Penhorado ficou o pobre clérigo por tal gentileza do seu Prelado que, demais a mais, o foi depor à porta do Seminário, torcendo daí para o Paço; não viu mais nada porém.

Tempos depois aparece no Seminário o senhor Dom Manuel e convida o padre a novo passeio. À portaria entraram no coche com um dos familiares, como sempre, meteram Pelames abaixo e lá se foram até ao fundo da Veiga de Penso. Apeados regressam os três, conversando pouco por virem a passo estugado que a tarde caía já. O pobre do padre, pesado e trôpego caminhava e suava, esperando a cada pequena rampa que voltariam ao carro, mas em vão: só à entrada de barreiras, e era já noite ! Para quê tão violenta caminhada de 5 ou 6 quilómetros se impôs o pobre Primaz ? Só depois constou; para benefício da saúde do seu padre, para quem a vida sedentária e humor fradesco estavam reclamando aquele tratamento heróico.

Gentilíssimo espírito e nobre coração !

2

PÁGINAS LITERÁRIAS *

* Reuniram-se aqui os textos de feição mais marcadamente literária. A maior parte dos textos do 1.º conjunto, *Autobiografia e Reminiscências juvenis*, assim como outros dispersos pelos demais grupos, facilmente aqui se poderiam inserir.

9

Contos ao lar *

[I]

Os suíços

Convida a serões em família este longo e áspero inverno. Enquanto o nordeste gelado açoita as musgosas paredes de granito das aldeias minhotas, e uiva seus lamentos pelos interstícios da chaminé, vá la um conto esta noite aqui ao lar.

Os vales profundos, fragorosas torrentes e montanhas toucadas de neve cá da nossa terra, evocam o país clássico de tudo isso, a velha Helvécia.

Chegai-vos a mim e escutai, que talvz não é isto um conto, senão retalhinho de história «para uso do Delfim». História ou não, aí vai.

Foi uma vez um nobre cavaleiro, de nome Rodolfo, conde de Habsburgo, na Suíça. O qual conde com ser o maior senhor daquelas terras, era tão pobre de bens da fortuna como rico de valentia e fé cristã; pois encontrando um dia o sagrado viático, desmontou do seu ginete para que nele montasse o velho pároco. Acompanhou o préstito até à casa do enfermo conduzindo pela rédea o palafrém, e não mais cavalgou o animal que tinha conduzido Nosso Pai.

Muito queria toda a gente ao nobre conde Rodolfo, a quem aliás voluntariamente haviam eleito seu patrono. Ora aconteceu ser ele aclamado imperador e à sua morte, depois de uma guerra em que o filho dele, Alberto, matou o rei, foi este eleito imperador sobre ter herdado o dinheiro de Habsburgo.

---

* Publicados, com o pseudónimo de SERRANO, em *A Palavra*, de 7 e 17 de Abril de 1901.

O qual Alberto, valente como seu pai, porém cruel e mal avisado, tentou oprimir as liberdades dos pacíficos e honestos camponeses da Suíça.

À mensagem, na qual lhe mandavam a dizer: «Lembramo-nos com saudade de vosso pai, que para nós foi valente capitão e *advogado*; queremos muito porém às tradições e costumes de nossos maiores e nelas hemos de continuar; pelo que vos suplicamos no-las queirais reconhecer», respondeu o rei Alberto mandando-lhes os bailios imperiais Gesler e Landenberg, cruéis, dissolutos e rapaces, que desde logo deram em maltratar o povo. Queixaram-se então os suíços ao rei, que os não atendeu.

Um dia o abastado proprietário Werner, de Stein, ameaçado pelo bailio Gesler, procurou entender-se para a resistência com seu amigo Walther, de Uri, e com o jovem Arnold, de Unterwald.

Pelo São Martinho de 1307, reuniram-se uma noite os três em um vale escuro e solitário, e concertaram aí : que nenhum deles procederia por sua conta, sem voto dos outros; seriam um por todos e todos por um; e queriam viver e morrer nesta aliança. Cada um em seu vale, segundo o plano concertado entre os três, pugnaria pelos antigos direitos e liberdades do povo inocente e oprimido, a fim de que todos pudessem gozar para sempre da sua liberdade. Nenhum dano causariam à fazenda dos condes de Habsburgo; *mas a liberdade herdada de nossos antepassados, hemos de transmiti-la a nossos descendentes*, disseram.

Então da floresta saíram trinta outros valentes, que levantando a mão ao céu juraram em nome de Deus assim o manter. Pouco depois um dos conjurados, levado aos últimos extremos por maus tratos recebidos, mata Gesler, o bailio; e outros camponeses apossando-se por surpresa dos castelos de Roserberg e de Sarnin, soltam o grito de liberdade que subleva o vale inteiro de Unterwald. Rapidamente, de cumeada em cumeada transmite-se o sinal da revolta, e o castelo de Gesler cai nas mãos dos homens de Uri. Ao bailio Landenberg, obrigam a jurar de não mais pôr os pés na Suíça.

Foi levar a notícia ao rei Alberto, que logo preparou gente de guerra para esmagar os camponeses, enquanto que estes, reunidos em assembleia magna no seguinte domingo, juram de novo sua velha aliança.

— E o rei Alberto ?

— O rei Alberto cavalgava alegre e folgadamente entre uns três ou quatro do seu séquito, em um belo dia de Maio, quando caiu aleivosamente assassinado.

— Então os suíços...

— Os suíços nunca foram assassinos. Valentes cristãos, arrostam corajosamente com a morte no campo de batalha; não exercem o cobarde e infame mister de sicários. Às mãos do seu próprio sobrinho o príncipe João, cujo património tinha usurpado, é que sucumbiu o desatinado rei Alberto.

Durante uns sete anos viveram tranquilos estes valentes montanheses, e tiveram reconhecidas pelo novo imperador Henrique de Luxemburgo as suas belas liberdades; até que em 1315 o duque da Áustria, Leopoldo II, filho do finado rei Alberto, tentou esmagá-los nos desfiladeiros de *Morgarten*, no vale de Egeri, mas foi vencido e derrotado.

Honra aos bravos que assim vingam a sua liberdade ultrajada !

Desde 1332 a 1353 cinco novos cantões se uniram aos três primitivos, e por esta forma pouco a pouco foi medrando este ainda hoje pequeno Estado, porventura o mais feliz da Europa...

Quando em 1476, Carlos, o *Temerário*, duque de Borgonha, cobiçou alargar por aquele lado os seus estados, mandaram-lhe a dizer, para o dissuadir da empresa, «que as pobres terras da Suíça não valiam os freios de prata da sua cavalaria». Como teimasse na sua, foi derrotado sucessivamente em *Grandon* e em *Morat*, onde mais tarde alevantaram uma pirâmide comemorativa com os ossos dos borgonheses caídos na refrega.

— Valentes e bravos suíços !

— Sim, valentes e bravos e bons vizinhos.

Também o urso das suas montanhas é forte, pacífico e honesto animal.

Mate-o o caçador à falsa-fé, se poder; não tente porém acorrentá-lo, que despedaçará as correntes e esmagará o caçador.

É que só não goza da liberdade quem não for digno dela.

E acabou o conto.

[II]

Dos Afonsinhos

— Não nos conta hoje um conto de moiros ?

— De moiros porquê ?

— Sempre é outra coisa, um conto bonito de moiros.

— De moiros da moirama não sei contos; agora dos de cá, das terras de cristãos, vamos a ver se me lembro. Bonito conto é que não será...

Foi uma vez há muito tempo; havia um moço príncipe de extremada valentia na guerra, agigantado de sua pessoa, valoroso, destemido e denodado campeão. O melhor cavaleiro do seu tempo em toda a Espanha, não em justas e torneios senão nos campos de batalha.

Afonso se chamava do baptismo, *Henriques* de seu pai Henrique, conde de Portugal. O qual Afonso, à maneira dos filhos dos leões, cedo começou a fazer presa pela guerra.

— Esse foi Afonso Henriques, o 1.º rei de Portugal ?

— Foi, e aqui pela nossa terra do Minho se criou entre os moços do seu tempo, que lhe ao depois foram seguros e esforçados irmãos de armas: D. Gualdim Pais, de Marecos (Amares), Gonçalo Mendes, Mem Fernandes, Sueiro Mendes, Gil Barbedo, Mem Guterres, Martim Moniz, etc.

Portugal pouco mais era então que as terras do Norte; e assim tão afeiçoadas ficaram sempre ao moço príncipe, tão firmes e leais, como quem desde a mocidade com ele contraíu laços daquela amizade, que se não rompe nunca.

Ora aconteceu que na mente do conde Afonso duas empresas de alto esforço e nobre intuito se desenharam desde logo: sacudir a dominação e suserania de Leão, ao Norte, e rechaçar para o Sul as hordas moiriscas.

Para empalidecer bastaria qualquer delas, a quem não fosse da têmpera de Afonso Henriques e de seus destemidos camaradas.

E não foi obra de um dia.

45 anos levou a constituição e alargamento do reino de Portugal; outros tantos como os da vida do aguerrido monarca, que desde São Mamede até ao 3.º cerco de Santarém não mais depôs o terrível montante, com que rompia larga brecha pelas hostes inimigas.

Quase 30 anos gastou na primeira empresa, já conjugada com a segunda que naquela tomavá pé, e lhe era surgente de energia.

Aquilo é que era príncipe, aquilo é que foi rei ! E rei cristão, cujas fundações monásticas, São Vicente de Fora, Alcobaça, Tarouca, Pombeiro, Bouro, etc., arrotearam incultos bravios, cristianizaram e enriqueceram o seu povo.

Dois amores, igualmente fortes e generosos, alentaram o peito de nossos maiores em tão ardido e porfiado lidar: o amor da *pátria livre* alevantou-nos em nação independente; o da Fé cristã libertou de infiéis o solo abençoado da pátria.

Quantos marcos de imorredoira glória o não atestam, desde Cerneja até Ourique !

Braços de ferro e corações de leão, os de tantos bravos que, erguendo o heróico príncipe em seus escudos, lhe bradaram rijo e forte:

«Nós somos livres, e livre é o nosso rei ! Assim o queremos para nós e para nossos filhos depois de nós.»

Formosa página da história pátria, que arrancou à sobriedade de Herculano o seguinte dizer: «Sem a menor sombra de vaidade nacional, parece-nos ser lícito dizer que o esforço e constância dos portugueses e do seu príncipe nesta conjuntura são um dos mais belos exemplos daquela energia moral, de que tão rica era a idade média», etc.

Dessa raça de gigantes nasceram, com o andar dos tempos, os Gamas, Almeidas, Albuquerques, Pachecos, Silveiras, Castros e tantos outros que aos confins da terra levaram o nome português.

Espúrios por certo foram esses outros incapazes de fitar de rosto o sol das pátrias liberdades. Restos porventura daqueles moles agarenos de Lisboa que na crápula arrastavem uma vida infame.

«Era a soltura dos costumes (deles diz Herculano), a liberdade levada ao grau da licença. Cada qual dava a lei a si próprio: nenhuma religião havia e os homens mais depravados do mundo vinham mergulhar-se nessa sentina de corrupção, onde pululavam à vontade os mais asquerosos vícios, e as paixões maus ruins podiam francamente saciar-se.»

Duro é o quadro e as tintas cruas; quadro porém de mestre e prouvera a Deus nada nos pudesse sugerir dos costumes da moirama hodierna, da «cidade de mármore e granito».

«Naquele país (sentencia Herculano) seja qual for o seu grau de civilização e poderio, onde falece o amor da pátria, onde os vícios mais hediondos vivem à luz do sol, onde a todas as ambições é lícito pretender e esperar tudo, onde a lei atirada ao charco das ruas pelo pé desdenhoso dos grandes, vai servir de joguete às multidões desenfreadas, onde a liberdade do homem, a majestade dos príncipes e as virtudes da família se converteram em três grandes mentiras, há aí uma nação que vai morrer.»

Tremendo aviso, porém salutar para quem tiver olhos de ver e ouvidos de ouvir...

E acabou o sombrio conto.

10

Excursionismo *

«A primeira indústria dos minhotos devia ser parecida à da Suíça . . . »

Dr. Mastbaum, *Gazeta das Aldeias*.

[I]

Anda empenhada a *Liga* dos interesses de Braga em fomentar o engrandecimento e prosperidades desta cidade. Quer vê-la muito melhorada material e moralmente. Louvável é o propósito e para vivos aplausos. Todos queremos o mesmo.

Acontece porém que deles cuidam uns que em promover a nossa fortuna refundindo, como dizem, *de fond en comble* o passado para lograrmos a final uma Braga nova em folha e de uma só peça, segundo o figurino das aspirações radicais; enquanto outros (e para falar a verdade, a gente pertence à conta) prosseguem na realização do seu ideal conservador conformemente à fórmula conhecida: *vetera novis augere et perficere* [1]: «o antigo para ser acrescentado e melhorado pelo novo», não destruído.

Impossível parece conjugar em toda a linha as duas tendências, não só divergentes por fins e processos, mesmo antagónicas, contraditórias.

---

* Publicado em *Propaganda*, ano I, n.os 18, 19, 22, 23 e 24, respectivamente de 23 e 30 de Maio, 20 e 27 de Junho e 4 de Julho de 1910.

1 Leão XIII, Ency. *Atern. Patris.*

Assim mesmo algo haverá de terreno comum por onde possam desenvolver-se paralelamente, *pro interim*; a saber no que toca a ver melhorada desde já esta boa terra na abastança do viver doméstico, no fomento das artes e prosperidade do comércio, na amplitude, asseio e policiamento das ruas, praças e edifícios públicos, na correção de trato com estranhos e fidalguia em todas as relações sociais. Que fidalga por títulos históricos é a velha metrópole, como as que mais. Falta só que se esforce porque a eles corresponda com siso e brio, nos nossos dias.

Das tendências aqui apontadas nenhuma deve querer uma Braga megera desgrenhada, sem Fé nem pudor que seria das donas o pior feitio, tão pouco agrada a ninguém a beatice malédica, ociosa e sorna, ignóbil caricatura da verdadeira piedade.

Felizmente que destes extremos com dificuldade aparecerá exemplar autêntico, real, que possa dar cunho à cidade actual. O tipo braguês da fama foi criado inteiro, ou pouco menos, pela maledicência exótica.

Seja Braga em sua casa dona da mesma, próvida e honesta, forte e *dignitosa*, prudente, vigilante, delicada; atenciosa e amável com os forasteiros sem quebra do decoro que a si se deve, e ao seu timbre histórico de *Roma portuguesa*. Seja assim que assim a querem quantos a demandam, de perto ou de longe.

Atrair os visitantes nacionais ou estrangeiros, que em certas épocas do ano procuram os países de pitoresco panorama e costumes típicos, deve ser um dos seus cuidados. Pois coerência é e interesse seu também manter os costumes, que lhe dão feição específica e imprimem carácter. Quem vai a Genebra já conta com a *Roma calvinista*; Braga é que não pode ser tal; *chacun a sa place*.

Cada um em sua casa.

*

Sob dois tipos gerais podemos classificar quem nos procura, em Braga: o forasteiro *sedentário* e o *nómada*.

É constituído o primeiro tipo pelo hóspede, só ou com família, que pretende residir cá seja temporariamente como os veraneantes do Bom Jesus, Falperra *et alibi*, seja definitivamente como quem adquire morada para ficar.

Claro está que esta classe de adventícios mais importa que nenhuma outra aos interesses de Braga: carreia recursos e aumenta a população fixa.

Para estes céu anilado, ar puro, clima temperado, risonha pradaria no inverno, vales e outeiros verdejantes crivados de casais risonhos, deu-nos Deus de tudo isso em abundância. Bastará acrescentarmos às condições

gerais, atrás apontadas, água potável com fartura e meio social honesto e pacífico.

O tipo *nómada* desdobra-se nos dois sub-tipos: o *romeiro* e o *passeante* que aproveitando os combóios baratos, chega de manhã e parte à noite depois de uma refeição frugal no Bom Jesus, trazida à mão no farnel; e o *excursionista* (chamemos-lhe assim para evitar o francês *touriste*) que vem com demora para estudar nas férias ou por amor do desporto por aí fora, percorrendo montes e vales à cata de impressões fortes, ou por amor da ciência ou da arte.

Para os da primeira espécie bastará melhorar-lhes a viação urbana introduzindo a tracção eléctrica... por amor deles e nosso. A segunda requer bibliotecas, arquivos e museus para consulta, mais uma *obra* de transportes garantidos ou companhia que proporcione hospedagem capaz em Braga, veículos de qualquer maneira para fora, guias práticos nos caminhos, refeições e albergues para pernoitar por lá, e regresso seguro a Braga: tudo a preço fixo de tabela, variando com o âmbito e duração do percurso, e outras condições previstas num regulamento. Assim se usa no Oriente (Síria, Palestina e parte da Arábia) por onde podem viajar a seu salvo e sem privações as próprias senhoras sós; e provavelmente também na Suíça e outras partes disso haverá.

Isto lembro com tanta insistência porque me não sai da ideia a passagem do Dr. Mastbaum, pescada anos há num número da *Gazeta das Aldeias*: «A primeira indústria dos minhotos devia ser parecida à da Suíça...».

Todos sabem que proveito enorme não aufere a Suíça todos os anos das suas montanhas geladas e abruptas, e lagos azuis. Lagos nem gelos cá não há; temos porém o Gerês e os vales derivados do Gerês que não cedem em beleza aos suíços e porventura os superam; para os estudiosos, os costumes dos povos por aí derramados, mais os vestígios da antiguidade romana deixados aqui e além.

Logo de bom conselho me parece favorecer, senão criar, o desporto do *alpinismo* entre nós.

À ilustre e já benemérita sociedade *Propaganda de Portugal* não terá passado sem nota tal pensamento. Ela nos favorecerá neste empenho.

Por ora os *touristes*, como lá dizem, não passam de Sintra e quando muito aventuram-se ao Buçaco. Ao Gerês, caçadores de fora e em forma, só uma vez; e um que outro sábio entomologista, botânico ou mineralogista tão raro como ilustre.

É muito pouco, é quase nada.

Sejamos justos porém: nas condições actuais é preciso dispor de certa dose de heroísmo para se abalançar a tal empresa.

Façamos nós, da nossa parte, e não mais haverá razão de queixa.

II

Não faltará quem tenha acolhido com sorriso de piedade a ideia de uma obra de *excursionismo*[2] aqui em Braga.

Mas o nosso Minho, dirão, por mais que lhe estiquem as belezas, em comparação da paisagem helvética ficará sempre como a rã da fábula a perder de vista da corpulência do touro. No gracioso, despenhado, selvagem e terrível não tolera confronto o formidável maciço alpino da Suíça.

Vales relvosos como aqueles, lagos azuis, torrentes despenhadas, sombrias gargantas, geleiras e precipícios medonhos, só lá.

Confessarei nunca ter penetrado na Suíça, apenas de raspão correndo pela linha férrea do Norte da Itália, lhe lancei uma vista para lá, de longe; curo pois por simples informação da letra redonda. Admito que no *terrível e selvagem* nos exceda e muito a sua possante ossatura orográfica; no particular porém da graça e variedade de perspectivas, da frescura e amenidade dos prados, mesmo no inverno quando lá tudo dorme sob um lençol de neve, no corte vigoroso mas não horripilante dos montes, no risonho das aldeias e casais da ribeira, peço licença para meter embargos à sentença.

E depois ninguém daqui aspira a tamanho lucro como o de lá, nem há risco de vermos arruinar com a nossa a indústria suíça; qualquer coisa a modo de modesta percentagem nos basta, que somos fáceis de contentar.

Agora se o leitor desenfadado e pachorrento quisesse, praticaríamos uma viagem de penetração por ali fora, a ver.

Não preocupar com o dispêndio de forças musculares ou económicas, que esta primeira tentativa será inteiramente gratuita e isenta de tais precalços, por ser puramente mental; sem maior dano que a perda de alguns quartos de hora de leitura fastienta mas anódina. Nem se ofenda o leitor com a pretensão paradoxal de mostrar-lhe a nossa, a sua terra...

É que em verdade conhecêmo-la pouco e mal. Por isso a estimamos tão pouco.

---

2 O *Portugal*, de 18 do corrente, relatando as sessões públicas do *Congresso Nacional*, conta do ilustre engenheiro e presidente da «*Propaganda de Portugal*», Conselheiro Fernando de Sousa, o seguinte:

«E referindo-se à indústria do excursionismo, mostra as suas vantagens, os benefícios económicos que poderia proporcionar-nos.

«[...]

«Temos, disse, diante de nós um problema, que podia converter-se para nós num verdadeiro caudal de ouro, — o excursionismo.»

A minha ribeirinha do Homem que é precisamente a central, com as do Lima e do Cávado, das três que abrem caminho para a serra do Gerês, quantos haverá em Braga que a tenham percorrido ?

Se nada a recomenda, dirão; talvez, mas nem por desfastio ou amor da variedade valerá a pena ?

É que a pobrezinha não está no fim do mundo, não; apenas a três horas de caminho daqui, de Braga !

Para quantos não será esta notícia uma revelação ?

A verdade é conhecermos mal as nossas coisas e a nossa terra, repito: feitio de morgado perdulário, é o nosso feitio.

Exemplo:

Há poucos anos ainda, quando circulava por aí a peregrina ideia de abastecer as fontes de Braga captando o ribeirinho que do planalto de Santa Isabel do Monte desce pelo santuário de Nossa Senhora da Abadia aos prados de Bouro, cuidou ter descoberto um jornalista de Braga que a dificuldade maior a vencer estava na oposição por parte da câmara de concelho de Terras de Bouro.

A câmara de Terras de Bouro tem mais que fazer do que ingerir-se nos negócios de Bouro, pertencente ao concelho de Amares.

Naturalmente a dita câmara sabendo isto sorriu tristemente e encolheu os ombros como quem diz: «Só essa nos faltava !» e passou à ordem do dia.

*

Antes porém de entrarmos a ver o que é nosso e temos aqui à porta de casa, não fará nal uma ligeira digressão pela fazenda do vizinho. Direi pois que numas jornaditas até à Itália não vi coisa que se nos avantajasse por aí além, e nos deva fazer inveja ou causar desânimo.

Descampados da Castela velha, ricos de pastagens e trigais, porém solitários e ermos de povoado ? É o nosso Alentejo em ponto maior. Formosos desfiladeiros arborizados dos Pirenéus ? Não superiores porém na beleza alpestre ao nosso Gerês. Têm a seu favor aqueles povos montanheses a intensa indústria fabril, que no Gerês é nula.

Terras fundas do Adour desde Bayonne a Lourdes ? Temos cá mais e melhor nos nateiros do Sado, do Mondego e do Vouga.

Enorme chapada do Languedoc, mas estéril na maior parte, desde Toulouse a Carcassone ? Não valem menos, em área menor, as veigas de Chaves e de Valença.

Grossas aluviões das bocas do Ródano, em parte incultas como o deserto pedregoso de *La Crau* ? Talvez não tenhamos, nm fazem falta.

Corrida pela linha férrea do litoral mediterrâneo desde Fréjus a Génova por Mónaco, Nice e Veintimiglia ? É esplêndida na verdade, mas temos cá o pequeno trecho de Viana a Caminha, e à barra do Tejo o de Belém, Oeiras, Cascais que nunca vi, em verdade, mas dizem soberbo.

Quanto às *maremas* do litoral da Toscana e ao fúnebre agro romano, é melhor não falar nisso.

O campo de Nápoles, dito *Terra di Labor* ? É um pequeno retalho do nosso vale do Cávado, desde Barcelos a Amares.

Mais que as *lezírias* do Tejo valem as terras da bacia do Pó, os campos da Lombardia ? valem por melhoria de *húmus* ou por melhor aproveitados ? Não saberei decidir.

E as hortas e pomares de Florença regadas pelo Arno ? e os risonhos arredores de Verona, separados dela pelo Adige ?

Temos cá maior e melhor panorama nos de Braga, pelo Valdeste, e encostas do Sameiro e Bom Jesus, Falperra e Montariol; veigas de Penso e de São Jerónimo de Real.

Que nos falta então ?

Aquilo que faltava a um célebre professor, segundo a anedota: juízo !

A jornada, para melhor ocasião.

III

Vamos lá então ?

Agora mentalmente, depois será como for. De 25 quilómetros é a primeira caminhada, desde Braga a Covas em plena ribeira do Homem. Leva-se bem de uma empreitada, que o traçado foi lançado a preceito e anda por lá pouco moído de veículos o trilho. De qualquer maneira se transporta o excursionista: para os de bom músculo e peito forte, a pé, à grega como os corredores de Maratona; para os demais, numa das duas diligências diárias, ponderosas e mediocremente cómodas; num *frete* ligeiro; em bicicleta, motociclo ou *auto* de fôlego moderado, que a distância pequena é e a pressa, menor ainda.

Suponho que o leitor seja forasteiro ou, quando braguês, dos que nunca se aventuraram fora de barreiras, dêmos notícia miúda para sua melhor edificação e descargo da nossa consciência, ainda com risco de cair no enfadonho e trivial.

*

Ao sair de Braga pelo bairro excêntrico de Infias fica-nos ali à direita o nobre solar do mesmo nome, dos da linhagem de Duarte Pacheco, o herói de Cochim; à esquerda o palacete do sr. Adelino Arantes, lá dessas bandas para onde vamos. Daí, talhando por entre quintas, das quais é principal a de Cabanas do antigo barão de São Martinho e hoje do sr. José Rodrigues, também da ribeira do Homem, está-se logo no topo da rampa da Confeiteira, donde se descortina em frente o amplo vale do Cávado.

Sobre a direita mira-nos do alto das *Sete Fontes* a nova igreja e colégio de Montariol, e temos lá abaixo sobre um outeirinho a paroquial de Palmeira. Deste nosso ponto perde-se a vista ao longe por um mar de arvoredos donde emergem em qualquer direcção aldeias, igrejas, casais, das três comarcas de Braga, Vila Verde e Amares.

Sempre correndo ao rio numa relação quase perpendicular à estrada, marginada de casas aqui e além, empina-se mais ao descair para a ponte do Bico, modelo de amplitude, elegância e solidez. E não tem mais de cinquenta anos a obra acabada.

Em linha recta e no mesmo plano corta o Cávado e o Homem, com a intermitência apenas de uma lingueta de terra firme, que dá nome de *Bico* ao lugar, segundo parece.

Da ponte vê-se acerca dum quilómetro para além do Homem o solar da Torre, do sr. visconde do mesmo título.

Em cinco minutos chega-se a pé à boca da soberba alameda de sobreiros, donde mal se lobriga lá ao fundo (tão extensa é a sombría), o portão brazonado que dá entrada no terreiro e por ele à senhoril vivenda, uma das mais formosas da província. E daí volta a gente ao Bico a tornar a estrada de Amares até ao lugar das Neves, tendo já passado junto da elegante casa de campo do sr. Costa, de Lago, num pequeno arraial, alto, bem lavado dos ares e sobranceiro aos dois rios.

*

Às Neves refresco ao gado e deixando à direita a estrada de Amares, Bouro, Gerês, marchar ao norte inclinando ao vale do Homem que por aí é o caminho. Daí a quase nada tem-se sobre a esquerda e na vertente dum valezinho inclinado a W. as gémeas torres do mosteiro de Rendufe, do tempo dos afonsinhos, segundo reza a tradiçaõ. Fundação de um rico-homem da corte do conde D. Henrique, D. Egas Pais, senhor da torre de Penagate ou não sei donde.

Segundo a lenda do breviário bracarense parece que não primava por honestidade de costumes; pelo que São Geraldo uma vez em Guimarães o expulsara da comunhão dos fiéis por incestuoso. Talvez para expiação de suas culpas fundara depois, para os monges de São Bento, a abadia de Rendufe.

Arranje lá isso em romance o leitor como lhe aprouver.

O mosteiro sofeu incêncio há poucos anos e as torres apenas de relance se vêem, e já a estrada raspa por um ângulo do muro da cerca, encimado por um mirante, obra barata e de fresca data.

Tinha dantes esta mata de Rendufe por outra banda e ao longo do antigo caminho uns pinheiros mansos, orgulho da flora minhota por sua enorme corpulência.

Logo adiante torce-se em curvas a estrada, descendo suavemente ao campo de Fiscal; e à saída dele para o Norte pode avistar-se a meio da encosta sobre a direita, o solar da Tapada, dos Azevedos, antigos senhores destas terras.

Depois toda garrida ali à beira a paroquial da Torre, cujo esbelto campanário, com sua cúpula acabaçada dá uns longes das torres de Estambul ou de Moscovo, que a gente já viu... pintadas.

Outra vez descemos com a estrada a um ribeirinho, vindo já de cima das caldas e daquele empinado monte, cortado abruptamente do de *São Pedro-Fins* que é limite meridional do maciço orográfico de *Santa Isabel do Monte*, de entre Homem e Cávado.

Presto lhe voltamos as costas para contornear o outeiro todo leiras de cultura da aldeia de Caldelas, com seu estabelecimento termal e um grande hotel moderno. Nada veremos disso agora por nos ficar um tudo nada fora de mão.

Apenas ali aquela casa de campo, apalaçada, com sua capela e brazão de armas: é a quinta de *Lamoso* dos senhores Baratas, de Braga. Ao fundo da quinta a ponte de Caldelas, sobre o Homem. Por aqui fingiu passadas umas cenas de romance o Camilo Castelo Branco.

Do outro lado do rio estendem-se as terras do conde de Carcavelos, de Coucieiro, cuja paroquial restaurada conserva vestígios de estilo românico.

Nesta freguesia ainda duram as ruínas de uns antigos paços que dizem de *Dom Sapo*, talvez indevidamente.

Mais além as freguesias da antiga comarca do *Pico de Regalados*, esparsas por uma deleitosa bacia verdejante até à *Portela do Vade*, caminho de Ponte da Barca.

Logo transpondo-se a lombada de Sequeiros é outra a paisagem: o vale aperta-se, a cultura é rara e pobre daquém e quase nula da outra banda. Sombrio e tristonho o aspecto geral, do tom escuro que lhe empresta a cor negra dos montes indo em rápido declive ao rio.

Dura pouco porém este mau efeito cénico. Presto descemos à ponte sobre um ribeiro vindo lá do alto, da portela de *Santa Cruz* por onde a antiga *Geira* passava do vale do Cávado ao do Homem. Repare, como esta ravina é perfeitamente simétrica com a fronteira descendo de *Aboim da Nóbrega*, por entre as duas freguesias de *Oriz*, São Miguel e Santa Marinha, à margem direita do rio. Olhe-o agora ali em baixo a 200 metros quase verticais, contorcendo-se entre penedias, assombrado de álamos e freixos, andando sempre e

murmurando da bruteza do leito. A montante corre plácido e ameno, bordado de salgueirais por entre campos verdejantes.

Já aqui vai a gente descobrindo a ribeira média do Homem, cerrada ao fundo pela massa orográfica do Gerês ocidental; uma estribação do qual alongando-se para o vale o fende em dois, deixando correr pelo Norte o Homem, e pelo Sul o seu maior confluente, sem nome próprio por ter muitos, dos lugares por onde passa.

Aquele arcaboiço de colinas ásperas, com os ossos à vista, entre os dois cursos de água é a terra da freguesia de Carvalheira. Lá se vê no alto o monumento que espera uma estátua do Sagrado Coração de Jesus.

*

Esta aqui é a primeira freguesia do concelho de Terras de Bouro, a qual teve foral dado por el-Rei D. Manuel I.

É São Salvador de *Souto* e fora couto com suas justiças e privilégios, dados por D. Afonso III a João Soares Coelho, senhor de São João de Rei; mais tarde passou aos senhores de Azevedo.

Da estrada se vêem, naqueles dois outeirinhos luzindo por entre o arvoredo os casais, formando pinha um deles em torno da igreja paroquial.

Agora aqui à esquerda, aquele outro outeiro de pinhal é o monte da *Forca*, assim chamado de outros tempos.

Ubertoso é o torrão desta freguesia, mas um tanto sombrio de aspecto, talvez por culpa daquele montinho de má nota. A gente agora é da melhor da ribeira.

Ainda outra dobra de terreno e outro ribeirinho ao fundo. Na ladeira em frente nem se descortina a paroquial de *São Mateus da Ribeira*, de abafada em árvores; vê-se porém mais longe, alcandorada num cabeço eminente, a de São João da *Balança*[3]. É o ponto de melhores vistas de toda a ribeira do Homem; à custa porém de muito suado esforço uma chegada até lá.

Estamos outra vez à margem do rio, em Vau.

Este é o mais formoso e aprazível trecho de toda essa paisagem. Dá-lhe graça especial a larga toalha de água do Homem caindo de seu monótono

3 Esta é a melhor fábrica de igreja destes sítios, obra de um abade dela, como diz uma inscrição lapidar da sacristia: «*Esta igreja mandou fazer o abbade Francisco Botelho de Mouram, filho da casa do Matheus.*»

fragor. Da outra banda são as terras de São Martinho e São Pedro de Valbom, do concelho de Vila Verde.

Daqui a *Covas* por *São Pantaleão* e *Pesqueiras*, uns 3 ou 4 quilómetros, temos um deleitoso panorama, cheio de risonha singeleza, de frescura e harminosos contrastes.

Pouco antes de surdirmos em *Covas*, avista-se na outra banda, isolada num grande vale assombrado de montes, a paroquial de *Valdreu*, «mosteiro» como lhe ainda chamam, de o ter sido em tempos remotos, talvez da ordem de São Bento, passando depois a comendatários da *de Cristo*. Ainda conserva vestígios do estilo românico.

Deixá-la. Fica muito fora de mão.

*

Cá chegámos afinal !

Covas está muito longe de o ser, mesmo no singular. Ao contrário, é a modo de verruga geológica, coroa de um socalco natural das ladeiras de Moimenta ao rio. É uma pequenina povoação, nova, lavada dos ventos e graciosa naquela sua singeleza aldeã... de camisa lavada.

A ela se vai desde a estrada por um bocado de macadame amplo e alinhado, com algumas austrálias às margens.

Aqui há uns anos, no tempo da epidemia das *avenidas*, patriota houve que se lembrou de a crismar em *Avenida* não sei de quem, esta rua.

Se os nomes não custam dinheiro...

Em Covas temos alta e etapa, se quisermos aproveitar a ocasião de retemperar as forças na sala de jantar do amigo Domingos Dias; que em baixo está ao fogão a patroa, pronta a cozinhar qualquer coisa.

Todos os anos, por este tempo, aqui se hospedam por uns dias uns senhores ingleses de Gaia, castigando o corpo com trutas do Homem que pescam a primor, e venerandas garrafas de *Porto* velho, velho, que trazem de conserva.

Gente prática, que nos dá lição de graça e em nossa casa, todos estes nossos ilustres aliados.

A ver se aprendemos.

IV

Agora há que mudar de clave quanto a meios de transporte que teremos de reduzir a dois nesta segunda jornada de uns 15 quilómetros daqui às alturas da Carvalheira.

Tem isto de original, é como se voltássemos aos tempos primitivos: ou peão ou cavaleiro. Então que querem ?

Há bastantes anos já, empachou aqui a estrada de rodagem entre Braga e a Galiza pela Portela do Homem. Nem se admire ninguém: estamos em Terras de Bouro que é quase como se estivéssemos em *Pondo-Andongo*, pelo que respeita a mimos dos nossos governantes de todas as cores. Por outro lado, a gente de Braga traz de há muito repartidos os seus cuidados por mais vivos interesses.

Deixar isso e vamos nós cá, que para bom excursionista dificuldades de transporte não entibiam ânimos, despertam audácias e aos audazes a fortuna ajuda.

Cresce a fadiga no jornadear ?

— Certo cresce, mas também o pitoresco rusticano adquire nova feição.

Tem agora o caminho seus altos e baixos, calçadas de ásperos pedregulhos gastos uns, outros deslocados; ribadas e barrocas; águas soltas, já encharcadas no caminho, já fluentes, já cadentes em catadupa; franças de árvores anosas a roçar pelo chapéu, festões de silva brava e ramalhos de arbustos vários acariciando o rosto dos cavaleiros; ribeiros pedregosos, precipícios de flanco, tropeços pela frente; animais domésticos às soltas ou seja gado em plena liberdade de pastio de volutabro, etc. Tudo muito curioso objectos de museu para estudo dos costumes dos nossos avoengos do tempo d'El-Rei D. Dinis o lavrador. Melhor que museu ou cinematógrafo; pois vive, mexe-se e dá rumor de si.

Também o panorama não destoa da rudeza dos caminhos.

De cá e de lá crescem os montes assumindo já feição mais solene ou seja de montanha, pequenos tratos de cultura de ambas as bandas da ribeira, e assim mesmo uns frescos e risonhos, da água abundante e do abrigo das nortadas.

Junto da ermida de Nossa Senhora *do Livramento* temos fonte fresca e copiosa por dois tubos de ferro, e sombra amiga de gigantesca e robusta carvalheira, viúva há poucos anos do parceiro que mãos impiedosas derribaram para reduzir a carvão.

Haja aqui um ar !

Cá de cima, do adro da capela e a cavaleiro de leiras de cultura por aí abaixo escalonadas, lobriga-se por entre oliveiras e outras árvores de fruto a pequena aldeia da *Mota* de Vilar. E da outra banda do rio seguindo-as com a vista as leirinhas de Gondoriz, desde o vale até aos montes de *Bustelo* já na serra.

Ali em frente uma casa denegrida, de cantaria e ameiada, ladeada de uma capela triste por falta de culto, e de amplo patamar de pedra lavrada está provocando a fantasia de romancista de novelas de capa e espada. Nada sei para o caso: é propriedade do morgado de São Cristóvão, de Valdreu, Pinto da Cunha.

Agora ali a igreja de *Vilar*, à esquerda sobre um outeirinho e tão abafada de oliveira que mal se avista branquejando por entre elas; e a obra de dois quilómetros a de *Chamoim*, além naquela lombada, de campanário à frente com pretensões a grandeza. Estão ambas alegrando a paisagem e indicando o caminho: mau caminho, em verdade; fundo, torto, desigual, lamacento.

Assim mesmo vamos andando, não sem advertir à esquerda no casal e quinta do *Paço* do sr. Custódio Gonçalves, bem assente e das mais pitorescas vivendas destes sítios; e mais descubro ao fundo sobre a direita, empoleirada lá no cimo daquelas leiras, isolada como ninho de trocaz nos esgalhos de anoso castanheiro, a casa da *Cerca da Boavista*, do sr. José Firmino, outrora prosador e poeta de merecimento, agora vivendo à maneira de monge, segregado dos homens e das letras.

Vamos nós ali ao adro da igreja de Chamoim, que é sítio azado para sondarmos de lá a paisagem à roda e nos orientarmos para esse fim de jornada.

Se bem mirarmos por entre o arvoredo, acharemos lá no fundo um pedaço de calhaus rolados, denegridos e em seco. É o *Coêdro* onde o Homem recebe pela margem esquerda o seu principal afluente, apertando assim em bico a veiga de *Infesta*, toda de cultura e empinada, como quer o nome, desde a povoação que fica ao cimo com a capelinha de São Sebastião. É já da freguesia de Carvalheira.

Em frente de nós para além do rio, uma colina de cultura também e árvores sustém na coroa a igreja paroquial de Cibões, da comarca de Vila Verde. Aqui para a direita, uma profunda ravina por onde desce das várzeas de *Covide* e do *Campo do Gerês* o dito confluente, dá-nos a impressão de um bosque sombrio, apertado, estrangulado entre montes. E contudo por ele teremos de marchar; a não ser que o meu excursionista prefira, fiado na rijeza das pernas e capacidade dos pulmões, descer acolá ao *Coêdro* e levar de escalada a veiga de Infesta até ao alto da Carvalheira para onde nos dirigimos. Seria heróico mas com água pela barba, que as proesas custam caro.

Voto que metamos pelo vale acima, e irei contando como ainda conheci o antepenúltimo abade de Chamoim, Francisco de Magalhães Mexia Pimentel

Bulhões, duns fidalgos da Lousã, se bem me lembro. E tinha um irmão, de nome Frei João Mexia, que o fora dos cistercienses de Bouro e passava dias seguidos por esses montes em vida solitária, lendo o breviário e caçando coelhos em grandes ratoeiras. Corria serem parentes de Santo António por *Bulhões*, e não desgostavam de o ouvir dizer, como é natural.

Deixaram bom nome e vivas saudades, como vi no funeral deste último.

Aqui neste lugar de *Sequeirós*, onde fora o foral do concelho, conheci uns canhões de ferro, um deles ainda montado na carreta, que ficaram dos liberais de 1828 quando pela Geira se internaram na Galiza.

Carregavam-nos ainda no meu tempo para festas de estrondo, e serviam outrossim para experimentar forças entre os moços da terra, soerguendo-os a pulso.

Há muito que os não vejo.

*

Aqui podíamos meter a fundo, ao rio; é preferível porém tomar à direita a meia encosta pelo caminho da *Verdeal*, o menos mau dos três. É menos fatigante e mais pitoresco por entre soutos que foram opulentos, e olhando à outra banda o panorama da veiga de *Infesta* continuada pelos prados risonhos de *Pergoim* orlados de olivedos e laranjais, a coberto do Norte pela áspera ladeira do *Soveral*: um retalho gracioso de paisagem minhota furando por entre dois contrafortes do Gerês.

Passando a *Quebrada*[4], estamos em frente do lugarejo de *Cabaninhas*, donde poderemos erguer a vista para notar lá no alto de sobrepostas leiras socalcadas a igreja paroquial e algumas casinhas da aldeia de Carvalheira, dominadas pelo monte das Mós à direita.

Não encobrirei que sempre me agradou muito esta vista, talvez por ser a do ninho meu paterno; que sempre a mãe pareceu bem aos filhos. Também sempre aqui me ocorreu a célebre passagem de Mantuano[5]: «Ter descido

---

4 Fenómeno geológico de uma *avalanche* medonha que em tempos antigos arrastou desde a *Geira* ao rio, por cerca de 1 quilómetro de queda, milhares e milhares de toneladas de terra e penedos.

Apesar de recoberto por possante vegetação de arbustos e árvores, ainda se vê o profundo rasgão praticado no flanco da montanha.

5 «Facilis descensus Averni / [. . .] / Sed revocare gradum, superosque evadere / Hoc opus, hic labor est.», *Aen.*, VI.

até cá, fácil empresa; agora retomar as alturas até acolá ... aí é que está o *busilis.*»

Pois não é tanto como parece à primeira vista. Um pouco de diligência basta e pachorra, que isto não vai a matar.

Transposto o pedregoso riacho, mete-se pelas ruelas calcetadas porém tortas e ladeirentas de Cabaninhas até sair num caminho de mau piso e em zigue-zague por aí acima, a atingir um cabeço donde se avista a povoação-zinha de Carvalheira a cerca de 1 quilómetro e quase na mesma altura. É como se estivéssemos já em casa, depois de tão penosa subida, quando isto fosse a valer e o excursionista observasse o preceito policial de não formar grupo de «mais de um cidadão». É que *augusta domus et res domestica tennis*...

Fiquemos então por aqui, mesmo ao relento, até nova caminhada.

V

— «Nem sempre sardinha, nem sempre galinha». A modos que vai enjoando o interminável *excursionismo*...

— Pois sim. Poremos ponto por agora na fastienta tirada, sem propósito firme de emenda aliás. Fica para melhor ocasião continuar esta nossa jornada, quando já o leitor tiver curado o paladar dos maus bocados de agora, e a gente puder desenvencilhar-se de outros cuidados.

Não é decente porém abandoná-lo sem hospedagem aqui nas alturas da minha terra, e ainda em cima não lhe dizer sumariamente por onde se vai. Direi pois por onde pode regressar à nossa Braga, e também a razão por que a estes montes viemos, podendo ter seguido desde a *Quebrada* por *Covide* e *Campo* à serra do Gerês sem trabalho de maior.

Fazer subir a estas alturas o excursionista só por lhe mostrar os *encantos* da minha terra, seria infantilidade; para melhor desfrutar a perspectiva pitoresca do vale do Homem, segundo a cantiga popular, «vou subir ao alto, que do alto vejo bem», já poderia passar entre gente andarilha e excursionistas de raça; outro pensamento mais levantado porém...

Ora revista-se de nova paciência o paciente leitor, e vamos a ver.

*

Para estabelecer a corrente excursionista por estas paragens, está de ver que a primeira condição há-de ser a de uma hospedagem capaz. Não basta a clássica venda ou taberna, a velha estalagem ou caravancerá para almocreves, ou o típico hotel pretencioso, todo papéis pintados e mais nada.

Mas do indígena, honesto porém pobre e laborioso cultivador da terra, não há a esperar meta ombros a maior empresa que as da primeira espécie, insuficientissimas em todo o sentido; logo só de alguma companhia ou argentário empreendedor nos poderá vir coisa de servir.

Por outro lado temos a acrescentar ao pitoresco da terra as suas excelentes condições climatéricas, donde a ideia de uma estação de ares para a gente de sangue pobre, anémicos ou valetudinários.

— *Sanatório* para tuberculosos ?

— Não direi tanto; estação de *bons ares*, sempre renovados, secos, oxigenados, sim.

— Mas isso é «construir castelos em Espanha», dirá o leitor.

— É verdade. Enquanto o dispêndio corre por conta da imaginação, tudo sai barato; mas também nada se cria sem ela no mundo das empresas humanas, hão-de concordar.

Ponha então um pouco de imaginação, quem não dispõe de melhor cabedal.

*

Aqui mesmo neste ponto, onde surdimos há dias subindo de Cabaninhas, sobre este cabeço isolado, raso com terra de cultura pela retaguarda e mirando sobranceiro à ladeira arborizada de pinhal e carvalhido, aqui no *Côto de Perral* levantaria eu uma rústica habitação para hospedagem de até 30 pessoas, vindas cá a passar uma temporada de ares.

A um higienista confiaria a planta do edifício com suas acomodações interiores e dependências exteriores, que dessa regedoria nada percebo.

Informarei só das condições esotéricas que me parecem excelentes, a saber:

Altitude de uns 600 metros apenas; situação desafogada de todos os pontos. Só levemente protegida de Norte por uns outeiros a respeitosa distância; a cerca de 1 quilómetro das povoações vizinhas; em terreno granítico permeável e escoado; com água potável à mão; cercada de terrenos de cultura intermeados de maninho; com acidentada perspectiva de uma profunda ravina toda arvoredo e frescura, distendendo-se desde a várzea de *Covide*, cerrada a Leste pelos gigantescos cabeços das *Curvaceiras* até

Chamoim lá ao fundo num vergel risonho; à vista das quedas do rio na *Fêcha* e da linha da *Geira*, lançada em plano horizontal pela encosta fronteira por onde tanta vez passaram as legiões romanas entre Braga e Astorga.

Acrescentar a isto o silêncio majestoso destes lugares apenas quebrado de longe em longe pela voz humana da labuta do campo, pelo mugido do boi, pelo ruído das torrentes e marulhar do vento, e teremos as linhas principais do painel.

Sair de manhã, sol nado, por esses outeiros vestidos de ervagens olorosas e de pinhal novo até ao cruzeiro de *Carvalheira* à entrada da povoação, sentar-se nos rústicos degraus dele à sombra dos castanheiros, tomar um copo de leite, visitar ali a igreja paroquial ou a capelinha de São Silvestre, subir mesmo ao monmuento das *Mós* desfrutando a vista daqueles montes à roda com as suas aldeias dissiminadas por lá, aspirando o ar tonificante das alturas e escutando o gorgeio ascensional das cotovias, deve trazer excelente disposição de espírito e não pequeno benefício às compleições fracas; pelo menos, boa vontade de almoçar.

*

Este pacífico hospício porém (*do Côto de Perral*) não serviria para o elemento forte e ruidoso do caçador, do turista (passe o termo), do explorador naturalista, do pintor de paisagens, do fotógrafo amador, etc.

Para esta classe de forasteiros outra casa e com diferentes acomodações levantaria, a uns 2 quilómetros da primeira, também isolada das das aldeias, numa pequena esplanada junto ao *Outeiro do Pisco*, eminente ao *Pontido* ou *Rio Seco*, em frente da cascata da *Fêveda* e dos lugares de *Cavenco* e de *Brufe*.

É sítio varrido pelo Norte, de aspecto sombrio e carregado, porém grandioso.

Daí penetram-se com a vista, à direita os meandros da ribeira superior do Homem até ao âmago da serra do Gerês, incluindo a vertente Sul da *Cruz de Pinheiro*, à *Portela do Homem*; à esquerda todo o vale médio do mesmo rio pela ribeira abaixo a perder de vista.

Para os amadores de desporto alpinista que demanda ânimo sereno e perna rija, temos aí qualquer coisa:

Ao fundo desta ladeira as cavernas fluviais mal exploradas até agora do Pontido; a subida ou descida de uns 200 metros do leito do rio na *Terra Má* (a jusante da ponte de Carvalheira), de blocos amontoados por aí abaixo em tal quantidade, que mal se descobre aqui ou além água do rio, já em poços

sombrios já em cachoeiras; a caça aos ninhos das águias acolá naquela quebrada granítica de mais de 400 metros quase verticais chamada mesmo a *Aguieira*, e finalmente a passagem em palmilhas através da fraga do *Cantarêlo*, empinada a pouco menor altura sobre o rio *Dome* no Gerês, como aliás praticam limpamente os filhos da terra. Quem ali não passar terá de percorrer alguns quilómetros de costa arriba para retomar o caminho além do precipício, torneando-o por longe.

Livre-me Deus de aconselhar perigosas temeridades a ninguém; mas levados com prudência e sob as indicações dos práticos da terra, constituem tais exercícios um elemento de valor na formação viril da mocidade: arrija-se o corpo e retempera-se o ânimo.

E tempo é de terminar esta primeira andança... pela nossa terra.

Sirva-se o leitor de perdoar.

*

Agora no regresso, não querendo voltar pelos mesmos passos, pode escolher entre várias directrizes.

Supondo que lhe não convém descer aqui ao *Pontido* ou passar na ponte de Carvalheira para ganhar pela serra fronteira o vale do Lima em *Ponte da Barca*, pode passar ali a Covide e por São Bento da *Porta Aberta* tomar a estrada das caldas do Gerês; ou subindo às alturas de *Santa Isabel do Monte* descer pelo santuário de *Nossa Senhora da Abadia* a mesma estrada em Bouro; ou empreender pachorrentamente o longo percurso da *Geira*, que o levará sem errar à vila de Amares.

Para outra vez, se ainda formos vivos, iremos por esse Gerês dentro até à *Portela do Homem* regressando por *Leonte* às caldas.

É dobradamente mais longe, mas vale a pena.

Até lá, querendo Deus.

11

Anos de velhos *

Que os moços façam anos, bem me está que poucos têm; mas fazerem anos os velhos, e com gáudio próprio e dos seus numerosos, lá me parece tanto ou quanto fora da razão.

Acho que por estes dias fazem anos dois ditos e no mesmo dia: um deles, velho autêntico e de *verdad* como dizem (74 anos); outro, aspirante ainda (69) (que o prazo para atingir a classe, não sei se por alteração oficial do meridiano, anda agora um tanto arredio).

Certo é que no ano passado cuidou o velhote alegrar a festa comum arranjando uns versinhos da sua lavra, e o que pior é, meteu-se na andanças de um soneto. Encravou porém na segunda quadra, e de aí não houve safar-se.

Justo castigo de velhos gaiteiros.

Ensinado pela experiência, este ano não largou o terreno chão da poesia para dizer ao colega muitas coisas e de fácil digestão, como pede a idade.

Por exemplo: venha subindo a ladeira da vida, camarada ! não esmoreça de trabalho, nem desmaie com os perigos do despenhadeiro. Isto afinal não é tão ruim, como parece lá de baixo.

Tome um ar, e lance a vista para o caminho andado. Aparta-se o horizonte pela frente ? Bom sinal. É que estamos no fim da jornada.

Veja porém como se alarga à retaguarda pelo descampado da vida passada, por onde o fio dos nossos dias corre. Está salpicada de pontinhos negros. E tantos amigos e companheiros que a morte ceifou. E de tantos outros que vivem ainda, para quem nós já morremos.

— Sim, dirá, mas nova geração fervilha por lá, cheia de vida, alegre, empreendedora, arrojada.

---

* Publicado em *Illustração Catholica*, Revista litteraria semanal de informação graphica, Ano IV, n.os 176 e 181, de 11 de Novembro de 1916 e de 27 de Janeiro de 1917.

— É verdade, mas não nos conhece nem sequer nos vê.
— Mal dos tempos ! que afinal...
— Que afinal foi sempre assim, há-de concordar.

*

Ia nestas alturas o sermão do misantropo velhote, quando se lhe deparou verdadeira mina de erudição barata para remate: contra as leis da velha retórica.

O poeta grego Menandro definiu o velho por *animal molesto à gente de casa*[1]. Ein ? Outro patrício dele o senhor Antífanes botou a seguinte antífona: *A nossa vida é como vinho na vasilha: indo para o fim azeda*[2].

Mestre Horácio: *O velho é mau de contentar, lamuriento, louvador do tempo passado, de quando era rapaz*[3].

O má-língua do Juvenal também não podia passar sem morder no velho. Chama-lhe *demente, que nem se lembra do nome do amigo, que lhe deu de jantar na véspera*[4].

O Séneca também lhe diz uma garotice qualquer, que nem vale a pena registar.

De todas as zargunchadas hei-de confessar, que mais me doeu a do tal Messandro: «Animal enfadonho !».

— Animal será ele, seu Menandro ou *Malandro* ou lá quem era !

E aqui perguntará o amigo velho onde fui eu desencantar tanto saber ?

É simples: meti-me um dia pela *Floresta* do Padre Bernardes e lá topei a poucos passos andados com esta tortulheira. Agora é tempo disto.

*

Meu amigo, meu velho amigo !

No dia dos nossos anos, e sempre, olhemos para diante *ad mansura*, e fique-se por lá o mundo que atrás vem.

Para diante é o caminho: caminhemos.

---

1 *Molestum animal est senex domi manens.*
2 *Vista nostra persimilis est vino: cum superest modicum, acescit.*
3 *Difficilis, querulus, laudator temporis acti de puero.*
4 *... nec vultum agnoscit amici cum quo praeterita caenavit nocti.*

(2.ª edição)

Umas regrinhas minúsculas (na matéria e na forma, como lá dizem) aqui dadas com esta epígrafe, cuidava eu que ninguém teria visto; e não faltava razão para assim cuidar, pois das coisas mínimas não cura o pretor. Curou porém desta vez, e não só um, senão três *pretores*, se a conta não está errada.

Do velho camarada veio uma cartinha, *in-16.º*, toda lisura e bondade como de costume, a dizer coisas atinentes que faziam chorar por um dos olhos, rir pelo outro. É dos meus, já o sabia.

Bom e leal amigo!

Tive depois umas *variações* da alta escola *sobre motivos* de senilidade, por mão de um concertista que sabe do seu ofício; as quais lampeiramente enxertei no meu tema, sem o dizer a ninguém.

Semper bene, mas não são as rugas o nosso mal, meu ou do meu companheiro. Esse é mal somente para quem estremece a frescura da face, que os anos vão passando sem piedade.

De Roma mesmo, da velha Roma dos Petrónios e quejandos peraltas, recebi uma curiosa e amável missiva, que nem quisera aqui dar na íntegra, mas não pode ser.

E aí está como de nada pode surdir alguma coisa, fora do caso de geração espontânea.

Não é um *incêndio*, excitado por simples faúlha, como dizia a regrinha de latim do nosso tempo: *Scintilla contempta*, etc.; nem agora nem mais tarde, à míngua de combustível. Não haja, pois receio de conflagração.

Quem de Roma escreveu, não é romano senão português, antigo aluno do seminário de Braga e agora académico de uma Universidade romana. E para mais dizer, não estou autorizado.

Este contesta a *tese* de que os *novos não conhecem nem vêem os velhos*, e para prova aí está ele que viu, e de bem longe. Sim, em matéria moral as proposições universais sofrem excepções, e esta é das tais.

Bem o sabe quem alguns anos lidou com a mocidade das escolas, a ponto de não poder agora viajar incógnito pela sua província.

Tinha cópia de exemplos para guardar na memória agradecida, de moços de rosto aberto e maneiras afectuosas, vindo ao encontro do velho para o saudar, e avivar lembranças do tempo escolar. Mocidade generosa, hoje enfileirada nas classes liberais, de clérigos, oficiais do exército, médicos, advogados, engenheiros, etc., mal sabem o puro prazer que assim derramam no coração do antigo mestre, que nem os conhecia já!

É verdade isso, é: para honra da mocidade bem nascida e consolação dos velhos. Não tira porém à verdade da proposição, que não é acusação de ninguém, mas afirmação de um facto perfeitamente natural.

Assim fez Deus o mundo; e o que Deus faz, bem feito é; enquanto os moços lidam, sigam os velhos o seu caminho, olhos fitos no fim. Que desta forma todos andam, nem os velhos desandam.

*

Agora para confirmar o facto, aliás vulgar e comezinho, do que os velhos se vêem sós por via de regra, darei dois testemunhos, recolhidos pelo meu solícito correspondente romano.

Seja primeiro o do senhor Júlio Dantas no falecimento de Bulhão Pato:

«Não foi ele que envelheceu, foi o tempo que mudou transformando em volta dele tudo o que o rodeava. A dolorosa impressão da velhice não vem da decrepitude, — sendo isolamento. Vivia entre nós e não nos conheceu; e ele mesmo era uma figura quase desconhecida para nós, porque todo o mundo romântico havia passado.»

O outro é de um ilustre e venerando sacerdote francês, Mgr. de Baunard, antigo Reitor do Instituto Católico de Lille, alma de poeta e de Santo:

Que fairai-je ici-bas ? Étranger, solitaire.
Je suis une ombre errante au milieu des vivants,
Le siècle dont je fut, gêt tout entier sous terre,
Et je ne comprends plus la langue des passants.

Faleceu há pouco, com 87 anos, na invasão da Champagne pelos alemães.

Portanto e o mais dos autos, ficarei na minha que é de velho e cristão: *Não temos aqui sociedade permanente, mas vamos no alcance da futura* (Ad Hebr., XIII, 14).

*

E visto termos entre mãos a 2.ª edição deste *trabalho*, não virá fora de propósito pretender que saia mais *correcta* senão *aumentada*.

Pelo que proponho que onde na 1.ª se lê: *terreno chão da* POESIA, se leia antes: *terreno chão da* PROSA, que é coisa algo diferente, quanto ao risco de assentar mal o pé, e *otras cosas mas*.

Mais abaixo: *APARTA-SE o horizonte pela frente ?* Não, senhor, não aparta tal: APERTAR é que é. Para os velhos o futuro é curva de raio cada vez menor, pois não é ? Então *aperta-se* o horizonte da vida, longe de se *apartar.*

Item, no latinzinho de mestre Horácio saía no fim do verso um *DE puer,* que não é dele. *Se puero* é que há-de ser, e no princípio do verso seguinte, que é mais bonito.

Minúcias sem importância, dirão: mas para tão apilarada obra...

E acabou-se.

12

Velhos fazem anos. . . *

Fazem sim, senhor, como toda a gente. Que em família festejam acertadamente os seus anos os dois velhotes, isso é ponto delicado, para aqui trazido imprudentemente faz agora um ano.

Não se esgotou o assunto, é verdade; mas não vale a pena voltar à *vaca fria* : *Quisque rua sentor*; e vamos adiante em boa paz, que nós já atingimos a idade para a reforma, e não é bem que os de galão branco armem em combatentes *no front* como agora se diz.

— Para que há-de então vir à gazeta semelhante ninharia ? se não querem festa calem-se os velhos e sigam os novos seu caminho.

— Está bem, mas *hay* que notar: precisamente a festa na família; e se esta razão não for de arromba, valha-nos a da *segunda infância*, muito para invocar em tais apertos. Além de que, as famílias dos dois são *quase famílias*, por falta de netos que festejam os avozinhos. Não sei se vêem bem, como dizia o outro.

Por fim venha a última razão da nossa comemoração gazetal, razão positiva e intrínseca: é para que o mundo saiba que dois velhos de feição estão aí à bica do seu aniversário natalício, por estes dias. E não é aí num dia vulgar, se não o muito festivo de si e muito alegre dos santos Apóstolos *Simão* e *Judas*, dia de magustos e folgança cá pela minha terra. Acresce este ano novo motivo de regozijo e exibição da gente velhota.

O mais *mocinho* dos dois arredonda os seus *setenta*, entrando assim de pleno direito na alta e nobilíssima classe dos *septuagenários*; o outro todo ufano, perfaz nesse dia os seus *setenta e cinco*: como quem diz ¾ de século,

---

* Publicado em *Illustração Catholica*, Revista litteraria semanal de informação graphica, Ano V, n.º 227, de 3 de Novembro de 1917.

ou sejam três 25 anos, acumulados aprumados à espera da cúpula do ano *centésimo* !

À maneira dos *Titans* que por birras com Saturno (astro que foi) atiraram com o monte *Telion* sobre o *Ossa* para escalar *Olimpo* ?

Outro olimpo demandamos nós, os dois velhos romeiros da vida, o qual não levaremos à escala vista jogando com os mortos, bem que esteja escrito: *Regum cadorum vim persitur, A viv lenti rapiune illud.*

Orem por nós as boas almas para que do alto o Senhor nos estenda a sua mão, para não tropeçarmos no caminho.

E até outra vez.

3

FILOSOFIA

13

Filosofia em Portugal*

Traços histórico-críticos

A muita gente se afigura hoje ter ficado a nossa terra indemne das correntes filosóficas, que partindo de vários pontos e tomando direcções várias, vêm percorrendo a Europa desde séculos. Todas as civilizações antigas e modernas ostentam suas escolas filosóficas, mais ou menos famosas, só Portugal... A verdade é que, em nos empenhando no estudo da história da filosofia, logo reparamos para além das fronteiras, como quem de casa nada tem; e revolvendo e cotejando velhos com novos sistemas, lidando, esmiuçando e tirando a limpo com grande afã quanto pensaram estranhos, deixamos na penumbra o pouco ou muito que temos de nosso. Para a história da filosofia portuguesa, magra página[1] quando muito nos manuais de ensino, e como que por descargo de consciência; e com um fastio, uma parcimónia de encarecimentos verdadeiramente desanimadora. Tão mesquinho terá sido nosso pecúlio científico ?

Pois em verdade não daremos a inventário mais que os sensualismos doentios do arcediago VERNEY, todo enamorado de seu amigo *Genuense*, a poção cartesiana, açucarada e anódina, do P.e TEODORO DE ALMEIDA, ou o sensismo semi-céptico de SILVESTRE PINHEIRO? Isto só, é realmente pouco, muito pouco.

Acaso seremos nós por índole, rebeldes aos afagos da ciência, incapazes de especulações filosóficas?

---

* Publicado em *Escholio*, n.° 1, de 30 de Março, 1888; pp. 22-27; n.° 2, de 15 de Abril, de 1888, pp. 43-49; n.° 3, de 30 de Abril de 1888, pp. 74-82; n.° 4, de 15 de Maio de 1888, pp. 105-110; n.° 5, de 30 de Maio de 1888, pp. 145-153.

1 Exceptuamos o sr. Dr. Lopes Praça, pelo 1.° vol. da *História da filosofia em Portugal*.

Quem deu cultores distintos em todos os géneros de literatura, e teve notáveis representantes da teologia em Trento, afamados cosmógrafos, eminências em medicina, geografia, matemática, náutica, diplomacia, geologia, botânica, quem dispõe da língua portuguesa, incisiva, clara, maleável, rica, como se fica assim com as mãos vazias neste mais amplo, e não menos honroso campo da actividade especulativa, de onde tantos voltam carregados de louras gavelas? Sempre será verdade que não possamos apresentar um nome sequer no concurso europeu dos pensadores de raça?

Não poderemos, não. Porque tais nomes os não *tenhamos* será, ou porque os não *conhecemos* ?

Triste verdade esta, mas é verdade: é porque os não conhecemos !

Quem se acosta entre nós à autoridade de PEDRO DA FONSECA, ou invoca os *Conimbricenses* de MANUEL DE GOES e SEBASTIÃO DO COUTO ?

Cá, ninguém. Essa honra mais essa vergonha vem-nos de fora nas obras de pulso e em dia; e às vezes passam o Reno para chegarem até nós! Sempre os mesmos; no comércio das ideias como no dos géneros coloniais. Será decididamente de somenos qualidade, quanto nos não chegar do estrangeiro.

Além desta razão colhida no carácter nacional, que tantinho valerá na explicação do caso estranho, parece averiguado que, contra a boa fama da única escola que temos ainda hoje digna de nomeada, militou a conspiração do silêncio, fortemente organizada e dirigida pelo grande marquês.

É preciso não esquecer que os *Conimbricenses* foram jesuítas. Esta circunstância explica muita coisa, no passado e no presente.

Há um século que é moda entre nós ver as obras dos padres da Companhia pelo prisma falso do preconceito. Tenho tal julgamento na conta de injustiça dobrada de ingratidão; por isso aqui deixo este débil protesto contra esse acintoso silêncio, e menosprezo do decoro nacional.

Assim podera eu vingar a inteira justiça desta minha queixa !

Vá pelo menos algum traço fugitivo, para reclamo e incentivo a mais ousados e competentes.

Duas perguntas:

1.ª) Tivemos nós em algum tempo filosofia clássica digna do nome?

2.ª) Temos nós algo disso ao presente?

Pergunta-se pela filosofia *clássica* ou das escolas, para nos entendermos logo desde o princípio.

Está bem visto que não podem vir para aqui as filosofias especiais, ou particulares a cada ramo de ciência ou mester, senão a oficial ou clássica. De fora fica portanto a filosofia do direito, a da história, a da vida,

a do casamento, a do dinheiro, a da honra, a da arte e quejandas, melhor ou pior engravatadas.

Pois bem; de filosofia clássica restará em nossa história literária vestígio digno de menção?

Que sim, ao que parece.

Conquanto muito revoltos os séculos bárbaros nesta nossa Espanha, é lícito supor que muito antes de consituída a nacionalidade portuguesa já nas velhas abadias de Tibães, de Santo Tirso e outras, andaria nas mãos dos escolásticos o *Satyricon* de Martianus Capella, e as compilações e traduções de Aristóteles e Porphyrio por Boetius, e a *Institutio divinarum litterarum*, de Cassiodorus, na qual se aprendiam como no *Satyricon* as sete artes liberais: ou o *trivium*, gramática, dialéctica e retórica (*artes vocales*) e o *quadrivium*, aritmética, geometria, música e astronomia (*artes logicales*).

Sabido é que o benedictino era então e foi sempre exímio cultor da ciência. A coberto das muralhas do mosteiro, conservou-se intacta a tradição científica, com os códices e o labor aturado e pacientíssimo, não de um só senão de muitas gerações de cenobitas. Ao claustro tocou o glorioso papel de prender com a nova a velha civilização grega e romana, depurando-a no crisol cristão das fezes gentílicas.

A esta época pertence o nosso SÃO MARTINHO Dumiense, de quem reza a história importantes trabalhos filosóficos. Viera Martinho do Oriente à Espanha em tempos de Teodemiro, rei suevo da Galécia, trazer o lume de muito saber e grande santidade. Escreveu e dedicou a um régulo galego a *Formula honestae vitae*, onte trata das quatro virtudes; mais um livro para instrução dos *Rústicos* ou campónios; mais um livro de *Epístolas Morais*.

Era um filósofo moralista, espécie de São Gregório Magno, espanhol.

Entre as escolas que o movimento isidoriano do VII século, espalhou pela península, conta D. Zeferino González no tomo III da *Historia de la Filosofía*, a de Braga, de SÃO FRUTUOSO.

Mais verosímil parece, que São Frutuoso também bispo dumiense, antes continuaria a tradição de seu ilustre predecessor São Martinho, que a do famoso filósofo hispalense, Santo Isidoro.

Com a monarquia coincidem as fundações dos mosteiros cistercienses de Alcobaça e Bouro, e as dos cónegos regrantes de São Vicente de Fora e Santa Cruz de Coimbra. São Bernardo enviando no século XII seus monges a D. Afonso Henriques, transmitiu com eles o gosto das boas letras de que era exímio cultor, mais o da filosofia escolástica já então florescente na Europa central. Pouco depois as ordens mendicantes de Francisco de Assis e Domingos de Gusmão, rapidamente espalhadas pelo reino, deviam continuar as gloriosas tradições filosóficas das duas respectivas famílias, concretizadas mais tarde nos tão falados tomismo e escotismo. A estes vigorosos

elementos deve acrescentar-se a cooperação e forte impulso d'El-Rei D. Dinis, com a fundação da Universidade, *Escolas Gerais*, em 1292.

Até então corria aos cursos estrangeiros a mocidade portuguesa, ávida de mais alevantados estudos. Da de Paris regressou à pátria aí pelo reinado d'El-Rei D. Afonso III, o célebre PEDRO JULIÃO, ou Pedro Hespano, como era conhecido na Europa, filho de Julião Rebelo, natural de Lisboa.

Vinha formado «em artes» e na medicina. Logo foi apresentado em vários benefícios eclesiásticos, entre os quais no de prior de Guimarães, arcediago de Vermoim e arcebispo de Braga. Passando em 1272 ao concílio de Lião, foi pouco depois promovido à púrpura cardinalícia, e subiu à cadeira de São Pedro com o nome de João XXI.

Escreveu com o título de *Parva Logicalia* um compêndio muito falado que por largos anos serviu de texto nas escolas, pois ainda em 1593 se tirava dele nova edição em Veneza, num volume *in-4.º*. Em Colónia apareceu *Tractatus logicalis sex cum elucidariis magistrorum in bursa montis Coloniae regentium*, Coloniae, etc., 1503. De onde se vê quão apreciado e comentado não foi o livro do nosso ilustre compatrício.

Joann. Palat, em sua obra *Gesta Pontif. Roman.* 3, dele diz: «dialecticam ita instruxit, ut sine ea scientiae omnes essent fallaces, et per eam solam scire te scires».

E o nosso Cardoso no *Agiol. Lusit.*: «era estudioso e versado na doutrina filosófica e peripatética, sendo o primeiro que compôs logica em Espanha, a qual se leu muitos anos nas escolas públicas».

Apesar da imensa fortuna do autor, parece que as *Parva Logicalia* passaram como fugaz meteoro pela história do ensino nacional. Foi talvez porque não trazendo novidade na doutrina que era peripatética, todo o mérito estava no compendiado da obra. Também seria porque o autor, ao que parece, muito cedo deixou a cátedra professoral pela episcopal e os cuidados do ensino pelos mais transcendentes da cristandade, sem tempo de pôr a última demão no livro; o que fizeram estranhos ainda por muito tempo depois dele.

Assumpto ao sumo pontificado em 1276, vêmo-lo todo empenhado perante os reis de França, de Portugal, de Aragão e perante o imperador Rodolfo na promoção da cruzada contra os infiéis na Espanha e no Oriente.

Depois de PEDRO HESPANO, e apesar de brilhar por então com a maior intensidade a civilização cristã do século XIII, o século de São Luís de França, de São Fernando e de Afonso o sábio de Castela, de D. Dinis de Portugal, no século áureo da escolástica quando o imenso saber de Rogério Bacon, de Alberto Magno e São Tomás reunia aos milhares os estudantes de toda a Europa, — ainda então entre nós o estrépito das armas mal abafado depois das últimas campanhas contra os moiros, e renovado a cada passo em pen-

dências com Castela e em dissenções domésticas, afugentava das letras a mocidade portuguesa, envolvendo-a no torvelinho da vida cavaleirosa.

Raros passariam os Pirenéus à cata de ciência mais alentada e vária que a fornecida pelos mosteiros. E desses por lá se quedavam mestres uns, outros regressavam para entrar nas altas funções da Igreja ou do Estado, assumindo dignidades ou colocados no conselho dos reis com o modesto nome de *mestres*. Era mestre João, mestre Pedro ou mestre Vicente quem deslindava os pontos intrincados da jurisprudência, tratava negócios diplomáticos ou diagnosticava casos de alta patologia.

O que se não sabe é que abrissem escola na volta ao reino, à imitação do que lá fora se usava.

E parece que tal estado de coisas se não modificou notavelmente com a casa do Mestre de Avis.

Absorviam todos os talentos e vocações dessa valente raça as descobertas e conquistas na África; para tanto bastava o estudo mais prático que teórico da navegação, a arte de bem cavalgar e remeter ao inimigo, o conhecimento das leis da cavalaria para brilhar em torneios, e uma coleção de remoques e bons ditos para os serões de paço.

Os engenhos de primeira ordem como Sá de Miranda, Ferreira e Camões davam-se às musas, e à cultura apaixonada do classicismo, que tendo irrompido na Itália do século XV penetrava agora na França, na Espanha e na Alemanha. Por todas estas causas se viu retardada entre nós a cultura da filosofia escolástica, que só veio a florescer três séculos mais tarde que no resto da Europa.

Afinal, com a reforma da universidade por D. João III é que afluíram a Portugal as primeiras notabilidades no ensino, nacionais e estrangeiras.

E de tal ordem foi a reforma, que alguns críticos de fora [2] julgaram esta a verdadeira fundação, e não a de D. Dinis.

Certo é que desde essa data podemos afoutamente apresentar uma lista honrosa de profundos e conscienciosos cultores da filosofia, em que pese aos incorrigíveis maldizentes dos jesuítas. Tiveram eles a glória, por confissão dos próprios adversários mais sensatos, de cerrar o ciclo da escolástica mantendo-a por mais de duzentos anos em toda a pureza nativa.

E não cederam uma linha de terreno, mesmo quando já a corrente baconiana e cartesiana alagava a Europa numa ciência sem nervos nem consistência, incoercível, fácil de adquirir, facílima de perder. E isto a despeito de outras congregações ensinantes, entre nós, terem já transigido com a novidade.

---

2 Por exemplo, Barthélemy Saint-Hilaire, no *Dict. des scien. philos.*, de Franck.

Pois nem assim houve modos de lhes fazer saltar das mãos aos jesuítas a terrível arma; conservaram-na até final e caíram com ela como valentes.

A unidade de vistas e de método é lançada em rosto aos conimbricenses, como nota de nenhuma originalidade e independência de espírito nas discussões. Queriam vê-los discorrer livremente à moda de inovadores, sem respeito pela tradição de escola nem pela doutrina da Igreja; por lhes parecer aos críticos que nisto está a condição de todo o progresso filosófico.

Sim, a liberdade de pensamento filosófico resulta do soberano direito da verdade a ser conhecida, é portanto ilegislável e circunscrita à esfera da mesma verdade. Passar além é introduzir anarquia no mundo do pensamento e amesquinhá-lo, alimentando o coitado de erros e visualidades enfermiças. De onde resulta que é mister sujeitar ao salutar regime da discrição a natural tendência do pensamento para empresas aventurosas; é preciso podar-lhes certas excrecências loucas para o refazer e consolidar.

Assim o entenderam as grandes escolas de filosofia grega, obrigando a longa e penosa iniciação os postulantes. E ao esforço solidário e persistente das escolas, que não aos indivíduos, é que devemos os adiantos da ciência.

Basta que a escola exerça influência dirigente, imprimindo movimento ordenado ao espírito, sem o obrigar a receber todas as conclusões nem aceitar todas as teorias mais ou menos discutíveis.

E depois é de tal sorte amplo o campo deixado pela Fé à livre discussão, que nele pode retouçar à vontade o espírito, descobrindo sempre novos espaços não percorridos nem arroteados por outrem.

Assim Deus nos dera fôlego e vida para tão longa caminhada, como proveitosa especulação.

De modo que, segundo meu humilde entender, para escapar ao cepticismo e aos devaneios de absoluta liberdade carece o espírito filosófico de partir da *certeza dos princípios* e desenvolver-se na *liberdade* especulativa e na das aplicações práticas. Assim conseguirá todo o trabalho filosófico o cunho de *unidade* e o de *variedade*; a consistência lógica e sistemática de um todo harmónico e homogéneo, e a exuberância de vida em a novidade das vistas e conclusões.

Já Santo Agostinho deu a fórmula tão profunda como sensata desta lei de progresso científico: «*in necessariis unitas, in dubiis libertas*».

E se nos conimbricenses todos admitem *unidade* de princípios e de planos, força é reconhecer-lhes *liberdade* de conclusões; pois para mais de sessenta proposições lhes foram censuradas em congregação geral dos padres da sua ordem [3]; o que prova iniciativa particular e direcção geral.

---

3 Vid. *Hist. da fil. em Portugal*, do sr. L. Praça, vol. 1, p. 156.

A esta sábia combinação é que parece justo atribuir em grande parte o esplendor da escola coimbrã, que não teve competidora no país e ombreou com as de fora.

Tenha a palavra um crítico estrangeiro de nomeada, e insuspeito:

«Pelo que toca ao pensamento filosófico, diz Barthélemy Saint-Hilaire, nenhuma originalidade apresentam os conimbricenses; esta mesma falta de originalidade é-lhes característica: antes de tudo, fiéis à tradição peripatética. Ficam estranhos à força da inovação que invadia todos os espíritos pelos fins do século XV, e lhes causava repugnância a eles.

«Com igual vigor defendem Aristóteles e a Igreja, e não têm em menos o peripatetismo que a doutrina católica [4].

«A simples comentários limitam geralmente seus trabalhos; e quando se afastam desta espécie ainda reproduzem o pensamento do mestre, e com os desenvolvimentos da escolástica.

«Nisto mesmo continuam fiéis à tradição que os liga principalmente a São Tomás. As questões agitadas pela escolástica a propósito dos princípios de Aristóteles, mormente em lógica, subtis umas outras profundas, quase todas engenhosas, são novamente tratadas pelos conimbricenses. Com o maior zelo e admirável exactidão expõem as soluções dadas pelas escolas e doutores mais afamados; classificam-nas perfeitamente, subordinam-nas segundo a respectiva importância, e logram assim expô-las e discuti-las todas sem confusão nem prolixidade, e sem perderem de vista por um instante a questão principal através dos mil rodeios de minuciosa análise.

«Depois, recapitulando as diversas fases, às vezes bem delicadas, por onde transitou a discussão, resumem-na e apresentam uma solução ajustada, consequência feliz por vezes das antecedentes.

«Não acrescentam grande coisa aos trabalhos feitos, demos de barato; mas completam-nos aproximando-os e mostrando a conclusão geral.

«Pena é que tão paciente labor não esteja concluído, e na lógica particularmente os comentários de Coimbra, aliás verdadeiros primores noutras matérias, deixam lacunas consideráveis.

«Assim as primeiras partes do *organon* mereceram-lhes esquisito cuidado e exagerado desenvolvimento; ao passo que as últimas foram mutiladas por falta de tempo ou de paciência dos autores.

«Notáveis pela sagacidade e solidez e dignos de consulta proveitosa são os comentários de PEDRO DA FONSECA sobre a metafísica de Aristóteles.

«Portanto temos de admitir que têm os conimbricenses lugar considerável na filosofia; e numa época em que a autoridade de Aristóteles era

---

4 Visivelmente exagerado.

atacada por toda a parte ampararam-na eles por meio de trabalhos senão novos, certamente muito estimáveis. Empenharam-se nos mais laboriosos estudos sobre esta grande doutrina já então desacreditada, e buscaram com afinco manter em todo o rigor hábitos científicos que o espírito do século não tolerava: escolásticos nos séculos XVI e XVII.

«Não renunciam como as escolas protestantes aos comentários da escolástica para estudarem Aristóteles no próprio Aristóteles; ao contrário e seguindo a tradição das ordens religiosas mais antigas, estudam-no com o auxílio do imenso arsenal de comentários. É com algo de injustiça que Brucker os acusa por isto.

«Fizeram os jesuítas em filofia o que não podiam deixar de fazer.

«A Ramus, Bacon e Descartes é que pertencia o papel de inovadores e espíritos livres, tentando novas veredas na ciência e na filosofia.

«[...]

«Brucker é mais justo quando pensa que a história completa da escolástica deverá compreender os conimbricenses. É um juízo equitativo que há-de demonstrar e definor a importância dos trabalhos deles.»

Esta crítica de Saint Hilaire, apesar de certos ressaibos e preconceitos, é geralmente sensata e deixa transparecer suficientemente a importância e pureza do movimento escolástico em Portugal, e dos trabalhos verdadeiramente magistrais dos nossos conimbricenses. Prouvera a Deus nos estimulasse esta notícia os brios patrióticos, e despertasse gosto de estudo e amor às riquezas que nos legaram tão abalizados cultores da filosofia de melhor quilate, e tão ignorados dos próprios conterrâneos.

Quando pela terceira vez passava a Portugal São Francisco de Borja, antes duque de Gandia e agora 3.° Geral da Companhia de Jesus, dirigiu-se à cidade de Évora a convite do cardeal D. Henrique em carta datada de Lisboa, de 1559.

Veio ilustrar com sua presença, e afervorar com a palavra e exemplo mestres e discípulos da nova Universidade, fundação do cardeal.

Estava então como reitor do colégio universitário o padre LEÃO HENRIQUES, e entre os professores notavam-se homens de abalizado mérito como o padre PEDRO PAULO FERRER, malaguenho, e o lente de véspera doutor FERNANDO PERES, cordovense, de quem diz a crónica prodígios de talentos e saber.

Chegando na primavera seguinte a Coimbra o santo Borja, topou já florescente o colégio dos seus padres, criação do falecido rei D. João III. Nada menos de *quatro* eram então os cursos de *filosofia* lidos no colégio, e em *dez* classes andava distribuído o estudo de *humanidades* ! Que néscios e obscurantistas, estes filhos de Loyola !

Em Agosto desse ano já o santo era recebido no Porto pelo bispo D. Rodrigo Pinheiro, pelo cabido, nobreza e povo. Prestava-lhe generosa hospedagem o fidalgo Henrique de Gouvêa e mais que isso, oferecia-lhe casa e fazenda para a fundação de um colégio.

Já em dia de São Lourenço, 10 do mês, foi colocado na capela doméstica do palácio de Gouvêa o santíssimo sacramento, o que deu margem a grandes festas e regozijos públicos.

Pouco depois e a convite do grande arcebispo de Braga, D. Frei Bartolomeu dos Mártires, entrava nesta cidade São Francisco de Borja, para lançar os fundamentos de outro colégio ainda.

Era o quarto em Portugal pela ordem da fundação, não porém o último; e em todos esses alcáceres do saber sustentou a Companhia até ao fim a pureza do ensino escolástico.

De todos o primeiro na data da fundação, 1542, e na importância foi o de Coimbra; do qual afirma B. Saint-Hilaire[5]: «Foi o primeiro *em todo o mundo* fundado pela Companhia, e nenhum outro teve ela, nem mais importante, nem mais ilustre.»

Antes de entrarmos no apontoado ou galeria dos nomes dos mais abalizados mestres em filosofia, que teve a Companhia durante cerca de dois séculos entre nós, parece-me de justiça não omitir os de outros homens, que por esses tempos honraram no estrangeiro a pátria comum.

ANTÓNIO DE GOUVEIA, professor em Paris, imortalizou-se na disputa pública com o célebre PEDRO RAMUS, furibundo adversário da escolástica, e também numa obra contra o mesmo: *Responsio adversus Petri Rami calumnias.*

Igualmente em França e no mesmo século floresceu o nosso bracarense FRANCISCO SANCHES, médico de Montpelier, matemático e filósofo notabilíssimo. Reagindo contra a doutrina e método escolástico lançou com grandíssimo talento no seu livro *De multum nobili et prima universali scientia quod nihil scitur*, o grito da reforma filosófica bem antes de Bacon e Descartes, e também as sementes do cepticismo ou antes criticismo que tanto deviam frutificar em tempos posteriores.

Se a filosofia de Sanches, por errada no caminho não ganhar nossos aplausos, ganha-os o grande talento do autor, a persistência no ensino por 25 anos, e a decisão e coragem com que se manteve contra a corrente geral, no plano escorregadio das reformas. Por tantos títulos bem merecia que o senado bracarense mandasse colocar-lhe o busto nos paços do concelho, entre Gabriel Pereira de Castro e Diogo de Teive, ou quando menos pintar-lhe o

---

5 *Dict. des scien. philos.*, de Franck.

nome na esquina de uma rua. Provaria que Braga não perde a memória de filhos que a ilustraram na história.

ÁLVARO TOMÁS, como DIOGO DE GOUVEIA que fora doutor, professor e reitor do colégio de Santa Bárbara em Paris, também se formou na Sorbona, onde teve por mestre o célebre PEDRO ALIACO, depois cardeal. Escreveu Álvaro Tomás o *De triplici motu cum proportionibus annexis*, etc.

Voltando aos conimbricenses, notável coincidência é que a tradição tomista em Portugal a houvessem os padres da Companhia directamente das mãos dos dominicanos, irmãos de hábito do ANJO DAS ESCOLAS: e que os intermediários fossem precisamente os dois maiores vultos entre nós das duas religiosas famílias.

Quando em 1551 PEDRO DA FONSECA, o «Aristóteles lusitano», ainda estudante e apenas terminado o biénio do noviciado na Companhia, passou a Évora aos estudos da nascente Universidade, lá topou entre seus mestres a Fr. BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, o austero e sábio filho de São Domingos, que em 1560 vimos já arcebispo de Braga, lançando de parceria com São Francisco de Borja os alicerces do colégio de São Paulo, novo foco de onde em breve havia de irradiar a doutrina do Aquinatense.

E enquanto luzia em Trento, 1563, o saber profundo e a santidade austera do Primaz das Hespanhas, um dos primeiros vultos daquela augusta assembleia, formava-se em Évora no comércio plácido dos livros e dos sábios, o nosso melhor filósofo, para subir dos bancos à cátedra do 3.º curso de Artes na mesma Universidade. Era natural de Proença a Nova, antiga Cortiçada, e filho de Pedro da Fonseca e Helena Dias.

Tinha entrado na Companhia aos 20 anos de idade, em Março de 1548, e nela exerceu, além do magistério público, vários cargos dos mais importantes: Propósito da casa professa de São Roque em Lisboa, Visitador da Companhia em Portugal, e afinal assistente do Propósito Geral em Roma. Não falando já de comissões desempenhadas por mandado do rei e do papa, o que demonstra a sua competência, é de notar que, se possuía o P. FONSECA tão descomunal inteligência, não era menor o coração; pois deu a mão a muitas e notáveis fundações de caridade, em Lisboa, como a Casa dos Catecúmenos, Recolhimento dos Ófãos, Casa das Convertidas, Colégio dos Hibérnios (Inglesinhos).

Faleceu com 71 anos de idade a 4 de Novembro de 1599.

Conquistaram-lhe grandíssima nomeada entre os sábios da época suas obras filosóficas, e os mais rasgados elogios dos escritores do tempo. E para apreciar a voga que tiveram seus tratados filosóficos, numa época em que já percorriam a Europa os escritos do chanceler Bacon seguidos de perto pelos de Hobles, seu melhor discípulo, baste saber que só os 8 livros das *Instituições Dialécticas*, do Padre FONSECA, obtinham *treze* edições desde a de

Lisboa, 1564, até à de Lovaina, 1622; e que os 4 tomos dos *Comentários à metafísica de Aristóteles Estagirita*, editados em Roma, Colónia e Lovaina, causaram sensação nas altas regiões do saber.

Ainda hoje o voto do P. FONSECA tem grande peso, e é colocado por eminências da actualidade ao lado, e às vezes defronte dos de Soto, Suárez, dos cardeais de Toledo e Caetano, e de outros príncipes da escolástica tomista.

Digno continuador do P. FONSECA ou antes camarada, foi outro seu irmão na roupeta, o P. MANUEL DE GÓIS. Natural da vila de Portel onde veio ao mundo em 1571, deixava aos 12 anos a casa paterna para estudar em Castela humanidades e filosofia. De volta foi continuar seus estudos em Évora, onde entrou na Companhia.

Tão versado era na língua latina que se conta dissera o cardeal Maffeu, quando a convite do nosso D. Henrique viera a Portugal para escrever em latim a história da Índia, que quem possuía latinistas como o P. M. DE GÓIS escusava de mendigar alheios.

Por dez anos ensinou filosofia o P. GÓIS e veio a falecer no colégio de Coimbra em 1593 (?).

São do P. GÓIS os *Commentarii collegii conimbricensis in octo libros Physicorum Aristotelis Stagiritae*, Lugduni, etc., 1602; Coloniae, etc., 1602 (*tomus primus*).

Contém o *tomus secundus* os *Commentarii in quatuor Libros A. S. de Coelo*, Olysipone, etc., 1593, com o texto grego correspondente. Escreveu mais os *Commentarii in tres libros de Anima*, Conimbricae, etc., 1598; Coloniae, etc., 1604; Lugduni, etc., 1604; e os *Commentarii in libros de Generatione et Corruptione A. S.*, Conimbricae, etc., 1597.

Colaborador e continuador do P. GÓIS na obra magistral dos *Conimbricenses* foi o P. SEBASTIÃO DO COUTO.

Natural de Olivença, entrou na Companhia em Évora, no ano de 1582 quando apenas contava 15 anos de idade. Nesta cidade e em Coimbra foi *leitor* de filosofia, doutor em teologia, lente de Prima e cancelário da Universidade.

Faleceu em Montes Claros em 1639.

Ao P. COUTO havia tocado completar o curso dos *Conimbricenses* com a parte lógica. Escreveu os *Commentaria Collegi Conimbricensis in universam Dialecticam Aristotelis Stagiritae*, Conimbricae, etc., *in-4.º*.

Completado assim o formoso edifício da colecção dos *Conimbricenses*, nada mais fizeram os aliás abalizados professores e continuadores da tradição peripatética, que *sumas* ou *cursos* de filosofia mais resumidos e maneiros.

Assim o P. BALTAZAR TELES, de Lisboa, conhecido cronista da sua ordem na província de Portugal, compôs uma *Summa universae philosophiae*, obra muito estimada, editada em Lisboa, 1642; Paris, 1644, Lisboa, 1652, *in-8.º*,

4 tomos. Foi professor de humanidades nos colégios de Braga, Évora, Lisboa e Coimbra.

Também professou filosofia, contando entre os discípulos ao célebre polígrafo D. Francisco Manuel de Melo.

O P. FRANCISCO SOARES, descendente do alcaide-mor de Torres Vedras e do marquês de Montalvão, renunciou para entrar na Companhia ao morgadio da casa paterna. Professou filosofia e teologia até se jubilar na cadeira de Prima em Coimbra, e era doutor pela de Évora. Escreveu *Cursus philosophicus in quatuor tomos destributus*. No 1.° tratava de *Lógica*; no 2.° da *Física do céu, Meteoros* e *Parva Naturalia*; no 3.° da *Geração* e da *Alma*; no 4.° da *Metafísica*; editado em Conimbricae, etc., 1651; Evorae, etc., 1669.

P. AGOSTINHO LOURENÇO, natural de Terena, vestiu a roupeta em Évora em 1653. Professou humanidades e teologia nos colégios da Madeira e de Faro, e a final filosofia no de Santo Antão de Lisboa.

Escreveu em Londres, aonde acompanhara na qualidade de confessor e pregador a rainha D. Catarina, filha d'El-Rei D. João IV, um *Cursus philosophicus de triplici ente*. Era em três tomos e *in-fol.*, 1688. No 1.° tratava de *Ente Lógico*, no 2.° de *Ente Físico*, no 3.° de *Ente Metafísico*.

P. ANTÓNIO CORDEIRO, natural de Angra, na Ilha Terceira, 1641, vindo a Coimbra estudar, entrou no instituto de Santo Inácio aos 16 anos de idade. Ensinou filosofia nos colégios de Braga, Coimbra, Porto e Lisboa por cerca de 30 anos, como diz no prólogo do seu *Cursus philosophicus Conimbricensis*, Olysiponae, etc., 1714.

Veio a falecer no colégio de Lisboa de moléstia contraída nas missões que dera no arcebispado de Braga, por convite do arcebispo D. Veríssimo de Alencastro.

P. GREGÓRIO BARRETO, de Cantanhede. Vestiu em Coimbra o hábito de Santo Inácio em 1685. Professou humanidades e filosofia nos colégios de Lisboa e de Coimbra, e faleceu em Évora em 1729. Compôs *Nova Logica Conimbricensis in sex tractatus destribuitur*, nos quais tratava dos *Proemios* da dialéctica, dos *Predicáveis* e dos *Predicamentos*, da *Interpretação*, da *Primeira resolução*, da *Última resolução* e finalmente no derradeiro, dos *Tópicos e Elencos*.

Eis a formosa galeria de filósofos notáveis que tanto ilustraram sua pátria, e tão esquecidos andam em nossos dias; galeria que está muito longe de ser completa, pois a verdade é que ascendem a 22 as obras compostas pelos professores das duas universidades de Coimbra e Évora.

Fechemos por hoje este ligeiro esboço com o parecer do P. Brin S. S. no 2.° tomo da sua *Hist. Génér. de la Philos.*, edição de Paris, 1884:

«Gozaram os jesuítas de *Coimbra*, como aconteceu depois aos carmelitas de *Salamanca* e de *Alcalá*, de grande reputação em todo o mundo.

Em 1542 abriam o colégio, e poucos anos depois haviam conquistado já confiança universal a ponto de reunirem para mais de *dois mil* estudantes em seus cursos, e poderem suprir o ensino da universidade leiga.

«Desde esta época até 1726 e de combinação com os da escola de *Évora* deram à luz *vinte e duas* obras compreendendo todas as partes da filosofia escolástica.

«São de todas mais importantes o *Curso de filosofia geral*[6] de Manuel de Góis e os *Comentários* de Fonseca sobre a *Isagoge* de Porfírio e a metafísica de Aristóteles.

«Não hesita o sr. B. Sainte-Hilaire em colocar os conimbricenses entre os melhores intérpretes do Estagirita e de São Tomás; recusa-lhes porém quase toda a originalidade (*Dict. phil.*, de Franck, p. 285).

«Tal juízo peca por inexacto; e é particularmente falso quando afirma que os jesuías portugueses são "*unicamente* fiéis ás tradições peripatéticas". Quem pretender apreciar-lhe o verdadeiro carácter, e saber até que ponto se estendem seus trabalhos no desenvolvimento da escolástica, há-de discernir nas obras dos conimbricenses a perfeição de *método*, a segurança de *crítica*, a correcção de *estilo* e a liberdade de *opiniões*.

«Quanto ao método, brilham os doutores de Évora e de Coimbra em precisão lógica; são nitidamente determinadas as divisões, tanto gerais como especiais, e todas a questões estão em seu lugar e rigorosamente encadeadas.

«Tanto Góis como Fonseca imitam os filósofos dominicanos de Salamanca (p. 242) expondo com esquisita fidelidade os diferentes sistemas, e criticando-os ordinariamente com sagacidade e prudência. São juntamente historiadores, filósofos e críticos. Empregam linguagem correcta e desembaraçada de expressões técnicas tanto quanto as matérias o consentem, bem que às vezes não bastante concisa.

«Quanto à doutrina, os conimbricenses desviam-se menos que Suárez da verdadeira escola. Ainda assim emitem opiniões pessoais, e quando é preciso contradizem Aristóteles e o Doutor Angélico.

«Melhor os teria julgado Saint-Hilaire se em vez de folhear com tanta complacência as *memórias* de Pombal, compulsasse melhor as obras dos conímbricos.

«[. . .]

«Se mais de uma vez se desviam, em matéria livre do Doutor Angélico, por outro lado é certo que completaram Aristóteles em bom número de lugares importantes, por exemplo na psicologia.

«Logo, querendo ser justos havemos de lhes reconhecer mérito pessoal.»

---

6 A obra de Góis intitula-se, como vimos, *Commentarii collegii Conimbricensis*, etc.

A esta apreciação conscienciosa, imparcial e discreta bem se pode subscrever e sem escrúpulo nem reservas.

Parece não ter ficado circunscrito a Portugal o vigoroso impulso comunicado à doutrina tomista pelo colégio conimbricense, onde luziram astros de primeira grandeza como Suárez[7], o mais eminente vulto na escolástica depois de São Tomás de Aquino. Sentiu-se o movimento nos dois mais afamados centros universitários de Espanha, Salamanca e Alcalá de Henares (*Complutum*) onde os padres carmelitas publicaram o seu *Cursus philos. complutensis*, de Fr. ANTÓNIO DA MADRE DE DEUS e Fr. MIGUEL, «obra notável, diz Brin[8], pela exactidão de doutrina e correcção de estilo».

É de notar que ainda por meados do século XVII reinava nos estabelecimentos oficiais o ensino da escolástica; e só nos países protestantes medrava a reforma filosófica sob a protecção dos príncipes, e recomendada à simpatia dos novadores pelo espírito de rebelião que a informava.

Ainda em 1624 condenou a Sorbona as teses de VILLON e outros «por contrárias à doutrina do Estagirita», e os autores eram desterrados de Paris com preceito de não mais ensinarem filosofia. Das cátedras da famosa escola, fundação do rei São Luís, parece que fora o conhecido TOURNELY quem primeiro se abalançou a ensinar o *inatismo cartesiano*, rompendo por esta forma a tradição escolástica.

É que apesar da forte resistência que opunham à invasão da nova doutrina as ordens religiosas ensinantes e os institutos universitários, a onda subia sempre e invadia os claustros, tanto dos mosteiros como das universidades.

Tomemos exemplo da congregação do Oratório de São Filipe Néri, aliás benemérita das letras e do ensino cristão por tantos títulos.

Apesar do acordo tomado em capítulo geral da Congregação em 1675, de recomendar expressamente aos professores de filosofia da ordem o ensino das doutrinas de São Tomás «segundo seus mais conspícuos comentadores, e os *complutenses* Fr. JOÃO DE SÃO TOMÁS e Fr. FILIPE DA SANTÍSSIMA TRINDADE[9], uns cinquenta anos depois saía a lume em Lisboa o P. JOÃO BAPTISTA, do Oratório, com a *Philosophiae restitutae et illustratae qua EXPERIMENTIS qua ratiociniis RECENTER INVENTIS. Pars prima Logica*, in-fol.; *Pars secunda Physicae Aristotelicae restitutae*, in-fol., espécie de amálgama das

---

7 Depois de haver professado a filosofia nas universidades de Salamanca e Roma, passou à de Coimbra o famoso granadino, falecendo a final em Lisboa.

8 *Hist. génér. de la phil.*, p. 448.

9 «Prout explicatur a praecipuis ejus commentatoribus, et Complutensibus Joan. a S. Thoma et Philippo de SS. Trinitate».

novas como velhas doutrinas. «Foi o primeiro, como diz a *Biblioth. Lusit.*, que teve a honra de professar a filosofia conciliando as doutrinas de Aristóteles com o sistema de R. Descartes e Isaac Newton, e nesta corte ditar a filosofia moderna.»

Por isso e por outros dados que omito *brevitatis gratia*, não me parece absolutamente exacto, como afirma o ilustre sr. P. Vallet na sua *Histoire de la philosophie*, p. 500, que «as ordens religiosas permaneceram *todas* fiéis à filosofia de São Tomás».

Cá em Portugal bom exemplo tinham elas na nobre fidelidade da Companhia ao ensino do ANJO DA ESCOLA, e no brilhantíssimo doutrinal dos conimbricenses; é possível contudo que trouxessem *divergência* e não *harmonia* estas mesmas considerações, dada a natural inclinação do espírito humano à novidade, e um pouco também de emulação e concorrência por parte dos oratorianos, como corporação ensinante.

Certo é que ao P. BAPTISTA sucedeu na Congregação o P. TEODORO DE ALMEIDA com sua *Recreação filosófica*, já acentuadamente cartesiana, bem que mansa e moderada, como ele mesmo diz que melhor convém a uma recreação.

«Não escolhi para patrono da causa dos peripatéticos algum autor determinado, porque não era meu ânimo contender com algum particular: também não cito os autores peripatéticos, cujos são os argumentos, que me proponho, porque julguei que assim era conveniente; e alguns que parecem menos fortes advirta o leitor que não são fingidos; nem sou do voto de alguns que fingem os inimigos a quem ferem.

«[. . .]

«Também não represento o patrono da causa dos peripatéticos revestido de todos aqueles acidentes, de que ordinariamente se encontram nas disputas; porque adverti que *apresentava* uma *conversação* entre amigos, não uma guerra sanguinolenta de inimigos.» [10]

Por grande que seja a veneração votada desde criança aos talentos e desgraças [11] do autor do *Feliz independente*, a verdade é que suas obras filosóficas deixam o espírito aguado e mal contente com aquelas tinturas cartesianas, diluídas num português anódino, tão longe das doçuras místicas do P. Bernardes, como da secura calvinista do P. Pereira de Figueiredo, ambos confrades seus. Quem diria que em tão poucos anos viria a parar naquilo o possante vigor filosófico de nossas escolas !

---

10 P. Theodoro de Almeida, *Recreação filosófica*, prólog., ed. Lisboa, 1776.

11 Teve de emigrar fugindo à sanha do marquês de Pombal.

E se nisto parasse definitivamente a desastrada reforma filosófica do grande marquês, menos mal; que não passaríamos pela vergonha de ver um estranho invadi-las, quando os nacionais eram expulsos: o *Genuense* por mão de VERNEY, alma e braço direito de Pombal na derrocada de triste memória ! [12]

Bem triste, na verdade, pois durante *cem* anos de reinado do *Genuense*, o mesquinho intruso que certo nunca sonhara com tais destinos, caiu por tal forma entre nós o espírito filosófico que ninguém mais o viu, nem ele próprio de si teve consciência. E como tal seria se a tradição nacional, que devia alimentar-se no riquíssimo fundo dos conimbricenses, foi brutalmente cortada com a expulsão e descrédito oficial dos jesuítas, e viu-se entregue a si à nascença ou antes adulterada por descosidas novidades, sem polpa nem nervo científico? Estiolou-se como planta da sombra que não vinga flor nem fruto, nem fixa a clorofila à míngua de luz solar.

Os *progressos* do ensino filosófico entre nós desde a reforma de Pombal até hoje podem apreciar-se pelo último programa dos liceus, que deixou na espinha a mísera filosofia, já caquética de longos anos por conta do regime doentio do Genuense. Este é o facto contra o qual nada valem declamações; esta a enfermidade que não lograram debelar nossos compositores de manuais para o uso das escolas, por grande que fosse o talento e boa vontade de alguns [13].

Aqui chegamos afinal de tanto correr no plano inclinado da reforma pombalina, que nos *livrou* de Aristóteles e de São Tomás de Aquino para impingir-nos as pequices do *Genuense*.

---

12 As *Inst. de lóg. e metaf.*, do Genuense, foram oficialmente adoptadas por participação do marquês de Pombal ao reitor da Universidade de Coimbra, com data de 23 de Fevereiro de 1773. Em carta particular ao mesmo e na mesma data, leva o grande marquês seu estúpido fanatismo de sectário até ao ponto de cancelar do livro do Genuense, na reedição portuguesa, a seguinte passagem:

Finalmente Aristóteles tornou esta arte — a lógica — mais completa, etc., e a razão que dá vale bem a lembrança:

«Sempre o nome de um filósofo tão abominável (!!!) se deve procurar que antes esqueça nas lições de Coimbra, do que se apresente aos olhos dos académicos, como um atendível corifeu da filosofia».

E viva a liberdade de pensamento à marquês de Pombal!

Depois destas e outras gentilezas, valia bem a pena do seguinte comprimento que em sua *Hist. da fil. em Portugal*, p. 232, lhe dirige o meu velho condiscípulo sr. Dr. L. Praça: «A nossa gratidão à memória do ilustre marquês de Pombal».

A nossa gratidão!!!

13 Sobressai entre estes pela abundância de doutrina, erudição e método o *Curso elem. de fil.* do sr. Costa e Almeida, 3.ª ed.

Estrangulou a filosofia nacional, não lhe servindo a do próprio Verney, para importar de Itália essa raridade exótica que nos matou de anemia o espírito filosófico.

Sábio filósofo e patriota às direitas o grande marquês !

Agora um ponto de interesse local: ler-se-ia filosofia no colégio de São Paulo em Braga, dos padres da Companhia? Responde-se afirmativamente já pela importância da casa, já pelos dados positivos que seguem.

Primeiramente consta que o P. António Cordeiro, por fins do século XVII, como referenciámos atrás, professara a filosofia no colégio de Braga; como o P. Baltasar Teles tinha professado humanidades e talvez filosofia na mesma casa.

Diz o P. António Franco no seu livro dos *Annales*, que logo no 1.º ano da fundação do colégio de Braga, 1560, começara nele o curso trienal de filosofia «singulis trienniis cursus philosophicus».

Refere na *Imagem da Virtude*, a pág. 425, tomo 2.º, c. 41, 13 edic. de Coimbra, na vida do P. João Cardim, que «tendo já treze meses de noviciado, pareceu aos superiores que passasse a estudar filosofia no colégio de Braga». E no c. 42, 6: «no princípio de Outubro de 1612 começou a estudar filosofia tendo por mestre ao P. Manuel Gouveia, que depois leu a mesma faculdade em Coimbra».

Do mesmo cap. consta que, por esse tempo, se ensinava filosofia no colégio de São Paulo, não só aos da ordem como aos estranhos: «Teve [o P. Cardim] por condiscípulos três da nossa Companhia, e muitos moços nobres assim da cidade de Braga, como de toda aquela província.»

Houve no século passado em minha família um padre de nome Manuel Martins, irmão de meu 4.º avô Silvestre Martins, que deixou de si nomeada doméstica de sabedor e atilado, e vários manuscritos que infelizmente não chegaram até mim. É tradição que recebi de meu tio-avô, também padre Manuel Martins, o qual muito bem conheceu o primeiro e sabia dele que fora discípulo, em humanidades e *filosofia*, dos padres da Companhia no colégio de Braga, que por sinal traziam disputas e questões filosóficas os alunos dos jesuítas com os dos congregados do Oratório; o que vem confirmar a divergência de doutrina, atrás referida.

Daqui concluo que no colégio de Braga se leu filosofia de curso trienal segundo a *doutrina de São Tomás* até à extinção da Companhia em Portugal, desde 1560 até 1759, ou seja por espaço de 199 anos.

Com a instalação do seminário arquidiocesano em 1880 no antigo colégio de São Paulo, entre outras disciplinas reabriu-se naquela casa a de filosofia, depois de um intervalo de 121 anos.

Desta vez porém, e apesar das instantes recomendações da encíclica *Aeterni Patris* de 4 de Agosto de 1879, ainda espera lhe abram a porta de *sua* casa a filosofia de São Tomás de Aquino.

Ouvimos já que nisso pensa o venerando prelado bracarense.

Entre os professores de filosofia que espancaram das escolas o cediço Genuense com a substituição de manuais da própria lavra, é justo referir os dois contemporâneos em Braga, M. PINHEIRO D'ALMEIDA E AZEVEDO, do liceu, e Fr. MANUEL DA CONCEIÇÃO BARROS, egresso beneditino, do seminário.

Começou o primeiro por umas *apostilas* de psicologia e metafísica, espécie de anotações ao Genuense, que foi depois modificando e acrescentando até dar um *Curso* completo, segundo as exigências do programa. Foi publicado em última edição poucos anos antes do falecimento do autor. M. Pinheiro finou-se aí pelos primeiros dias de Abril de 1886, depois de retirado do ensino do Liceu e do Seminário, onde substituíra Fr. Manuel.

Do segundo ficaram dois opúsculos, um de 119 págs. com o título de *Elementos de lógica e metafísica*, e outro de 82 páginas, *Elementos de metafísica*, ambos editados em Braga, na «Typographia Lusitana», 1854.

Como nas primeiras tentativas de M. Pinheiro, também Fr. M. de Barros não quis afastar-se notavelmente do caminho trilhado. É o que ele mesmo confessa com rara modéstia no prólogo do primeiro opúsculo: «Não inculco novas doutrinas; porque passo a escrever sobre matérias, que muitos outros têm tratado; e por isso só se pode esperar de mim uma tal ou qual escolha entre doutrinas, que se encontram nos autores». E no do segundo diz explicitamente: «Sendo o fim principal deste opúsculo auxiliar aos que principiam o estudo da metafísica [. . .] deste modo será fácil ao principiante, que estudar por este opúsculo, consultar o compêndio de António Genuense», etc., de modo que se reservava o modesto papel de *indicador* do Genuense; o que ainda assim não obstou a que ficasse esquecido o intruso de triste memória.

Pois apesar da origem comum, não tardou, como era natural, se manifestasse divergência de doutrina e certo espírito de emulação entre as duas escolas.

Quando a gente chegava lá das suas montanhas aí por 1856 a Braga para começar estudos de preparatórios, escutava ainda entre os rapazes os comentários apaixonados às últimas refregas dos partidos na arena da polémica escrita e falada, e na dos exames públicos no liceu.

Andavam então na boca de todos, os triunfos escolares de Afonseca Matos, José Marnoco [14] e Gabriel de Moura Coutinho [15] o maior talento que

14 Publicou uma refutação a certas opiniões de M. Pinheiro.

15 Corrigiu num trabalho admirável a *linguagem* dos compêndios de M. Pinheiro.

desde então apareceu nos cursos públicos de Braga. Mestres e discípulos sentiam os estímulos salutares da emulação no estudo, com o que muito lucrava o adiantamento de todos e nada perdia a moralidade, senão com os excessos de ruim proveniência.

Quem estas linhas escreve, apesar de aos 14 anos incompletos o colocarem nos bancos de filosofia no Liceu, e dos altos conceitos que então formava da espalhafatosa ciência de seu mestre, dá testemunho da veneração, simpatia e respeito que lhe infundia a figura sisuda e austera de Fr. Manuel de Barros, e da muita dedicação e afecto que por ele professavam os discípulos. É que o padre-mestre Barros reunia a um talento lúcido, metódico, acessível, um carácter inteiro, vida exemplar e nobilíssimos sentimentos.

Ninguém disso duvidava, incluindo os partidários da escola do liceu. E contudo attingindo maior tensão esta rivalidade professional, veio o desfecho em 1857 com a *demissão* de professor de filosofia no Seminário, dada pelo senhor arcebispo D. José ao padre Fr. Manuel da Conceição, entrando na vacatura então aberta o próprio M. Pinheiro !

Sou testemunha da sensação profunda e triste que tal acontecimento despertou, e dos comentários tão pouco favoráveis aos algozes como lisonjeiros para a vítima.

Já todos foram julgados, os actores deste triste drama que foi mais um exemplo, e não último, da invasão do *laicismo* no ensino eclesiástico. Foi repelido o sacerdote modesto, sábio, prestadio, honestíssimo, trabalhador dedicado e miseravelmente remunerado, para dar cabida no ensino dos aspirantes ao sacerdócio, ao leigo adventício [16] que só por esta via pôde desviar do caminho um rival incómodo !

Tristíssimo !

Depois deste golpe inesperado, diz-me pessoa que muito de perto o tratou, e me forneceu estes apontamentos [17], o padre-mestre Fr. Manuel da Conceição Barros «abandonou os estudos, ainda os de sua maior predilecção, fechou todos os livros, inutilizou todos os manuscritos e saboreando constantemente todo o fel que lhe entornaram na alma ... morreu !»

Guardou até ao fim em nobre silêncio a ferida aberta no coração, e com ela se foi à cova a 6 de Janeiro de 1870, vítima de paralisia. Apagou-se-lhe a vida na terra de sua naturalidade, freguesia de Cossourado, concelho de Coura.

Encerremos este ligeiro e mal seguro esboço com a notícia sumária do estado presente da *filosofia clássica* em Portugal.

---

16 M. Pinheiro era natural de Viseu.

17 Abade Constantino da Cunha Barros, Vigário Geral de Valença.

Pelo que toca ao ensino desta disciplina nos liceus, creio *a priori* que será óptimo por parte de professores e alunos; outro tanto não direi do programa oficial.

Aquilo nem sombra é de filosofia; e mais acertado achava suprimir de vez a triste, que deixá-la para aí finar-se de febre lenta e estarrecer de vergonha.

Pois não terá a geração nova, tão opulenta de instintos patrióticos, um *mata-frades* novato que na «mísera e mesquinha» queira ensaiar a asfixia ou a jugulação?

Tirem-nos isso daí, e não falemos mais em tal.

Do ensino nos seminários é que espero a salvação dela; e para este alvo visava principalmente o presente escrito, como *estímulo* de inertes e *galardão* de zelosos.

Demos graças a Deus, que ainda desta vez confiou à Igreja o papel de salvar a filosofia, como em tempos de bárbaros.

Com a encíclica *Aeterni Patris* percorreu as escolas cristãs um frémito salutar de actividade entusiasta na restauração da filosofia de São Tomás. Sentiu-se fortemente em Coimbra; pois a *dois meses* apenas da data da encíclica, 4 de Agosto de 1879, em Outubro do mesmo ano o senhor Bispo-Conde deferia generosamente à proposta de Mons. Doutor Luís Maria da Silva Ramos, lente de teologia e professor da cadeira de *repetição de moral para confessores e párocos* no seminário, substituindo esta pela de *filosofia tomista* que foi confiada ao mesmo sábio catedrático, e por ele regida com o maior zelo e distinção[18] até Outubro de 1883. Neste ano foi o senhor doutor Ramos substituído pelo actual senhor Arcebispo de Perga, D. Augusto Eduardo Nunes, a quem sucedeu pouco depois o senhor doutor Araújo e Gama, ambos eles ornamentos da faculdade de teologia.

Ultimamente, haverá dois anos, foi a auspiciosa cadeira confiada a um douto e virtuoso sacerdote italiano, senhor Doutor Sinibaldi, vindo de Roma para este fim a convite do senhor Bispo-Conde, e indicado superiormente como discípulo laureado do eminente tomista padre CORNOLDI, SJ.

O nobre exemplo partido de Coimbra encontrou logo imitadores em dois dos seminários melhor organizados do país, o de *Santarém* (Lisboa) e o dos *Carvalhos* (Porto), recentemente erecto pelos senhor cardeal Dom Américo. Seguiram-se os outros seminários de somenos importância, quanto à frequência de alunos, e hoje felizmente estão já em minoria aqueles a quem

---

18 Disto deu testemunho Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo-Conde em solene academia de São Tomás, se me não falta a memória.

ainda não foi dado entrar na grande corrente, que trás alvoroçados os espíritos alevantados e as almas generosas de toda a cristandade.

Pelo que toca a Portugal, aí damos esse quadro demonstrativo do estado das coisas.

Mapa demonstrativo do movimento do ensino da filosofia tomista nos seminários [1] de Portugal e ilhas adjacentes, nos três últimos anos lectivos

Seminários [2]	N.º de alunos nos 3 anos			N.º total nos 3 anos	Média rigorosa	Livro de texto ou compêndio adoptado	Observações
	1885 a 86	1886 a 87	1887 a 88				
Coimbra	30	33	23	86	28,7	Sanseverino, *Elem. fil. crist.*	Em preparatórios, A. de S.
Santarém	20	3	7	30	10,0	Liberatore, *Comp.*	Desde 1885 a 1886, teve *Vallet*, também tomista
Carvalhos (Porto) ..	9	13	22	44	14,7	Sanseverino, *Elem. fil.*	—
Lamego	6	20	14	40	13,3	Sanseverino, *Elem. fil.*	Em anos p. p. o Brin [3]
Bragança	13	13	13	39	13,0	Sanseverino, *Elem. fil.*	Em 1885 a 86, Brin [4]
Évora	9	9	4	22	7,3	Brin, *Fil. escol.*	—
Angra do Heroísmo	24	0	25	49	16,3	Bouvier	Aula de fil. em an. altern.
Total	111	91	108	310			
Braga	78	75	48	201	67,0	A. de Sousa, *Curs. de fil. elem.*	—
Viseu	23	14	22	59	19,7	P. Monteiro e A. de Sousa	[5]
Guarda	4	14	4	22	7,3	A. de Sousa, *Curs. de fil. elem.*	—
Faro	3	2	3	8	2,7	A. de Sousa, *Curs. de fil. elem.*	—
Portalegre	10	7	6	23	7,7	A. de Sousa, *Curs. de fil. elem.*	—
Total	118	112	82	313			

(1) Não damos conta dos seminários de Beja e do Funchal, na Madeira, por falta de resposta ao pedido. Sabe-se porém extra-oficialmente que no seminário do Funchal é ensinada a filosofia de São Tomás.

(2) Na relação das dioceses seguiremos a ordem da primazia na adopção do ensino tomista, quanto podemos saber.

(3) «Há cinco anos», diz-nos o Rev.mo cónego Mesquita Pimentel, professor no seminário, que a filosfia se estuda aqui segundo o método de São Tomás em conformidade com os ensinos e desejos do actual Sumo Pontífice. O compêndio é sempre em latim; e o estudo e exames desta disciplina depende do estudo e exame de latinidade», etc.

(4) «Estas notas, diz-nos o muito ilustrado professor sr. cónego Pires, são do curso de preparatórios. Além desta, abriu-se em 1886 com 9 alunos outra aula de tomismo e foi colocada no curso superior; e no ano corrente tem 5 alunos no 3.º ano do mesmo curso». Bravo!

(5) P. Monteiro para filosofia nacional, e A. de Sousa para filosofia moral e princípios de direito natural. Dantes era adoptado curso completo de Alves de Sousa.

Da simples aproximação das cifras resulta que, durante este triénio, 623 jovens cursaram filosofia em 12 dos seminários do continente e ilhas adjacentes; e se bem que o ensino tão preconizado por Sua Santidade já ganhou a maioria dos seminários, é infelizmente certo que teve ainda menor

número de alunos que o antigo, 310 contra 313. E maior seria a diferença se lhe adicionássemos os do curso de preparatórios no seminário de Coimbra, cuja nota não recebemos.

Entre os cinco seminários retardatários, é o de Braga quem mais triste figura representa neste ponto; pois semelhante estado de coisas não responde ao título de Roma portuguesa, nem aos brios e tradições deste notabilíssimo centro de instrução eclesiástica, nem ao concurso de alunos, cuja soma excedeu quase no *dobro* a dos restantes 4 seminários de *l'ancien régime*: 201 contra 112.

Esperamos em Deus e na boa vontade de Sua Excelência Reverendíssima o senhor Arcebispo Primaz, veremos em breve restituída ao seminário de Braga a doutrina áurea do ANJO DAS ESCOLAS, São Tomás de Aquino.

São os votos de quantos sinceramente desejam a sólida instrução e lustre do clero desta santa Igreja bracarense.

14

Estádio *

Da substância e dos acidentes

«Qui studet optatam cursu contingere metam
Multa tulit fecitque puer.»

(Hor., *Ad Pison.*

Ao sr. Domingos de Sá,
distinto aluno do colégio
do Espírito Santo [1]

I

Se o consentisse a nativa austeridade destas matérias, e se a delicadeza e circunspecção que há mister em tão escabrosas questões se compadecesse com um tudo nada de folga imaginativa, não seria fora de propósito comparar ao Monte Branco a noção de substância.

---

* Publicado em *Escholio*, n.º 1, de 30 de Março de 1888, pp. 7-15; n.º 2, de 15 de Abril de 1888, pp. 39-43; n.º 3, de 30 de Abril de 1888, pp. 69-74; n.º 5, de 30 de Maio de 1888, pp. 133-138; n.º 6, de 15 de Junho de 1888, pp. 166-171.

1 Foi o presente estudo determinado por leve incidente escolar sobre a *distinção real* entre substância e acidentes.

É este o ponto culminante, o *umbilicus* da metafísica geral, a base das categorias e a primeira delas, marco levantado na estrema dos grandes mundos filosóficos, o ideal e o real.

Além, o país das idealidades, o *ser possível*, o *potencial*, a *essência*, o *acto primeiro*, a *existência*; aquém, o das realidades, a *quantidade*, *a qualidade*, *acção*, a *paixão*, o *tempo*, o *espaço*, etc.

Assim como da ossatura dos Alpes ressalta a cúpula do Monte Branco, dominando todos os cabeços alpinos, recortada no rigor geométrico da linha cónica, firme, imóvel, serena na região das tempestades, assim esta grande noção em meio do atormentado solo da metafísica moderna.

Às vezes, encobre-lhe os contornos o nevoeiro das teorias, cinge-lhe o fuste, escuro anel de hipóteses ou lhe tolda a base a ponto de se nos afigurar miragem aérea a soberba construção; se porém sopra de jeito a maré da boa crítica, ou nos elevamos na meditação dos princípios acima da região das núvens, lá destaca novamente no azul do céu seu perfil toucado de neve perpétua, reflectindo nas mil e uma facetas os raios do sol da verdade. Exageram estes, aqueles amesquinham-lhe as proporções?

É o mesmo, que sempre fica sendo quem era. Não está de lá o erro, o erro está de cá. Vem de uma ilusão de óptica, efeito ou defeito da posição do observador, e da refrangibilidade escessiva dos *meios* sistemáticos.

Este é o ponto estratégico, à roda do qual se ferem as mais rijas pelejas da metafísica; um forte condensador de noções ontológicas, o planalto de onde derivam para os quatro pontos cardeais os mais divergentes sistemas filosóficos.

Assim, e enquanto que a escola cristã recolhendo em Santo Agostinho e em São Tomás as duas mais formosas correntes de filosofia antiga, a platónica e a peripatética, produzia a mais bela e grandiosa síntese doutrinal que ainda se viu, reconhecia e distinguia o ideal do real, o acidente da substância, a criatura do criador, as escolas dissidentes, partindo do errado conceito de substância ou obcecadas pelo espírito de seita, perdiam-se por diversos rumos, qual no *panteísmo* caminhando com Espinosa ou fazendo escala pelo *ontologismo* de Malebranche, qual no *idealismo* semi-céptico de Kant ou alfim nos páramos do *transcendentalismo* oco de Schelling e Hegel, qual pelo *sensismo* de Locke no *monismo* fenomenalista de Taine.

O positivista *pur sang*, esse rejeita simplesmente. A substância por este processo é lançada no país do *incognoscível*, espécie de gigo de papéis inúteis onde estes sábios insofridos arremessam os problemas que não sabem resolver.

É cómodo o processo, mas não honroso ao que parece; pois assim vai cortada de um traço de pena aos domínios do intelecto a melhor parte deles, a especulação racional. Suprimir os problemas em vez de os resolver é mais

galante método ainda do que o de Alexandre Magno; este ao menos buscava-os de longe e resolvia a golpes de espada, era *sa manière*; aqueles evitam-nos cuidadosamente e passam além, ou antes ficam aquém: ficar aquém é mesmo seu primeiro empenho. Para evitar o naufrágio e poupar às durezas e riscos da vida do mar pessoas e fazenda acham que melhor é não embarcar. Só o punhado de terra que apertam nas mãos julgam digno de estudo, e mais seguro sertão para explorações filosóficas. A metafísica, eis aí o inimigo!

Passou já muito longe a época *teológica*, vai gasta a dita *metafísica*; como pois em pleno *positivismo* ousa erguer-se o velho fantasma? Substâncias, acidentes, actos, potências, essências, existências, causas, efeitos, com toda a bagagem da velha escolástica, eis que desfila novamente e em continência pelo campo da filosofia; e já agora *bon gré mal gré*, teremos que presenciar e discutir tudo isso.

II

Existe real distinção entre substância e acidentes?

Parece bem desde já formular duas declarações prévias:

1.ª) Que não há desejo de apresentar novidades, a novidade é perigosa; que todo o empenho está em condensar fielmente quanto nos deixaram os mestres, que é muito e bom;

2.ª) Que parece indispensável tomar de mais longe a exposição doutrinal para limpar o terreno de equívocos e más interpretações.

Isto feito, fixemos atentamente as duas noções de *substância* e *acidentes*, a fim de nos orientarmos desde já na determinação da natureza das relações que as prendem.

Por pouco que penetremos estes dois conceitos, uma nota comum lhes descobrimos, é a do *ser*.

Dois seres portanto, a substância e os acidentes; quando mais não seja, dois seres ideais, duas noções.

O *ser* porém, noção mais simples e indeterminada do espírito humano, é por isso mesmo indefinível. Não que em boa lógica deve a definição dar a essência do definido por género e diferença, quase que por matéria e forma;

o *ser* porém carece destes recursos: do género porque ele próprio o não é, da diferença, pela mesma razão. Pois em que consiste a essência do *ser* ? — No próprio ser.

O *ser* é acto de si próprio, procede *ab actu essendi*, como se exprime São Tomás.

Por simples e indeterminado que seja, não pode ainda assim esconder duas faces ou graus, o *possível* e o *efectivo*, e receber uma determinação *sui generis* pela contra-noção do *nada*.

Possível é quanto pode ser chamado à existência; *efectivo*, aquilo que já atingiu a existência. Possui a mais um grau na escala do *ser* o efectivo; pois encontrou-se em nova situação, não sofrendo na passagem modificação essencial. Assim é que do efectivo se infere o possível no mesmo sujeito, não porém vice-versa, segundo o dito da escola: *Ab acta ad posse*, etc., à *posse ad actum*, etc.

Cuidaram alguns que o possível não iria além de simples nada; certo se o nada contrastasse à *existência* somente, e não ao *ser* em geral.

O nada absoluto nega a existência mais o *ser*; o possível nega o existente, não porém o ente em geral. Há no possível uma capacidade de existência, na qual capacidade consiste a essência dele; no efectivo topamos o mesmo possível no gozo da existência actual.

É o possível de sua natureza indiferente à existência, isto é, não busca nem pode por si mesmo verificar a passagem; porque não há-de produzir acto segundo, quem não está constituído em acto primeiro: *prius et esse, quam agere*. Logo força é que o efectivo ou que o actual preceda o possível, fora do possível.

Aquém do possível estancia o *potencial*. O *ser potencial* é não só *possível*, senão dotado de tendências para a existência. É um possível inicialmente activo, e não mera capacidade.

Para que o possível seja conduzido à existência, para a qual é de si indiferente, carece de acção de uma causa *eficiente*; ao *potencial* basta-lhe a de uma causa *determinante*, visto como em si mesmo contém um princípio activo, ou acto primeiro.

Para que a cera sofra qualquer configuração há mister de uma causa eficiente. É que a cera é dotada da mera possibilidade de formas e indiferente a qualquer delas. Para que um móvel, um pedaço da mesma cera suponhamos, suspenso de um fio siga a direcção da vertical, basta o primeiro instrumento que rompa o fio, e o rumo é fatal e idêntico, qualquer que seja esse instrumento; para que a semente germine bastam-lhe as condições telúricas e climatéricas; para que o homem sinta, pense ou queira é bastante para cada uma destas potências a presença em boas condições do respectivo objecto próprio, que actua à maneira de causa determinante.

Assim é que na cera existia a mera *possibilidade* das formas várias; no grave, no gérme, no espírito humano, a possibilidade mais a *potencialidade*.

Dois graus descobrimos no *ser actualizado*: o *acto primeiro* por onde o possível recebeu a existência sob a influição da causa eficiente; o *acto segundo* por onde o *potencial* se actualiza, apenas solicitado pelo objecto próprio para o qual tende como para seu natural complemento, ou colocado nas condições que lhe valem de causa determinante.

O *ideal*, esse mais é que a simples capacidade do *possível*, mais que a força inicial ou tendência do *potencial*, é um *ser* definido e completo na sua espécie: uma ideia, uma concepção mental, um plano que se apresenta e muita vez se impõe ao espírito, bem nitidamente definido e distinto dele. Possui forma determinada, desenvolve-se, apura-se sob as vistas da reflexão, completa-se alfim e vive no intelecto.

Pode o *ideal* transitar para o *real* ou não, permanece-lhe contudo o ser tão inteiro como dantes; é a planta que fica depois de concluído o edifício.

E não só existe independentemente do real, se não que até lhe serve de modelo ou causa exemplar; pois quanto no mundo existe criado, foi-o segundo um plano ideal. É o antecedente lógico e cronológico do real.

Assim o entrecho de um poema, o plano de uma campanha, a planta de um edifício foram primeiro seres ideais.

Com o ideal não confundiremos os chamados *entes da razão*, conceitos a que não corresponde objecto positivo e real: uma qualidade ou situação que falta, uma quantidade negativa que nenhum valor tem em si mesma, e apenas existe por contraposição às positivas. Pertencem a este número os conceitos de sombra, frio, ignorância, demência, etc.

As várias feições ou graus do *ser* em geral não impedem, que seja esta a primeira das noções na ordem *lógica* ou do encadeamento dos pensamentos, já entrando como simples noção, já sob a forma do princípio de contradição; também é a primeira na ordem *cronológica* ou de aquisição, ainda que havida directamente e de um modo menos explícito.

Agora das regiões do *ser* em geral baixando às do individual reconheceremos que todo o *ser* é *um*, *verdadeiro* e *bom*. Atributos transcendentais lhes chamaram, porque se afirmavam simplesmente do *ser* como ser, sem dependência de categorias.

Um, porque só uma essência tem cada ser, e a essência é indivisível em si e dividida das outras: *indivisum in se, divisum ab aliis*; *verdadeiro*, porque todo o *ser* criado está em perfeita equação com o intelecto, e as coisas em si mesmas são o que são; *bom* finalmente, porque o *ser* como ser tem a perfeição de *entidade* pela essência, a de *virtude* pelo acto próprio, a de *fim* pela aptidão para ele, que procede da essência e desenvolve-se pelo acto:

essência, operação e fim, três perfeições que tornam apetecível o *ser*, e portanto bom.

Como remate e resultante destas propriedades transcendentais do ser vem o *belo*, e assim ficará constituído o ser com um atributo absoluto, o da unidade, e três relativos: os da verdade, bondade e beleza, respondendo exactamente às três tendências capitais do nosso composto: sensibilidade, entendimento e vontade.

III

Forçoso é agora no *ser* particularizado reconhecer nova entidade, o ser da *essência*.

Essência dos seres já alguns a definiram a *razão das coisas*, pois é pela essência que uma coisa é o que é; chamaram-lhe outros *quididade*, porque responde à pergunta *quid res sit*; outros, *natureza* pois dela *nascem* os atributos e operações dos entes; outros ainda pelo princípio *específico* ou forma por onde o *ser* fica constituído na espécie própria. A essência é a determinação do ser, mesmo na ordem ideal; e acobertada pelo princípio de contradição, permanece inalterável e indestrutível mesmo para Deus.

Com a essência anda de companhia a existência, ou actualidade da essência, «Nas coisas criadas, diz Kleutchen, deve considerar-se a essência como potência que recebe a existência (à maneira de sujeito) e recebendo-a a determina (à maneira de forma).

Assim como à essência chamamos *quididade*, à *existência* chamamos *acto* por responder à pergunta *an res sit*; ou quase acidente, pois não fazendo parte da essência, a ela se junta como o acto à potência ou o acidente à substância.

Foi questão muito debatida entre os príncipes da escola se a essência actual nos seres criados realmente se distingue da existência. Parece estava pela afirmativa São Tomás, pela negativa, como ordinariamente acontecia em matéria livre, Duns Escoto e, o que é mais notável, Suárez.

Os contemporâneos seguem geralmente São Tomás, incluindo Liberatore que confessa algures ter abandonado a negativa, movido de fortíssimas razões que expõe. O que se afigura decisivo é que, se não existe distinção entre *essência* e *existência*, ou a essência se perdeu na existência a ponto de ficarem sem *essência* os seres actuais, o que é simplesmente inconcebível, ou a essência absorveu a existência, nesse caso todo o *criado* será *incriado*, pois é essencialmente existente; o que não é menos absurdo, fora da hipótese panteísta.

Só em Deus se não distingue realmente a essência da existência, porque Deus é acto puro a quem repugna como nota de imperfeição qualquer potencialidade.

Também das *propriedades* se distingue a essência, pela simples razão de bom senso que não existe propriedade sem proprietário. E ainda que logicamente se não conceba uma destas noções sem a outra, real e metafisicamente as propriedades são da essência constituída, como algo de posterior e adventício; o que fora absurdo na hipótese da identidade, pois um *ser* não pode de forma nenhuma ser anterior a si próprio.

IV

Da suma dificuldade, se não impossibilidade, de dar uma definição exacta de *substância* resulta talvez a variedade destas *quase definições*, como lhes chama São Tomás. É que o «género próximo» sendo tomado da *essência* ou coisa indeterminada, equivale ao *ser* em geral que não é género propriamente; e a «diferença última», impossível topá-la fora do conceito do género *ser*, como convinha à verdadeira diferença. Ora sem estes dois factores representativos da essência das coisas, ninguém logrará jamais definir rigorosamente. Assim contentar-nos-emos com quase definições ou descrições de substância.

No significado da palavra *substância*, *sub-stare*, descobrimos três noções elementares, a primitiva de *coisa que está*, e os dois modos: *estar de pé*, *stare* e *estar debaixo*, *sub*.

Pelo primeiro dos modos, *estar de pé*, parece querer indicar-se o que é privativo da substância, o estar em si mesma; pelo segundo, o ser espeque ou sustentáculo dos acidentes, uma nota explicativa e complementar da noção de substância.

Entendem outros que o *sub* lhe advém de que, sendo uma essência determinada à substância, está logicamente *abaixo* do ser em geral, como menos extensa que ele.

É este o ponto de vista lógico, não o metafísico que tal. Intende o primeiro com as leis do pensamento, o segundo com as leis da constituição dos seres. Neste último nos colocaremos de preferência.

Substractum lhe chamaram outros, como quem diz *deitado debaixo*. A estes tais parecerá que a essência da substância está, não tanto em permanecer em si mesma, como em ser base ou ponto de apoio ou *estrado* dos

acidentes; de modo que dos acidentes dependeria a substância e deles tiraria sua razão de ser.

Os de outra escola, aqueles principalmente que, como Mr. De Broglie vingam a realidade da substância contra as investidas do positivismo, aduzem para explicar esta noção a de *permanência* e imutabilidade em face do fenómeno que é essencialmente *transitório*.

Não tanto o *noumena*, o íntimo das coisas, encoberto pelo *phenoumena*, o aparente; é o *permanente* diante do *transitório*, o que é temporariamente indivisível, imensurável, diante do que pode medir-se pelo tempo.

Confundem outros a *substância* com a *essência*, como quem dissesse a espécie com o género, a parte com o todo.

Preferem estes a *natureza* como melhor representativa de *substância*, sem repararem que na noção de natureza é forçoso introduzir a dos atributos, os quais como acidentes não podem confundir-se com a substância: aqueles optam pela de *causa eficiente*, parecendo-lhes que toda a essência dos seres completos está em serem princípios de acção, «força por onde um ser se coloca fora do nada».

Deste número parece que foram Leibnitz, Gioberta e Kant.

Todos conhecem a dada por Descartes: «uma coisa que existe de forma tal que não carece de outra para existir», e a de Espinosa: «aquilo que é em si e por si se conhece», de onde nasceu o moderno panteísmo.

Ainda mais panteísta que esta, parece à primeira vista a de Cousin: «O ser que em ordem à existência, de nada carece além de si mesmo».

No sentir de Locke, «substância é nada mais que a soma das qualidades que percebemos pelos sentidos coexistirem sem que saibamos o porquê desta coexistência». E assim como a definição de Descartes abriu caminho ao panteísmo de Espinosa, a de Locke determinou o cepticismo de Hume.

Notaremos aqui de passagem que a doutrina do sr. Alves de Sousa, no seu *Curso de filosofia elementar*, pág. 158, 5.ª edição, não parece muito distante desta de Locke e dos sensistas, e por tanto da negação de substância.

Diz o sr. A. de Sousa. *loc. cit.*: «Se considerarmos uma ou outra de suas [da substância] qualidades em separado das demais, chamamos-lhe modos, propriedades; se consideramos essas qualidades no seu conjunto e a constituírem o ente completo, chamamos-lhe substância.» De maneira que a substância, em si mesma, nada é; e por outro lado as qualidades, não o sendo da substância que não existe, nada são; logo semi-cepticismo idealista. Salvo o erro mais a recta intenção do autor.

A escola com São Tomás definiu substância: *res, cui convenit esse in se, et non in alio*; isto é, uma coisa realmente existente, à qual o ser convém em si própria, não em outrem. Todo o mérito desta descrição está em frisar bem a essência mesma da substância que não está propriamente, como já ficou

insinuado, em sustentar os acidentes, senão em *ser em si mesma*. É só neste íntimo sentido que se pode afirmar de Deus a substância; não no primeiro, pois em Deus, acto puro, nada existe acidental de que a substância seja sustentáculo.

Este *ser em si mesma* da substância está visto que não equivale a *ser por si mesma*, como pretendia Espinosa; quer simplesmente dizer que o *ser* da substância não carece de outro sujeito, além de si mesma, no qual repouse como acidente dele. Esta cláusula portanto com que fecha a definição ou descrição de substância representa o papel de «diferença última», por onde se distingue o *ser* da substância do *ser* dos acidentes.

E se uma simples definição bastasse a dirimir questões, e esta definição de substância o fosse rigorosamente dando a essência do definido, aqui terminaríamos pela afirmação de que *os acidentes se distinguem realmente da substância*.

Antes de chegarmos porém a este resultado, convém olhar de mais perto.

Depois da descrição de substância, a dos acidentes.

Entre os modernos grande confusão se manifesta na apreciação da natureza dos acidentes. O mesmo termo *acidente* desaparece para dar lugar aos de *modos*, *qualidades*, *propriedades*, *atributos*, *faculdades*, etc., e tão basculejadas andam estas noções que nem sempre separamos com o fio da meada.

Geralmente dão-nos na classe de acidentes *modais* os acidentes *absolutos*, ou antes confundem estes com a própria substância; e como dela senão distinguem outros, senão mentalmente, daí resulta a negação da distinção real entre substância e acidentes.

Já notou um contemporâneo que os termos *acidente*, *acidental* que os modernos usam contrapor ao *essencial*, não exprimem perfeitamente a ideia de seres adjuntos à substância; que melhor serviria a palavra *acedente*, ou acrescentamento. Não é lícito, porém, nem de fácil empresa a troca de palavras de significação determinada pelo uso, senão pela raíz das mesmas.

Fiquemo-nos pois com *acidentes*.

É acidente a coisa à qual convém o *ser* em outrem, como em seu sujeito, e não em si mesma. De modo que, assim como a essência da substância consiste no *ser em si mesma*, a do acidente consiste no *ser em outrem*.

Porém se o *ser em si* não equivale ao *ser em outrem*, como é evidente, a essência da substância é diferente da essência do acidente; mas os seres cujas essências forem diferentes, sê-lo-ão eles mesmos, logo, etc.

Não antecipemos, porém, e fique para novo exame a conclusão.

V

Na determinação e classificação dos *acidentes* punham os escolásticos todo o cuidado e esmero, para virem a fim de bem árduas soluções. Admirável a perspicácia com que notavam as mais ténues diferenças, e as pesavam no resultado final ou conclusões gerais. Também por este caminho levaram mais longe que ninguém a investigação científica, até alumiarem os mais escuros recessos do pensamento em tão delicadas questões.

Após a definição de acidente: *ens cui convenit esse in alio uti subjecto, et non in se*, logo vinha a classificação dividindo-os em acidentes *físicos*[2] e denominações *extrínsecas*.

Estes últimos só impropriamente tinham nome de *acidente*; pois nenhuma alteração determinam na substância donde procedem, senão nas substâncias *estranhas*; como é o *aquecer*, *alumiar*, *perfumar* o ambiente.

Por isso tiveram nome de «apelidações extrínsecas», como quem diz atribuições quase gratuitas.

Não assim os acidentes *físicos*.

Estes subdividiu a escola em *absolutos* ou categóricos, e *modais*.

Absolutos, não por haverem o *ser* independentemente, o que fora contrário à noção de acidente; senão para diferença dos *modais* que só mentalmente distinguimos da substância, bem que tal distinção seja fundamentada na realidade das coisas como veremos. A estes chamaríamos acidentes de acidentes se, por absurdo, pudesse o acidente sustentar o *ser* de outrem, quando nem o próprio sustenta.

A esta última espécie reduziram os modernos todos os acidentes, sob a denominação geral de *modos*. É deste falso suposto que resultou a solução negativa por eles dada à questão que vamos examinando. E quiçá para tanto concorreria a tradição *nominalista* que desde ROSCELINO e GUILHERME DE OCCAM vinha roendo como cancro as entranhas da escolástica, e por isso merecera as boas graças dos modernos.

Certo é que a mesma palavra *modos*, medida, quantidade determinada tanto da substância como do acidente, não passa de uma noção quantitativa que, longe de determinar a substância ou o acidente à maneira de *acidente*, antes por eles é determinada e deles ressalta para o entendimento que a concebe.

---

2 Entre os escolásticos, *físico* não significava somente corpóreo ou material; também *natural*, *substancial*, conforme com a origem grega de *physis*, *natura*.

Só Deus, o *ser* sem limites, excede todo o limite ou modo criado; não tanto porque o modo é *acidente* e Deus *acto puro*, como porque é *medida* e Deus *imenso*.

Nas substâncias criadas porém muda o caso de figura; pois tendo elas recebido de outrem o *ser* e o *existir*, a substância e os acidentes, por *medida* os receberam. É o pensamento de Santo Agostinho [3] : de Deus têm as criaturas o *modo* de seus próprios *seres*, a fim de poderem ser de um certo modo.

Tomemos exemplo de uma substância corpórea em movimento: é o *movimento* um *acidente* que sobreveio à substância, relacionando-a de uma maneira particular com o espaço e o tempo; a *velocidade* porém ou intensidade de movimento, isto é, a proporção entre os espaços percorridos e o tempo gasto, a *direcção* da trajectória com referência aos pontos cardeais do horizonte ou a um plano dado; a natureza da *linha* do percurso, recta ou curva, são *modos* ou pontos de vista quantitativos do *acidente* movimento. Formas ou propriedades, de algumas das quais o movimento corpóreo não prescinde, sem se tornar irrealizável e inconcebível até; mas que pode variar e alternar sem deixar de ser movimento. Bem certo que em todo o movimento corpóreo é forçoso se manifeste certa velocidade, certa proporcionalidade, direcção e natureza de linha trajectória; a *velocidade* porém *pode ser* maior ou menor, a *proporção pode dar* movimento uniforme, variado sem regulamento ou uniformemente variado a *direcção pode ser* neste ou naquele sentido, e a *trajectória pode ser* rectilínea ou curvilínea sem nenhum prejuízo do movimento, como acidente da substância corpórea.

Diremos depois disto que nada são em si mesmas estas alterações quantitativas do acidente? Em si mesmas, nada, que da coisa alterada é a alteração; o acidente porém não permanecendo quantitativamente o mesmo que era, autoriza estes conceitos de *acidentes modais*, como de seres que destacam perfeitamente no campo intelectual, e andam sujeitos a leis de carácter absoluto.

Delas conhece em primeira instância a matemática; a lógica e a metafísica, cada uma desde seu ponto de vista particular, também têm voto na matéria.

Deixados agora de parte os *modos*, olhemos aos *acidentes* propriamente ditos.

Nem todos os acidentes estão em relações iguais com a substância. Conquanto deles sejam característicos da espécie, fluam natural e infalivelmente da essência sem com isso a constituírem, como a existência ao *espaço* e a duração no *tempo* para as substâncias corpóreas, o *rir* e o *chorar* para

---

3 D. August., *De natur. boni* (cit. por Sanseverino).

o homem; outros são privativos do indivíduo e determinantes de sua individualidade, como em Camões o *ser poeta*.

E apesar do carácter particularizante dos últimos, tiveram a designação de *comuns* ou acidentes em sentido estrito, *symbebekos*, como lhes chamou Porfírio [4]; enquanto que os primeiros conservaram o de *próprios*, *idion*, por constituírem propriedade inalienável das substâncias. Assim teremos como acidente *comum* tudo quanto não seja privativo da espécie, mas pertença de alguns *indivíduos* dela, como a ciência ou a cor branca nos homens; ou de algumas *espécies*, como a produção *vivípara* nos mamíferos.

Outros chamam *próprio* ao acidente *produzido* naturalmente pela própria substância; *estranho* o que é *recebido* nela. E parece que não vai longe da anterior esta distinção, se reconhecermos que para a produção dos acidentes comuns ou estranhos há mister o concurso de aptidão *receptiva* da substância, que entende com a essência dela, e da *operação* de substância alheia, o que traz o cunho de contingência e particularidade a estes acidentes.

Se aos primeiros quadra melhor o nome de *propriedades*, aos segundos não ficará mal o de notas determinantes, completadas pelas *qualidades*.

É que os primeiros são indicativos da essência da coisa, com a qual respondemos à pergunta: *quid est hoc ?* isto que é ? — *Homo*, um homem. Com os segundos determinamos o indivíduo bastantemente para o não confundirmos com outro: *quis ?* e quem é esse homem ? — *Joannes est, consanguineus meus, infirmus*, etc., é João, meu parente e adoentado.

— E que tais suas qualidades ? *Qualis ?* — *Vir probus, sapiens*, etc.

Com os últimos completamos a determinação da coisa por meio das qualidades ou acidentes mais comuns, e de mais fácil aquisição ou perda.

E aqui perguntaremos, ainda, qual a natureza desta relação dos acidentes com a substância ? de onde procedem e que papel representam ?

A relação é de dependência necessária da substância, fora da qual perdem o *ser*. Não direi porém como Kleutgen, nem mesmo dos *próprios*, que determinem a substância à maneira de *forma*: é que a forma faz parte da *essência* das coisas, e por isso a determinação dela é uma determinação essencial que não excede os limites da *espécie*; enquanto que o acidente *comum* determina o *indivíduo*, o *próprio*, vinculado indissoluvelmente à essência, é distinto dela, como sua natural resultância. Claro me parece por tanto que a a determinação *acidental* é diferente da *formal*; esta é princípio de *especificação*, daquela sai o da *individuação*.

À roda da substância já constituída, visto não carecer de outrem em que repouse para subsistir, agrupam-se os acidentes como natural eflorescência

---

4 Porphy., *Isagoge* (cit. por Kleutgen).

uns, outros como aderências que nela toparam capacidade receptiva, e por este modo a determinam individualizando-a. Parasitas que vivem da *substância* e com ela desaparecem fatalmente, e contudo indispensáveis à substância para se destacar como indivíduo no tablado da criação.

Parece que em cada uma das criaturas reuniu Deus, em misterioso consórcio da substância com os acidentes, umas como amostras do mundo necessário e do contingente, do criado e do incriado.

Ou seria só a título de cunho ou marca da obra do Divino Artista, não para evitar se confundam com outras as suas obras, senão para que sempre nos lembrássemos d'Ele. *Ego Dominus, qui feci.*

VI

Considerada a substância como dito fica atrás, *ens cui convenit esse in se, et non in alio*, têmo-la em primeira linha à entrada das categorias, tanto *lógicas* ou na ordem dos conceitos, como *ontológicas* ou na das essências. Na primeira porque o *subsistente*, o *particular*, o *determinado*, o *concreto* constitui objecto próprio do conhecimento sensível, comum aos animais, nota externa da substância para o homem e primeiro elemento de intelecção, destinado a pôr em exercício o *aparelho* intelectivo; na segunda porque o *substancial* ou *subsistente* precede o *insubsistente* ou *acidental*, pelo menos na hierarquia do *ser*, como o *actual* vem antes do *potencial*, fora do mesmo potencial, segundo o pensamento da escola.

Nove acidentes categóricos da substância material contou Aristóteles, a saber: quantidade, qualidade, relação, acção, paixão, tempo, espaço, hábito e sítio. Sendo impossível nas presentes circunstâncias apreciar as relações de cada uma das categorias de acidentes com a da substância, tomarei lealmente a primeira delas, como a que mais de perto prende com a substância, e cuja distinção é por ventura mais difícil de *determinar*, mesmo de *fazer sentir* de um modo imperfeito que seja.

É nas substâncias materiais a *quantidade, accidens extensivum substantiae* [5], o primeiro dos acidentes absolutos ou categóricos. Nisto convêm geralmente os tratadistas; agora onde divergem os pareceres é na definição ou determinação de quantidade.

---

5 Liberatore, *Instit. phil.*, I, 359.

Enquanto que para Descartes[6] consiste a essência da quantidade *na extensão externa* ou propriedade de ocupar espaço, de onde resultaria um número determinado de partes distintas ou *seres* subsistentes na quantidade; de modo que não teríamos acidente na quantidade senão repositório de substâncias, a soma delas, a quantidade *discreta* do *contínuo*, algo de incompreensível com o *ser* e o *não ser* simultâneo do mesmo sujeito: — para alguns escolásticos[7] é aceitável, que estará antes na *extensão interna*, ou na das partes do todo contínuo respectivamente umas às outras.

Estes, como Escoto e Sanseverino[8], vêem na *divisibilidade* ou capacidade de divisão em partes homogéneas a essência deste acidente. É que lhes parece indispensável à pluralidade de partes a divisão prévia, como única geradora de tal pluralidade.

Ora quanto concebemos primitivamente de um *ser* e como *raiz* objectiva de tal *ser*, isso é sua essência dele; logo, etc.

Nosso Fonseca com outros, parece que mais chegados ao pensamento de São Tomás, e o sr. Domet de Vorges[9] pensam que a essência da extensão real ou quantidade material de um corpo, a *massa*, jaz na *impenetrabilidade* das partes, de onde resulta a resistência ao tacto e à compenetração, e portanto a permanência de partes *extra partes*: que a *divisibilidade* é sim, um dos caracteres e propriedades da quantidade, porém não elemento constitutivo dela. De onde parece poder concluir-se que a quantidade corpórea é *divisível* por ser *extensa*, e não *extensa* por ser *divisível*; mormente tratando-se de partes potenciais, que isso dá a palavra *divisibilidade*, susceptibilidade de divisão e não divisão efectuada.

E esta será também a doutrina de Suárez[10], quando ensina que «a extensão das partes lhe parece consistir em que uma exclua a outra»: *partes externas esse nihil aliud videtur, nisi quod una excludat aliam.*

E por aqui notará o leitor como vamos entrando num terreno bem difícil de praticar, por muito acidentado e recheio de antinomias formidáveis.

Isto depreendemos de que os mais graduados da escolástica, em tal ponto divergem notavelmente de sentir.

E não é para menos o caso, quanto pode um profano avaliar.

Pois que será afinal de contas a *quantidade*, esse Proteu de tão várias formas e tão esquisitamente incoercível ? *duração sucessiva* ou tempo, *ordo*

---

6 *Les princip. de la phil.*, II, 9-19 (cit. por Sanseverino).
7 Goudin, Boyvin, etc. (*idem*).
8 *Éléments de philos. chrét.*, t. II, p. 178.
9 *Annales de phil. chrét.*, février 1888.
10 *Disput. metaph.*, 4 (cit. por Domet de Vorges).

successivorum como lhe chamou Leibnitz [11] ? — não; quantidade *intensiva*, o *ampère* das correntes voltaicas ? — menos ainda; quantidade lógica ou *extensiva* das espécies e géneros, ou substâncias segundas ? — tão pouco; quantidade *dinâmica* ou de forças físicas, químicas ou musculares; de gravidade, coesão, afinidade, calor, luz, força motriz ? — nem isso; quantidade *ideal* ou matemática, na qual o inextenso gera o *extenso*, a unidade o *número*, o ponto o *volume* ? — não, não é isso.

Trata-se aqui da quantidade como atributo da matéria ou «acidente extensivo da substância», na frase de Liberatore; da mole ou massa do corpo, numa palavra.

E aqui agora, como distinguir a massa ou *quantidade* material, da substância mesma do corpo ?

Eis a questão a final nos devidos termos.

Estabeleçamos desde já que a *substância* como *unidade* na variedade, centro de harmonia em cada *ser* e fundamento constituinte dele, é *una*, *inalterável*, *indivisível*, *inaumentável*, *inteira* e permanente, salvo o caso de substituição nas combinações ou decomposições químicas [12]. A *quantidade* porém nos corpos é, de natureza, variável por aumento e diminuição, e pela perda ou aquisição de estados e modos vários. Nada mais tem a *substância* que a *essência actualizada*, ou a *matéria* e *forma* sob a acção da força estranha e imediata do agente criador, ou das leis por Ele estabelecidas.

Não confundamos porém esta *matéria* prima com a *quantidade* extensiva dos corpos, nem a *forma* substancial [13] com a figura dos mesmos: tal *matéria* é a *capacidade* primitiva e princípio *receptivo* da *forma*, princípio outrossim da *individuação* por onde fica o *ser* constituído *in individuo*; a *forma*, princípio *activo* ou representante da força, princípio *determinante* da essência e da especificação, e por onde fica o *ser* constituído *in specie*.

Na substância radicam os acidentes categóricos, parecendo apoiar-se cada ordem deles em uma das feições de constituição da substância; assim na MATÉRIA substancial ou primitiva, a *quantidade extensiva*, a *paixão*, o *espaço*, o *sítio*; na FORMA, a *qualidade*, a *acção*, o *tempo*, o *hábito*, ficando a meia distância das duas entidades primeiras a *relação*. Destes acidentes são *quantitativos* os primeiros e mais adequados às substâncias corpóreas; os segundos, *qualitativos* e mais das espirituais; nestes sobreleva a nota da *actividade* ou força, naqueles a da *passividade* ou matéria.

---

11 Cit. por Ackermann, *Annales de phil. chrét.*, avril 1888.

12 Cf. Zanon, *La nature des corps* (*Annales de phil. chrét.*, janvier 1888).

13 «Substancial» por entrar na constituição da substância.

Se é variável a *quantidade* extensiva como susceptível de mais e de menos, pode aumentar-se ou diminuir-se indefinidamente e sem alteração da substância; pois de outra maneira ficaria dependente do acidente a substância: o que fora contrário à noção mais comezinha das duas entidades. Onde deparar afinal com o *limite* na diminuição da *quantidade* extensiva ? No átomo ?

Sendo verdadeira a doutrina de Descartes que colocou na *extensão* a essência dos corpos, a redução dela ao átomo, isto é, ao *inextenso* equivalia à destruição das substâncias corpóreas, o que é sofrivelmente absurdo; ou à multiplicação de substâncias símplices ou espirituais extraídas da matéria, o que não é menos portentoso, certamente.

E voltando pelo caminho da síntese, acharíamos a *essência* do extenso resultando do agrupamento fortuito de elementos *símplices*, e a extensão *essencial* residindo não nos elementos reais, símplices por hipótese, senão nos espaços vazios; o que dá uns longes do centro de gravidade de certos sólidos, e tem o singular privilégio de colocar a *essência* das coisas *fora* delas mesmas, ou negar irremediavelmente a *essência* das substâncias corpóreas.

É o *não ser* ... do *ser*.

VII

Condensando os elementos esparsos desta já longa porém descosida exposição, acharemos acaso que a distinção real entre *substância* e *acidentes*, *v. gr.* entre a substância do corpo e a quantidade extensiva dele, é 1.º) perfeitamente *racional* por não encontrar as leis do pensamento; 2.º) *demonstrável*, já directa, já indirectamente e por absurdo; 3.º) finalmente *responsável* de bom número de dificuldades, para cujo esfiamento não dão certamente o tempo e o espaço disponível agora, nem os recursos mesquinhos de quem isto escreve.

Primeiramente, parece não ofender as leis do pensamento aquele juízo que não ferir mediata nem imediatamente o princípio de contradição; ora o juízo ou conceito da distinção real entre substância e acidentes, nem mediata nem imediatamente fere o princípio de contradição; logo tal juízo é racional, visto não ofender as leis do pensamento.

Julgando indiscutível a *maior*, provemos a *menor* :

Não fere *mediatamente* o princípio de contradição, pois contra nenhum outro princípio formal atenta tal distinção: não contra o de *substancialidade*, pois quando se afirma *não haver acidente sem substância* não só se distin-

guem estas entidades nomeando-as, se não que se afirma que o ser do acidente depende do da substância; o que não destoa da nossa teoria quando ensina que o acidente tem seu *ser* na substância; não contra o de *causalidade* pois é corrente que o acidente está para a substância quase como efeito para a causa, por nela encontrar não só apoio, senão origem causal; não contra o de *razão suficiente e o de continente e conteúdo*, por análogas razões; não ainda contra o de *quantidade ou igualdade*, por não tocar em noções desta espécie; ora como todos estes princípios sejam estreitamente relacionados com o de contradição, o qual a todos sustenta e explica, segue-se que por esta via não é ofendido o primeiro dos princípios formais.

Também não é *imediatamente* oposta a esse princípio a nossa distinção, pois estabelece que o *ser* da substância é realmente distinto do *ser* do acidente; bem longe por certo de nossos adversários que sustentam que o mesmo é o *ser* da substância que o dos acidentes; que a substância é realmente acidente ou *vice-versa*; o que dá em conclusão que «uma coisa pode ser e não ser ao mesmo tempo».

Isto sim que encontra o princípio por excelência entre os princípios formais.

Este argumento confirma-o quanto se depreende da intuição directa das respectivas noções.

Na verdade, que dificuldade haverá em distinguirmos entre as noções de substância e acidente, *ser* da substância e *ser* do acidente, substância física e quantidade extensiva ?

Pois a *substância* e a *causa*, o *esse* e o *agere* quem os confunde ?

Não, tal confusão não a toleram os espíritos regularmente equilibrados. A não querermos tomar para base de sistema a antinomia pura e formal, e renunciando ao senso comum aceitar as espécies abstrusas e miragens caóticas da lógica hegeliana, força é nos atenhamos às distinções, cuja nitidez o espírito reconhece sem esforço e aceita sem receio.

A não repugnância porém deste conceito com as leis do pensamento, se autoriza bastantemente o asserto, de que tal distinção não é metafisicamente *impossível*, não nos habilita para afirmar que seja *real*.

Do *ideal* para o *real* não é lícito concluir assim.

Agora olhando em cheio a questão, logo dela se depreende que o *ser em si mesmo* e o *ser em outrem*, coisas são realmente distintas; e como a *substância* é em si mesma, e o *acidente é noutrem*, hemos de concluir que realmente se distinguem.

Pois se o *ser em si* realmente se não distinguisse do *ser noutrem*, não haveria fundamento para a diferença destas locuções; e daí viria uma delas a exprimir um conceito falso, e a outra, redundante por adicionar algo de ocioso.

Assim recuaríamos de um salto desde a substância até ao *ser* puro e irredutível, a mais vaga e inconsistente das noções. Aquelas locuções porém estão adquiridas para a ciência, pois nem os adversários as rejeitam, e para o senso comum, pois todos as entendem; logo força é reconhecer-lhes fundamento real.

E notemos que o *ser em si* e o *ser noutrem* não equivale a simples *modo de estar*, como seria estar de pé, estar sentado; não, porque tal situação não é meramente acidental, senão que entende com a essência mesma das coisas, pois foi por aí mesmo que definimos a substância e o acidente.

Verdade seja que esta é uma distinção, real sim porém *sui generis*: é que não pode equiparar-se às distinções entre substâncias ou indivíduos, nem amesquinhar-se às das qualidades entre si. Fica a meio caminho entre umas e outras.

Têm aplicação estas considerações gerais ao caso particular das substâncias corpóreas e da quantidade extensiva, e recebem a confirmação dos escolásticos de maior nomeada, incluindo São Tomás.

Eis o que afirma categoricamente o santo Doutor: a *matéria* permanece completamente *indivisível* em sua *essência*; pois retirada a *quantidade*, fica indivisível a *substância*.

Materia in sua quidditate indivisibilis est penitus; ablata enim quantitate, substantia manet indivisibilis [14].

Esta mesma doutrina expende no *Comment.* [15], na *Sum. theol.* [16] e na *Sum. phil.* [17].

Se pelo corpo entendemos *volume* será espécie de *quantidade*; se entendemos *substância* corpórea, já não é quantidade, senão princípio que a suporta : é o pensamento do *Angélico* no livro *De spirit. creat.*, 3.

Resumindo para concluir:

— Se é simples, como dizem, a substância corpórea em nada difere a espiritual ?

— Difere em que a corpórea é apta para sustentar a quantidade dimensiva; a espiritual não.

— Mas se é divisível tal substância para dar origem a novas substâncias, por fragmentação na matéria inorgânica, por geração na orgânica, certamente será porque é extensa.

---

14 *De nat. mater., C. 6.*

15 *Com.*, II, 30.

16 *Sum. theol.*, I, V, 2, VII, 3.

17 *C. gent.*, IV, 63 (cit. por D. de Vorges, *An. de phil. chrét.*, février 1888).

— Nego que o seja no sentido material, de maneira que tal divisão multiplicando por um lado *as substâncias novas* diminua por outro a *substância-mãe.*

— Também o fogo se multiplica sem míngua da origem, e o pensamento do homem sem dano do intelecto produtor.

— Uma substância que se comunica sem diminuição de si mesma... *pantheismum sapit.*

— Desdobrando-se em *muitas substâncias* fica prejudicada a hipótese da *substância única;* logo nenhum panteísmo.

— Mas se a divisão da quantidade extensiva determina a produção de novas substâncias, fica o substancial dependente do acidental.

— Não esqueça que a substância é o sustentáculo da quantidade; logo força é que onde estiver a quantidade esteja a substância e a siga em todas as divisões. Haverá depois da divisão maior número de substâncias, não menor nem maior quantidade intensiva da mesma substância primitiva. E neste sentido se pode dizer que a substância é divisível, pois se desentranhou em novas substâncias; não porém por decomposição de partes.

Nestas condições, e quando os atributos da substância e do acidente tão nitidamente destacam no campo da razão, não parece excessivo concluir pela distinção real entre a substância e os acidentes [18].

---

18 Este mesquinho trabalho houve de sofrer a final o suplício do leito de Procusto, sendo estrangulado, decepado, para se acomodar à estreiteza do espaço. *Parce sepultis.*

15

Notas bibliográficas àcerca da filosofia de São Tomás *

[I]

Sob esta epígrafe ou *à peupris*, apresentou o sr. Domet de Vorges, da Sociedade de São Tomás, de Paris, um longo e curioso relatório no Congresso decenal da *Sociedade de Bibliografia*. Por este notável documento se pode ajuizar do vigor que vêm desenvolvendo, há dez anos a esta parte, as escolas e seminários que escutam a palavra do Papa, no cultivo da mais grandiosa e fecunda síntese filosófica que ainda produziu o espírito humano. Não podendo acompanhar, passo a passo, a exposição do sábio académico, limitar-me-ei a extractar quanto parecer mais azado ao meu propósito: despertar a curiosidade da mocidade estudiosa e incutir-lhe o gosto dos estudos severos.

Começa o sr. De Vorges por lembrar o abatimento, quase em que jazia a filosofia do Anjo das Escolas, quando com a Encíclica *Aeterni Patris*, a 4 de Agosto de 1879, veio Leão XIII soltar o brado de alarme, que teve um eco imenso no mundo católico.

Depois continua: «Fecunda foi a palavra de Leão XIII, ainda mais fecunda do que o supunham muitos dos que a receberam com aplauso.

«Por isso entendeu o conselho desta Sociedade que muito conviria apresentar sobre si o quadro deste movimento, cada vez mais acentuado.

«Dez anos há que escutastes a voz de um eloquente religioso, tratando da renovação da filosofia tomista, dos esforços para isso empregados, e das vantagens que se esperavam.

---

* Publicado em *O Amigo da Religião*, I ano, n.os 27, 28, 30 e 31, respectivamente de 26 de Abril, e 3, 17 e 24 de Maio de 1889.

«Por então só podia oferecer-vos esperanças o Rev.º Padre Toudini: apresentava diante de vós o campo fecundado pelo trabalho de pacientes operários. Pena é que não possa ele mostrar-vos agora a loira seara, prestes madura, cujos grãos espargidos ao longe irão desentranhar-se em verdades fecundas no seio da sociedade cristã! Com que prazer não lhe ouviríeis contar, naquela sua linguagem tão clara e elegante, o número de póstumos discípulos, nascidos de São Tomás de Aquino depois de cinco séculos, sacerdotes e seculares, italianos, franceses, belgas, alemães, espanhóis, ingleses, e os diversos méritos, característico de cada um, a variadas tendências!»

Depois disto o douto relator entra a desdobrar a longa galeria das obras de pulso, tratados, controvérsias, dissertações, revistas ultimamente saídas à luz e todas modeladas pelo assombroso pensamento do aquinatense. E tão grossa vai já a corrente e tão rica de peregrinos tesouros, que facilmente diríeis ter absorvido por inteiro o cabedal científico da filosofia contemporânea. Pouco vê quem isto não vê.

«Pela Itália, diz o sr. De Vorges, é que é começar: temos lá o centro da verdade católica, de la partiu a renascença filosófica em nossos dias; de aí são os primeiros campeões do catolicismo e os mestres mais abalizados têmo-los na Itália. Verdade seja que também o tomismo nunca desarreigou inteiramente do solo italiano: sempre se manteve em Roma e nas casas-mãe das ordens monásticas o ensino da filosofia escolástica. Porém, afora alguns poucos iniciados, quem sabia de tal? quantos sacerdotes, depois do seminário, se lembravam mais das teses e dissertações escolares?

«Há já 30 anos depois que as obras filosóficas de *Sanseverino*, cónego napolitano, apareceram produzindo certo rumor no público. Fundou escola e deixou numerosos discípulos: e mais não logrou concluir a obra fundamental, *Philosophia christiana cum antiqua et nova comparate* (Nápoles, 1862) da qual apenas temos 7 volumes. Ainda assim, deu-nos em resumo (3 vols.) com o título de *Elementa philosophiae christianae* (Nápoles, 1864) as matérias que tencionava desenvolver em mais amplo quadro. Esta anda traduzida em francês pelo Padre Corriol (Avignon, 1877). Inclui a última edição de Nápoles (1879) um quarto volume do sr. cónego Signoriello, amigo e discípulo de Sanseverino, e autor de um *Lexicon peripateticum*, publicado em 1854, reeditado em Nápoles em 1881. Apresenta Sanseverino exposição clara e fácil, doutrina exacta: anda porém um pouco avesso às soluções em voga (*un peu en dehors des préoccupations contemporaines*).

«Sanseverino porém já passou à história; o Padre *Liberatore*, esse vive ainda entre nós. É um vigoroso dialéctico; dele temos em resumo as prelecções aos discípulos no *Gesú*, em Roma. Formam um curso completo, hoje conhecido em toda a Europa com o título *Institutiones philosophicae* (Roma, 1860, 2 vols.). É de 1881 a última edição: ensino claro, firme, metódico. Segue

geralmente as doutrinas de Suárez, apartando-se contudo em alguns pontos [1] da solução do mestre.

«Não se limitam a isto os trabalhos do P. Liberatore, pois que já em 1857 ele introduzia uma novidade, compondo em língua vulgar alguns tratados da mais profunda doutrina escolástica.

«Tais são o *Della convenienza intelectuale* (Roma, 1857) e o *Del composto humano*. Estes dois trabalhos, modelados pelas mais sólidas concepções escolásticas, foram traduzidos pelo sr. Deshayes. Em 1875 publicou o P. Liberatore outro tratado *Dell'anima*, que forma agora o segundo volume do *Composto humano*.

«Por aqui se vê como tem merecido ao ilustre jesuíta especial cultivo a psicologia: armou-se campeão desta grande doutrina da unidade substancial do homem, que tem que o ser humano é um todo, ser verdadeiramente *um* na complexidade física, sujeito único de suas propriedades, assim materiais como intelectuais. Nenhum perigo corre o espiritualismo com tal doutrina, assim depurada e fortemente apoiada na metafísica escolástica; visto como é o corpo humano que tira o ser próprio da alma e não *vice-versa*; tem demais disso a vantagem de ser perfeitamente conciliável com as teorias mais avançadas da fisiologia moderna àcerca da unidade vital e da matéria orgânica.

«Achariam perfeitamente cabida nas obras de São Tomás mais de uma tirada de Claudio Bernard ou de Gavarret.

«É perfeitamente providencial o que a Igreja sancionou no Concílio de Viena, quando firmou aquela definição de alma humana, um pouco desajeitada aos requintes do espiritualismo moderno [2], é certo; porém apta a valer para base de um espiritualismo seriamente científico.

«Não conhece o P. Liberatore descanso em sua longa e operosa carreira. Em 1878 saiu-se com um tratado cosmológico *Della compositione sustanziale dei corpi* (Nápoles) e em 1982 com um ensaio àcerca dos universais, *Degli universali*, publicado no relatório geral da *Academia romana*. Tem chegado em seu zelo de propagandista a empregar a forma dramática. A *Autocrazia dell'ente* é uma comédia em 3 actos (Nápoles, 1880) que teve duas edições e certa voga na Itália.

«Mais moço que Liberatore, e contudo menos ardente na investida, e também algo menos empenhado na controvérsia hodierna é o cardeal *Zigliara*

---

1 Por exemplo na questão da distinção real entre a *essência* e a *existência* nas substâncias criadas. (*N. do T.*).

2 Algumas das escolas filiadas na tradição cartesiana. (*N. do T.*).

«Publicou uma *Summa philosophica* (Roma, 1876) que já atingiu a sexta edição. É um resumo das prelecções dadas por ele na Minerva [3]. Adopta o douto cardeal um tomismo puríssimo, desconfiando não dos comentadores. Evita as questões mais difíceis e os problemas mais complexos, atendo-se à doutrina geralmente aceite.

«Pela sua obra forma-se um conceito são e justo da filosofia tomista; na minha opinião, é mesmo preferível, para os principiantes, a Liberatore cujas soluções são às vezes mais decisivas, porém menos incontestáveis. Contenta-se com abrir campo ao espírito do discípulo, sem pretender traçar-lhe direcção definitiva.

«Também Zigliara publicou em italiano: o tratado *Della luce intelectuale* (Roma, 1874), mais um ensaio sobre a definição da alma humana, dada pelo concílio vienense, *De mente concili viennensis*.

«É este um trabalho muito erudito e interessantíssimo sob o ponto de vista histórico. Parece-me contudo pouco firme a doutrina, e acho o eminente escritor demasiado diligente em poupar as opiniões contrárias. Talvez a prudência de príncipe da Igreja prejudique a clareza do filósofo.

«Outro dominicano, o *P. Lepidi*, empreendeu também um curso completo de filosofia, *Elementa philosophiae christianae*. Que simpática figura o P. Lepidi com aquele rosto tão austero e delicado! Cintilam-lhe os olhos e a conversação, e o pensamento corta-lhe direito ao nó da dificuldade. Tem vivido muito fora de Itália; e professou por longos anos em Lovaina. Conhece a fundo as grandes questões conteporâneas, e o seu curso é uma refutação completa dos sistemas modernos, tanto como exposição da doutrina escolástica. Não lhe sofre o ânimo exercer o ofício de simples repetidor das teorias da idade média. Possuindo inteiramente essas teorias, sabe outrossim manipulá-las, completá-las, assimilá-las. É discípulo de São Tomás, e contudo pode lutar com armas iguais, opondo ao erro moderno o pensamento moderno.

«Três volumes apareceram já de suas obras, a *Lógica* (Lovaina, 1875), *Ontologia* (Lovaina, 1877) e a *Cosmologia* (Lovaina, 1879).

«Tem sido um pouco retardada a publicação do último volume, a *Psicologia*, pela escolha altamente justificada aliás, da pessoa do autor para a cadeira de filosofia do colégio da Minerva em Roma.»

Vimos apenas, pela mão do sr. De Vorges, os primeiros passos na galeria dos beneméritos do neo-tomismo, e leva-nos já os olhos tanta e tão peregrina riqueza: que será quando a tivermos entrado em cheio!

---

3 Escola dos padres domínicos. (*N. do T.*).

Entretanto, um pensamento nos está magoando sem piedade, é a consideração de que em tamanha abundância nada temos, os portugueses, a que possamos chamar nosso !!!

II

Continua o aprimorado crítico sr. De Vorges engabelando no chão de Itália as formosas paveias da seara tomista.

Que riqueza de messes e que gentil ceifador !

«Não incluirei, diz, na minha relação as *Institutiones philosophiae* do P. Tongiorgi agora mesmo falecido, cuja obra obteve em 1878 a 5.ª edição em Paris; nem o trabalho do P. Palmieri, homem do seu tempo sob as vestes da escolástica. É o curso do P. Palmieri, também intitulado *Institutiones philosophicae* (Roma, 1876) aliás rico de muito saber e assim mesmo um pouco salpicado de opiniões singulares sustentadas com rara habilidade, já anterior ao período que exploramos. Posso porém citar o P. Schiffini, anos há professor na universidade gregoriana, em Roma. Já começou com a publicação de um curso (*Principia philosophica ad mentem Aquinatis*). Em 1886 apareceu em Roma o 1.º volume contendo a lógica e a ontologia; está no prelo o 2.º. É a ontologia do P. Schiffini a mais sólida e profunda que ainda conheci. São uma família de filósofos estes Schiffini: já o irmão deste, também religioso da Companhia de Jesus, havia publicado pouco há, nos Estados Unidos onde reside, um magnífico tratado *De homine* (Woodstock, 1881).

«Ao lado destes atletas do pensamento é preciso colocar um outro, de menor alcance filosófico certamente, cuja actividade porém, tanto seja buliçosa, tem prestado eminentes serviços à difusão do tomismo na Itália: falo do P. Cornoldi, igualmente da Companhia de Jesus. Publica este religioso suas obras em italiano quase sempre, e visa principalmente ao mundo sábio. Deu-nos primeiro um ensaio com o título *I sistemi meccanico e dinamico* (Verona, 1864). Depois tivemos as *Lezioni di philosophia scholastica*[4] (Ferrara, 1875) vertidas para francês por um professor de grande seminário (Paris, 1878). É do mesmo autor a *Conciliazione della fiede con la vera scienza* (Bolonha, 1878) o tratado *Dei principii fisico-razionali secondo San Tommaso d'Aquino* (Bolonha, 1881); e finalmente a *Sintesi chimica secondo San Tommaso* (Roma, 1882).

---

[4] Provavelmente a mesma obra da tradução latina do patriarca de Veneza, o Ex.mo e Rev.mo D. Dominico Agostini, sob o título *Institutiones philosophiae speculativae, ad mentem*, etc. (Bonsniae, 1878). (*N. do T.*).

«Daqui se depreende como se tem dedicado o sábio filósofo à obra da conciliação da ciência com a escolástica. Auxiliado pelo Doutor Travaglini pôde fundar em 1874 a academia filosófico-medical de Bolonha, com o fim de combinar a ciência moderna com os princípios da escolástica. Para logo se converteu esta academia em centro de numerosos trabalhadores, empenhados em aplicar os princípios antigos às descobertas recentes. Assim o Professor Rubini deu-nos em 1880 as *Lezioni elementari di fisica*; e o sr. Gianantonio Zanon, professor de construções navais no Instituto náutico de Veneza, os *Principii di fisica secondo la dottrina dell ilemorphismo moderno*, e posteriormente uma brochura contra a teoria cinética dos gases (*La cinetica combattuta e vinta da E. Hirn*, 1887).

«De modo nenhum pretendemos arrefecer-lhes os ardores, é certo porém que não tomará pé no mundo moderno a filosofia escolástica, enquanto não conquistar a adesão dos lábios [5].

«Em biologia já nós vimos como é fácil o acordo: é retirar as tendências materialistas de muitos fisiologistas modernos, e nenhuma diferença ficará entre as conclusões deles e as teses de São Tomás. Mais séria é a dificuldade em física e química, e talvez não repararam nisso os fundadores da Academia filosófico-medical de Bolonha.

«Era melhor não combater senão o que se pretende derribar.

«Estamos com o P. Cornoldi e seus amigos, enquanto se trata de manter a doutrina da constituição substancial dos corpos, integrados pela união da forma com a matéria; de defender a actividade de todos os seres incluindo a matéria bruta, e de lhes reconhecer certas propriedades reais, donde manam as respectivas operações. E para isto não é preciso arremeter com tamanho garbo contra os sistemas mais ou menos atómicos ou dinâmicos. Só é simples o átomo, aliás tão caro aos físicos modernos, sob o ponto de vista mecânico; considerado na essência mesma, nada impede de o julgarmos tão complexo como quisermos. Se os sábios não falam desta complexidade, é porque não curam de essências.

«Penso porém que não vai seguro, quem pretende explicar pelos princípios de filosofia escolástica os fenómenos presentemente constatados pela física e pela química. Se é verdade que as razões alegadas no século XVI, para rejeitar as explicações racionais ou metafísicas, são geralmente contestáveis, uma existe de boa lei, ainda que bem pouco reconhecida. Só nas reali-

---

5 Aqui principia o sr. De Vorges uma série de considerações acerca dos doutores da academia de Bolonha, que lhe valeu uma resposta um tantinho agra da parte do Doutor Liverani na *Scienza Italiana*; De Vorges respondeu nos *Annales de phil. chrét.*, Março, e a coisa ficou por aí até agora. (*N. do T.*).

dades símplices e irredutíveis é que tentaremos aplicar as condições metafísicas, suposto o possam ser em qualquer outra; é por que os factos secundários são de natureza atreitos a complicações, capazes de lhes desfigurarem os caracteres principais. Sabido é como os factos que temos dos sentidos em primeira mão, trazem o carácter de muito secundários. Há três séculos que todo o esforço filosófico se empenha em os referir aos elementos primitivos e irredutíveis; e está ainda muito longe do fim semelhante tarefa, mesmo onde pode entrar o cálculo e a observação.

«Nestas circunstâncias, achava mais acertado esperar que as ciências naturais, prosseguindo tão glorioso desenvolvimento como até agora, atingissem aquele grau de perfeição, que melhor comportasse a aplicação dos princípios racionais, constatados e conservados no campo metafísico até então. Assim o entendeu muito bem o P. Cornoldi: "não podem topar-se inconciliáveis duas ordens de verdades".

«Que prossiga a ciência em seus estudos, usando tão prudentes e fecundos métodos como os seus; e esperemos confiados que afinal suas últimas conclusões virão perfilar-se naturalmente sob as leis da metafísica.

«À causa tomista prestou o P. Cornoldi menos brilhante serviço certamente, porém igualmente menos contestável, reeditando o *Thesaurus philosophorum* do P. Reeb (Brescia, 1875). Excelente livrinho este e absolutamente indispensável aos amadores desta filosofia, cujo estudo luta com grande dificuldade na inteligência da terminologia própria. No *Thesaurus* acha o leitor o sentido das palavras técnicas e a explicação dos mais usados aforismos com a indicação das fontes respectivas. A este trabalho adicionou o P. Cornoldi uma colecção selecta de teses.

«Para o adiantamento da filosofia neo-tomista contribuíram ainda outros, posto que menos fecundos, escritores.

«Haja vista ao cardeal Pecci, irmão de Sua Santidade, que acaba de publicar em italiano um profundo comentário ao opúsculo de São Tomás àcerca do *ser* e da *essência* (*Parafrasi e dichiarazione dell'opusculo di San Tommaso «De ente et essentia»*, Roma 1882); o curso de filosofia do cardeal Tarino (*Institutiones logicae*, etc., Biella, 1877), que já conta duas edições; o estudo competentíssimo de Mons. Talamo àcerca de Aristóteles (*Aristotelismo della scolastica*, Sienna, 1881, 3.ª ed.) cuja tradução em francês logrou aceitação dos próprios professores da universidade; um ensaio sobre a metafísica, de Trotta (*Saggio di metaphysica*, Nápoles, 1879); as prelecções de Mons. Satolli, professor no seminário romano (*In summam theologicam divi Thomae praelectiones*, Romae, 1884); a *Lógica* de Schiavi (*Propedeutica allo studio della philosophia*, Turin, 1879); o de Mazzella, *De Deo creante* (Woodstock, Maryland, 1887); um outro tratado do mesmo autor sobre a união substancial da alma com o corpo, composto em latim e publicado em francês,

em Angers, 1879; finalmente o tratado do conhecimento sensível do P. Salis Seevis (*Della conoscenza sensitiva*, Prato, 1881).

«Adicionemos a estes, dois sacerdotes de Placencia, os senhores Tornatore e Alberto de Barberis, que escrevem em latim.

«Já publicou dois tratados o sr. Tornatore, um deles àcerca do conhecimento (*De humano cognitionis modo*, Placencia, 1885), outro sobre a natureza do ser material (*De natura rei materialis et immaterialis*, Placencia, 1882). Do sr. De Barberis conheço apenas duas dissertações críticas; uma contra o professor Siciliani (*Positivismus ac nova methodus psychologica*, Placencia, 1887); outra, a respeito da questão: *Esse formale estne rei intrinsecum an non ?* (Placencia, 1887). Nestes documentos revela o autor tal segurança de vistas, tanta profundeza de doutrina e tamanha justeza de pensamento que é mister contá-lo entre os melhores metafísicos contemporâneos. Deveria ainda mencionar o comentário de Petrónio à suma filosófica de São Tomás (*In summam catholicae fidei contra Gentiles elucidationes*, Nápoles, 1886); mais o tratado de Menechini do verdadeiro, do bom e do belo (*Del vero, del buono e del bello*, Nápoles, 1879); mais os diálogos de Frei António de Santa Maria Nova (*Compendium notionum filosoficarum sub dialogi forma*, Claras Aquas, 1886) e outros ainda. Ficaremos por aqui, a fim de não fatigar demasiado a vossa atenção.

«É que enumerei apenas *vinte* nomes de autores italianos, e podia citar *cem* que tenho à vista !

«Aí estamos nós vendo a filosofia escolástica conquistar adeptos até em terreno menos acaroado. Em princípios do inverno do ano passado abriu uma série de conferências públicas, em Milão, inculcando a doutrina tomista, nada menos que o sr. Ausonio Franchi, sacerdote laicizado tão famoso por talentos como por desmandos de vida. Permita Deus que as doutrinas do santo aquinatense iluminando-lhe a mente com os reflexos da luz filosófica lhe rasguem os horizontes daquela mais pura e sublime com que nutriu o espírito na mocidade, e o reconduzam ao seio desta Igreja, fora da qual só terá encontrado decepção e o vácuo !».

Franchi tem sido na Itália um dos propagandistas do racionalismo. Escreveu duas obras: *Do Racionalismo* e *Da Philosophia nas escolas italianas*. Dele disse Don Z. González: «El racionalismo naturalista en religión, la democracia y democracia socialista en política, en filosofía el criticismo, constituyen y resumen las ideas y teorias de Franchi».

Eis como Franchi termina as conferências de Milão:

«Esperemos que afinal os literatos filósofos, historiadores e sábios se resolverão a estudar São Tomás antes de o julgar.

«Nesse dia, estejamos certos disso, vê-los-emos — não todos certamente, oh ! não, mas um grande número — adoptar a nossa conclusão: que entre

numeros sistemas filosóficos antigos e modernos, aquele que é mais capaz seguramente de satisfazer a razão teórica e a razão prática, que melhor responde às condições do verdadeiro na ciência racional, e do Bom na vida moral — é certamente ainda a filosofia de São Tomás de Aquino.»

Ainda bem: *Veritas de terra orta est.*

III

Continua o sábio relator na exploração do campo italiano, de onde tantas riquezas recolheu já, como terá visto o leitor. É que o chão é de si ubérrimo, andava cuidadosamente amanhado de longa data, e a semente da palavra pontifícia não podia cair mais a propósito.

Prouvera a Deus que outro tanto pudéssemos dizer de nós !

«Nesta vasta literatura tomista, segue o sr. De Vorges, aparecem poucas obras de moral.

«Apenas poderei citar o trabalho do P. Costa Rossetti (*Philosophia moralis*, Aeniponte, 1883, 2.ª ed., 1886) e o do sr. Ferretti, professor na universidade gregoriana (*Institutiones philosophiae moralis*, Roma, 1887). Acrescentaremos a política de Buri (*Le theorie politiche di San Tommaso*, Roma, 1885). Pena seja que tão minguado cultivo tenham merecido aos neo-tomistas italianos os tratados quiçá mais perfeitos do Santo Aquinatense. E tanto mais viria a propósito a propagação das doutrinas morais de São Tomás, quanto é certo que são as menos conhecidas no mundo leigo. Forneceria abundantes recursos para rectificar a opinião pública extraviada, e corrigir as noções que por aí vogam tão desfiguradas, sobre o dever, a família, os direitos individuais, os direitos da sociedade, e os de Deus. E qual outra doutrinação melhor aceitaria e compreenderia o público ?.

«Nem questões abstrusas, nem essas noções refinadas incompreensíveis a quem lhes não dedica muito trabalho e aturados esforços: para entrar no conhecimento de tais verdades haja o recto bom senso, e o senso cristão das massas, bem mais profundo do que se cuida.

«Várias revistas defendem na Itália a filosofia tomista:

«A *Civittà Cattolica* (Florença) de carácter oficial e mais reservado; a *Scienza e la Fede* (Nápoles), mais ardida e categórica na doutrina, dirigida até este último ano pelo falecido cónego sr. Signoriello [6]; *Il Vessillo di Santo*

6 Lavra visivelmente num equívoco o autor: quem faleceu foi o cónego e professor Antonio d'Amelio, com 68 anos de idade, no dia 1 de Janeiro de 1887, o qual fora fundador e

Tommaso; *La Scienza italiana*, etc. A estas ajuntemos a *Divus Thomas*, publicação latina feita em Placencia sob a direcção do sr. Barberis. Tive ocasião de lembrar no Congresso Católico de Paris que um dos mais eminentes colaboradores da *Divus Thomas* fora Mons. Rotelli, hoje núncio apostólico perante o governo francês.

«Além da Academia filosófica-medical de Bolonha, acima nomeada, numerosas sociedades se têm formado em Itália com o fim da propaganda da filosofia tomista. Nomeemos a de Nápoles já antiga, a de Roma fundada em 1880 por ordem de Leão XIII, mais as academias de Vigerano (1879) a de Parma (1880) e a de Modena (1881), etc.

«Mencionemos por fim cópia de edições muito apreciáveis das obras do Santo doutor de Aquino. Temos uma edição da *Summa contra Gentiles*, extraída de um códice conservado na Biblioteca Vaticana (Roma, 1878). É devido este trabalho ao Padre Uccelli, de Bérgamo. A *Summa theologica*, essa foi editada pelo Padre Gualandi (Roma, 1881); as *Quodlibeticas* nos *Opúsculos* por P. Miguel de Santa Maria [7] (Prato, 1885). Em Turim saiu recentemente ainda outra edição das duas *Summas* pelo Padre Marieti (1886); e outra em Roma, por Forzani.

«Porém o trabalho mais considerável nesta especialidade é inquestionavelmente a edição-tipo das obras de São Tomás empreendida por ordem e à custa do papa Leão XIII sob a direcção do cardeal Zigliara.

«Saíram do prelo já três volumes, contendo os comentários sobre as obras lógicas e físicas de Aristóteles: *Perihermenias posteriores*, *Physica*, *De coello et de mundo*, *De generatione* e finalmente os *Metioros*. Traz esta edição, à testa de cada lição, o texto grego de Aristóteles, e vem ilustrada com numerosas anotações. É este um trabalho de pulso, cometido aos mais abalizados e competentes no saber escolástico. Dar-nos-ão sem dúvida o texto melhor corrigido, condição indispensável para fixar com segurança o pensamento de um autor, somente acessível por seus escritos.

«Antes de deixarmos a Itália é justo mencionar a calorosa controvérsia atirada ultimamente entre os partidários de Rosmini e os de São Tomás.

«Para opôr aos erros de Kant que então se espalharam na Itália, tentou implantar novo sistema de filosofia, no primeiro quartel deste século, um santo religioso e notável homem de génio. Teve logo grande voga esta

---

director, há 36 anos, da *Scienza e la Fede*. Na direcção desta sábia revista sucedeu-lhe o cónego D. Nunzio Signoriello, por mandado do cardeal-arcebispo de Nápoles. Os dois foram discípulos, colegas e amigos do grande Sanseverino. (*N. do T.*).

7 A edição que possuo, feita pelo P. Miguel de Santa Maria, SJ, é de *Tiferni Tiberini* (Città di Castello), 1886. (*N. do T.*).

doutrina: fascinava pela elevação, amplitude e profundeza de vistas. E contudo não passou os alpes: na própria Itália encontrou oposição da parte do clero, e por isso foi decaindo visivelmente e perdendo parte da primeira influência.

«Quando tiveram sua vez de voga os estudos escolásticos, pretenderam algums rosminianos apresentar a doutrina do mestre com uma da formas da filosofia de São Tomás. Daí uma polémica onde se envolveram Mons. Ferri, bispo de Cazal, o P. Cornoldi, o P. Liberatore, e os senhores Valdemeri, Angeleri, Polonini, Zani, Moglia; e principalmente Bursni, Papa, etc. [8] Certo é que Rosmini estudou muito no Doutor Angélico, e daí retirou boa cópia de conhecimentos: agora que sua doutrina se possa chamar uma interpretação regular da filosofia tomista, aí é que está a questão.

«Diferenças fundamentais entre as duas escolas se denunciam, nomeadamente àcerca da teoria do conhecimento. Já uma vez fora conduzida a filosofia de Rosmini perante a congregação do Index, e dessa vez saíra escapa da nota infamante; ultimamente porém 40 proposições, extraídas na maior parte das obras póstumas do autor, sofreram a condenação da congregação do Santo Ofício.

*

«Depois da Itália, é seguramente a Alemanha o país onde maior incremento tem tomado nos últimos tempos o movimento tomista. Ainda antes da encíclica alguns indivíduos cultivavam já a escolástica, como foram Clemens, Plazmann, Morgot, etc. Merece-nos aqui menção especial o venerando historiador da filosofia, Doutor Alberto Stoeckl e sobretudo o P. Kleutgen que pela sua obra em quatro volumes: *A antiga filosofia exposta e defendida* (*Die philosophie der Vorzeit*) [9] imprimiu vigoroso impulso nos estudos escolásticos da Alemanha.

«Só a 2.ª edição desta obra magistral é que pode ser incluída neste nosso quadro (dos dez anos próximos passados), pois trás a data de 1878 (Inspruck).

---

8 Continua ainda na *Scienza Italiana* (Abril de 1889) o P. Montagnani uma vigorosa crítica anti-rosminiana, sob a epígrafe *Rosmini, San Tommaso e la logica*. Montagnani foi rosminiano e por isso não pôde perdoar o logro. (*N. do T.*).

9 O título da obra do P. Kleutgen, SJ, *A philosophia antiga*, etc., foi substituído na tradução francesa do P. Constant Sierp, Congregação dos Sagrados Corações, com anuência expressa do autor, por *La philosophie scholastique exposée et defendue*, etc. É que verdadeiramente por «filosofia antiga», Kleutgen quisera significar a escolástica. (*N. do T.*).

Dela existe uma tradução francesa do P. Sierp. O autor acosta-se à doutrina de Suárez, e vai demonstrando com a máxima nitidez e grande vigor dialéctico quão satisfatoriamente não responde aquela doutrina a tantíssimas dificuldades, diante das quais empalidece e hesita a filosofia moderna. A verdade é que nestes três últimos séculos, a filosofia escolástica passou absolutamente desconhecida; e quando a produziram na cena não era ela, senão a sua paródia mascarada.

«Sirva de amostra a teoria das "ideias intermédias" que Reid atribuía a São Tomás, iludindo-se na leitura de uns textos lidos de fugida; pois ninguém duvida da probidade literária do filósofo escocês.

«Quando apresentei, há já 32 anos, à Academia das ciências morais uma memória acerca da filosofia de São Tomás, muito custou aos juízes do concurso abandonar o prejuízo havido de Reid, apesar dos textos formais que produzi por onde se via que, para o Aquinatense a "espécie sensível" não é o objecto conhecido; é porém o carácter específico do acto mesmo do conhecimento.

«Foi com mão de mestre que o P. Kleutgen compulsou e reduziu a seu justo valor todos estes prejuízos, filhos da completa ignorância de seus autores àcerca do pensamento dos doutores cristãos.

«A quantos desejarem possuir ideia exacta dos recursos que ainda hoje oferece a filosofia da idade média, não cessarei de inculcar a obra do P. Kleutgen.

«Notável aumento adquiriu na Alemanha o estudo das teorias tomistas a datar desde a encíclica *Aeterni Patris*: empenharam-se nisto as sumidades da ciência católica. Mais feliz neste particular que a França, vinha de longa data criando a Alemanha um centro de propaganda e de estudo para os católicos.

«E depois, além-Reno, nem os sábios se envergonham do título de católicos, nem os católicos acham inútil chegar a sábios.

«A *Gaerresgesellschaft*, sociedade de sábios católicos é ainda hoje dirigida pelo barão von Hertling.

«Colocada à frente do movimento ainda no ano passado votara esta sociedade a redacção de um curso completo de filosofia escolástica.

«Em Lucena formou-se outra sociedade, e esta mais especialmente tomista. É presidida pelo Professor Kaufmann, autor de dois estudos notabilíssimos àcerca do "acto e da potência" e da cosmologia de Aristóteles [10]. Duas obas, editadas ambas em Lucena, 1883 e 1886.

---

10 Não darei mais aqui os títulos das obras em alemão, por ser por agora pouco conhecida entre nós esta língua. (*N. do T.*).

«Celebra dez sessões anuais esta sociedade, três das quais são públicas. Várias revistas apoiam este movimento, das quais uma se publica em Viena e Würzburgo, outra dos padres jesuítas em Friburgo de Brisgau.

«Ultimamente foi fundada em Paderborn una outra sob a direcção do Doutor Commer, intitulada *Anais de philosophia e de theologia.*

«Publicou entre outros trabalhos importantes um estudo do cónego Schneid sobre o movimento tomista desde a encíclica de Leão XIII.

«Também é bom que se saiba, que nenhum país estava melhor preparado para a filosofia tomista, que a Alemanha. Essa filosofia moderada, elegante mas superficial, tanto em voga na França sob o influxo de Kant levaram a grandes desvarios filosóficos, tiveram ao menos a vantagem de conservarem o gosto dos estudos profundos. São os alemães naturalmente inclinados a essa especulação que, ainda hoje, assusta e inquieta muitos católicos franceses, completamente alheios a estas regiões do pensamento, onde nunca se apalparam conscientemente a si próprios.»

*

Cá pela nossa terra, quem saberá dizer se andamos melhor se pior dispostos que os franceses para a sementeira do tomismo ? Há quantos anos não viu amanho o terreno, e que inextrincável ervaçal de *coisas* exóticas por aí medrou à lei da natureza !

Não tivemos somente iriados borrifos de *cousenismo* pelos romances e livros das aulas; vimos também, aí haverá uns 30 anos, a escola coimbrã literario-filosófica, toda ela idealidades alemãs de Hegel e sonhos de Michelet. Em tão pequeno trato de tempo *imutatio quanta rerum !* volvemos de pólo a pólo, e eis-nos convertidos ao positivismo e determinismo peco e cabisbaixo de Comte e de Spencer. Isto mesmo foi aguaceiro estival, tão ruidoso como estéril. A ver se o neo-tomismo pela mão do ensino oficial da Igreja, logra germinar e frutificar como outrora em nossas escolas.

Querer é poder.

16

Filosofia tomista na Sorbona *

Com esta boa nova nos chegou, poucas semanas há, um dos representantes da imprensa especialista [1] neste género de assuntos. É caso de conceituar com os próprios botões: *la marée monte, monte tous les jours*, mercê daquela prestigiosa palavra do Papa, pronunciada pouco mais haverá de 10 anos [2], já muita vez repetida desde então, e sempre com novos encarecimentos e não menor empenho que no princípio.

Bem certo que a velha Sorbona, criação daquele século áureo da filosofia cristã, o século XIII, e famosa entre as mais famosas escolas da idade média, à qual apelidaram de «Concílio Permanente das Gálias» pelo alto espírito científico-religioso que a informava, e lustre de astro de primeira grandeza com que através das idades brilhava; aquele velho padrão do saber eclesiástico tantas vezes remodelado, e quiçá não poucas desfigurado no passar dos tempos, não podia melhor sobredourar sua novíssima reconstituição [3], do que introduzindo de novo um curso de filosofia de Tomás de Aquino, que aos 25 anos era recebido doutor da Universidade de Paris, justamente por ocasião da fundação da Sorbona, um dos muitos colégios e certamente o mais nomeado daquela Universidade.

Deve a Sorbona sua fundação em 1253 a Roberto de *Sorbon*, cónego de Cambrai e capelão do rei São Luís. Em 1259 era aprovada por um breve de Alexandre IV com o modestíssimo título que tivera de seu fundador, «Socie-

---

* Publicado em *O Amigo da Religião*, II ano, n.º 75, de 18 de Abril de 1890.

1 *Annales de philosophie chrétienne*, mars 1889.

2 Encíclica *Aeterni Patris*, de 4 de Agosto de 1879.

3 Concluiu ultimamente novos lanços de soberba arquitectura planeados desde 1857, e obteve para a faculdade de teologia nova instituição canónica por breve do Santo Padre Leão XIII, de 30 de Setembro de 1889.

dade dos pobres mestres da Sorbona», abrindo cursos de humanidades, filosofia e teologia, regidos po 4 doutores sob o governo de um prior e um provisor. Em 1635 dotou-a o cardeal de Richelieu de ampla construção com claustro quadrangular ao centro, e magnífica igreja que tomava um dos lados. Suprimida na época revolucionária, 1790, era em 1808 o edifício dado à Universidade, que em 1821 lá restaurou os cursos de teologia e de letras, e introduziu o de ciências. E baste já de preâmbulo: tem a palavra o sr. Guieu, um dos directores dos supracitados *Annales*:

«Lembrados estarão nossos leitores, que o prezado amigo e colaborador sr. Gardair[4], auxiliado pelo sr. Domet de Vorges[5], abriram em 1886 no Instituto Católico de Paris uma série de conferências livres sobre filosofia. Tomando rápido incremento a tentativa, veio a dar em 1888 na fundação definitiva de uma cadeira de *filosofia escolástica*.

«No presente ano quis o sr. Gardair algo mais alevantado, e que aplaudimos e desejamos o melhor resultado. Para corresponder aos desejos formulados por alguns membros da Universidade, inclusive pela protestante e finada *Critique philosophique*, vai introduzir na Sorbona a filosofia escolástica. Pediu já à faculdade de letras autorização para dar uma série de conferências livres, e filosofia, sobre o tema: *O homem comparado aos outros seres corpóreos, segundo São Tomás de Aquino*.

Consultada oficialmente pelo próprio decano, a faculdade de letras autorizou o novo curso, e o conselho geral das faculdades, na última reunião, emitiu voto favorável. Principiará, pois, o curso do sr. Gardair na semana depois da Páscoa, e por este ano apenas dará dez lições, uma por semana, às terças-feiras pelas 4 ½ horas da tarde. Segue o programa desenvolvido, proposto pelo sr. Gardair e aceite pela faculdade:

«— Teoria geral da matéria e da forma. Argumentos em favor desta teoria, tomados dos caracteres dos corpos. 1.°) Propriedades comuns. Propriedades específicas. 2.°) Extensão infinitamente divisível. Unidade natural. 3.°) Inércia. Actividade. 4.°) Transformações substanciais. Sujeito permanente.

«— Definição da forma e da matéria substancial.

«— A vida. Definição da vida.

«— Diferentes géneros de vivos: planta, animal, homem.

---

4 É um dos membros mais distintos da Sociedade de São Tomás, de Paris, e autor de importantes trabalhos em cosmologia e antropologia, como: *Le livre arbitre*; *L'activité dans les corps inorganiques*; *Les puissances de l'âme*; *La matière et la force*.

5 Sócio também e autor em metafísica geral da *Cause efficiente et cause finale*; *Constitution de l'être*, etc. (*N. do T.*).

«— Diversos graus da vida. A vida na matéria supõe um princípio activo de ordem superior à do princípio activo nos inorgânicos. Nos diversos graus da vida, força é supor princípios de vida ou *almas*, dotadas de perfeições diversas. São os princípios da vida formas substanciais dos seres vivos.

«— Natureza das diversas formas substanciais. Distinção entre a substancialidade e a substância. À maneira das formas substanciais dos corpos brutos, os princípios vitais das plantas e dos animais irracionais são formas não subsistentes: isto se prova pelas operações características destes seres; é que não são independentes da matéria tais operações.

«— Da alma humana. É simples a alma humana; esta propriedade, porém, não consegue determinar-lhe a natureza, pois símplices são os princípios activo e vital na planta e no bruto. É espiritual a nossa alma, isto é, subsistente e independente da matéria, tanto no *ser* como nas *operações específicas*: demonstra-se a espiritualidade da alma pela imaterialidade dos actos da inteligência e da vontade.

«— Duração das formas substanciais. Os princípios vitais na planta e no bruto não são imortais, visto não lograrem independência da matéria. Ao contrário, as almas humanas radicalmente independentes da matéria devem a própria origem a uma especial criação para cada uma delas.

«— Da união das formas substanciais com a matéria. Não pode um ente constar de mais que uma forma substancial, princípio constitutivo do seu ser e de todas suas operações. Na planta como na besta, é o princípio vital o princípio único activo de tudo quanto são e operam estes seres: está unido directamente à matéria para formar os corpos destes organismos.

«— É a alma humana, alma racional, a forma substancial do corpo humano, ao mesmo tempo que o *único princípio* activo de todas as operações do homem, das da *vida vegetativa*, e da *sensitiva*[6], como dos actos da vida irreflectida. Produz, porém nossa alma suas operações de inteligência e de vontade sem o concurso intrínseco do corpo.

«— Modos de existência das formas substanciais na matéria. Está a alma humana, forma substancial do corpo humano, por sua própria substância, toda e inteira em todo o corpo, e toda inteira em cada parte do corpo. Pelo que toca às potências é caso diferente: estão nos órgãos respectivos as potências vegetativas mais as sensitivas; as potências intelectivas em nenhum órgão estão.

---

6 É de casa o sublinhado... Vai com vista aos que lêem pelo *Curso de filosofia elementar*, do sr. Alves de Sousa, que a pág. 8 da 5.ª edição, Coimbra, 1886, põe, ao que parece, a doutrina da *tricotomia*, de somenos valor em filosofia, e notada mais de uma vez com a censura da Igreja. (*N. do T.*).

«— Constituição do ser individual. É a matéria o princípio de individuação nos seres corpóreos. Como tem aplicação na alma humana esta teoria, sem prejuízo da sua subsistência independente da matéria. Formação inicial do ser humano. Em que momento aparece, na geração do homem, a alma humana. Estado natural da alma, separada do corpo.»

Eis o magnífico estádio que se propõe correr, diante de um público selecto entre os selectos, tão robusto e destemido lutador como o sr. Gardair. A impressão deixada a final, foi que há-de ser das mais profundas e cheias. Naquele meio, de longa data saturado dos nimbos policromáticos de um *cousinismo* dinamizado e esbatido, que se fina de morte lenta com o nome de escola espiritualista, a luz branca e intensa do sol de Aquino, projectada por um dos seus mais nítidos reflectores, deve ser de um efeito soberbo.

À sólidez ciclópica dos fundamentos, alia esta doutrina a beleza pura e majestosa das grandes linhas arquitectónicas: é uma edificação de blocos cúbicos do mais rijo granito a desafiar os séculos, como as pirâmides do Egipto. É por isso que, depois de seiscentos anos com outras tantas seitas filosóficas decorridas, a doutrina do Anjo das Escolas ficou e ficará.

Conclui o sr. Guieu por nos dizer que, além do mais, veio o *Curso livre de filosofia segundo São Tomás* encher uma lacuna nos estudos da história da filosofia, na faculdade de letras da Sorbona. Pois tendo a seu cargo o sr. Waddington a cadeira da *história da filosofia antiga* até ao começo da época cristã, e o sr. Boutroux a de *história da filosofia moderna* desde Descartes, ficava um meato enorme de 16 séculos, dentro do qual se afundía no olvido a filosofia neo-platónica, a dos padres da Igreja e a escolástica inteira. Essa sombra não ia bem às tradições de tão douta corporação.

Certamente por isso teve voto favorável a introdução do novo curso; e por isso ainda, espero vê-lo convertido de *curso livre* em *curso oficial.*

Valha-nos, para consolação da nossa pequice de estudos filosóficos, o que vai lá por fora de exuberância de aptidões e dedicação ao trabalho, sem vãs ostentações nem respeitos pusilânimes.

17

Vantagens do ensino da filosofia de São Tomás e meios de divulgar este estudo*

«Vetera novis augere
et perficere.»

Enc. *Aeterni Patris*, de 4 de Agosto de 1879.

Em duas partes se articula a tese presente, e recebeu da sábia Comissão Redactora maior amplitude a primeira parte, visivelmente a benefício da discussão. Aproveitando a tácita licença, e para melhor responder às vistas práticas do Congresso, pretendo restringi-la com adicionar-lhe as condições de tempo e de lugar, *hic et nunc*, como dizem lá na Escola. Assim desdobrando teremos:

1.º) Vantagens do ensino da filosofia de São Tomás na época presente, *nunc*;

2.º) Vantagens da mesma na presente época e entre nós, *hic et nunc*;

3.º) Meios de facilitar e divulgar este estudo.

I

Entre os primeiros benefícios de uma boa educação filosófica parece poder inscrever-se a flexibilidade, polidez e agudeza do entendimento, mercê do estudo conscienciosso das leis do pensamento e da ginástica dialéctica.

---

* Publicado em *Chronica do Segundo Congresso Catholico da Provincia Eclesiastica de Braga*, Braga, Typ. Lusitana, 1892, pp. 377-389.

E bem carecido anda de tal o espírito moderno, embotado no labor excessivo da observação pura, estrita dos factos. Pois a lógica da escola tomista, sóbria, racional, categórica, luminosa será o buril diamantino melhor talhado para a ocasião; ainda que não queremos o exclusivismo neste ponto como em muitos outros, pois convém não esquecer a palavra de Leão XIII, *Vetera novis augere et perficere*. É que não são para desdenhar os trabalhos de Port-Royal e de Stuart Mill em lógica, e os da escola escocesa e de Kant em psicologia, apesar dos desmandos consabidos e lacunas.

Outro mister da filosofia, e nobilíssimo, é encaminhar as demais ciências em suas conclusões gerais e sínteses superiores, por meio de princípios, colocados como faróis alumiando a descoberta, maciços orográficos de onde descem as águas da eterna verdade, pontos culminantes para a triangulação do campo científico. Por culpa não tanto da ciência moderna como da falsa filosofia, sem exceptuar a escola espiritualista [1], é que a ciência se vê emaranhada num matagal de hipóteses, cada qual mais original e menos viável. Cometeram o crime de abandono de posto, e presas como Prometeu ao rochedo isolado, do «espírito humano essencialmente inteligência», aí têm consumido esterilmente sua energia as escolas cartesianas; enquanto que as ciências desacompanhadas esqueceram ou desprezaram a direcção filosófica, tomando acidentalmente por súmula da dita o positivismo, certamente muito pequeno para tamanha empresa. E como não, se o positivismo tem por princípio não ter princípios? Nenhuma admiração por tanto, que a onda do materialismo reflua do campo das ciências para o da filosofia, ameaçando tudo alagar a breve trecho.

Pois tomemos alguns dos princípios da doutrina tomista para ensaio, a ver se valem como diques e também colectores para saneamento da campina.

Com a divisão do «ente» em «potencial e actual», *ens dividitur per actum et potentiam* lança-se o fundamento para a demonstração da criação *ex nihilo*, já que o *potencial* sendo indiferente ao *acto*, só por virtude estranha pode actualizar-se.

Com a teoria da «matéria e forma», *omnia ex anima et forma coalescunt*, fica mal ferido o velho materialismo na concepção do átomo filosófico, paradoxal concepção do extenso-inextenso, e derrama-se luz no estudo da constituição íntima dos corpos; a própria dialéctica tem que lhe agradecer na análise das proposições e das argumentações.

---

1 Na *Revue philosophique*, Junho do ano passado, escrevia o sr. Sorel: «O observador não é incomodado pelos escolásticos. Estes não separam a alma do corpo; unem-na de um modo substancial, e os tomistas especialmente colocam na matéria o princípio da individuação. Podemos entender-nos com estes filósofos, com os *espiritualistas* é impossível.»

Com o conceito do «suposto humano», composto de matéria e forma substancial e subsistente, substância completa de duas incompletas, *cum ex anima et corpore fiat unum ... sed utrumque est pars unius naturae*, que formidável reduto contra os tiros do materialismo, e que lição nos devaneios do espiritualismo cartesiano!

Teoria tão sólida como grandiosa a das faculdades da alma, desde as vegetativas até à vontade livre ou apetite racional. Que justa compreensão deste pequeno mundo, situado na extrema dos dois grandes mundos, da matéria e dos espíritos; forma superior na ordem dos organismos, o homem contém quanto as inferiores e com elas compartilha o reino da vida, reservando para si a parte melhor, a vida da consciência.

E que diremos da tão profunda explicação da formação do conhecimento; daquela outra da liberdade moral ou livre-arbítrio; da origem do poder ou soberania?[2] Quantos problemas de capital importância, resolvidos com uma perícia e serenidade verdadeiramente angélica!

Também à filosofia compete racionalizar a Fé religiosa, *rationabile obsequium*, aparando como antemural os tiros da impiedade. E aqui diga a teologia católica que outra filosofia lhe *serve* como a tomista, e se por ter andado um tantinho arredia daquela servente, lhe tem ido melhor a vida.

Finalmente, para informar os bons costumes, formar e firmar o carácter do indivíduo como das nações, mormente daquelas que se afundam na descrença, como na hora presente as da velha Europa, qual outra valerá por filosofia, esta religião de quem outra não tem? Basta lembrar o que fez a estóica em meio da corrupção do império romano.

Mas filosofia preceptiva que se imponha pelo valor real das partes e harmonia do todo, inspire confiança e satisfaça a razão, nenhuma como a tomista; logo, verdadeiramente vantajoso é o seu ensino para as necessidades da época.

Nesta opinião nos confirma uma certa analogia de condições, que facilmente descobre quem traz a confronto o século XIII com o nosso século; e foi precisamente então que o tomismo floresceu e lançou tão fundas raízes. Como hoje, uma febre ardente de saber se apossara dos espíritos em toda a Europa, e as cátedras dos grandes mestres como Alberto Magno, eram cercadas de milhares de discípulos. Ferviam as disputas, cruzavam-se os tratados, compunham-se sumas, cultivavam-se as línguas orientais, lavravam-se profundos comentários, floresciam e rivalizavam as escolas. Causas várias que não posso nomear agora, produziram esta nobre e intensa efervescência.

---

2 S. Ttom., *De regimine principum*, disse: «Manifeste apparet a Deo omne provenire dominium.»

Quando Tomás de Aquino chegou, fortes correntes e encontradas retalhavam o campo da filosofia. A feição *platónica* de Santo Anselmo e os exageros dos realistas rígidos; reflexos da *gnosis* no espírito de Escoto Erígena projectando-se nos livros de Amaury de Chartres e de D. de Dinant; *eclectismo* titubeante de G. de Couches e J. de Salisbury; *misticismos* dos religiosos de São Vítor; restos mal apagados do *nominalismo*; *naturalismo* oscilante entre panteísmo e materialismo das escolas árabes de Espanha, *precipue* de Averróis (Ibn Rosch).

Esta última era por certo a mais forte, engrossada com minério extraído de Aristóteles mais ainda que com o próprio cabedal; e por isso mesmo preocupou por um momento a Igreja, que teve de proscrever os livros do Estagirita, suspeitos de erros graves.

Foi neste momento crítico, que no ânimo generoso e vasta inteligência de Tomás de Aquino, calou a ideia de encaminhar tantas doutrinas estravagantes ao leito da corrente cristã. Empresa de tal magnitude só nos génios dobrados de heróis, direi antes de santos, é lícito levar a cabo.

Na síntese crítica de São Tomás, como num torvelinho absorvente, foram arrebatadas todas as ideias de valor, todas as energias esparsas, e projectadas com vigor hercúleo no caminho da doutrina católica através de seiscentos anos. Não sei se a história regista outro exemplo, o que todos sabemos é que novo lutador, e de estatura gigantesca, retomou o famoso projéctil levemente amolgado ou carcomido do tempo, e refeito de novo o arremessou ao espaço. O futuro dirá dos seus destinos.

Menos trabalhado pelas seitas, nem menos febricitante (e de pior carácter esta febre) que o século XIII, não é por certo o XIX. Como ele, bem carecido vai de timoneiro que meta a bom rumo o pensamento moderno, e o solevante a mais nobres aspirações e generosos destinos. Não é só o espírito científico que anda carecido de direcção superior, é o espírito público, misto de orgulho e de fraquezas, empolgado pela matéria, gelado pelo egoísmo que reclama remédio pronto e heróico.

Na altíssima compreensão das necessidades do seu tempo, Leão XIII julgou oportuna a restauração do tomismo, e julgou outrossim, são palavras suas: «Temeridade não lhe terem conservado em todos os tempos e lugares a honra que merece».

Se a eficácia terapêutica de um medicamento, determinada filosoficamente *a priori*, carece da confirmação prática, também não desdenha o peso da autoridade. Não falta aqui autoridade e de maior tomo: é a de Leão XIII que pela Encíclica *Aeterni Patris*, de 4 de Agosto de 1879, preconizava as «vantagens do ensino tomista».

«Se considerarmos, dizia Sua Santidade, as graves dificuldades dos tempos presentes, se estudarmos o carácter dos factos, tanto nos negócios

públicos como na vida privada, achar-se-á que a origem fecunda dos males que nos oprimem, e dos que receamos, deve consignar-se na difusão das opiniões erróneas, provenientes das escolas filosóficas, e espalhadas em todas as classes da sociedade.»

E depois acrescenta: «Para curar [os males da dúvida e dos erros dos inovadores] nada mais oportuno nos parece, depois do auxílio sobrenatural de Deus, que a sólida doutrina dos Padres e do Escolásticos ... e por isso é que nada temos mais a peito, nada desejamos tanto, como ver os bispos fornecer à mocidade estudiosa, larga e copiosamente, as puras águas que fluem perenes e sem intermitência da nascente do Doutor Angélico.»

Já num Breve de 27 de Setembro de 1878 tinha sua Santidade dito: «É da máxima urgência, nestes nossos tempos principalmente, imbuir profundamente no ânimo do clero as sólidas e sinceras doutrinas. O que se logrará, se em vossas escolas florescer a doutrina de São Tomás.»

E na encíclica pré-citada, depois do retrato do santo Doutor, acrescentava: «Nada deixa a desejar este mestre ... Alevantada nas asas de Tomás a razão humana até às culminâncias da humana natureza, parece não mais poder subir.»

Dado o primeiro impulso, não abriu mão da empresa Sua Santidade, senão que sempre que tem ensejo a recomenda [3], já em alocuções aos seminaristas e aos superiores das casas de educação [4], já insinuando à universidade de Lovaina a criação de uma faculdade de filosofia tomista [5] e enviando para ajuda de custo ao cardeal Gooddens a somma de 150 000 francos, já promovendo e animando publicações e revistas, fundação de sociedades, celebração de academias solenes, etc.

E para digno remate de tanto zelo promove em Roma nova edição acuratíssima das obras do mestre; e um ano, dia por dia, depois da famosa encíclica, a 4 de Agosto de 1880, declara São Tomás «Patrono das universidades e escolas católicas».

A este testemunho harmónico da razão e da autoridade em prol da nossa tese, como responderam os factos? como foi aceite no mundo do pensamento o reclamo pontifício?

Aqui menos posso dizer ainda, à míngua de recursos próprios e por força das condições apertadas de tempo e espaço. É uma seara a perder de vista quanto nos últimos anos tem produzido o labor aturado dos obreiros do

---

3 Ele próprio o afirma: «Et hac de re quod per litteras, nec semel monuimus, ilem hodie viva voce renovamus.» Alocução de 18 de Janeiro aos Seminaristas Romanos.

4 Resposta ao P.e Cardella, Propósito Provincial dos Jesuítas em Roma.

5 Foi recebido o 1.º doutor, sr. Th. Fontaines, em 1885, formado pela nova faculdade.

pensamento cristão em Itália, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Bélgica, França e Espanha. Abendiçoada palavra a do Papa!

Verdade seja que o sagrado fogo não estava de todo apagado; e Sanseverino, Signoriello, Zigliara, Liberatore, Cornoldi, Tongiorgi, Lepidi, na Itália; Kleutgen, na Alemanha; P. Harper, na Inglaterra; Mgr, Rosset, de Lavergne, Grandeclaud, em França; Orti y Lara, Balmes, Pidal y Mon, Mendive, Mgr. Z. González, em Espanha, cultivavam com afinco o campo tomista, antes já de 4 de Agosto de 1879. E revistas tomistas como a *Civilisación*, de Madrid, e *La Sciencia e la Fede*, de Nápoles, com quarenta e tantos anos de existência o demonstram.

A encíclica, porém, produziu geral conflagração, e o que aí se está passando dará no futuro uma das mais belas páginas da história da filosofia. Em França, apesar das fundas raízes do cartesianismo, na pátria de Bossuet e Malebranche, já em 1887 não existia um só seminário sem filosofia tomista [6].

Em 1886 os senhores Gardaire e De Vorges abriram no Instituto Católico de Paris conferências livres, de filosofia de São Tomás; em 1887 associava-se à obra dos dois Mgr. d'Hulst, decano do Instituto. Era o prelúdio para a entrada na Sorbona do curso que há dois anos está dando o sr. Gardaire, e para ganhar as boas graças da gente universitária.

Já em 1855 lia o sr. De Vorges perante a «Academia das ciências morais e políticas», de França, uma memória àcerca da constituição da matéria, e mostrava como todas as escolas podiam aceitar a fórmula tomista. Era a primeira vez, depois de 200 anos, que perante uma corporação de sábios franceses se sustentava a teoria da «matéria e da forma».

E na Sorbona, dois anos há, que um doutorando [7] defendeu uma tese tomista e obteve o seu grau com louvor, apesar da viva discussão que suscitou.

Além de outros, dois homens conhecidíssimos no mundo filosófico, E. Franck e B. Saint-Hilaire, não encobrem sua simpatia pela restauração tomista. Eis o que este último diz em carta ao P. Farges: «L'enseignement dans tous les établissements ecclésiastiques ne peut que gagner à cette opportune resurrection du Saint Docteur, qui mérite, à tant de titres, l'honneur insigne de pouvoir être encore, même au XIXe siècle, la lumière et l'insti-

---

6 Eis o que nos diz o sr. De Vorges, da «Société de St Thom. d'Aquin», de Paris: «Aujourd'hui il n'y a plus un seul Séminaire de France où elle ne soit enseignée», *Annal. de phil. chrét.*, Paris.

7 O rev.º padre Piat.

tuteur de l'Église, comme il l'a été au XIIIe siècle: la philosophie, toute indépendente qu'elle est, applaudit à ces éfforts.» [8]

Na Itália, Ausonio Franki, nome de guerra de um acérrimo propagandista do racionalismo kantista durante muitos anos, acaba de adoptar e defender o tomismo numa série de conferências em Milão, abjura a vida de sacerdote laicizado, e num livro de 630 páginas, intitulado *Última crítica*, repara os estragos por ele causados à boa filosofia.

E para nada faltar, não encontrou só complacências ou desdéns a obra de Leão XIII; teve também impugnadores.

R. Bonghi, italiano, num trabalho publicado na *Nuova Antologia* tendo aliás em apreço bastante a doutrina do Aquinatense, julga e impugna a oportunidade de uma restauração tomista na actualidade. Responde-lhe o padre Carlo Garofalo num trabalho magistral, lido perante a *Accademia teol. fil. di San Tommasso di Napole* [9]. Ao professor suíço Ch. Secretan, que na *Revue philosophique* investe violentamente contra o tomismo em cheio, contesta brilhantemente numa série de artigos o sr. Bourquard [10].

A estas horas tendo, ao que parece, cessado o canhoneio contra as obras avançadas, a falange tomista segue em movimento ordenado e passo firme à gloriosa reconquista das antigas posições. Belo e instrutivo espectáculo!

E aí temos os factos, conspirando com a boa razão e autoridade, para afirmar a «vantagem do ensino da filosofia de São Tomás na época presente».

II

E agora pelo que toca ao nosso Portugal, nenhuma razão haverá para o excluirmos da vantagem geral, e porventura alguma teremos que melhor valha; pois desde a reforma de Pombal, há cento e tantos anos, ficamos reduzidos em matéria de filosofia ao papel pouco invejável de ecos longínquos e pálidos reflexos do movimento estrangeiro. E tão cerce foi o golpe da tradição nacional, que até a memória perdemos dos nossos que tiverão nome europeu. Quantos de nós conhecem, de outiva sequer, os *Conimbricenses* ? Pois lá fora, na própria Alemanha, ainda hoje se consultam e colocam em lugar de honra. É fácil verificá-lo.

---

8 *Annal. de phil. chrét.*, Paris.
9 *La Scienza e la Fede*, Nápoles.
10 *Annal. de phil. chrét.*, Paris.

Numa obra ainda recente lê-se: «Para melhor penetrar o pensamento do Santo Doutor nos pontos mais difíceis socorro-me do Cardeal Toledo, dos Conimbricenses, Suárez, Sil. Mauro» [11].

Com os *Conimbricenses* apagou-se entre nós a cultura conscienciosa desta nobre disciplina, e decaímos rapidamente pelo plano inclinado da insciência filosófica até isso que para aí vegeta nas escolas com o nome de filosofia, cuja expressão mais simples nos é dada pelo programa oficial. Certo que não campearemos de aproveitados na arte do pensamento, com tais documentos. Melhor fora não termos nada.

E se em nossas escolas não é forte a corrente, sê-lo-á ao menos no espírito público? Não andarão as nossas classes dirigentes tanto ou quanto carecidas de maior perspicácia nos negócios públicos, melhor justeza de apreciação e tino prático nas questões vitais, que nos dão sobressalto na hora presente? Tão logicamente correcta terá sido a pública administração, que não haja mister de apuramento na crítica, de rigor maior no raciocínio, de serenidade no momento do perigo?

Quanta miragem desfeita a tempo, quanto erro evitado, se nos dessemos à mais miúda e forte observação dos homens e das coisas! Alimentamos de sonho o espírito nacional em tempos de positivismo estreme, vivemos ainda de ideais cavaleirosos e tomamos por patriotismo de lei o insulto na imprensa e o alarido na rua. Barato patriotismo e bem estéril, infelizmente!

Por certo que não é a boa lógica remédio heróico para curar de pronto os achaques de que todos infermamos; antes será tratamento profilático contra males futuros. A boa lógica cifra-se no bom juízo: peçamos a Deus bom juízo, muito juízo.

E a ciência entre nós? É de presumir não lhe sobre a filosofia atendendo ao regime das escolas, há muito adoptado, e à opinião corrente de que a geometria vale por uma boa filosofia, como se a filosofia toda estivera na lógica, e como se a lógica nada mais fora que o exercício mecânico do raciocínio. Equivale a igualar com a ciência dos números a aritmética de balcão.

Este modo de pensar dos nossos homens de ciência, altamente graduados e muito empenhados aliás no adiantamento dos estudos bem mostra, quão alheios andam da boa filosofia que não conhecem; e quanta seja a urgência de inocular na educação da mocidade académica tal dosagem filosófica, que lhe robusteça o espírito e firme o carácter contra os desânimos do cepticismo e o engodo de teorias extravagantes.

---

11 «Ut autem in rebus etiam difficilimus mentem et cogitationem doctoris angelici certius assequeremur, Toletum, Conimbricensis, Suarecium, Syl. Maurum ... secuti sumus», Pesch, *Instit. phil. natur.*, Friburg, Brisgoviae, 1880.

É verdade que mesmo lá fora, nos grandes centros da elaboração científica com na Alemanha [12], não é já hoje a filosofia que absorve a maior parte das energias estudiosas; daí, porém, ao que se passa em Portugal, que enorme distância!

Agora pelo que toca à correspondência ao convite do Papa, em nenhuma parte foi mais pronta, se bem que noutras partes fosse mais geral.

Dois meses apenas depois da encíclica, em Outubro de 1879, com aprovação do Ex.mo sr. Bispo-Conde, abria no Seminário de Coimbra uma aula de filosofia tomista para os ordinandos, o ilustre filho desta terra Mons. Doutor Silva Ramos, hoje lente de Prima e Director da Faculdade de Teologia.

Tanto o sr. Bispo-Conde como Mons. Ramos têm continuado com louvável afinco a empresa começada: o primeiro conseguindo viesse da Itália um insigne professor, sr. Doutor Sinibaldi, e celebrando todos os anos solenes acedemias; o segundo escrevendo sábios artigos na revista intitulada *Sciencia Catholica*, fundação sua, e metendo ombros à tradução das conferências do padre Monsabré, veio riquíssimo de doutrina tomista.

Depois, por mandado dos respectivos ordinários, estabeleceu-se este ensino rapidamente nos seminários, de Santarém (Lisboa), dos Carvalhos (Porto), de Lamego, de Bragança, de Évora, de Angra, do Funchal. De modo que, já em 1888, oito dioceses contra cinco tinham nos seminários o ensino tomista com uma percentagem de quase 50 % em números de alunos. Desde então já o seminário de Viseu neste ano, e há três anos o nosso seminário pequeno de São Luís e Santo António entraram no grande número, graças à boa vontade dos respectivos Ordinários e ao zelo de dois ilustres sacerdotes: em Viseu, do sr. doutor Ferreira de Almeida, aluno romano; em Braga, do sr. padre Joaquim Lopes, benemérito fundador e director do seminário pequeno. Além dos seminários, devemos mencionar o colegio da Formiga, onde há 9 anos já começou a ser explicado o compêndio de Sanseverino.

E tudo isto suavemente, sem acinte nem relutâncias, e em tão breve prazo autoriza-nos a esperar que dentro em pouco tenha o movimento ganho o terreno todo, trazendo vida nova ao ensino dos seminários, de onde irradiará seus benefícios para a sociedade.

12 P. Didou, *Les Allemands*.

III

Para facilitar e divulgar o estudo de São Tomás, eis aí os meios que melhores me parecem:

1.º) Ensino professional nos seminários entregue a professores nossos, talentosos e apaixonados pelo estudo. Para isso julgo indispensável subvencionar moços sacerdotes que passem a Roma, Paris ou Lovaina a beber nas fontes puras e vivas, e formar o espírito no comércio dos homens eminentes na doutrina tomista e na cultura da ciência moderna.

2.º) Versão para português de manuais de filosofia tomista. Dificuldades apresenta e grandes esta obra; pois a escolástica tem linguagem sua no latim, e é sumamente melindroso alterá-la. Contudo quase geralmente se reconhece a necessidade de modificar a velha tecnologia escolástica, verter-lhe a romance os tratados, se se tem a peito vulgarizá-la. Depois as línguas vivas, se por um lado possuem menos fixidez de formas que a latina, dispõe por outro de maior flexibilidade para as delicadas operações da análise mental.

3.º) Criação de revistas científico-tomistas. Em Portugal devíamos manter uma em Coimbra, a cargo dos Lentes da faculdade de teologia; outra em Braga, entregue aos do Seminário. Estas revistas mensais seriam destinadas à vulgarização do ensino tomista, e escola da arte de escrever à disposição dos moços escritores, sob a direcção e censura dos mestres.

4.º) Fundação de sociedades académico-tomistas para amadores, professores e alunos mais distintos por talento e aplicação. Aqui em Braga parecia-me exequível uma «sociedade de filosofia e letras de São Tomás de Aquino», presidida honorariamente pelo Senhor Arcebispo Primaz, e dividida em duas secções. Teria sessões ordinárias, para cada secção, de 15 em 15 dias e uma solene, anual, etc. E aí estão as salas da Irmandade dos Clérigos de Nossa Senhora da Lapa e São Tomás de Aquino que muito bem serviam para esse fim.

Conclusão

O ditame da razão, o peso da autoridade e a voz dos factos conclamam a «Vantagem do ensino da filosofia de São Tomás de Aquino», mormente na época actual e entre nós; e «os meios de facilitar e divulgar o seu estudo» são práticos, conquanto difíceis e dispendiosos alguns deles.

E aqui seja-me lícito emitir um voto que trago de há muito no coração: que vejamos quanto antes no Seminário dos Apóstolos em Braga estabelecido oficialmente o ensino da filosofia do Anjo das Escolas. Reclamam-no a grande afluência de alunos como a nenhum outro do país, os brios desta nobilíssima arquidiocese primacial, a reputação do sábio e bondosíssimo Senhor Arcebispo Primaz! E as próprias paredes do edifício (fundação de dois santos, o venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires e São Francisco de Borja, ilustrado por Santo Inácio de Azevedo, reitor do colégio da Companhia em Braga) as quais tantas vezes ressoaram com a palavra de sábios professores como os padres António Cordeiro e Baltasar Teles, parece pedirem quem de novo as alumie com a doutrina do «Sol de Aquino».

18

Oportunidade da filosofia tomista *

Ex.mo e Rev.mo Senhor [1].
Meus senhores.

(*Saúda primeiro a assembleia em nome de Mons. Silva Ramos, lente decano de teologia na Universidade e filho ilustre de Braga, e pede escusa alegando a qualidade de padre e mestre de meninos, para tomar parte numa festa de escolares e seminaristas.*)

Como eu tereis certamente notado, e compreendido melhor que eu, a importância toda da questão do ensino da mocidade [2]. Reduto defendido com vigor pela Igreja, a grande educadora secular, em mais de um ponto arrebatado, a poder da força bruta, pela gente da revolução.

Não sei se o entendeis assim, para mim tenho como assentado que à dominação universal e omnímoda, nada menos que a isso, avança o inimigo além de outros caminhos pelo monopólio do ensino. Quanto humanamente se pode perceber, dominará amanhã quem ensinar hoje, e ensinará afinal porque

---

* Publicado em *Discurso na solemne Academia, celebrada pelo Seminario de Santo António e S. Luiz de Gonzaga, no Paço Archiepiscopal de Braga, no dia 16 de Maio de 1892*, Viana, Typ. Silva Braga, 1892.

1 Arcebispo Primaz D. António José de Freitas Honorato.

2 Puerícia e adolescência.

então será *educativo* o ensino, quem melhor o fizer, quem modelar a alma juvenil pelo ideal do homem de bem. Há mister gravar no carácter da geração nova o traço austero da honestidade pela inoculação dos preceitos racionais da moral, e prático exercício da virtude; e outro sim alentar primeiro com forte educação filosófica os estudos literários da mocidade, e com a mesma orientar depois a exploração científica do homem feito. Para poupar a *frioleira* à literatura, à ciência o *paradoxo*.

Ora se não me engano, sempre esta obra de substrução e complemento educativo correu por conta da boa filosofia, daquela filosofia cristã, razão demonstrativa das conclusões da ordem natural, aliada esclarecida da verdade religiosa.

A nós, senhores, a nós senão erro, o dever de chamar por este caminho, de informar nestes moldes a geração escolar, sob pena de irem as coisas de mal em pior. Que não estão fadados para debelar a moléstia programas impensados, nem processos pedagógicos do último recorte. Velha incúria reclama vida nova, e não utopias *laicistas*, passe o neologismo, utopias sempre apesar da moda e da santa sectária.

«Oportunidade da filosofia tomista» era o meu ponto.

Para evitarmos o terreno das minudências numa questão de oportunidade, naturalmente complexa, não larguemos as linhas gerais; e restrinjamos o campo de aplicação ao nosso meio nacional, que mais nos importa que nenhum outro.

Vejamos:

1.º) que filosofia temos actualmente em Portugal?

2.º) qual a que tivemos outrora, e melhor nos convirá por agora?

I

Todo o mundo sabe como não rebentam da terra as escolas filosóficas à maneira de cogumelos, e raros esperam ainda os milagres da geração espontânea.

Por isso e porque nos tolheram no século passado a escola nacional, aí temos a filosofia indígena reduzida a ténues correntes estrangeiras em vário sentido e fortuna vária.

O que nos força a transpôr a fronteira e recuar na ordem dos tempos para lhes investigarmos as nascentes, e assim melhor reconhecermos as tendências e ares de família.

Quando sobre os muros de Constantinopla, aí por meados do século XV, desabava aquela formidável tromba de turcos otomanos, toda a gente sabe

como na aluvião de *helenismo* carreada para Itália, com muita palheta de ouro fino, depositou mais de um gérmen de ruim filosofia.

Data daí a *renascença*, e com efeito renasceram nas escolas os velhos erros tanta vez refutados pela filosofia cristã. Por Florença, Pádua, Bolonha corriam teorias neo-platónicas, averroístas, panteístas, materialistas. Ferviam as controvérsias, cultivavam-se com afinco as línguas mortas, buscavam-se a peso de ouro os antigos códices, e nesta febre denominada *humanismo* nenhum escrúpulo na qualidade da beberagem, contanto que tivesse sabor clássico. Assim se inoculou à farta na filosofia moderna, como nas letras e nas artes, a peçonha do neo-paganismo. Peçonha digo com respeito às ciências filosóficas, esta transfusão do velho sangue helénico, que tal é agora o meu propósito.

Por mal dos nosso pecados, quando ao fim de um século de efervescência chegara o momento de a crítica apurar o trabalho sincrético da nova filosofia, Bacon com a sua gente regeitara infamando-o, o filtro severo do silogismo.

Não mais sujeito o pensamento filosófico a conta, peso e medida, havia-se de espraiar-se em tiradas palavrosas, dando-nos em vez de razões justas trechos de estilo, produtos de fantasia e declamações retóricas. Assim, afora raras intermitências, filhas do génio individual que não da disciplina de escola, a moderna filosofia perdeu rapidamente o carácter científico. Tornou-se ilógica, vaga, superficial, amaneirada e portanto desprezível.

Para maior mal, aparecia Descartes a tempo de secundar esta corrente, demolindo os diques seculares da velha escolástica. À cantaria ciclópica das teses fundamentais, tão provadas de longa data, subistituiu desconexa paliçada, erguida a esmo sobre o terreno mal seguro da novidade.

Aquilo não devia resistir, não resistiu.

Além de que, entrava a reformar em filosofia como Lutero em religião: a mesma intemperança do «livre exame» aos princípios estabelecidos, às verdades adquiridas como hoje se diz com a mesma temeridade inovadora. Só na coragem da própria opinião inferior bastante ao atrabiliário saxónio.

Também o cartesianismo revelou-se desde logo organização enfermiça, achacado como o seu congénere de além Reno, da herpe das *variações*.

Na teoria dos compostos reais, nomeadamente o composto humano, rejeita Descartes o dualismo relativo da *matéria e forma*: prefere-lhe o dualismo absoluto e antitético da matéria essencialmente *extensão*, alma essencialmente *pensamento* [3]. Aparentemente nada mais simples e categó-

3 Pelo termo «pensamento» entende Descartes qualquer modificação anímica e consciente: «cogitationis nomine intelligo illa omnia, quae nobis consciis in nobis sunt».

rico. O pior é que, para evitar a antinomia do *átomo inextenso*, foi ao paradoxo da *divisibilidade infinita* do composto material, e ao não senso ridículo do animal irracional *destituído de sensibilidade*.

Tão pouco lhe custa o ilogismo do *infinito número* de partes constitutivas do corpo, porção limitada da matéria, como equiparar o bruto a um *aparelho de relojoaria*.

Tais excentricidades, quase inocentes no puro terreno da cosmologia e zoologia, revestiam particular gravidade no problema antropológico.

Uma vez acantoada nas profundezas do organismo a alma humana, alheia por incompatibilidade de atributos ao companheiro mais que estranho, importuno, não só ficava porta aberta ao velho idealismo platónico, senão que surgiriam numerosas questões e gravíssimas, cuja solução tanta vez impossível levaria ao cepticismo o pensamento filosófico, desnorteado, descoroçoado.

A este desastre *lógico*, vício de compleição denunciado desde logo em Pascal, Huet e Bayle, deve juntar-se o *ontológico* não menos triste nem original, do materialismo.

Digo original, pois quem havia de esperar viesse o *materialismo*, com o andar dos tempos, a ser o colector geral das principais derivações de tão exagerado *espiritualismo* ?

Parece que desde o princípio gozou esta escola da triste fecundidade do erro, e de maior tomo, conquanto timbrasse de ortodoxa. Era jeito que lhe ficou do fundador, ou natural pendor do erro para outro maior ?

Como quer que seja, dela julga como segue um crítico de nomeada[4]:

«Conquanto, diz, não seja a filosofia de Descartes essencialmente panteísta, nem céptica, nem sensualista, nem positivista, contém o gérmen, as premissas lógicas e direcções sabidas de todos estes erros»[5].

Formidável potencialidade a desta vasta sementeira de ruins grãos !

Entre as múltiplas direcções e tendências emaranhadas do pensamento cartesiano, quer-me parecer que três se destacam pela importância, e melhor se definem.

A extrema direita e a extrema esquerda, excêntricas, hiperbolicamente divergentes; e aquela que direi ortodoxa, não por impecável, senão por tentar manter-se, sem o conseguir de todas as vezes, a igual distância das duas. À fé cristã de seus representantes, aliás ilustres na ciência, deve esta a quase linha recta do percurso.

---

4 Também não esqueça que a concepção mecânica de Descartes, do universo por matéria e movimento, não se distingue da do velho materialismo de Demócrito e Epicuro.

5 Don Z. González, *Historia de la filosofía*, III.

Não logrou contudo manter o equilíbrio de movimentos tão desconcertados como centro de gravidade, nem como normal, a medida de rumos tão extravagantes.

E não só não regentou a marcha do espírito filosófico, que até desacompanhou a do científico.

Esta é a chamada escola espiritualista. Partiu de Malebranche por onde esteve a pique do idealismo, firmou-se um pouco em Bossuet e Fénélon, não pôde constituí-la de vez o talento descomunal de Leibnitz, correu aventuras depois nos eclectismos policromáticos de V. Cousin, e ontologismos semi-germânicos de Gioberti e Rosmini, e caiu afinal lutando porfiadamente mas sem proveito em Caro, seu último paladino de renome.

Hoje é uma sombra ilustre, que se apaga dia a dia na velha Sorbona.

Agora as correntes ditas extremas:

Enquanto a extrema direita alcançava de salto o panteísmo de Espinosa, colosso de bronze com pés de barro, para buscar mais tarde novo ponto de apoio no criticismo de Kant, e partir na evolução idealista subjectivista até Hegel; a da esquerda derivava pelos atalhos do sensismo inglês de Lock e Condillaç, encolhida, apoucada de nascença, não logrando notável melhoria com as galvanizações de Spencer tocava a última expressão da vista curta, o *positivismo* como sistema, nas mãos de Comte e de Littré.

Por estas alturas, quando uma não podia já levantar-se mais na concepção *idealista*, nem abater-se mais a outra, terra à terra, no esburgamento dos *factos*, acontece que as duas se topam de rosto e parcialmente se fundem.

Para tanto bastou a fórmula do materialismo transformista, híbrido, meio *positivista* meio *apriorista*.

Pois o materialismo de Darwin e Hackel, de Buchner e Karl Vogt porque não há-de entender-se com o de Littré [6] e Taine [7] ? E o transformismo de Lamarck e Darwin com o da Ideia de Hegel ? O materialismo panteísta de Vacherot e tantos outros com o *dito* subjectivista de Schopenhauer ?

De onde me parece poder afirmar, que não irá longe da verdade quem capitular de *materialismo transformista* e portanto determinista, a filosofia mais na moda, síntese derradeira e último apuramento das correntes carte-

---

6 «L'âme est un être immatérial, supposé; c'est l'ensemble des functions du cerveau et de la moelle epinière» (*Dict. méd.*, de Nysten, refundido por Littré).

7 «Il a donc un monde spirituel, distinct du monde matériel ?... nous pensons exactement le contraire» (Taine, *Les phil. du XIXe siécle*). Cit. P. Dupanloup, *A. à la jeun. et aux pères de fam.*

sianas, se é que essa honra não está reservada ao *monismo*, expressão irredutível, identidade absoluta do fenómeno e do *noumeno*, da ideia e da *coisa em si*, do ser e do não ser.

Essa será evidentemente, a última palavra da filosofia nova, porque daí além o silêncio da morte.

*

Estamos em Portugal. À míngua de escola nacional, ater-nos-emos ao ensino *oficial* e a quanto procede da iniciativa *particular*, na apreciação do que por aqui havemos. Essa será evidentemente a última palavra da filosofia nova, porque daí além o silêncio da morte.

No ensino secundário, o estudo da filosofia tem decaído lastimosamente e tende a desaparecer. Temos a prova na magreza do programa, e na síncope de alguns anos, sofrida ainda não há muitos [8]. E este é o seu mal pior; que a doutrinação, geralmente ortodoxa [9] nos pontos fundamentais, mais se dói da ligeireza e superficialidade dos processos de ensino, que da inoculação do erro. Tão rápido passa a leve tintura recebida nas escolas, que o erro nem tempo tem de embeber-se no ânimo juvenil, aliás curioso e impressionável.

Cá entre nós não é a filosofia o mal, a falta dela é que o é. Aguada neste ponto de capital importância a educação literária e científica da mocidade, não só lhe não adquiriu o espírito aquela disciplina e vigor indispensável nos cursos superiores, senão que ficou vazio e aberto, isto é, sem crítica, para aceitar a primeira dose de filosofia nova, por mais avariada e inconsistente que seja. Agora o perigo é evidentemente mais sério. Nos últimos anos da juventude define-se o homem para o resto da vida.

E se bem as soluções extremas em filosofia não prestam para norma na prática, também é certo que a série quotidiana dos actos de responsabilidade, fio de que se forma a trama da vida moral, é inspirada, informada constantemente pelos princípios filosóficos de cada um.

Acrescentemos que em nossas escolas superiores, sentem-se mais intensas as correntes do pensamento filosófico, tanta vez daninhas às compleições delicadas.

---

8 Foi esta disciplina substituída pela de legislação.

9 Algumas reservas: são conhecidas as afeições *sensualistas* do Genuense e de Vernei, mais acentuadas em Silvestre Pinheiro e nas primeiras tentativas de Pinheiro de Almeida. Em Alves de Sousa não devem passar sem reparo, a meu ver, a teoria do composto humano, a de substância, e ainda a definição dos atributos de Deus.

Uns trinta anos haverá quando em Coimbra o *hegelianismo* de Michelet teve devotos muitos moços talentosos, absorvidos a final pela política uns, a maior parte, outros pela cultura das letras. Pouco depois estava na moda Comte e Littré. Todos os alunos de direito eram *positivistas* até ao 4.º ano pelo menos; e tal haverá que ainda hoje o seja.

Como o *positivismo* jurídico coincidia o *darwinismo* na faculdade de filosofia, menos ruidoso então e por isso talvez menos efémero.

Nas escolas de medicina parece endémico o *materialismo* [10] organicista, não tanto por furor de filosofar, como por hábito de não conceder importância senão à matéria, pela pretensão de tratar as enfermidades da alma pela terapêutica médica, como se a psicologia e a moral não passaram de dois capítulos de fisiologia.

Por seu lado e para não ficar atrás, envia-nos o Curso superior de letras, nas dobras de muito e muito louvável zelo pedagógico, não só «os processos de crítica moderna» que possui oficialmente e a fundo, senão os melhores preconceitos mais ou menos remoçados, de Draper e Jacolliot.

São seus principais campos de exploração a história e a linguística, e lidam aí dois letrados de renome além de muita peonagem menos adestrada.

Se a filosofia clássica ou escolar não chega por agora a satifazer nossas legítimas ambições, nem nos ganha nome entre as nações cultas, que esperar da obra de amador ?

Algumas aflorações esporádicas recolhidas aqui e além, na brochura, na revista, no jornal, na conversação particular e na conferência doutrinária, a nota mais conhecida que nos dão é o *determinismo*.

Se não é realmente esta a filosofia da moda, à fé que o parece. Duas concepções deterministas; uma de procedência positivista, se aprecia a verdade de facto, *determinada* pelas condições de tempo e espaço, conta, peso e medida; outra, mecanista, quer que todas as energias e forças cósmicas incluindo a psíquica, estão sujeitas ao desenvolvimento rítmico de uma engrenagem.

Este é o determinismo fatalista, bem mais especioso e daninho que o outro, pois lisonjeando as paixões ruins pela negação mais ou menos aberta do livre-arbítrio, mina teórica e praticamente a vida moral do homem, e nela o futuro da sociedade.

Distingue-se pela negação e incoerência o processo determinista [11].

---

10 Muitos médicos temos e habilíssimos, não só espiritualistas senão cristãos e de firmes crenças.

11 Como ao naturalista que não toma nota dos lugares, de onde recolheu os espécimes do seu museu, assim sucede ao autor.

Nega que seja o acto humano outra coisa mais que resultante fatal de influências fatais; quer na «ciência da história» [12] proceder *a priori*, do pressuposto que os factos históricos devem acamar-se, no curso dos séculos, como as estratificações plutónicas ou neptunianas.

Apesar disso tem palavras de louvor ou vitupério para as personagens históricas, e não as tem para os agentes geológicos.

Nega mais ou menos abertamente a liberdade moral, e reclama a liberdade política; como se houvessem de ser governados à guisa de homens, quantos se reconhecem menos que homens.

Nega a vida futura, e estranha a mania epidémica do suicídio; condena as «tristezas monásticas», e inscreve-se nos *vencidos da vida*, é do partido da *nirvana* búdica, posta à europeia por Schopenhauer.

Religião prefere a *comtista*, cujo pontífice actual é o senhor Lafitte, e ídolo a *humanidade*, coleção de indivíduos de procedência pitecóide, a entroncar no gorila e outras alimárias.

Moral, a *independente*; sem se incomodar com que a moral independente seja pouco menos que círculo bicudo.

Também não aceita alma *substancial* e *espiritual*, e dá-nos longas e miúdas análises de psicologia... sem alma.

Humanitários ou *altruístas*, como dizem; o que não obsta a perfilhar as doutrinas de Lombroso, que achou ter a moderna civilização sido, em grande parte, obra do cadafalso.

Por este rápido e imperfeito apontoado de insanidades doutrinais em ampla circulação por aí, pode ajuizar-se do valor do nosso ensino e orientação filosófica na hora presente, e até que ponto urgirá acudir a isto com uma educação séria e forte [13].

Rematarei esta primeira parte com o seguinte, de um dos nossos pensadores de melhor nota [14]:

«Há no espírito contemporâneo o predomínio do desalento, da inquietação, às vezes agravado por uma emotividade dolorosa, extrema, nascida do ambiente social, onde se respira uma filosofia utilitária e mesquinhamente terrena.

---

12 A história como «ciência» não é de hoje, ao que parece. Haja vista a síntese tão famosa de Bossuet, e concepções como a dos *círculos históricos*, de Vico, a da humanidade *progressando* à perfeição no cristianismo, de Herder, e a da palavra de vida conduzindo a humanidade *de Deus para Deus*, de Frederico Schegel.

13 Um dos nossos publicistas mais lidos escreve: «Na ordem dos movimentos históricos não há para o filósofo bondade nem maldade; não há moral, há necessidade». Cit. Por *Progres. Cat.*, 4 de Junho de 1889.

14 Sr. Ferreira Deusdado, *O ensino carcerário*, introd.

[. . .]

«As sobrenaturais crenças seculares estão abaladas e substituídas por um grande cepticismo moral, mesocrático, e a verdade é que só a sociedade, que crê, é grande e só ela se salva.»

Crenças!. . . numa sociedade letrada, lida na filosofia de Taine [15] que nos ensina a ter o vício e a virtude na conta de produtos, como o açúcar e o vitríolo!

II

Em questões de oportunidade e congéneres pede a boa praxe escolar que distingamos.

Oportuno é sempre o bem absoluto, o bem puro e quanto for condição *sine qua non* da posse desse bem, nosso último fim. Por estas alturas não é conhecida a questão de oportunidade, no sentido ordinário da palavra.

Cá porém na trama quotidiana da vida, nesta série de actos morais, como fuzis da cadeia que vamos prendendo através do tempo para a eternidade, cá sim é que tem lugar a questão de oportunidade. Que não basta fazer o bem, senão fazê-lo a tempo; e às vezes adiá-lo indefinidamente é preferível.

Desta categoria é naturalmente a questão da oportunidade da filosofia tomista entre nós.

Pela *affirmativa* está o peso da autoridade, a razão especulativa, e a razão prática ou dos factos.

Por autoridade e não pequena vale o brioso empenho com que a cultivam já, sábios professores de teologia na Universidade, e outros nos cursos secundários e superiores dos seminários; e o zelo de nossos prelados criando cadeiras deste ensino, promovendo academias como a presente, enviando a estudar em Roma e subsidiando jovens sacerdotes; e acima de todos e antes de tudo a palavra de um dos maiores pontífices da Igreja de Deus, Leão XIII, o primeiro pensador do nosso século, a recomendá-la vivamente, instantemente a todos sem excepção de nacionalidades.

E não são de hoje os encómios dos papas à doutrina áurea do aquinatense. Cuido mesmo que nenhum se lhe referiu, que o não fizesse com elogio.

Sem respigar agora na história eclesiástica, encontra a gente em Gaudin (*Philos. juxta*, etc.) os testemunhos encomiásticos de Clemente VIII, *aos*

---

15 «Le vice et la vertu sont des produits comme le vitriol et le sucre». Taine, *Hist. de la litt. angl.*, introd.; cit. por González.

napolitanos [16], de Inocêncio VI, *ao bispo de Limoges* [17], de Paulo V [18], de Urbano V, *à academia de Toulouse* [19], de Alexandre VII, *aos de Louvaina* [20].

Pio IX, no *Breve* de 22 de Janeiro de 1870, de condolência pela morte de Sanseverino, taxa simplesmente de «filosofia verdadeira» [21] o tomismo restaurado pelo ilustre professor napolitano; e em suas *letras encíclicas* ao arcebispo de Colónia queixa-se de Günther e seus discípulos por não respeitarem nos seus livros «a opinião e doutrina católica àcerca do homem, o qual é composto de um corpo e de uma alma, de maneira que a alma, e alma racional, é por si a forma verdadeira e imediata do corpo»; doutrina esta perfeitamente tomista, como todos sabem.

Finalmente, Leão XIII com aquela vista de águia com que aprecia à justa as necessidades do seu tempo, e zelo oportuníssimo na aplicação do remédio, não contente com encómios de ocasião, expede a encíclica *Aeterni Patris*, de 4 de Agosto de 1879, dirigida aos prelados da Igreja Universal, convidando-os, incitando-os ao restabelecimento do ensino da filosofia tomista.

Espírito formado, evidentemente, na grande e austera disciplina de Tomás de Aquino, Leão XIII estava talhado como nenhum outro para compreender e apreciar-lhe os salutares influxos na educação da mocidade, e orientação do pensamento moderno.

Por isso tão quente é o encarecimento, e tão eloquente:

«Entre todos os doutores escolásticos, diz Sua Santidade, brilha com fulgor incomparável seu príncipe e mestre, São Tomás de Aquino.

«Dotado de espírito dócil e penetrante, memória feliz e fiel, apaixonado pela verdade, adornado de inesgotável erudição nas coisas divinas e humanas, foi comparado ao sol aquecendo a terra com o calor de suas virtudes, e envolvendo-a na claridade de sua doutrina.

«Nada deixa a desejar este mestre: na relação completa das questões, na boa disposição das matérias, na superioridade dos processos metódicos,

---

16 «Doctrinae D. Thomae testis est ingens librorum numerus, quos ille brevissimo tempore in omni fere disciplinarum, genere singulari ordine, ac mira perspicuitate, sine ullo prosum errore conscripsit».

17 «... nunquam eam tenuit (doctrinam S. Thomae) inveniatur a veritatis tramite deviasse; et qui eam impugnaverit, semper fuerit de veritate suspectus».

18 «Splendidissimum catholicae fidei athletam, cuius scriptorum clypeo militans Ecclesia haereticorum tela feliciter elidit».

19 «Volumus et tenore praesentium vobis iniungimus, ut D. Thomae doctrinam tanquam veridicam et catholicam sectemini eamque studeatis totis viribus ampliare».

20 «Dogmata inconcussa (D.D. Aug. et Thom.) tutissimaque, quorum sanctissimorum virorum penes catholicos universos ingentia et omnem laudem supergressa nomina novi praeconii commendatione plane egent».

21 «... verae philosophiae restituendae».

na solidez dos princípios, no vigor dos raciocínios, na clareza do estilo, na propriedade dos termos, na fácil solução dos problemas mais intrincados.

[. . .]

«A razão, levantada nas asas de Tomás de Aquino ao ápice da natureza humana, parece não poder subir mais.»

De que peso seja entre todos este voto, e se de tal filosofia carecemos ou não, julgai-o vós agora, senhores.

Para responder à objecção, que naturalmente surge no espírito de quem intenta demonstrar racionalmente a nossa tese — como adaptar às exigências do pensamento moderno uma filosofia do século XIII ? — não responderemos que a verdade não envelhece, senão que o lema do neo-tomismo é a palavra da encíclica: *vetera movis augere et perficere.*

Não, não se imobilizou nem o podia a doutrina do aquinatense.

Como todo o organismo vivo tinha de sofrer a usura da vida, e assimilar elementos novos sem alterar o fundo substancial. A cada século que passa, como o roble em cada primavera, desentranha novos rebentos sem arrancar da rocha viva das verdades fundamentais as robustas raízes; ou como o ciclone que sem turbação na região do núcleo, envolve e arrebata nas espiras do vértice quanto encontra, animando-o de movimento giratório e passeando-o através do vale e da campina, assim ao longo das idades o pensamento colossal do Doutor Angélico.

Parece-me poder afirmar sem receio, que de todas as filosofias contemporâneas é o neo-tomismo quem melhor se entende com a ciência.

Dois factos, de passagem:

Ainda na sessão de 21 de Outubro do ano passado, na *Sociedade de São Tomás*, de Paris, a leitura de um trabalho do P. Bulliot àcerca da *força e da massa* provocou uma brilhante discussão, em que vieram a lume soluções e vistas profundas sobre os pontos mais árduos de mecânica racional.

Na *Revue philosophique*, Junho de 1890, escrevia o senhor Sorel, por certo insuspeito:

«A escolástica não embaraça o observador. . . mormente os tomistas que assinaram à matéria o princípio de individuação.

«Com tais filósofos pode a gente entender-se: impossível porém com os espiritualistas [22], que se revoltam com orgulho contra toda a ideia nova.»

De modo que, se por um lado o neo-tomismo anda em dia com o movimento científico, por outro lado à ciência não repugna a camaradagem desta filosofia. E não tardará que, melhor estudada e vulgarizada até, retome seu antigo posto de honra.

---

22 «Espiritualistas», representantes em França da tradição cartesiana, como vimos.

É o passado garantia do futuro.

Se é verdade que o grau de cultura do nosso século sobreleva muitíssimo ao do século XIII da era cristã, que em seiscentos anos não lida em vão o espírito humano, também é verdade reconhecermos neles mais de um traço de parecença, sob o ponto de vista filosófico.

Então fora a grande corrente da filosofia cristã conduzindo a doutrina dos padres pelas mãos de Cassiodoro, Boécio, João Damasceno, Isidoro de Sevilha até aos paços de Carlos Magno; e desde aqui disciplinada e avigorada por Erígena e Gerberto, correndo engrossada já com as disputas àcerca dos *universais*, nos séculos XI e XII, entre Roscelin e Guilherme de Champeaux, Abailardo e Santo Anselmo, até à perfeição nos tratados de A. Magno e São Tomás, no século XIII, era esta corrente digo, que se vira atacada de flanco pelo *averroísmo* traiçoeiro da escola de Córdova.

Averrois (Ibn Roschd) versado em todo o género de conhecimentos, entusiasta de Aristóteles cujas obras possuía na íntegra, e pretendia só ele interpretar a fundo, aspirou nada menos que a levar de vencida o Evangelho com a conquista dos espíritos, já que a das armas não fora por diante. Conquanto demasiado oriental a pretensão do filósofo árabe, certo é que a sua doutrina ia ganhando terreno e trazia não pequeno estrago à fé cristã.

Entre outros de menor monta três erros fundamentais infeccionavam aquela filosofia: em metafísica, como hoje entre nós, o *panteísmo materialista*; em antropologia, concedendo uma só alma racional para todos os homens, concluía *negando a imortalidade* da de cada um; na moral, como corolário de tudo isto e de harmonia com o Corão, o *prazer sensual*.

Ninguém negará, parece-me, a pertença destas vistas doutrinais mais ou menos desfiguradas por incrustações de valor secundário, à fina flor do nosso determinismo actual.

Como quer que seja, na idade média apesar da vigorosa pujança da vida cristã de então, pôde o erro invadir mais de uma cabeça e o que pior foi, descer da ideia à prática dos costumes.

A história diz como pensava e vivia na sua corte da Sicília, Frederico II imperador, um dos monarcas mais letrados daqueles tempos; e Dante[23] condena ao inferno por crime de *epicurismo* muitos dos principais homens do seu tempo na Itália, como Farinata, Cavalcanti, Ubaldini e o próprio Frederico II.

Urgia pôr cobro ao mal; Tomás de Aquino aparecia no momento oportuno. Talento descomunal, e o melhor feito para tal empresa pela profun-

---

23 «Suo cemiterio da questa parte hanno / con Epicuro tutti i suoi seguaci / che l'anima col corpo morta fanno» (*Infer.*, X, 13).

deza de vistas, clareza de exposição, rigor dialéctico, frieza na discussão, serenidade inalterável na solução dos maiores problemas. Era a sua filosofia uma como couraça da doutrina cristã, de uma só peça e «densidade metálica», na frase do P. Gratry.

Partir nas mãos do adversário a arma traiçoeira foi desde a primeira arremetida prenúncio de vitória. Ao Aristóteles averroísta opôs o genuíno Aristóteles, enviando ao Oriente com o fim de lhe obter os melhores códices, seu confrade Guilherme de Moerbec [24]; e com idêntico fim saíram os comentários aos tratados de maior tomo do estagirita, que valeram demais disso por uma reabilitação do filósofo grego, decaído no conceito da Igreja.

Depois, se não antes ou simultaneamente (que para os hércules dessa força limpar os currais de Áugeas não impede combater) depois os golpes a fundo pelo livro da *Unidade do intelecto contra os averroístas* e pela *Suma contra os gentios*, prelúdios da obra imortal a *Suma teológica*.

A monumento de tais proporções não havia de falhar a base lógica. Teve-a e sólida na definição do conhecimento, equação do entendimento com a coisa [26], resultado da análise da operação mental, segundo a teoria do «intelecto agente» e do «intelecto possível» na produção e apropriação da espécie «impressa» e da «expressa».

Destarte ficava fora de combate a pretensão idealista mais a sensista, e portanto arruinado o cepticismo.

«Se Kant conhecera melhor Aristóteles e São Tomás, diz B. Saint Hilaire, teria deles o fio condutor para sair do labirinto das ideias, nem careceria do postulado da razão prática para escapar ao cepticismo, consequência necessaria da metafísica do futuro.»

A contemplação das coisas do mundo visível serve ao pensamento de Tomás como de degraus por onde sobe até Deus.

Tudo se move e agita buscando consciente ou inconscientemente o que lhe falta à própria perfeição, isto é, o seu bem [27]. De si próprios não procedem estes bens, não são bens por si mesmos, senão por participação d'Aquele que é bem em si mesmo, bem supremo.

É o mundo todo regido por inteligência e amor; por estas forças atraídas são para Deus as criaturas, segundo a natureza de cada uma. Estes os vestí-

---

24 Neste ponto aproveitam-se a exposição e citações do senhor Jeannin, «Saint Thom. d'A. et la civil. europ.» (*Annal. de ph. chrét.*, février 1892).

25 *Perihermenias, De anima, Metaphy., Ethic., Phys.*, etc.

26 *Sum. th.*, I, 16, 1.

27 *Sum. th.*, I, 5, 1, ad 2.

gios de Deus: como as pegadas na areia denunciam a passagem do homem, o pó da criação denuncia a passagem de Deus [28].

Conhecer Deus só o pode a inteligência humana imperfeitamente, apesar de ser Deus *cognoscível* no sumo grau, porque não há equação possível entre o finito e o infinito [29].

Pode porém por via demonstrativa chegar a Deus, como «primeiro motor» do movimento universal, «causa primeira» de todo o causado, ser «necessário e absoluto» do qual impendem os contingentes, «bem supremo» fonte de todos os bens, «princípio ordenador» de toda a ordem.

Assentada assim a distinção real e radical entre Deus e o mundo, estabelecido ficava o dogma da criação *ex nihilo*, e o panteísmo sem ponto de apoio.

Deus conhecido discursivamente, não intuitivamente como quer o ontologismo, é real e pessoal; nem é a «categoria do ideal», de Renan, nem o «universal impessoal e insconciente», de Fichet [30]; é o infinito determinado pela própria excelência e bondade pura [31].

Mas uma ilusão é a Providência, desde que o mundo existindo sempre e desenvolvendo-se fatalmente dispensa acção estranha. A este que diremos pensamento fundamental do averroísmo e do moderno determinismo, nomeadamente de Strauss [32], responde São Tomás além de outros lugares [33], no comentário à *Física* de Aristóteles. Não é movimento nem mudança a produção do universo, é simples emanação [34]. É verdade que a causalidade natural requer matéria prévia e exerce-se no tempo; Deus porém, causa suprema e universal de todos os seres, criou a matéria com a forma, o próprio tempo com as coisas do tempo [35].

Em antropologia assumem os problemas filosoficos especial gravidade; também por isso mesmo é de um rigor especial aí a doutrina do mestre. Tinha diante de si a concepção fantasiosa do «intelecto universal» intangível de Averrois, antecedente lógico, parece, da «razão impessoal» de V. Cousin, não podia o santo Doutor passar avante sem deixar assentados os princípios fundamentais.

---

28 *Sum. th.*, I, 45, 7.

29 *Sum. th.*, I, 12, 3, 11.

30 «... aestimaverunt ... cui nulla fit addito non esse aliquid proprium, sed esse commune omnium», *Contra gent.*, I, 26.

31 «Individuatio primae causae est per puram bonitatem eius», *Sum. th.*, I, 2, 4.

32 *La foi ancienne et la nouvelle.*

33 *Sum. th.*, I, 44, 2; 46, 1, 2. *Contra gent.*, I, 40; *Sum. th.*, I, 22, 1, 2, 3,

34 *In VIII Phys.*, Lect. 2.

35 *Sum. th.*, I, 46, 1 ad 2.

«Contra esta teoria, diz o senhor Jeannin, *loco citato*, fundada sobre falsa interpretação do estagirita, desenvolveu São Tomás a força toda e penetração de sua dialéctica.

«Com solidez e admirável clareza tratou esta questão no comentário ao tratado de Aristóteles *De anima*, nas duas *Summas* e particularmente no livro *De unitate intellectus*, etc.».

Refutando Averrois, refutou antecipadamente os filósofos e sábios do nosso tempo, que se lembraram de ressuscitar o velho erro da tricotomia [36] ou três almas distintas. Ao corpo está unida, dizia o santo Doutor, como a própria forma a nossa faculdade de conhecer; o homem torna-se homem pela alma que nele vegeta, sente e pensa...

A natureza de um ser é pelos seus actos que se nos revela: é o pensamento que define e determina o homem, e como tal o distingue do animal; conseguintemente é a inteligência a forma essencial do homem, e não o que fora dele subsiste. Se um só intelecto houvera para todos os homens, Platão e Sócrates não fariam mais que um ser, em quanto inteligentes. Ora o nosso saber não é de outrem, nós mesmos pela abstracção o adquirimos [37].

Se hoje vivera, ensinara ainda aos nossos materialistas e deterministas como se depreende a *espiritualidade* da alma humana do próprio acto intelectual: a matéria não concebe o universal [38]; a *liberdade*, do facto da escolha entre os bens particulares [39]; a *imortalidade* finalmente, da impossibilidade de perecer por si mesmo o espiritual, ou de ser aniquilado por Deus; porque não é aniquilando, senão criando e conservando que Deus manifesta seu poder [40].

Posta em tão amplas bases e tão seguras a doutrina teológica e antropológica, devia a moral rematar dignamente o grandioso edifício.

Se todas as coisas são por natureza solicitadas ao conseguimento do fim ou perfeição própria, o homem racional e livre, ao seu fim irá como quem é, livre e racionalmente. Para isso tem o ditame da *consciência*, juízo prático, regra próxima, interna das acções próprias; e a *lei*, «preceito racional para bem do comum, imposto por quem tiver a seu cargo curar da sociedade» [41].

Se a lei moral é regra e medida dos actos humanos, força será seja racional; logo no ditame da razão prática ou sindérese está o fundamento

---

36 Como esta, é inconciliável com a doutrina tomista a tricotomia dos «três elementos» *corpo, força vital* e *força física ou anímica*, de Alves de Sousa (*Curso de filos. elem.*, Coimbra, 1890).

37 *Sum. th.*, I, 76, 2; 79, 8; 117, 1; 118, 1; *Contra gent.*, II, 73.

38 *Sum. th.*, I, 75 ad 85.

39 *Sum. th.*, I, 80, 2.

40 *Contra gent.*, II, 31 sq.; IV, 79, etc.

41 *Sum. th.*, I-II, 90, 1, 2, 3; *id., ibid.*

da moralidade, o critério moral. E na verdade, se a lei moral procura ao homem meio seguro de marchar na ordem e para a ordem, é por ser de sua natureza reguladora, como participação da lei eterna, «razão da divina sabedoria para a conservação da ordem universal».

Nas mãos de São Tomás tem o problema humano sua melhor solução; diante do homem desdobra-se a carreira da vida, perfeitamente definida. Sabe quem é, donde vem e para onde vai. É a justeza da solução em toda a latitude, desde a mínima até à máxima aplicação, desde o acto mais ordinário da vida até à resolução mais decisiva; junta a nobreza de intuitos ao respeito, à dignidade do homem, caminhando no tempo à conquista de destinos eternos.

Ora se desta seiva vigorosa e sã, desta filosofia de aço, inoculada generosamente no espírito da moderna geração, não há-de resultar a cura da anemia de que se fina, então confesso na minha ignorância, outro específico não conheço e temo que não exista.

Senhores. Não nos deixemos entrar do pensamento de que às trevas da idade média se há-de atribuir a fama da construção tomista. Nem o século XIII foi tão escuro como geralmente se cuida, nem o Sol de Aquino, sofrendo apenas ligeiros eclipses, há seiscentos anos topou ainda ocaso.

E neste século XIX, na especialidade das ciências filosóficas, é ainda o autor das sumas astro de primeira grandeza entre os primeiros, sem excepção de Leibnitz e Hegel.

Nem as qualidades pessoais do filósofo dominicano, sem o merecimento intrínseco da sua obra, podiam nunca dar de si semelhante resultado.

Verdade seja que «foi Tomás o mais santo dos sábios e o mais sábio dos santos», e dotado pela natureza de predicados excepcionais. Na rápida carreira de uma vida de 47 anos (1227-1274) professou com assombro universal nas famosas universidades de Colónia, Paris, Bolonha, Pisa e Nápoles, pregou numerosos sermões e à morte deixava 17 volumes *in-folio* de suas obras.

Espírito inalterável e sereno, superior sempre ao orgulho e à sensualidade, bem mereceu o nome de angélico. A suas irmãs que perguntavam o que era preciso fazer para se salvarem, respondia simplesmente, «é querer»: ao rei Carlos de Anjou, que o interrogava sobre o que dele diria ao papa em Lyon, «*sire*, direi a verdade»; e à imagem do crucifixo, quando miraculosamente, depois de louvar-lhe os escritos perguntava que galardão desejava, respondia aquela palavra que nos dà a medida da sua alma: «Senhor! nenhum outro senão vós mesmo!».

Convidado por Gregório X para assistir ao concílio de Lyon, Tomás, filho de príncipes, sobrinho do imperador Henrique VI, primo de Frederico II e afilhado do papa Honório III, toma o seu bordão e parte a pé do fundo da

Itália para França. No mosteiro cisterciense de Fossanuova cai prostrado de fadiga, e um mês depois entrega a Deus a alma. Morreu trabalhando num comentário ao Cântico dos Cânticos a pedido dos monges cistercienses, seus carinhosos hospedeiros.

Sim, é verdade que tais predicados são para carear a veneração, e transmitir à posteridade um nome. Aqui porém não passa o nome só, como o de tantos outros, se não a doutrina através das lutas mais acesas da escola. Logo, temos de admitir que essa doutrina goza de prendas reais de valor excepcional.

Organismo vivo a quem a verdade anima, caracterizam-na três energias de primeira ordem: a força de *selecção*, pela crítica, a de *assimilação* pela capacidade fecunda dos princípios e justeza com as soluções da ciência, e a de *expansão*, pelo desenvolvimento doutrinal e fácil adaptação às exigências do espírito humano em qualquer época.

É quanto a mim, o que explica o raro vigor e rápida propagação actual do neo-tomismo, e vem confirmar pelos factos a nossa tese, da oportunidade deste ensino entre nós.

Há 13 anos que está sofrendo a intensíssima contra-prova da experiência, sem a qual a mais bela teoria cairá; e os resultados excedem as melhores esperanças. Mais que um ressurgimento, é quase uma conflagração universal ganhando rapidamente os espíritos pensadores que não juraram no preconceito racionalista.

Verdade seja que não encontrou o sopro ateador do papa se não amortecido e apagado o fogo sagrado, aqui e além latente sob a cinza.

Na Itália e precisamente na terra natal de Tomás de Aquino, precedia cerca de trinta anos ao movimento actual a escola napolitana, reresentada pelas obras de pulso de Sanseverino e pela revista *La Scienzza e la Fede*. Aí mesmo o cónego Antonio d'Amelio fundava uma academia tomista, e celebrava o sexto centenário de São Tomás em 1877, se não me engano. Neste movimento inicial tomaram parte Signiorello, continuador de Sanseverino, Zigliara e os ilustres jesuítas Taparelli, Liberatore e Cornoldi, cujos trabalhos ficarão como os da sábia revista *Civiltà Cattolica*.

Com a encíclica porém centuplicou-se o esforço, e por toda a Itália apareceram à compita sociedades de filosofia tomista, como a de Roma sob as vistas imediatas de Leão XIII e cooperação do falecido cardeal Pecci e de Cornoldi; a sociedade médico-tomista de Bolonha, tão notável pela estrita observância do critério tomista, como pelos trabalhos científicos de Montagnani, de Liverani, Troyer e outros na revista *Scienzza Italiana*; a de Milão, representada pela valente revista *La Scuola Cattolica*; e finalmente a de Placência, onde publica há tempos trabalhos de grande tomo, se bem que

um pouco suspeitos de «rosminianismo», o P. Tornatore, e tem como órgão a revista latina *Divus Thomas*.

Destes focos principais tem irradiado para os seminários e outras escolas, de modo que raro haverá onde se não cultive agora a boa filosofia, e se não celebrem academias tomistas todos os anos.

Em Roma a universidade Gregoriana conta no seu curso trienal de filosofia tomista 316 alunos, partidos de todas as nações, entre eles 3 portugueses [42]; e no número dos convertidos à nova escola aparece em primeira plana Ausonio Franchi com as notáveis conferências de 1888 em Milão, e depois com o livro *Última Crítica*, em que vibra fundos golpes no neo-kantismo.

Como na Itália, onde o racionalismo alemão provocou a forte reacção de Sanseverino, na Alemanha foram os desmandos de Hermes e Gunther (austríaco) quem determinou o trabalho consciencioso da *Philosophia Scholastica*, etc., de Kleutgen. Muitos anos antes da encíclica pontifícia, Kleutgen abria caminho à nova corrente, que se revela cada dia mais opulenta em numerosas publicações. Entre estas é considerada de primeira ordem a revista *Philosophisches Jahrbuch* [43], da sociedade de Goerres, Fulda: centros da nova elaboração tomista, Inspruk, Munique e Bona.

Na Bélgica, além do padre San, jesuíta, e do falecido sábio padre Carbonnelle, também jesuíta, está à frente do movimento Mgr. Mercier [44], director do Instituto de Filosofia de Louvaina, há uns dez anos já. Segue a interpretação mais ampla do texto tomista, de acordo com as conquistas da ciência moderna [45].

Também não ficar alheia ao movimento universal nossa vizinha Espanha, a pátria de Suárez.

À generosa reacção de Balmes contra a invasão da filosofia germânica sucederam os trabalhos acentuadamente tomistas de Don Z. González, de Orti y Lara, de Pidal y Mon, do Padre Mendive, jesuíta, e do catalão H. Fagarnes. E não omitamos as críticas luminosas e profundo saber de Menéndez Pelayo, tanta vez postos ao serviço da boa filosofica.

Na própria Inglaterra tem o tomismo cultores. Baste nomear a «obra monumental» do Padre Harper [46] e os 6 volumes da série ou curso filosófico dos professores jesuítas do colégio de Stonyhurst, padres Clarke, Maher, Boedder e os dois Rickaby, John e Joseph.

---

42 Cf. *Catalogus Prof. et Alumn.*

43 *Annal. de phil. chrét.*, octobre 1891 et avril 1892.

44 Acaba de publicar o II tomo do *Cours de phil.* (*Psichologie*).

45 *Annal. de phil. chrét.*, mars 1892.

46 *Annal. de phil. chrét.*, avril 1892.

Distinguem-se estes *manuals of catholic philosophy*, como lhes chamam, pelo exame consciencioso, moderação, diplomática e fina crítica às teorias mais em voga da filosofia inglesa, e por uma clareza [47] e nitidez de pensamento, invejável na verdade.

E não fique de fora o padre O'Mahony, irlandês, que se revelou pensador de notável valor e critério tomista, numa controvérsia àcerca dos juízos *a priori*, com alguns membros da Sociedade São Tomás, de Paris [48].

Por este caso entramos naturalmente na rápida vista aos notáveis adiantos da Sociedade parisiense de São Tomás de Aquino. Verdadeira colmeia de sábios e laboriosos pensadores, quase ilustrados já por trabalhos de pulso, sob as vistas de um homem superior, Mgr. d'Hulst, que dirige com fino tacto as discussões, e distribui a cada um os pontos de estudo e apreciação das publicações recentes, para serem lidos mas sessões mensais da Sociedade e discutidos com inteira liberdade.

Desde 1886 a 89 deram cursos livres de filosofia tomista no Instituto catolico os senhores Gardaire, de Vorges e d'Hulst: em 1890 o senhor Gardaire consegue voto favorável da respectiva faculdade da Sorbona, e abre aí uma série de conferências diante de um auditório de primeira ordem, ao passo que Mgr. d'Hulst derrama do alto do púlpito de Nossa Senhora de Paris a mesma doutrina que há quase 20 anos aí começara a pregar com raro talento e desassombro o dominicano padre Monsabré.

A 23 de Maio de 1890 um dos membros da sociedade sustentava perante a Sorbona uma tese tomista, e apesar dos violentos ataques dos senhores Janet e Wadington, recebia de suas mãos a borla doutoral e conseguia o lugar de agregado de filosofia, empresa aliás bem árdua em França.

E não só se ilustra cada dia com novas publicações e engrossa em número a nova sociedade, senão que até conquista as simpatias de muitos universitários, fiéis às tradições cartesianas.

---

47 Para amostra desta qualidade:

«Truth is commonly divided into truth of things, truth of thought about things, and truth in the outward expression of our thought about things.

The first kind of truth is called ontological, the third moral, and each of these is discussed in separate volumes of the present series. It is with the second member of this division, about what is often styled logical truth, that the treatise which we are here beginning is concerned.

What true knowledge, is, and how its possession by the human intellect can be vindicated, these are the questions specially calling for our investigation.» J. RicKaby, *The first princip. of knowledge*, in principio.

48 *Annal. de phil. chrét.*, 1886 e 1887.

Assim é que o senhor H. Joly, decano honorário da faculdade, preside à última sessão solene da socieade, e dirige aos sócios palavras não só de estremada cortesia, mesmo altamente honrosas.

Outro tanto fazem os senhores Picavet [49], e Ollé Laprune [50], mestre de conferências na Escola Normal, num livro de crítica de notável vigor.

B. de Saint Hilaire, do Instituto, sábio tradutor de Aristóteles, encareceu vivamente o espírito e oportunidade da restauração tomista em carta ao sócio P. Farges [51]; e o autor do *Dicionário das ciências filosóficas*, A. Franck, não contente de colaborar por vezes nos *Anais de filosofia cristã* [52], órgão da sociedade, apresenta esta revista ao Instituto com o mais rasgado elogio [53].

Finalmente dois congressos internacionais de sábios católicos no prazo de quatro anos, celebrados em Paris, não só evidenciaram imensas riquezas de ciência no campo cristão, como rematam dignamente por agora a já longa lista de benemerências deste activíssimo laboratório de filosofia neo-tomista.

Cá entre nós também apareceu e bem temporã, a restauração tomista.

Está no carácter nacional, parece, a espontaneidade de aceitação de toda a ideia generosa, de sorte que na ordem cronológica sejamos sempre dos primeiros. Dos primeiros, senão o primeiro dos seminários depois do concílio de Trento foi o de Braga; o primeiro colégio da Companhia de Jesus e por ventura o mais famoso foi o de Coimbra (1542); o primeiro templo ao Coração Sagrado de Jesus, foi a basílica da Estrela em Lisboa.

Agora, dois meses apenas depois da encíclica pontifícia (4 de Agosto de 1879) no seminário de Coimbra, e de acordo com o actual senhor Bispo-Conde, abria Mons. Silva Ramos a primeira aula de filosofia neo-tomista. Nesta mesma Coimbra, onde teve seus últimos cultores de fama a doutrina áurea do aquinatense doutor angélico.

E nenhum dos dois ilustres iniciadores da restauração tomista em Portugal até hoje arrefeceu no brioso empenho. O senhor Bispo-Conde celebrando luzidas academias anuais no seu seminário, dignando-se ele próprio abrilhantar as festas com notáveis discursos, e fazendo reger a cadeira

---

49 «*Le mouvement néo-thomiste en Europe et en Amérique*» (*Revue philo.*, 1882).

50 *La philosophie et le temps présent*, Paris, 1890.

51 «Je vous loue vivement de reprendre l'étude de Saint-Thomas».

Le Saint Père actuel a été admirablement inspiré quand, au debout de son règne, il a recommandé avec toute l'autorité que lui appartient, la philosophie du docteur Angélique, c'est un service éminent qu'il a rendu à l'Église et l'on doit ajouter à l'esprit humain.»

52 *Les Annales de philosophie chrétienne*, revista fundada em 1830 por Bounnethy para a controvérsia e estudos orientalistas, dedica-se agora exclusivamente à filosofia neo-tomista.

53 «Dans notre pays, ni même dans les pays voisins, je ne connais pas de publication périodique plus sérieuse, plus instructive, ni surtout plus impartiale.»

tomista sucessivamente por talentosos lentes da Universidade [54], e afinal por um douto e zeloso eclesiástico de origem italiana [55], que S. Ex.ª convidou em Roma para esse ministério, tirando-o de entre os melhores discípulos da escola romana: Mons. Silva Ramos, o talentoso e indefeso trabalhador, em magistrais artigos da *Ciência Católica* [56] e na tradução da obra monumental das conferências do P. Monsabré [57].

O Dr. Sinibaldi destaca-se depois destes por serviços profissionais, de orador e escritor [58], a bem do neo-tomismo, e tem já um lugar proeminente na pequena falange dos tomistas portugueses.

Ao movimento coimbrão, excepcionalmente intenso pelas condições especiais de meio e excelência de elementos, correspondeu a restauração em vários seminários, do ensino da filosofia tomista. Já no triénio escolar de 1885 a 1888 de entre 623 jovens, alunos de filosofia em 12 dos seminários do reino e ilhas adjacentes, um pouco menos de metade, ou seja 310 alunos, receberam o ensino da filosofia de São Tomás; e hoje devemos inscrever na lista dos seminários dotados deste melhoramento, o seminário conciliar de Viseu e o seminário pequeno de Braga, de Santo António e São Luís Gonzaga, graças à boa vontade de seu digno fundador, cooperação da ilustre comissão administrativa e paternal solicitude do nobre presidente dela, o nosso venerando prelado.

54 Ao senhor doutor Silva Ramos sucedeu naquela cátedra o senhor dr. E. Nunes, actual Arcebispo de Évora, a este o senhor Doutor M. Gama.

55 Doutor Thiago Sinibaldi.

56 Na colaboração desta revista como em trabalhos académicos de grande valor científico, distingue-se o senhor doutor J. M. Rodrigues, lente da faculdade de teologia.

57 Vai no XIV volume a tradução.

58 Pelos notáveis discursos nas academias solenes do seminário de Coimbra, sobre o *transformismo* e sobre o *livre-arbítrio*, e pela obra *Elementos de filosofia*, 1.º vol.

19

De Sapientia *

> Sapientia quidem est, non
> eloquia Dei scire, sed
> secundum eloquia Dei vivere.
>
> CRHYSOST., *Humil.*, XXVIII.

PROEMIVM.

Dies venit, adest ecce dies, hora, temporis momentum, in quo de Sapientia et coram sapientibus sum dicturus, ego insipiens.

Sine intermissione me ista angit cogitatio, postquam Tibi[1] placuit, Domine mi venerande ac praeclarae hujus Archiodioceseos Praesul longe

---

* Publicado em livro com o seguinte título: « DE SAPIENTIA. / ORATIUNCULA QUAEDAM / QUAM / ANNO DOMINI MDCCCXCVII, / IV NONAS OCTOBRES, DUM BRACARENSI IN SEMINARIO BEATORUM APOSTOLORUM PETRI / ET PAULI STUDIA SOLEMNITER INSTAURANTUR, / HABENDAM CURAVIT / EMMANUEL JOSEPH MARTINS CAPELLA / Presbyter, eodemque Seminario Schol. / philos. professor. / PORTO / *Typ. a vapor de Arthur J. de Sousa & Irmão* / 74 Largo de S. Domingos, 76 / 1898». Dedicatória: « CLARISSIMO VIRO / D. Antonio Joseph de Freitas Honorato / Bracarensi Archiepiscopo, Bracarae Dominatori, / Hispaniarum Primati, / OB TANTI NOMINIS VENERATIONEM, INQUE DEVINCTI / ANIMI SUI TESTIMONIUM, / LIBELLUM ISTUM REVERENTER OFFERRI CENSUIT AC / REAPSE OFFERT AUCTOR IPSE, SIMULQUE / Devotissimus servus, / *Emmanuel Joseph Martins Capella.*»

1 Domno Antonio Joseph de Freitas Honorato, bracarensi Archiepiscopo ac Bracarae dominatori, Hispaniarum Primati.

colendissime, vobis [2] quoque, commilitones mei, floremissimi doctores, omnium nostrum magistri, meae infirmitati pondus imponere hoc, perquam grave.

Me miserum ! quid faciam in tanta rerum constitutus angustia ?

Nam, etsi haud parva laus nec dispiciendus honor maneat, cuicumque istud commissum fuerit; tamen semper magis me terrebit oneris timor, quam allevabit spes ista honoris: maxime nunc, cum jam labentibus annis albescunt capilli, caecutiunt oculi, vis marcessit cogitandi et quidlibet magni audendi refugit animus.

Nihilominus ulterius pergam, cum recedendi vel etiam titubandi locus non sit amplius. Tantum supernam Spiritus Sancti gratiam enixe adprecabor, vestramque benevolentiam qua dicenti quammaxime indulgeatis. Pater mi venerande, magistri mei spectatissimi, studiosa juventus [3], et quotquot hûic interestis, viri urbanissimi ornatissimique.

*

Quibusqumque hîc de Sapientia dissere novissime contigerit, statim apparebit iter quotannis tritum, a quo nimium discedere nefas est. Iter dicam equidem rectum, amplum, omnibus plane notum; verumtamen longum, idcirco non parum generans fastidii viatori, id est, loquenti non minus quam audienti.

Quid igitur ? Si nec nova, nec pulchra, nec pulchre dicta (quamvis illud vehementer exoptarem) de meo proferre datur ?

Scio quid agendum: alinea quaerere, cum deficiunt propria.

In tanta ergo copia earum rerum quae huc faciunt, quibus refertos invenimus libros, tam sacros quam profanos, viam nostram fructibus obum-

---

2 Vice Rectori Joan. Nepum. Pimenta, theol. mor. prof. — Can Dominico Moreira Guimarães, theol. sacram. prof. (decano) — Can Anto. Jos. da Silva Correa Simões, Sacrae Scrip. (Isagoge) prof. — Joseph Martins Peixoto, histor. ecclesiast. prof. — Doctori Joan. Alfons. da Cunha Guimarães, dogmat generalis prof. (Praesentes adhuc desiderabantur alii, scilicet: Juris can. prof.; item theol. moral. prof.; item theol. dogm. specialis prof.).

Pro humanitatum curriculo: Joseph Alves de Moura, rhetor. prof. — Emm. Messias Mendes Fragoso, philosoph. prof. — Ludovico Gomes da Silva, ling. portugal. prof. — Emm. Francisco de Miranda, ling. lat. prof. — Joan. Roberto Pereira Maciel, geogr. et histor. prof. (Hîc quoque aliquot desiderabantur prof. sclicet: nathm. prof.; latinitatum prof.; ling. gallic. prof.; ling. latin. prof.).

3 Circiter CCLX juvenes, Sacr. Theol. tirones.

brantes, manus tendamus huc illuc, liceatque tantum carpere, quantum satis pro viatico. Sed ordinate procedamus.

Inspiciendum ante omnia, quid sibi vult nomen istud *Sapientiae*; deinde *a)* ab ultimo rerum culmine, unde Dei Sapientia omnibus immensum eminet ac moderamine suo omnia servat regitque, exordientes, agnoscamus; *b)* qualis in homine etnico fuerit Sapientia; *c)* qualis in homine christiano; tum *d)* qualis in sacerdote exopetetur; postremum *e)* in juvene sacerdotium ambiente.

Ita procedentibus nobis a maximo ad minimum, etsi levi et rapido gressu, forsan jam melius intelligetur, quanta et qualis res sit Sapientia, cujus amore amplius inardescat juvenilis anima, semper ad nobiles ausus optime parata.

ORATIO.

Quamvis vulgi intellectu *Sapientia* cum *scientia* facile convertatur, ideoque qui in scientia valide apparet versatus, hic sapiens vocetur; nihilominus inter prudentes multo pluris aestimatur Sapientia, quae hominem totum complactens, moralem scilicet ac rationalem, illum perillustrat, ditat, roborat, beateque absolvit.

Eminet sane in Sapientia sensus ille praticus, bonum a malo, verum a falso, pulchrum a turpi facile discernens; nec minus in illa fulget prudentia cum caeteris virtutibus, inferiora dominantes animalis hominis, proprio quaecumque loco statuentes, servantesque.

Illam nuncupavit Tertullianus «non substantiam ipsam, sed sunstantiae saporem» [4], quasi in saporis sensu quodam, de intima rerum natura judicante, tota consistat Sapientia.

Idipsum, sed loculentiori ut assolet modo, angelicus Doctor: «. . . sapientia quasi sapida scientia, quod videtur ad affectum pertinere, ad quem pertinet experiri spirituales delectationes sive dulcedines» [5]. Tametsi per modum contrariae allegationis exponatur hoc, revera non inficitur in responsis allegatio, quantum est de vocabuli in latina lingua significatione.

*

4 Tertul. *De Ressur.* Adnotator interpretatur: «id est sapientiam, mentem, id quod sapit».

5 *Summ. Theol.* 2. 2. q. XLV, II.

Si tanta res est Sapientia etiam in homine, ut «omne aurum in comparatione illius arena exigua» aestimetur «et lutum argentum» [6], quanta in Deo erit Sapientia, quae cum reliquis divinis perfectionibus unum facit, scilicet aeternum, infinitum, indivisible, omnia potens ?

Ergo divina Sapientia. Verbum Dei, Deus ipse est; etiam secundam illud Joannis eloquium: «In principio erat Verbum, et Verbum erat apud Deum, et Deus erat Verbum» [7]. Ergo divina Sapientia, *extense* infinita simul, adque *intense*; nam creata omnia tantum sunt et valent, quantum ab Illo intelliguntur. Jam vero nostra ista misella commenta abjiciamus, ut facilius attendere possimus quomodo de seipsa loquatur illa divina Sapientia in libro Ecclesiastici, nec non et in illo Proverbiorum; simulque perspicuum erit, nihil nobis reliquisse humaniores literas huîc divinae prosopopeia aequiparabile:

«Ego ex ore Altissimi prodivi, primogenita ante omnem creaturam; Ego feci in coelis ut oriretur lumen indeficiens, et sicut nebula texi omnem terram; Ego in altissimis habitavi, et thronus meus in columna nubis; gyrum coeli circuivi sola, et profundum abyssi penetravi, in fluctibus maris ambulavi» [8].

Postea, velut in idyllium deducens sermonem, prosequitur:

«Quasi cedrus exaltata sum in Libano, et quasi cypressus in monte Sion; quasi palma exaltata sum in Cades, et quasi plantatio rosae in Jerico; quasi oliva speciosa in campis, et quasi platanus exaltata sum juxta aquam in plateis; quasi cinamomum et balsamum aromatisans, odorem dedi; quasi myrrha electa dedi suavitatem odoris» [9].

Epica tuba et quasi divina, canit nunc sapientia:

«Dominus possedit me in initio viarum suarum anteaquam quidquam faceret a principio; ab aeterno ordinata sum et ex antiquis antequam terra fieret; nondum erant abyssi et ego jam concepta eram; necdum fontes aquarum erumperant; necdum montes gravi mole constiterant; ante colles ego parturiebar; adhuc terram non fecerat, et flumina et cardines orbis terrae; quando praeparabat coelos, aderam: quando certa lege, et gyro vallabat abyssos; quando aethera firmanat sursum et librabat fontes aquarum; quando circumdabat mari terminum suum, et legem ponebat aquis ne transirent fines suos; quando appendebat fundamenta terrae; cum eo eram cuncta componens, et delectabar per singulos dies, ludens in orbe terrarum, et deliciae meae esse cum filiis hominum» [10].

---

6 Sapient, VII, 9.

7 Joan. I, Ἐν ἀρχή ἦν ὁ λόγος, και ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, και θεός ἦν ο λόγος.

8 Ecclesi. XXIV, 5-8.

9 Ecclesi. XXIV, 17, 20.

10 Prov. VIII, 22, 31.

Ita omnia suo imperio continens, regens, illuminansque Dei Sapientia, vocatur et est το «Alpha et Omega, principium et finis» [11].

At nos cum apostolo Paulo: «O altitudo divitiarum sapientiae et scientiae Dei !» [12]

*

Quae cum ita sint, cur tam modice adfulger homini antiquo Sapientia ?

Primo, quia homo erat; secundo, quia peccando exciderat a primoeva illa Dei rerumque adquata notitia, usuque rationali. Visibilium rerum agnitionem tantum persequentes antiqui, misere obliviscebantur quidquid pluris nostra refert, finen scilicet beatum adsequi aeternum.

Itaque, dum modo sane puerili rerum ortum in aqua, vel aere aut igne invenire contendunt; et aquae, aeris vel ignis ipsius originem quaerere fastidiunt, seipsos nesciunt interrogare ac sutiose inquirere unde veniant et quo vadant; donec Socrates eos edoceat verbum illud prope christianum: *Nosce teipsum !* [13] Nihilominus *sophoi* vel *philosophoi* dicebantur omnes; id est: *sapientes* sive *sapientiae amatores.*

Ecce quomodo Plato, divus ille Plato, Socratis discipulus perquam illustris, sapientiam definit ipse: «sapientia, scientia quae non nititur sumptione; scientia rerum quae semper sunt; scientia rerum causam pertractans» [14].

Jam triplex haec definitio, etsi tanti hominis documentum, in eo tota consistere videtur, quod Sapientia nihil aliud sit quam scientia categorica seu absque hypothesibus; scientia legum, non vero factorum, uti hodie loquitur; scientia rerum causas perquirens.

Perpulchre sane dum de scientia tantum agitur; deficienter vero, si de Sapientia sermo fuerit.

Audiatur nunc Aristoteles, ejus discipulus clarissimus ante omnes: «Quod igitur sapientia, circa aliquas causas et principia scientia sit, patet. Primo opinamur sapientem, maxime omnia ut possibilia est scire, non habenten simpliciter earum scientiam. Deinde illum, qui difficiliora, nec scitu facilia homini, cognoscere possit, sapientem existimamus, sentire enim omnibus

---

11 Apoc. I.

12 Rom. XI, 33.

13 Γνῶθι σεαυτόν.

14 Σοφία ἐπιστήμη ἀνυπόθετος. ἐπιστήμη τῶν ἀει όντων. ἐπιστήμη θεορετική τῆς τῶν ὄντων αἰτιας. Plato. OPOI. Cf. idem *Dial.* ΘΕΑΓΗΣ.

commune est. Item illum, qui certior, ac magis docere valens, causas reddat, sapientem in omni scientia esse» [15].

Si de ista, certe non satis perspicua doctrina, aliquid depromere nobis daretur, ecce quomodo Stagirita noster hîc sentire videretur: Sapientiam definiens et ipse scientiam circa aliquas causas et principia, in sapiente requirebat *primo* universalem scientiam; *secundo*, scientiam difficiliorem; *tertio*, majorem in reddendis causis certitudinem, ita ut qui in scientia pollet universali, iste docendi munus acriter adimpleat.

Parum, ut videre est, aut nihil differt hoc a conceptu illo platonico.

Item a M. Tullio Cicerone, Pompeius Magnus, Milonis in causa judex, laudatur tanquam... «homo sapiens, et alta et divina mente praeditus, (qui) multa vidit» [16].

Certe sapientis est multa videre, et intelligere mente alta et quasi divina, verum nec in hoc sapientia stat tota: alioquin sapientes opus esset potius enasci, quam effingi. Illa ratione ductus canebat poeta: «Felix, qui potuit rerum cognoscere causas!»

Imo felix, id est sapiens (reprehendam ego) et qui novit rerum causas, et seipsum custodivit a malo.

*

Cum homine christiano novus homo, nova sapientia mundo apparuit. Nova equidem sapientia, quia non solum temporalium rerum scientiae scientiam de Deo et de hominis cum Deo mutua ratione conjunxit; verumetiam novas attulit solutiones, magna ex parte cum veteris sapientiae assertis antinomicas; ita ut ibi desinit vetera, ubi nova jam incipit sapientia. Sci sentire videtur clarissimus Athanasius: «quando ethnicorum sapientia infatuata est? nisi cum nova sapientia Dei sese in terris ostendit?» [17]

Augustinus quoque, de sapientia interrogatus, responsum faciebat: «... definitionem sapientiae, quae nec mea nec nova est, sed priscorum hominum ... sapientiam esse rerum humanarum divinarumque scientiam» [18].

---

15 Arist. *Metaphy.* I-II.
16 Cicero, *Pro Mil.* VIII.
17 Athan. *De Incarn. Verbi.*
18 August. *Contra Acad.* I.

Fere eodem quoque modo Basilius Magnus: «Est autem sapientia, scientia divinarum ac humanarum rerum, et causarum earumdem» [19]. Sed jam nunc per Sapientiam non tantum scire, quam bonum perficere opportet.

Ita praefatus Augustinus: «Nunc aliam putas esse sapientiam nisi veritatem, in qua tenetur summum bonum ? ... Nemo sine sapientia beatus est» [20].

Huc summopere facit illud praeclarum Chrysostomi effatum: «Sapientia quidem est, non eloquia Dei scire, sed secundum eloquia Dei vivere» [21]. ... «Serva ergo mandata Dei, sanctifica cor tuum ita ut inhabitet Deus in te, et videas Deum !» [22]

Ad ultimum Lactantius, cum religione alternationem sapientiae visus est asserere. «... in sapientia religio, in religione sapientia est» [23].

Vero quid miramur, si Dominum audierimus docentem: «Beati pauperes spiritu»; «beati mites»; «beati mundo corde»; «beati qui lugent»; «beati misericordes»; «beati qui persecutionem patientur» [24], et reliquia ? Quae omnia et alia quamplurima cum ethnicorum sapientia atrociter confligunt. Ideo discipulis suis aliquando promiserat Dominus: «Ego dabo vobis os et sapientiam, cui non poterunt contradicere omnes adversarii vestri» [25].

Paulus quoque clare fortierque, ut assolet: «Non judicavi me aliquid scire inter vos, nisi Jesum Christum et hunc crucifixum» [26]. «Non in persuasibilibus humanae sapientiae verbis; sed in ostensione spiritus et virtutis» [27]. «Sapientiam loquimur inter perfectos: sapientiam vero non hujus saeculi» [28].

«Sapientia enim hujus mundi, stultitia est apud Deum» [29].

E converso, Jesus crucifixis videbatur «judaeis scandalum, gentibus stultia» [30].

«Crucis stultitia !» en novae sapientiae compendium; hominis per Redemptionem renovati seu iterum creati, signum. In cruce enim Fides Deo homini facto; in cruce, Spes unica salutis; in cruce, sacrificium illud

19 Basil. *Concio in Prose.*
20 August. *De libero Arbit.* II.
21 Chrysost. *Homil.* XXVIII.
22 Chrysost. *ibidem.*
23 Lact. *De vera religi.* III.
24 Math. V.
25 Luc. XXI, 15.
26 1 Corinth. II, 2.
27 *Ibidem*, 1.
28 *Ibidem*, 6.
29 *Ibidem*, III, 19.
30 *Ibidem*, I, 23.

stupendae Charitatis Dei, pro nobis omnibus morientis. Quid amplius anima poterit desiderare christiana, tanquam novae sapientiae argumentum ?

Ibi ponebat (ponunt et omnes veri amici Dei) integram sapientiam suam doctor ille Seraphicus beatus Bonaventura, cum in Christi crucifixi imagine Angelico Doctori ostenderet, ut aiebat, «totam suam bibliothecam».

*

Quid nunc de Sapientia inter sacerdotes ? None cum religione pugnat illa ? — E contrario: Semper et ubique sacerdotis fuit Sapientiam colere, custodire, diosque eam edocere.

Verum istud trivialissimum, omnium gentium tam christianarum quam ethnicarum annalibus continetur; nec est cur ibi immoremur. Tantum audiamus de libro Job:

«Unde ergo sapientia venit?»... «Deus intelligit viam ejus»... «Et dixit homini: Ecce timor Domini, ipsa est sapientia» [31].

Lactantium quoque, et ex professo loquentem:

«Sapientia spectat ad filios, redigio ad servos, et utriusque fons est Deus unus, solus et verus». Et Paulo inferius: «Non est igitur nec religio a sapientia separari, nec sapientia a religione secerni, quia idem Deus est qui et diligi et intelligi debet quod est sapientiae, et honorari quod est religionis» [32].

Jam vero, in quo consistat ista sacerdotalis sapientia facile dignoscetur ex eo, quod christiana est. Eam reddit paucis verbis Doctor maximus, divus Hieronymus: «Sacerdotis Christi os, mens, manusque concordent» [33]; et Ambrosius luculentiori, si possibile est, modo: «Munus Spiritus Sancti est officium Sacerdotis» [34].

Quid vero mirum si munus agit Spiritus Sancti, sacerdos, cum Sapientia ipsa donum sit Ejusdem divini Spiritus, ut tenet Ecclesiae doctrina, tueturque Angelicus Doctor ? [35]

*

31 Job, XIII, 20, 23, 28.
32 Lact. *De vera religi.* IV.
33 Hierony. *Ad Nepoti.*
34 Ambros. *De Poenitent.* I.
35 *Summ. Theol.* 2. 2. q. XLV.

Nunc ad vos revertar, delecta juventus, huc ex omnibus dissitis hujus etiamnum vastae Archiodioceseos locis accurrens, ad vos, dicam, propter quos omnia haec sunt parata, — agnos novellos sub oculis providi Pastoris, quin-etiam Patris, gaudium ejus et coronam, — ad vos praesertim nunc loquar.

Num audistis ? Ast certe, quomodo se attolat in Deo Sapientia, ipsum sane Dei Verbum per quem omnia sunt facta; quomodo homine in veteri manca post peccatum appareat et myops; postea refecta, nova surgat sapientia per Evangelium Domini Jesu; etiam in sacerdote, ubique Sapientiae magistro, nunc quoque et *patre* nuncupato et «animarum venatore», cui commissa fuit «ars artium, regimen animarum» [36].

Si talis et tanta res est Sapientia, quis (non dicam Sacerdotum, sed hominum) fastidiet eam ? «Ad vos clamito», ait illa, «o viri, et vox mea ad filios hominum» [37].

Pergite ergo ad ejus amplexus, properate et tenete eam, quicumque vocem suam audieritis. Foras surdi, vagi, desidiosi seu pigri, ac stolidi ! Viros quaerit illa, non spadones; pueros ingenuos, alacres, docibiles, festinos, generosos, non tristia flagitiorum suorum mancipia !

Attamen cum opus longum appareat et arduum, ac multiplex sit sapientia, forsan a me inquiratis, quid pronunc vobis erit agendum. Dicam subito:

Stagite quotidie mundare corda vestra, et enixe veram philosophiam studiose colite.

Quare non aliam inter tot praestantissimas ? Aperte dicam: Non ideo quod res mea agitur, id est, de *provincia* quae mihi contigit; sed quod talis voluntas, hoc studium est Sanctissimi nostri Leonis Papae XIII, Quem diu sospitem servet Altissimus Dominus Deus !

Nihil sane antiquius habuit Ille, quam scholasticam philosophiam ad mentem Sancti Thomae Aquinatis scholis instaurare quam acerrime.

Alia plurima dimittens, liceat tantum aliquot in locis, excerptis e memorabili illa encyclica *Aeterni Patris*, rationes paucas inquirere et vota:

. . . «perpetuus et multiplex requiritur philosophiae usus, ut sacra theologia naturam, habitum, ingenium verae scientiae suscipiat adque induat» . . .

«Reliquos vero omnes ex vobis (Venerabiles Fratres) singilatim monemus, nihil vobis esse antiquius et optabilius, quam ut sapientiae rivos purissimos ex Angelico Doctore jugi et praedivite vena dimanantes, studiosae juventuti large cupioseque praebentis» . . .

«Vos omnes, Venerabiles Fratres, quam enixe hortamur, ut ad catholicae Fidei tutelam et decus, ad societatis bonum, ad scientiarum omnium incre-

---

36 Gregor. M. *Homil.*

37 Prover. VIII, 4.

mentum *auream* sancti Thomae *sapientiam* restituatis et quam latissime propagetis» [38].

Vix annis duodeviginti elapsis, ex quo grana haec provide ac solerter seminavit Paterfamilias in agro suo, et ecce novae assurgunt segetes, et spes et gaudium agricolis; necnon et vicinis nostris rationis norma, stimulus quoque ut ad meliorem frugem se recipiant. Quare nec solum in Universitatibus ac Seminariorum gymnasiis undequaque resonat nunc Aquinatensis doctrina; verum etiam inter saeculi prudentiores, *naturalismi* fallaciis jam fessos, spe sua deceptos, motus oritur conversionis in philosophiam hanc, cujuscumque ordinis difficultates apprime enodantem, ac plane operae incumbentem ut *vetera novis augere et perficere* [39] valeat.

Inter alia quamplurima exempla, tantum illud nos meminisse juvat, quod in Gallia nuper conspeximus cum Ferdinandus Brunetière, vir doctissimus, notis ephemeridibus vulgo dictis *La Revue des deux mondes* de *naturalismi* imbecillitate [40] tam acriter judicavit:

Etiam quod de Britannia nunc advenit, ac fortasse majoris momenti opus *De Fidei fundamentis* [41], studio A. J. Balfour, acris ingenii et in re civili praestantissimi hominis, qui *naturalismi* placita dum critice insectatur ac funditus evertere conatur, viam aperit veritati [42].

Nos enim philosophiam quaerimus et amore prosequimur, non cujuslibet *ancillam* sed liberam; intra terminos suos, id est, rationalis perquisitionis, *antenomem*, uti veram scientiam ac verae sapientiae operam navantem. En quomodo dijudicant hodie christianae *apologetices* viri strenuissimi [43], quorum premere vestigia forte nobis salutaris consilii erit, et instanter prosequendi.

Quare agite, o juvenes !

Vitae stadium ecce distenditur ante omnes. Currite jam, et «sic currite, ut comprehendatis» [44].

Vos adspicientes incitant commilitiones, plaudunt, amplectuntur. Incitant et parentes vestri, magistri, amici quoque, insuper et ante omnes, omnium nostrum venerandus Antistes, hic nobis assidens inter filios Pater.

---

38 Encycl. *Aeterni Patris*, 4 Augusti 1879.

39 Encycl. *Aeterni Patris*.

40 Improprie dictum: *La banquerroute de la science*.

41 The foundations of Belief, being Notes Introductory to the Study of Teology.

42 Vid. in *Revue des Quest. Scient.* avril 1897. — *Le système de Croyance de M. Balfour*, par le R. P. E. Thibault, SJ.

43 Vid. M. Ollé Laprune, *La certitude morale*. Idem, *Les origines de la pensée contemporaine en matière de Apologétique*, par M. Maurice Blondel, maître de confer. à la Facult. des Lettr. de Lille, dans les *Ann. de philosoph. chrét.*, 1896-1897.

44 1 Corinth. IX, 24.

Quid amplius ? Ecclesia mater, perpetua virginitate gaudens, perpetuas hominum injurias perpetiens, ecclesia quae vos in Christo genuit, mater quoque portucalensis haec Patria quae vos alit, moerens et ipsa, una alloquitur:

Filii, vestram agnoscite matrem !

«Filius sapiens laetificat patrem» [45].

«Sapientiam enim et disciplinam qui abjecit, infelix est» [46].

Diligite ergo sapientiam, et nolite abjicere eam.

FINIS

[45] Prov. X, 1.

[46] Sapien. III, 11.

4

PENSAMENTO SOCIAL*

* Incluíram-se neste conjunto os textos n.os 22 e 23 que, embora tratem temas de História ou Filosofia da História, ficam melhor aqui do que noutro conjunto.

20

Breves considerações sobre o estado presente da Igreja em Portugal*

[I]

Bem quisera eu saber ao certo o que sentem a estas horas, na questão sujeita, os nossos pensadores.

Se estarão satisfeitos da sua obra os homens da ideia-nova... mais ou menos nova ?

Fingem às vezes uns medos tão cómicos da *hidra* estes Alcides de águas mornas; outras vezes apenas se dignam mirá-la do alto do seu desprezo, tão engravatado como mal seguro; condescendem mesmo até à benevolência de um desdém tão olímpico, que não sabe a gente onde aprenderam aquilo, e menos ainda — em que ficamos.

Se tão oscilante é o termómetro do seu *sentir* respectivamente às coisas da Igreja, que não põe reparos em acusar saltos mortais, desde o *gelo* da indiferença estúpida até à *ebulição* do ódio rancoroso !

É uma *balança* louca que perdeu seu centro de gravidade; uma *agulha* desnorteada; um *relógio* de má nota que não acerta a quantas anda.

Pois visto que não me hão-de alumiar neste passo os nossos grandes *luminares*, de mim direi o que sinto e penso tão modesto e chãmente como convém à minha obscuridade.

---

* Publicado primeiro em *O Progresso Catholico* — Revista religiosa, cientifica, litteraria, artistica e noticiosa. Volume Primeiro, 30 de Outubro de 1878 a 15 de Outubro de 1879. 2.ª edição, Guimarães, Livraria Editorial de Teixeira de Freitas, 1879 e reeditado em *Terras de Bouro. O homem e a Serra*, Câmara Municipal de Terras de Bouro, 1992.

Enquanto a presente geração se vai escoando, silenciosa e cabisbaixa, por meio dos grandes destroços — *grandia ossa*, e as venerandas relíquias da Igreja Católica nestes reinos fidelíssimos; enquanto a turba dos niveladores entretem os ócios jogando aos dados farrapos da sua túnica dela vou eu sentar-me junto aos rios desta Babilónia que tem nome de Revolução, e *pensarei alto* curtindo saudades de Sião.

Se os que passam me ouvirão, e ouvindo cuidarão, como Nehemirs, em reconstruir a santa cidade, não sei.

Cada qual faz o que pode e o que deve, e não cura dos acrescentamentos que só a Deus pertencem.

*

Quando este reino de Portugal ganhou as suas esporas de cavaleiro em Ourique, encontrou-se com *alguém* que não só o auxiliou na árdua empresa, mas foi o primeiro a apertar-lhe afectuosamente a mão, a mão de um bravo.

Maior simpatia, fé jurada mais leal, mais nobre dedicação não a tiveram nunca dois colaços, irmãos de armas. Uma mãe não era mais solícita e afanosa em agasalhar no regaço seu filhinho, e em educar para grandes destinos, de que para o nosso Estado foi o dedicado amigo.

Foi a Igreja Católica esse amigo, essa mãe desvelada que nos acalentou ainda nas faxas infantis, nos criou ao peito, nos industriou, guiou e amparou nos grandes caminhos da prosperidade, da honra e da glória através de mundos ignotos.

— Teremos nós sido bons filhos, amigos gratos ?

— Nossos avós foram uma e outra coisa, nós... responda cada um por si.

*

Nos tempos áureos da nossa história, era a Igreja em Portugal um como edifício de amplas proporções, de majestoso porte e nobre perfil assente em vistosa eminência. Era o enlevo dos corações, o orgulho de um povo brioso e forte.

As ordens religiosas formavam-lhe em derredor num fulgente diadema, uma opulenta cintura, um soberbo pórtico. Nesse fortíssimo antemural esbarravam as legiões inimigas: ao seu abrigo, como num asilo imenso,

recolhiam-se todas as almas feridas nos sarçais desta vida; era aí mesmo um seminário feracíssimo de homens superiores, de corações de *elite*, de almas nobilíssimas.

De um lampadário aceso no interior do templo partiam através de mil frestas os vívidos clarões da fé que multiplicando de intensidade no lustroso peristilo alagavam de luz as montanhas e os vales, e os mares além, desde os longínquos países da aurora até às praias do novo-mundo.

Esta luz era a *esteira* brilhante por onde se lançaram à caça de outros mundos os galeões portugueses: a *corrente eléctrica* que chamou à vida as velhas gentilidades sentadas nas trevas e à sombra da morte; era a *esperança* em destinos superiores que alevantava o coração do homem até às mais sublimes dedicações, e formava naturalmente os heróis.

Dentro, o espiscopado era como dois renques de robustas e airosas colunas, onde descançavam as floreadas abóbadas que punham a coberto o interior, das intempéries da descrença descabelada e cínica. As vetustas muralhas intercaladas de pilastras sustentando as arquitraves, frisos e cornijas do edifício, formavam-nas o clero secular e o paroquial.

«O sacro recinto enchia-o toda a majestade do Senhor!»

Aí se apinhava um povo inteiro para tratar com o seu Deus, para assistir aos tremendos mistérios e ouvir palavras de vida.

Formava-se o português dessas eras, nessa escola digna do homem, onde ninguém duvidou de sua nobre origem e superior destino, e das verdades todas de primeira ordem que constituem o grande cabedal do cristão.

Os tão preconizados conceitos do *dever*, da *honra*, da *probidade*, da *lealdade* eram o fundo vivo da educação e o relevo mais saliente do carácter cavalheiroso.

O *amor de Deus* e da *pátria*, a *fidelidade* à gloriosa bandeira das quinas, a *fé jurada* ao seu rei, tornavam-se os elementos fortíssimos dessa vida superior, as molas que o impeliam no caminho do heroísmo.

Eram todos uma só família, uma só alma, um só coração; porque um só era o seu Deus, a sua crença uma.

Desse centro de luz e vida partiram para o teatro de suas magnas façanhas os Gamas, os Almeidas, os Albuquerques, os Pachecos e o Castro forte.

«E outros em quem poder não teve a morte.»

E para aí voltavam afinal esses famosos lidadores, honra da pátria, como astros luminosos, descrita a sua órbita, querendo que seus ataúdes os orvalhasse de água lustral a posteridade agradecida.

*

Plácidos decorreram os anos e os séculos nesta união tão íntima, quando alfim chegaram na roda dos tempos uns homens soberbos e vangloriosos que tiveram veleidades de reformar a nobre arquitectura, mutilando o vistoso pórtico na sua peça quiça mais primorosa — a Companhia de Jesus.

A calúnia, a inveja, a prepotência, a injustiça, a ingratidão, a crueza de tigre e a cobardia de raposa — da ínfima espécie tudo — deram-se as mãos em ascoroso consórcio, e vieram ao fim de derribar e *desonrar* essa formosa colunata do mais rijo pórfiro.

— Não foi nada, asseguraram uns.

— Mau exemplo ! murmuram outros.

Efectivamente, um século não era passado e o exemplo tinha imitadores. Uma tribo de vândalos, que por mal dos nossos pecados por aí ficara algures, levantou-se um dia animada do estúpido demónio da destruição e da rapina, foi-se à veneranda e sacratíssima obra de tantos séculos e lançou por terra, aluiu, desmoronou, roubou, dissipou !

De pé ficara ainda a Igreja primitiva, que não era obra de vir abaixo com essa pressa; porém mutilada e profundamente abalada.

Lá dentro arde ainda a luz da fé que, desde que perdeu os *refractores*, limitou por demais a sua intensidade. Mal para o continente e para os de além-mar que se afundam a olhos vistos nas trevas primeiras.

A nós mesmos já ninguém nos conhece no mundo, a não ser para nos insultar e roubar.

Porque na casa de Deus vai *frio e fome* da palavra e da caridade, reina por aí a ignorância, o erro, a descrença, e o egoísmo; e os caracteres descem a um nível assustador.

Das próprias *colunas* do interior, algumas estão prestes a vir a terra.

Às outras e às *pilastras* do muro, não podendo eles derruí-las, têm-lhes quebrado os relevos, têm-nas desfigurado, coberto de vil *emplastragem*, e arrimado a elas a sua tenda de boémios...

Às vezes o mármore de fino lavor repele a emplastragem e sacode a tenda para mostrar seu perfil primitivo... mas o empenho em contrário é tenaz, e a obra demolidora continua.

Veremos isso por partes se Deus quiser.

[II]

O Frade

— A que propósito virá o *frade* numas descosidas ponderações sobre o estado *actual* da Igreja nestes reinos de Portugal e Algarves? Entra aí tão de molde *como Pilatos, no credo.*

— O *frade*, senhores meus, não vem aqui certamente porque o tenhamos de casa; vem porque falta, e é, salvo o erro, quando a gente vem mais a propósito.

À mesa do pai de famílias fica de vago por muito tempo a cadeira e o talher do filho ausente. Um dia voltará esse moço e com ele a plena alegria do lar doméstico. Entretanto, é consolação dos velhos pais e cortesia dos hóspedes levar a conversa para o suspirado advento, por ser assunto de predilecção.

Quanto a mim também o *frade* que se ausentou de Portugal, vai nuns quarenta e tantos anos, há-de voltar a final. A prova está em que ninguém pode ainda encher o lugar por ele deixado; nem mesmo o *barão*, o *engenheiro* e o *agiota*, sibilina tripeça de onde este século XIX *bota* seus oráculos e governa o mundo.

Ora como a *natureza tenha horror do vácuo*, segundo velhas averiguações, segue-se que, mais cedo ou mais tarde há-de prover de remédio enchendo a lacuna.

Isso é infalível, quanto a mim que neste ponto, vou com o povo que diz: o que tem de ser pode muito; é inútil lutar contra a natureza e o senso comum conjurados.

Mas em quanto não chega de vez o bom do frade, vamos conversando de suas boas manhas como quem muito lhe quer, muito ama a justiça, respeita a verdade e não se deixa conduzir a sabor de ruins paixões.

*

A primeira pergunta que ocorre nesta matéria, é assim formulada: porque razão nos levaram os frades?

— De muitos modos e por diferentes teores se usa responder esta simples pergunta.

Notam alguns que as *religiões* ao tempo da sua extinção, haviam descido a um estado deplorável de relaxação, e que por isso... Querem outros que o *frade* fosse eliminado como *algo* de bem nocivo à civilização, teimosamente obscurantista, retrógrado, cabeçudo, incorrigível numa palavra. Outros — os economistas, que nos têm posto por portas, seja dito de passagem — aditam grave e conceituosamente que o *frade* foi bem *desamortizado* por ser um consumidor improdutivo. Os ingénuos tirantes a bons homens têm para si, que foi por os *fradinhos* serem inimigos jurados do *feliz sistema*; e que em semelhante colisão *morra meu pai que é mais velho.*

Por outro lado, não falta quem veja na extinção das ordens religiosas um golpe descarregado pela maçonaria contra a Igreja Católica. Há quem, mais propenso a *explicações positivistas*, sustente que apenas houve tentação de fazer mão-baixa nos bens conventuais, para fartar esfomeados por longa inédia, e pagar empréstimos onerosos. Ao falecido bibliotecário de Braga, M. Rodrigues da Silva Abreu, carácter honestíssimo e liberal convicto, ouvi eu mais de uma vez conceituar que a ruína dos frades lhes adveio da sua muita ilustração e nobre independência.

Por fim não omitirei a passagem do nosso Garrett, espécie de mediador-plástico entre as duas ordens e versões, repartindo as custas pelas partes, como juiz inclinado à equidade um pouco peitado também, valha a verdade.

Quis o engraçado autor das *Viagens na minha terra* como todos sabem, que o *frade* o perdeu não compreender ele o seu século; nem o tal século compreender o *frade* !

Seja.

É verdade que eu, por meu turno não *compreendo* grande coisa de tal mútua compreensão, e parece-me por demais vaga e alemã semelhante explicação; a coisa porém há-de ser assim, visto que ele o disse.

*

O decreto da extinção, se bem estou informado, alegava a inutilidade do *frade* como razão mais de valer.

Esta razão, com ser um pouco vesga, parece se poderá traduzir no seguinte, dizendo:

«Cortem-me lá essa figueira que não dá figos.»

Aqui apenas temos uma diferençazita que manda a justiça sinalemos, e por onde se vem no conhecimento que a tal razão, com ser de ministro de Estado, pode muito bem passar por uma *razão de cabo de esquadra.*

A diferença consiste em que o *frade* tem um pouco mais direito à existência que a *figueira*; ou o que vale o mesmo, não pode expropriar-se por utilidade pública a liberdade de associação religiosa com a mesma facilidade com que o lavrador arranca a figueira infrutífera, cuido eu. Os nossos sábios em «filosofia de direito» dirão se laboro em erro.

Demais, se não foram criaturas do Estado as ordens religiosas, de onde lhe veio a ele o direito de se inquietar da pouca ou nenhuma *utilidade* que de tais institutos adivinha aos associados ? Pois não era aos próprios *frades* como directamente interessados e à *Igreja* sua mãe e mestra que tocava dirimir esse pleito ?

Se o fim de tais instituições era primária e principalmente religioso, quem autorizou o Estado a decidir que fosse inútil o conseguimento desse fim, ou que tal conseguimento se não realizava ? Quem o constituiu juiz nestas matérias ?

Havia de ter graça se um belo dia o sr. Estado entrasse aí na Companhia das Águas, de Lisboa, e tomando-lhe os fundos e respectiva papelada, declarasse dissolvida a companhia por *inútil* aos accionistas; e despindo-os cortezmente, os certificasse do que lá ficava ele para arrecadar e liquidar o espólio, tudo em puro benefício destes néscios que não atinam a bem colocar o seu dinheiro.

Em verdade que tamanha solicitude seria muito de agradecer, se não fora impertinente, desaforadamente estrambótica.

E contudo, foi animado deste paternal cuidado que o Estado veio em auxílio do *frade*, livrando-o generosamente daquelas peias do claustro, desembaraçando-o da administração dos próprios bens e do cumprimento da regra — tudo pura inutilidade ! Do mesmo modo que um *caballero* de Sierra Morena alivia filantropicamente o viandante do peso da bolsa; ou como Victor Manuel dispensou o Papa de governar a sua casa.

São estes uns favores bem singulares, na verdade !

Favores que o favorecido não pede, que dispensa, que repele; e que por tanto vêm a ser feitos de arrepio, à força de armas !

*

Dando de barato a *competência* do matador de frades, benemérito extirpador de *inutilidades* monacais, parece-me que o *útil* não é lá de todo a *suprema lei*. Acima desta divindade tem assento o *justo* e o *honesto*.

Verdade seja que esta doutrina não se recomenda pela novidade, e tanto que se bem me lembro, já aquele reaccionário de M. Tullio arqui-

tectara umas teorias parecidas no seu livro *De officiis*; sem prever, o caturra ! que em pleno século das luzes mudaria o cenário com grande descrédito seu; pois havia de subir de posto a *moral do interesse*, usurpando lugar e culto às suas antigas rivais.

Que querem ?!

Se o *justo* e *honesto* tem de mais a mais a pecha de não ser perfeitamente *positivo*, ao passo que o *interesse*... ora ! há lá nada mais tangível, de mais fácil compreensão, e mais genuinamente positivo ?

Portanto, «pereçam os deuses que não têm adoradores».

O *frade* era *inútil* ? Pois morra o frade !

Esta edificante doutrina teve ultimamente dois brilhantes intérpretes nas pessoas de um tanoeiro e de um cozinheiro.

Que faria se fossem filósofos do último figurino !

*

Era ocasião agora de inquirirmos de qual espécie de *utilidade* se lembrou o ministro referendário do decreto de 28 de Maio de 1834. Isso porém levar-nos-ia a maiores divagações.

Consignemos o facto, que bem o merece, e voltemos noutro dia às razões aduzidas para motivar o caso de que nos vimos ocupando.

[III]

Já me pesa de ter prometido voltar às pretensas razões da expulsão dos frades.

Não tanto por não merecerem na maior parte um sério exame as tais razões, e por uma certa repugnância em tactear velhas mazelas, como porque este é um daqueles factos de si tão sem razão, que melhor será aceitá-lo na conta de fenomenal, extravagante, monstruoso, do que deparar-lhe com explicação nos baixos da natureza humana, e ter antes de corar que folgar com tal descoberta.

Quem se não envergonha aí das vergonhas da humanidade ?

Até um pagão.

Homo sum, nihil humani a me alienum puto.

Pois não há-de Terêncio gabar-se de melhor prezar a sua dignidade de homem, do que um cristão.

A expulsão dos frades !

Bem pressente a gente ao reparar no caso, que vai topar em cheio com um acto de força bruta, a qual deixou escorrendo sangue direitos sacratíssimos e pôs a perder de vista os *ukases* e *firmans* de mais crua memória.

É ver quantas feridas de um só golpe !

A liberdade individual, a liberdade religiosa, o direito de propriedade, os compromissos e legados pios, o amparo de pobres e desvalidos, o refúgio de infelizes, a veneração que naturalmente deviam inspirar estes institutos onde se formaram tantas gerações de varões prestantes, de sábios, de santos, de heróis, a *religião dos túmulos*, o respeito às cinzas dos maiores vultos da nossa história, o maior lustre da nação enriquecida com tantos e tão belos monumentos arquitectónicos, o interesse capital das artes e das ciências, a equidade, a justiça, a gratidão, a simples decência, tudo isto foi estupidamente conculcado ou posto de parte como bagatela; mais que tudo isto puderam essas razões que não atino ou não quero atinar quais fossem.

Mas, deixá-las em paz as *altas razões de Estado*, que, pelos modos, são de outro estofo que as do senso comum, e de um brilho tal que só olhos de águias podem aguentar.

O facto aí fica em toda a sua triste inteireza à espera do juízo da história, por certo algo mais sério que o dos louvaminheiros de ofício.

*

E agora perguntará o leitor benévolo: como foi que de um só traço de pena caíram instituições seculares, cujas raízes prendam nos interesses vitais da sociedade, e se alimentavam do que há mais nobre, puro e alevantado na natureza humana ?

— Creio explicar isso bastantemente com notas que os frades foram feridos pelas costas.

— Como pelas costas ?

— Pois é como digo e fácil de perceber.

Se os atacassem com as armas leais da *verdade*, da *justiça*, da *honestidade*, provariam eles que era lutar em vão, pela simples razão de que a justiça, a verdade e a honestidade não se ferem a si mesmas; tomando-os, porém, de flanco, arremetendo-lhes pelas espaldas com as armas vilíssimas da *calúnia*, da *crueza*, do *despotismo*, a vitória era infalível, que contra tais arremessos não vestem malha os filhos do claustro.

Esta táctica de bandido é já velha; porém, compendiou-a admiravelmente naquela sua bem conhecida palavra de ordem, o infame velho de Ferney:

— Menti, menti sempre !

E depois hemos de confessar que terríveis são as *pancadas dos coxos*; e esta foi de *surdo* e de *cego* também, o que lhe triplicou a força na razão directa da sua mesma estupidez.

Enfim, deixai-o de vez o caso miserando ! Passou à categoria dos factos *consumados*, como já se diz, que é o mesmo que descer à vala do cemitério.

Parce sepultis — a história lhe seja leve !

*

Umas observações ainda, e termino já.

Quem hoje, entre nós, pensa seriamente em remediar este mal imenso, em reparar esta monstruosa iniquidade ? Quem procura aí lavar-nos deste opróbrio que nos humilha aos olhos da Europa civilizada ?

— Raros, tão raros como nobres lidadores no campo católico.

Pobres Cassandras, condenados a não escutar senão motejos dos contrários e o eco plangente da própria voz, perdida entre os escombros deste grande povo que foi !

E não só isso, também condenados a presenciar o ignóbil espectáculo de se gloriarem de tal *feito* os aplaudidores obrigados de certa ordem de pessoas e de coisas, ineptos e imbecis expositores desse aleijão nacional.

Fazem o papel do arlequim estropiado que diverte o povo de feira, exibindo a corcova hiperbólica, contorcendo em esgares o rosto grotesco, e agitando a maneta; os melhores títulos que o mísero possui para captar a pública benevolência.

Pobres Cassandras, disse eu, outrossim condenados a saber da apoteose feita aos brutais exterminadores de frades em nome da *pátria agradecida*, provavelmente; e o que é mais forte ! a respirar o incenso dos obséquios fúnebres desses homens, em *nome* da Igreja ! A escutar-lhe os louvores oficiais da boca de um *ministro* da Igreja, à *face* da Igreja !!!...

Desviemos a vista destas misérias que fazem mal, e passemos avante.

Portanto, não é lícito esperar que emendem a mão os nossos palinuros de má morte. São impenitentes da pior espécie: não só não confessam o pecado, que até dele fazem gala.

Nada os move.

Nem a perda das nossas colónias à pura míngua de missionários, nem esta morte lenta e inglória de que vai morrendo a mãe pátria, minada pela febre da imoralidade, pelas repetidas doses de impiedade, estipendiada, oficial; nem a clamorosa injustiça com que cerceiam os mais sagrados direitos a uma grande parte, à totalidade dos seus concidadãos; nada disso os abala.

*

Em nome de qual liberdade não posso eu ser frade nesta terra ?

É mãe ou madrasta esta sociedade que me impede de servir ao meu Deus, em companhia de meus irmãos, de portas adentro, no fundo de uma solidão, como melhor me parecer ? Que tem ela com que eu vista um hábito de saco ou a minha batina, que traje panos finos ou estamenha e burel ? Quem lhe deu o direito de cortar as mais íntimas e nobres aspirações da minha alma ? De me roubar a minha felicidade no tempo e talvez na eternidade ?

Não ! Semelhante ordem de coisas não pode durar muito tempo.

Ou esta sociedade tem de reparar quanto antes o mal feito, ou há-de morrer desse abcesso de mau carácter, esmagada debaixo do peso enorme desta *legalidade* monstruosa.

No meu humilde entender, vai aí questão de vida ou de morte.

A *injustiça* vestindo a libré da *legalidade* fere o coração as sociedades que a geraram e alimentam, e cobre-as de vergonha e confusão aos olhos da humanidade.

Que dirá um dia de nós a história ? De nós que todos somos mais ou menos culpados desta triste degradação, deste crime social ?

O que a história dirá, não posso eu sabê-lo precisamente.

A Europa, essa vai dizendo que não passamos de um bando de borregos a quem a maçonaria facilmente governa em plena charneca, e a quem *faz a mercê* de tosquiar e devorar a seu talante.

Tomara eu que me provassem a injustiça de semelhante conceito que — pela minha parte o declaro — não me é demasiadamente lisonjeiro.

Ou se lhes parece mais curial, chamem a uma polícia correccional essa Europa *fóssil* e petulante, que além da injúria irrogada ao velho Portugal, agora remoçado, pintado, casquilho, está outrossim ré de lesa-progresso querendo *frades e freiras, jesuítas e lazaristas, irmãos da doutrina cristã, irmãs da caridade, ditas da Divina Providência, dos pobres, do Bom Pastor* — que sei eu ? — A internacional negra em peso !

Quando mais não seja, provarão que essa toleirona anda dez séculos atrazada de nós em pontinhos de progresso... e no *progresso dos pontinhos.*

[IV]

Os Bispos

O nosso abatimento religioso, sequência dos maus tratos à Igreja desde um século a esta parte, é já hoje um facto tão notório como complexo.

Venho a dizer como isto que será tão impossível negá-lo, como assinar-lhe uma causa única.

A meu ver, teve aí a melhor parte o *pombalismo* metediço e desalmado, inoculado à farta nas classes letradas e deixado em herança aos homens do poder; o *vírus* revolucionário, dissolvente e corrosivo por índole, e sobretudo a brutal amputação das ordens religiosas que, determinando copiosa hemorragia, reduziu naturalmente a esta deplorável anemia a Igreja portuguesa, onde apenas leves e raros sintomas de reacção denunciam a vida.

Nestas tristes circunstâncias, quantos se compadecem do mísero estado do enfermo e desejam sinceramente se restabeleça, põem os olhos no episcopado e bem quereriam que este, tomando-o resolutamente nos braços lhe bradasse ao ouvido aquele grito que dá vida aos mortos: *Lazare, exi foras !* — Levanta-te Lázaro !

E como os milagres nunca foram vulgares para o serem em nossos dias, acontece que este sendo da mesma natureza não promete vir de pronto; o que não obsta a que seja lançada à conta de pequice dos senhores bispos esta desgraçada omissão.

De fácil e cómodo expediente é o processo de descarregar sobre os outros a culpa dos males comuns; assim ele fora racional e honesto. O que mais se consegue é lisonjear negativamente a própria vaidade e aturdir por um momento a consciência que a final não fica pelos autos.

Sejamos razoáveis.

Não foram certamente os senhores Bispos quem nos precipitou neste mísero estado; se não nos ampararam na queda é que o peso era enorme, desmedidamente superior às forças humanas.

Vindo a faltar de repente os mosteiros e congregações religiosas, o peso inteiro da Igreja recaiu nos bispos que bem precisavam então dos ombros de Atlas para não serem esmagados.

No meio das ruínas eles permaneceram de pé, e tão firmes e a prumo como essas colunas do *Forum* romano, ostentando em toda a pureza arquitectónica o seu elegante perfil, e a parte da cimalha correspondente. Dão a medida do edifício antigo e da aptidão do arquitecto.

Agora querer que tudo ressurja de pronto e como por encanto à voz do bispo é um generoso e amplo desejo que de boamente partilho, ainda que não acho suficientemente justo e razoável exigir a sua satisfação.

*

É um erro muito comum este de nos agastarmos porque as coisas não correm à medida dos nossos desejos. Caímos assim na asneira de fazer equação entre os deveres alheios e os nossos próprios desejos.

Quem há ali tão desassisado para exigir que todos os capitães sejam uns Alexandres ou Bonapartes, todos os poetas Virgílios ou Camões, todos os oradores Demóstenes ou Cíceros, Crisóstomos ou Vieiras, todos os pintores Rafaéis ?

E porque os nossos bispos não chegam à craveira dos Atanásios, dos Carlos Borromeus, dos Francisco de Sales, dos Bartolomeu dos Mártires, dos Dupanloups, dos Vital de Oliveira havemos de passar-lhes título de incapacidade e condená-los nas custas do processo ?

Não, não é cristão isso, nem justo, nem honesto.

Bem sei eu que muito havíamos mister de bispos daquela têmpera, pois tudo precisa refeito: seminários, cabidos, concílios provinciais, visitas de dioceses, conferências e retiros eclesiásticos, catecismo, imprensa, associações religiosas, congregações de ensino; também queria muito mais zelo e firmeza, união íntima dos membros do episcopado português entre si, conformidade de vistas e de intenções, e mais caridosa ainda a solicitude do próprio clero e dos fiéis... — *ut sint unum* —, mas já perguntámos a nós mesmos se acaso seremos dignos de ter uns prelados assim ?

Se é certo que os povos têm os pastores que merecem...

*

Sempre entendi que o mais prudente e sobretudo o mais proveitoso em matérias de reformas, era começar cada um por si mesmo.

Ah ! que se em vez de levarmos os dias a criticar pastorais, provisões, equipagens dos nossos prelados, nos aplicássemos a tomar-lhe o ensino com ânimo dócil e coração humilde; se respeitássemos bastantemente neles a

sua dignidade altíssima; se não nos prendêssemos na letra que mata e procurássemos o espírito que vivifica; se enquanto discutimos obedecêssemos, quer-me parecer que bem melhor iriam as coisas.

Isto digo de nós os ociosos, sempre dispostos a descarregar *generosamente* sobre os prelados toda a responsabilidade, cuidando satisfazer assim a Deus e acomodar o estímulo da própria consciência.

Que demais, bem compreendo a mágoa, o desânimo do lidador indefeso, abandonado no fervor da peleja, sem um aperto de mão nem uma palavra do seu chefe, vendo por outro lado rotas as filas, e o inimigo vitorioso por incúria dos nossos, insultar aos vencidos !

É esta *uma indignação bem legítima* ! em todos os corações desperta simpatias ! assim ela despertasse dedicações reais e efectivas, que era o de que muito se carecia.

Entretanto lembrarei aos nobres paladinos a palavras de São Paulo, seu modelo no afanoso lidar: *sufficit tibi gratia mea*, disse o Senhor, *virtus in infermitate perficitur*: basta-te a minha graça; o valor medra com a desprotecção.

Avante pois ! Deus o quis e Deus o vê !

*

É esperança minha que teremos em Portugal bispos a competir com os demais, quando formos dignos dessa graça. Por ora louvemos a Deus, que nem tão bons os merecíamos.

Ninguém negará que o nosso episcopado tem melhorado bastante há dez anos a esta parte: é um episcopado digno, cordato, irrepreensível nos costumes, ortodoxo, ilustrado, bastante dedicado à formação do seu clero, e a cultivar as boas relações com a Santa Sé.

Em circunstâncias normais, nos séculos de fé, quando todas as empresas para o bem caminham quase de per si, quando o mal não topa onde lance a raíz, seria mesmo um óptimo episcopado.

Presentemente bem carecíamos de mais, de muito mais, é certo; mas não lhe havíamos de formar culpa por não medirem a estatura dos gigantes, e entregarmo-nos pela nossa parte ao *dolce far niente* dos perdidos.

«Vença-se cada um a si mesmo e já não terá que lutar com os outros», diz o ilustre P. Félix, SJ; conheça-se cada um a si mesmo e não julgará os outros, acrescentarei eu.

Pensemos bem quanta responsabilidade sobre nós, se não só abandonamos ao fogo inimigo os nossos chefes, e ainda por cima os metralhamos com as nossas impaciências insofridas. A que ficarão reduzidos nesta posição criada pelo nosso procedimento esquivo, maligno e egoísta ?

Mudemos pois de estratégia, que bem o merece o interesse capital da Igreja e da sociedade que, já agora, entre nós, hão-de correr ambas os mesmos fados; e também o exige a equidade, pois apesar de todos os pesares, ainda possuímos mais de um de quem possamos afirmar com segurança e ufania: eis aí uma alma de bispo !

Eis quais as rápidas reflexões que me sugere o assunto que tomei para lema deste artigo. Mas longe de mim o pretender ligar-lhes uma infalibilidade que por certo não têm. Não passam de modestas apreciações que submeto à esclarecida razão do leitor: não excluem por forma alguma *o respeito que professo pelos que não pensarem como eu*. Não é questão de fé, portanto, *unusquisque in suo sensu abundet*.

21

É natural ao homem o cristianismo*

[I]

A ilustrada e muito distinta assembleia [1], perante quem fora imperfeitamente esboçada a presente tese, tinha já no ano passado assistido a esta outra: «Para o paganismo são as tendências hodiernas».

Conquanto bem se adaptem, mesmo a ponto de mutuamente se completarem as duas proposições, certo é que entre elas aparece uma ligeira antinomia.

Digo aparece, porque só aparente é, e as antinomias aparentes, como pondera um abalizado filósofo contemporâneo [2], não representam duas forças opostas que se destroem equilibrando-se, como as contradições; chocam-se apenas em ângulo maior ou menor, e longe de se aniquilarem, geram força nova. Tão nula é às vezes a oposição, que a resultante sai igual à soma das componentes.

Voltando porém ao caso: se o cristianismo é natural ao homem, como sucede que tenda o mesmo homem para o paganismo ? pois tender não é inclinar-se, mover-se a gente, impelida por força de sua mesma natureza ? — Certo.

Então temos aí o homem naturalmente cristão e naturalmente pagão — composto de essenciais contraditórios.

---

* Publicado em *O Progresso Catholico*, 4.º ano, n.os 6 e 9, de 15 de Janeiro e 28 de Fevereiro de 1882.

1 Academia religiosa da Associação Católica bracarense.

2 Mgr. l'Abbé de Broglie, *Le positivisme et la science expérimentale.*

Eis em toda a sua nudez a formidável antinomia. E porque o é, não lhe estranhemos o atrito rude e sacudido; antes lhe aparemos a sequência, que mais vem ao nosso caso.

*

Há natureza e natureza. Já não bulo na significação da palavra, que de si é bastante escura: vá na acepção comum e isso nos baste.

Digo pois que nova natureza criara no homem o pecado, e é cedendo ao pendor desta natureza viciada que se volve ao *paganismo* a moderna sociedade.

Fora o *cristianismo* quem de lá a levantara, dessa longa, miserável e vergonhosa enfermidade, com lhe insuflar novos alentos, vida nova. Dotara-a pelo facto com uma natureza melhor.

Portanto é natural o *paganismo* ao homem como a languidez mórbida ao valetudinário, a banca de jogo ao taful, a orgia ao libertino. Natureza estranha, concordo, natureza viciosa, feitiça; porém forte e atraente como os seios do abismo.

Por outro lado, o *cristianismo* é natural e necessário ao homem como a medicina à saúde, os alimentos, o ar e a luz à vida. O primeiro é uma fascinação, uma embriaguez, uma vertigem; o segundo uma força amiga que supesa e levanta os abatidos, encaminha os transviados, corrige os viciosos, anima os tímidos, sara os enfermos, abranda os duros, inflama os tíbios, consola os tristes, e a todos beneficia, a todos induz *fortiter et suaviter* pelo aperfeiçoamento moral à conquista da eterna felicidade.

É tal situação um plano inclinado para o homem ferido do pecado. No fundo o paganismo, para onde rolará sem remédio, se não forceja deveras por alcançar o cimo, onde tem o seio mesmo e a vida íntima do cristianismo. De modo que *vai* o homem naturalmente ao paganismo, *vem* o cristianismo naturalmente ao homem. Eis tudo. Logo em vez de antinomia, temos aí *acção* e *reacção*, uma luta de si já velha e sempre remoçada, entre o bem e o mal, a nobreza e a baixeza, a verdade e a mentira, a virtude e o vício, a morte e a vida, o céu e o inferno. E a humanidade há sido de todos os tempos, não só agente, também objectivo desta guerra sem tréguas.

Ser indiferente, seria se lhe fora possível; mas não é, que em seu próprio seio se fere o combate, e seus mais vitais interesses aí se jogam. Força lhe é portanto decidir-se e tomar partido.

Quando como ao presente transborda a enchente do mal, tudo assoberbando, abalando, corrompendo e minando tudo, e a Igreja vê partidos nas

mãos tantos meios seus de acção providencial, dissipados os grandes institutos religiosos, roubada na própria liberdade, então se estabelece uma corrente como de ressaca da humanidade para o paganismo.

Ainda cuida progredir a pobrezinha, e não vê que faz pé atrás, dezanove séculos ! E não quer ouvir nem ver empregado aquele termo, grandemente infamado apesar de tantos esforços em reabilitá-lo. — *Paganismo* ?! como assim ?!

— Pois não haja questão por isso, seja *revolução* o neo-paganismo: diferença de nome, se a coisa é a mesma... E que nos importam nomes ?

Acaso não é a deificação da criatura o que melhor caracteriza o paganismo ? e essa ausência de Deus na sociedade, não obstante quantos habitavam o Panteão, povoavam o Olimpo e abasteciam as hortas do Egipto ? César não é que era o deus dessa gente, e nenhum outro tinham na efectividade, aposentados todos os demais por incapazes ?

— Certamente. Pois que outra coisa busca a revolução com perseguir sistematicamente a ideia religiosa, e banir de toda a parte e de tudo a interferência de Deus, senão estabelecer e arraigar sua própria ideia, alargar a área da própria acção ? e que nos dará ela de bom afinal ? que outro deus nos reserva, senão a si mesma, o *deus-estado*, o *deus-césar* ?

— «Deus ?! o meu deus é Gambetta», blasfemava há dois anos um desgraçado, mal pensando exprimir nesta frase brutal o pensamento reservado da revolução: profetisou como Caifás, sem o sentir.

E mais, que nem já carecemos de profecias; aí temos bem de relevo as feições repugnantes do moderno paganismo, e uns tons tão acentuados e tão seus... é só olhar quem o quiser ver.

Voltemos porém de rumo, que não é este agora o nosso caminho, e vejamos se é natural ao homem o cristianismo.

*

Entremos de vez na matéria, e punhamos argumento:

A religião é natural ao homem; o cristianismo é uma religião, logo, etc. Uma religião diz a premissa menor e não diz bastante: usemos *única* onde estava *uma*, que será mais acertado. Vá para maior exactidão da proposição, não porque lucre novo vigor a consequência.

Sim, só o cristianismo é religião, porque só ele é *verdadeira* religião; as outras práticas usurpam um qualificativo estranho, apossam-se do alheio. Pois que vem a ser uma religião *falsa* ? — É uma religião *nulla*, isto é religião *nenhuma*. Logo só uma o é, a verdadeira.

E agora confirme a reflexão estas que parecem da escola.

Religião que é ? — É o vínculo de piedade que une o homem a Deus.

Temos aí pelo visto dois termos — *Deus* e o *homem*, mais uma relação, o *vínculo de piedade*.

Falte um dos termos, impossível a relação; altere-se a relação, não ligará os termos. Em qualquer destas hipóteses, nada de religião. Apenas uma aparência restará, a qual tem já seu nome próprio, e é caso visto e previsto, chama-se *superstição*.

Em apoio da reflexão, diga por sua vez o senso comum. Pois merece nome de religião o comércio do homem com Isis ou Osiris, Júpiter ou Saturno, Brhama, Mithras, Odin, Endovélico ou que sei eu ?

— Não, porque não chegou a seu legítimo termo esta natural tendência do homem para Deus. Embargou-lhe o passo algum personagem, histórico ou mítico, um animal mesmo, uma planta, um astro, um rio, uma pedra, um nada, e por aí se ficou em seu serviço e ignóbil adoração.

E o maometismo ? — Essa topou seu *termo*, se o querem, quando *Allah* designe o criador e moderador do céu e da terra, o senhor único e absoluto; claudicou porém no *meio* por demais incapaz e grosseiro. Semelhante miscelânea não passa de um embuste mal urdido na parte dogmática, e é tão imoral na prática por fatalista e licenciosa, que não resiste à mais inocente crítica.

Fanática e infame desde o berço, não criou esta falsa religião uma só virtude, não fez adiantar à humanidade um passo único na civilização. Foi mera arma de conquista, azurrague de servidão e taça de prazeres vergonhosos nas mãos de califas, emires e xeques, não sei qual mais, se imundos se sanguinários.

Fica portanto no seu posto, só e desassombrada, a religião santa de Jesus. Qual outra ousará, já não digo com ela disputar competências, sequer emparelhar ?

*

Agora, de que seja o homem naturalmente religioso, em monção de ateísmo agudo também já quis alguém duvidar. E trouxe para o caso não sei que tribos desconhecidas tão feras de si, que até ignoravam Deus. Algo haveria que dizer sobre a questão de facto, dêmo-lo porém de barato.

Tão fundo pode cair, degradando-se por sucessivas corrupções e grossa ignorância, a pobre humanidade, que venha a perder Deus de vista !

O que é de todo o ponto líquido, é que o homem deixado à sua natureza melhor vai para Deus.

Ainda que não soubéramos dos livros santos, que tratassem nossos primeiros pais com Deus no paraíso, havíamos de crer o encontraram em sua alma, quando em idade adulta abriram os olhos à luz pela vez primeira.

A máquina do universo, toda esplendores e magnificência, prodígio permanente de poder e sabedoria acima de toda a marca, ferindo de assombro o espírito humano avergou-o naturalmente ao peso de uma admiração, presto a converter-se após momentos de reflexão, em rendida *adoração*. De entrada, adorou o homem o autor dos mundos de fora, e do que em sua alma sentia; quando porém veio a comparar sua própria *pequenez* com a *grandeza* da obra, e *a fortiori* do artífice, sua *fraqueza* com tão descomunal dispêndio de *forças*, suas *ignorâncias* com tão maravilhosa sabedoria, sentiu-se profundamente carecido e pediu, isto é *orou*.

E não só *orou e adorou*, também *sacrificou*. Leva o sacrifício implicitamente *adoração* e *oração*; a maior disso porém é *satisfação* pelo pecado.

Oferecer, matar vítimas é render preito ao autor da vida, e aplacar a divindade ofendida. Sempre assim se entendeu e entendeu bem.

Adoração, oração e sacrifício, eis o tríplice laço místico que num só se aduna, e constitui para assim dizer, o nervo mesmo a medula da religião.

E partindo das entranhas do nosso ser, como o grito clamoroso de uma necessidade imperiosa, ninguém dirá agora não ser natural ao homem. Sim, sim, à fé que nenhuma outra coisa o é mais. E como não, se nossa alma alimenta-se de Deus, ilumina-se de Deus, respira Deus ?!

Deus é o seu pólo magnético, seu centro de gravidade, força, vida, princípio e fim.

Retirai-lhe Deus, clamará às montanhas que venham sobre si, e morrerá de asfixia ou de inanição.

II

Bem é de ver que não bastava ao homem, no seu comércio com Deus, a débil relação cronológica de *antecedente* e *consequente*, nem ainda a ligação lógica de *causa* e *efeito*; que não se tratava aí de puras idealidades, porém de seres reais e concretos. E se as relações hão-de ser coerentes com a natureza mesma dos relacionados, certo que em o nosso caso, nem a mesma relação natural de *criador* e *criatura* respondia plenamente ao seu fim.

Criatura singular, *sui generis*, aparecera o homem, de onde lhe vinha exigir mais adiantadas relações, as quais lhe completassem a própria natureza, com darem satisfação a necessidades imperiosas e de nova espécie;

necessidades do entendimento, da vontade, do coração; sede de verdade inteira, de bem absoluto, de beleza sem mancha, pura, perfeita, completa.

E precisamente nesta correspondência hauria o homem a vida superior. Sentia-se feliz e na ordem, caminhando segura e placidamente ao seu fim debaixo das vistas de Deus. Espectáculo comovedor aos próprios anjos esta pequena maravilha, composto de tão estranhos elementos e a tão alta perfeição elevado!

Estava aí nada menos de um *cosmos*, um mundo todo, centro e nexo de dois mundos, uma criatura retrato vivo do seu criador, tendendo para Ele no tempo, atraída pela divina formosura, para alfim o gozar na eternidade, oceano sem bordas de bem-aventurança.

E pois havia entrado de um modo especial nas vistas de harmonia cósmica, fizera-o Deus não só imagem sua[3], reflexo da luz do seu semblante[4], como até espelho da criação, fim de todo o criado. E neste ponto quase a si mesmo o equiparou; pois se Ele é o fim do homem o homem é por seu turno o fim das criaturas visíveis:

Omnia propter hominem, homo propter Deum.

Chegara a ser o Benjamim, o mimoso da criação, o confidente do seu Deus, ministro e sacerdote seu.

*

Por aqui estava o comércio do homem com Deus, quando entre os dois surgiu o mal.

Entidade sinistra, de natureza eminentemente corrosiva e dissolvente, trazia nome de pecado, e nas entranhas a desordem e a última fase da desordem, a morte.

Caiu logo feito pedaços o laço religioso, e o homem abandonado à gravidade da própria fraqueza precipitou-se descrevendo no espaço giros estranhos, como «astro errante a quem espera uma tempestade de trevas por toda a eternidade»[5].

Eis o que não é romance, porém facto e facto qualificado, facto do homem — um acto.

---

3 «... ad imaginem et similitudinem nostram», *Génesis.*

4 «Signatum est super nos lumen vultus tui, Domine», *Salmos.*

5 S. Jud., *Ep.*

Como *facto*, vem há 60 séculos enchendo de páginas negras a história, se a história é alguma coisa mais que a triste comemoração de longa e funesta série de estragos seus.

Como *acto*, encarnou-se na mísera humanidade, e vai transmitindo de geração em geração, a título de legado avinculado sem abolição possível.

Quem nega isso ?

Não que então negaríamos a luz do sol ao meio-dia. Tão pouco é quanto lhe devemos ? — Eis o esquema em poucas linhas:

Tirania das três concupiscências, rebelião das potências inferiores e renitência do *animalis-homo*; na inteligência meias verdades, ignorâncias, erros; na vontade mortais desalentos para o bem, propensões para o mal; ilusões e misérias no coração, tormentas na fantasia, estragos das paixões; dores, enfermidades, trabalhos, dissabores, revezes da sorte e alfim a morte.

E se tudo isto experimentamos ao presente, que pensar do que foi em pleno reinado do pecado, durante a longa noite do paganismo ? Se tanto ainda nos pesam os resquícios do mal, que faria o próprio mal ? Se tanto arde agora a isca do pecado — *fomes peccati*, que abrasado incêndio não seria aquele ?

Assim distanciada do criador a sua criatura dilecta, chegou ao extremo de esquecer sua nobre *origem*, e perder de vista o próprio *fim*.

E não só isso, como até converteu em *fim* último as criaturas que lhe Deus dera simplesmente para *meios* : apertou ao coração e levantou acima da cabeça humilhada isso que lhe haviam posto escabelo de seus pés, degraus de mística escada por onde subisse até Deus. Caiu de rojo diante da criatura, mediu a terra e procurou, lhe fosse doravante seu Deus. E a obra das mãos dos homens, cega, surda, muda, imbecil, teve incenso, altares e sacerdotes. Não houve mais Deus, senão *deuses*.

Esta a desordem maior, mãe fecundíssima de desordens; esta a naiada maldita da torrente dos humanos desvarios, e a *origo malorum*, tão buscada e não achada dos antigos filósofos. E o que mais agravava o mal era andar, por tantos séculos a dentro, arredio da penitência o pródigo. Não que parece com os anos mais se lhe endurecia o coração e cerrava aquela cegueira de alma.

Pelo menos assim opinava, no melhor século da civilização pagã, um dos espíritos mais esclarecidos dela:

«Tudo vai deperecendo com o tempo. O século de nossos pais foi pior que o dos avós, o nosso já é pior que aquele, e de nós procederá mais estragada descendência.» [6]

---

6 «Damnosa quid non imminuit dies? / Aetas parentum, pejor avis, tulit / Nos nequiores, mox daturos / Progeniem vitiosiorem», Horat. *Od.*

Era a velocidade da queda, crescendo na proporção do tempo e dos espaços percorridos: *Viris acquirit eundo*. Era medonho!

*

Então, quando tudo invadira já o mal, e a corrupção ganhara as últimas fibras do coração humano, chegou com a medicina o divino médico. Momento oportuno sem igual!

Foi para que não alegasse ignorâncias o mundo, presenciando como *reformava* quem *formara*, com a mesma facilidade e competência; como punha vida onde jazia a morte, e do caos evocava a ordem e a beleza, harmónica e duradoura; como rasgava novos horizontes e criava um mundo novo.

Bem visto que para tanto só Deus.

E na criação deste mundo moral, destinado a ocupar os séculos e encher a história, as proporções do qual excederiam imensamente as do mundo cósmico, lançou desde logo o sublime arquitecto linhas dignas da obra.

Investiu à raiz do mal reatando o laço partido, com destruir a imputação da passada culpa. Reaparecem de novo depuradas e grandemente ampliadas a *oração*, *adoração* e *sacrifício*. Adoração... só a um Deus se adore e em toda a parte seja a oração contínua, e no sacrifício imole-se o próprio Filho de Deus.

Reparador e restaurador por excelência da primitiva harmonia, sua obra toda tendeu sempre para este fim — apagar os males gerados pelo pecado, e ganhar por este meio indirecto e pelo directo das suas novas instituições o homem; levantá-lo depois, senão à pristina condição de inocência, pelo menos àquela de liberto, em certo modo mais excelente ainda que a primeira.

Agora que já tem lançados os fundamentos, há-de o edifício subir rapidamente, sólido, harmonioso e bem acabado.

Seja de novo alumiado o espírito do homem, para que veja claro na própria natureza, reconheça a esquecida condição, dignidade, origem e destino. Possua e tenteie bem os meios adequados ao fim último. Para tudo isto surja nos horizontes da humana inteligência o sol da Fé que todo o espaço ilumine, e vão corridas de vez as tristes ignorâncias, e os erros grosseiros e daninhos do homem velho.

Penetre resolutamente com seu olhar o véu da criação e além achará a Deus qual é, autor de todo o criado, de tudo princípio e fim.

Aí tem o mundo da redenção: é todo beleza e harmonia divina. Desta feita, não se contenta Deus com soprar na argila inerte, há-de unir-se estreitamente com ela, vestir nossa mortalidade, para nos comunicar sua imortalidade,

fazer-se até certo ponto Ele mesmo argila. E agora cogite o homem, espere, deseje, ame, busque só, quanto esteja bem à sua natureza remoçada e alto destino. Ponha mais em cima o intento, levante o coração e purifique-o para mais nobres e santas empresas; e a vontade robusteça-se em mais activo comércio com Deus. Acrescente à oração, adoração e sacrifício, o *sacramento*, que é vivo manancial de graças.

Arme-se a Fé, Esperança e Caridade, tríplice escudo dos fortes doravante.

*

Não ficou aqui que não podia a obra da reparação. Do indivíduo passou à sociedade doméstica e civil a sua influência benfazeja. A tudo atendeu o divino legislador.

Agora vela a castidade o limiar da família, fica defesa a poligamia, quase anulado o divórcio e o repúdio proscrito. Sobe a *esposa* a par do esposo em direitos e dignidade, é cercada de cuidados e «reverência» a *infância*, e o *servo*, livre de direito, vai reconquistando gradualmente de facto a sua alforria.

A sociedade civil, assente agora nas eternas bases da justiça, e toda entrada do espírito de fraternidade cristã, humaniza-se notavelmente. Imprimem-lhe traços singulares de beleza não só, mas até de novidade, as virtudes cristãs. E este pequeno fermento fora destinado a levedar toda a massa, e a fundir num só dois mundos pelo menos, o romano e o bárbaro.

De repente tudo assumiu outra fisionomia. Modificaram-se usos e costumes; crenças, leis, estudos, gostos, tendências, tudo mudou. Esta a maior transformação que jamais viram os séculos.

Tomou Deus na mãos o mundo moral, como dizia um sábio contemporâneo, e imprimiu-lhe diferente movimento colocando nos dois pólos, onde antes gravitavam a *luxúria* e o *orgulho*, a *castidade* e a *caridade*.

E com esta nova orientação, obedece a humanidade a novas leis do progresso: tudo bem definido, acentuado, determinado e completo para o intento.

A lei orgânica é a *perfeição*, «sede perfeitos»; o modelo é o próprio *Pai Celeste* e o seu Cristo, «como vosso Pai Celeste»; lucro certo e imediato é a *santificação*, «tereis fruto na santificação»; última remuneração *a vida eterna*, «o vosso fim porém é a vida eterna»; meios adequados, «ama o Senhor teu Deus», etc., mais eficazes, «vai, vende o património, reparte-o aos pobres, anda depois e segue-me».

Foi tão previdente e universal em seus efeitos a obra da redenção, que nem uma só das necessidades que o homem padecia então, ou de futuro viesse a padecer, ficou sem remédio.

Não diz então plenamente com a natureza humana o cristianismo ? e pode um homem *compreender* e *empreender* uma obra tal como esta ? pode a morte criar a vida, a enfermidade a saúde, a fraqueza a força ?

Logo é natural ao homem o cristianismo; logo é divino o cristianismo.

Tão natural, belo e harmónico é, que as mesmas virtudes preceituadas para lograrmos a vida eterna, essas conspiram para a felicidade temporal.

Certo, foi esta verdade que a Montesquieu arrancou a tão sabida como insuspeita exclamação:

«Cousa notável ! a religião cristã que parece não fora destinada senão à conquista da eterna felicidade, gera a nossa felicidade já nesta vida.»

(*continua* *)

* *Nota da Ed.*: Este texto não foi continuado no *Progresso Catholico* e é pouco provável que o tivesse sido em outro qualquer periódico.

22

Porém Deus dispõe*

Tem a nossa península a feição de uma praça de guerra, cujos baluartes e cortinas molham enormes fossos marinhos, com uma ponte levadiça sobre o estreito e apoiada ao norte na escarpa do Pirenéu, de onde atalaia a Europa. A outros parecerá antes, uma fragata-escola de marinha baloiçando-se entre duas águas, acostada ao cais da cordilheira pirenaica. O que a todos quantos enamora a estética das coisas grandes pareceria soberbo é que tivesse um só porão a barcaça, um só alcaide o castelo. E isso *puseram* já os homens de outras idades; parece porém que Deus *dispõe*, visto como tão pouco durou e tão miseravelmente falhou o ensaio.

A *unidade* romana desconjuntou-se, como os muros de Jericó, à simples passagem das hordas bárbaras; a gótica pereceu de um só golpe em Guadelete; a filipina voou em estilhaços com a explosão de 1640.

Se à morte do rei D. Fernando voltara à sedutora unidade política a península ibérica, é muito duvidoso que o Colombo e o Gama se encontrassem no Oriente, tendo cingido com seus braços o mundo; porque sem o *mestre* de Avis, nada de Infante D. Henrique; se no princípio deste século fora *único* alcaide deste castelo o rei de Espanha (Carlos ou Fernando) quem daria caça ao abutre napoleónico ?...

Nada de utopias. Deus quer isto assim: que a velha nau de Espanha tenha o porão em compartimentos estanques, para que não aconteça mais ser alagada, como o foi pelo Norte no século V, pelo Sul no VIII.

Sempre o que Deus faz é bem feito; bendito seja Ele.

---

* Publicado em *Alma Patria* — Numero unico consagrado pela Academia do Lyceu Nacional Central de Braga aos Heroes de 1640. Braga, 1.º de Dezembro de 1897, Typ. de J. M. de Souza Cruz Braga.

23

*Putasne vivent ossa ista?**

São como as árvores as nacionalidades.

Esta de Portugal, rijamente sacudida durante a primeira dinastia pela moirama e o castelhano, mergulhara fundo as raízes e bracejara logo pelas quatro partes do mundo, largando por lá à farta as sementes da civilização cristã. Esta é uma página que pede meças às mais belas da História universal.

Tamanha pujança (é da ordem das coisas) não podia aumentar, menos ainda estacionar: esmoreceu, declinou minada por males de vária espécie.

Restituí-la à pristina grandeza não o logrou a tentativa de 1640, nem a do *marquês*, nem a de 1820 e subsequenter: frouxa a primeira; as outras porque visavam a intuitos de ordem inferior.

Que tão lastimoso depauperamento, todos criam morto o anoso roble; que até já os cogumelos do republicanismo jacobino lhe vão inçando o tronco. Quis Deus porém que novos rebentos anunciassem agora uns restos de vida. São os valentes de África: é Mouzinho, e Couceiro, e Galhardo, e Caldas Xavier, e Agostinho de Ornelas e outros à frente dos valentes anónimos dos filhos do povo, desses destemidos rapazes que marcham ao combate por mil perigos e fadigas, com a firmeza e serenidade dos velhos terços de Aljubarrota e de Diu.

Para que remoce Portugal, duas convicções e bastam: embeber profundamente no solo africano as raízes, e banhar os ramos no puro ambiente da Fé em Cristo e na Pátria, sob a signa dos *livres* de Ourique.

Quem é livre, vivo está.

---

* Publicado em *Voz de Verdade*, 4.º ano, n.º 199, de 20 de Janeiro de 1898.

24

Não! *

Porque estamos assistindo a um espectáculo vergonhoso, como de outro não tenho memória, e a onda suja engrossando de momento a momento ameaça tudo conspurcar, arrastando como coniventes quantos não lavrarem seu protesto, pretendo por estas letras gritar alto e bom som: Não!

Protesto que não vou nesse aluvião de mentiras, de calúnias e ódios bestiais contra religiosos inermes e inofensivas mulheres: uns e outros beneméritos na mais rigorosa acepção da palavra; uns e outros condenados sem processo, meus honrados *liberais*.

Não!

O vosso *jesuíta* não existe nem exstiu nunca. É uma falsidade histórica, é um conceito logicamente disparate. Porque a história não bebe na *Dedução Cronológica*, nem nessa torpeza do *Judeu Errante*, que rendeu 100 000 francos ao difamador dos jesuítas, Eugène Sue.

Esse *jesuíta* é criação vossa, é uma abstracção que a plebe ignara concretiza em todo o sacerdote apontado por vós como jesuíta, para os efeitos sabidos.

Não! Isso é uma trapaça ignóbil e criminosa.

Com o verdadeiro jesuíta trato eu há mais de trinta anos; e nem um só, nem um que não fosse modelo de sacerdote, na limpeza e compostura de alma e corpo; na ilustração aprimorada (que em alguns é de sobejo para que mereçam o nome de sábios); no amor ao trabalho e zelo da salvação das almas; na perfeita correcção e cortesia de maneiras; na fidalguia de sentimentos; na magnanimidade com que sofrem calúnias e vitupérios.

Deus sabe que não minto, e o sabem as pessoas que os conhecem e me conhecem.

* Publicado em *A Palavra*, de 16 de Março de 1901.

Pois bem; protestando contra essa coisa sem nome que aí corre, quero aqui deixar afirmado com todas as letras:

1.º) Que é inteiramente espontâneo este meu testemunho; pois ninguém mo solicitou, nem directa nem indirectamente;

2.º) Que é de todo desinteressado; já que por ele não há perigo de que me façam Bispo ou Conselheiro;

3.º) Que nego e rejeito com verdadeiro asco, por minha parte, a torpe insinuação de que o clero secular se associa nesta obra de iniquidade à gente jacobina;

4.º) Que nego como falsidade histórica e descarada hipocrisia, queira a gente sem Deus nem consciência poupar o clero secular;

5.º) Que, como cidadão português lamento que tenham os poderes públicos capitulado com o movimento revoltoso;

6.º) Finalmente, que formo ao lado dos vencidos: *causa vitrix diis placuit, victa Catoni*; que para tanto não há mister ser Catão, basta ser homem honesto.

Braga, 14 de Março de 1901.

MANUEL MARTINS CAPELA

Prebítero secular, professor no Seminário e no Liceu, examinador pró-sinodal, sócio correspondente da Sociedade Real de Arquitectos e Arqueólogos Portugueses, do Instituto de Coimbra, da Academia Real das Ciências de Lisboa e da Real Academia de Historia, de Madrid

25

A frio*

[I]

Contraria, contrariis. Não me lembro de qual escola de terapêutica é bandeira este latinzinho, e pouco me dá disso: da do senso comum me parece que será. Lá diz o prolóquio, que com água se apaga o fogo.

É o estado de ira e paixão odienta um como incêndio, que lesando o sujeito, aflige de tristeza e mágoa os outros, se a paixão vem de um princípio nobre; de tristeza e náusea, se procede de ruins instintos. Em ambos os casos é um doente o apaixonado, a paixão uma loucura inicial. Reclama tratamento especial portanto.

Tratar agora essa paixão entumecente, fleugmão, bubão, apostema ou que é, que aí apareceu de repente na família portuguesa, não cabe a físicos da minha craveira; observar porém a respeitável distância e estudar *a frio* o fenómeno, talvez.

Dêmos que seja *febre bubónica* n.º 2, porventura mais assustadora que a primeira e mais daninha.

Como nomes não fazem ao caso, nem figuras de retórica alteram a natureza das coisas, chamemos-lhe à boa parte *bubónica* n.º 2, como símbolo apenas do nosso arrazoado.

Bubónica n.º 2.

Vejamos:

—Terá sido esporádico este último caso ?

— Não o parece; não é.

— Mal endémico ou epidémico ?

---

* Publicado em *A Palavra*, de 20 de Março de 1901.

— Um pouco da primeira, muito mais da segunda espécie, atenta a rapidez com que alastra.

— Acaso não provirá da geração espontânea neste nosso meio social o terrível micróbio ?

— Geração espontânea *no hay*.

Se nos veio de fora, que ratazanas no-lo trariam ? Seria curioso e de proveito averiguar isso.

Sem querer aventurar conjecturas à toa, antes seguindo sempre pelo método *a frio*, não será lícito pela feição e hábitos de bestiola determinar-lhe o parentesco e procedências ? Feições um tanto vagas e pratiformes embaraçam ajuizar de pronto; o *habitat*, porém, gostos e tendências pronunciadas não deixam a menor dúvida: é o bacilo *jacobino*, importado de França com escala por Espanha, que agora atinge lá o estado adulto e prolifica sem conta nem medida.

Vêde-lhe os instintos, cá como lá.

Todo o sujeito infeccionado sente-se desde logo mal com Deus e com os homens; desconfiado, tristonho, crédulo, teimoso, irascível; maldizente e malfeitor ao menos em desejo; brigão, insolente, descortês. Sem critério, nem pudor, lança-se e impele os outros aos maiores excessos. Devora com doentia avidez as calúnias mais odiosas e inverosímeis; ele próprio a forja e sente necessidade quotidiana de renovar esse alimento celerado que o mantenha na embriaguez do furor brutal.

Gritos desordeiros e arruaças, insultos cobardes a mulheres e sacerdotes inermes; grosseiras obscenidades, companhia de gentalha perdida, ataque dos prédios à pedrada, etc., são-lhe expedientes ordinários.

Particularmente este da pedrada deve de ser o *tic* acracterístico: ensaiou-se em França, foi largamente usado em Espanha e na China por mão dos ilustres *boxers*, e é moda agora em Portugal e em Moscovo.

Logo, me quer parecer, será este nosso o mesmíssimo bacilo *jacobino*, que de fora nos veio para amostra da independência de carácter e patriotismo extremo de seus ilustres importadores. Enquanto nos Deus não livra dele, teremos a *bubónica* n.º 2, e nada valerão cordões sanitários nem postos de desinfecção.

Quem nos ao menos deparará um Ricardo Jorge !

26

A fresco*

II

Liberalite

Antes de atingir o período agudo das demasias violentas, passa a *bubónica* n.º 2 por várias fases, todas de carácter patológico mais ou menos grave. Assim a *liberalite* crónica, terrível predisposição para o morbo, pode ascender ao estado agudo por influição dos agentes patogénicos. Manifesta-se então já sob a forma de *furor jornalístico*, já do tipo *padre liberal*, ora do estudante director a sério da *mentalidade* pública, ora do *maçonismo* sorna, gulosos de tétricas bugigangas na loja; pobre fantoche que protesta pela liberdade, mesmo quando vai formando à discrição do ven. . . tratantes, ocultos na sombra.

Denuncia-se a *liberalite* crónica pela forma originalíssima de interpretar certas noções, aliás claras e sem espinha nem ossos para o resto dos mortais.

Assim a liberdade entendam-na como feudo privativo deles, no qual foram investidos para gozo próprio e exclusivo; e sob color de a defenderem (a sua, bem entendido) estrangulam sem escrúpulos a nossa, e ainda em cima lhes hemos de ficar obrigados.

Às vezes exibem-se desastradamente cómicos.

Quando à porta da Trindade foi à força introduzida na carruagem a sr.ª D. Rosa Calmón, por seu pai e acessor oficioso que lhe a sorte (?) deparou, cantou vitória um deles gritando:

---

* Publicado em *A Palavra*, de 23 de Março de 1901.

— Viva a liberdade !

— Também a liberdade da sr.ª Calmón ? seria caso para perguntar, se a gente não soubesse o que é andar de *liberalite* inflamada.

Nas festas do centenário pombalino, qual seria do famoso marquês a façanha que lhe mereceu da maçonaria a estrondosa ovação, e o colocou entre os santos maiores do calendário *liberal*, a ele que nunca entendeu patavina de liberdades populares ?

A companhia dos vinhos ? a reforma da Universidade ? as amenidades nas execuções capitais, em Belém e na praça da Cordoaria ?

Nada disso. Foi apenas a chacina dos jesuítas pelas masmorras e porões dos navios, e aquele pratinho de ter mandado assar vivo, às mãos da Inquisição, o velho missionário do Brasil, Padre Malagrida

Bofé com tal amor da liberdade dos nossos *liberais*.

Há dias o jornal, entre nós órgão da maçonaria, com *liberalite* no terceiro grau, achava «indispensável que os partidos liberais se não deixassem enganar por um doutrinarismo doente». Quer dizer esta gíria maçónica, que se não prendam os *liberais* com escrúpulos de respeito à liberdade dos outros. É o santo e senha, dado pelo senhor Brisson, em sessão de 22 de Janeiro último na câmara francesa, combatendo as Congregações:

«Prenez garde ! ne vous laissez aller à la coquetterie d'un vain libéralisme», como quem diz: deixai-vos de veleidades maluquinhas da liberdade nos outros. E pouco abaixo, como lhe fervilhasse ainda no toutiço e esta fosse a ideia picoto do muito nobre e muito liberal ex-presidente de ministros grande . . . pontinhos, acrescenta:

«Vous n'avez pas le droit de la sacrifier à des mots et, je le répète, à je ne sais quelle coquetterie libérale». Não sei se perceberam. . .

Oh mal da *liberalite*, a quanto obrigas ! Que sejas uma flagrante mentira, a negação formal do teu lema. Mas amainar velas, e voltemos ao remo e *a frio*.

Há poucos anos ainda, numa subcomissão para exame de livros de ensino secundário no ministério do reino, propunha um dos membros encarregados dos compêndios de história pátria para a 1.ª classe, fosse convidado o autor a incluir entre as biografias sumárias dos nossos homens ilustres na história contemporânea, as dos não menos ilustres Conde de Barbacena, D. Francisco Alexandre Lobo e Visconde de Santarém, ou a eliminar todas: por amor da imparcialidade histórica e respeito das famílias legitimistas, que têm também filhos a educar nos liceus.

Que não sendo a história, nem liberal nem miguelista, mas simplesmente história. . .

Logo atalhou o senhor presidente, um tanto irritado, com umas *razões* que podiam condensar-se na fórmula do bárbaro: *Vae victis !*

Soube-se depois que padecia este senhor de uma *liberalite* crónica, e ficaram as coisas na mesma para honra e glória da dita.

É talvez por força da mesma que D. Miguel *deixou de ter sido*, não sei se me faço compreender, para os meninos das escolas, rei de Portugal, de facto pelo menos, que de factos conhece a história.

Decreta-se que não tenha sido, e acabou-se a festa. Faz lembrar o que se atribui ao imperador Guilherme: «Quero que o ano de 1900 seja o primeiro do século XX».

Está dito, e contra isso nada.

Vejam agora:

— Mas senhores, se não quiserem ir à missa, dos frades ou não, ouvir-lhes os sermões, confiar aos jesuítas o ensino de seus filhos, aceitar a hospitalidade dos frades de São João de Deus (nosso português), dar esmola às Irmãzinhas dos pobres, quem os obriga a isso ?

— Fora, fora !

— Nós que também somos cidadãos portugueses, se no-lo consentem, porque não poderemos usar do que os senhores rejeitam ?

— Não consentimos. Fora !

— Ora suponhamos, por modo de exemplo, que os senhores tenham costela de judeu, como segundo a lei de Moisés lhes é vedada a carne de porco, lhes dá na tineta de nos proibir este suculento prato ? Segue-se que os toicinheiros e salsicheiros terão de fechar as tendas e passar a fronteira a toque de caixa ?

Vejam, senhores, a que destemperos não estamos expostos, se à medonha queixa da *liberalite* não atalharem de pronto.

27

O que eu deveria fazer*

Em semelhante conjuntura, se ainda fosse pároco, como há 20 e tantos anos, numa paróquia de aldeia, seria:

1.º) Esclarecer os meus fregueses, pelo modo mais singelo e peremptório, sobre quais sejam as pretensões, processos e resultados almejados pela maçonaria nesta campanha aberta contra as ordens religiosas;

2.º) Criar à roda de mim, entre os meus paroquianos, um pequeno centro de propaganda, encarregado de elucidar a gente ignorante e desfazer as mentiras, que não deixarão de por lá abordar, estejamos certos disso;

3.º) Com prudência, firmeza e constância aconselhar os assinantes de algum jornal de má orientação, como esses do Porto e Lisboa, regeneradores ou progressistas, que se nos agora revelaram jacobinos, a substituí-los pelos que neste momento solene formaram ao nosso lado.

Medida de sanidade (e já não vai sem tempo) que o direito natural à própria conservação autoriza, e a consciência preceitua.

É que, desta crise terrível por que está passando a Igreja em Portugal, nós os padres não somos porventura diante de Deus os menos culpados.

---

* Publicado em *A Palavra*, de 21 de março de 1901.

Este é o fruto de muitos anos de fraquezas, de culposa indiferença e desleixo [. . .] víboras que acalentamos no seio, mordem-nos agora.

Fora a imprensa sectária, a soldo da maçonaria !

Por Deus e pela Pátria, sus ! meus amigos.

Prudência sempre e caridade, pois somos dela ministros; mas firmeza e zelo e dedicação, que para isso nos ordenou a Igreja, e de nós isso espera a Pátria.

28

Pro domo mea *

Ao Jornal de Notícias

Amigo e senhor Fonseca.

Em duas palavras, que nem o assunto requer nem a ocasião dá para mais. Antes, porém, de passar adiante, tenho que me queixar do meu amigo:

1.º) Porque tendo eu sido executado em efígie pelo sobredito jornal com aqueles primores que todos viram, levou a sua crueldade ao ponto de descerrar o painel, dando o nome à criança;

2.º) Porque as tais provas em concurso não foram senão modestas;

3.º) Porque aquilo de «sábio», ainda se tolera como gracejo *inter amicus*; agora a sério temos conversado.

Ao articulista do *Jornal de Notícias*, o seguinte:

1.º) Não é verdade que eu finja pagar ao Seminário; pois lhe pago realmente: e não «uma parte», como diz, senão tudo *e mais alguma coisa*;

2.º) Que de contado nada recebo do Seminário;

3.º) Que da parte que os jesuítas tiveram na minha elevação ao professorado oficial, pode informar aí para não ir mais longe,

---

* Publicado em *A Palavra*, de 30 de Março de 1901.

o abalizado professor sr. Conselheiro Costa e Almeida, digno presidente do júri do exame de concurso e hoje, se não erro, presidente da junta liberal;

4.º) Que aos jesuítas devo finezas de ordem muito superior, que provavelmente escapam mesmo à penetração do meu amável panegirista. Pelo que, e porque com o leite bebi o afecto à ínclita Companhia de Jesus — afecto que a experiência de tantos anos vai robustecendo, e o espectáculo deste cúmulo de injúrias e afrontas sem nome, baldas do mínimo vislumbre de justiça, mais afervora, espero em Deus dele não retirar nem uma linha até à morte.

E fique dito por uma vez e para todos os efeitos.

29

Factos, não fábulas *

Os frades e um velho liberal da nossa terra. O Padre Meli. Duas hospitaleiras

Conheci e tratei pessoalmente, nos meus tempos de rapaz aqui em Braga, um venerando ancião, letrado erudito, prosador e poeta, tipo de honradez e probidade sem mácula, perfeito espelho do funcionário digno até ao escrúpulo. Estatura apessoada e porte majestoso, grave e asseado, afável; a bondade em pessoa.

Era Manuel Rodrigues da Silva Abreu, natural de Ponte de Lima e 3.º bibliotecário da Biblioteca Municipal.

Quartanista de Direito aí por 1828, teve de emigrar por constitucional e foi durante a emigração amigo e secretário íntimo de Almeida Garrett.

Secretário geral, mais tarde, do primeiro governador civil de Braga (Prefeito), contava ele que, incumbindo-o este de uma diligência de devassa a certos miguelistas desta cidade, tomara o chapéu e levantando-se a prumo dissera: «Se V. Ex.ª me não pode dar o pão senão por esse preço, declaro não o aceitar. Sou pobre e posso com a minha pobreza; porém, pobre e de mal com a consciência e dignidade ... duas pobrezas são, com que me não aguento.»

De uma vez, lendo num jornal os desatinos cometidos em nome da liberdade, não me lembro agora em que circunstância, vi-o sensiblizar-se até às lágrimas e exclamar: «E foi para isto que durante anos comemos o pão duro do exílio !»

Que diria hoje o honrado velho, se agora visse o que por aí vai !

Outra vez num grupo de frequentadores da biblioteca:

---

* Publicado em *A Palavra*, de 3 de Abril de 1901.

«Oh, sim ! Os frades foram uns insignes mandriões!» e apontava com solene ironia para as estantes do amplo salão, abarrotadas de livros, como favos em cortiço de abelhas. «Sabem os meus amigos porque esta gente não quis os frades ? Disse-mo um dos nossos: foi porque não houvesse em Portugal homens de bastante hombridade, para dizerem aos governantes a verdade, sem paixão nem tibiezas».

E era liberal este homem !

*

Do jesuíta Padre João Baptista Meli, bem conhecido nesta província e em todo o *Portugallo*, como ele dizia, e ainda hoje lembrado com viva saudade por inúmeros amigos entre o clero secular, dou aqui o seguinte testemunho:

Em 1885, se bem me lembro, por um concurso de circunstâncias sem exemplo na minha vida de então, possuía de meu a quantia de 100$000 réis, e fui um dia oferecer-lha para as obras da capela. O bom do Padre recusou, sem pestanejar sequer.

— Mas, sr. Padre Meli, eu sei que vossa rev.ma carece de recursos, e a mim nem aos meus nenhuma falta faz esta soma.

— Não, meu bom Padre, não *falamos* mais nisso.

E o rosto assumiu-lhe a expressão característica das resoluções inabaláveis. Mais não insisti, porque bem sabia ser tempo perdido.

Este Santo varão para aí moirejou perto de 30 anos, nas missões por diferentes terras, no trabalho assíduo das confissões, das práticas familiares, do retiro aos eclesiásticos; chegou a sofrer duras privações nos princípios do seu apostolado, e voltou à Itália tão pobre como de lá viera.

Fui encontrá-lo o ano passado em Nápoles, já velho e alquebrado de enfermidades. Assim mesmo me recebeu de braços abertos, como a quantos de entre os nossos, de Roma o foram então visitar. E com que saudade não fala da nossa terra !

Espírito culto, mestre inexcedível na direcção das consciências, alma de eleição sob o exterior de um João ninguém. E morre lá com saudades do seu *Portogallo*, o nosso bom Padre Meli !

Ora aí está um jesuíta típico, bem merecedor da grilheta pombalina, se não me engano.

*

Das minhas três irmãs que atingiram a idade adulta, duas entraram na Congregação das Irmãs Hospitaleiras, de Calais. Foi primeiro a mais velha, a quem a gente estimava por especiais qualidades de inteligência e de carácter; e por me ser governanta na residência paroquial, ia para dez anos. Conquanto frequentasse os sacramentos e gostasse de leituras e práticas espirituais, com surpresa lhe ouvi um dia a revelação do empenho e resolução tomada. Sem combater directamente o seu intento, ponderei-lhe assim mesmo o árduo da empresa e as durezas de tal viver; e aconselhei tomasse um mês para reflexão. Como alfim persistisse no seu propósito, acompanhei-a ao Porto e «foi recebida gratuitamente e quase sem enxoval».

Por falecimento de meus saudosos pais, partilhado por inventário o pequeno casal entre 9 irmãos afora o terço, coube-lhe por legítima a quantia de 480$000 réis, dos quais para ela recebeu a superiora apenas 400$000 réis, remitindo 80$000 réis de mão beijada. Ambiciosas criaturas, estas franciscanas, não tem dúvida.

Há 21 anos que esta santa vela dia e noite à cabeceira dos enfermos nos hospitais, sem custar um ceitil ao Estado. A estas horas está no de Setúbal, talvez a pensar as feridas aos infelizes e dementados socialistas que . . . que nada. Adiante.

Amanhã, se escapar a esse incêndio de ódios selvagens que arde à roda dela, terá para remuneração de serviços os baldões da insânia sectária e porventura a emigração, se não poder voltar à casa paterna.

É o meu orgulho esta irmã !

Seguiu-lhe os passos a mais moça, seis meses despois. Só 8 anos serviu esta e não mais.

Tratando no hospital dos Arcos de Valdevez os doentes de umas febres tifóides, contraíu o mal que a teve às portas da morte e nunca de todo convalesceu por lhe sobrevir um desarranjo mental que a reduziu à demência. Depois de várias tentativas de cura voltou a casa dos pais a nossa pobre Maria onde vive, se aquilo é viver, há 11 anos: doce, dadivosa, inofensiva como uma criança. De nada se queixa, nem nós.

Bendita seja a memória de nossa santa mãe, e por tudo seja Deus louvado.

Este apontamento deixo aqui, para instrução do libelo acusatório das congregações religiosas em Portugal.

30

A Justiça e Liberdade no *Manifesto ao Povo de Braga* por «Um Grupo de Académicos de Coimbra»*

É um espécime bonzinho no género, que merece ser arquivado.

Por mais que não o queira eu, teima em representar-se-me o tal grupo pela expressão 1 ½: meio bacharel, ou bacharel em erva, mais um arquibacharel, espécie de *doctor universalis, doctor nullus.*

Vêm a ser o *jovem Telémaco* e o seu *Mentor.*

Belo e comovente grupo, se para *Mentor* bastasse o ser velho, quando primeiro requisito é ter juízo.

Ora que havia de lembrar ao desatinado *Mentor,* há muito de candeias às avessas com a *Minerva* do bom senso ?

Foi-se à sua monstruosa panóplia de vingadores e virginais ferrugentas, armou em Ferrabrás de Alexandria o *jovem Telémaco,* seriamente embaraçado com o manejo de tais armas, e assim mesmo o atirou para a rua a espantar a terra, o mar e o mundo.

Felizmente que saiu mascarado de viseira caída o pobre rapaz, enquanto ficava o velho a espreitar pelo buraco da fechadura.

Recurso de valentes e assisados é este.

Admiremos assim mesmo o saber do velho e a destreza atlética do moço académico, que tudo isso vem à tona do tal documento, bem que o não pareça. Más línguas, as que teimam em taxá-lo de singularmente oco, oco a fundo ou seja *baroco.*

Que não é tanto assim.

*

* Folha solta, publicada em Braga, Typ. Lusitana, de Albano Coelho (1901).

Justiça e Liberdade! por elas clamamos nós, os párias, num clamor de mais de cem mil vozes, aumentando dia a dia. Se houvesse *justiça* há muito estariam a ferros, ilustres bandidos da pena que à farta se locupletam nas estradas infamadas da imprensa periódica, levantando grosso tributo sobre honestos e inofensivos viandantes.

Se houvesse *liberdade* para o bem fazer da caridade cristã, tanta ao menos como para as conspiratas *tenebrosas* dos inimigos da ordem social, não clamaríamos por ela assim.

Não lhes parece, ilustre «grupo»?

*

Estamos de acordo em que «no momento terrivelmente solene» (ou solenemente terrível, e dá o mesmo) «em que a sociedade vê ameaçada a sua instituição mais poderosa, a Família»... Cuidava a gente que a família era sociedade primitiva, anterior à sociedade civil; mas já aqui não está quem falou. Outrossim cuidava que a dissolução da família era obra da bestialização da alma humana por graça do teatro devasso, da literatura pornográfica, da lição quotidiana de suicídios, do divórcio, da concubinagem e que tais pestes daninhas, que porventura não entram nos processos jesuíticos.

> «... não podemos nós, que somos os elementos da sociedade futura[1] ... deixar de prestar o nosso modesto concurso ... exigindo na esfera das nossas atribuições o cumprimento rigoroso e integral das leis ...»

Como «elementos da sociedade futura», lá me quer parecer que o não sejam da actual; portanto o seu «exigir» tem quer que seja da graça infantil de menino amimado. Um conselho: reservem para a sociedade futura as suas exigências, e por agora expliquem em língua de gente o que significa este mirífico fecho de período: «das leis que impedem como ilegal e ilícito o exercício».

Exercício de quê?

---

1 As reticências ... no contexto do «manifesto» são aí colocadas agora, para significar *salto* de uma ou outra frase, sem prejuízo aliás da ideia principal que vai sendo analisada.

Se não fora importuno, diria ao *jovem* ou jovens *Telémacos*: estudem, meninos, estudem; que isso não fica mal a ninguém, sobre ser do seu ofício.

*

> «Soltando o grito de protesto não somos movidos nem por facciosismo, nem por correntes da moda, como se diz.»

Não, senhor, ninguém dirá isso. Apenas pelo prurido do *nos quoque* palitométrico, e talvez inconscientemente pelos cordelinhos da chafarrica: o que tudo somado não chega a «facciosismo», não senhores. Algum mal intencionado dirá mesmo que não passa de pedantismo, que sempre é alguns furos abaixo.

*

> «Arrasta-nos a este proceder, a convicção profunda e solidamente gravada no nosso espírito», etc.

«Convicção profunda» em tão verdes anos, meu caro J. T., é edificante e promete; agora «solidamente gravada», talvez ficasse melhor *chumbada*, se o espírito for de granito. Sempre era outra solidez para a convicção e para nós.

*

> «A Companhia, seita negra como a sotaina que os distingue», etc.

Não ajuizar pelo hábito, que não faz o monje. Senão, ora veja : a mocidade académica de Coimbra, seita negra como a sotaina que os distingue... Porque, não só é negra a capa e batina académica, mas horror ! do mesmo corte da roupeta jesuítica !

Como protesto, requeira lá para uniforme académico qualquer fatiota de outro figurino, amarelo ou verde-gaio.

*

> «A Companhia ... Seita proibida pela Religião Católica porque é secreta», etc.

Três inexactidões numa só frase, é percentagem animadora. Pois, amigo J.T., nem «seita», nem «secreta», nem «proibida»: o mais está certo e pode continuar. Para complemento falta só dizer-nos que a sociedade *maçónica* não é seita, nem secreta, nem proibida e fica tudo no são.

*

> «A base da doutrina jesuítica, ou antes a meta do seu labor, é o predomínio», etc.

Em que ficamos então ? base ou meta ? Ambas talvez, como quem disser que alicerce de uma torre e grimpa, o mesmo vale: podendo assim inverter os termos, o que daria certamente um quadro pitoresco.

Quanto a «*predomínio*», esse é na verdade o queijo cobiçado, que de há muito aguça os nobres apetites da matula judaico-maçónica nessa fúria desinteressada contra o jesuíta. Já o sabíamos cá.

Quando na alma do povo, perdida a Fé cristã e minada já pelo gusano de todos os vícios, estiverem anuladas todas as energias que levantam o homem acima da matéria, e dominam pela virtude os instintos bestiais, mantendo-o na altiva e justa consciência da própria dignidade — será ocasião de reduzir as classes trabalhadoras a mero rebanho de animais, massa inerte e amorfa, disposta para quanto dela queiram fazer.

Então reinarão os *intelectuais*, não havendo já quem lhes perturbe a digestão; e *caracoles !* para a liberdade, igualdade e fraternidade.

Pense nisto, que vale a pena.

*

> «Vestida hipocritamente de verdades [a doutrina jesuítica] arrasta os incautos», etc.

«Doutrina vestida de verdades», apesar do vistoso da metáfora e talvez por isso mesmo, não se percebe lá muito bem.

Acaso não são doutrina as verdades ?

Seja porém, se lhe dá gosto.

Em todo o caso não lhe parece preferível à de *erros* remendada de mentiras, uma capa de *verdades*, posta aos ombros da tal doutrina ?

É aproveitar-lhe a capa e deixar a tiritar de frio a doutrina, até que arranje nova capa da mesma fazenda, e assim por diante. Um rendimento seguro e gratuito, como infelizmente nos não proporcionam sempre as doutrinas anti-jesuíticas, vestidas de farpela de somenos preço e em pontos de hipocrisia, a *sinceridade* em pessoa.

Postos estes prelúdios segundo a usança dos heróis da antiguidade, que antes de ferir no inimigo o insultavam, prepare-se o pio leitor e em guarda ! que vêm agora a fundo os golpes da durindana de *Mentor*.

*

> «E para explicação da posse das riquezas [dos jesuítas] trabalham ansiosamente na legitimação do poder temporal do Papa», etc.

Realmente ! não sabia a gente que fosse espúrio, a legitimar agora, o poder temporal do Papa; menos ainda que houvesse ressuscitado para a tal legitimação o dito poder.

Agora o que é corrente, corrente, é que outra «explicação da posse das riquezas dos jesuitas», lhe não podia calhar melhor, que a dita «legitimação» do dito «poder temporal do Papa».

Pois, senhores, ninguém tinha dado por isso até hoje.

Esperem que o melhor vem agora:

> «. . . chegando a sua ambição [dos jesuítas, já se entende] a ponto de deliberarem viciar a doutrina de Cristo, deturpando a colecta de São Pedro», etc.

Oh !

Marotos de ambiciosos que tal «deliberaram» ! E rendeu-lhes a «deturpação», hein ?

Ora eis aí finalmente o segredo de suas imensas riquezas, e a gente na boa-fé ! Sempre quem sabe, sabe.

Então ?

> «... riscando a palavra *animas* onde estava *animas ligandi atque solvendi*», etc.

Com efeito !

Mas, Dom *Mentor*, que tinha que ver lá o *animas* na colecta, para secar a fonte das riquezas jesuíticas ?

— É que *animas* restringe a significação de *ligandi atque solvendi*. A São Pedro só foi concedido o poder de *ligar* e *desligar* «almas» e não dinheirame, percebe ?

— Nem por isso, mestre. Primeiramente os poderes de São Pedro não passaram assim para a mão dos jesuítas, nem o Papa é jesuíta. Depois não consta que Jesus Cristo redigisse a colecta de São Pedro, com ou sem *animas*, salvo o erro. Logo, onde está a tal «deturpação da doutrina de Jesus Cristo» ?

— É que a colecta alega os poderes de Pedro, fundada numa passagem do Evangelho, e...

— Porém o seu querido *animas* não está tal no texto do Evangelho. Como é então que retirando-a da colecta os marotos dos jesuítas (?) houve deturpação da doutrina de Cristo ?

Ora veja: «quodcumque *ligaveris super terram erit ligatum et in coelis, et* quodcumque *solveris super terram erit solutum et in coelis*» (Mat XVI, 19).

Aí tem como em vez do seu pobre *animas* dá o texto aquele cheio e retumbante *quodcumque, tudo aquilo que*, um poucochinho mais amplo, não lhe parece ? Logo...

Na colecta de São Pedro está: «*Deus qui beato Petro apostolo tuo, collatis clavibus regni coelestis, ligandi atque solvendi pontificium tradidisti*», etc.

«Deus que ao teu apóstolo Pedro entregaste a autoridade pontifícia de ligar e desligar», etc. Portanto, Dom *Mentor*, o seu formidável bote deu no chão.

— Mas como explicar o desaparecimento do *animas* nos missais, editados de 1600 para cá ?

— Facílimo em tese. Acontece todos os dias, se pode dizer, que nas sucessivas edições do missal, breviário e ritual romano apareçam interpolações, omissões ou fórmulas menos correctas que as congregações romanas têm cuidado de mandado corrigir. Isto sabe qualquer estudante de liturgia do nosso seminário; e se o crítico ainda duvida e não quer seguir o curso, pode consultar proveitamente o livro de texto, primoroso trabalho do Doutor Ribeiro de Vasconcelos (*Compêndio de liturg. roman.*, Coimbra, Imp. da Univ.) ou a *Explan. crit. breviar. rom.*, etc., de George Schober, Ratisbon, Pustet, 1891, entre muitos outros.

E não falemos mais no *animas*, quer ? E a «ambição» dos jesuítas foi-se desta feita.

Passo em claro os «canhões» e espingardas do Papa-rei», mais os «golpes de catana», que pelo oportuno da alegação e limpeza de linguagem mais valerá guardar, como jóias em escrínio.

Adiante pois.

*

«Querem renovar e restabelecer os cruzados», etc.

Se forem cruzados-novos ou *pintos*, não vejo mal, que era bem boa moeda; agora os «que sob o escudo da Cruz e da defesa [*sic*] do Santo Sepulcro» (?), etc., lá me parece difícil de engolir, ó caro *Mentor*. Com que então, nada menos que levantar uma cruzada para defender (resgatar é que devia ser) os santos lugares, estes negregados jesuítas ?

Nada; isto não foi a sério. Aqui apenas houve o inocente propósito de atirar aos jesuítas com aquele «violaram bestialmente as virgens de Jerusalém», etc. O qual tiro, como fosse de pólvora seca, apenas alegrou o rapazio e deixou grotescamente enfarruscado o imbecil atirador.

«Virgens de Jerusalém» é frase bem soante, referida aos tempos proféticos; agora ao ano da E. Ch., de 1099, depois de 400 anos de domínio muçulmano, é uma pieguice senil ou pouco mais.

O que não sabia provavelmente o *M.* é que Santo Inácio de Loyola, do século XVI fora como capelão do regimento de artilharia 4, de Godofredo do Bulhão, no século XI à tomada de Jerusalém.

É daí que os cruzados saíram eivados de jesuitismo.

Meta lá na panóplia mais esta.

*

«Fernão Mendes Pinto foi jesuíta, como o atestam duas cartas existentes na Biblioteca Pública de Lisboa», etc.

Jesuíta, sim e bem singular jesuíta. Para tanto descobrir porém não faz míngua alardear de sabedor de «cartas»; basta ler a história comum.

Agora se o douto *M.* puder dizer-nos onde teve os seus 2 anos de noviciado, segundo as Constituições da Companhia, prometo contar-lhe esse curioso episódio da vida do famoso aventureiro, colhido em fonte limpa.

Quanto a que «pelos coirmãos fora roubado», etc., nego, como injuriosa e gratuita afirmação que é.

Para tanto avançar judiciosa e honestamente, tem obrigação o acusador que se presa, de: 1.° dar na íntegra, cópia fiel das ditas cartas; 2.° provar como são autênticas as tais cartas; 3.° outrossim provar que o autor não estava, quando as escreveu, naquelas horas de fantasia que lhe valeram o apodo de Fernão Mendes *Minto*.

Faça isso, e voltem os autos com vista à parte.

Não lhe parece de razão, ilustre «grupo» ?

*

> «São Francisco de Borja foi incumbido por Carlos V, achando-se este no convento de Juste, de vir de Madrid a Portugal, em missão secreta, no alvo de fazer unir o nosso país a Castela» (à Espanha, talvez quisesse dizer).

Eu lhe digo: a gente podia folhear aí mestre Robertson (*Hist. de Char. V*) à cata do espaventoso caso; mas tarefa ingrata é procurar o que provavelmente não existe.

Pois como quer que tomemos a sério semelhante afirmativa ? O imperador monge no fim da vida, e o duque de Gandia jesuíta e desprendido até ao heroísmo, conchavados nesta empresa não sei qual mais, se ambiciosa se desmiolada ?

Então pelo visto aquilo era coisa feita. São Francisco de Borja tomava o seu bordão de caminhante pedreste, chegava a Portugal e zás ! ferrava com ele unido à Espanha, e foi uma vez a independência deste nosso jardim à beira-mar plantado !

Aqui há equívoco, Dom *M.*

O que hoje está averiguado é que São Francisco de Borja assistiu, aqui há anos, ao banquete de Badajoz e bebeu à saúde de Salmerón e da união ibérica. Os nossos republicanos da festa, sempre patriotas exímios, não eram tais republicanos; jesuítas encantados é que eles eram os marotos. Admira que isto não saiba, quem tanto anda no segredo dos deuses.

Tinha porém melhor prova da felonia dos jesuítas na vida do Padre António Vieira, que de patriotismo não percebia patavina. Só em pontos de ambição ninguém lhe deitava a barra adiante. Negregado patriota, este sotaina de Vieira !

E os nossos jesuítas aqui do colégio de São Paulo em Braga, não sabe como foram tredos à pátria em 1640 ?

Pois oiça lá o que nos diz do caso horrendo o nosso sábio bibliófilo Dr. Pereira Caldas, professor-decano de liceu [2]:

«Coube à *classe escolástica bracarense* — respeitável e veneranda — a *iniciativa* dos "aplausos" do "estilo", como lhe costuma caber de há muito a *iniciativa anual* da comemoração do *nosso resgate*.

«***De acordo*** com os professores que a leccionavam — e com ***aprazimento pleno*** — fez a *classe* repicar os sinos do *colégio* da ***Companhia de Jesus***, no largo de São Paulo, começando por dar sinal o sino do relógio.

«Eram então os estudos de *Braga* nesta casa conventual, etc.

«[. . .]

«Trouxeram-na a Lisboa [a Companhia de Jesus] por solicitação do rei D. João III ao Papa Paulo III, o Padre *Simão Rodrigues de Azevedo*, português, com o Padre Francisco Xavier, espanhol — ao depois o "***Apóstolo do Oriente***" São Francisco Xavier.

«[. . .]

«***Os eclesiásticos*** da cidade — com os nobres e seculares grados — misturaram-se entre a *classe escolar* e o povo; e tomaram parte ***cordial*** e ***sincera*** nos aplausos comuns.

«[. . .]

«Com este *alardo*, deram mostras ao público estes filhos nóveis das letras, que lhes ***transbordava*** no coração — com ***ânimos varonis*** — o anelo de *pelejar* pelo rei e ***pela pátria*** : afecto sacrossanto de alma, digno da *juventude escolástica*, esperança lisonjeira do porvir em todos os tempos !» (Da *Aclam. de D. João IV em Braga, noti. hist.*, Braga, Impr. Comm., 1879).

Ora aí está como os jesuítas maquinam a união ibérica, e formam discípulos, baldos de sentimentos nobres e patrióticos.

Terríveis políticos, estes jesuítas !

*

2 Vai con todos os *itálicos* e demais sinais gráficos, muito do gosto do conhecido publicista. Apenas nos permitiremos alguns ***normandos***.

> «Nós não incitamos à revolta [credo! essa é boa] nem fazemos guerra às associações [não, senhores, enviam-lhes mimos e folares da Páscoa, como se está vendo], que a liberdade é sagrada para todos.»

Mas o ilustre «grupo» do *J. T.* e *D. M.* não está a brincar com a tropa, ora não?

Não está a brincar não, senhores, pois duas linhas abaixo explicam a chalaça:

> «A liberdade não exclui a justiça e o criminoso segrega-se da sociedade para evitar contágios.»

Seja assim; na hipótese porém falta que saibamos: 1.º quais crimes cometeram os jesuítas agora perseguidos? 2.º onde as testemunhas ou documentos comprovativos dos seus crimes? 3.º foram acaso ouvidos para se defenderem? 4.º e qual a naturalidade e filiação dos criminosos? 5.º em que tribunal correu o processo? 6.º qual juiz lavrou o despacho de pronúncia e a sentença de condenação?

Ah! sim. Foram condenados por igual processo há cerca de 150 anos, estes singulares criminosos, quando nem eles nem seus pais eram nascidos!!...

Bem boa jurisprudência, não lhes parece, meus ilustres doutores?

Ora suponham os amigos que de hoje para amanhã a nossa sociedade portuguesa, farta já das gentilezas de tanto jacobino da *pena*, da *pedrada* e outras malas-artes, lhes dissolve os *coios* (é mal soante o termo, mas de lá veio) maçónicos, os persegue sem culpa formada como a cães danados por onde quer que se acoitem, até os ver para além das fronteiras. Que poderão os senhores dizer a isso? — «Que a liberdade não exclui a justiça, e o criminoso segrega-se da sociedade para evitar o contágio.»

Havia de ser monstruoso, não lhes parece?

E contudo seria justiça de talião, já que a lógica não tem entranhas.

Ora pois. Fiquemos amigos como de antes, meu *Jovem Telémaco* e seu *Mentor*; e concordemos aqui à puridade que triste ofício é ser moço de cego, mais triste ainda se um cego conduz outro cego.

E acabou a cantiga.

31

O «*Manifesto da União Liberal Bracarense*» *

Saiu isto ontem.

De que seja *bracarense*, não há dúvida, visto aparecer em Braga e nem todos os signatários serem adventícios; *liberal* também, pois se apura não quererem a liberdade nos outros, prova provada do mais genuíno liberalismo.

Quanto a *união*, lá me parece forçada qualquer coisa a nota. União bem unida de monárquicos e republicanos, de *socialistas* e burgueses *capitalistas* ?

Como dizem que sim, seja.

Mas na real verdade, se o fenómeno não chega à craveira de milagre de química social, à fé que o parece. Terrível explosivo teríamos aí, a não contar a gente com a inércia de certas drogas, já velhas.

Agora quanto a *manifesto*, nenhuma dúvida haja. O que desde logo manifesta, é no seu autor uma pobreza mental a tresandar as raias do verosímil, e a precipitação dos signatários, brilhante pléiade de homens conhecidos no mundo das letras... de câmbio, além de quatro borlas doutorais que o são e muito, no das outras também.

Sacro amor da liberdade a quanto obrigas !

É o manifesto um apontoado de períodos, verdadeiro rosário de pérolas que não de missanga, para esbagoar uma a uma, se para tanto der a devoção.

Entra assim:

> «Vamos proclamar bem alto com aquela isenção, que é própria dos homens livres, a nossa intransigência com a reacção», etc.

Bem está; pareceria porém que a *intransigência* era pertença cá dos caturras da reacção; já que virtude liberal dizem ser a *tolerância*.

---

* Publicado em *A Palavra*, de 4 de Abril de 1901.

Alteri tempi...

> «Para quê tantas hesitações, que ameaçam perturbar a ordem pública ?», etc.

Peço licença para observar que as «hesitações», coitadas ! são incapazes de nada perturbar. Quem hesita não procede; quem não procede como há-de perturbar, não fará favor de me dizer ?

> «Serão caso novo na História as medidas que se devem adoptar agora ?», etc.

Nem novo nem velho. Senão se adoptaram ainda, não existem; se não existem como pertencerão à História ?

> «Não diz a História, que outrora os jesuítas foram expulsos de todas as nações da Europa ?»

De todas as nações da Europa, não diz isso a História não, senhor. Conte lá bem pelos dedos e achará.

Depois destas três valentes estocadas no ar, para amenizar tão rude esgrimir vem uma tocante referência à Fénix da fábula, capaz de fazer vir lágrimas aos olhos. Superior bom gosto e erudição pasmosa.

Segue uma tirada erudita, arrancada à «bula» (bula não, senhor; breve é que é) de Clemente XIV, com o latim do qual se viu seriamente engasgado. Depois de umas regrinhas indigestas de português mascabo, teve a ingenuidade de nos revelar a sua competência na seguinte frase: «*Universum poene orbem parvaserunt molestissimas contentiones de societatis doctrina*», que tinha interpretado: «levantaram-se em quase todas as partes do mundo discussões muito penosas contra sua doutrina».

O que se levantou muito penoso foi o descoco de se meter nesta empresa, meu ilustre publicista. As tais discussões ou controvérsias apenas se «generalizaram ou penetraram»; e não há discussões *contra*, toda a discussão ou controvérsia é *de* ou *àcerca de*; e *de societatis doctrina* nem uma criança do 1.º ano de latim traduziria: «contra a doutrina da sociedade». Pergunte aí à pequenada do Liceu, e verá.

> «Não podemos aqui reproduzir tudo quanto S. Santidade disse em desabono dessas associações.»

Mas de quais *associações* ?

Clemente XIV só da causa dos jesuítas (que aliás é um pouco mais que associação, se dá por isso) tratou no referido breve, e a nenhuma outra se referiu o manifesto. É atrapalhação, provavelmente.

O *sint ut sunt aut non sint* (meta-lhe uma vírgula ao meio, que é mais bonito) é um título de glória para a Companhia de Jesus, que não careceu nunca de ser reformada. Acaso lhe parece isto mal ?

> «À vista das razões acima transcritas e da alta proveniência delas, será absurdo», etc.

«Razões acima» *no hay*, que a gente saiba, e o breve não acusa os jesuítas; apenas expõe as acusações feitas à Companhia por inimigos dela, tais como os jansenistas, os franco-mações, os iluminados, os galicanos e as cortes de costumes mundanos, como a de Luís XV, que ameaçavam romper com a Santa Sé, Para acalmar a tempestade, foram os jesuítas lançados ao mar em 1773; mas já em 1814 o Santo Padre Pio VII os restabelecia, e todos os Papas desde então os tem louvado o abençoado, incluindo o grande Leão XIII que se colocou a seu lado pelo breve *Dolemus inter alia*, de 3 de Julho de 1886.

Isto sabe toda a gente, e se duvida oiça lá :

> «*Clément XII publia le bref par le quel il abolissait cet ordre non en punition d'aucun méfait, mais comme mesure politique et pour la paix de la chrétienté.*»

Aboliu Clemente XIV esta Ordem, não por crimes dela, senão por medida política e pela paz da cristandade.

Isto não o disse nenhum jesuíta nem ajesuitado: foi o historiador Sismondi (*Hist. des Français*), que era protestante e *liberal* !

> «*Il resta toute sa vie attaché à la cause libérale.*»

Foi toda a vida liberal, como dele diz um crítico.

E por este diapasão afinaram os historiadores protestantes Schlosser, Schoel e Starck. Agora cá o nosso sábio é que não esteve por isso e fez muito bem.

Daqui levantando-se iroso e facundo, torna-se em verdadeira catadupa de coisas estupendas.

Ele é teólogo para nos convencer de heréticos; ele historiador para acusar «as associações de amargurarem os últimos dias de Galileu», que aliás viveu os últimos anos da vida (1637-1642) na sua quinta de Arcetri, acompa-

nhado dos discípulos dilectos Torriceli e Cavalieri; e para enxertar nos jesuítas a Inquisição, que aliás teve preso o jesuíta Padre António Vieira, e queimou vivo o jesuíta Padre Malagrida; ele é poeta lírico com a «árvore frondosa da liberdade», e com o «baluarte» da dita; ele é pregador de aniversário das almas, lembrando que «os ossos dos que nos deixaram tão precioso legado, ainda não estão inteiramente desfeitos debaixo da lájea das sepulturas», etc., etc.

Eloquente, verdadeiramente eloquente !

Só três bocadinhos para terminar, e vai já.

> «Se os reaccionários julgam deter a corrente do progresso com reacções moralmente impossíveis, enganam-se redondamente.»

Mas se tais reacções são impossíveis, como é que eles são reaccionários ? reaccionários impossíveis ? E se não detêm a onda do progresso, porque se esfalfa o amigo ?

> «Por nossa parte abraçamos com profundo afecto a liberdade, esse direito sagrado e característico da personalidade humana, sem que o homem não pode realizar no mundo o seu fim.», etc.

Acaso não serão homens os frades para «abraçarem a liberdade» de o ser ?

Liberdade só para nós, hein ?

A propósito das tais «instituições que entenebreceram os países da Europa», caso era de perguntar se também o douto manifestante sofreu do malefício; baste só este bocadinho:

> «*Dir-se-á tudo de uma vez — com honra e glória de Portugal — dizendo-se que se fala desta nossa pléiade literária, instruída nos claustros da nossa Companhia de Jesus.*»

(Credo !!)

> *Álvaro de Semedo, da vila de Niza, no Alentejo; António de Gouveia, da vila de Gouveia, no bispado de Coimbra; Francisco Furtado, da ilha do Faial, nos Açores; Gaspar Ferreira, da vila de Fornos, no bispado de Viseu; João da Rocha, da vila de Prado, no bispado*

de Lamego; Manuel Dias, da cidade de Castelo Branco, na Beira Baixa, etc. Braga, 20 de Julho de 1877. O Professor do Liceu Bracarense, (a) Pereira Caldas.»

(Da folha solta, O Padre Gonçalves, Sinólogo português.)

E basta.

Ora, senhores ! Isto não é de gente letrada; isto é simplesmente uma cataplasma, e assentem todos nisso.

32

Duas palavras *

[Duas palavras] a um dos signatários do *Manifesto Liberal Bracarense*, saído a público com epígrafe: «Aos liberais de Braga», entendo serem de razão.

Poucas serão, que a muitas não obriga o documento, o tempo escasseia, o ilustre anónimo fecha-nos a porta em retirada. E depois que poderá a gente, não dispondo de melhor arma que esta de pederneira, «da lógica rançosa da idade média», sem estação no mercado da ciência moderna ?

Dizem por aí os caturras que a Razão não é nova nem velha, nem fresca nem rancida; mas há-de ser engano, pelo visto.

Fora então com a «rançosa», e vamos pelo método infantil da *cartilha* :

Pergunta-se: Porque «faltou o doutor subtil à verdade, substituindo a frase do *manifesto* : *de todas as nações católicas* por esta outra: *de todas as nações da Europa*» ?

Responde-se: Por um lapso; e se o próprio «signatário» está inocente de tal pecado, seja o primeiro a atirar a pedra. E a prova está em que a emenda não ficou melhor que o soneto, deixando na mesma situação o autor do manifesto...

Porque afinal também não é verdade que os jesuítas tenham sido *expulsos de todas as nações católicas.*

Contando outra vez pelos dedos, acharemos que se *cinco* nações católicas os expulsaram, outras *cinco* pelo menos os não expulsaram.

Ora *metade* não é *todo*, me quer parecer.

P.: «Se é bula o documento que restabeleceu a Companhia, porque não há-de ser também bula o que a extinguiu ?»

---

* Publicado em *A Palavra*, 1901.

R.: Para encurtar explicações, direi que por uma razão análoga àquela muito sabida: *De rebus universitatis quod est, est.* Ou mais comezinhamente: Porque as coisas são o que são, e parece mal não lhes chamar pelos seus nomes. Aí está porque uma *lanceta* não é *bisturi*, nem o *fígado, baço.*

P.: Se «os jesuítas combatiam as heresias, e os frades de São Domingos presidiam ao tribunal da Inquisição e queimavam os hereges, não eram solidários nessa obra *gloriosa e humanitária* ?»

R.: Talvez sim, quando se prove que São Clemente de Alexandria, Santo Atanásio, Lactâncio, Santo Agostinho, São Jerónimo, etc., combatendo as heresias do seu tempo, foram *solidários* com a Inquisição; ou antes que o digno «signatário», combatendo as Congregações religiosas, se tornou *solidário* nas gentilezas dos beneméritos arruaceiros, a tanto por cabeça, colhidos há pouco nas redes da polícia em Lisboa e Setúbal.

P.: «Que tem a dizer aos dizeres do breve de Clemente XIX, com que foi extinta a Companhia ?»

R.: Tenho a dizer que o ilustre signatário talvez os não pôde entender, obcecado pela paixão. Torne a ler mais sossegado, a ver.

P.: Se não são caso novo na História as medidas a tomar, pois delas fizeram uso Pombal e Aguiar, porque não as adoptar agora ?

R.: Porque, se é razão *adoptar* agora medidas que sabemos pela História terem sido *adoptadas* noutro tempo, não vejo porque se não há-de reclamar a expulsão dos judeus que por aí ficaram, medida *adoptada* pelo rei D. Manuel; e assim mesmo o regicídio oficial, *adoptado* pela Convenção na pessoa de XVI; ou a degola dos inocentes, *adoptada* por El-Rei Herodes.

P.: «Não sabe o ilustre teólogo que a liberdade teve, em todos os tempos, mártires que preferiram morrer a serem escravos, o que prova a intransigência da nossa causa?»

R.: Em todos os tempos, não sabia, não, senhor; outrossim ignorava que o «signatário» e companhia experimentassem a sublime vocação do martírio.

Sempre será bom advertir, porém, para evitar equívocos, que o *mártir* só pratica a intransigência *passiva*: prodígio do próprio sangue, não derrama o alheio. Se nisso estivessem os nossos *liberais*, caso será de parabéns a eles, e a nós que já íamos sonhando com a honras do clássico *candeeiro*.

P.: Acaso o «ilustre crítico»... não sabia «que neste género de escritos» (do *manifesto liberal*) «a ideia é tudo» ?

R.: Porque o sabia, é que não pude levar à paciência tamanha penúria na espécie. «Ideia» naquilo ? Pois confessarei ter sido tão infeliz que, de quanto lá topei, o menos foi ideias.

Quem dirá que ao toiro do circo, — quando olhos cerrados e pontas baixas, arranca furioso contra o pano vermelho, é a *ideia* quem o move ? Não; não me quer parecer que alucinação seja ideia, por mais voltas que lhe eu dê.

P.: «Essa educação» (dada pelos jesuítas) não «e hoje reprovada por notáveis estadistas e publicistas» ?

R.: Tanto ém que os nossos «estadistas e publicistas» Emídio Navarro e José Dias Ferreira a escolheram para seus filhos e netos.

P.: Não se horroriza ao pensar na tortura da Inquisição ?

R.: Horrorizo sim, senhor, ao pensar na tortura da Inquisição e nas dos outros tribunais da época, que a receberam do direito romano. Já os cristãos a sofreram no tempo das perseguições; e o grande marquês de Pombal, para honra e glória de seus panegiristas *liberais*, não a empregou não, senhor.

*

De parte agora a *cartilha*, vamos concluir com recolher umas pequenas migalhas, mais pequenas ainda por endereçadas à minha insignificante pessoa.

«A modéstia, diz em parêntesis o amável "signatário", não é um dos seus atributos». Sobre isso confessarei que, dizendo uns que sim, outros que não, eu vou com os segundos e peço em suas orações se lembre de mim.

«E como é próprio dos espíritos fanáticos e vingativos, o ódio aos liberais desorienta-o.»

«Ódio aos liberais» não tenho, nem a ninguém neste mundo, graças a Deus; e de fanático e vingativo tão pouco me arguiu a consciência. Como porém isso não bastará para minha justificação diante de Deus; *nihil mihi conscius sum, sed nec in hoc justificatus sum* (Paul.) semelhante graça peço aqui ao ilustre «signatário».

«Mas não nos admiremos, porque, se ele é quem se supõe, há muito que semelhante sábio é useiro e vezeiro em insultar.»

Porque muito provável é que seja eu quem o ilustre signatário supõe, rogo que, por honra sua e correcção minha, publique sem perda de tempo — onde e a quem tenho eu insultado.

É certo andar a gente muito longe da mansidão evangélica, infelizmente; porém «useiro e vezeiro em insultar. . . » talvez não seja excessivo requerer provas, para disso me convencer perante o público.

E vem aqui a pêlo declarar, muito de pensado, que tanto na crítica ao manifesto da *União liberal bracarense* como na outra ao *Manifesto, por um grupo de académicos de Coimbra*, não foi intenção minha insultar nem melindrar ninguém; que não mantenho animadversão contra nenhum dos signatários, pessoalmente desconhecidos para mim na quase totalidade; que sempre me dói que alguém se ofenda ou melindre, com o que digo ou faço.

No tratar as questões é propósito meu pôr a descoberto o erro, não magoar as pessoas, segundo o *diligite homines, interficite errores*. Pelo que, se alguém se julga melindrado com alguma expressão minha, desde já e sem que mo exijam, dou por não escrita.

Quanto à tirada final, de Herculano, retratando vigorosamente o *fanático* e o *hipócrita*, responderei simplesmente à graciosidade da oferta:

Deus a todos nos julgará.

E mais não disse.

Porto, 1 de Maio.

33

Com os meus botões*

II

Eu e o outro

Fica entendido que o *outro* é a segunda parte de mim mesmo, resultante do conúbio híbrido de D. Quixote e Sancho Pança, «*concupiscência* dos olhos e *soberba* da vida».

Este *outro* é que é os nossos pecados para cada um de nós.

Dele se queixava aflito o grande São Paulo: «Encontro nos meus membros uma lei repugnante com a lei da minha mente, e cativando-me na lei do pecado. Oh ! quem me libertara do corpo desta morte !»

É de má raça o *outro*, é sim, senhor.

E contudo com ele nos haveremos dia e noite durante a vida inteira: que esta é a sorte de todos nós.

Agora o *Eu* puro, o *Eu* moral e cristão (não é pelo gabar na presença) isso é outra fazenda.

Sujeito aprumado e de juizinho, como se quer.

Por isso, quando lá por casa lhe brigarem os dois, fique-me o leitor de sobreaviso ! Incline para o segundo, que vai bem.

«Segundo» nesta enumeração por sair assim; em casa porém, o primeiro, como quem diz o *morgado*, é o *Eu*.

*

* Publicado em *Restauração*, de 13 de Dezembro de 1904.

O qual *Eu*, continuando no seu monólogo íntimo, porém não tanto à puridade que o *outro* não oiça, ia dizendo:

É bem verdade que durante muitos anos, a maior parte da minha vida mesmo, tive para mim que ao clérigo era vedada a política por preceito daquele: *Nemo militans Deo*, etc.; por incompatibilidade de funções e divergência de processos de moral prática; e até pela História, que entre tantos padres altos figurantes na política dos seus países, só dois me deparava lavados, dignos: o Padre *Vieira* entre nós, o Cardeal *Cisneros* em Espanha.

E repeti muito a miúdo e muito sentenciosamente: não; Deus não deu aos padres tal vocação; cada qual no seu lugar: o padre no templo, na praça o secular.

De Roma porém veio, por várias vezes, doutrina a modificar o meu exclusivismo; houve portanto de me acomodar, como cumpria, e eis-me...

— A politicar como toda a gente (torna o *outro*); com a diferença porém que tal política não te dará *honra* nem *proveito*.

Nacionalismo! já viram ?

— Também nele não procuro uma coisa nem outra: nem proveito próprio, egoísta, nem honrarias. Basta-me cooperar no bem *comum* e para honra da *pátria*; que bem carecidos andamos de uma e outra espécie.

— Honra da pátria e bem comum ! Honra da pátria é combater em África; e bem comum é o bem de cada um... portanto o teu primeiro.

— Combater em África é para poucos; combater cá é para todos.

Vença-se cada um a si próprio, e trabalhe depois e combata a bom combater na educação das gerações novas, e correcção dos excessos públicos e particulares, quanto possa e como possa, e terá bem merecido.

Escreva, fale, instrua as massas populares, defenda-as, norteie-as, acaudilhe-as mesmo quem puder e souber na reivindicação dos seus direitos, tanta vez conculcados pelos poderosos do século.

Fala e fala alto aos poderosos do Estado na reivindicação das liberdades e direitos populares; e tanto para aplaudir como para censurar seja sempre com a mesma ombridade e cortesia: com toda a isenção, imparcialidade e nobre destemor.

Isto é ser homem, e português, e cristão: isto é ser *nacionalista*.

— Eh, eh, eh ! bem falado, sim, senhores, mas por esse caminho não chegam lá; digo-lho eu, o *outro*, não sei se conhece ?

— Se conheço ! Tu és Sancho Pança. Vejamos porém onde é esse *lá* de que fallas, «lá», aonde ?

— A... a *partido* tão forte que até...

— Pareça *inteiro*.

— Não que sempre ouvi dizer: quem dá, parece-se com Deus.

E agora pergunto eu: nesses *partidilhos* de má morte, que poderão os senhores dar que encha ? Porque a bem dizer o que não enche barriga, não farta. Os senhores não dão nada disso, porque não é do programa; eu direi antes: porque andam à lisa.

Ora, não dando de comer à sua gente, como querem ter gente ?

Arranjar votos sem mãos *rotas* e consciência *rotíssima* a fazer *comissários régios* e outros muitos *arranjos*, é querer voar sem asas.

E aí está porque tu, meu irmão mais velho, que te chamas *Eu*, nunca passarás de cepa torta.

E é bem feito.

34

Padre do seu tempo *

Ex.mo e Rev.mo Senhor Arcebispo Primaz [1],
nosso venerando Prelado e próvido Pastor;
doutíssimos mestres [2];
mocidade estudiosa [3];
meus senhores:

Pela segunda vez, durante 12 anos de minha assistência no Seminário, me vejo exalçado a esta honra, direi antes — obrigado por força das circunstância a desempenhar este papel. Se já da primeira vez houve de fazer da

---

* Breve discurso lido na distribuição de prémios e solene abertura do Seminário Conciliar de Braga, no dia 8 de Outubro de 1908. Publicado em *Voz da Verdade*, ano 15.º, n.os41 e 43, de 15 e 22 de Outubro de 1908.

1 D. Manuel Baptista da Cunha, que preside acompanhado de seu ilustre secretário, Mons. Cónego Xavier da Cunha.

2 Cónego Dr. Gonçalo Vaz, decano; Mons. Dr. Joaquim Domingues Mariz; Dr. João N. Pimenta, Vice-Reitor; Dr. Correia Simões, Deão da Sé; Cónego Dr. Martins Peixoto; Cónego Dr. António A. Rodrigues, Vigário-Geral; Rev.º Padre Luís de Abreu Campo Santo, Director Espiritual; Rev.º Padre Emílio Maria Knaebel, Professor de Canto gregoriano. (Não assistem, impedidos por doença, os professores de Dogmática, Cónegos Drs. Cunha Guimarães e Cunha Brandão).

Mais do ensino secundário: Padre Francisco de Macedo, Padre Luís Gomes; Padre Roberto Maciel; Padre Manuel F. de Miranda; Padre Dr. Santos Mota; Padre Luís Portela; Padre Cândido de Miranda; Padre Dr. Agostinho de Jesus e Sousa; Padre Joaquim M. Gonçalves. (Não assistiu, por ausente da terra, o Dr. José A. de Moura).

No estrado do curso teológico tomaram assento, a convite, os Ex.mos Mons. Dr. Tiago Sinibaldi, Reitor do Colégio Português em Roma, e Mons. Fernandes Lopes, Director do Seminário de Santo António e São Luís Gonzaga.

3 Uns 140 alunos teólogos.

necessidade virtude, desta agora não será ambiciosa expressão dizer que venho à sobreposse. E assim mesmo satisfeito (seja Deus bendito !) satisfeito assim mesmo por obedecer à vontade do superior que é, como sabem todos, a vontade de Deus.

Pois que nos assista Deus com a Sua graça neste passo: a mim para colher talentos; a vós outros, paciência.

Senhores ! Na solene abertura do Seminário, recorrente cada ano por este tempo, é da praxe vir encarregado desta função um dos professores do curso teológico. Não se perceberá muito bem por que artes me colocaram nesse quadro, a mim simples clérigo de *requiem*.

Certo é porém que lá estou, e agora lhe sinto o peso.

De antes dizia-se isto em latim e tinha tema obrigado: *Oratio de Sapientia*.

Quebrados porém os velhos moldes, poucos anos há, adquiriu naturalmente maior amplitude, na escolha do assunto o discursador.

Não consentindo porém meus minguados recursos (sempre minguados e agora mais) nem a natureza desta cerimónia permitindo exposição doutrinal à maneira de lição ou conferência, sobre ponto de maior ou menor interesse do auditório, ater-me-ei a símplices e fugitivas considerações sobre **qual deve ser a disposição de ânimo e orientação do padre no meio da sociedade actual.**

É por me parecer que, já desde o Seminário, há-de o ordinando lançar suas vistas para a escolha da arma, como na Escola do exército, o aluno cadete.

Bem entendido porém: aqui como lá, tem de acatar a determinação dos superiores o aspirante; porque bem pode nesta escolha haver ilusão, não passando de veleidades ou fantasia, quanto se afigurou no ânimo juvenil legítima vocação. Nem todos podem tudo. Cada qual, para onde Deus o chama.

*

É então milícia o ministério sacerdotal ? — Por certo. Se já milícia é a vida de cada homem sobre a terra[4], que fará a do padre, posto pelo Espírito Santo à frente dos outros homens ?

Ora do mesmo modo que no exército, antes da escolha dos aptos para as armas especiais, se há-de formar o soldado: o homem forte, física e moralmente forte, animoso, valente, sóbrio, disciplinado, generoso, sofredor, cami-

4«Militia est vita hominis super terram», Job VII, 1.

nhando ao perigo com a firmeza que dão estes dotes, mais a consciência do dever jurado: — assim cá no seminário.

Seja padre, primeiro; homem de caridade, de zelo, de abnegação, de sacrifício. Saia depois armado em pastor de almas ou pregador da divina palavra; ou em professor, doutor e mestre; ou em missionário, jornalista, director ou cooperador de Círculos Católicos de operários, de Oficinas de São José; de Colégios ou Seminários, de Casas de correcção, de Hospitais, Leprosarias, de Regeneração de mulheres perdidas, e que sei eu mais?

Saia para trabalhar, resoluta e denodadamente, no grande campo do Pai de Famílias; que abundante é a messe e poucos os operários [5].

E quanto mais largas tiver e generosas as aspirações do seu especial ministério, tanto mais se esmere o seminarista na formação e cultivo do carácter sacerdotal, que lhe será sempre o substrato ou alicerce de todo o edifício.

É boa doutrina esta, pois não é? Primeiro a planta baixa, depois o alçado; que é contra as leis da estática construir no ar: *Prius est esse, quam aperari*, como lá diz a Escola.

*

A planta só, porém, não dá o edifício, nem a existência do ser dispensa a operação.

Vem a dizer: não se contente o seminarista com vir a ser um «padre sem cuidados», como de antes se usava, honesto capelão da própria família, aio dos sobrinhos. Para tão pouco não o chamou Deus a tão alta dignidade...

Ego elegi vos et posuit vos, ut eatis... [6] não para ficar em casa mas para dela sair, *ut eatis* ?

Aos santos Apóstolos não os chamou Cristo, Senhor nosso, para se aterem à profissão de pescadores no mar da Galileia: *Venite post me, et faciam vos fieri piscatores hominum* [7]. Saí daí ! vinde comigo e far-vos-ei pescadores de homens.

E ficou entendido desde então que, para pescar almas à moda de Cristo (e esse há-de ser o nosso ofício) teremos de abandonar o remanso do lar paterno.

---

5 «Messis quidem multa, operarii pauci», Mat IX, 37.

6 Mat XV, 16.

7 Mat IV, 19.

Certo é que os santos Apóstolos assim o entenderam: *Illi autem statim relictis retibus et patre, secuti sunt eum*[8].

*

Alguém haverá porventura a quem isto pareça novidade ou esquisitice de espíritos irrequietos; ver-se-á porém que tal não há, antes posto em muito boa razão este pensar.

Chama-se à Igreja Católica (e é) Igreja militante, e a milícia não recebeu instrução e equipamento para viver na caserna.

*

É outrossim a Igreja um organismo, vivo não só, mesmo cheio de vida, exuberante de vida. Por essa vida se mantém ela de pé há 19 séculos; vida que se evidencia outrossim na firmeza insuperável com que apara as investidas do inimigo de sempre, e acode com remédio específico a todos os males da família humana. Vêde, senhores, vêde se podeis, em rápido conspecto a massa enorme de benefícios de toda a ordem que ela reparte em nossos dias pela humanidade!

Pois bem. É o Padre precisamente seu primeiro e mais usual instrumento, seu ministro nessa obra ingente de saneamento social. Ora os instrumentos (relembrar os da cirurgia moderna) força é que sejam de variadíssimas formas para aplicações variadíssimas.

Logo também o Padre.

*

A isto, que parecerá subtileza ou simples argumento analógico, deixai-me dar-lhe outro arranjo, que porventura melhor vos agrade.

---

8 Mat IV, 20.

Pois não se diz para aí que deve cada um de nós ser homem do seu tempo ? (fórmula que se presta aliás a mais de um reparo). Porque não seremos nós então e com maioria de razão, padres do nosso tempo ?!

Sim; seja cada um de nós, no seu meio social, padre do seu tempo; a saber, pronto à primeira voz a tomar posição no combate da hora presente — tenaz, formidável, generalizado em toda a linha — contra a ignorância, erros e preconceitos de escola; contra os abusos da força e prepotências dos magnatas; contra a onda crescente da corrupção dos costumes, contra os ódios e malquerenças partidárias que tudo envenenam e, relaxando os laços sociais, ferem no coração a própria sociedade; contra a opressão e injustiças que sofrem os pequenos desvalidos; contra a indigência e miséria de toda a espécie que aflige o povo operário.

Vastíssimo campo aberto ao padre, onde pode e deve batalhar com denodo e constância, porém a seu modo. Não opondo violência a violência, mas empregando, contra o ímpeto das paixões ruins, o ditame sereno da boa razão e a doutrina evangélica, o zelo, a instância amorável, a paciência e magnanimidade; o sacrifício das próprias comodidades, interesses temporais e a própria vida, se preciso for.

E nisto não faremos mais que fizeram nossos antepassados no sacerdócio. Não pretendereis que vos aqui nomeie todos; que seria recolher numa concha o mar. Para exemplo e incentivo bastem-nos exemplos domésticos, a prata de casa; e desta, só a de maior preço, as jóias.

*

Vêde se terá sido *padre do seu tempo*, Teotónio, o santo fundador do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, antigo prior de Viseu, peregrino à Terra Santa, reformador dos Cónegos Regrantes, que foram viveiro de santos e sábios.

E António de Lisboa, a quem a Divina Providência, desviando da evangelização da moirisma para onde o impelia a sua alma de Apóstolo, arrojou às costa da Sicília para ser a luz da Europa meridional no seu tempo, e ainda hoje a devoção mais popular dessas gentes ?

E Gonçalo de Amarante, também pároco e peregrino, e a final a providência viva da sua terra adoptiva ?

Padres do seu tempo, como os demais.

*

Quando a pátria clama pela dedicação de seus filhos, sempre ao lado do patriota, o padre!

Quem derrotou os mouros no campo de Alcácer do Sal e obrigou à rendição da praça, não foi a hoste de Afonso II, que então andava cá pelo Minho noutros cuidados, — foi a gente de armas de D. Soeiro, bispo de Lisboa, e as do bispo de Évora, e as milícias de Pedro, abade de Alcobaça, e os freires de Malta e os de Santiago, mais as forças de cruzados do Norte fundeadas no Tejo.

Em Aljubarrota (bem o sabe a gente de Braga) entre os valentes do Condestável acutilava castelhanos, com brio de perfeito cavaleiro, o seu arcebispo D. Lourenço, o da Guerra chamado; e o abade do mosteiro de Bouro, nas guerras da Restauração, teve as honras e atribuições de capitão-mor por haver repelido à mão armada uma invasão pela Portela do Homem.

Com as descobertas de Além-mar, novo campo de actividade se abre ao clero nacional, não menos trabalhoso e arriscado, e mais em harmonia com o seu carácter sacerdotal: é o campo das missões entre infiéis.

Citarei só nomes e poucos:

No Oriente aquele milagre de missionários o Padre Francisco Xavier, cuja obra excede a epopeia; e mais tarde o Padre João de Brito, mártir do Maduré. Na África Oriental, o Padre Gonçalo da Silveira; no Brasil o venerável Padre José de Anchieta, o Padre Nóbrega e aquele portento, que encheu com o seu nome a história pátria no século XVII, Padre António Vieira. Todos jesuítas, não é verdade?

Que celerados!...

*

E agora me ocorre, senhores! Aqui mesmo, nesta casa, fundação de dois santos sacerdotes, D. Frei Bartolomeu dos Mártires, modelo de prelados e luz de concílios, e São Francisco de Borja, antigo duque de Gandia e depois humilde entre os humildes sacerdotes da Companhia, nesta casa famosa do colégio de São Paulo, foi seu primeiro reitor o ilustre mártir de Cristo, Santo Inácio de Azevedo, portuense, trucidado junto às ilhas Canárias com trinta e um companheiros, que viera colher ao reino para a evangelização do Brasil. Triplicemente simpático para nós outros: como mártir da Fé, como patriota, como superior desta casa.

Que não iria aí se agora déssemos lugar a um extracto dos anais desta santa, e ilustre entre as mais ilustres, Igreja Bracarense, que mais não fosse

desde D. Pelaio que teve de D. Afonso Henriques o senhorio de Braga, até D. Frei Caetano Brandão ? Mas não há tempo: vá de fugida.

*

Acolá o Bom Jesus do Monte e o Sameiro, de quantos Arcebispos de Braga e santos sacerdotes não guardam lembrança ? Citarei só um, cuja memória me é cara, que fez do Sameiro — a Lourdes portuguesa — o que Mons. Peyramale fizera da francesa: o Rev.º Padre Martinho, meu santo e sábio mestre.

Quem reacendeu a Fé em Portugal e corrigiu os costumes do clero ? — Deus misericordioso pelo ministério dos seus sacerdotes: Padre João Baptista Meli; Padre João Teixeira, de Bouro; Padre Carlos Rademaker; Padre Frei Manuel da Madre de Deus; Padre Joaquim de Bagunte; Padre João Rebelo; Padre António Pancada; Padre António Correia dos Reis e outros e outros.

E porque não citar os ainda vivos ?

Há mais de 40 anos fundou Mons. Airosa o colégio da Regeneração; há mais de 30 o Rev.º Padre Sena Freitas semeou cá pelo Norte as beneméritas Conferências de São Vicente de Paulo; há pouco menos disso Mons. Fernandes Lopes, criou o Seminário de Santo António e de São Luís Gonzaga.

Não vale encarecer qualquer destas obras: perguntarei apenas se também estes não terão sido «padres do seu tempo» ?

*

E não só aqui em Braga. Na vizinha cidade do Porto, quase se não topa com obra de zelo ou instituto de beneficência, sem o Padre.

Todos sabem como a instituição das *Misericórdias* em Portugal se deve a Frei Miguel de Contreiras, de origem espanhola; o *Seminário dos Meninos Órfãos* do Porto ao Padre Baltasar Guedes, por fins do século XVII; o *Asilo de Vilar*, de *meninas órfãs*, ao venerando Arcebispo Wanzeller, em nossos dias; a *Oficina de São José*, ao Rev.mo Padre Sebastião de Vasconcelos, actual Senhor Bispo de Beja; o *Recreatório festivo*, do Carmo, ao Rev.º Padre Pinto de Abreu; e... não omitirei o nome de Mons. Luís Augusto Rodrigues Viana, pregador da escola de Rademaker, durante 40 anos Director espiritual do Seminário do Porto, luminar do púlpito português no género das

Conferências, filho desta Arquidiocese e deste Seminário, e (perdoai-me a desvanecida referência) meu antigo condiscípulo.

Padres do seu tempo, se o foram todos estes!

*

Passo por outros sem me deter, por não alongar a lista, nem magoar modéstias de mais de um que porventura presente seja aqui. Fecharei assim mesmo com a referência de dois estrangeiros, ambos belgas.

Haverá uns 20 anos, levantou em toda a Europa um brado uníssono de aplauso, tanto entre católicos como entre protestantes, o caso do Padre *Damião*.

Acabava então de consumar o seu sacrifício morrendo numa ilha perdida da Oceania, habitada somente por leprosos; onde, como no Inferno de Dante, quem uma vez penetrava, deixava fora a esperança de lá sair com vida.

Pois entrou ele um dia, espontaneamente, para ser a providência viva daqueles desgraçados, e vítima afinal do terrível morbo. E à sua morte, não faltou quem quisesse substituí-lo naquele divino ministério da mais heróica dedicação.

O outro caso é o do Rev.º Padre *Rutten*, dominicano, agora mesmo feito mineiro para acudir às necessidades e salvar do socialismo ateu a numerosa população mineira da Bélgica.

Envergou a blusa de operário, empunhou a picareta e desceu às minas a trabalhar ao lado dos seus amigos operários. Basta!

*

E agora por conclusão cumprirá, meus senhores, responder a um reparo, e acautelar de um equívoco.

O *reparo* estará porventura em cuidar algum dos nossos seminaristas, que sendo-lhes propostas para imitar tamanhas culminâncias de zelo, talento e santidade, se pretenda as devam eles igualar. Não; o modelo seja quanto possível perfeito: a cópia, porém, merecerá segundo a menor distância a que ficar do modelo.

Aspirar seriamente à perfeição, é já perfeição. Relativa sempre ou de fim; que absoluta, só Deus possui. Pontarias altas, descontando a acção da gravidade sobre o projéctil, é de boa balística, segundo parece.

*

Agora equívoco seria tomar a expressão de *padre do seu tempo* por «padre modernista». *Absit* ! Tal não permita Deus.

É o «modernismo» a grande heresia do nosso tempo. Fulminada já e confundida por Sua Santidade o Papa Pio X, ora reinante na Igreja de Deus, na sua monumental Carta Encíclica *Dominici gregis*, de 8 de Setembro do ano próximo passado.

Contra a qual heresia, quer Sua Santidade todos estejam de sobreaviso, nomeadamente a mocidade estudiosa. Ele o diz no referido documento, e conquanto encarecimento e mágoa ! Escutai:

«Resulta daqui que a mocidade estudiosa aturdida com o clamor de tantos elogios [dos modernistas] e com os ecos de tantos impropérios [dos mesmos] para não ser acoimada de ignorante e ser tida em conta de sábia, estimulada pela curiosidade e pela soberba, deixa-se ir na corrente e alfim toda se entrega ao modernismo.

[...]

«Profunda mágoa [acrescenta mais além] ao ver desviados do recto caminho tantos jovens, que eram sorridentes esperanças da Igreja, à qual podiam prestar relevantes serviços ! Lamentamos também que outros, embora não enveredem pelo mesmo caminho, todavia respirando uma atmosfera contaminada, pensem, falem e escrevam de um modo mais livre do que permitido é a católicos. E procedem assim, não só leigos, mas ainda sacerdotes e até (o que menos era de esperar) indivíduos ligados por votos religiosos !» [9].

*

9 Seguimos a tradução autorizada do Sr. Doutor Silva Ramos.

Mas o que será em fim de contas o «modernismo» ?

— Mais fácil senti-lo por instinto e denunciar-lhe a índole daninha, que defini-lo.

É um Proteu de mil formas incoercíveis; tumor canceroso, invadindo surdamente os órgãos essenciais à vida cristã. É a maligna do erro, mais capcioso, subtil, versátil, desorganizador e funesto; penetrando no ensino «filosófico, na teologia, na crença, na crítica, na história, na apologética, na reformação».

Animado de espírito de novidade, temeridade e soberba, quereria como Oza [10], não só amparar atrevidamente a Arca Santa da Igreja Católica; mesmo dirigi-la por novos caminhos para ideais novos.

Assim é que se nos revela qualquer coisa de monstruoso, integrado por elementos discordantes, de positivismo de Littré, de idealismo kantiano, de panteísmo de Krause, de criticismo de Rénan, de transformismo haeckeliano. Tudo isto ou coisa pior ainda, e continuando assim mesmo a fingir de puro catolicismo aliás.

«Nasceu, diz Sua Santidade, da união híbrida da falsa filosofia com a Fé o sistema modernista, fecundo em tão grandes erros».

Será o maniqueísmo dos nossos dias, por analogia de origens ?

*

Para atalhar ao mal, inculca Sua Santidade, antes de mais nada, a boa filosofia como fundamento das ciências eclesiásticas: *Primo igitur ad studia quod attinet, volumus probéque mandamus, ut philosophia scholastica studiorum sacrorum fundamentum ponatur.* E acrescenta mais adiante: «Os professores tenham sempre presente ao seu espírito esta Nossa admoestação. Quem se afasta do Aquinatense, sobretudo em questões metafísicas, arrisca-se a cair em graves erros» (*Magistros autem monemus, ut rite hoc teneat. Aquinatem deserere, praesertim in metaphisica, nom sine magno detrimento esse.*)

E tão longe leva Sua Santidade o seu zelo neste ponto que determina: «Não seja para o futuro, conferido o grau de doutor em Teologia ou Direito Canónico ao candidato, que não tenha o curso de filosofia escolástica» (*Theo-*

10 2 Reis, VI, 6,7.

logiae ac Juris Canonici laurea nulli in posterum donetur, qui statutum curriculum in scholastica philosophia antea non elaboraverit.)

E acrescenta: «Sem este curso, o grau não terá valor» (*Quod si donetur, inanis donatus esto.*)

*

Resumindo por conclusão:

Olhe o seminarista como, uma vez ordenado de presbítero, melhor poderá servir os fiéis, mediante as altíssimas funções, tanto comuns como específicas, do seu augusto ministério. Seja sacerdote zeloso, sincero, leal, dedicado de alma, vida e coração ao alívio dos males alheios.

É *Padre* ? — Pois seja *Pai*, e nisso está tudo ! Evite o escolho da rotina, ociosa e ignóbil; igualmente fuja da novidade perigosa do «modernismo».

Quer saber praticamente como se isto faz ? — É muito simples: siga com docilidade os conselhos de um bom director espiritual e obedeça ao seu Prelado.

Disse.

35

Festina lente *

Preceito de alta prudência me parece será este, se bem que pelo enunciado antes o dirão paradoxo. «Apressa-te vagarosamente» bem se diz, mas entende-se mal; já que um dos termos briga com o outro. *Vagar apressado* ou *pressa vagarosa* representa ao nosso entender pouco menos que preto-branco. Talvez porque os nossos olhos mentais, à maneira dos orgânicos, muita vez se deixam levar de aparências, equívocas quando menos; não indo por esse caminho ao fundo das coisas, onde a verdade jaz inteira e viva.

É reparar melhor, e acharemos.

Basta para o nosso caso que a lentidão não signifique inércia, ronceirismo, desleixo, apatia; sim, movimento medido e concertado, sem rompantes ou abalos esporádicos, para que se dissipe como bola de sabão a birrenta antinomia do *apressar lentamente*.

É que a *lentidão* é só aparente, até parece *quietação* às vezes por falta de ponto de referência.

Pois é tanto do mundo moral como do físico este fenómeno.

Que enorme velocidade a de um ponto qualquer da superfície da terra na região equatorial, durante 24 horas de cada revolução em torno do eixo; ou aquela com que a terra voa durante o ano à roda do sol ! E contudo a nós parece-nos a terra absolutamente quieta, como se estivera chumbada sobre granito.

Corta um transatlântico na sua derrota, 16 e mais nós à hora: se um dia em pleno oceano o mar encapelado cobrir com as ondas o sulco aberto pela proa e o esteiro deixado à ré, parecerá estacionário no avanço, aos passageiros inexperientes. E comtudo marcha sempre, às vezes com a velocidade de um trem-expresso.

---

* Publicado em *Voz da Verdade*, Revista Religiosa, 21.º ano, n.º 23, de 4 de Junho de 1914.

Quem *viu* já medrar o eucalipto, árvore exótica que veio envergonhar as nossas mais corpulentas espécies florestais ? Pois de ano para ano bem sensível é a diferença: medra muito e medra sempre, mas à maneira das árvores, paulatinamente. É o nosso caso: *Festina lente.*

*

O mesmo cá nas coisas da vida. Mais avança quem sempre lida, que o desleixado guardando para amanhã o que podia fazer hoje, fiado na agilidade própria. É a lição do bom *Lafontaine*, se bem me lembro.

Uma lebre e um cágado apostaram qual dos dois correndo chegaria primeiro a um ponto dado. A lebre riu da ingenuidade da tardia tartaruga, confiada em que de dois saltos lhe tomaria a dianteira, e deu-se folgadamente a outros entertenimentos; enquanto a pesada tartaruga com o capote às costas se punha a caminho, andando devagar, mas andando sempre. Quando *dona Lebre* achou que era tempo, já não era tal: chegou primeiro o cágado e ganhou. E há-de ganhar sempre quem assim fizer, bem que o não pareça.

Por seguir este conselho, ficou na História o nome de Quinto Fábio Máximo, o *Vagaroso*, contra o voto e pesar de muitos ardidos e valentes generais romanos: o que bem caro lhes saiu em Tríbias, Trasimuro e Cannas, *si rite recordor.*

*

Mas a que virá afinal este aparato de coisinhas ? Vem para dizer que abundo nas ideis do rev.º P.e Pereira Júnior, aconselhando a mocidade a esperar e confiar.

É bom conselho, me quer parecer.

Está na própria natureza das coisas o ardor da mocidade e a pausa compassada dos velhos.

Destes dois elementos se há-de compor o andar proveitoso das empresas sociais, como de todas: massa e força, vigor e conselho. Se a massa não for actuada, jazerá na inércia indefinidamente; se a energia actuar sem resistência nem direcção, dará um conceito oco no campo especulativo, ou terá por muito favor a fórmula paulina: *Aerum verberans*, golpes no ar como os da palavra sem ideia. Se a ave, e até o foguete precisam de cauda para voar, e o navio de leme e lastro para navegar...

Ajuntemos então e concertemos os dois factores, e sairá produto acabado. Não excluir nenhum dos dois, nem inverter os papéis: velho *estouvado* e moço *apático* não dizem com a natureza das coisas, sem alteração do senso comum. O ginete, que masca o freio com alma e impaciente escarva a terra, é animal de bom sangue; carece porém do cavaleiro que lhe modere e dirija os ímpetos, sem o que seria energia perdida e porventura daninha.

*

Quer a nossa mocidade católica quem a conduza à peleja, e quer com ardor como é da idade e da generosidade de intuitos que a norteiem. Murmura, impacienta-se por não ver sair a campo, à sua frente, o clero e na primeira linha os prelados. É natural, mas todavia não será prudente nem justa a murmuração. Pensa a mocidade viva, inteligente e dócil como é a nossa que sobre os chefes impende a responsabilidade das *operações*; que estas demandam *táctica*, da qual é primeiro elemento a *disciplina*, e da disciplina o ouvir não só, mas *esperar* a voz do comando. Pensa outrossim que estamos em presença de um inimigo numeroso, astuto, organizado e sem escrúpulo no emprego de meios; que não deixará, se puder, de fomentar a indisciplina nas nossas fileiras, o que aliás é de boa guerra.

Que fará entretanto a juventude católica ? — Precisamente o que está fazendo, com aplauso e admiração dos velhos: frequentando os sacramentos e tomando parte nos actos do culto, estudando, escrevendo, falando, propagando a boa imprensa. Têm as academias ou saraus literários, os círculos de estudos, as Conferências de São Vicente de Paulo, as pequenas viagens ou excursões de estudo, o que sei eu ? Uma obra lhes aconselharia, se para tanto tivesse autoridade: os exercícios *espirituais*. Pensem nisso e, se tiver aprovação, para a frente é que é.

Refeitos assim o corpo e o espírito ou *trenados*, como dizem, amanhã será decisiva a sua acção social; e quando homens feitos, melhor saberão mandar, pois aprenderam a obedecer.

Este é o parecer de um velho que muito quer à mocidade, sem outro título para tão longa impertinência. E como dos velhos é caturrar, acabará por onde principiou:

Festina lente, «devagar que tenho pressa».

36

Recrutamento clerical *

[I]

Alistamento de padres no exército ?

— Não; alistamento sempre é, não porém dos padres, senão dos adolescentes na milícia eclesiástica. Outros dirão com maior elegância e propriedade: — problema das vocações à vida sacerdotal. Como quer que seja, o problema existe e quer solução, ou estudo pelo menos.

É um caso patológico, como dizia se fosse médico, o rápido decrescimento dos aspirantes ao sacerdócio. Presta-se a variada interpretação como fenómeno social; mas não é de arrazoados que está carecendo, senão de remédio.

Expô-lo aqui nesta folha oficial do clero bracarense, como usavam alguns povos antigos com os seus enfermos à borda dos caminhos, é procurar-lhe remédio nos alvitres e cooperação de todos; pois me parece não dará obra de um só, senão de muitos e sob a direcção de quem manda superiormente.

Dirão, padres, mais vale poucos e bons que muitos e fracos. Também sou desse parecer como toda a gente. No *poucos* porém há um limite pavoroso, o *nenhum*, e para aí se caminha rapidamente em bom número de paróquias rurais.

Entenderão outros não valer a pena inquietar, que à divina providência fica prover de remédio. Cuido que não há providência para os mandriões, que a não merecem: se alguém enferma, procura remédios; e o lavrador não espera seara, se não sementou.

---

* Publicado em *Voz da Verdade*, Revista Religiosa, 21.º ano, n.os 41, 42, 43 e 44, de 8, 16 e 22 de Outubro e 5 de Novembro de 1914.

Parece de senso comum, parece.

Certo é que a divina providência tudo dirige superiormente: *Fortiter et suaviter cuncta componens*; a nós porém, cumpre cooperar lizamente sob as suas vistas. Quem não entra no concerto, desconcerta.

*

Cheguemo-nos com factos. Aqui nesta ribeira do Homem havia no meu tempo de rapaz vários círculos de *Palestras*, formados pelo clero de 2, 3 ou 4 freguesias contíguas, com sessões semanais ou quinzenais segundo a estação, para a discussão de casos de moral ou dúvidas litúrgicas. No governo do Arcebispo D. João Crisóstomo foram abolidas as *Palestras*, e passaram os exames delas para os Vigários Gerais ou perante os Arciprestes.

Hoje não haveria mister de tal visão, por falta de clero que alimentasse as sessões, regularmente.

Num dos capítulos de visita que ficou no arquivo desta nossa igreja, não me lembra agora em que ano do século XVIII, recomendava o Visitador ao rev.º Abade que para as festas solenes da sua igreja e ofícios do corpo presente, convidasse por escala o clero da sua freguesia, para todos terem parte nos proventos.

Hoje para obter a comparência de três clérigos que, com os dois da freguesia, formem coro, é preciso ir às vizinhas e nem sempre se consegue; por impedidos noutros ministérios ou cançados pelos anos. Muitas vezes pergunto a mim mesmo: de aqui a vinte anos, caminhando isto assim, quantas freguesias deste concelho terão pároco próprio ?

Sobre dezassete paróquias talvez não mais de 4 ou 5 ! Padres de *requiem* é espécie extinta já hoje, ou pouco menos; pior irá quando nem párocos houver. E ainda se isto fosse mal somente desta ribeira, bem se remediaria afinal com o excedente das outras; causas gerais porém não se limitam a um ou outro efeito particular, esporádico.

Quando na administração de uma casa a *despesa* é constantemente superior à *receita*, que se há-de esperar senão a falência ?

Não tenho a nota dos sacerdotes ordenados nestes últimos quatro anos no Arcebispado; tenho porém a dos falecidos no mesmo período, por onde se avaliará aproximadamente o *déficite* progressivo.

Faleceram em 1910 *quarenta e dois*; em 1911, *trinta e quatro*; em 1912, *quarenta e oito*; em 1913, *trinta e sete* [1], ou sejam *cento e sessenta e um* ao todo, nestes quatro anos.

---

1 Estes dados são extraídos do Calendário eclesiástico.

Se a este número acrescentarmos os emigrados de todo o Arcebispado que por lá ficaram, não andará por londe de 200 a soma total das baixas. Para refazer os quadros seria oportuno agora saber quantos se ordenaram durante o mesmo período. Metade ? Temo que nem tantos: com um terço me contentava.

Tomemos agora o pulso ao doente e informemo-nos da sua *alimentação*. É um novo índice a confirmar o outro.

No 1.º ano do curso teológico do Seminário inscreveram-se em 1896 *noventa e oito* alunos; em 1897, *noventa e oito* ditos; em 1898, *noventa e cinco*; em 1899, *noventa e oito*; em 1900, *setenta e dois*; em 1901, *noventa e dois*; em 1902, *sessenta e dois*; em 1903, *setenta e dois*; em 1904, *sessenta e oito*; em 1905, *cinquenta e quatro*; em 1906, *cinquenta e quatro*; em 1907, *cinquenta e sete*; em 1908, *cincoenta e dois*; em 1909, *trinta e nove*; em 1910, *quarenta e três*; em 1911, *vinte e oito*; em 1912, *vinte*; em 1913, uns *dez*, segundo ouvi.

De maneira que em 14 anos, a inscrição que teimava em se manter por perto de *cem* desceu a *dez* ! E sem matéria-prima como aviar produtos ?

Cuidará alguém que o fenómeno obedece a causas passageiras, pois já noutro tempo, não muito remoto, isto se viu. Temo que assim não seja agora e direi por quê, se Deus me ajudar.

[II]

Os desvios, para mais ou para menos, de uma carta normal na afluência da mocidade aos estudos seminarísticos, bem quisera eu exprimi-los pela teoria do pêndulo. As oscilações do pêndulo porém são iguais e isócronas, à direita e à esquerda da vertical; as da frequência nem uma nem outra são.

Talvez com o barómetro nos entendamos melhor, vendo como sobe ou desce a coluna líquida à mercê da densidade do meio. Esta densidade varia obedecendo a vários agentes, mal conhecidos do *profanum vulgus* a que pertencemos. Outros há porém do domínio público, no meio social como no atmosférico.

Exemplifiquemos:

No meu 2.º ano do curso teológico no Seminário de Braga (1860) estavam matriculados *noventa* alunos, dos quais, por sinal, era n.º 1 *Joaquim José de Figueiredo*, de Góios, Barcelos, e n.º 90 *José Martins dos Santos Vilas Boas*, de São Bartolomeu do Mar, Esposende. Os dois cursos, anterior e posterior ao nosso, que tinham com ele algumas aulas comuns, eram sensivelmente iguais ao nosso; no ano seguinte porém o curso do 1.º ano foi notavelmente

menor, em virtude das novas disciplinas secundárias a que fora obrigado, por essa ocasião, para matrícula no curso teológico.

Foi-se reconquistando assim mesmo a normalidade, mas uns vinte anos daí, nova baixa produzida pelas famosas *comissões* que reduziram a fraquíssima percentagem os aprovados no liceu, onde davam provas então os aspirantes a clérigos. Foi uma *razzia* formidável. Os raros que dela escapavam louvavam-se depois como escapos de uma batalha sangrenta ou da invasão da febre amarela.

Porém como não há mal que sempre dure, anos depois eram organizados os cursos secundários nos Seminários para a carreira eclesiástica e a frequência teológica não só se normalizou na *quantidade*, e nela se manteve apesar de uma certa corrente de opinião desfavorável, se não que até melhorou consideravelmente na *qualidade*, graças à cooperação especial dos novos Seminários de *Nossa Senhora da Oliveira*, de Guimarães, e de *Santo António*, de Braga; e à informação religiosa dada aos alunos dos Colégios da *Formiga*[2], do *Espírito Santo*, de *Vila Real*, e de *São Tomás de Aquino*.

Da última queda, ao fundo mais que nenhuma outra, não há mister indicar a causa que todos conhecem: pode simplesmente resumir-se na eliminação dos dois Seminários de preparação.

*

Será porém causa única esta causa ? Não me parece.

Com serem mais subtis e modestas outras há que não deixaram de influir no efeito. E vinham já de longe, por nosso mal.

Não podendo nem fazendo ao caso desfiá-las aqui, bastará virem indicá-las sob a fórmula acima usada de *certa corrente de opinião desfavorável* à carreira eclesiástica. Também não vale nos demoremos a inquirir onde nasce e quem alimenta essa corrente; o que aliás não seria difícil, mas inoportuno agora.

Digam de si os factos e é bastante.

*

2 Os alunos deste colégio derivavam quase todos para o Seminário do Porto.

Durante 16 anos seguidos em que servi no Seminário conciliar de Braga, cuido ter estado em contacto diário com cerca de *mil* estudantes que, durante esse período, por lá transitaram. Para mais seriam, que não para menos.

Certo que não inquiri da família de cada um na escala social; os extremos porém fácil foi me ficassem, sem o procurar aliás.

Em 1000 estudantes desse tempo, quantos de família aristocrática e titular ?

Um apenas; quantos de família miserável ? Um apenas, cuja mãe era mendiga e assim agenciava com que lhe pagasse a despesa extraordinária.

Moços pobres, sustentados por benfeitores estranhos à família, dois conheci, mas dêmos que fossem seis ou oito ao todo. Ficam ainda 990 filhos de famílias, mais ou menos remediadas — algumas bem pouco remediadas, valha a verdade.

Quantas da fidalguia da província, da alta burgesia, do comércio e do grosso trato, da burocracia, da indústria fabril, da oficialidade do exército ? *nenhum* !

Seria acaso porque os pais embargassem aos filhos a carreira sacerdotal ?

Cuido que não. Ao contrário, alguns a indicaram e tentaram levar por esse caminho um dos seus filhos, sem efeito porém.

Seria, nestes casos, porque a educação doméstica tenha sido indiferente ou hostil à Igreja ? Muito pelo contrário.

Nos casos a que aludirei a educação foi escrupulosamente cristã, e a vida dos chefes de família, fervorosa e edificante, em casa e fora.

De vocação que houvesse de lutar contra a má vontade dos pais, não tive notícia.

O comum das nossas vocações é de via ordinária. Não passa de certa inclinação, mais ou menos pronunciada, para o estado eclesiástico, caminhando ao fim sem grandes obstáculos a superar. Das *extraordinárias* não diremos por saírem da regra geral que é a nossa.

Digamos agora alguns casos recentes e entre vizinhos, da esterilidade de vocações no seio das melhores famílias.

*

Em casas de fidalgos da província *vieille roche*: o filho mais velho forma-se em Coimbra, o segundo leva o mesmo caminho, o terceiro destina-se à vida clerical. Depois de uns anos de seminário pequeno, toma o rumo dos irmãos.

Um pai que foi um formoso talento apologista pela palavra e pela pena, católico prático e cidadão benemérito tem dois filhos: um forma-se em Coimbra, o segundo não segue curso literário.

Outro pai, igualmente crente, literato, benemérito da sua terra, tem quatro filhos: o mais velho é engenheiro; o segundo, formado em Coimbra; o terceiro, oficial do exército; o quarto não segue carreira literária.

Na burguesia ilustrada e abastada: um ilustre professor da Universidade, que foi glória da sua terra, químico e teólogo, conferencista e apologista científico de primeira plana, deixa filhos que honram o nome do pai pelos cursos universitários; no seminário, nenhum.

Outro homem de ciência também, luz dos congressos científicos e dos católicos, católico convicto e prático, benemérito da assistência aos pobres, educa uma família de moços dignos filhos de tal pai: três formam-se em Coimbra, outro não segue curso literário.

Ainda outro e cerremos a série: também homem de muito saber e professor antigo e abalizado. Nunca escondeu a sua fé, e nela criou numerosa família. Formou quatro filhos e um deles ascendeu ao magistério universitário. Outro deles foi dirigido pela formatura em teologia, às ordens sacras; derivou porém para a carreira civil, depois da formatura noutra faculdade.

Estes são os factos (e outros ainda que virão depois) os quais todos parecem autorizar a fórmula que dei, de *certa corrente da opinião desfavorável* à carreira eclesiástica.

Iremos vendo isto, se Deus nos ajudar.

III

Pelo visto e o mais dos autos, não são as famílias abastadas da velha fidalguia, da burguesia intelectual ou da burocracia, quem agora alimenta os cursos teológicos; não por falta dos pais, como se vê, mas por inoportúnia dos filhos.

Donde vieram então os novíssimos aspirantes ao sacerdócio? — Das classes populares, ou plebeias se antes quiserem: mais das aldeias que da cidade, mais da lavoira que das artes, imensamente mais.

É o homem dos campos, o nosso lavrador quem manda aos mercados as subsistências de primeira necessidade, e ao seminário os filhos para futuros mestres na arte das artes, o regime das almas: *Ars artium, regimen animarum.*

Abençoada lavoira. Lá disse um poeta latino, não lembro qual nem a que propósito: *Oh ! si sua bona norint agriculae...* que eu inverteria: Oh ! se a sociedade apreciasse bem quanto deve ao lavrador...

Este manancial porém já hoje não corre tão vivo e abundante como noutro tempo. Ressente-se da estiagem do cepticismo descrente e materialista, por mil maneiras assoprada sobre a ignorância do povo rural, *nesta hora adiantada da civilização*, como dizem.

Tão adiantada que atingiu já o zénite sobre Liège, Louvaina, Reims e outros pontos.

Deixemos porém vidas alheias e cuidemos da nossa.

*

Será certo então que mingúem as vocações entre os filhos dos campos ?

— Certíssimo, como todos vêem.

— Como assim ?! Pois não é verdade que, com o último abalo da sociedade portuguesa, se reacendeu mais viva a nossa Fé, em muitos entibiada senão morta ?

— É verdade pelo que respeita à concorrência aos actos do culto público, à frequência dos sacramentos, a verdadeiras conversões até; quanto ao espírito de sacrifício e dedicação, ainda não vi provas. A ordenação de um filho, actualmente, demanda sacrifícios e despesas superiores aos cabedais da maior parte dos nossos lavradores meãos, que são a grande maioria dos da sua classe. Falo do Minho em geral, e da minha ribeira em particular.

Além de que a Fé — falando de telhas abaixo — ateou-se por um fenómeno natural de repercussão ou reacção contra a violência; mas não dissipou a incerteza do dia de amanhã, nem o pavor e a desconfiança. Daí o retraimento de agora, mais pronunciado que o de há 10 anos atrás.

Não esquecer também que a cooperação do lavrador nesta obra não era todo desinteressada; procurava as benesses do filho que reverteriam, mais ou menos, em auxílio e amparo dos irmãos.

Por todas estas considerações — de propaganda maçónica tendente a obliterar no espírito do povo a crença, de encargos onerosos para as magras economias do lavrador, de desconfiança do futuro, de incerteza dos proventos clericais — não admira tenha esfriado o zelo nas promoções ao sacerdócio, na gente do campo.

Para admirar seria o contrário.

*

Tornemos à notação dos factos;

Desde tempos antigos este concelho de Terras de Bouro, vivendo exclusivamente da agricultura, com modesto rendimento aliás, mantinha em Braga uma *colónia* de aspirantes a padres, mais ou menos numerosa. Em 1911 essa colónia era representada por *dois* apenas que nesse ano concluíam o curso trienal; dos quais um nem chegou a se ordenar, por ter falecido depois.

Foram os *últimos abencerragens*... até hoje, e Deus sabe até quando.

Vejamos ainda de mais perto, cá pela nossa terra, individualizando vários casos. E antes de passar adiante, manda a verdade se diga que um poderoso factor, secundando os esforços de pai, era o *tio Padre*. Demais, o ter *padre* na família dava um certo lustre e acostamento. Dizia-se, é *casa de padre*, para significar certa limpeza e abastança. Assim é que em muitas passava, como uma espécie de legado, ordenar um padre, quanto possível, em cada geração.

Pois essa trama de *tios e sobrinhos padres* vai rompida também.

*

Numa casa de padres o actual ajudou a ordenar dois sobrinhos; estes porém não vejo transmitam aos seus o benefício, se é que os têm. Outra *idem* teve três padres irmãos; já falecidos e sem sobrinhos. Outra *idem* tem três padres irmãos, todos párocos colados, dos quais um bacharel formado. Tiveram um sobrinho só, em casa, que seguiu a Universidade para médico.

Outra família de vários padres e párocos, em duas gerações, conseguiu ordenar *um* na terceira, e este não sei se poderá fazer o mesmo, que por ora é cedo.

Um padre tem um sobrinho formado em teologia, que depois se casou e houve três filhos. Destes o mais velho é médico; o segundo, professor primário; o terceiro não seguiu letras.

Noutra casa de padres há um bacharel formado e casado que está na magistratura e tem quatro filhos: os dois primeiros formados em leis, o terceiro sentou praça, o quarto não entrou no seminário.

Em outra família antiga e nobre, o chefe é bacharel formado e tem um irmão padre: trouxe três filhos no melhor colégio da província, e nenhum deles pretendeu ordenar-se afinal.

Três padres, cada um de sua casa, encaminharam pelos primeiros estudos do seminário seus respectivos sobrinhos: nenhum deles vingou.

Direi agora o que vai cá por casa que também é *de padre* e tem dois ainda vivos: temos três sobrinhos que todos principiaram estudos. Os mais velhos

andaram pelos seminários pequenos, como internos, e não puderam ou não quiseram seguir; o mais novo fizeram-no lavrador.

Fechemos com o melhor exemplar da nossa terra em frutificação clerical: um pai que ainda conheci ordenou *dois* filhos; estes iniciaram por seu turno a ordenação de sobrinhos que foram dando a mão aos mais novos até ordenarem *quatro*.

O mais novo destes é precisamente o *último abencerragem* do concelho, a que aludi, e permita Deus o não seja também da família.

Grande esterilidade clerical cá pelas Terras de Bouro, como vêem.

IV

De modo que, se os dados aqui referidos têm algum valor significativo da crise ou anormalidade da vida católica nesta nossa diocese, de bom conselho será procurar-lhe remédio, antes que o mal se agrave.

Quaisquer que sejam as causas desse mal certo é que vão produzindo um fenómeno semelhante ao da esterilidade nos campos depois de longa estiagem. É uso então, se o céu continua de bronze apesar das nossas preces, se nem as fontes deitam já nem as represas conservam depósito para acudir às searas — tentar o aflito lavrador sondagens para novas surgentes; pois lhe ensina o instinto a buscar debaixo da terra o que em cima falta.

Toda a gente sabe como estiveram em voga, aqui há 60 ou 70 anos, em França os poços *artesianos*, dando tais mananciais que parecia coisa de milagre, e não era mais que *sangria* bem aplicada à terra mãe. É igualmente conhecido o expediente dos viajantes nas regiões convizinhas do Sahara: procuram água a poucos palmos de profundidade no leito das ravinas e torrentes dessecadas, e nem sempre perdem o seu tempo.

Pois façamos nós coisa parecida e porventura aproveitaremos.

*

Com estas que chamarei *sondagens* ou *sangrias* no campo católico pretendo acaso resolver o problema remediando o mal da deficiência de vocações ? não, por certo.

Isto que trago aqui não vale mais que mera tentativa, fácil e sem perigo para o enfermo: a ver se logramos excitá-lo da atonia que padece.

Outros melhor avisados por ventura receitarão mais poderoso estímulo. Diga cada um o que souber e salve-se o enfermo, que isso pretendemos todos.

Agora vá o meu *específico* que há muito trago de conserva.

Sendo certo que só da gente do campo podemos esperar vocações, e dado que maior impecilho dos pais seja a dificuldade económica, iremos em seu auxílio nós os padres, especialmente os párocos.

— Fornecendo dinheiro ?

— Não, que somos pobres.

Há outro meio porém: *quase todos* os lavradores pais de família e *todas* as maës da dita desejariam ter um filho padre. Apavora-os porém a ideia de mandar à cidade o pequeno a estudar, com o risco de gastarem em dois ou três anos as economias de muitos, para terem afinal um mandrião em casa, nem padre nem lavrador. E que bem fundado seja este temor demais o sabemos por exemplos dos outros e talvez nossos.

Que fazer então ?

*

Não penso numa *boca de incêndios* junto de cada *casa incendiada*, como pretendia o outro; mas se das 900 paróquias do Arciprestado um *terço* dos párocos se dessem ao mister de *bomba aspirante*, apurando desde o catecismo os pequenos inteligentes e bem inclinados, e prestando-se a lhes dar lições de português e latim... não quero já 300 párocos nesta faina; contento-me com um *terço* do *terço*, ou sejam *100* somente empenhados por esse arcebispado fora no apuramento de vocações, quem duvida que as coisas em poucos anos mudariam de face ?

Deixando fora da conta 800 para cobrir o *déficite* dos párocos das cidades e vilas de grande população, as paróquias que já não têm pároco, e os párocos impossibilitados por velhice ou achaques, não será temerário contar com *cem* párocos novos, zelosos, inteligentes e briosos, empenhados nesta altíssima obra de reparação das nossas fileiras, pelo ensino aos pequeninos, seus paroquianos ou vizinhos.

Quantos conheço eu, talentosos, cheios de vida e boa vontade, saídos do Seminário nestes últimos anos, que fariam imenso bem metendo mão a esta obra de alto zelo sacerdotal !

Talvz tenha cabimento aqui aquele magoado queixume: *Parvuli petierunt panem et non erat, qui frangeret eis.*

*

Dirão, porém, que é isso para a longa carreira dos estudos eclesiásticos ? — Cuido ser o principal, como trabalho de *apuramento* dos capazes deixando à margem os ineptos, e de *amparo* aos primeiros nos primeiros passos da carreira.

Se o pequeno promete, o pai anima-se e a coisa vai por diante: não há penúria de meios que tolha a carreira a um rapaz de talento, honesto e amigo dos livros. E é precisamente desses que nós carecemos cá.

— Mas o talento é *avis rara.*

Para encontrar o *rei* nas espigas de milho, quanta lida a esfolhar !

É verdade, mas sem esfolhar ninguém o topa. Nem faz míngua que todos sejam talentos.

A graça de Deus e a boa vontade do estudante, à sua conta fazem milagres.

Dião ainda: mas com o pároco estudo regular, se a toda a hora pode ser chamado a funções inadiáveis do seu ministério ?

— Pode, mas não exageremos. Em quase todos os dias do ano tem o pároco rural uma ou duas horas de folga; até as tem o urbano. Sabido é que o tempo bem repartido chega para tudo.

No campo quase todos são madrugadores, e é bom que o sejam.

Vejamos como pode ser: sai a celebrar ao *canto do pisco* que não falta no seu posto; acolita-lhe por turno um dos pequenos da sua escola, e no fim da missa toma-lhes a lição a todos mesmo na sacristia, à falta de lugar mais apropriado.

Nos primeiros dias é possível o venham procurar algumas devotas para a confissão; sabendo porém da sua nova ocupação não mais o importunarão a essa hora.

E se importunarem, que vão com Deus, que mais vale cuidar daquilo, que confessar beatinhas.

Longe iríamos neste caminho de hipóteses impertinentes que a boa vontade do pároco-professor remediará sem custo.

Em suma: querer é poder, e a prática já o tem demonstrado, mesmo no caso vertente.

Temos exemplos à porta de casa.

Com louvor e admiração de todos durante anos os reverendos Abade de *Nine* e o Reitor de *Vilar de Mouros* faziam bem mais que eu pretendo agora, habilitando rapazes para exame de disciplinas secundárias no Seminário; e o rev.º Abade de *Viatodos*, a sacerdotes para exame de concurso. E se me fosse lícito diria que eu mesmo algo pratiquei da primeira espécie, quando pároco. Não pretendo tanto nem acho acertado. *Cortar e tirar de linha* basta, *aplainar e afeiçoar* pertence ao Seminário pequeno.

Duas notas por conclusão:

1.ª) Esta ideia foi presente ao nosso grande Arcebispo que Deus tem, Dom Manuel Baptista da Cunha, e mereceu o seu assentimento.

2.ª) Carece de uma comissão central em Braga, sob a vistas da autoridade eclesiástica, que a organize praticamente e lhe comunique impulso e uniformidade, por intermédio dos muito Reverendos senhores Arciprestes e Vigários Gerais; caso lhes não pareceça uma utopia de sonhador acordado.

37

Recrutamento clerical*

Post scriptum

Numas coisitas há tempos aqui publicadas com a epígrafe acima, foi convidado o nosso clero bracarense a emitir parecer ou enviar solução do problema que nos ameaça, do progessivo depauperamento das vocações eclesiásticas; depauperamento do sangue, na *quantidade* digo, não na *qualidade*.

Solução completa já se reconheceu não ser empresa muito fácil, mormente para os pêcos como eu; chamar porém para ele as atenções, notar-lhe o mau carácter patológico, propôr algumas vias de solução, esclarecê-lo com dados estatísticos, procurar simplificá-lo tanto ou quanto, isso se tentou.

E, como lá dizem na escola, problema simplificado é meio resolvido, talvez aqui algum passo tenhamos adiantado nesse caminho.

Como quer que seja, a verdade é que já de Braga alguns amigos me enviaram a dizer que sim, senhor; e ultimamente «um colega», ilustrado e bem orientado, se dignou indicar-me alguns pontos que deseja ver esclarecidos.

Para corresponder a tanta gentileza, lançarei em *post scriptum* o que ocorrer, que pouco será e de nenhum peso, ainda mal.

*

Concorda o ilustrado «colega» que o estudo do latim na aldeia não só facilitava aos pequenos o ingresso nos estudos diminuindo os encargos dos pais, mas familiarizava com esta língua os destinados às carreiras liberais,

---

* Publicado em *Voz da Verdade*, Revista Religiosa, 22.º ano, n.º 1, de 1 de Janeiro de 1915.

médicos, advogados, etc.; e os armava de certos aforismos latinos de muito peso na prática. Entende porém, e talvez com muita razão, que o latim barato da aldeia, só por si, não desata a dificuldade das vocações clericais.

«Mas agora, diz, ouça V. uma coisa. Quantos jovens, quantos pais se retraem dizendo: *Isto hoje não vale a pena!* Isto chama-se ordenação para o estômago.»

Pois chama, se o estômago refeito é fim principal do aspirante às ordens, e portanto razão determinante da entrada, ou rejeição da carreira. Esses não nos fazem falta, e não aproveitaram nunca tais ordenações à Igreja nem aos próprios ordenados.

História triste e lutuosa de si deixaram esses infelizes, em todos os tempos.

Como porém todos temos estômago, mais ou menos ancho, se esta víscera se composer com o *quantum satis* da frugalidade, não lhe levaremos a mal o reclame; porque se é bem verdade, como respondeu Nosso Senhor ao tentador: *Nec solo pane vivit homo*, também o é que de pão vive; *attamen pane vivit*, poderíamos nós acrescentar. Nem devemos esperar que a vocação dos nossos rústicos seja em tanta maneira apostólica que, deixadas as *redes e o pai*, sigam a Cristo, ou esperem o pão de cada dia, como São Paulo Eremita, das unhas de um corvo.

Como bem sabe e melhor que eu, entre este critério da absoluta confiança na Divina Providência, segundo a enérgica palavra *Jacta super Dominum curam tuam, et ipse te enutriet*, e o daqueles que só na própria indústria confiam, à maneira do suíno que mascando uma a uma no souto a bolota e grunhindo em surdina, nunca levanta a vista para a árvore donde lhe caiu — temos nós o caminho chão, aberto para o comum, que no Evangelho Cristo Senhor Nosso ensinou: *Quarite primum regnum Dei, et justitiam ejus, et haec omnia adjicientur vobis.*

Aquele *primum* diz tudo, me parece, cá para o nosso caso.

Santos monges do ermo, *Padres da Divina Providência, Irmãzinhas dos Pobres*, e outros e outras, sempre houve na Igreja de Deus e haverá.

Os nossos padres da aldeia não aspiram a tanto, nem são obrigados; nem nós com eles.

Uma coisa é o *preceito*, outra o *conselho*: *Si vis perfectus esse...*

Mas perdoe-me V. R. este descair em sermão: hábitos velhos de pároco de aldeia.

*

Ponhamos a questão prática: se os pais emperrarem na falta de subsistência garantida para os filhos, *quid faciendum ?*

Propõe o meu respeitável colega uma solução nos seguintes termos: «escrever alguma coisa a respeito de uma associação de socorros mútuos ou de montepio eclesiástico, e se Deus ajudar na fundação dele, cairá por terra a dúvida ou receio apresentando, porque o pão das horas tristes sairá do coração dos irmãos, e que belo pão ! Parece-me que ainda é mais saboroso que o que noutro tempo saía do forno progessista ou do forno regenerador».

Também não estou longe de o assim cuidar, conquanto me não acorde de ter provado de nenhum dos três.

*

Agora pelo que toca à eficácia do proposto alvitre, permita-me o meu ilustrado colega algumas observações, muito singelas e de verdade, segundo me parece.

A primeira é que, posto tenha em muita conta os benefícios que do princípio associativo se podem auferir, *Montepios, Caixas rurais, Cooperativas, Seguros de vida,* etc., a verdade manda se diga nunca nisso ter lidado, pelo que, me falta experiência e autoridade para sobre ele discorrer, como V. R. insinua.

A segunda será que me não parecem de feição as circunstâncias actuais, para semelhantes empreendimentos; e a terceira e última, que rareando de dia para dia o clero — o novo por falta de recrutamento, e o velho por causa da morte que o dizima — mal se percebe como alimentar os montepios, compostos de inválidos que reclamam pensão.

Que fazer então ? Apelar para o clero paroquial da aldeia, não tanto para convencer os renitentes paroquianos com as razões de que neste mundo não há garantia de vidas que valham sem a confiança na divina providência, mas para cultivar com amor e dedicação o espírito juvenil, onde lance pacientemente as sementes da Fé que darão a seu tempo frutos óptimos, com a graça de Deus. *Escolas de latim, exercícios desportivos, juventudes católicas, círculos de estudos, pia união dos filhos de Maria,* eis o campo aberto a seu zelo, donde levará de vencida os inimigos da nossa Fé.

Queira o pároco com entranhas de pai ao seu rebanho, e tudo será salvo.

38

Post scriptum *

II

Alguém disse já que sob este latinzinho, no remate de uma carta de senhora, está o móbil principal que levou a escrevê-la. Pode muito bem ser, pode.

Agora cá não será este o móbil principal, visto não haver tal prudência espistolar nem a gente andar à lei de senhoras; o que houve foi outro *post scriptum* de que este é segundo; e mais nada.

É um caso muito simples. Certo anónimo, varão esclarecido, zeloso e bem intencionado, mesmo colega segundo me assim trata, vai já na terceira carta a me insinuar a conveniência de ventilar certos assuntos, que se lhe afiguram e são por certo da maior importância.

À *primeira* missiva pela *posta interna* respondi aqui e sobre o joelho, valha a verdade; para a *segunda* não houve oportunidade de resposta; para a *terceira* vamos agora ver o que sairá, se a ilustre Direcção de a *Voz* estiver para me aturar as caturrices.

Se nisto vier pois a Direcção, para satisfazer tanto quanto ao ilustre anónimo, e outrossim me penitenciar de ter ocupado com frioleiras as colunas desta revista, espero transcrevam na íntegra a inclusa, com o corte apenas de uma expressão menos parlamentar. Outras ainda, tais como *sabor clássico, pena quinhentista, pérolas*, etc., passem embora a benefício de inventário, se o Ministério Público não interpuser recurso.

---

* Publicado em *Voz da Verdade*, Revista Religiosa, 22.º ano, n.º 10, de 4 de Março de 1915.

Ex.mo Sr. e meu colega muito autorizado:

Li ontem a Voz da Verdade *e para satisfazer a minha curiosidade li também as reminiscências juvenis de V. Ex.ª. Confesso que gostei delas pelo sabor clássico que uma pena quinhentista soube comunicar-lhes. Mas só por isso. Esse semanário destinado exclusivamente ao clero devia apresentar-se varrido de tudo o que não seja verdadeiramente prático, verdadeiramente didáctico, verdadeiramente apologético, de forma que coleccionado seja para os seus ordinários leitores um repertório e um repositório que supra a deficiência de obras científicas mais pesadas para a bolsa. Na bagagem cerebral que V. Ex.ª levou para aí sei que se escondem pérolas que, vindas a lume, podiam enriquecer outros cérebros. Há teses em ciências naturais que são sempre palpitantes, e grande serviço prestaria V. Ex.ª se de quando em quando no clerical semanário fizesse com o seu irrepreensível aticismo a demonstração de qualquer dessas teses. Por exemplo: «O dilúvio foi universal ou o dilúvio não foi universal». «Antes do dilúvio não havia arco-íris ou antes do dilúvio já havia arco-íris». «O homem não descende do macaco ou o macaco não podia transformar-se em homem simplesmente por uma evolução natural». Estas demonstrações feitas com laconismo que não prejudicasse a clareza seriam assaz proveitosas para avivar e conservar aquilo que a rapaziada faz que apreende, porque o apreende entre* cólicas.

*Outra coisa. Agora peço a V. Ex.ª que por modéstia se não esquive a escrever qualquer coisa sobre uma necessária associação de socorros mútuos ou monte-pio diocesano para o clero. Acabo de ler n'*A Liberdade *uma triste notícia dada em carta pelo trabalhador P.e Silva Gonçalves — é o abandono temporal em que se viu um bom colega nosso nas últimas horas da sua travessia para a eternidade!*

Estúpido! vergonhoso! nefandamente cruel! Os filhos do século sabem associar-se, e os filhos da luz não sabem a maneira de arrancar um irmão às garras da fome! Como o clero ficou atrás daqueles que o inspirado doutor do Vaticano nos apresenta para exemplo! Eu já disse a V. Ex.ª que o clero tem de caminhar retrogradando ao teor das ordens religiosas — uma só alma, um só coração e uma só bolsa, porque nos tempos actuais não tem tempo de pensar em bolsa própria. Suponhamos que mil associados contribuem com 300 réis por mês para a bolsa comum. Temos 3.200$.

Com isto e com o mais que a dedicação sugere algo temos para as necessidades temporais uns dos outros. Enfim em adquirir recursos não pensemos; pensemos, sim, em adquirir boas vontades, união, critério, porque havendo isto como matéria-prima os recursos naturalmente aparecerão. Disse eu que o clero hoje não tem tempo de pensar em bolsa própria, quero dizer não tem

tempo de pensar no pão de cada dia, para si, porque precisa de consagrar todo o tempo ao pão do povo.

Pão do povo é todo o ensino, e em especial pão do povo é a catequese, pão do povo são os sacramentos, pão do povo é o confessionário, pão do povo são as obras de misericórdia, pão do povo é a escola diurna e nocturna, pão do povo são a celebração solene dos Mistérios do Nascimento e Redenção com tudo quanto a liturgia permita, pão do povo é o mesmo drama religioso e com isto o ensino por meio de projecções, pão do povo é insuflar vida em caixas económicas e bancos rurais, pão do povo é ensinar e lembrar no meio dele os mais vantajosos processos de agricultura, pão do povo enfim é andar no meio do povo interessado pelo bem do seu corpo para mostrar-lhe que é sincero o interesse pelo bem da sua alma.

Já vê V. Ex.ª que o clero não tem um momento de vago para pensar no seu estômago e por muito bom que ele seja o estômago tem de atender, e suficientemente atende nos dias da enfermidade por meio da associação.

Ainda insisto na mesma ideia:

O clero tem de modernizar-se atrasando-se, isto é, fazendo o que fez um Miguel Contreras, um D. Bosco e tantíssimos sacerdotes das fileiras regulares e seculares que nas confrarias e outras instituições deixaram toda a qualidade de pão para o povo. É certo que o clero actual está em plano muito inferior àquele que se uniu para fundar essas confrarias que dele têm o nome — confrarias dos clérigos. Motivo para louvar a Deu é já o haver clero de piedade, mas isto não basta. Três versos fazem o verdadeiro padre — Esse, facere, docere.

Como o esse é bom só para si, e nem sempre.

Beijando as mãos de V. Ex.ª dá a despedida um seu admirador.

Às duas razões alegadas, da *satisfação* ao amável colega e de me *penitenciar*, outra ocorre de mostrar praticamente como seria mais simples ter enviado directamente a esta revista as suas ponderosas considerações, que certamente as não enjeitaria.

Muito preferível, me parece, não só por amor da linha recta como para me poupar ao trabalho de estar a riscar isto com os dedos enregelados de frio e à pressa, para não perder o correio.

Para a outra semana, se Deus me ajudar, verei se posso mandar algumas linhas de resposta às observações do ilustrado colega, que não quero ver despeitado por culpa minha.

39

O grão de mostarda*

O *reino dos céus* é semelhante ao grão de mostarda que, sendo a menor das sementes, vem a dar a maior das plantas hortenses, diz o santo Evangelho.

«Reino dos céus» toma-se muitas vezes pela «Igreja do tempo presente», e de suas obras portanto.

Se lhes este título quadra à sua, dirão as educandas do *Colégio da Regeneração* comparando o tempo de agora com o passado.

E a mostardeira pode crescer a ponto de nela virem pousar as avezinhas do céu.

Da propriedade deste *símile* ainda em Braga há-de haver quem dê testemunho para confirmar o meu. Porque ainda conheci o *alfobre* numa casa de campo do arrabalde dos Areais. Disso me lembro, por lá ter ido dizer missa às recolhidas que seriam como *seis* ou *sete*, nos primeiros anos da minha ordenação. E até me lembro de uns pobres pasquins em prosa e verso, com chalaças de curto alcance (obra dos ociosos do tempo) grudados pelas esquinas daqueles bairros.

Já lá vão 46 anos bem medidos; pasquins e pasquineiros esqueceram, e o *Abrigo* fundado pelo *Capelão do Carmo* prosperou e medrou apesar dos maiores contratempos, até dar o *Colégio de Regeneração* que todos conhecem.

São assim as obras de Deus nas mãos de seus servos fiéis.

Vêde o grão de mostarda feito árvore.

Agora é uma nuvem de avesinhas do céu volitando em volta dela para poisarem em seus ramos, que já vergam com o peso...

---

* Publicado em *Illustração Catholica*, Revista litteraria semanal de informação graphica, Ano II, n.º 80, de 9 de Janeiro de 1916.

5

EDUCAÇÃO
E
ENSINO*

* Pode integrar-se também neste conjunto, o texto n.º 4, *De quando a gente era pequeno. A escola de latim.*

40

Educação *

[I]

Quando tomei sobre mim pregar-vos nesta simpática solenidade, tanto me fascinou desde logo a formosura do assunto que nem lhe reparei na grandeza descomunal, nem me entibiou o natural desânimo com que sempre venho falar desde este lugar.

Só mais tarde e demasiado tarde, ainda mal, é que dei na desproporção enorme entre o pregador e o assunto. Este é daqueles que assombram pela vastidão ingente do todo e superior harmonia das partes; por isso está requerendo engenho claro e destemido.

Assim é que, se vos prometesse de o tratar em cheio, o mesmo valeria levantando na mão um gole de água do mar, exclamar desvanecido: eis aqui o oceano !

Não, senhores, não tereis numa conchinha da praia o oceano, tereis apenas uma parcela e bem diminuta dele, e com isso nos ficaremos que o mais é impossível.

De maneira que, já estou vendo, há-de esta minha brevíssima alocução vir a ser um discurso bem original; pois contra os preceitos mais elementares da oratória não tratará, senão que até há-de fugir do assunto: fugir dos abismos misteriosos da alta teologia e dos mares aparcelados da história para o remanso de meio pé de água de umas filosofias de modesto alcance.

E como a própria casa e esta ilustre e benemérita Congregação me está lembrando, iremos, torneando fundos pegos, à obra do divino Espírito Santo na educação da mocidade.

---

* Pequeno discurso no Colégio do Espírito Santo, em Braga, na festa de Pentecostes em 1885. Publicado em *O Progresso Catholico*, 8.º ano, n.os 16 e 17, de 15 e 30 de Junho de 1886.

Invoquemos a assistência do mesmo Divino Espírito por intercessão de Maria, sua Esposa Santíssima e nossa doce Mãe: *Ave, Maria.*

A doutrina católica sobre a personalidade, divindade, processão e vida *ad intra* da Terceira Pessoa da Trindade Beatíssima; as definições conciliares, explanações patrísticas e as tradições das igrejas particulares neste ponto não é para mim tratar, já sabeis porquê: é a face teológica do assunto, passemos além. As operações *ad extra*, essas compõem a meu ver a mais alevantada epopeia que ainda se cantou, porque é no rigor da palavra uma epopeia divina.

Recebem os apóstolos em dia de Pentecostes o Espírito Paráclito, e partem-se à conquista do mundo estes boçais pescadores, e pregam aos dominadores da terra humildade e castidade, mortificação e caridade, e por tão estranho processo conseguem render o colosso do paganismo que era orgulho e lascívia, gozo sensual e egoísmo.

E transmite-se e vem girando por 19 séculos sem interrupção na Igreja a celeste seiva, desde o supremo Hierarca até ao mais obscuro e humilde camponês. Entretém o calor, a vida, a mocidade neste organismo divino; árvore de eterna Primavera e perpétuo Outono, sempre toucada de flores e vergando de frutos.

Povoa de solitários o deserto, de sábios as escolas, de virgens o claustro; de apóstolos, de mártires, de confessores, de missionários da Boa Nova, de santos o céu. E este sobrenatural tangível que chamamos Igreja Católica, sempre ferida de morte e sempre viva, caluniada sempre e sempre intemerata, sempre maltratada e pródiga de benefícios sempre ?!

É o que eu direi face histórica do assunto, poema que ainda espera o seu poeta.

Outro lado ainda do assunto seria o filosófico-místico: o estudo das operações do Divino Espírito na alma fiel. Por quais vias penetra Ele na espessa caligem da ignorância, e dissipa o vagalume do erro e as brumas mortíferas do vício. Que segredos, que desvelos, que doces e insinuantes chamamentos !

Adiante envia seus *dons* que hã-de predispor e amanhar o terreno de um vergel opulento, o da alma cristã adornada de *frutos* do Espírito Santo.

Campo vastíssimo ainda para investigações convidativas, do qual um pequeníssimo rincão apenas nos é dado tocar de passagem; tão apanhados são os limites do tempo e os recursos desta pobre palavra.

Neles nos circunscrevamos pois.

Vós o sabeis melhor que eu, senhores:

A educação da mocidade é hoje o reduto, à volta do qual se fere mais rijo a batalha secular entre o Espírito do bem e o espírito do mal. A campo saem os dois mestres com programas de ensino não só diferentes, senão contrários; pois contrários são aspirações, processos e fins.

Fins e aspirações de sobejo as conheceis: quer um perder, o outro salvar, um edifica na obra de Deus, o outro derroca; procura um pela ordem a manifestação e brilho maior da divina glória, atiça o outro o fogo da revolta, alimenta paixões ruins, medita confusões, anela pelo caos, seu meio ordinário sua eterna sorte. Daí a divergência de caminhos, a diferença de processos, diria mesmo de métodos, se não dissera pouco nesta palavra.

Aí tendes:

Confiam-vos para educar uma criança. Este ser débil, inocente e gracioso é um homem possível; nele jaz um mundo embrionário e paradoxal.

Não cria Deus paradoxo, é certo; também esse não saiu qual o vedes das mãos de Deus.

Em si traz um princípio de desordem, uma semente de mal que lá depositou o artífice do mal.

Vedes ? é diáfono como copo cristalino de clara água, e dormem nele tempestades !

Esta meiguice descuidosa, esta limpidez de olhares, esta candura de neve aninha no seio fogo latente, capaz de rebentar em medonhos vulcões; repoisam aí de mistura os gérmes de um Xavier e de um Escariote, de um Nero e de um Vicente de Paulo.

É logo necessário tratar com suma cautela esta dinamite, com suma reverência esta soberania da inocência.

Que fazem pois logo aqueles a quem Deus inspira ?

Acercam-se com ternura e respeito da criança, cobrem-na com as vistas maternais desta segunda maternidade que só a caridade ensina, e começa a tarefa.

[II]

Em pouco se resume o plano geral desta obra: corrigir as más e favorecer o desenvolvimento das boas disposições. Um programa em duas palavras; duas palavras e contudo quem possuir praticamente o sentido e alcance destas palavras, possui a ciência mais nobre, mais vasta e difícil de todas as ciências.

Educar é levantar aperfeiçoando, o seu semelhante, é cooperar com Deus, continuando-lhe sua obra-prima do mundo visível.

Daí vem que somente aos que entram com rectas vistas no plano de Deus envia Ele seu Divino Espírito. E como é Espírito de luz e de vida, logo na obra de seus eleitos se manifesta a verdade libertadora que alumia, e o amor que anima e vivifica.

Cultura no entendimento, pureza no coração, força na vontade que forma o fundo do carácter e dá tensão e vigor aos actos dignos de um homem, eis o tríplice cuidado dos bons mestres, dos santos instituidores da mocidade. Toda esta obra, está bem visto que há-de ser informada por um pensamento superior, assentar numa base firme, o pensamento e a base religiosa.

Aqueles que noutra parte edificam quem são e o que fazem ?

Aos de recta intenção, cujo erro é só de entendimento, o menos mal que os espera é verem frustrados seus desígnios, anulado seu plano.

Eis o que ordinariamente acontece: como não amanharam previamente o terreno, arroteando durezas, extirpando ruins ervagens, e lançaram a esmo sementes de mediano preço em pousio maninho, viram-nas afogadas e degeneradas a pequeno trecho, as esperanças da colheita. As virtudes cívicas e dotes naturais que devem cultivar-se como plantas de adorno, e têm seu lugar depois do principal, buscaram-nas de preferência e por elas se desvelaram estes desatinados. Invertida a ordem natural das coisas, entra com a desordem a punição: será fruto de tanto trabalho a esterilidade.

Inculca-se ao menino o sentimento da própria dignidade ? bem me está isso; o pior é que tal sentimento exagerado, demasiado e medrado sem correcção assombrou a modéstia e degenerou em *orgulho*: fala-se-lhe na liberdade que é património de todos, e princípio de nossas grandezas como de nossos desastres, e não me parece mal; pior foi que não estava preparada a criança para tão forte alimento, e filosofando a seu modo achou que não valia obedecer, e dera numas durezas de surda murmuração, ou surgir *revoltada*: ouviu muita vez que deve o homem bastar-se a si próprio pelo trabalho e aspirar à independência; e a natural generosidade do menino vai pouco a pouco cedendo lugar ao egoísmo, até de converter em *ambição* precoce: que o frequentar os espectáculos e a convivência mundana era meio de cultivar a civilidade, e o moço tornou-se amaneirado e frívolo, e o pudor, adorno nais belo da juventude, foi-se queimado pela sede dos prazeres, e ficou lá algo de impudente e mal cheiroso, *insuportável* na boa sociedade. Finalmente preconizou-se o vigor e a pujança física a ponto de que o educando, em vez de homem saiu um como acumulador de forças musculares, uma espécie de *mola*.

Eis o resultado que talvez não esperaram os ingénuos. Que o esperassem ou não, o resultado é esse: onde Deus não edifica em vão trabalha o edificador.

E ai da sociedade cuja educação tiver sido vasada nestes moldes.

Sabeis, senhores ? Para os espíritos reflexivos é este o pensamento angustioso da hora presente: é que se o plano de *laicização* se generaliza na Europa, daqui a vinte anos estaremos em pleno paganismo. Em vinte *anos* saltaremos vinte *séculos* atraz !

Jovens alunos deste colégio, quero-vos duas palavras para terminar. É a primeira uma prevenção; a outra nem sei bem como chamar-lhe, vós direis o que é.

Concluídos vossos estudos nesta casa, e reentrados no mundo, encontrareis muito espalhado, mesmo entre vossos condiscípulos dos cursos superiores, o prejuízo de que a Fé mata a ciência e o padre é obscurantista. Se achardes a propósito, observai a esses que na última exposição de Turim *doze* sacerdotes italianos foram premiados com medalhas de ouro por aparelhos da sua invenção em astronomia, geografia, meteorologia e cismografia, e uns *vinte* e tantos receberam menção honrosa por outros inventos. Esta pléiade de sábios procedem de mestres como o padre Sechi e o padre Denza, este barnabita, jesuíta aquele. Todos professores de ciências exactas e directores de observatórios.

Há dois dias ainda, os alunos dos seminários de Roma recitavam discursos em *vinte e cinco* línguas, na Propaganda Fide.

Mestres e discípulos... todos da escola do Divino Espírito Santo, está bem visto.

Agora por este lado:

Em meados do século XII arribava na foz do Tejo de caminho para a Terra Santa uma armada de cruzados. Chegavam da Flandres, da Alemanha, de Inglaterra.

A convite de um príncipe magnânimo, da melhor espada do seu tempo em terras de Espanha, lançaram sítio a Lisboa, que foi alfim entrada depois de sem conto de gentilezas de valor e prodígios de constância.

Trouxe-os Deus ali, àquele ninho de moirama, e trataram com um rei cavaleiro, se jamais o houve.

Muitos séculos há, depois que à cova desceu o primeiro Afonso, o fero vencedor de Ourique; legou-nos porém o espírito cavaleiroso, e na santa bandeira das quinas a protecção de Deus. Ditoso povo e abençoado Rei!

Também pelos meados, ou pouco mais, deste nosso século, novos cruzados nos chegam do Norte. Tomou-os entre muros o Divino Espírito Santo, como a Paulo e a Barnabé, para a obra de sua escolha.

Ei-los: chegam dos Alpes e dos Vosgues, da Grã-Bretanha e da Germânia, do Reno e do Garona, e caminham à conquista da África para Cristo. De passagem não tomarão Lisboa aos mouros como fizeram os seus e nossos antepassados; terão alta entre nós a fim de melhor se aparelharem para a grande obra, e tomarão no entretanto em suas mãos vossos corações e formá-los-ão nos moldes dos grandes homens e dos grandes cristãos.

Dizer-vos que sois objecto único dos seus desvelos, é dizer uma banalidade. Para bem apreciardes os tesouros de afecto que se abrigam debaixo da sotana, no coração de um padre dedicado à educação da mocidade, fora necessário ser padre.

O padre é pai, e só o pai sabe o que é amor de filhos.

Abençoe Deus o vosso trabalho, as fadigas de vossos mestres e a boa vontade de todos.

Amen.

41

A educação moderna *

A veneração e o respeito, tributados aos sacerdotes e aos velhos, eram antigamente um culto quase sagrado. Hoje a leviandade e a moda apoderaram-se da educação das crianças, e pode dizer-se afoitamente que a educação na mocidade não existe.

Os pais e as mães não têm olhos para ver: deixam-se arrastar nesta torrente desmoralizadora, sem ao menos a consciência lhes apontar a sua grande responsabilidade.

Os crimes sacrílegos, não falando já nas desobediências, sucedem-se quotidianamente. As vítimas levantam queixumes, para pouco depois se esquecerem dessas faltas ou crimes; e francamente o curativo desta grande enfermidade é tão simples ! Cada um, procurando cumprir os seus deveres, sendo bom filho, bom esposo, bom pai e bom cidadão, seria o único remédio para restabelecer o bem-estar da sociedade.

---

* Publicado em *O Amigo da Religião*, Ano VII, n.º 317, de 15 de Dezembro de 1894.

42

Ligeiras observações ao Regulamento Geral de Instrução Secundária de 14 de Agosto de 1895 *

Quem estas linhas escreve, entrou há 43 anos a frequentar as disciplinas do Liceu de Braga, e não desacompanhou inteiramente a mutação sucessiva de reformas introduzidas no ensino secundário desde então. Assim mesmo, fraco analista e pior crítico de reformas pedagógicas, não poderá dizer agora quantas, quais e em que data foram adoptadas; nem quanto tempo duraram, se bem ou mal observadas, e qual delas deu mais aproveitados estudantes. Não curou disso, que para tanto lhe minguava capacidade, e tempo.

Quer-lhe parecer contudo, que muitas dessas reformas o não foram senão à superfície; porventura mal pensadas e mal mantidas, pois logo cediam o passo a novas reformas.

Que havia necessidade de uma reforma a fundo à data da última (1895), verdade é que ninguém contesta: sentia-se que o ensino secundário era deficientíssimo, superficial, sem valor real. Daí a formidável cifra de reprovações nos cursos superiores no fim de cada ano lectivo e as queixas de todos.

Satisfará cabalmente às necessidades do ensino secundário a reforma actual ?

— Para responder categoricamente a esta pergunta seria preciso possuir integralmente, adequadamente, aquelas necessidades a esta reforma.

Por mim respondo, que para tal me não julgo habilitado.

É lícito contudo augurar, que porventura não satisfará, atenta a suma delicadeza e complexidade do problema; que máquina nova e de tão complicada engrenagem muito provável a emperra atritos não previstos.

---

* Texto manuscrito depositado entre as cartas particulares do Padre Martins Capela.

Fácil coisa é discorrer, *a priori*, teoricamente, e indicar para a conveniência ou inconveniência do novo processo; a segurança da conclusão porém quer-me parecer que dependerá sempre da prova prática: pelos produtos se apreciam as máquinas, e os desta, só passado mais 3 ou 4 anos, aparecerão em número bastante para ajuizarmos com segurança.

Pelo que vamos vendo porém, atenta a natureza de reforma que parece consistir na substituição do ensino singular de cada disciplina, pelo ensino gradual delas nos diferentes anos do curso, algo poderemos alvitrar, de carácter meramente opinativo. Certo é que do antigo sistema resultava o grave inconveniente de ter perdido o aluno, ao concluir o curso grande parte do ensino adquirido nos primeiros anos ao mesmo tempo já por lapso de tempo, já porque as disciplinas estudadas se não relacionavam bastantemente para mutuamente se ampararem. Logo bem parece que o ensino principiado pelas noções mais gerais e símplices, se continue insistentemente a mais intenso, ano a ano, como a chuva que melhor cala no terreno, quando lançada deste modo.

Nem me assalta o receio de que, de tamanha diversidade de disciplinas, em cada ano lectivo resulte grande enfado para o espírito do aluno durante os exercícios escolares; já que o ensino, nos primeiros anos principalmente deve ser eminentemente intensivo, e pouco mais se exige que atenção à explicação do professor. É assim aliás que naturalmente se forma, mesmo fora das escolas, o espírito de todos no conhecimento do mundo; uma infinidade de noções, colhidas a cada hora, que dia a dia se vão depurando de muita ilusão, determinando, sintetizando, etc.

Também sabido é que o aproveitamento é sempre o produto de dois factores sub menos: acção do mestre e reacção do discípulo, ensino e estudo. Esta reacção porém podemos considerá-la em dois graus: simples atenção de quem escuta, capaz de assimilar quanto for claro e acessível, mas sem energia, nem tempo para fixar e desenvencilhar o que menos claro for; e a do estudante que, à banca, aplica ao estudo todas as suas potências. Está visto, que só esta última começa deveras, e é proveitosa no mesmo grau: indispensáveis, as duas, no estudante digno do nome.

Tudo requerer da memória do aluno, tudo confiando na reflexão crítica; extremos são por igual condenáveis: dá o primeiro a chamada «ciência da torneira», que nunca foi ciência; o segundo produz os sabiozinhos de 15 anos, muito cheios de si mesmos e vazios de saber. Pelo meio irá, a meu ver, quem tiver melhor conselho.

Temo que a nova reforma encaminhe demasiado pelo segundo dos extremos apontados. Nota-se, com efeito, na mocidade passada pelas classes, afeita a digerir com facilidade pequenas doses de saber, manipuladas pelo

professor na aula, uma certa preguiça de espírito, com ar de competência satisfeita, que não prometem grande coisa, e dão desde já muito pouco.

Não contraem o hábito do estudo a valer, e vendo-se tão cedo iniciados em variados ramos dos conhecimentos, natural parece a tentação da vaidade, e o juízo falso de que à ciência se pode chegar sem as agruras do estudo.

Este se me afigura o perigo maior da nova orientação pedagógica. Para o conjurar, se realmente existe, proporia um plano, que se poderia chamar de transição entre os dois.

Deixando vigorar nas três primeiras classes o sistema de *difusão* de disciplinas, como actualmente está, entraria a ensaiar o sistema de *condensação*, desde a 4.ª classe. Dando por terminado no fim do 3.º ano o estudo das línguas portuguesa e francesa e do desenho, suspendendo o das matemáticas e ciências físicas, reduziria a 4.ª classe ao estudo do último ano do latim, do alemão e da geografia histórica, com três lições diárias. Na 5.ª classe, uma lição de literatura latina e portuguesa (um pouco de francesa e alemã), outra dita de matemática; outra dita de física e geologia, diárias todas. Na 6.ª classe entraria o 1.º ano de filosofia racional (lógica e metafísica); matemática; e química e mineralogia: 3 lições diárias. Na 7.ª, o 2.º ano de filosofia (ética e história natural), uma lição diária; biologia; botânica e geologia, outras; matemática, outra: também 3 lições diárias.

43

Clero no ensino secundário*

Confirma-se a notícia de, em conselho escolar do Liceu de Braga, ter um professor apresentado proposta de, na informação requerida pela Direcção Geral aos Reitores dos Liceus àcerca da nova reforma, serem incluídos os dois pontos referidos, que foram aceites pelo conselho depois de alguns reparos.

Reza o primeiro: a) da criação para já de um curso de religião, acessório do curso liceal, devendo acompanhar este até ao fim, com uma lição por semana em separado a cada uma das sete classes; b) que este curso seja obrigatório para quantos por seus pais ou curadores não tiverem assinado termo de renúncia; c) que o professor deve ser um clérigo nomeado pelo governo, de uma lista tríplice confeccionada pelo Ordinário do lugar, com informação do Reitor do Liceu ouvido o conselho; d) que o programa seja organizado pelo Ordinário, de acordo com o Reitor do Liceu e submetido à aprovação do governo; e) que a alta inspecção doutrinal pertencendo de direito ao Ordinário, a cargo do Reitor fique a disciplinar. Da categoria do professor, ordenado, fonte de receita, aposentação, etc., nada dizia a proposta, como de assunto antes regulamentar que orgânico.

*

Pelo segundo ponto proposto pede-se a reparação da flagrante injustiça da alínea 6.ª e §§ 1.º e 2.º do artigo 193.º da nova reforma, de que é vítima o clero.

---

* Publicado em *A Palavra*, Diario Catholico, de 6 de Abril de 1898.

Aqui ponderou o proponente a injustiça da preferência a rapazes com o simples curso liceal, sobre os que, a um curso quase igual ao secundário, juntavam o trienal de teologia, durante o qual quase todas as disciplinas do ensino secundário, desde o latim até às ciências naturais, eram chamadas a depor quotidianamente.

Outra vantagem e muito positiva:

Para muitos alunos dos Seminários, ao concluírem os seus estudos e aliás sem vocação para o estudo eclesiástico, outro caminho se não abre entre a inutilidade oficial de seus trabalhos escolares, e a perspectiva de um sacerdócio escandaloso, verdadeiro cancro religioso e social. Habilitados a concorrerem ao ensino oficial, por aí derivará boa parte dos moços inteligentes e trabalhadores, com grande alívio da Igreja e serviço do Estado.

Neste ponto observaram alguns do conselho que muito importaria aos Seminários, senão adoptar a nova reforma, aproximar quanto possível o quadro do ensino secundário deste dos Liceus para tirar todo o pretexto a exclusões odiosas; que demais a mais essa parece ter sido sempre a tendência dos prelados diocesanos.

Com estas considerações concordou inteiramente o proponente, acrescentando que muito desejava ver criadas nos Seminários as cadeiras de grego e alemão, as duas línguas sábias de grandíssimo alcance na formação do clero moderno.

Sim, sim. É tempo já do clero se dar ao trabalho a valer; reclamar contra as injustiças é um direito; mas para que estas o sejam, força é que o padre se imponha por valor intrínseco e real quando for preterido. De outro modo teremos lamúria de mendigo, indigna de nós. Melhor nos fica merecê-lo e não o conseguir, que *vice-versa*: isso quer o nosso carácter de homens de sacrifício.

Avancemos sim, mas com firmeza e compostura: *Fortiter et suaviter.*

44

No Seminário Conciliar de Braga*

[I]

Teses em sabatina · Catequese · Conferências

Para índice da incúria e mandrice de que se finam hoje os nossos seminários, damos pelo de Braga o seguinte contingente e que medrará se para tanto nos derem tempo e jeito.

Já no ano passado se ensaiou menos mal, graças a Deus, a discussão por quatro alunos de filosofia, dois a dois, de duas teses perante os três cursos de teologia e os superiores do Seminário.

Presidência do Prof. Cunha Guimarães, doutor em filosofia; música de casa; viva curiosidade, expansão, discussão animada, ditos agudos, finas observações; uma boa noite, em suma.

Voltámos este ano à carga a 18 do corrente: a mesma presidência; música cheia, casa melhor.

O primeiro ponto: *Rerum physicarum finalitatem, tam naturalem quam transcendentalem, adversus determinismi fautores adstruimus*, foi defendido pelo aluno António Correia, de Rio Mau, São Cristóvão, e impugnado por Américo Nilo, de Varzim. Bem os dois. A firmeza imperturbável e pausa do Correia desconcertaria qualquer outro que não fosse o Nilo, que com toda a fraternidade fleugmática lhe foi garrochando a tese o melhor que pôde: garrocha sacudida, garrocha renovada.

---

* Publicado em *A Palavra*, Diario Catholico, de 29 e 30 de Março de 1898.

Aos alunos António Botelho, de Vila Real, São Pedro; e João Leite, de Sande, São Clemente, tocou respectivamente defender e arguir o segundo ponto: *Evolutionis legem ultra specierum limites, seu hodiernum transformismum, uti hypothesim experimenti fundamento carentem, rejicimus.*

Botelho, que é moço inteligente e estudioso, versou a preceito a matéria, socorrendo-se além dos livros, dos artigos dos últimos números de revistas como *Le Cosmo* e *La Revue des Questions scientifiques* que, entre outras, o Seminário tem de assinatura. Assim produziu um trabalho sério e bem deduzido, notável mesmo para um simples estudante do 1.º ano teológico. A arguição não foi tão viva como se esperava; a empresa porém não era fácil, como se depreende do exposto.

É o seguinte o regime destes exercícios escolares: das matérias dadas na aula e sobre os pontos de maior interesse, redige as teses o professor e distribui-as com o voto e assistência do Vice-Reitor, por aqueles dos alunos de filosofia escolástica que mais aptos parecem para o caso. Distribuídas com um a dois meses de antecipação, tem o professor de encaminhar o estudo, corrigindo o plano de exposição e o do ataque, e fornecendo apontamento de livros e revistas *ad hoc*. No dia do acto e depois de algumas palavras do Presidente e depois da sinfonia, levanta-se o defendente que tem diante de si uma pequena mesa com o apontamento e o clássico copo de água, lê em latim e traduz depois, a tese, para cujo desenvolvimento dispõe de 20 minutos; de outro tanto dispõe o arguente, para a impugnação livre; depois do que ficam outros 20 minutos para a discussão altercada.

O Presidente encerra a sessão e termina o acto com música.

Para outra vez o que falta.

[II]

Ainda a sabatina · Catequese · Conferências

Novas justas, apalavradas para o primeiro dia a jeito no próximo Abril.

Sairá a terreiro em defesa da 1.ª proposição: *Humani intellectus unitatem, duplicem quoque ejus virtutem, agentem scilicet ac possibilem, contra quosdam propugnamus*, o aluno António Maciel, de Celorico (Basto), Infesta; a 2.ª: *Adversus fatalistas, tam veteres quam recentes, pro arbitrii libertate contradimus*, terá como defendente Joaquim de Sousa, de Lanhoso, Santiago. A cargo de Henrique Pereira, de Rio Mau, São Martinho, ficou a

impugnação da primeira; a segunda, por conta de Francisco Silva, Braga, São Jerónimo. Do resultado a seu tempo diremos se Deus o quer.

*

A *Catequese* das crianças, mercê da *Obra Pia do Santo Padre Leão XIII*, vem a ser outro modo de entreter os ócios nesta casa. Dá-se todos os domingos desde as 9 e meia às 12 horas da manhã, e dura de Outubro a Maio, terminando com solene comunhão primeira das crianças habilitadas. Frequentam-na umas 500, distribuídas por muitos grupos com suas bandeiras.

No corpo da igreja do Seminário recebem as meninas lição familiar de muitas senhoras, a esta santa obra dedicadas; os pequenos, a cargo de seminaristas escolhidos *ad hoc*, têm o mesmo exercício nas salas das aulas com portas para o claustro.

A este primeiro acto segue-se a missa da catequese, à qual assistem todos, ouvindo a explicação dos diferentes pontos, dada do púlpito em voz clara e pausadamente por um rev.º Padre do Seminário. Em seguida o Vice-Reitor explana diante de todos, acomodando-se admiravelmente à compreensão infantil, algumas verdades de maior utilidade, interrogando e corrigindo a tempo, com um jeito paternal a não mais. É o padre mais conhecido dos pequenos de Braga, e mais amado.

Queria que vissem isto.

*

Conferências científicas aos 250 alunos dos três anos teológicos, com assistência dos dignos professores e demais cavalheiros que o desejarem, será outro meio de matar o tempo menos mal. Empresa árdua que algo dará, se lhe Deus não faltar como Seu auxílio.

Foi solenemente inaugurada pelo rev.º Dr. Padre Santos Mota, e sob a presidência do ilustre jornalista católico, major José Fernando de Sousa no dia 20 do corrente, como é sabido.

Santos Mota, capacidade mental de primeira ordem e trabalhador apaixonado no campo das ciências naturais, desenvolveu durante 1 e meia horas com proficiência magistral e fina crítica a sua tese da inanidade da última expressão materialista, o chamado *pancimetismo* (tudo movimento).

Este foi apenas um trabalho preparatório, introdução a mais miúdo exame. Ponderou com inteira justeza «que não podia contentar-se a moderna apologética com a táctica defensiva, para a qual bastavam as velhas armas, que era preciso caminhar ao ataque dos postos inimigos e para tanto só possuíam alcance os argumentos científicos: daí a necessidade para o padre do estudo consciencioso das ciências naturais». Não podendo acompanhá-lo aqui na sua longa, rigorosa e erudita exposição documentada com numerosos factos científicos, apurámos apenas: «que se bem o método, antes sistema, da redução à unidade dos agentes naturais tem hoje a maior voga e plausibilidade em física e em mecânica racional seus visos de verdadeiro, está muito longe de bastar na teoria da constituição da matéria bruta, mesmo ainda na dos seres vivos vegetais e animais, e de todo em todo na do homem». Conclui por confessar que «apesar do enorme adianto das ciências naturais de dia para dia, a verdade é que o seu vastíssimo campo está ainda salpicado de pontos de interrogação para muitos dos quais porventura não aparecerá nunca resposta satisfatória».

Com uma salva de palmas e muitos emboras coroou a numerosa assembleia o trabalho do nóvel professor e homem de ciência, penhor de outros muitos que nos dará com o andar do tempo.

E assim vamos indo com a graça de Deus.

45

Do Seminário de Braga*

Amigo e senhor.

Perguntar-me-á naturalmente:

— E a gentileza do *Notícias* e do *Janeiro* com os Seminaristas ?

— Coisa pouca, meu amigo, a notavelmente apoucada de senso *y otras cosas mas*. Pois que quer ?

Aqui no Seminário já de há muito andamos afeitos aos devaneios da imprensa periódica, que de tempos a tempos se digna dar-nos lições. Enquanto a saraivada cai sobre a cabeça do pessoal dirigente, é da praxe deixar cair que logo passa, e a gente tem mais que fazer. Agora com a tropa escolar muda a coisa de figura.

Imagine o meu amigo, entre 200 e tantos rapazes de 18 a 25 anos, ardidos minhotos e possantes transmontanos, que bonito efeito não daria aquela infamiazita assacada a alguns, forçadamente incógnitos para maior comodidade do agressor cobarde, a todos envolvendo assim no mesmo labéu !

Se naquela hora aparecesse no Seminário o mísero denunciante, pouco menos lhe poderia acontecer, que a um desastrado felino ao atravessar a cerca no tempo do recreio. «Era um ar que lhe dava», como cá diz o Padre Camilo.

Como vai vendo, mau jogo jogaram os amigos do *Notícias* e *Janeiro*, consentindo que de suas casas assim fosse apedrejada a honra dos Seminaristas de Braga; e cobrindo a irresponsabilidade de supostos hipócritas, assumiram não pequena parte no odioso da feia acção. De modo que, não só erraram o tiro, de neutralizar o efeito da representação seminarística, pois

---

* Publicado em *A Palavra*, de 27 de Março de 1901.

ninguém tomou a sério o ardil; senão que, ferindo aleivosamente a todos, criaram para o futuro outros tantos devotos.

Aqui ninguém suspeitou, nem por sombras, que de algum seminarista tivesse partido semelhante baixeza; e o desastrado denunciante incluindo-me a mim entre os prefeitos desta casa, demonstrou conhecer o seminário só por fora. Se aqui teve ingresso alguma vez porventura não passou do escritório do rev.º Padre Procurador, ao rés-do-chão, para aí liquidar algum negócio da procuradoria. Evidentemente não conhece o Seminário de escadas acima.

É o espírito do seminarista de Braga avesso a baixos procedimentos, e sempre disposto colectivamente a qualquer resolução altiva e varonil.

Filhos deste povo são e vigoroso das províncias do Norte, cujo sangue sadio, e forte educação cristã se não desmente nunca, prontos estão sempre para as empresas simpáticas: contê-los é que dá trabalho aos superiores; excitá-los não faz míngua.

Seja exemplo a recepção a Mouzinho de Albuquerque, durante a qual e em três dias consecutivos presenciámos verdadeiras loucuras de entusiasmo.

Demais, por aqui vai a gente andando, meu amigo, e forcejando por imprimir impulso contínuo ao trabalho da formação intelectual da mocidade.

Esforço sempre modesto, é verdade, mas sem descoroçoar: *Suaviter et perenniter.*

Assim é que as sabatinas (*círculos* lhes chamam lá fora) por alguns alunos do 1.º ano perante os três cursos reunidos e sob a presidência de um professor, nas quais se discute uma proposição filosófica, continuam no presente ano, com evidente proveito de todos.

No dia 18 do corrente, durante 1 hora, sustentou o aluno Fiel Regueira a tese: *Uniuscujsque hominis animam essentialiter esse substantiam simplicem, spiritualem corporisque formam adversus materialistas et quosdam alios statuimus.*

Foi impugnada por Martins Júnior, que defendeu o ultra-espiritualismo; e por Brandão, o materialismo.

Num destes dias defenderá o aluno Costa e Silva esta outra: *Animam rationalem, sensitivam simul et vegetativam, uti unicum in homine vitae principium, adversus organicistas, vitalistas et alios quoscumque propugnamus.*

Terá por arguentes José Ribeiro e Gonçalves Capela.

Há três anos que o museu de história natural vem sendo enriquecido com numerosos exemplares dos três *reinos*, graças à superior competência e zelo do digno professor rev.º Dr. Santos Mota; e ultimamente adquiriu um microscópio, vindo da Alemanha, no valor de 350$000 réis.

Todos os dias a biblioteca, vasta quadra contendo muitos mil exemplares antigos e modernos e várias revistas estrangeiras por assinatura, é visitada

por numerosos seminaristas, cuja orientação científico-literária se denuncia pelo caderno do registo das obras pedidas.

Por onde se deixa ver que bem podem os *imbecis mocinhos* com o desdenhoso apodo do sábio articulista do *Jornal de Notícias*.

E como isto vai já fora de limites, para outra vez o meu cartão ao dito jornal, por aquelas cortesias de fina amabilidade, com que se dignou distinguir a minha nulidade.

46

Nos Seminários *

O ensino secundário nos Seminários

II

Está na *berlinda* e terá que dar *prenda.*

De tempos a tempos voltam-se para os Seminários os olhares da imprensa periódica, e quase sempre de má catadura. Levados de zelo, um tantinho indiscreto às vezes, quereriam os católicos fervorosos ver nos Seminários todos os primores de educação eclesiástica, e impacientam-se por aí notarem muitos defeitos ainda. Não pesam porém, porque não lidam com isto, as dificuldades que têm de vencer os directores; que soma de paciência, quanto esforço, tacto, cuidados e vigilância, para governar esta barca, quando se trata de introduzir reformas de certo alcance.

Deviam considerar porém (*devíamos* considerar, porque também eu tenho sido destes): 1.º que «o óptimo é inimigo do bom»; 2.º que o regime dos nossos Seminários, há 40 e tantos anos que disto ando informado, tem melhorado sempre; 3.º que ninguém mais competente, por via de regra, e ninguém mais empenhado no progresso dos Seminários, do que os vice-reitores e mormente os Prelados.

De maneira que, de justiça parece nos convençamos todos, que nem alvitres lhes faltam nem boa-vontade; senão oportunidade e meios práticos. Quem não vê como todos andam neste empenho de quem mais e melhor beneficiará o seu Seminário ?

---

* Publicado em *Restauração*, n.º 53, de 1 de Dezembro de 1904.

«Meninas dos olhos» dos Prelados são os seus Seminários, e com sobrada razão.

De modo que, vistas as coisas mais de perto e melhor portanto, pretender a gente inculcar aos Prelados o seu modo de ver particular, e sobretudo azedar-se por que lhe não põem ali já em prática alvitres tão salutares (dado mesmo que em tudo isto se proceda de boa-fé), é pretensão um tudo nada impertinente, me parece, e assim a modos de quem pretende «ensinar o *padre nosso* ao Vigário».

Quer isto dizer que o existente é perfeito ? Não; ninguém pensa em tal. Perfeição *absoluta* é meramente impossível nas obras dos homens; mesmo a *relativa* ou do fim, sempre se lhe correrá no encalço, sem lograr nunca segurá-la inteiramente. É inatingível o modelo ideal; todo o progresso se cifra em caminhar naquela direcção, com firmeza e constância, lançando à margem qualquer entrave ou material gasto pelo uso, cuja substituição reclamem as novas condições do meio social.

Nestas demandas porém, está visto que o *juiz* nato é o Prelado; para *assessores* serviremos, se nos Ele convidar.

Assim mesmo querem os nossos modernos costumes, discutamos na imprensa os actos ou omissões de qualquer autoridade, por alta e respeitável que seja. É porventura proveniência prática das doutrinas do *exame privado* sobrepondo-se ao da autoridade, ou qualquer coisa da má-língua indígena, que entretém os ócios na crítica de vidas alheias.

Quem poderá aí jurar com a mão na consciência nunca ter aqui delinquído, respirando este ambiente social contaminado do *liberalismo* atávico, e do fabrico moderno ?

Tornemos porém ao nosso ponto, deixando de parte considerações talvez importunas. Suponhamos ser-nos lícito, e proveitoso à sociedade, discutir aqui a gravidade do mal da actual organização do ensino secundário nos Seminários, a eficácia dos remédios alvitrados.

*

Diz-se:

É um erro de gravíssimas consequências meter pelo beco sem saída das aulas secundárias dos Seminários a mocidade destinada ao Sacerdócio.

Daí tantos padres indignos, faltos de vocação, que são o flagício da sociedade e desonra da Igreja.

Assim pode ser e assim tem sido algumas vezes, infelizmente. esse caso porém... é regra ou excepção ?

Cuido ser excepção, até que me convençam do contrário. Pois para bem do maior número é que servem as leis, se não estou enganado.

Dêmos porém que não seja tanto assim, e que se deva clamar pelo remédio a benefício destes excêntricos da regra geral. Seja; não porém com prejuízo do maior número, este remédio a casos esporádicos.

*

Tornamos à hipótese da semana passada:

Os Ex.^{mos} Prelados adoptam a última reforma do ensino secundário, disposto a remodelá-la *pari passu* com as sucessivas remodelações oficiais.

Passa; suponho que a última é sempre melhor, contra a opinião das más línguas...

O primeiro cuidado será *acrescentar* ao programa seminarístico mais uns *latins* que vão escassear, umas *filosofias* lá condenadas a garrote definitivo (porque esganadas lentamente já elas vinham há muito) e mais sério estudo da *história*...

De sorte que aos sete anos de Liceu, força será acrescentar mais um aos Seminários...

Nem o caso é sem exemplo, lá por fora.

Qando em 1900 visitei alguns Seminários em Espanha, França e Itália, para me informar do *ordo Studiorum*, do de Bolonha trouxe o seguinte:

«O Seminário compreende três cursos, o *ginasial* em 5 anos segundo o programa do governo com as línguas *italiana*, *latina* e *grega*; o *liceal* em 3 ditos, também segundo o programa oficial, com *filosofia* durante os três anos; *matemática*, *física*, *química*, e *ciências naturais* no 3.º; e desenvolvimento de *latim* e de *grego*, *literatura italiana*, *história profana*, *geografia* no 4.º; e o de *teologia*, etc.».

*

Como este de Bolonha, cuido que também são os de Pádua e Verona: em ambos os cursos de *ginásio* é de 5 anos, e de 3 o *filosófico* ou o Liceu.

*

De sorte que, por falta de modelos não falhará a empresa; receio porém venha a falhar a *matéria-prima* com tão heróico apuramento (chamemos-lhe assim) nem as finanças dos Seminários aguentam o encargo do duplo ou triplo do actual quadro professoral, que a reforma demanda.

Será bom pensar em tudo e tudo pesar, antes de meter mãos à obra. Não é por mal; é prudência.

47

Uma tempestade académica *

Foi no liceu de Braga, há muitos anos, e tantos que ainda nesse tempo à mocidade das escolas se não dava outro tratamento que o de «senhor estudante».

Velhíssimos tempos, tempos quase pré-históricos, da idade da *pedra lascada*.

E com tudo já Braga era Braga, e a Sé da dita, que passa pela coisa mais velha do mundo, já estava lá no sítio.

E também estava em frente da Arcada repartindo água ao sol para os quatro pontos cardeais a soberba taça de granito, do chafariz do *cavalinho* (de um de pedra que tinha por baixo, golfando água no tanque). Sim, também estava, mas não está, removido por indecente e anacrónico ao *forum boarium*, para gáudio e admiração da boiada às terças-feiras. Também é verdade ter sido substituído vantajosamente por vários projectos de *lagos* dentro do passeio público, com peixes vermelhos, rãs e tudo.

Foi-se porém com este melhoramento do jardim a pradaria do Campo de Santana, onde podiam manobrar não sei quantos mil homens de milícias segundo a opinião magoada dos velhos, e retouçar livremente pela verde relva todos os dias várias famílias de galináceos, e um que outro suíno, de fugida. Árvores, nem uma.

Ainda o teatro de São Geraldo estava em caboucos e esteve, num charco de água esverdinhada, e os carros de lavoura atravessavam em furioso alarido a cidade, apesar da campanha jornalística do *Independente*, órgão político do Dr. Melo Cavacão, contra a câmara da *chiadeira*, como lhe ele dizia nas honradas barbas.

---

* Publicado em *Propaganda*, ano I, n.º 19, de 4 de Abril de 1910.

Cá à gente miúda parecia impertinência de maior o cavaco do Cavacão; pois que mais têm os ouvidos da gente da cidade ? Na aldeia um carro a *cantar* enche tudo de alegria, por onde passa.

*

Ora por esses remotos tempos (1856), sendo reitor do liceu de Braga o Dr. António Maria Pinheiro, o velho, e secretário o professor Manuel Pinheiro de Almeida e Azevedo, aconteceu o pavoroso conflito escolar, acima baptizado de «tempestade».

Tempestade foi, sem naufrágio porém de vidas ou fazenda: está-se a ver do tom faceto desta singela e muito conscienciosa referência.

Para melhor inteligência da qual convirá saber como era muito numerosa por esse tempo a população escolar de Braga, vinda do Minho e de Trás-os-Montes para ingressar quase toda no ensino teológico do seminário, onde só duas cadeiras funcionavam de preparatórios, latim e filosofia.

Colégios, menos ainda.

O de Mesnier, na Madre de Deus, chegou mais tarde, com pouca gente e pouco tempo durou.

A esta mole já considerável associou-se para a balbúrdia a dos teólogos do seminário, quase todos externos por aquele tempo.

Agora com este factor que diremos a *matéria*, associemos o da *forma* que é como quem diz a levedura da massa.

*

Era o reitor um santo varão que presidia aos conselhos escolares e a gente conhecia de o ver entrar ou sair do liceu: toda a engrenagem estava nas mãos do secretário.

Ora mestre Pinheiro, aliás cumpridor, honesto e trabalhador como poucos, sofria do mal das próprias qualidades.

Era impetuoso, absorvente das atribuições alheias, ralhador dos colegas, impertinente, um quase nada fanfarrão e por isso temível e antipático para muita gente.

Esta antipatia porém não lhe vinha inteira dos próprios defeitos, já que alguém dentre os colegas [1] a fomentava por baixo de mão no ânimo inflamável e juízo inexperiente da mocidade.

---

1 Correu por esse tempo entre os rapazes, em folhas volantes, o escorço de um poema herói-cómico, intitulado a *Pinheirada*, obra de um colega.

Assim carregada pacientemente e de longa data a mina das más vontades, e acrescentada ultimamente com a fama de que a Manuel Pinheiro se devia o malogro de um *perdão de acto* pela vinda a Braga da rainha D. Maria II, fácil foi largar fogo ao rastilho.

*

Era costumeira então mover clamorosa perseguição aos *caloiros*, por ocasião da abertura das aulas nos primeiros dias de Outubro. Naquele ano parece atingiu grande desaforo a brutal brincadeira dos senhores *veteranos*, com quebra da boa disciplina escolar do liceu, e porventura dos respeitos devidos aos mestres; regalia de que sempre fora muito cioso mestre Pinheiro. Daí lhe vieram noutras ocasiões não pequenos dissabores.

Como quer que tenha sido, houve então a infeliz ideia de colocar uma guarda de quatro soldados e um cabo à portaria do edifício das escolas, para meter na ordem a ruidosa mocidade.

Foi pior.

Está visto que logo reclamaram contra semelhante afronta aos seus brios; e visto está outrossim que Manuel Pinheiro não lhes deu ouvidos.

Por isso era, naquele dia, enorme a afluência de *estudantada*, como então se dizia, logo de manhã ao liceu; e quando pelas dez horas (como matematicamente praticava todos os dias lectivos) o Pinheiro se dispôs a sair para a aula, encontrou fora duas filas de amotinados, cortando obliquamente o campo desde sua casa ao liceu, por entre as quais teria de passar.

Mal assomara à porta, quando desconcertado berreiro se levantou de assobios, gritos e afrontosos apodos de: «Ó Pinheiro, endireita a mala !», etc.

Mas era um homem corajoso. Meteu assim mesmo pelo caminho que abrira previamente a massa dos desordeiros, a passos largos, se bem que algo cambaleantes, das suas longas pernas.

Redobrou o berreiro e a mole veio fechando após ele em longa cauda, de modo que ao penetrar de roldão no liceu os pobres soldados da guarda viram-se levados na enxurrada ao claustro e daí ao salão da aula, no rés-do-chão, onde tudo penetrou em desordem. Por outra porta ganhara já a cátedra em forma de púlpito o professor, que pretendeu serenar os ânimos, mas em balde.

Enchera à cunha salão, coxias e tudo a enorme massa; e de pé sobre as bancadas a maior parte, outros sentados sem cerimónia numa banca ao lado do professor não cessavam de vozear em atitudes insolentes.

Ainda a gente contemplava apavorado lá do seu cantinho (era o número quarenta e seis da matrícula) e da inocência dos catorze anos esta temerosa desordem quando, serenando um pouco a tormenta lançou o professor as primeiras palavras de queixa e espanto contra tão insolente manifestação desordeira.

A sua voz forte e palavra fluente produziu silêncio por uns minutos; porém levado pela indignação que melhor quadrava ao seu feitio, cedo invectivou contra os estranhos, particularmente os seminaristas.

Então protestou em voz alta e de pé sobre um banco o Celestino Seixas, que era das bandas de Caminha.

— Peço a palavra, sr. Pinheiro; peço a palavra !

Por sua vez brada o professor erguendo-se e estendendo os braços para o Seixas:

— Senhores soldados ! Prendam esse homem !

Prendam esse homem era bom de dizer.

Se os soldados estavam apertados numa prensa...

As quatro ou cinco baionetas despontaram aqui e além dum mar de cabeças. Que importava porém ? nada podiam e a palavra oficiosa de um oficial presente, o capitão Madeira, conteve-os de vez.

Além de que, à voz de prisão, correu rapidamente pela sala um estalido seco de aperrar de pistolas ou abrir de navalhas de mola que não parecia brincadeira.

Era o momento crítico.

O pobre professor compreendeu-o e deixou-se cair na cadeira, pálido e desalentado.

Metia dó, nem o caso era para menos.

Levantou-se então a voz do Seixas, do *Cara de Pau*, do Cipião ou não sei qual outro veterano façanhudo:

— Alto, rapazes ! Vamo-nos daqui e depois liquidaremos isto.

E foram-se de escantilhão pela porta fora. A gente ficou e respirou.

Apre !

6

RETRATOS MORAIS
E
REFLEXÕES ESPIRITUAIS

48

Inclinat jam dies *

Como o sol que ao mar inclina em plácida tarde do Outono, assim a vida do varão justo, que passou beneficiando tudo e todos, corre sem turbação ao seu ocaso. Caem-lhe os dias e os anos, um a um e em suave ritmo, como pelos dedos de santo monge as contas do seu rosário.

«Em doce paz, diz, dormirei e descansarei; porque Vós, Senhor, de modo singular me firmastes nesta esperança.»

Se o mundo isto entendera ! . . .

---

* Publicado em *Voz de Verdade*, 4.º ano, n.º 185, de 16 de Outubro de 1897.

49

Fisionomia moral *

Tem cada um a sua incluindo os próprios santos.

Do mesmo modo que a fisionomia do semblante (espelho nem sempre fiel da outra) resulta da disposição das linhas do rosto; assim aquela fisionomia, do conjunto de traços da feição íntima.

Cara e *carácter*, duas faces da mesma medalha e tipo único; e assim como não logram os mais esquisitos segredos do toucador abolir os vincos de origem numa, tão pouco os da outra desaparecem de todo a poder dos desvelos da educação, nem da mais adiantada santidade.

Algo fica sempre por onde o indivíduo o continua a ser. Inconfundível além do mais, pelo que é do rosto, do timbre da fala, da forma de escrita.

Pois variedade como esta permite Deus no mundo moral.

Por outras vezes me tem isto ocorrido; ontem porém, que foi dia do meu São Jerónimo (30 de Setembro) melhor o entendi. Foi a modo de passeio pelo sombreado parque das suas Epístolas, não tanto esta vez por fugir à calma podre das banalidades de cada dia, como pela necessidade de digerir pensamentos, que a noção de santidade nos grandes luminares da Igreja me andava suscitando há dias. Passeio de aproveitar é este. Lá se encontram à palestra com o Doutor Máximo os Agostinhos, os Paulo Osórios, os Dâmasos, os Paulinos, os Teodósios e outros e outros daquela melhor sociedade.

É só ver e ouvir e deleitar-se naquele comércio de alma, mais amplo e cheio que ainda se ambicionou.

O mesmo fundo de santidade em todos; em cada um o seu natural, emergindo aqui e além. A variedade na unidade.

---

* Publicado em *Voz de Verdade*, 5.º ano, n.º 237, de 13 de Outubro de 1898.

Para exemplo:

Jerónimo, aquele batalhador formidável contra os inimigos de sua alma, o rude penitente do deserto, o profundo exegeta e oráculo da Igreja Universal, de uma docilidade infantil nas consultas ao papa São Dâmaso, urbaníssimo com todos, afectuosíssimo com Santo Agostinho, se um dia lhe malsinam a reputação em Roma, revolta-se contra a calúnia e a sua ira, mais que lâmina de fogo, é látego sem dó nem piedade.

Aconteceu de uma vez virem a público em Roma umas censuras de certas passagens da sua interpretação bíblica, picantes e o que mais dói, atribuídas a Santo Agostinho.

Apressa-se Santo Agostinho a dar satisfação ao santo velho, e este responde numa carta cheia de moderação no princípio; pelo meio e ao tocar no ponto sensível, mais grave e ressumando mesmo algo de sentido, e porventura azedo já.

Depois de algumas considerações sobre a liberdade de interpretação acrescenta:

«Afinal bom será que ames a quem te ama, e no campo das Escrituras tu que és moço não provoques o velho.»

«A gente já teve o seu tempo e por esse campo correu quanto pôde; agora, em quanto corres tu a perder de vista, justo é que descanse... e deixa-me lembrar-te o provérbio que "o boi cansado fixa mais fortemente as passadas".»

Fecha a final com expressões de carinho e amor magoado:

«Lembra-te de mim, santo e venerável Papa: vê quanto te amo; que nem provocado quis responder.»

Santos e grandes em tudo, estes colossos do saber e da santidade!

Traziam domada a rebeldia natural e tocavam as raias do imundo sem se macularem.

Omnia munda mundis corde.

50

Deus *

A uns pobres que na sua insciência presunçosa se permitem «blasfemar de quanto ignoram», oferecemos a seguinte página de um dos maiores pensadores da Antiguidade, Aurélio Agostinho [1]:

«Senhor! eu amo-te de consciência certa, não duvidosa. Com o teu verbo feriste-me o coração, por isso te amei. Eis que de toda a parte, céu, terra e quanto nela existe, me convidam a que te ame; nem cessam de o a todos clamar, para que ninguém possa alegar ignorância.

«Mais alto elevarás a tua misericórdia a favor de aquele, de quem já te amerciaste; misericórdia terás com quem foste misericordioso: porque dos teus louvores não falem a surdos os céus e a terra.

«Que é pois aquilo que eu amo, quando te amo?

«Não é por certo amor destes olhos a gentileza do corpo, nem o decoro da antiguidade, nem o alvor da luz; nem a doce melodia das canções de toda a espécie, nem o suave odor da flores, das essências e perfumes; nem os manás e os meles; nem os membros que pedem carnais amplexos.

«Não é isto que eu amo, quando amo o meu Deus; e contudo uma certa luz amo eu e uma certa voz, um certo aroma, um certo alimento, um certo amplexo, quando ao meu Deus amo; luz, voz, aroma, alimento, amplexo do meu homem interior; por onde, para minha alma brilha algo que o espaço não comporta, algo soa que o tempo não leva, rescende algo que o ar não dissipa, algo sabe que o comer não entibia nem a saciedade destrói.

«Isto é o que eu amo, quando a Deus amo.

«E isto o que é? Interroguei a terra e respondeu:

«— Não sou eu; e o mesmo confessaram quantas coisas na terra há.

---

* Publicado em *Voz da Verdade*, 1.º ano, n.º 54, de 28 de Janeiro de 1904.

1 *Confess.*, X, 6.

«Interroguei o mar e os abismos, e os répteis da alma vivente, e responderam:

«— Não somos nós o teu Deus; procura acima de nós.

«Perguntei às brandas auras, e logo o ar imenso com seus habitantes me responderam:

«— Enganas-te Anaximenes; não somos Deus.

«A mesma pergunta ao céu, ao sol, lua e estrelas:

«— Tão pouco somos nós o teu Deus, reponderam.

«E voltando-me então para tudo quanto fora de mim está:

«— Acabais de afirmar não serdes vós o meu Deus; ao menos dizei-me d'Ele alguma coisa...

«E clamaram em alta voz:

«— ***Foi Ele quem nos criou !***

«Não foi este meu perguntar mais que um olhar prescrutador de todas as coisas criadas; e a resposta delas, a sua muda presença.

«Voltei-me então para mim, e interroguei-me:

«— E tu quem és ?

«— Homem, respondi. Aqui tenho corpo e alma à minha disposição; por fora um, outro por dentro.

«— Que haverá neles por onde melhor possa descobrir o meu Deus, que já procurei por via dos corpos, desde a terra até os céus, e por toda a parte até onde chegaram os meus emissários, as vistas dos meus olhos ?

«— Melhor o que está por dentro. Porque a ele vinham as respostas dos meus emissários corporais, e ele era quem presidia e julgava de cada resposta vinda do céu e da terra e de quantas coisas por lá existem, a dizer:

«— Não somos Deus; Ele próprio nos criou.

«Estas coisas conhece o homem *interior* graças ao homem *exterior*: isto conheceu o meu interior; eu, eu, esta alma por ministério dos sentidos do meu corpo.

«Interroguei àcerca do meu Deus a mole imensa do mundo, e respondeu:

«— Eu não sou tal, o teu Deus; Ele foi quem me criou.

«Porventura não está o mundo exposto às vistas de todos os homens no uso dos seus sentidos ? Donde vêm que não fala a todos a mesma linguagem ?

«— Vêem o mundo todos os animais grandes e pequenos, mas não sabem interrogá-lo: porque não têm a inteligência a presidir ao testemunho dos sentidos.

«Bem pode o homem porém interrogar, até ao ponto de, mediante a obra da criação, se lhe tornar inteligível a natureza oculta de Deus; mas cega-o tamanho amor às criaturas, que de cego o não pode ver.

«Nem as criaturas respondem senão a quem é capaz de julgar; e não modificam a sua linguagem, isto é, a sua natureza, apresentando-se a uns de modo diferente que a outros, porque uns se limitam a ver, outros vêem e perscrutam; mas aparecendo a todos do mesmo modo a uns falam, para outros são mudas; antes, a todos falam, mas entendem-nas somente aqueles que cotejam a voz de fora com as normas interiores da verdade.

«Pois a mim me está dizendo a verdade:

«— Não é teu Deus nem o céu, nem a terra, nem corpo algum.

«Isto diz a natureza a quem tiver olhos de ver:

«— Eu sou uma grandeza, a grandeza é menor na parte que no todo. Melhor que isso és tu, ó minha alma, te digo eu; porque tu animas a massa do meu corpo comunicando-lhe o benefício da vida, que nenhum corpo a outro pode prestar. Mas o teu Deus, é a vida da tua vida.»

Desgraçado do ateu que não lê na obra da criação, desenrolada noite e dia ante seus olhos, o nome santíssimo de Deus; ou se permite escolher um *deus* à sua feição, como feitura das mãos dos homens. Feliz quem pode afirmar com todas as veras da sua alma: *Cor meum et caro mea exultaverunt in Deum vivum!*

51

Imaculada *

É Maria Santíssima o encanto da alma cristã, mormente no mistério da sua Imaculada Conceição.

Em cada coração tem um altar, e para lho enfeitar-mos condignamente não nos bastam as flores do campo nem as mais finas pedrarias; faz míngua desçam com o seu tributo as riquezas luminosas do firmamento.

Quasi aurora consurgens.

Ela é como a aurora abrindo o grande dia dos séculos cristãos, e cerrando de vez a noite pavorosa do paganismo.

Assim atraiu desde logo os olhares alvoroçados das almas justas que perguntavam enleadas: *quae est ista*, quem é essa que se levanta como a aurora nascente ?

De quem houve esta aurora tais cores e tons de luz dulcíssimos, de oiro, púrpura e fogo ?

— Do sol eterno de justiça, seu divino Filho, o Cristo Senhor.

Que formosa é a Mãe da divina graça, que nem a lua a excede, mesmo em toda a opulência do seu plenilúnio: *quasi luna plena in diebus suis !*

Que alvura de neve e fragrância do lírio a da sua virginal pureza, só comparável ao sol, iluminando monturos sem se manchar: *electa ut sol !*

É com ser tão recatada, tímida e delicada, é formidável o seu maternal patrocínio como exército em ordem de batalha: *terribilis ut castrorum acies ordinata.*

Pois, Senhora nossa da Imaculada Conceição, que tão rica sois de graças e de valimento a bem de vossos filhos (e na conta entramos quantos portugueses não enjeitamos o nome nem o feitio), sêde-nos propícia e Mãe.

Monstra te esse matrem.

---

* Publicado em *Combate*, Braga, 8 de Dezembro de 1910.

52

Digitus Dei *

De boa mente confessarei aqui nunca me haver entendido com as chamadas «leis da História», no sentido determinista. Escrever desde já a *História* do futuro, calculando com precisão astronómica as vicissitudes dos indivíduos e das nações, seria um belo sonho, porém sonho; a não ser que o historiógrafo fizesse obra pelo *Lunário perpétuo.*

Considerar como estratificações geológicas os séculos da História ?

Nada; por minha parte vou-me com o prolóquio: o que há-de ser, só Deus sabe.

Porque tenho observado e é bem verdade, que no problema histórico já de si complexo a valer, entram quantidades indeterminàveis *a priori* : quanto procede da vontade do homem e das traças da Divina Providência.

Quem há 48 anos atentasse no estado moral e religioso da sociedade bracarense, acaso poderia daí inferir por conjectura o estado presente ? Para tanto haveria mister ter apanhado no ar uns tenuíssimos germes de vida nova, condenados a perecer po 99 probabilidades contra uma; e deveria tê-los apreciado em toda a virtualidade que encerravam.

*

Pois lembro-me bem, que então cheguei a Braga pela primeira vez.

Costumes grosseiramente dissolutos no poviléu; actos de culto público mais espectaculosos que devotos; a Fé morrendo à míngua de zelo e de alimento da palavra de Deus, douta e sincera; mesa da comunhão deserta,

---

* Publicado em *In Memoriam. Memoriae et honori Ioannis Baptistae Meli...*, Braga, Papelaria Universal e Typ. a Vapor, 1905.

fora do tempo quaresmal; igrejas em desalinho, imundas, algumas abrindo só ao domingo para a missa; padres, por modo de vida, sem costumes nem espírito; Seminário, num estado lastimoso.

Eram excepções, pelas igrejas a do convento dos *Remédios*, onde o Padre Martinho acalentava a devoção a Nossa Senhora das Graças; pelos padres, alguns *egressos* de abalizado saber e virtude, Frei João de Neiva, Frei José Luís dos Santos Machado (o *Capelão de Santa Cruz*) e poucos mais. Estes mesmos viviam retirados, o primeiro principalmente.

Pelas aldeias é verdade que pregavam *missão* por esse tempo e com grandíssimo zelo, e não pouco fruto apesar do rigorismo doutrinal, Frei Manuel da Madre de Deus, Padre João Teixeira, de Bouro, Padre Joaquim, de Bagunte, depois reitor de Adaúfe e outros; em Braga porém a grande massa ia-se fatalmente pela dissolução dos costumes à perda da Fé.

*

O Seminário que fora na fundação mero *Colégio*, de onde saíam às lições nas casas conventuais da cidade (dos *gracianos*, *jesuítas* ou *oratorianos*) os alunos, tinha agora um reduzido internato composto de incorrigíveis ou pobretões; abria porém as suas aulas à turba-multa de externos de vida airada, passeantes, bulhentos e mal acepilhados em letras, com uns pobres latins e dois cânones do *Genuense*.

Aí por 1854 a 56, à roda da cátedra de Dogmática apertava-se um curso de 200 e tantos rapazes, entre os quais dois distintos indo a cada passo à mão ao mestre. Também este os não poupava com remoques, alusões e chufas de mau gosto, Deus lhe tenha perdoado!

O pobre *magister* que, segundo ouvi por esse tempo, não era modelo de saber nem de viver, nunca pensou decerto que um dos rapazes viria um dia como reformador do Seminário reparar estragos da sua própria administração e de outros; e que o segundo fundaria a obra da *Regeneração* das infelizes, vítimas da devassidão de muitos.

Os rapazes eram João Rebelo Cardoso de Meneses e João Pedro Ferreira Airosa!

Digitus Dei...

*

Agora por este lado:

Em Agosto de 1860, tendo José Garibaldi em 3 meses *conquistado* a Sicília à frente dos seus *mil*, passou rapidamente o estreito de Messina, obrigando à feia acção de lhe não receberam a visita em casa, os reverendos padres jesuítas de Reggio na Calabria, entre os quais estava o então moço professor de física, Padre João Baptista Meli. Isto tenho-o do próprio Padre Meli, e bem assim a sua qualidade de siciliano, e de como aos seis anos de sua idade comungou pela primeira vez. Se porém daí emigrou directamente a Portugal e veio com a primeira partida de seus irmãos na ordem, não o pude averiguar.

Como quer que fosse, mal pensariam os *camisolas vermelhas* que o vento da revolução dispersando em Itália os filhos de Santo Inácio, conduziria além do mar a terras de Portugal o *pólen* da renascença religiosa.

Abençoados *garibaldinos*, antes mil vezes bendita a Divina Providência que do mal tira o bem !

Digitus Dei...

*

Vamos vendo. Aí por 1864 residia o Padre Meli na quinta da *Conceição* a Torres Vedras, na qualidade de preceptor dos netos do proprietário, o marquês de Lavradio. De lá passou ao novo colégio de Campolide, onde por 1866 a 67 leccionou matemática a quatro alunos: D. João da Câmara e José Gonçalves, destinados às carreiras civis; mais aos, depois, padres Raposo e Napoleão, que sendo então minoristas P. Meli apresentou ao examinador Mota Pegado tratando-os de *Abades*, ao uso italiano. Tema para risas entre rapazes, ao depois no colégio.

Pior era que prolongando-se sem melhoras o estado valetudinário do abalizado professor (grande cabeça num corpo franzino) a tal ponto o teve desalentado a enfermidade, que um dia abrindo-se com um dos padres manifestou desejo de que Deus o levasse para si, que estava sendo de peso à Companhia.

Em vez disto aconteceu que aí por fins de 1869 ou 1870 [1] mourejando nas missões do Algarve o Padre Rademaker com outros companheiros, pediu

1 Quanto *ao ano* da missão do Algarve não concordam os apontamentos, colhidos de várias fontes: deveria ter sido em 68 ou 69 para em 1870 os termos em Famalicão depois de Braga ou *vice-versa*, o que parece indiscutível.

a Lisboa quem ajudasse nas confissões; o Superior falando disso diante do Padre Meli, perguntou por gracejo se queria ele ir. Tamanha era a desproporção entre o labor da ceifa e as forças do ceifeiro!

Pois aceitou de pronto e com alvoroço; e tão bem se deu com as agruras do novo ministério, que voltou consideravelmente melhorado na saúde e aguerrido para novas campanhas. Chamava-o Deus por este caminho; por ele seguiu sem olhar para trás.

*

Voltemos a Braga:

Spiritus Dei ferebatur super aquas.

Sobre este marnel de águas dormentes adejava ainda assim o espírito de Deus. Poucos anos antes, das escolas de Braga tinham partido juntos três moços de talento e superior aspiração: Gabriel de Moura Coutinho, Afonseca Matos e Pereira dos Santos. Os dois primeiros foram luminares na Companhia; o terceiro deu-se às missões do campo. Pouco depois, o Abreu e o Domingos de Albuquerque seguiram-lhe as pisadas.

Já lá estão todos, na terra da verdade.

Ora quis Deus que o destino deste fosse antes de entrar na Religião e convalescente ainda de enfermidade que o teve às portas da morte, acender o fogo sagrado num pequeno cenáculo de moços ordinandos ou já sacerdotes, que se davam em comum a práticas de oração e zelo, com ardor juvenil e docilidade à divina graça. Era o fermento que entrava de levedar.

Depois de um *retiro* no conventinho do Barro, voltam com novas luzes e maior ardor à tarefa em Braga, ampliada agora com a oração quotidiana ao povo, práticas doutrinais, confessionário e doutrina às crianças. Base de operações, a igreja do Carmo; combatentes, padres Airosa, Manuel Aguiar, Veira da Rocha, Carvalho, etc.

Padre João Rebelo andava já em campo, nas missões com Rademaker. Viria também ele, a seu tempo batalhar em Braga, que era de condição cavaleiro e missionário de raça.

Aqui, Deus louvado, a messe era tanta que afogava os operários.

Pediram mais operários e de maior fôlego.

Vieram então (1870 ?) a título de «tardes da quaresma» (e hospedou-os no Carmo o Padre Airosa) os Padres Carlos Rademaker, João Rebelo e João Meli. Três meses duraram as pregações por várias igrejas da cidade: o fruto foi imenso!

Digitus Dei...

*

Mas não só centuplicou o trabalho dos santos ministérios em Braga, e reclamava portanto novos operários a vinha; carecia-se sobretudo de quem condensasse, dirigisse, disciplinasse, coordenasse os elementos activos; e a *obediência* que o mesmo é dizer a *Providência* mandou de assistência a Braga o nosso Padre Meli, a residir de entrada e durante muito tempo em casa das senhoras Aguiares, tias do bom P. Manuel Aguiar. Aí por 1874 tinha já domicílio num prédio arrendado na rua de São Marcos, aonde afluía às confissões a mocidade escolar da Associação de *São Luís Gonzaga*; e pouco depois adquiria por compra na rua de São Barnabé, a casa que fora de um reitor de Seixas, capelão de São Vicente, que para acomodação do clero dos Exercícios ele P. Meli acrescentaria nos aposentos e dotaria com uma espaçosa capela, a poder de canseiras próprias e benemérita cooperação dos melhores filhos de Braga.

*

Desde então a *semente da mostarda* braceja viçosos ramos; Braga renova-se na Fé e nas obras de zelo.

Todas as igrejas da cidade, desde Maximinos a São Vicente, desde o Carmo a São Vítor, restauradas qual melhor a melhor, vêem-se frequentar por um povo fiel, crente, composto, digno.

As grandes manifestações do culto público revestem um carácter de convicção e imponência desusados. O *Centenário* do Bom Jesus do Monte; a *Consagração* da diocece ao Santíssimo Coração de Jesus; as *Peregrinações* ao Sameiro; o *Congresso* Católico, e por fim o *Cinquentenário* da definição dogmática da Conceição Imaculada dizem bem alto do espírito de fé dos bracarenses.

E isto é apenas a afloração a largos traços, de tantíssimas instituições de devoção e caridade, nascidas desse mesmo espírito, inocolado, fomentado por aquele grande homem de Deus.

Vejamos rapidamente:

No Seminário entra Vice-Reitor, a reforçar a obra de D. Manuel Novais com a formação do espírito clerical, o Padre João Rebelo; nos trabalhos do confessionário no Carmo vem ao Padre João Airosa o pensamento de um «abrigo» para mulheres arrependidas que Rademaker apoia e esclarece: é a casa da *Regeneração*; Padre Manuel Aguiar, antigo condiscípulo dos dois, mete peito à *Devoção do Coração de Jesus Agonizante* e às obras do Sameiro; Padre Rademaker estabelece a *Associação das Filhas de Maria* para cuidarem

do adorno dos altares e promoverem casamentos de pobres, de há muito dirigidas pelo Padre Luís Gomes, que se tem dado com ardor outrossim à obra da *Santa Infância* e *Propagação da Fé*; Padre Joaquim Lopes (hoje Monsenhor), toma sobre si com um denodo superior a todo elogio, a obra do *Seminário de Santo António e São Luís Gonzaga*, cujos fundamentos lançara o Padre Meli, e bafejara até à morte.

Do mesmo espírito procede a *Conferência de São Vicente de Paulo*, fundada e dirigida durante mais de 20 anos por aquele espírito de cristão e de sábio, o falecido Doutor Pinheiro Torres; do mesmo, a *Oficina de São José*, do Padre José do Egypto e outros; *item* o colégio da *Preservação* de meninas desamparadas, da Ex.ma Sr.ª D. Maria Madureira; *item* a *Obra Pia* da catequese na igreja do Seminário pelo digno Vice-Reitor Dr. Pimenta, na Senhora-a-Branca por Mons. Dr. Mariz; em São Vicente, pelo Padre Francisco Costa[2]; *item* a transferência e magnífica instalação do colégio dos *Órfãos de São Caetano*, obra daquele outro bracarense ilustre, Dr. António Brandão, erecta figura de apologista católico e prestimoso cidadão; *item* o *Círculo Católico* dos operários, onde o Padre Roberto Maciel se evidencia uma das mais simpáticas individualidades do clero moderno; *item* a *Associação Católica*, contando já algumas dezenas de anos, sustentada na decadência pelo pulso forte de outro bracarense *sans peur et sans reproche*, o Dr. Teixeira da Silva.

E a obra das missões pelas aldeias, confiada aos reverendos Padres do *Coração de Jesus*, sob a direcção do rev.º Padre Bacelar ? E a obra do *Retiro* ao clero para os Exercícios de Santo Inácio, durante uma semana apenas ?

E... fiquemos por aqui.

*

— Nem tudo isto porém é obra do Padre Meli ?...

— Nem tudo é obra da iniciativa dele; tudo porém é fruto da sua plantação; que foi ele quem amanhou o terreno, plantou, mondou, amparou, corrigiu, defendeu durante 20 e tantos anos com a firmeza, prudência, modéstia, singeleza e dedicação de um apóstolo, de um santo.

Digitus Dei...

*

2 Obra mais que nenhuma digna das bênçãos de Deus e aplauso dos homens. É cerca de um milhar de crianças pobres ou remediadas, todos os domingos doutrinada por estes dignos sacerdotes, e outros que os auxiliam.

Também eu tratei, durante anos, muito de perto e muito intimamente com este Apóstolo e Santo !

«*Misericordias Domini*...

Foi-se de cá tão pobre como viera: a batina usada e o breviário.

Isso esperava eu; o que não esperava e me deixou espantado, é que tivesse chorado, na partida para Itália.

Nunca o vira chorar, e cuidei por muito tempo, das coisas terrenas nada o moveria a pranto.

Depois caí em mim que por nós, seus filhos que em Cristo gerara é que à maneira do Apóstolo São Paulo, o coração se lhe partia de saudades. Quando há 4 anos cheguei de Roma a Nápoles para o abraçar, isso reconheci. Aquele era amor espiritual, de finíssimo quilate, tão superior ao outro como o céu à terra.

Venerando velho ! Recebeu-nos em sua casa, ao P. Barreiros e a mim com alegria de enternecer, quase infantil de ingenuidade e gozo, acompanhou-nos à catedral de São Januário e ao Seminário, participou da nossa refeição num *restaurante*, e ao despedir disse-nos adeus até lá, apontando para o céu !

Sim; até lá.

53

Suaviter *

Como em vida, assim na morte foi o Senhor D. António José de Freitas Honorato: pacífico, modesto, concertado, singelo, manso, paciente, confiante na Divina Misericórdia.

Para ninguém melhor que para ele, aquelas dulcíssimas palavras do Sermão da Montanha: *beati pacifici; ... beati miles; ... beati misericordes.*

A morte foi-lhe apenas um episódio da vida, continuada ALÊM no seio de Deus. Isto tivera sempre do seu altíssimo espírito e Fé esclarecida; com isto contara, mercê de sua firme Esperança; para aí, centro divino de toda a luz, vida e amor, o propelira sempre aquela sua entranhável Caridade, que não conhecia desfalecimentos, nem reparava nas próprias, quando acudia às alheias necessidades.

Cansado alfim dos anos, que não do bem-fazer, recostou o corpo um dia e em paz dormiu e descançou.

Quoniam tu, Domine, singulariter in spe constituisti me.

---

* Publicado em *Voz de Verdade*, 5.º ano, n.º 249, de 5 de Janeiro de 1899.

54

In lucem *

Sempre a luz nascente desperta olhares simpáticos, que não só curiosos. Cada ser que à vida chega, no dia cada aurora, cada primavera no ano, é sempre festa. Dá-nos um novo renascimento de esperanças cada um destes adventos; um como novo frémito vital que nos dilata o coração, fazendo que já no futuro vivamos e do futuro.

Assim porventura se explicará, em parte ao menos, o alvoroço, a impaciente expectativa e amorosa simpatia com que ansiamos todos pela vinda do ilustre Antístite bracarense, o Senhor Dom Manuel Baptista da Cunha.

Não o vimos ainda, e conhecêmo-lo já como filhos conhecem seu pai.

Bem vindo seja Ele !

---

* Publicado em *Voz de Verdade*, 6.º ano, n.º 280, de 9 de Agosto de 1899.

55

O nosso Arcebispo*

A fisionomia moral do santo Arcebispo, que Deus nos levou o ano passado, pode dizer-se oiro de lei: quanto mais *ensaiado*, de melhor quilate se revela.

Assim prova Deus, e provou sempre os seus eleitos; para que pronunciando-se pelo atrito da adversidade o rico fundo da virtude incoberta, não só se radique esta como planta agitada pelos vendavais, mas seja lição aos vivos durante a vida, e penhor de eterna glória do morto depois da morte.

Quanto melhor o conheci, mais o admirei; e lhe quis e quero com um afecto, misto de veneração e agradecimento, que a injustiça dos homens aumentou enormemente, e a morte não pode desvanecer nem o tempo. Tenho até pendente o seu retrato, que é quase como se o estivesse vendo e ouvindo no Paço de Braga. Dá-me a ilusão de que não morreu, e me fala ainda com aquela tão clara lisura, sobriedade de maneiras, afectuosa amizade e familiar lhaneza, sempre igual e fidalga.

De memória tenho, e bem viva, a série de situações em que me foi dado admirá-lo, de perto ou de longe, numa escala ascendente de trabalhos e provações.

Tocarei de leve.

Recebeu-me a vez primeira em Lisboa (1896) ainda Arcebispo de Mitilene. Era a *prata lisa*, por fora. O *oiro* por dentro, só três anos depois. Já Arcebispo Primaz, tive, tivemos todos a fortuna de o tratar quase diariamente no Paço de Braga. E assim mesmo, oiro fechado na sua habitual modéstia; impossível porém encobri-lo de todo, na vida pública como em família.

---

* Trata-se do arcebispo D. Manuel Baptista da Cunha. Publicado em *Voz da Verdade*, Revista Religiosa, 21.º ano, n.º 21, de 21 de Maio de 1914.

Diariamente, depois do ofício divino com um dos reverendos familiares, trabalhava até horas mortas da noite no expediente; levantava-se cedo para dizer a Santa missa; acudia à sala a receber visitas, ou às igrejas para actos mais solenes do culto, ou ao Seminário a informar-se do que ia, e visitar os seus padres e as obras, placidamente, sem pressas nem moléstia para ninguém.

Depois do cuidado assíduo dos Seminários, foi obra sua de predilecção a visita pastoral a toda a diocese. Havia 100 anos já, desde D. Frei Caetano Brandão, que nenhum prelado de Braga saía pessoalmente à visita: estava reservada para o Senhor D. Manuel Baptista a continuação dela, com amor e destemor.

Nesta faina o surpreendi um dia, para poder depôr agora com inteiro conhecimento de causa.

Em 1905, percorrida já grande parte da diocese, sem evitar os recantos mais escabrosos do *Minho* e *Trás-os-Montes*, empreendeu à entrada do inverno a visita do Arciprestado de Amares, encostado à Serra do Gerês por Terras de Bouro. A 31 de Outubro, depois de duas léguas de caminho de serra e debaixo de água, já de noite escura, apeava S. Ex.ª nesta pobre casa, à falta de melhor. Da memória dos vivos, nunca tamanha honra para a humilde gente dela, nem tamanha satisfação; aguada assim mesmo pelas penúrias da hospedagem: que é tormento grande querer e não poder. Para agravar o quadro ajunte-se a isto um tempo horroroso de vento, chuva, frio, trovões e granizo, mais a perspectiva de jornadear pelas quebradas desta região, ermas, despenhadas, cortadas de torrentes e passos perigosos, nesta quadra do ano, antes de poder regressar ao Paço de Braga.

Pois durante dois dias, no meio de tamanha contradição, não consegui surpreender-lhe no semblante a mais leve expressão de enfado, preocupação ou receio de sair mal deste passo. Ao contrário disso, sempre plácido e bem humorado.

— Mas, Senhor Arcebispo ! Que horrível tempo para Carvalheira !

— Não ! ao contrário, está óptimo, que estamos abrigados dele.

Não pensava no dia de amanhã, como quem, tendo tomado as providências ordinárias, tudo o mais deixa à Divina Providência, e confia na própria paciência e dos familiares, sempre alegres e dispostos para o trabalho mais árduo, a exemplo do amo. Belo exemplo que me edificou e enterneceu, e bela alma de apóstolo !

Vi a sua humildade e desprendimento em Roma, hospedado num cubículo franciscano, onde mal cabia o leito e a secretária; a sua piedade, assistindo no Seminário ao retiro do seu clero, com toda a singeleza e pontualidade de um simples exercitante; a sua largueza e munificência, na hospedagem de tantos prelados, no seu Paço, pelas festas grandes do Sameiro, o amor

ao clero custeando as despesas da ordenação de pobres seminaristas, e subindo até ao leito de padres enfermos a visitá-los, ou nas festas do ano a levar-lhes cumprimentos, ou convidando-os para a sua mesa no Paço.

Depois de tudo isto, como no crisol se apura o oiro... mandou-lhe Deus Nosso Senhor as mais duras provações: a enfermidade que o teve entre a vida e a morte, e as injustiças dos homens, que são bem mais amaras...

Violências brutais de inimigos e falta de assistência de amigos. Como com o Divino Mestre: *Percutiam pastorum, et dispergentur oves.* Como Ele podia dizer: «As aves têm os seus ninhos e as raposas o seu covil»... o Arcebispo e Senhor de Braga teve de tomar nela uma casa de arrendamento, para não ficar na rua. E nem assim lhe concederam viver em Braga !

Morreu a um canto da diocese, em casa emprestada generosamente, mas emprestada.

Cristo também não deixou com que lhe comprassem a mortalha.

Santo Arcebispo ! quanto mais relembro a tua vida, mais cara me é a tua santa memória.

56

Padre Sebastião Pires de Freitas*

Com 74 anos de idade faleceu a 20 de Fevereiro em Covide na casa paterna, o Padre Sebastião, bem conhecido em Braga nos tempos de estudante e nos derradeiros da sua vida.

Dizia-lhe com a do físico a fisionomia moral, de homem de antes quebrar que torcer; forte, franco, generoso e leal amigo.

Era um carácter.

Foi por alguns anos caçador arrojado, e apaixonado explorador da serra do Gerês, cuja orografia conhecia a preceito. Um dia porém arrumou com a espingarda e meteu-se a pregador de missão por essas aldeias, feito *venator animarum* para Cristo.

Para isso teve como iniciador, mestre e amigo, o venerando e apostólico Padre Frei Manuel da Madre de Deus, egresso carmelita. À morte dele continuou por bons 20 anos, com o mesmo espírito e ardor até cair extenuado de fadiga e achaques.

Nesse aturado labor de tantos anos adquiriu grande espírito sacerdotal de fé viva e rigorosa observância das obrigações sacerdotais, arrependimento dos desvarios da mocidade, ilimitada confiança nas misericórdias do Senhor, que aliás o provou duramente com sofrimentos de vária espécie.

Quatro anos haverá que, depois de muitos de ausência, voltou à sua naturalidade, vivendo aí a vida de cenobita, repartindo o tempo entre as obrigações do estado e a solidão.

Ainda em Setembro p.p. subimos a passos arrastados o monte das Mós, às obras para o monumento ao Santíssimo Coração de Jesus.

Foi a despedida para ele.

---

* Publicado como folha solta.

Em carta de 13 de Janeiro:

«[...]

«Dou-te parte que estou a ficar sem vista; seja feita a vontade de Deus. Quando ao guerreiro de outros tempos [aludia à notícia de um jornal que lhe atribuía falsamente uma tolice] direi como Camilo Castelo Branco a respeito de A. de Gouveia: *Farelório!* O mais só à vista.

«O Sebastião [abade aposentado de Chamoim] tem a saúde do costume. Desejo-te saúde e resignação para arrostar sempre com as iras e adversidades da moda. Adeus e ora por mim, pois estou perto da morte.»

E assim foi de verdade. Faleceu daí a cinco semanas precisas e celebrou a sua missa quase até ao último dia!

Funeral modesto, mas concorrência de eclesiásticos.

Descanse em paz o padre digno, valente lutador e amigo de toda a vida!

57

Mais dois *

Com intervalo de Agosto a Dezembro, dois modestos e honestíssimos padres cá destes sítios tiveram, no presente ano, baixa no registo dos vivos. Ambos de carácter de uma só peça, sem orgulhos nem vaidades, passaram a vida inteira cumprindo religiosamente, quanto permite a humana fragilidade, os deveres do seu ministério. E como sorte dos mortos é passarem depressa pela memória dos vivos, e a muitos destes convenha a lição do exemplo, fiquem aqui os seus nomes para maior glória de Deus e proveito nosso.

Tive-os ambos ligados por laços do sangue e de inalterável amizade de toda a vida, sempre dignos e sempre amigos, é bem verdade; espero porém que nem assim me cegará o afecto até faltar à verdade. E pois que já passaram, estão nos casos do preceito: *lauda post vitam, magnifica post consummationem*; que não é prudente dirigir encómios a um homem durante a sua vida: *ne laudes hominem in vita sua*. Nem eles mo perdoariam, cuidando acaso os iludia ou não falava a sério.

Dois ilustres desconhecidos fora da nossa ribeira do Homem, se quiserem; mas é principalmente para os de cá esta pobre escrita.

*

Padre MANUEL JOSÉ RODRIGUES era dos dois o mais novo, e foi o primeiro a partir. Tinha agora 61 anos e haverá uns dez ou doze que retomara as modestas funções de professor primário, interrompidas (exemplo raro !)

---

* Publicado em *Voz da Verdade*, Revista Religiosa, 22.º ano, n.º 2, de 7 de Janeiro de 1915.

durante uns vinte e tantos para de todo se dar à paroquialidade de Carvalheira. Esta prova de desprendimento e inteireza de carácter, que mais lhe devia valer nas estações oficiais, esteve a pique de nulidade. Acudiu-lhe a intervenção oficiosa do grande Arcebispo D. Manuel Baptista da Cunha, não tanto por galardoar serviços paroquiais de longa data, como apreço da generosa acção do Padre Rodrigues, renunciando à cadeira para melhor servir a Igreja. E foi precisa a táctica superior e toda energia do nobre prelado para vencer a corrente contrária da influência política, e de certa má vontade contra o padre, por ser padre. Muitos anos antes tinha eu lido numa carta de Braga para um jornal do Porto a pindárica razão da incompetência do clero no ensino primário — *tresandarem a latim os padres e ignorarem a geometria do espaço.*

Quem evidentemente não tresandava a *latim* era o correspondente, e nem sequer a senso comum.

Quanto a *geometria no espaço*, não direi nada que é melhor.

Com latim e sem geometria... no espaço lá ia indo com os seus pequenos o Padre Rodrigues, quando morte inesperada lhe atalhou os passos, colhendo-o no exercício do seu ministério.

Na manhã do dia 7 de Agosto, subindo vagarosamente a pé a empinada ladeira da sua casa à capelinha de São Caetano onde devia cantar a missa da festa, a meio caminho foi acometido de incómodo grave e teve de ser reconduzido a casa, onde faleceu dois dias depois com inteira consciência do seu estado.

Era natural da freguesia de Chamoim, e actual representante de seu avô paterno Agostinho Rodrigues, que militara na guerra peninsular, primeiro como sargento de artilharia, e depois como capitão quartel-mestre do regimento de milícias da Barca.

Conheci de perto o Padre Rodrigues e com ele tratei desde menino, dando-me sempre a mesma nota, de um carácter sério, modesto, honestíssimo e limpo de corpo e alma.

Coroemos com outro exemplo do seu desprendimento:

Como desde o seu tempo já não restasse do passal de Carvalheira mais que as quatro paredes da residência paroquial, o Padre Rodrigues arroteou no baldio e murou um pequeno conchouso solitário, onde colocou umas colmeias, plantou alguns pés de vinha, e ia lá nas horas vagas ler o breviário e desenfadar-se dos seus trabalhos.

Pois na retirada da freguesia doou à Devoção do Coração de Jesus o prédio, vendido depois por uns 70 e tantos mil réis.

Sempre asseado de corpo e alma, sempre até ao fim.

*

Padre SEBASTIÃO PIRES DIAS DE FREITAS, abade de Chamoim, aposentado. Com ele me criei no latim em Covide, e numa amizade sem eclipse que durou desde os 9 ou 10 anos até os 71 com que faleceu. Foi sempre um carácter à Sá de Miranda. Sério, modesto, leal, verdadeiro, de poucas falas mas pesadas e pensadas, persistente nos propósitos, desprendido de ambições, honestíssimo de costumes. O pulso tinha-o forte em rapaz, e fulminante na arremetida; vinha porém às boas e não guardava rancor, nem se vingava de ninguém.

Ao sair do latim da escola de Covide foi por indicação de um seu tio padre estudar a filosofia em São Vicente da Chã, Barroso, com o Dr. D. Frei Joaquim da Boa-Morte Álvares de Moura.

Atrasando-se nos preparatórios liceais de então, veio a ser apanhado pela reforma do tempo, que o obrigou ao português, francês, geometria e geografia-história. Atrasado no tempo, porém melhor preparado que nós para a teologia do saber.

No fim do 1.º teológico foi provido por concurso na cátedra primária de Covide; e daí nova interrupção dos seus estudos, por uns dois anos.

Lembro-me de que o pai me encarregou então de o convencer a deixar a escola para seguir a ordenação, e que ele respondeu às minhs observações: «Mas é que eu, se me ordenar, é para ser padre !...».

No internato do Seminário, que então era facultativo, concluiu limpamente o seu curso e saiu padre — a valer, sem intemperanças nem fantasias. Poucos anos depois era colocado na encomendação de São João da Balança e recebia, pouco adiante, a instituição canónica da mesma; donde foi transferido para Santiago de Chamoim e nela aposentado a final, por doença.

De uma e da outra saiu com as mãos vazias. Largo com os pobres e desprendido de ambições, nunca agenciou pecúlio nem disso pensou. Na saída de Chamoim, ao partilhar como novo o encomendado o rev.º Padre Gonçalves de Carvalho os frutos do passal, houve discrepância numa meia pipa de vinho... que o abade teimava pertencer ao encomendado, e este àquele ! Dignos um do outro.

Falando deste caso, dizia-me um dia o nosso Arcebispo que Deus tem: «Não me lembro de outro igual !»

Impossibilitado de todo o serviço, mesmo de celebrar, recolheu à casa paterna onde, bem que nada lhe faltasse, de assistência e comodidade, durante 10 ou 12 anos, morreu dia a dia com uma constância e paciência heróica, sem nunca falar dos seus males, que não o deixavam dormir nem descansar, de dia nem de noite: foi um purgatório em vida.

Haverá uns 5 anos, quando já mal podia traçar algumas linhas, em resposta a uma minha carta de Braga, condensava todo o seu pensamento nestas palavras: «Estou bem, que estou à vontade Deus.»

Na minha última visita, a 20 de Outubro próximo passado, disse-lhe:

— De hoje a 3 meses é dia de São Sebastião: nesses dia cá me tens.

— Pois sim !

Deus Nosso Senhor dispôs outra coisa: fui antes do prazo, para o seu funeral.

No dia 18 de Dezembro, depois dos ofícios fúnebres do corpo presente na paroquial de Covide, ficou sepultado em jazigo de família na capela da antiga casa do Passadiço, onde nascera a 25 de Julho de 1843. Era irmão dos muito reverendos Abades de Adaúfe e de Rio Caldo, e do regente florestal sr. Freitas.

Fiquei só: era o derradeiro dos companheiros de Covide.

58

Duas Hospitaleiras *

Dados para a História do nosso tempo ? Não. Seria desmarcada ambição pretendê-lo. A História é uma senhora de nobre porte e como o antigo pretor não cura de coisas mínimas. Dados serão, mas para a tradição doméstica à lareira nas longas noites do inverno.

Pois foi o caso que numa pobre aldeia das abas do Gerês, filha-família de lavradores, se criou ao ar livre da serra certa moça, ingénua e alentada como as suas vizinhas e, algo mais que o comum, dada à prática da piedade. Durante uns 9 ou 10 anos acompanhou, como governante, um irmão mais velho, pároco de aldeia lá por esses sítios, repartindo o tempo entre os cuidados domésticos e o arranjo dos altares.

Um dia disse ao irmão: «Queria ser Irmã da caridade !». tinha então 20 anos. O irmão acompanhou-a ao Porto, entregou-as às Irmãs Hospitaleiras, de *Calais*, na casa da Bandeirinha.

Por lá andou servindo as filhas das pobres da rua nas escolas particulares ou os enfermos nos Hospitais, pelo Porto, por Ílhavo, pelos Arcos de Valdevez, por Setúbal.

Afinal com outras irmãs foi expulsa do hospital desta cidade, mal tendo tempo de despir o hábito de religiosa. Com elas foi conduzida a Lisboa por entre insultos da ralé, e detida no Arsenal da Marinha, como cão vadio apanhado pela rede municipal até que apareça o dono.

Porque depois de *trinta anos* de serviços não tinha com que pagar a passagem para Braga, recebeu-a por esmola de uma caritativa senhora francesa. Perfeitamente.

---

* Publicado em *Voz da Verdade*, Revista Religiosa, 21.º ano, n.º 51, de 17 de Dezembro de 1914.

Com sessenta anos de idade e os achaques concomitantes trazia de seu a roupa do corpo, pobre e à marafona; na alma porém a paz e satisfação dos que sofrem por Cristo. Que mais queria ?

Voltou à sua aldeia e à casa paterna onde encontrou de menos os que a morte levara, e a mais os novos que não conhecia.

Todos lhe queriam, mas estava como o peixe em seco.

Ao fim de um ano veio-lhe recado de suas Irmãs, e convite de passar com elas ao estrangeiro.

Obedeceu, deixando segunda vez a sua aldeia natal, e a terra da língua portuguesa agora na velhice, para assentar morada em país de calvinistas, na Holanda, ali à ilharga da Bélgica, queimada agora pelos horrores da guerra.

Nas últimas notícias (9 de Setembro) diz para cá: «Eu estou bem, graças a Deus. Se o que aconteceu na Bélgica fosse na Holanda, já talvez não estivesse viva; pois já vai em dois meses que esta desgraça dura, e durará enquanto Nosso Senhor assim o determinar de nós. Seja feita a sua vontade, assim na terra como no céu».

E mais nada. Como se faça a vontade de Deus, tudo vai bem para a pobre hospitaleira que no fim da vida teve de trocar a sua terra de Portugal pelas brumas geladas da Holanda, e a paz profunda das montanhas natais pelos sobressaltos da guerra em país estrangeiro.

Que falta porém a quem Deus não falta ?

*

Os passos desta para a Bandeirinha tinha seguido dois anos depois a irmã mais nova e com autorização dos pais, pois contava apenas 16 anos.

Mais ingénua ainda e menos robusta que a irmã, ao fim de oito anos de serviço hospitalar caiu gravemente enferma no hospital dos Arcos por contágio de umas febres tifóides, que três dias a tiveram entre a vida e a morte. Escapou da morte, mas nunca mais convalesceu. Depois de dois anos de vãs tentativas no Porto, em Braga e Viana do Castelo, houve de recolher à casa paterna com as faculdades mentais transtornadas; e nela viveu ainda *vinte e quatro* anos (se aquilo é viver) indo de mal em pior até ao fim.

Nos últimos anos acamou, entorpeceram-se-lhe os membros inferiores, sendo preciso tratá-la como criança do berço.

Nos últimos quatro dias recebeu o alimento sólido e sem outra moléstia conhecida nem agonia, veio a falecer, quatro horas depois de ter recebido a extrema-unção, com placidez e docilidade, num intervalo lúcido !

Ficou ontem sepultada na terra onde nascera e se finou, como tantos outros seus antepassados.

Engrinaldaram-lhe de flores brancas o caixãozinho as suas amigas, e vieram, apesar do desabrido inverno de ontem, 15 prestimosos sacerdotes e muito povo assistir-lhe ao funeral.

*

É umha *história* bem singelinha a destas duas Hospitaleiras, que mal merece as honras de letra redonda.

Também não a pediram, nem com tal honra sonharam as humildes filhas do povo, que nasceram e viveram à maneira das violetas, perfumando o ambiente sem se mostrarem.

O seu perfume fica para os de casa, e isso basta.

59

Em memória do Dr. João António Pereira*

Faleceu em Pinhel, no dia 10 do corrente, o médico João António Pereira; morreu como vivera, cristão convicto e homem de bem. Foi-se da vida presente, sereno perante o transe terrível da morte e confortado com os sacramentos da Igreja; dando assim aos seus e a estranhos um belo exemplo, que Deus tem certamente galardoado a estas horas, pois escrito está: «Àquele que me confessar na presença dos homens, confessá-lo-ei perante meu eterno Pai, que nos céus está».

Sempre assim o conheci, desde há mais de 40 anos; bem posto na sua avantajada corpulência, plácido, modesto, varonil, parco no falar, correcto em tudo, desprendido de ambições ou vã glória, leal e honestíssimo no sentir e no falar, sem má vontade para ninguém, firme e fervente na crença religiosa, auxiliando a imprensa católica com a bolsa e com a pena, desde os tempos da sua juventude.

Ainda estudante, no Porto, cooperou na fundação do valente jornal católico *A Palavra*, e no seu meio académico, de companhia com José de Alpoim, reagiu contra a feição sectária das manifestações pelo centenário do marquês de Pombal.

Sempre em dia com as obras do zelo cristão, subscrevia todos os anos espontaneamente com o seu óbulo para o Monumento do Coração de Jesus, num monte da sua terra natal: ainda este ano mandou a sua quarta prestação.

Nasceu o Dr. Pereira, na freguesia de São Paio de Carvalheira, Terras de Bouro, no dia 13 de Janeiro de 1851. Era filho legítimo de João Pereira e D. Teresa da Cunha, pessoas honestas porém minguadas de bens de fortuna.

Teria 10 anos, quando um padre seu vizinho, o reverendo beneficiado Manuel José Dias, mordomo de sua eminência o Cardeal D. Manuel Bento

---

* Publicado em *O Bem Público*, de 1911.

Rodrigues, o levou consigo para São Vicente de Fora, onde completou as primeiras letras e teve os rudimentos de ensino secundário.

Por falecimento do Cardeal Rodrigues, entrou em São Vicente, como vigário capitular, o cónego Dr. Américo, que dispensando aliás os serviços do reverendo beneficiado Dias, conservou assim mesmo o seu pupilo, facultando-lhe os estudos preparatórios, que levava acumulando-os com serviço da secretaria e consigo o trouxe poucos anos depois ao Paço episcopal do Porto, onde concluiu preparatórios e levou ao fim os cursos da politécnica e da escola médica.

Nunca, da bela alma do Dr. Pereira, se apagou a memória agradecida a estes seus benfeitores eclesiásticos, aos quais confessava tudo dever, depois de Deus.

Formado enfim e colocado no partido médico de Ribeira de Pena, veio ao Porto desposar a nobre dama que lhe foi até ao fim companheira extremosa e mãe de abençoada prole, a Ex.ma Sr.a D. Emília Meneres.

Quem estas linhas escreve teve a dita de lhes assistir ao casamento, na vetusta igreja colegiada de Cedofeita, haverá agora 28 ou 29 anos.

Assim passa o tempo e nós com ele!

Estas fugitivas notas rematarei com as de uma pessoa que muito de perto conheceu o Dr. Pereira.

Morreu como um sincero e verdadeiro crente, tendo antes recebido todos os sacramentos e dando até aos últimos momentos as maiores provas de resignação.

Mal me fica dizê-lo, mas era um bom, um firme e honradíssimo carácter de português de lei, legando aos seus um nome imaculado.

E a esta nossa terra a honra insigne de lhe ter dado o berço, e aos seus amigos uma memória abençoada, que não se apagará enquanto a vida durar.

Descanse em paz a grande alma do Dr. João António Pereira, descanse no seio de Deus, como sempre esperou.

Carvalheira, 30 de Maio de 1911.

60

Dr. Custódio Aguiar*

Era um dos meus e derradeiro da guarda velha; derradeiro a partir de cá, não porém nos primores da amizade, que nesse ponto nenhum foi primeiro que ele.

Já lá estão todos os desse tempo.

Para os que vieram depois e para os estranhos também, vou ver se poderei aqui deixar duas linhas de fugida e a esmo, ditame de justiça mais ainda que de amizade, lição e estímulo para todos nós. Dívida em aberto há quase um ano; é tempo de pagar: paguemos.

Com ser um conterrâneo e representante de uma das famílias mais distintas desta ribeira, só no liceu de Braga nos conhecemos em 1862, condiscípulos e para mais vizinhos de bancada (números 9 e 10) na aula de *Introdução*, como então se dizia.

Aí se atou a nossa amizade, que havia de durar a vida inteira e passar além.

Aguiar com Agostinho Barbosa eram os benjamins de curso: 14 anos quando muito.

Estou a vê-lo ainda: ingénuo, inteligente, modesto, delicado, bem educado.

E em sinceridade então, um cristal sem a mais leve mácula.

Mas era uma sinceridade de quem tomara chá em pequeno, que a ninguém magoava. Nunca uma travessura de rapaz, um dito azedo, uma picuinha, um despeito irritante, uma referência de má-língua.

Em paz com todos e igual para todos, grandes e pequenos. Era a compleição menos belicosa que tenho conhecido: e contudo vinha de uma

---

* Publicado em *Illustração Catholica*, Revista litteraria semanal de informação graphica, Ano IV, n.º 200, de 28 de Abril de 1917.

família de militares. O pai fora alferes de milícias no cerco do Porto; o avô materno, ajudante; o bisavô, marechal de campo, cavaleiro professo e comendador de São Bento de Avis e moço-fidalgo com exercício no Paço.

Por fraqueza ? Não; por modéstia ingénua e incurável, inimigo de jactâncias e exibicionismo, nem aludia aos feitos dos seus maiores nem os cobiçava para si.

Se a carreira das armas o não atraía, com tais qualidades e sem ambições o que poderia ele na da política ? Sacrificar-se por amor dos amigos, sem nenhum proveito próprio. Isso fez por amizade pessoal de Jerónimo Pimentel e outros, e quando um dia lhe ofereceram um lugar rendoso e de representação, de juiz auditor ou comissário ou não sei quê, mas obrigado a serviços políticos, rejeitou simplesmente a oferta. O caso produziu sensação em Braga: é que o não conheciam.

As tradições legitimistas de sua família, e as suas crenças de católico levaram-no ao *nacionalismo*, em que serviu afinal com a firmeza dos homens dignos e convictos. Era o seu meio natural; cooperar por um ideal alevantado com homens desinteressados. Assim é que assistiu aos congressos do Porto, Braga e a dois de Viana. Da plateia, entenda-se que Custódio Aguiar nunca foi orador nem escritor, apesar de dispôr de enorme massa de conhecimentos especialmente literários. Não deixava porém sair a público a sua modéstia inveterada. Em compensação, firme no seu posto como uma rocha. Um exemplo só:

Um dia apareceu-lhe em casa um amigo e primo por afinidade, o conselheiro José Novais, a propor-lhe um arranjo eleitoral que equivalia a uma defecção.

Aguiar com a singeleza do costume limitou-se a lhe perguntar:

— E o José Novais nos meus casos faria isso que diz ?

Novais apesar de hábil esgrimista, colhido por esta estocada... passou a falar de outros assuntos.

*

Poucos anos depois de formado, e muito novo ainda como se vê do seu seu retrato de quintanista, ligou-se pelo matrimónio com uma menina, senhora da casa dos Abreus, de Regalados. Prendas e dotes naturais da esposa, família ilustre, bens da fortuna e, o que mais é, os filhos gentis a coroar as suas aspirações. Que mais lhe faltava ?

Isso era o segredo de Deus que logo se revelou: faltava o sofrimento para depurar, como ao oiro no cadinho, a alma do bom Aguiar. E foi a pertinácia

de moléstia crónica que o atazanou nos últimos anos da vida; e mais que isso, a desdita dos dois filhos mais velhos que viu morrer na flor dos anos, depois de cuidados tão prolongados como ineficazes. Uma consolação para tamanha dor, devia ser-lhe a lembrança de que se não poupara para lhes dar carreira honrosa e forte educação cristã, pois mantivera três no estudo de preparatórios no colégio do Espírito Santo, e algumas meninas no colégio Inglês.

Altos são os juízos de Deus; sabemos porém que aos seus prova Ele assim para os acolher no céu.

Do espírito de conformidade cristã que o animou em tão doloroso transe diz a seguinte carta:

«Pico, 6-4-915

Meu velho amigo.

Do coração agradeço as vossas consolações pelo falecimento de meu filho João. Não obstante esperar há bastante tempo este desenlace fatal e estar conforme com a vontade de Deus, todavia senti profundamente o golpe pela aflição minha e dos meus. Enfim repito o que vos disse na minha última: bendito seja o nome do Senhor. Como sempre, vosso do C.

Aguiar.»

Esta que vale por um retrato moral foi a última que me dirigira. Um ano e poucos dias depois, foi ele após dos filhos.

Em paz descanse o modelo dos amigos, dos pais e dos caracteres lavados !

7

VARIA

61

Um aperto de mão*

Ao rev.º Pierre Guenard, insultado pelo rapazio do Porto, com manifesto regozijo da imprensa jacobina que a tanto desceu.

Para lhe significar, àquele rev.º colega, que a seu lado me coloco protestando como homem e cidadão português, contra as sevícias de que foi vítima no meu país. Esta ficará, entre as vergonhas da hora presente, uma das mais tristes a lançar ao efectivo já grosso de semelhante imprensa.

Que não dirá de nós a História um dia, e ao presente a Europa e o mundo civilizado!

Ainda bem que o Porto só não faz Portugal, nem a arraia miúda é o povo portuense. Que se o foram, outro recurso não teríamos mais que emigrar em massa para terra de gente, onde não fosse palavra sem sentido a boa educação, o decoro e brio nacional.

Tanto mais me dói aquela afronta a um estrangeiro, inerme e pacífico, quanto mais viva tenho e presente a lembrança da perfeita cortesia, com que fui tratado por lá. Uma injúria gratuita esta agora, agravada de ingratidão.

Porque não fui eu só, senão centenas de sacerdotes portugueses, que pudemos percorrer a Europa, livre e desassombradamente, sem o mínimo insulto de ninguém.

Ainda no ano passado, seguindo na peregrinação nacional a Roma, viajei quase sempre só desde a fronteira francesa, envergando o hábito eclesiástico e na lapela do colete a cruzeta de peregrino, nem sempre encoberta como só mais tarde notei.

Assim mesmo percorri durante 38 dias, populosas cidades como Toulouse, Roma, Nápoles, Florença, Bolonha, Pádua, Veneza, Milão, Turim,

---

* Publicado em *A Palavra*, 1901.

Lyon, Tours, Poitiers, Bordeaux, San Sebastian, Burgos, Salamanca e em parte nenhuma a mais leve falta de cortesia: nem nos caminhos de ferro, nem nos hotéis, restaurantes, museus, bibliotecas, lojas do comércio, igrejas, praças, ruas, passeios públicos, etc.

Visitei quatro universidades, incluindo as duas famosas de Bolonha e Salamanca; quinze seminários grandes em Itália, França e Espanha, e em toda a parte e da parte de todos a mais perfeita cortesia; e de muitos recebi provas espontâneas da mais fidalga benevolência e agasalho, que de todo me deixaram penhorado.

Isto, a um desconhecido estrangeiro que nunca viram nem verão mais, sem uma palavra de recomendação de ninguém !

Citarei o caso de dois estudantinhos de 12 a 15 anos, sobraçando os seus livros, que ao saltar eu de um *tramwia* em Bolonha, se prestaram ponta e generosamente a me guiar a uma dada rua, longe dali; em Bordeaux, dois pequeninos de 9 a 12 anos, o mesmo me fizeram desde a Sé ao Seminário através de praças e ruas bem movimentadas daquela grande cidade.

Evidentemente Bordeaux e Bolonha estão muito atrasadas.

Nos grandes seminários de Toulouse e de Poitiers os seus dignos reitores, não contentes de me satisfazerem, com toda a paciência e amabilidade, a impertinente curiosidade de informação sobre a organização dos estudos e disciplina interna (o que aliás encontrei em todos os outros) chegaram ao extremo de me sentarem à sua mesa, da maneira mais delicada e cativante.

Em Verona é o próprio senhor Bispo da diocese que, depois de pessoalmente me proporcionar como reitor do seu Seminário os mais minuciosos informes, me envia ao hotel horas depois um quadro sinóptico dos estudos, elaborado pela sua própria mão, mais um cartão com os seus cumprimentos de boa viagem.

Ao passar de Turim a Lyon sucedeu que, por engano do empregado de Modane na expedição do meu bilhete, ao chegar à estação de Amberieu, não longe do país do rev.º Guenard, a Sabóia, me encontrei em terra; pois não havia transbordo para Lyon àquela hora. Era meia-noite e o lugar quase deserto. Fora da estação, de duas pequenas hospedarias, só uma e a de menos confiança segundo o condutor da mala, tinha ainda a porta encostada. Entrei pela sala de jantar, onde quatro bebedores de cerveja e fumadores de cachimbo palestravam à roda de uma mesa com o dono da locanda. Não me agradou demasiado a companhia, é certo; não era porém ocasião para escrúpulos e depois de leve refeição recolhi ao quarto, de onde parti ao outro dia sem o menor dano, nem o mais leve remoque de ninguém.

Assim nos tratam lá por fora, e assim lhes pagamos cá !

Braga, 21 de Abril de 1901.

62

Prima frons... *

Com não ser de raiz sentimento cristão, nem inteiramente do senso comum, visto fazer ouvidos de mercador ao «não rir do mal do vizinho, que o nosso vem pelo caminho», assim mesmo nos hemos de rir ao mais ligeiro escorregão, do próximo, bem entendido.

Ainda, se quem desapruma, física ou moralmente, conquanto sujeito de maior conspicuidade, há-de ter o sorrizinho dos circunstantes, que fará, não passando de modesto arqueólogo a vítima ? É de se lhe rir na bochecha, com toda a gana e à boca cheia. E não será por mal, senão reinação.

Porém não filosofemos a coisa, e vamos ao caso.

Por exercitar as tíbias, e porventura desencantar algum *miliário*, dos muitos sumidos por esse mundo, sai a gente um belo dia à descoberta e em ordem de marcha, aí pela estrada de Chaves.

Temos dez ou doze dias disponíveis das férias de Setembro: vamos lá, que a ocasião apanha-se pelos cabelos, e só Deus sabe quantos achados de rara fortuna por lá nos esperam.

Fortuna queriam os antigos que fosse tanto a próspera como a adversa: a do arqueólogo é do mesmo pêlo por força da arte, e quase sempre pendendo mais para a sorte mofina, que parece mesmo um enguiço.

Aí pelas alturas de Rendufinho, recebe, com alvoroço, está visto, a denúncia de uma pedra cilíndrica com letreiro latino, na residência paroquial.

— Mas isso pode ser um miliário ... há-de ser um miliário... É verdade que a estrada real passava a leste do riacho, freguesias de São Gens e Frades: uma imigração porém não será de todo impossível...

No outro dia, ao abrirem o portão da residência, dá a gente de rosto com a esbelta coluna, a dez passos, recoberta de escritura à guisa de miliário.

---

* Publicado em *A Restauração*, n.º 51, de 17 de Novembro de 1904.

Eureka! exclamou fora de si de contente, no meio de folgada companhia de clérigos e seculares, curiosos de verem no que a coisa dava.

Pois deu em água chilra. Meio minuto depois, e no meio duma saraivada de gracejos e galhofeira reinação, teve o infeliz *descobridor* de amainar veias ao estusiasmo e confessar o erro.

Miliário aquilo ? Parecia, mas não era.

Porventura foi algum piedoso abade de Rendufinho, em horas de ócio, que se lembrou de dedicar a horta a Santa Maria e São José, pondo o caso em latim e em pedra.

Curioso, não tem dúvida; porém impertinente, hão-de concordar. Se bem li, diz a pedra:

M. P. AUGUSTI
NUS. CUM SE FEDE
LICITER ET AD
HUC VIATOR
VIDISSET IAM IN
TER. IOSEPHUM
ET MARIAM
SS.MOS DEVOTE
DIXIT
POSITUS IN
MEDIO QUO
ME VERTAM
NESCIO
TANTIS AC TAM
GLOR.MIS PATRO
NIS
O. D. ET C.
HOC VIRIDARIU.M

Em romance parece que viria a dizer o rev.º epigrafista:

«*Quando o meu bom padre Santo Agostinho, ainda em vida, se viu felizmente entre os Santíssimos José e Maria, disse devotamente: Colocado no meio, nem sei para onde me volte. A tão grandes e gloriosíssimos patronos ofereço, dedico e consagro esta horta.*»

Horta, jardim, pomar, parreiral ou o quer que fosse, dedicado por tal guisa...

O pior foi a decepção.

Decipit frons prima multos... praesertim archeologos.

63

Senhor Jesus do Monte das Mós*

Monumento ao Santíssimo Coração de Jesus

Parece ter as bênção de Deus e corresponder a um simpático ideal este pensamento.

Bafejado logo ao nascer por Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. Arcebispo Primaz, que indulgenciara com 100 dias os colectores de donativos, e apoiado ao aplauso de sacerdotes dedicados a este divino culto, nenhum empecilho encontrou na sua difusão, seja Deus bendito.

Para visitar o sítio empenhou penosa e arriscada jornada o rev.º Padre Manuel Aguiar; inspeccionou o local o dedicado engenheiro sr. Dr. Teixeira da Silva; e o jovem sacerdote Padre Manuel Lopes, fotógrafo amador, foi lá colher os *clichés* para ilustração dos prospectos. De modo que a piedade, a ciência técnica e a arte deram-se as mãos em seu favor.

Já o terreno tinha sido generosamente cedido pelo simpático ancião Pias Visão, mais o caminho de servidão por estar vizinho; já os lavradores da freguesia de Carvalheira se organizavam em comissão de obras sem a máxima relutância, quando em Braga (Março deste ano) ficou constituída a comissão directora e começaram a ser espalhados, pouco a pouco, os prospectos impressos.

Como a gente da terra é geralmente pobre, lançaram-se naturalmente as vistas para os filhos dela ausentes, e remediados de bens de fortuna.

Quase todos corresponderam pronta e generosamente; e de um deles, médico distinto, com o seu donativo veio uma carta de incitamento, reputada por um da comissão em «mais de *cem mil réis*», como disse entusiasmado.

---

* Publicado em *Voz da Verdade*, Revista Religiosa, ano 14.º, n.º 22, de 30 de Maio de 1907.

São dela os seguintes trechos:

«Pobre como é, envio com todo o gosto o modesto óbulo para o monumento que na minha terra projectam levantar ao Sagrado Coração de Jesus; e se não prometo quantia determinada anual, tenciono todavia mandar o que as minhas modestas posses me permitirem, e que o Sagrado Coração consinta seja grande a minha cooperação, pois só n'Ele está a realização dos desejos de todos nós.

«De todo o coração lhe agradeço a lembrança que teve de me enviar a notícia do projecto da obra, que eu desejaria auxiliar mais eficazmente. Se Deus porém tanto abençoou a pobre viúva pela sua mesquinha esmola, também retribuirá com bênçãos os bons desejos do nosso coração, etc.».

E em nova missiva, de 3 de Maio, acrescentava:

«Se entre nós deve haver reconhecimento, no caso presente, não é o nosso bom amigo que deve manifestá-lo, sou eu; porque se lembrou de mim para uma obra que engrandece a nossa terra, e porque me ofereceu oportunidade de manifestar as minhas crenças e o meu reconhecimento por Aquele que tantas mercês me tem dispensado.»

Sincero e edificante!

*

Para um pouco de propaganda enviaram-se prospectos à imprensa católica a qual, honra lhe seja! se prestou a dar conta do caso; e outrossim realizaram-se reuniões dos reverendos Párocos de Terras de Bouro, uma em Chamoim, outra em Covas, e de Amares, em Fiscal primeiro, depois nas salas do tribunal; e de Vila Verde, em Coucieiro uma, outra em Esqueiros. Falta ainda a das paróquias ribeirinhas do Cávado, de Terras e de Vieira. Lá se irá com a graça de Deus; mais as da bacia do Lima, do concelho da Barca, que todas convizinham como local do monumento. Às próprias povoações da Galiza, da vertente norte do Gerês, chegarão os papelinhos, «e se mais terra houvera»...

Estes papéis são o prospecto ilustrado para recolher donativos de maior conta; e as listas a 20 réis por pessoa, para a subscrição popular, para que todos dêem a mão a esta empresa que de todos é.

*

A obra principal, pilar e estátua de mármore, está orçada em 1.5000$000 réis. Do projecto encarregou-se o ex.mo Sr. Dr. Teixeira da Silva.

Recebem donativos, em Braga, o tesoureiro A. M. de Araújo, Ourivesaria «Venâncio», ou os senhores da comissão, no Seminário; em Terras de Bouro, o tesoureiro Martins Ribeiro, Carvalheira, mais o rev.º Abade Adriano de Campos, Covas. Em Vila Verde, os reverendos Abades Freitas, de Coucieiro, e Sousa, de Esqueiros. Em Amares, os reverendos Abades Santos Correia, de Fiscal, Dias de Sá, de Amares, e M. Capela, de Goães.

A todos os senhores subscritores, mil prosperidades temporais e espirituais, e acrescente Deus o que fica.

Braga, 23.V.907.

64

Bouro *

Se é lícito a cada família prezar os feitos de seus ascendentes, o mesmo se poderia dizer das memórias e monumentos dos concelhos, comarcas e outros elementos nacionais, se à gente lhe der para os estimar. Ninguém disso se há-de queixar com justa razão.

Nós cá, os da região ocidental do Gerês, atemo-nos às tradições do mosteiro de Bouro, cuja fundação vem do tempo dos *afonsinhos*, se não o excede.

Não podendo entrar aqui em averiguações desse ponto, remetemos os curiosos para um das fontes de melhor nota: *Brandão*, M. L., X, e limitamo-nos a dar cópia de algumas pedras antigas que lá estão ainda, e algo dizem ao caso.

*

Sobre a porta principal do Santuário de *Nossa Senhora da Abadia*, lê-se:

MAGNA ERIT GLORIA DOMVS ISTIVS NOVISSIMAE
PLVS QVAM PRIMAE
AGGEVS PROPHETA, CAP. 2.

Atende este letreiro à pequenez da antiga Ermida, que foi núcleo do mosteiro cisterciense de Bouro, comparando-a com o templo actual, que saiu fábrica de amplas proporções, de três naves com duas torres-campanário

* Publicado em *Illustração Catholica*, Revista litteraria semanal de informação graphica, Ano IV, n.º 192, de 3 de Março de 1917.

à frente e tem a data de 1644. Está num valezinho apertado entre abruptas ladeiras, na vertente do planalto de Santa Isabel ao Cávado, a distância de 2 quilómetros do mosteiro. *Mosteiro* lhe chama ainda o povo (a Nossa Senhora da Abadia), a mais antiga devoção dos povos destas redondezas.

*

Em Bouro, ao longo da fachada do mosteiro que dá para o terreiro, vêem-se umas estátuas de alguns reis de Portugal, colocadas ali pela devoção dos monges, segundo os dizeres que as acompanham.

Gravadas a bastante altura e com as anomalias da época, as letras coladas, mistas, incluídas, NN invertidos e ainda em cima com o *benefício* da brocha a tinta negra, torna-se difícil a sua interpretação cá de baixo. Tal qual as pude colher, anos há, aqui as dou em estilo *corrente*, se não correcto.

Sobre o portão há um grupo da Sagrada Família com esta letra:

MATER CIS
TERCIENTIVM
ORA PRO NOBIS

Mãe dos religiosos de Cister, rogai por nós. Foi a devoção tradicional dos filhos de São Bernardo a Maria Santíssima, que tal inspirou; e até a grafia correcta respeita as muitas letras do ilustre abade de Claraval, sol do seu século.

A esta segue-se a estátua de um cavaleiro, de joelhos, cabelos e barbas intonsas, arnês e coxotes, com o letreiro:

ALFONSVS CO
MES PORTUGA
LIAE EXCELSVS

Afonso, conde excelso de Portugal.

Por cima da figura, à guisa de pendão de guerra:

AOS INFIEIS S N ... Deus

que seria o seu grito de arremetida contra os mouros. Isto para corresponder à tradição de ter vindo em romaria a Santa Maria de Bouro (Nossa Senhora da Abadia) D. Afonso Henriques, ainda então simples conde de Portugal.

Em seguida a esta, outra estátua, de pé, na direita uma espada metálica enfiando uma corda do mesmo metal, na esquerda a miniatura de um edifício representando o mosteiro; e por baixo a inscrição:

ALFONSVS PRIMVS
HVIVS DOMVS RE
GNIQVE FVNDATOR

Afonso Primeiro, fundador desta casa e do Reino.

Outra estátua de pé: armadura e manto. Aperta nas mãos sobre o ventre um rolo:

SEBASTIVS PRIMVS . P .
REX . A COMMENDA
TARIIS LIBERATOR

Sebastião Primeiro Rei de Portugal que nos libertou dos comendadores...

A razão do seu alívio lá a saberiam os bons monges de Bouro.

Mais adiante outra estátua (se tais nomes merecem estas esculturas) de saio e túnica, ceptro de três nodos na direita, na cabeça uma coroa, apertando na esquerda um livro.

O letreiro diz ... ou parece dizer:

DIVI PETRI CORONA
HENRICVS PRIMVS A GA
LLIS LIBERATOR

Coroa de D. Pedro, Henrique Primeiro, libertador dos galos.

Que o monumenro aluda ao Cardeal-Rei parece não haver dúvida; agora quanto aos *galos*, ocorre-me que talvez por intervenção do Cardela-Rei perante a Santa Sé as ordens cistercienses em Portugal conseguissem transferir a sua obediência monástica de alguma das velhas abadias francesas, de *Cîteaux* ou *Clairvaux* para a nossa de *Alcobaça* tanto mais que tinha vindo uma leva de *monges brancos* para a fundação de *São João de Tarouca*. A forma *liberator a Gallis* é que saiu um pouco rude, valha a verdade.

Tudo isto porém não passa de mera hipótese, à falta de dados aqui à mão para a converter em tese.

Por último, estátua de pé, cabelo longo e bigode, saio até o joelho, calção e meia, toga roçagante, braços colados ao ventre:

IN XVI GENERATIONE . A
TENVATAM RESPVBLICAM
IOANES IV RESTITVIT .

A nação enfraquecida na décima sexta geração (D. Sebastião) *restaurou-a D. João IV.*

Patriotas eram os frades de Bouro, ali saíram armados com os homens de sua conta para defenderem da incursão espanhola o passe da *Portela do Homem* na serra do Gerês. Que muito então ornassem o seu mosteiro com a estátua do *Restaurador* ?

*

Por fim, na base de um padrão, armado em *cruzeiro* no cemitério de Goães, Amares:

AQVI SE CO
MEÇA O COVTO
DO MOSTEIRO
DE SANTA MARIA
DE BOVRO HO
QVAL DOTOV
DOM AFONSO AN
RIQVES I REI
DE PORTVGAL

Este monumento que é composto de uma elegante coluna de granito, assenta em base quadrada e rematada por uma cruz de pedra, fora para aqui trasladado pelos paroquianos de Goães. E está muito bem, como reliquia histórica em museu.

Bouro merecia ser melhor conhecido e estudado pelos eruditos.

65

Salutem ex inimicis *

Não foi a primeira nem será a última vez que dos inimigos nos venha salvação: assim escreve Deus, direito por linhas tortas.

Passou o vendaval revolucionário fustigando, arrasando, demolindo, desbaratando, perseguindo com louca sanha a Igreja em Portugal... Ainda de todo não passou mas há-de passar, que da natureza das empresas violentas é durar pouco. Assim mesmo muitas graças a Deus por ir acalmando a crueza do temporal; e até mesmo por ter vindo visitar-nos. E porque não ?

De tempos a tempos abençoadas rajadas pelos campos; esfarrapam a folhagem das árvores e derribam algum tronco carcomido; mas oxigenam a atmosfera e obrigam as plantas sãs a mergulhar fundo as raízes, com proveito de novo viço e maior robustez.

Melhor, mil vezes melhor que a paz podre ou calmaria anímica, tão propícia à infecção que mata de febre lenta, sem luta nem honra de ninguém. E não me parece que de todos os destroços da revolução, por enormes que sejam, tanto tenha sofrido entre nós a Igreja, como da peçonha só do decreto de 2 de Janeiro no regime concordatário.

Quando se viu aqui prover de prelados cinco dioceses de uma assentada, com inteira liberdade de escolha da Santa Sé e sem a menor tentativa de artes mágicas e enredos diplomáticos do *padroeiro* secular ? Pois viu-se agora com aplauso do povo cristão, mal curado ainda de tantas amarguras.

Beneméritos todos cinco os novos prelados, e alguns ilustres já como aqueles bispos dos primeiros séculos, acolhidos com profunda veneração nos

---

* Publicado em *Voz da Verdade*, Revista Religiosa, de 14 de Março de 1915. Número comemorativo da entrada em Braga do Ex.mo e Rev.mo Senhor D. Manuel Vieira de Matos, ilustre Arcebispo Primaz.

concílios e nas próprias sés depois de terem sofrido por Cristo cárceres, desterros, torturas.

Sempre é verdade que, quando Deus quer, *salutem ex inimicis nostris et de manu omnium, qui oderunt nos.*

Rendamos todos graças a Deus neste dia ! Muito merecia Braga, e teve mais que merecia, que assim é Deus generoso pagando *por medida sacudida e a esbordar.*

Bendito seja Ele.

Índice geral

José Antônio de Araújo, *Nota prévia* VII

José V. Capela, *Apresentação* IX

Padre Adelino Afonso Salgado, *Percurso humano-científico do Padre Martins Capela* XV

J. M. da Cruz Pontes, *Martins Capela. O escritor, arqueólogo e professor de filosofia* XXIX

1. Autobiografia e Reminiscências Juvenis

1. De quando a gente era pequeno. A casa da igreja 3
2. De quando a gente era pequeno. Academia rústica 13
3. De quando a gente era pequeno. Aventuras infantis 23
4. De quando a gente era pequeno. A escola de latim 31
5. De quando a gente era pequeno. Caçar 47
6. Caça no Gerês. Aditamento 53
7. O Santo Rosário em família. Reminiscências 59
8. O nosso Arcebispo 63

2. Páginas Literárias

9. Contos ao lar 69
10. Excursionismo 75
11. Anos de velhos 93
12. Velhos fazem anos 99

3. Filosofia

13. Filosofia em Portugal. Traços histórico-críticos 103
14. Estádio. Da substância e dos acidentes 125
15. Notas bibliográficas àcerca da filosofia de São Tomás 145

16. Filosofia tomista na Sorbona 159
17. Vantagens do ensino da filosofia de São Tomás e meios de divulgar este estudo 163
18. Oportunidade da filosofia tomista 175
19. *De Sapientia* 197

4. Pensamento Social

20. Breves considerações sobre o estado presente da Igreja em Portugal 211
21. É natural ao homem o cristianismo 227
22. Porém Deus dispõe 237
23. *Putasne vivent ossa ista ?* 239
24. Não ! 241
25. A frio 243
26. A fresco 245
27. O que eu deveria fazer 249
28. *Pro domo mea* 251
29. Factos, não fábulas. Os frades e um velho liberal da nossa terra. O Padre Meli. Duas hospitaleiras 253
30. A Justiça e Liberdade no *Manifesto ao Povo de Braga* por «Um Grupo de Académicos de Coimbra» 257
31. O «*Manifesto da União Liberal Bracarense*» 267
32. Duas palavras 273
33. Com os meus botões 277
34. Padre do seu tempo 281
35. *Festina lente* 293
36. Recrutamento clerical 297
37. Recrutamento clerical. *Post scriptum* 309
38. *Post scriptum* 313
39. O grão de mostarda 317

5. Educação e Ensino

40. Educação 321
41. A educação moderna 327
42. Ligeiras observações ao Regulamento Geral de Instrução Secundária de 14 de Agosto de 1895 329
43. Clero no ensino secundário 333
44. No Seminário Conciliar de Braga 335
45. Do Seminário de Braga 339
46. Nos Seminários. O ensino secundário nos Seminários 343
47. Uma tempestade académica 347

6. Retratos Morais e Reflexões Espirituais

48. *Inclinat jam dies* 353
49. Fisionomia moral 355
50. Deus 357
51. Imaculada 361
52. *Digitus Dei* 363
53. *Suaviter* 371
54. *In lucem* 373
55. O nosso Arcebispo 375
56. Padre Sebastião Pires de Freitas 379
57. Mais dois 381
58. Duas Hospitaleiras 385
59. Em memória do Dr. João António Pereira 389
60. Dr. Custódio Aguiar 391

7. *Varia*

61. Um aperto de mão 397
62. *Prima frons*... 399
63. Senhor Jesus do Monte das Mós. Monumento ao Santíssimo Coração de Jesus 401
64. Bouro 405
65. *Salutem ex inimicis* 409

ESTE LIVRO **ESCRITOS DISPERSOS**, É UMA EDIÇÃO COMEMORATIVA DO 150.º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DO SEU AUTOR, PADRE MARTINS CAPELA, FOI EXECUTADO NAS OFICINAS GRÁFICAS DE BARBOSA & XAVIER, LDA., NA CIDADE DE BRAGA. INICIOU-SE A COMPOSIÇÃO AOS VINTE E CINCO DIAS DO MÊS DE SETEMBRO DE MIL NOVECENTOS E NOVENTA E DOIS E ACABOU DE IMPRIMIR-SE AOS DEZANOVE DIAS DO MÊS DE OUTUBRO DO MESMO ANO.